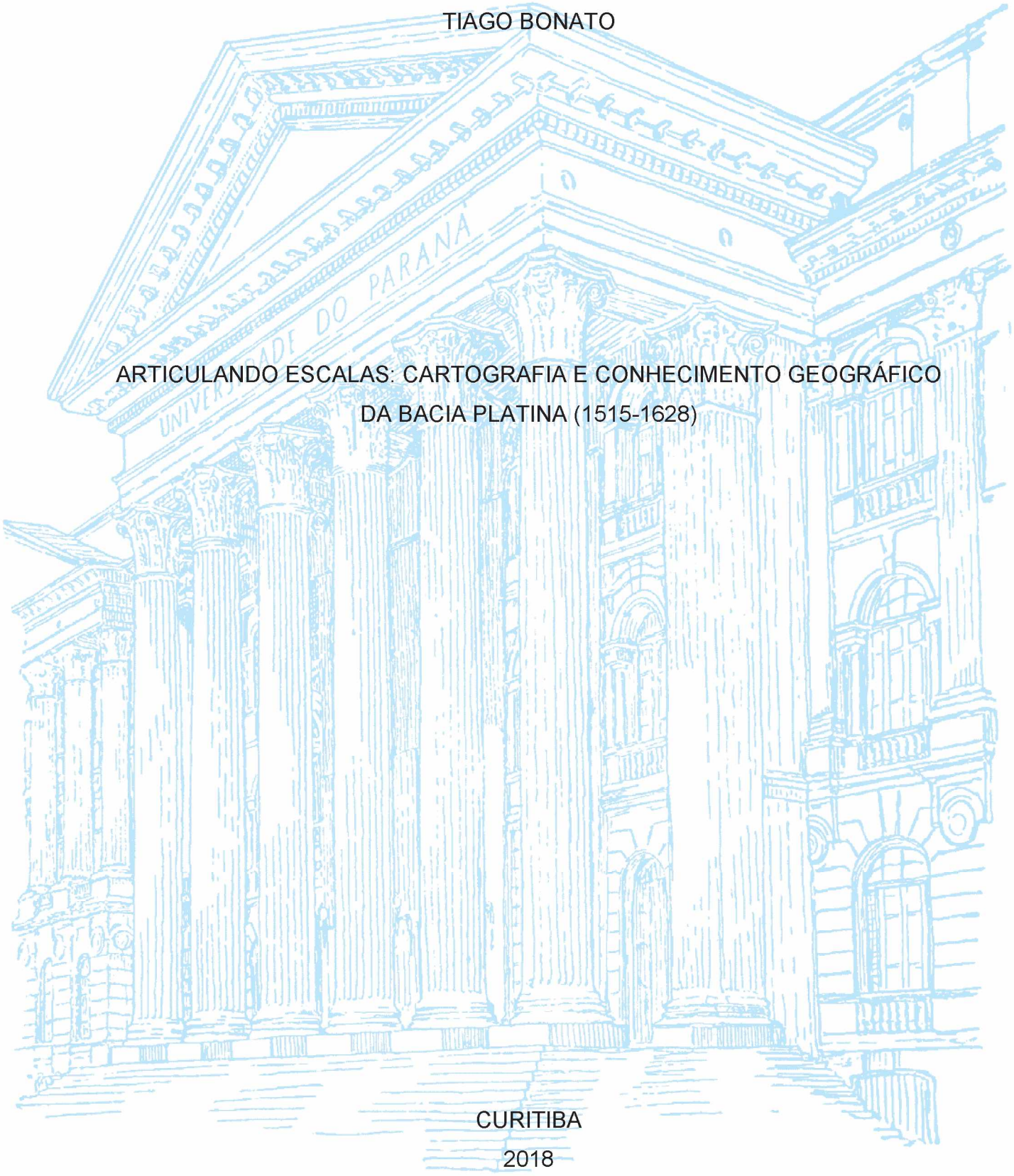
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TIAGO BONATO



ARTICULANDO ESCALAS: CARTOGRAFIA E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO DA BACIA PLATINA (1515-1628)

CURITIBA

2018

TIAGO BONATO

ARTICULANDO ESCALAS: CARTOGRAFIA E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO DA BACIA PLATINA (1515-1628)

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Carla Doré

CURITIBA
2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
MARIA TERESA ALVES GONZATI, CRB 9/1584
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bonato, Tiago.
Articulando escalas : cartografia e conhecimento geográfico da bacia platina (1515-1628) / Tiago Bonato. – Curitiba, 2018.
352 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná . Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.
Orientadora: Profª Drª Andréa Carla Doré

1. Cartografia – História. 2. Historiografia. 3. América do Sul – Mapas. 4. Geografia histórica. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 911

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **TIAGO BONATO**, intitulada: **ARTICULANDO ESCALAS: CARTOGRAFIA E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO DA BACIA PLATINA (1515-1628)**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 20 de Abril de 2018.

ANDRÉA CARLA DORÉ(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)

JOSÉ CARLOS VILARDAGA(UNIFESP)

p/ Andréa Doré
ARTUR HENRIQUE FRANCO BARCELOS(FURG)

LUIZ GERALDO SANTOS DA SILVA(UFPR)

p/ Andréa Doré
ALEJANDRA VEGA PALMA(UCH)

COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Universidade Federal do Paraná
MEC
Rua General Carneiro, 460
6.º andar
80060-150 Curitiba PR

A todos aqueles que assim como eu vieram de família pobre e sem nenhuma tradição universitária, mas que por algum detalhe dessas muitas dificuldades e obstáculos que enfrentamos, tiveram que desistir do caminho antes de chegar até aqui. Afinal, "os que moram do outro lado do muro, nunca vão saber o que se passa no subúrbio".

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa enfrentou sete mudanças, foi escrita em dez cidades, em quatro estados, em muitas bibliotecas, arquivos e universidades. Há muito o que agradecer.

Queria começar agradecendo à Ana Paula Rodrigues Carvalho, companheira dessas e de muitas outras caminhadas. Agradeço por dividir as angústias da profissão, as horas de leituras e debates sobre questões realmente historiográficas ou sobre as imensas angústias que de um jeito ou de outro se manifestaram frequentemente. Em meio a um turbilhão de leituras, referências, golpes contra democracia, dores lombares, testes seletivos, cortes de verbas e avanço do conservadorismo, tua companhia em trilhas, remadas, passarinhadas, montanhas, cachoeiras, cafés da manhã e viagens Brasil afora – e adentro – são um poço de tranquilidade. Guimarães Rosa já quis dizer isso e escreveu que "qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura". Obrigado por compartilhar comigo esse caminho.

Agradeço a minha família, base essencial nesses anos em que a vida insistiu em me deixar em movimento. Por me receberem em casa todas as vezes que precisei, por cuidarem de todas as tarefas domésticas durante o período que fiquei de cama, pela companhia sempre presente. Minha mãe, que desde o esforço feito para montar as enciclopédias que vinham divididas em pequenos pedaços nas edições de domingo dos jornais dos anos noventa, nunca deixou de acreditar que estudar era um bom caminho. Depois de tudo isso, certamente esse título de doutor é dedicado a você. Meu pai, que sempre me apoiu nas decisões da carreira, mesmo sem saber direito onde o mundo acadêmico iria me levar – apenas que seria para longe da boléia de um caminhão. Minha avó, que aos 84 anos é minha inspiração de vitalidade, se divertindo numa cama elástica, cuidando da horta, pulando muros e pegando jacaré nas ondas do mar. Por aquela manhã gelada de agosto campolarguense quando entrou no quarto para me oferecer o chimarrão matinal e, vendo a figura 16, da página 139 dessa tese perguntou: "É raiz isso aí?".

Agradeço também a minha orientadora, prof. Andréa Doré, pelo profissionalismo, rigor e exigência em todos esses anos. Agradeço pela vivência, pela relação agradável e gentil, pelas conversas sobre o mundo acadêmico e pela disciplina ofertada sobre a obra de Michel de Certeau. Mais do que isso, agradeço por acreditar nos rumos dessa pesquisa, desde o início, quando eu mesmo tateava buscando uma direção.

Em 2014, no início do doutorado, ainda morando em Guarapuava/PR e lecionando no departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste, tive o prazer de conhecer muitas pessoas que me auxiliaram no cotidiano e na pesquisa, dentro e fora do

mundo acadêmico. Agradeço aos professores e amigos Carmen e André Ulysses De Salis – em especial pelas tantas dicas de fotografia que aliviaram muitas tensões; à Maria Paula Costa; à Beatriz Anselmo Olinto, pelas conversas francas sobre teoria e historiografia e pelas cervejas compartilhadas; e a tantos amigos que dividiram os bares e as madrugadas frias guarapuavanas, Dani Carvalho, Bruno Zeni, Jonas Vargas, Thiago Reisdorfer, Diná Schmidt, Carol Tecchio, Paulo Haiduke, Luciélen Ienke, Andri Ramos e Layuny Ferreira – com uma menção especial a Rute Zalevski que tantas vezes cuidou das minhas plantas. A vida é mesmo cheia de surpresas e acabei encontrando grandes companheiros durante a permanência no terceiro planalto, entre as muitas aulas, as viagens de van ao *campus* avançado e a boemia. Agradeço ao Odinei Ramos, pelas modas de viola chorosas, os desafios de tom e as muitas risadas; ao Miltinho Stanczyk, pela parceria na construção das disciplinas e escolha de textos, pela ajuda nas transcrições mais absurdas e pelas discussões sobre os Impérios ibéricos na América, além da segunda voz em muitas modas nas madrugadas afora; ao Francisco Ferreira, amizade dessas difíceis de encontrar, que compartilha a infância de peão e saqueiro, o gosto pela literatura e pela música que varia do sertanejo mais desconhecido aos complexos Pink Floyd e Bob Dylan. Por ser das poucas pessoas que compartilha comigo o sentimento de ter seguido o caminho menos provável na vida e ter chegado até aqui.

Morando em Campo Largo/PR, durante o ano de 2015, tive a companhia constante e pouco agradável da dor crônica de uma hérnia de disco lombar. Naqueles momentos de bastante incerteza e angústia, a ajuda dos amigos foi essencial. Agradeço assim às amizades campo-larguenses e curitibanas, de longa data, com as quais sempre posso contar para uma abobrinha na grelha, um café, uma cerveja, uma trilha, uma passarinhada, uma roda de viola ou um bom papo. Começo pelos meus irmãos, pessoas incríveis das quais gosto de estar perto: Jessica, Jeferson e Eugênio (especialmente por ter me levado a todas as sessões possíveis de fisioterapia, osteopatia, pilates, acupuntura e onde mais eu pudesse tentar melhorar); os amigos e amigas Carla e Chico, Dani e Rodrigo, Ana e Arzírio, Ale e Nelson, Cadu, Maíra e Fernando, Tati, Marcelo, Rafa e Felipe; Nai e Thiago, Fer e Victor, Bianca, Gustavo e Daniel. Uma menção especial aos amigos do litoral, Vanessa e Ivan, no paranaense e Mayara, no catarinense, que me receberam tantas vezes nesses anos.

No primeiro semestre de 2017 pude realizar um estágio de pesquisa em Sevilha, Espanha, financiado pela CAPES através do programa PDSE. Agradeço ao professor Emilio Luque Azcona, da *Universidad de Sevilla,* por me receber, abrir as portas da instituição e dar o apoio necessário para as primeiras visitas ao arquivo e às bibliotecas da cidade. A toda

equipe do *Archivo General de Índias*, que fizeram aquele período ser bastante produtivo nas manhãs de pesquisa. Ao professor Manuel Ravina, diretor do arquivo, por ter permitido que eu comparasse, lado a lado, os dois originais do mapa do governador Luis Cespedes Xeria, de 1628, a despeito de existirem cópias digitalizadas. Ainda durante a permanência em Sevilha, conheci outros doutorandos brasileiros que foram ótimos companheiros de conversas e *cañas*. Faço menção aqui à Mari, gaúcha com a qual dividi a cuia de chimarrão em muitos fins de tarde em Triana, à beira do Guadalquivir; à Carine e ao Wesley, casal mineiro com o qual ainda vou compartilhar muitas informações de permacultura e agrofloresta; e à Bia, sergipana que transita por terras paranaenses, e além de ser uma ótima pessoa, me ajudou a salvar a *golondrina* que caiu muito cedo do ninho. Do ponto de vista institucional, agradeço ainda à equipe da Biblioteca Pública Infanta Elena, na qual boa parte dessas páginas foi escrita; da *Escuela de Estudios Hispano-Americanos;* da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional de Espanha, em Madri; da Biblioteca Nacional de Portugal; do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e de modo especial da Biblioteca D'Ajuda, em Lisboa, local em que pude passar as páginas de algumas primeiras edições de atlas impressos do século XVI – momentos que provavelmente apenas historiadores achem marcantes.

Ainda durante o período na Europa, cruzei com pessoas que facilitaram minha estadia e caminhos naquelas bandas. Agradeço aos dramaturgos de Porto Alegre, Margarida Peixoto e Marcelo que me hospedaram por alguns dias em Madri enquanto eu pesquisava no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional. Em Lisboa, tive o prazer de dividir algumas caminhadas pela cidade e algumas horas de pesquisa no Arquivo Nacional da Torre do Tombo com o colega de doutorado Luis Fernando Costa e fui recebido em casa, para hospedagem, pelo prof. Fabio Ruela, amigo e colega de departamento da UNICENTRO.

Na volta ao Brasil, uma temporada no cerrado cuiabano produziu outros capítulos da tese e outras amizades. Agradeço aos parceiros de boemia, de violão e de madrugadas na praça, que ajudaram a aplacar as angústias e o calor de Cuiabá: Adri, Rafa, Shirley, Rogério, José; e ainda Fernanda e Fábio, que além disso foram ótimas companhias de trilhas nas planícies, cavernas e cachoeiras da Chapada dos Guimarães e do Pantanal.

Durante toda a pesquisa, recebi o auxílio de vários professores e colegas, das mais diferentes maneiras. Agradeço, dessa forma, ao prof. Gilmar Arruda, pelas indicações de leitura sobre os rios, quando essa pesquisa não passava de um amontoado de ideias; nesse mesmo período inicial, agradeço ao prof. José Carlos Vilardaga, pelas conversas sobre o mundo paulista e paraguaio, pela indicação de fontes e leituras e pela ajuda com o

planejamento do estágio em Sevilha; à prof. Maria de Fátima Costa, pela agradável conversa e dicas preciosas durante minha estada em Cuiabá; ao prof. Carlos Lima, pelas dicas de leitura e ajuda na escolha de textos para minhas disciplinas e orientandos desde 2011 quando comecei a lecionar, bem como pela leitura e questionamentos feitos na banca de qualificação; à prof. Maria Luiza Andreazza, que os caminhos da vida fez estar presente nas minhas primeiras aulas de Pesquisa I, ainda na graduação, e nos Seminários de Tese no início do doutorado. Agradeço pela perspicácia dos comentários e das dicas preciosas de leitura. Sua agudeza de humor e de olhar de pesquisadora são invejáveis; ao prof. Artur Barcelos, pela leitura atenta e ótimos apontamentos em minha banca de qualificação e por aceitar a tarefa de fazer parte da banca final.

Agradeço ainda à Maria Cristina Parzwski, secretária da pós em História da UFPR, sempre disponível e empenhada em resolver todos os [muitos] problemas da nossa vida acadêmica. Do outro lado do corredor agradeço também ao André Akamine Ribas, do CEDOPE, pelas dezenas de ajudas com livros, links e digitalizações.

Agradeço aos amigos que me ajudaram nas traduções utilizadas: Ivan Luis Gavioli, amigo bastante presente nos últimos anos e tradutor do inglês, com alguma ajuda do Victor Pulchaski; ainda para algumas questões de inglês, mas principalmente italiano, Ana Paula Rodrigues Carvalho; do francês, Fernanda Cruzetta e do espanhol, Arzírio Cardoso. Ainda ao professor e amigo Jonas Vargas, pelas dicas de leitura e debates sobre o Antigo Regime nos trópicos e os caminhos da historiografia brasileira; e às colegas de pesquisa Amanda Cieslak Kapp e Brenda Degger pela troca de textos, informações e conversas.

Por fim, apesar de agradecer a CAPES pela bolsa que tive durante os três últimos anos do doutorado e da bolsa sanduiche que me possibilitou pesquisar na Espanha e em Portugal – e conhecer o outro lado do Atlântico – não há muitos motivos para comemorações. Assistimos a sucessivos golpes na democracia do país nos últimos anos, com a derrocada de um sistema de ensino superior que parecia começar a se desenvolver de forma satisfatória e mais democrática. O futuro imediato para pesquisadores e docentes não é nada convidativo. Nos resta – e é imperativo – além de agradecer, resistir e lutar, de todas as formas possíveis.

Verão de 2018.

Em relação a quando visitarei a civilização, não será em breve, acho. Não me cansei da natureza; ao contrário, deleito-me cada vez mais com sua beleza e com a vida errante que levo. Prefiro a sela ao bonde, e o céu salpicado de estrelas a um teto, a trilha obscura e dificil, levando ao desconhecido, a qualquer estrada pavimentada, e a paz profunda do campo ao descontentamento gerado pelas cidades. Você me censura por ficar aqui, onde sinto que é o meu lugar e que sou uno com o mundo a minha volta? (...) É suficiente que eu esteja cercado de beleza

Carta de Everest Ruess a seu irmão, de 11 de novembro de 1934.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é entender como se deu o processo de mapeamento da região da bacia platina, desde as primeiras expedições europeias na região até o início do século XVII. O espaço de análise foi delimitado pelos rios platinos e seus tributários, que configuram uma espécie de triângulo entre as vilas de São Vicente, no litoral sudeste da América portuguesa; Buenos Aires, na foz do estuário platino; e Assunção, no interior do continente, às margens do rio Paraguai. Território desconhecido, povoado de mitos e concebido de início como passagem às ricas minas de prata dos Andes peruanos, a região foi também fronteira mais ou menos indefinida dos impérios ibéricos na América. A partir do campo da história da cartografia e da historiografia preocupada com as relações entre ciência e império, a pesquisa busca analisar a cartografia da região à luz dos projetos de Impérios de portugueses e espanhóis no início do período moderno. A solução metodológica encontrada para acompanhar o processo de exploração e mapeamento do território foi a articulação de diferentes escalas. Partindo de uma visão bastante genérica, sem detalhes, das obras impressas que circulavam na Europa no período, passando pelos mapas do continente sul americano, até chegar à documentação de descrição da região, do conhecimento geográfico ao rés do chão. A articulação mostrou diferentes relações entre textos e mapas, bastante complexas, lançando algumas luzes ao processo de mapeamento europeu do Novo Mundo.

Palavras-chave: *cartografia histórica; bacia platina; geografia americana; Impérios ibéricos; cartografia sul americana.*

ABSTRACT

The goal of this research is to understand the process of mapping the Platine basin region, since the first European expeditions in the region up to the beginning of the 17th century. The space to be analyzed was delimited by the Platine rivers and its tributaries, which configure a kind of triangle-shaped between the villages of São Vicente, on the southeast of Portuguese America; Buenos Aires, at the mouth of the estuary; and Asunción, into the continent by the Paraguay river margin. Unknown territory, populated by myths, and initially conceived as a path to the rich plate mines in the Peruvian Andes, the region was either a roughly designed border between two Iberian empires in America. Starting at the fields of history of cartography and historiography concerned about the relations between science and empire, the research aims to analyze the Platine region's cartography in the light of Portuguese and Spanish Empire project at the beginning of the modern age. The methodological solution found to follow the process of exploration and mapping of the territory was the articulation of different scales. Starting at a rather generic vision, without details, of the printed works that circulated in Europe at that time, passing through the maps of South America, up to the documents that described the region, of geographic knowledge on the ground floor. The articulation showed different relations between texts and maps, which were pretty complex, releasing some lights over the European mapping process of the New World.

Keywords: *historical cartography; Platine basin; American geography; Iberian empires; South American cartography.*

LISTA DE IMAGENS E MAPAS

Figura 1- Capa do atlas de Barent Langenes, de 1609, "Hand-boeck; of cort begrijp der caerten ende beschoyvinghen van alle landen des werelds. Van nieuvvs oversien ende vermeerdert". Acervo da John Brown Library. 47

Figura 2 - Mapa de André Garcia de Céspedes, de 1606, mostrando os problemas que a representação da esfera terrestre no plano trazem para navegação. Acervo da John Carter Brown Library. 67

Figura 3 – Detalhe do mapamundi do Atlas de Juan Rizco, alias Oliva, de 1580. Acervo da Biblioteca Nacional de Madri. 71

Figura 4 ¬ Detalhe do astrolábio no mapa de 1529 de Diego Ribeiro. Biblioteca Vaticana de Roma 105

Figura 5 - Detalhe do quadrante no mapa de 1529 de Diego Ribeiro. Biblioteca Vaticana de Roma .106

Figura 6 - Detalhe do brasão espanhol, com as colunas de Hércules e as palavras Plus Ultra, à esquerda e o compasso à direita. Brevis exactaque totius Novi Orbis eiusque insularum descriptio recens a Joan. Bellero edita, 1553. Acervo da Jonh Carter Brown Library 107

Figura 7- Detalhe da América do Sul no Planisfério de Cantino, 1502. Feito antes das expedições exploratórias ao extremo sul do continente. O colorido dos papagaios e das árvores no atual Brasil mostra como a região começou a ser construída no imaginário europeu. Biblioteca Estense, Modena. 122

Figura 8 - Detalhe da América do Sul no planisfério de Diego Ribeiro, 1529. Biblioteca do Vaticano, Roma. 123

Figura 9 - Detalhe do Planisfério de c.1519. Jorge Reinél-Anônimo. Bibliothèque Nationale de Paris 127

Figura 10 - Detalhe da carta folha n.4 do Atlas de 1519 de Lopo Homem-Reinéis. Bibliothèque Nationale de Paris 129

Figura 11 - Detalhe do Planisfério de Lopo Homem, 1519. Bibliothèque Nationale de Paris....130

Figura 12 - Detalhes dos planisférios de 1523, conhecido como "Planisfério de Turim"; de 1525, de Nuno Garcia Moreno; e de 1526 de Juan Vespúcio. Acervos da Biblioteca Real de Turim; Biblioteca Laurenciana de Florença e The Hispanic Society of America; Nova Iorque. 133

Figura 13 - Detalhe dos planisférios de Maiollo de 1504, 1519 e 1527; e do planisferio de Verrazano de 1529. Acervos da Biblioteca de Fano de Florença; Huntington Library; Biblioteca Ambrosiana de Milão; e Biblioteca do Vaticano....134

Figura 14 - Detalhes dos planisférios de Diego Ribeiro de 1525 e 1527 (Acervos do Archivio Marchesi Castiglioni, em Mântua e da Thüringische Landesbibliothek de Weimar). 136

Figura 15 - Detalhe do mapa de Alonso de Chaves, c.1535. Herzog August Bibliotheck....139

Figura 16 - Detalhes dos planisférios de Diego Ribeiro (a) 1525; (b) 1527; (c) 1529; (d) 1529; e Alonso de Chaves (e) c.1535....141

Figura 17 - Detalhe da Carta Atlântica de Gaspar Viegas (1534). Bibliothèque Nationale de Paris ...144

Figura 18 - Detalhes dos mapas de 1545 (A); c.1550 (B) e 1560 (G), de autoria desconhecida; de 1550 de Jorge Reinel (C); de 1554 de Lopo Homem (D); de 1558 de Diogo Homem (E); e de 1558 de Sebastião Lopes (F). Acervos da Osterreichische Nationalbibliothek de Viena (A); National Maritime

Museum, Greenwich (B); Bibliothèque Nationale de Paris (C); Museo di Storia della Scienza de Florença (D); British Museum de Londres (E e F); e Biblioteca Vallicelliana de Roma (G). 152

Figura 19 - Detalhe do mapa de Pedro de Medina, 1550. Bibliteca Nacional de Madri 153

Figura 20 - Detalhe do planisfério de Sebastião Caboto, 1544. Boston Public Library.....154

Figura 21 - Detalhe do mapa de Alonso de Santa Cruz, 1560. Biblioteca Nacional de Madri 155

Figura 22 - Detalhe do mapa Demarcacion y nauegaciones de Yndias, de Juan Lopez de Velasco, 1575. Jonh Carter Brown Library. 156

Figura 23 - Detalhe do mapa publicado na Historia general de los hechos de los castellanos..., de Antonio de Herrera y Tordesillas, 1601. John Carter Brown Library.....157

Figura 24 - Detalhe do planifério de Sanchez Gutierrez, 1551. Osterreichische Nationalbibliothek de Viena 159

Figura 25 - Detalhe do Planisfério de André Homem, de 1559. Bibliothèque Nationale de Paris 165

Figura 26 - Detalhe do mapa de Bartolomeu Velho, de 1560. The Huntington Library, California. ..167

Figura 27 - Detalhe do mapa de Bartolomeu Velho, de 1561. Biblioteca Accademia di Belle Arti de Florença.....169

Figura 28 - Detalhes do mapa de Fernão Vaz Dourado, de 1567. Biblioteca Nacional de Lisboa 170

Figura 29 - Detalhes dos mapas de (A) Sebastião Lopes, 1570; (B) Domingos Teixeira, 1573; Luis Teixeira (C) 1590 e; (D) 1600. Acervos da Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança (A); Bibliothèque Nationale de Paris (B e D) e Biblioteca Nazionale de Florença (C).....172

Figura 30 - Detalhe do mapa de Jerônimo de Chaves, publicado na edição de 1584 do Teatrum Orbis Terrarum de Abrahan Ortelius. 173

Figura 31 - Detalhe do mapa de Diego Gutierrez, publicado na edição de 1584 do Teatrum Orbis Terrarum de Abrahan Ortelius. 174

Figura 32 - Detalhe do mapa de 1534 de Giovanni Baptista Ramusio. Acervo da Jonh Brown Carter Library, de Provence. 177

Figura 33 - Detalhes dos mapas de Gerard Mercator de 1587 (A), 1595 (B) e 1596 (C) e Abraham Ortelius de 1570 (D) e 1587 (E). Acervo da John Carter Brown Library de Provence. 179

Figura 34 - Detalhes dos mapas de Andre Thevet, 1575 (A); Corneille Wytfliet, 1597 (B); Johann Bussemacher, 1598 (C); e Hernando de Solis, 1598 (D). Acervo da Biblioteca de Cartografia Histórica da Universidade de São Paulo (A e C) e John Carter Brown Library (B e D) 180

Figura 35 - Detalhe do mapa de Joan Martinez, de 1587. Biblioteca Nacional de Madri.....181

Figura 36 - Detalhe dos planisférios de (A) Battista Agnese, c.1540; (B) Paolo di Forlani, 1564; (C) Giovanni Francesco Camocio, 1569; (D) Paolo di Forlani, 1574; (E) Gerard de Jode, 1578 e; (F) Giacomo Gastaldi, 1546. Acervo da John Carter Brown Library (A, B, C, D e F) e coleção particular (E).....183

Figura 37 - Detalhe do planisfério Theatrum Mundi, João Batista Lavanha e Luís Teixeira, 1612. Biblioteca Real de Turim. 185

Figura 38 - Detalhe do mapa de João Teixeira Albernaz I, c.1626. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. ..... **Erro! Indicador não definido.**

Figura 39 - Detalhe do mapa de João Teixeira Albernaz I, de 1627. Bibliothèque Nationale de Paris. 187

Figura 40 - Detalhe do mapa de João Teixeira Albernaz I, de c.1620-1640. ANTT 188

Figura 41 - Detalhe do mapa Paraguay, ó Prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus, de 1630. A cópia utilizada nessa pesquisa foi publicada no mesmo ano no atlas Atlantis Maioris Appendix Sive Pars Altera, de Johanes Janssonius. John Carter Brown Library de Provence.....190

Figura 42 - Detalhes do desenho das ilhas nos mapas de (A) Diego Ribeiro (1525); (B) Gaspar Viegas (1534); (C) Johanes Janssonius (1630); (D) João Lisboa (1560); (E) Diogo Homem (1568); e (F) Fernão Vaz Dorado (1567). Acervos do Archivio Marchesi Castiglioni de Marchesi Castiglioni de Mântua (A); Bibliothèque Nationale de Paris (B); John Carter Brown Library de Provence (C); ANTT de Lisboa (D); Sächsische Landesbibliothek de Dresden (E); Biblioteca Nacional de Lisboa (F).....192

Figura 43 - Detalhes da representação das vilas e das toponímias nos mapas de (A) Paolo Forlani (1564); (B e C) Joan Martinez (1583 e 1587); (D) Gerard Mercator (1596); e (E) Johann Bussemacher (1598). Acervos da JBC Library de Provence (A, D e E); BNE (B) e BNF (C).....198

Figura 44 - Detalhe do mapa "Magellanes Rio de la Plata Asumpcion", de 1624. Acervo da JCB Library de Provence. 233

Figura 45 - Esboço do Itinerário de Ulrici Schmidl de sua viagem de Assunção a São Vicente, de 26 de dezembro de 1552 a 13 de junho de 1553, segundo a reconstrução de Reinhard Maack. 256

Figura 46 – "Nova et exacta delineatio Americae partis australis que est: Brasilia, Caribana, Guiana regnum Novum", de 1602. Acervo da John Carter Brown Library. Essa é uma das duas partes em que está dividido o mapa do continente americano. 258

Figura 47 - Um dos mapas que acompanha a relação do frei Juan de Rivadeneira, de 1581. AGI, MP-BUENOS_AIRES,2. 279

Figura 48 - O segundo mapa que acompanha a relação do frei Juan de Rivadeneira, de 1581. AGI, MP-BUENOS_AIRES,3. 280

Figura 49 - Detalhe do esquema dos rios que integra o manuscrito "Apunte con el curso del Río de la Plata y afluentes que desembocan en él por la banda de Oriente". AGI, MP-BUENOS_AIRES,1.....284

Figura 50 - Detalhe do "Mapa de los Ríos Paraná y Marañón, con expresión de algunos de sus afluentes y de las poblaciones de españoles en aquellas tierras." AGI, MP-BUENOS_AIRES,7.....285

Figura 51 - Mapa y derroteros del Océano Atlántico y costas aledañas. AGI, MP-BUENOS_AIRES,5. 287

Figura 52 - Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes, que recorrió Luis de Céspedes Jeria, gobernador del Paraguay, al entrar en su jurisdiccíon desde Brasil. Archivo General de Indias, MP-BUENOS_AIRES, 17. 290

Figura 53 - Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes, que recorrió Luis de Céspedes Jeria, gobernador del Paraguay, al entrar en su jurisdiccíon desde Brasil. Archivo General de Indias, MP-BUENOS_AIRES, 17BIS. 291

Figura 54 - Detalhe da representação da Vila de São Paulo "de cabeça para baixo".....295

Figura 55 - Detalhe da representação da Vila de São Paulo na mesma orientação convencional de leitura.....297

Figura 56 - Detalhes do signo que representa as vilas e reduções no mapa, construção e cruz. 300

Figura 57 - "Mapa de América del Sur desde el Ecuador hasta el Estrecho de Magallanes", AGI, MP-BUENOS_AIRES,4. 303

Figura 58 - Detalhe da discreta rosa dos ventos, da canoa e da linha vermelha que representa o itinerário da viagem.....321

Figura 59 - Detalhe das cruzes que demarcam os locais de pouso da expedição de Céspedes. 324

Lista de Siglas

PCM - Portugaliae Monumenta Cartographica

AGI – Archivo General de Índias

BNE – Biblioteca Nacional de España

AMP – Anais do Museu Paulista

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

JCB – John Carter Brown Library

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **20**

CAPÍTULO 1 - "LA EXPERIENCIA DE NUESTROS TIEMPOS, QUE ES MADRE DE TODAS LAS COSAS": A AMÉRICA E A GEOGRAFIA DO INÍCIO DO PERÍODO MODERNO **46**

1.1 .... – ALARGANDO O GLOBO TERRESTRE: COSMOGRAFIA E MAPEAMENTO DO MUNDO 48
1.1.1– Racionalização do espaço, quantificação da realidade 50
1.1.2– Mapeando o desconhecido: problemas e soluções da cartografia moderna 62

1.2 – "MUY NOTABLE E SEÑALADA COSA EN LA COSMOGRAFIA": A BACIA PLATINA DOS MITOS ÀS PRIMEIRAS DESCRIÇÕES 70
1.2.1 – Dos rios do Paraíso ao caminho para a serra de prata 71
1.2.2 – A bacia platina nas primeiras obras de descrição do Novo Mundo 78

CAPÍTULO 2 - DO FIM DO MUNDO AO INTERIOR DESCONHECIDO: DIFERENTES MOMENTOS DA CARTOGRAFIA PLATINA NO SÉC XVI **96**

2.1 – AS INSTITUIÇÕES IBÉRICAS E O MAPEAMENTO DO NOVO MUNDO 103
2.1.1 – A Casa da Índia e a *Casa de la Contratación* 108
2.1.2 – O *padron real* 118

2.2 – TIPOLOGIA DAS REPRESENTAÇÕES DA BACIA PLATINA NOS MAPAS SUL-AMERICANOS 125
2.2.1 – Mapeando o fim do mundo [c.1502-1526] 126
2.2.3 – Consolidação e alterações dos modelos [décadas de 1530-1560] 147
2.2.3.1 – "Uma lagoa muito grande no interior da terra": da ilha-Brasil ao lago de Xarayes 158
2.2.4 – Multiplicam-se os mapas e os rios: o leque platino na cartografia impressa [depois de 1570] 175
2.2.5 – "Paraguay, ó Prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus" - permanências e novidades na cartografia platina [c.1620] 188
2.2.5.1 – Ilhas 191
2.2.5.2 – A toponímia 193

CAPÍTULO 3 - "DESCOBRIENDO Y CONQUISTANDO HUN REYNO DE MIL LÉGUAS": CIRCULAÇÃO E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO AO RÉS DO CHÃO **203**

3.1 – UM GOVERNADOR NO CORAÇÃO DA AMÉRICA: LUÍS CESPEDES XERIA E O CAMINHO PROIBIDO 206

3.2 – "POR TIERRA Y A PIE, POR GRANDES CORRIENTES Y SALTOS": O CAMINHO DE SÃO PAULO AO PARAGUAI 216
3.2.1 – "La llave de todos los caminos": o passo do salto do Guairá e as querelas administrativas 222
3.2.2 – "Precipitam suas águas, como se caíssem do céu": a visão europeia dos saltos do Paraguai 229

3.3 – "PORQUE CORRE MUITA GENTE POR ELES": CAMINHOS JÁ TRILHADOS NA TRAVESSIA SUL-AMERICANA 236
3.3.1 – Dos mitos e peabirus 236
3.3.2 – Dos muitos caminhos percorridos 242

3.4 – "DE LAS COSAS DE QUE SE HA DE HACER DESCRIPCIÓN, AVERIGUACIÓN Y RELACIÓN": PRÁTICAS DE ESPAÇO E ARTES DE FAZER 258
3.4.1 – Um saber não sabido 268

CAPÍTULO 4 - EM GRANDE E PEQUENA ESCALA: DAS EXPLORAÇÕES AOS MAPAS IMPERIAIS 274

4.1 – "PERDONE VUESTRA SEÑORÍA LA MALA MANO QUE HÁZELO": RASCUNHOS DA CARTOGRAFIA PLATINA 276

4.2 – "UN BORON QUE VINE HACIENDO CON TINTAS DE YERBAS": O MAPA DE LUIS CÉSPEDES XERIA (1628) 288

4.3 – DENTRO E FORA, DE UMA MARGEM A OUTRA: RIOS, FRONTEIRAS E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO 304

4.4 – "LOS ÍNDIOS QUE AVIAN TOMADO ME AVIAN DE SER GUIAS": CONHECIMENTO INDÍGENA, CARTOGRAFIA EUROPEIA 315
4.4.1 – O espaço cristianizado 322

CONSIDERAÇÕES FINAIS 326

REFERÊNCIAS 334
Fontes manuscritas 334
Fontes impressas 334
Coletâneas e catálogos de fontes 339
Livros 341
Teses e dissertações 345
Artigos em periódicos 345
Artigos em livros e coletâneas 350
Literatura 352
Arquivos e bibliotecas digitais online 353

INTRODUÇÃO

A que erótica do saber se liga o êxtase de ler tal cosmos? Apreciando-o violentamente, pergunto-me onde se origina o prazer de "ver o conjunto", de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos. Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até o domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. Ícaro, acima dessas águas, pode agora ignorar as astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim. Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava "possuído". Ela permite lê-lo, ser um Olhar solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber.

Michel de Certeau[1]

Desde os primeiros mapas e relatos quinhentistas, o amplo território da bacia platina foi descrito e mapeado, predominantemente, como um emaranhado de rios, um espaço que variou de península à mesopotâmia de terras quase ausentes, figurando no mais das vezes como via de acesso – desconhecida, misteriosa e por vezes mítica – ao interior do continente. Como a geografia desse espaço foi conhecida, descrita e mapeada pelos europeus durante o primeiro século de sua ocupação é a pergunta central dessa tese. Fiz muitas escolhas durante sua elaboração – teóricas, metodológicas, documentais e narrativas. Dentre todas, a primeira escolha feita, ainda no início da pesquisa, foi a de começar o texto com um pequeno conto de Jorge Luís Borges. À época essa decisão baseava-se apenas no fascínio exercido pelo dito conto, desde a primeira vez que o li, há mais de uma década. O texto de Borges, no entanto, é

[1] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 170.

citado frequentemente nos trabalhos de cartografia, fato que diminui a originalidade do uso, mas de forma alguma a genialidade da história. Conta o autor que

> En aquel Imperio, el arte de la cartografía logró tal perfección que el mapa de uma sola província ocupaba toda una ciudad, y el mapa del imperio toda una provincia. Con el tiempo, esos mapas desmesurados no satisficieron y los colegios de cartógrafos levantaron un mapa del Imperio que tenia el tamaño del Imperio y coincidia puntualmente con él. Menos adictas al estudio de la cartografia, las generaciones siguientes entendieron que ese dilatado mapa era inútil y no sin impiedad lo entregaron a las inclemencias del sol y de los Inviernos. En los desiertos del oeste perduran despedazadas ruinas del mapa, habitadas por animales y por mendigos; en todo el país no hay otra reliquia de las disciplina geográficas[2]

Muito menor em tamanho do que em importância e significado, nem mesmo a referência ao texto de Borges é simples. Foi publicado originalmente em 1946 em uma edição de *Los anales de Buenos Aires*, revista fundada e dirigida pelo autor na década de quarenta. Na publicação o texto aparecia como uma citação, retirado de "Suarez Miranda, Viajes de varones prudentes, Livro IV, Gorra. XLV, Lérida, 1658". Tanto o autor como a obra seiscentistas são ficções inventadas por Borges, que à época assinou a publicação – uma série de três peças, incluindo *El rigor de la Ciência* – sob o pseudônimo de B. Lynch Davis. Dos três autores que compartilham a autoria, apenas Borges é real.

O conto chama atenção para os problemas fundamentais do método científico em geral, chave de leitura dada pelo título *El rigor de la ciência*. Particularmente, fala do problema da representação do espaço na cartografia. Por isso, creio que é possível complementar a pergunta central da tese, acrescentando que ela trata dos *problemas* de se conhecer, descrever e mapear determinado território. E são muitos os problemas. A utopia do mapa que consiga *mostrar a realidade*, ou o mapa de escala 1=1 está sempre presente nas reflexões sobre a cartografia, de qualquer época e lugar.

Borges atribuiu seu conto à uma obra do século XVII, *Viajes de varones prudentes* de Suarez Miranda. Autor e obra são invenção. Porém o tema é bastante verossímil na Espanha seiscentista. Em meados daquele século, Felipe IV de Espanha foi soberano de um extenso império, que havia atingido seu auge em fins do século anterior, com a anexação de Portugal e seus domínios ultramarinos sob a União Ibérica. Mesmo após a independência portuguesa em

---

[2] BORGES, Jorge Luis. **Obras completas 1923-1972**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974, p.847. O texto também aparece publicado, além da edição original nos *Anales de Buenos Aires*, año 1, num. 3 de 1946, na obra *El hacedor* de 1960.

1620, o império idealizado por Carlos V na primeira metade do século XVI – com seu conhecido lema *plus ultra* – se espalhava ao redor do globo. Se levarmos em conta as tentativas de se cartografar *todo* o império – sintetizadas principalmente no *padrón real*, espécie de mapa oficial da Coroa, mas também nas inúmeras descrições e compilações de diversos elementos do espaço americano –, a realidade se aproxima da ficção borgeana. A cartografia do século XVI e XVII, analisada nesse trabalho, buscou mostrar aos monarcas ibéricos o tamanho e a qualidade de seus impérios.

O grande obstáculo entre o mundo real e o representado no papel é, em termos cartográficos, uma questão de escala. Por isso a variação de escalas é peça chave nesse texto. Quando se representa determinado território em um mapa, a impossibilidade de mostrá-lo em todo sua dimensão – o que seria o mapa de Borges, do tamanho do império – leva à utilização de uma escala, uma relação entre o real e o cartografado. Entretanto, a escolha de diferentes escalas fazem mais do que diminuir o real. Para construir o modelo reduzido, o cartografo seleciona algumas dimensões, escolhe parâmetros e pontos de vista. O modelo expõe, portanto, "ao mesmo tempo seu caráter calculado, seu poder de inteligibilidade e sua natureza artificial" Dessa forma o modelo não é apenas o "homólogo passivo do objeto" real, mas "o resultado de uma experimentação controlável, renovável, modificável".[3]

Porém é possível inverter a premissa. A escala não é apenas responsável pela seleção do real. Ela é a forma de se apreender o real, porque o apreendemos a partir de algum ponto de vista. O *real* de muitos planisférios aqui apresentados não é apenas *maior*, mas é qualitativamente diferente do *real* apresentado em mapas de escalas maiores, como nos rascunhos feitos *in loco*, ao *rés do chão*, por expedições europeias que percorreram o território rio platense. A escala, portanto, "mais que uma relação de similaridade com o real, designa uma redução dele". Como uma escolha deliberada, ela visa determinados pontos e campos de referências, tornando-se sempre o ponto de partida inicial do conhecimento.[4] São diferentes níveis de generalizações, que omitem e mostram determinados elementos da organização do espaço e não podem ser definidos como *mais* ou *menos* verdadeiros ou próximos do realidade.

---

[3] LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p.213.

[4] LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana,** *op.cit.*, p.214.

O problema da escala, explícito no texto de Borges, está relacionado com outras questões implícitas à cartografia. Não apenas a escala de observação, mas a forma e o processo de mapeamento sugerem questões: como se mapeia um território pouco ou nada conhecido? Como se lê e se interpreta um mapa em diferentes períodos? Duas grandes questões que acompanharam essa pesquisa do início ao fim, tão instigantes quanto difíceis de se responder. A primeira diz respeito à nossa relação com o entorno: como se concebe ou se imagina um espaço nunca visto do alto, algo tão comum em nosso cotidiano? Ou, em outras palavras, como nativos e europeus entendiam o espaço platino, do qual conheciam apenas partes ou fragmentos? Essa questão, impossível de ser respondida totalmente a partir dos documentos e fontes disponíveis, pode ser completada por outra: que informações continham, ou como eram lidos e usados os mapas do início do período moderno? Uma das grandes dificuldades da pesquisa foi analisar o material cartográfico selecionado consciente de que a forma como lemos os mapas atualmente é provavelmente bem diversa da forma que os liam monarcas, navegadores e público em geral nos séculos XVI e XVII. Problema inerente a qualquer pesquisa histórica, agravado nesse caso pela nossa familiaridade atual com mapas dos mais diversos tipos e com a pretensa objetividade que a cartografia alcançou em nosso tempo. Na tentativa de que essas questões não fossem apenas bons exercícios de reflexão, utilizei as ferramentas teóricas e metodológicas que o campo da cartografia história, ou da nova historia da cartografia, oferece atualmente.

Durante muito tempo os mapas foram vistos como um produto objetivo e racional de determinados métodos para a representação do mundo. A cartografia foi tratada – até o pós Segunda Guerra Mundial – através de enfoques empiristas, que enfatizavam a objetividade dos mapas. Nessa perspectiva, os mapas eram neutros, uma compilação de informações sobre determinada realidade e que progressivamente melhoravam em precisão e detalhamento.[5] Nesse momento inicial da cartografia histórica, a ênfase do campo estava marcada pela apreciação artística dos mapas – principalmente renascentistas –, atividade de comércio ligadas a antiquários e a disponibilização do material cartográfico para outras áreas do conhecimento.[6]

---

[5] LOIS, Carla. **Mapas para la nación**. Episódios en la historia de la cartografia argentina. Buenos Aires: Editoral Biblos, 2014, p.33; EDNEY, Matthew H. Empiricist Foundations and Methodologies for Map Evaluation, 1956-1974. **Cartographica**, Volume 40, Issue 1-2, Spring/Summer 2005, p.20.

[6] GOMES, Maria do Carmo Andrade. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da cartografia. **Espaço e Tempo,** São Paulo, n.16, pp.67-79, 2004, pp.68 e seguintes.

O período da Segunda Guerra foi marcado por um intenso uso político da cartografia, tanto pelo nazismo como pelos aliados. Os mapas buscavam *mostrar* a qual lado pertencia o mundo. Logo depois, houve uma reação por parte da academia, buscando garantir uma nova objetividade do material cartográfico – que em alguns casos levou à supressão da análise do elemento político dos mapas. Esse momento também marcou o início da preocupação com a comunicação feita pelo mapa, com a leitura feita pelos usurários e, consequentemente, com a eficácia dos códigos visuais. O foco estava muito mais no interior do mapa, nas técnicas, artes e outros desdobramentos do ofício de mapear.[7]

Já na parte final do século XX emergiu um novo paradigma dos estudos cartográficos, centrado na figura de John Brian Harley, que marcou profundamente as reflexões epistemológicas do campo, bem como um aumento significativo da produção.[8] Ao lado de David Woodward, Harley introduziu nos estudos de cartografia as ferramentas teóricas da linguística, da iconografia e da sociologia do conhecimento. Dessa forma, mesmo sem prescindir de sua dimensão técnica, Harley chamou atenção para o contexto de produção, os silêncios, os simbolismos, as entrelinhas dos mapas, considerados por ele artefatos culturais.[9] De forma mais sistemática e contundente, Harley seguia a trilha aberta no início do século XX por Marc Bloch. O historiador francês havia chamado atenção para a utilização dos mapas antigos. Mais do que simples repositórios de informação, eles poderiam ser estudados como componentes do meio social.[10] A multiplicidade de trabalhos que percorreram os caminhos indicados por Harley trouxe para o campo da cartografia novos desafios e reflexões, mostrando naturalmente alguns limites de sua abordagem. Hoje se discute se as novas

---

[7] LOIS, Carla. **Mapas para la nación**, *op.cit.*, pp.33-34.

[8] Matthew Edney indica, como um marco importante do início das reflexões epistemológicas da área a sessão sobre aspectos teóricos da cartografia, realizada pela primeira vez na "16th International Conference on the History of Cartography", em 1995 em Viena. EDNEY, Matthew H. Theory and history of cartography. **Imago Mundi**. vol.48, pp.185-191, 1996, p.185.

[9] HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas. Ensayos sobre la história de la cartografia.** México: Fondo de Cultura Ecocómica, 2005; LOIS, Carla. **Mapas para la nación**, *op.cit.*, pp.33-34; GOMES, Maria do Carmo Andrade. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da cartografia, *op.cit.*, pp.69 e seguintes.

[10] A referência a Bloch foi retirada de EDNEY, Matthew H. Empiricist Foundations and Methodologies for Map Evaluation, *op.cit.*, p.21.

perspectivas de trabalhos são uma continuidade epistemológica da obra do autor ou se desenvolvem um nova paradigma.[11]

Partindo das reflexões de Harley, atualmente três premissas parecem estar bastante consolidadas: 1) o mapa é inexato por natureza; 2) o mapa é um instrumento de poder; 3) o mapa é uma operação retórica.[12] Não é novidade que os mapas são inexatos. Entretanto, para Jean-Marc Besse é importante destacar que não o são *por natureza*, são sempre esquemáticos e seletivos. A partir dessa perspectiva não se trata de saber se o mapa é verdadeiro ou falso, mas se é útil para alcançar o objetivo que estabelecemos a partir de nossas intenções. Dessa forma, os mapas podem ser exatos do ponto de vista pragmático, ou seja, se respondem ao objetivo ou a problemática a que se propõe.[13] A questão do mapa como instrumento de poder também hoje é relativizada. Apesar de pulsante e bastante necessária quando formulada por Harley, atualmente se concebe os mapas mais como um lugar de conflitos e resistência.

As críticas mais contundentes ao pensamento de Harley atualmente derivam da ênfase dada pelo autor no que está fora do mapa, desviando os olhos das cartas em si. J. H. Andrews, no ensaio introdutório que abre a edição póstuma dos textos de Harley argumenta sobre a dificuldade em testar as hipóteses de Harley de algo que esta alheio ao próprio mapa, ou ao terceiro nível de interpretação proposto pelo autor utilizando as ideias de E. Panofsky.[14] No mesmo sentido, Turnbull ressalta que Harley ofereceu pouca margem para

> analisar as formas em que os mapas estruturam os espaços de conhecimento em que vivemos ou para resistir à aparente dominação dos criadores de mapas científicos, uma vez que ele não considera os contextos de poder mais amplos dentro dos quais as interações entre ciência e a cartografia ocorre e as razões pelas quais a cartografia adquiriu suas formas particulares[15]

---

[11] LOIS, Carla. **Mapas para la nación**, *op.cit.*, p.35.

[12] BESSE, Jean-Marc. Cartographie et pensée visuelle: réflexions sur la schématisation graphique. Exposé présenté lors de la Journéé d'étude "**La carta, outil de l'expertise aux XVIIIe et XIXe siè,** 2006, p.5.

[13] BESSE, Jean-Marc. Cartographie et pensée visuelle, *op.cit.*, p.5

[14] HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**, *op. cit,* Introdução.

[15] No original: However, Harley offers little scope for analysing the ways in which maps structure the knowledge spaces we live in, or for resisting the apparent domination of the scientific map makers, since he does not consider the wider contexts of power within which the interactions between science and cartography take place and the reasons why cartography acquired its particular forms". TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe, *op.cit.,* p.7.

Além disso, a cartografia pode ser concebida como um ato de poder em dois sentidos: primeiro, um ato do tipo interesse, intenção, política ideológica do cartógrafo ou instituição. Mas é também um ato de poder porque orienta as decisões da sociedade e da cultura, formando a visão do mundo em que vivemos.[16] A dualidade do poder dos mapas também foi destacada por David Turnbull:

> Mapas de qualquer registro são duplamente espaciais na medida em que criam espaços sociais e, ao mesmo tempo, são modos de representação espacial. Eles criam esses dois aspectos da espacialidade através da habilitação de dois modos de conectividade correspondentes. Mapas conectam entidades heterogêneas e díspares, eventos, locais e fenômenos, nos permitindo ver padrões que não são visíveis de outra maneira. Eles também conectam o território com a ordem social. Ao ligar a ordem social com uma ordem aparentemente natural, mapas naturalizam o arbitrário. [17]

Se os problemas inerentes ao mapeamento dos territórios foram em parte solucionados a partir dos métodos da cartografia histórica, resta ainda tratar de outro conjunto de questões, que igualmente perpassa toda pesquisa realizada: a *descoberta* e a *colonização* de um Novo Mundo e as experiências dos europeus frente ao *outro*, nativo americano. As fontes utilizadas tratam da percepção do espaço americano pelos europeus durante o período inicial de exploração. O primeiro problema se encontra já na definição de qual termo utilizar para denominar a então chamada *descoberta* da América. Os nuances de cada termo já utilizado pela historiografia – *encontro, invasão, invenção, construção* – mostram diversas perspectivas de análise. Concordo com a utilização do termo *compreensão*, por entender, em consonância com Mauricio Olarte, que à compreensão subjaz, nesse caso, a apreensão e a tomada de conhecimento para dominar. Nesse sentido, a ciência teve um papel fundamental. O que incita a compreensão é a alteridade, um estranhamento que provoca um movimento de ir e vir, do

---

[16] BESSE, Jean-Marc. Cartographie et pensée visuelle, *op.cit.*, pp.4-5. Segundo o autor, "la carte serait un discours véhiculant des intentions, attaché par consequent à un contexte, et destine à produire des effets de pouvoir dans la société et dans la culture".

[17] No original: "Maps of whatever register are doubly spatial in that they create social spaces while at the same time they are modes of spatial representation. They create these two aspects of spaciality through enabling two corresponding modes of connectivity. Maps connect heterogeneous and disparate entities, events, locations and phenomena, enabling us to see patterns that are not otherwise visible. They also connect the territory with the social order. In so linking social order with an apparently natural order, maps 'naturalise the arbitrary'." TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe: Mapping the Construction of Knowledge Spaces. **Imago Mundi,** vol.48, pp.5-24, 1996, p.7.

estranho ao familiar. Além disso, a compreensão também provoca auto compreensão, motivada pela alteridade, pelo estranho. Isso significa que a invenção, construção ou compreensão da América foi um fenômeno inseparável da invenção, construção ou compreensão da Europa, pelos próprios europeus.[18]

A documentação cartográfica produzida no período estudado foi gerada a partir de motivações particularmente diferentes. Entretanto, mostram em diferentes escalas e formatos como as informações reunidas pelos europeus sobre o novo mundo construíam uma ideia de espaço, conhecido e desconhecido, tornando-se uma fonte privilegiada para analisar a *metageografia* europeia do início do período moderno. A definição de cartografia que utilizo aqui está em consonância com Ricardo Padrón, que usa o termo em sentido amplo, "como uma produção cultural que se expressa através de mapas, sim, mas também através de outras formas de textos nos quais podemos identificar uma dimensão cartográfica crucial".[19] Já a metageografia pode ser entendida como "o conjunto de estruturas espaciais através da qual as pessoas ordenam seus conhecimentos sobre o mundo: as estruturas, geralmente, inconscientes que organizam os estudos em história, sociologia, antropologia, economia, ciência política, ou ainda, história natural".[20] A dimensão cartográfica de mapas e textos são a parte visível da metageografia do período, onde é possível inferir alguns traços do modo pelo qual os europeus concebiam e organizavam o espaço a sua volta.

Artur Barcelos, utilizando uma definição oriunda da geografia, afirma que são três os elementos que compõem o espaço e permitem uma compreensão do significado da *paisagem* ou da *espacialidade*:

---

[18] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios**, *op. cit.*, p.8. O próprio termo *colonização* pode ser problematizado sob diferentes perspectivas. Ver, por exemplo, ANDREAZZA, Maria Luiza. *Dominum,* terras e vassalagem na América portuguesa. In.: DORÉ, Andréa; LIMA, Luis Felipe Silvério; SILVA, Luiz Geraldo (orgs.) **Facetas do Império na História. Conceitos e métodos**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, pp.271-28; e ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O aprendizado da colonização. **Economia e sociedade**, v.1, n.1, pp.135-162, agosto de 1992.

[19] No original: "as a form of cultural work that is carried out by maps, yes, but also by other kinds of texts in which we can identify a crucial cartographic dimension". PADRON, Ricardo. **The spacious word: cartography, literature, and empire in early modern Spain**. Chicago: University of Chicago Press, 2004, p. 26.

[20] No original: "the set of spatial structures through which people order their knowledge of the world: the often unconscious frameworks that organize studies of history, sociology, anthropology, economics, political science, or even natural history". Ricardo Padrón utiliza a definição de *metageografia* de Martin Lewis e Karin Wigen, revisitando o conceito já enunciado por Edmund O'Gorman. PADRON, Ricardo. **The spacious word...,** *op. cit.,* p.26.

> Em primeiro lugar, está o espaço físico, matriz meio ambiental da natureza material. Em segundo lugar, está o entorno social, meio socialmente construído, onde se produzem as relações sociais entre indivíduos e grupos. Em terceiro lugar, está o espaço mental da cognição e da representação, o meio simbólico, do espaço pensado, das projeções e ideias. Estes três "espaços", embora possam ser teorizados em separado, não podem ser conceituados como equivalentes. No entanto, também não podem ser vistos como elementos autônomos, pois físico, mental e social se inter-relacionam e se superpõem[21].

Entre os elementos que formam a noção de espaço, ou de espacialidade, o terceiro deles – *espaço mental da cognição* – é particularmente importante para o estudo das representações do território americano pelos europeus nos primeiros séculos de colonização, território esse que foi efetivamente *pensado,* por vezes antes de ser percorrido. Essa operação efetuada no território, no *lugar,* permite chegar a outra definição de espaço, a partir das reflexões de Michel de Certeau. Para o autor,

> Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É, de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. *Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais*. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um "próprio". Em suma, o espaço é um lugar praticado".[22]

Os problemas teóricos dos estudos do mundo colonial foram discutidos profundamente por Certeau. Muitos aspectos da abrangente obra do jesuíta francês foram utilizados como diretrizes teóricas dessa pesquisa. No trecho citado Certeau apresenta uma ideia central para os estudos de cartografia das regiões recém descobertas da América: o *lugar* que se

---

[21] BARCELOS, Artur. **O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial.** 543 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p.16.

[22] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p.202. Grifo meu.

transforma em *espaço* quando é praticado – quando é pensado, percorrido, utilizado pelas pessoas. A análise de Certeau diz respeito, originalmente, aos espaços urbanos, em sua busca incessante pelas práticas comuns dos indivíduos franceses em *A invenção do Cotidiano.* A obra, publicada em 1980, expõe os resultados de uma longa pesquisa feita durante a década de 70, por Certeau e uma equipe de pesquisadores a serviço da Secretaria de Estado da Cultura, órgão ligado ao governo francês. A ideia original da secretaria era fazer uma sondagem sobre as práticas culturais dos franceses[23]. Certeau foi além. A busca pela prática cotidiana que foge a toda categorização, que não pode ser encontrada através de conceitos pré formados torna-se quase uma obsessão nas páginas do livro, acompanhada da erudição e linguagem idiossincráticas do autor. Se não era exatamente esse o resultado que esperava a Secretaria de Cultura da França, o legado deixado pela obra indicou muitos caminhos aos historiadores.

Na mesma obra, no capítulo intitulado *Relatos de Espaço*, é possível reforçar ainda mais as amarras entre a cartografia – incluindo os relatos, conforme a definição de Ricardo Padrón – e o espaço. Segundo Certeau, "Os relatos (...) atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços", afinal "todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço"[24]. Citando Maurice Merleau-Ponty, Certeau conclui que "desse ponto de vista, existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas". Ponto de partida interessante para essa tese, porque traz à tona a questão da subjetividade da percepção do espaço de forma profunda, sem cair no extremo da negação da realidade por conta do conjunto de subjetividades – prática comum no campo historiográfico atual, que pretendo evitar veementemente nas páginas que seguem. As variadas formas de se descrever e mapear os lugares, de transformá-los em diferentes espaços, pese as particularidades de cada personagem apresentado, estão inseridas no núcleo dos impérios ibéricos modernos, como uma das tantas estratégias de dominação de territórios e populações.

São muitas as questões que tornam as análises de Michel de Certeau interessantes para essa pesquisa. Antes de mais nada, gostaria de tratar de alguns pontos referentes à produção do conhecimento histórico especialmente pertinentes quando se trata da documentação sobre a América nos primeiros séculos de colonização. Para Certeau, o procedimento básico da

---

[23] As informações detalhadas sobre o projeto, a equipe e a execução podem ser encontradas no prefácio da obra, *História de uma pesquisa*, escrito por Luce Giard. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, pp. 9-32.

[24] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, pp. 199 e seguintes.

prática historiográfica, longamente discutidos numa das obras mais conhecidas do autor, *A escrita da História*, é dividido em três partes: um lugar social, um conjunto de práticas e a construção de um discurso, de uma escrita.[25]

A questão mais importante diz respeito a um nuance sutil desses procedimentos, a relação com o outro. Para Certeau, a história tece relações sempre indissociáveis com seu *outro,* o passado. Quando o historiador trata de alguma evidência do passado, remete, ao mesmo tempo, à sua ausência. É o paradoxo inerente à prática historiográfica. A análise do passado pelo pesquisador dá a ele um túmulo definitivo, um sepultamento. Para Certeau, "o discurso sobre o passado tem como estatuto ser o discurso do morto. O objeto que nele circula não é senão o ausente, enquanto o seu sentido é o de ser uma linguagem entre o narrador e os seus leitores, que dizer, entre presentes". Dessa forma, "é a relação de cada discurso com a morte que o torna possível" [26]. A prática historiográfica é construída, portanto, a partir da produção de sentidos no outro.

A partir dessa reflexão, Michel de Certeau se torna ainda mais importante para pesquisas que se preocupam com o contato entre o velho e o novo mundo no início do período moderno. Não por caso, o jesuíta francês dedicou os últimos anos de sua vida à tentativa de desenvolver um aparato epistemológico que desse conta da relação com o outro – nos mais diversos sentidos –, chamado por ele de *heterologia.* Segundo Luce Giard, a heterologia foi o último objeto de estudo de Certeau, aprofundando reflexões já esboçadas em obras anteriores, notadamente no capítulo dedicado a viagem de Jean de Léry, em *A escrita da História*.[27] Para Giard, o texto sobre Léry é a peça essencial na estrutura do livro, já que trata da apreensão do outro, nesse caso, dos indígenas americanos, fenômeno denominado por Certeau de *heterologia* ou *hermenêutica do outro*.

O calvinista francês Jean de Léry viajou ao Rio de Janeiro em meados do século XVI. Após uma estada com outros franceses na ilha Coligny, na baia de Guanabara, foi para o

---

[25] O procedimento é longamente discutido na obra citada, principamente no capítulo II, *A operação historiográfica.* CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2013, pp.45-115.

[26] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, pp. 41 e 42.

[27] Trata-se do capítulo quinto da obra, *Etno-grafia, a oralidade ou o espaço do outro: Léry.* (CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, pp. 221-261). Luce Giard, colega, editora e comentadora das obras do autor escreve sobre a importância da heterologia na obra de Certeau no artigo *Michel de Certeau's Heterology and the New World* (Representations, Special Issue: The New World, Oakland, n.33, pp. 212-221, Winter, 1991.)

continente, onde passou três meses entre os tupinambá do litoral do Rio de Janeiro. Suas memórias de viagem foram publicadas duas décadas depois, em 1578, na França.[28] Para Certeau, o texto de Léry dota de sentido o tupinambá, o *outro*, processo que tem muitas semelhanças com a operação feita pelo historiador com seu outro, o passado. Os dois temas se imbricam na análise, trazendo reflexões inerentes aos dois processos.

Assim como Léry quando escreve suas memórias, procede o historiador quando analisa seu objeto de estudo no passado. Ambos falam do outro – o *tupi*, o *passado* –; mais do que isso, ambos dão sentido ao outro, elucidam. Ao mesmo tempo, entretanto, ocultam, trazem nas linhas do texto a presença de um ausente, de algo que se perdeu, um *in audito*: "devo me interrogar o que essa análise [de Léry] me oculta ou me explica"[29], afirma Certeau no início de sua reflexão. Questão importante, que foi feita a cada descrição e a cada mapa analisado. A descrição que dota de sentido é, para o autor, um traço de modernidade no texto de Léry, uma etnologia precoce. O próprio Certeau, quando fala sobre o objetivo de seu texto afirma: "esta não é senão uma sondagem. Atravessar a história e a etnologia com algumas questões, eis aí todo o meu propósito"[30].

Antes de aprofundar a sondagem de Certeau sobre as memórias de viagem de Léry, é preciso tratar de algumas questões relativas às mudanças ocorridas na primeira modernidade que permitiram a presença de um calvinista francês – e tantos outros europeus – entre os indígenas do litoral da América portuguesa e, mais que isso, foram parte importante do cenário político e filosófico das primeiras navegações. Certeau deixa claro, durante toda sua obra que o principal eixo de mudança foi a derrocada de um sistema religioso e a passagem para um sistema ético, num fenômeno nomeado por ele de "a inversão do pensável"[31]. No

---

[28] O título completo da primeira edição da obra era, como de costume no período, longo: Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América, contendo a navegação e coisas notáveis vistas no mar pelo autor: a conduta de Villegagnon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua língua e mais a descrição de muitos animais, plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui, cujo sumário se verá dos capítulo no princípio do livro. Tudo colhido no próprio lugar, por Jean de Léry, natural de La Margelle, Saint-Seine, ducado de Bourgogne. As edições modernas, no Brasil, levam o título de Viagem à terra do Brasil. (LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980)

[29] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, p. 224.

[30] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, p. 223.

[31] O tema é amplamente discutido nas páginas da obra *A escrita da História*, principalmente na segunda parte, *A produção do tempo: uma arqueologia religiosa"*. (CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, pp.115-221).

período das reformas, o discurso religioso cristão, antes uno, verdadeiro e hegemônico na Europa foi dividido e portanto, perdeu sua legitimidade. Se antes a verdade – religiosa – dava conformidade à sociedade, agora "opera-se uma mutação que inverte os papéis recíprocos da sociedade e da verdade. Ao final, a primeira será o que estabelece e determina a segunda". A partir de então "essa heresia global substitui um critério *religioso* por um critério *social*"[32].

Esse foi o princípio de outras transformações que abalaram a Europa no início da modernidade, como a mudança de percepção entre a *escrita* e a *oralidade,* cara à análise de Certeau e às pesquisas que utilizam fontes europeias sobre a América no início da colonização:

> A descoberta do Novo Mundo, o fracionamento da cristandade, as clivagens sociais que acompanham o nascimento de uma política e de uma razão novas engendram um outro funcionamento da escrita e da palavra. Presa na órbita da sociedade moderna, sua diferenciação adquire uma pertinência epistemológica e social que não tinha antes; em particular, torna-se o instrumento de um duplo trabalho que se refere, por um lado à relação com o homem "selvagem", por outro à relação com a tradição religiosa. Serve para classificar os problemas que o sol nascente do "Novo Mundo" e o crepúsculo da cristandade "medieval" abrem à *intelligentsia*[33]

A diferença entre oralidade e escrita aumenta com o encontro dos dois mundos. A escrita europeia torna-se signo do poder perante as sociedades quase totalmente ágrafas do continente americano[34]. Para Certeau,

> Mais característica ainda é a natureza da clivagem. Ela não resulta, essencialmente, de uma triagem entre o erro (selvagem) e a verdade (cristã). Aqui o elemento decisivo é a posse ou a privação de um instrumento capaz, ao mesmo tempo, de "reter as coisas em sua pureza" (Léry o diz mais adiante) e de se estender "até o fim do mundo". Combinando o poder de reter o passado (enquanto que a "fábula" selvagem esquece e perde a origem) e o de superar indefinidamente a distância (enquanto que a "voz" selvagem está limitada ao círculo evanescente de seu auditório), a escrita faz a

[32] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, p. 128.

[33] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, p. 223

[34] Serge Gruzinski demonstra que nem todas as sociedades indígenas americanas eram desprovidas de escritas. Além de percorrer os indícios da documentação das sociedades mexicanas, mostrando formas de grafia, o autor também analisa a apropriação da escrita e da cartografia europeia pelos nativos. GRUZINSKI, Serge. **La colonizacion de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

> história. Por um lado ela acumula, estoca os "segredos" da parte de cá, não perde nada, conserva-os intactos. Ë arquivo. Por outro lado ela "declara", avança "até o fim do mundo" para os destinatários e segundo os objetivos que lhe agradam – e isto "sem sair de um lugar", sem que se desloque o centro de suas ações, sem que ele se altere nos seus progressos[35]

A partir de suas características – notadamente o poder de reter o passado e superar a distância – a escrita funciona como um baluarte da nascente ciência moderna, que tem na travessia dos oceanos uma de suas principais fontes. A escrita transmite, liga os dois lados do oceano, leva aos indivíduos que ficaram daquele lado as maravilhas e novidades desse lado. Funciona como braço do saber:

> O olho está a serviço de uma "descoberta do mundo". É a cabeça-de-ponte de uma "curiosidade" enciclopédica que, no século XVI "amontoa freneticamente" os materiais e estabelece assim "os fundamentos da ciência moderna". O raro, o estranho, o singular – objetos já colecionados pela atenção medieval – são apreendidos no "fervor" de uma ambição: "que nada permaneça estranho para o homem e que tudo se torne servidor dele". Existe uma "vertigem de curiosidade", que orquestra, então, o desenvolvimento de todas as "ciências curiosas" ou "ciências ocultas". A embriaguez de saber e o prazer de ver penetram a obscuridade e desdobram a interioridade dos corpos em superfícies oferecidas à vista[36]

Através dessas reflexões, parece ser bastante clara a pertinência do uso das ideias de Michel de Certeau como norteadoras teóricas dessa pesquisa. O encontro dos europeus com o novo mundo foi um objeto de estudo central na obra do autor. Os textos quinhentistas traziam os princípios da etnologia, da compreensão do outro, segundo ele. O autor não estava alheio, entretanto, às discussões sobre a delicada questão das violências físicas e simbólicas cometidas pelos europeus contra os nativos do Novo Mundo. Para Luce Giard, "sob o som e a fúria desta violência, Certeau ouviu o rumor do outro, mais secreto mas igualmente importante, uma violência transformadora do encontro com o Outro cujas ondas de choque finalmente chegaram à Europa para minar suas velhas certezas "[37]. A ideia de uma Europa que

---

[35] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, p. 232

[36] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, p. 252

[37] No original: "Underneath the sound and fury of this violence, de Certeau heard the rumor of another one, more secret but equally important, a transformative violence of the meeting with the Other whose shock waves had finally reached Europe to undermine its old certainties". GIARD, Luce. *Michel de Certeau's Heterology and the New World*, *op. cit.*, p.216.

não apenas encontrou um novo mundo para moldar conforme sua semelhança, mas que transformou-se ao mesmo tempo em que expandia, questionando muitas de suas velhas tradições é central na historiografia que atualmente se dedica ao estudo da relação entre os Impérios ultramarinos e a ciência.

Dessa forma, são também pertinentes as reflexões de Certeau sobre a obra de Jean de Léry. Mesmo que a análise se concentre especificamente no relato/memória de Léry, incluindo uma tipologia das partes e capítulos, o aparato teórico utilizado pelo autor se mostra muito importante para qualquer análise de textos europeus sobre a América. Isso porque a questão da ausência, do que se perde quando elucidado, é retomada por Certeau nesse momento. É evidente que os relatos ou descrições do Novo Mundo publicados na Europa moderna não conseguem dar conta da totalidade do que foi visto em terras americanas. Certeau entretanto refina essa problemática, a partir do binômio *história-etnologia*, palavra e oral, do olhar sobre o outro e da redução do outro ao conhecido.

O relato de Léry transforma a viagem num ciclo, "uma forma circular ao movimento que ia de cima (*ici,* a França) para baixo (*là-bas* os Tupis)". Esse movimento, coloca duas questões importantes: primeiro, "traz de *là-bas,* como objeto literário, o selvagem que permite retornar ao ponto de partida". O papel do *selvagem* tupi é visto aqui como fundamental para que aja o retorno, já que "o relato produz um retorno, de si para si, pela mediação do outro."[38]. A sutileza da afirmação de Certeau nos faz pensar na importância dos dois lados da *alteridade*, em como a transformação ocorreu em mão dupla. Em segundo lugar, nem tudo volta com o europeu. A ausência aparece mais uma vez, algo que nem a escrita, ferramenta de poder na relação entre europeus e nativos, pode evitar: "alguma coisa que escapa ao texto permanece *là-bas:* a palavra Tupi. Ela é aquilo que, do outro, não é recuperável – um ato perecível que a escrita não pode relatar"[39].

A *hermenêutica do outro* não funciona, porém, sem percalços. São bem conhecidos os problemas de relatos que tratam de alteridade, mormente os relatos do novo mundo. Para Certeau, o funcionamento desse processo se esboça sob duas problemáticas, a "a operação linguística de tradução" e a "a posição de um sujeito com relação a uma extensão de objetos". A partir desse par, a diferença não é suprimida e "o texto, pelo contrário, a admite e a frustra

---

[38] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, pp. 227-229.

[39] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, pp. 227-229.

para se estabelecer como discurso de saber"[40]. Textos e mapas do início do período moderno são, decididamente, discursos de poder. Essa é uma das problemáticas centrais desse trabalho. O poder está em cada traço da pena no papel, quando o europeu projeta seu discurso e desenha, descreve e define o território do novo mundo. Esse saber é efetuado pela escrita, frente a oralidade nativa.

Para fechar a análise de Léry, Certeau confronta, mais uma vez, o *lucro* trazido pela escrita na descrição do selvagem e o *irrecuperável:*

> O prazer é o vestígio desse resto. "Encantamentos" de Léry, festas dos tupi – salmos silvestres de um e danças e baladas aldeãs dos outros. Excesso que constitui um lugar comum entre eles. Mas isto é o efémero e o irrecuperável. Momentos inexploráveis, sem renda e sem lucro. Alguma coisa do próprio Léry não retoma de là-bas. Estes instantes rompem o tempo do viajante, da mesma maneira que a organização festiva dos tupi escapa da economia da história. O gasto e a perda designam um presente; formam uma série de "quedas" e, quase, de lapsos no discurso ocidental. Estes cortes parecem vir desfazer de noite a construção utilitária do relato. O "in-audito" é o ladrão do texto, ou mais exatamente, é aquele que é roubado ao ladrão, precisamente aquele que é ouvido, mas não compreendido, e portanto arrebatado do trabalho produtivo: a palavra sem escrita, o canto de uma enunciação pura, o ato de falar sem saber – o prazer de dizer ou de escutar. (...) Na *Histoire*, o maravilhoso, marca visível da alteridade, não serve para propor outras verdades ou um outro discurso, mas pelo contrário, serve para fundar uma linguagem sobre a capacidade operatória de dirigir a exterioridade para o "mesmo". O "resto" de que falo é antes uma recaída, um efeito segundo desta operação, um dejeto que ela produz ao triunfar, mas que não visava a produzir. Este dejeto do pensamento construtor, sua recaída e seu recalcamento, isto será, finalmente, o outro."[41]

* * *

As contribuições de Michel de Certeau aos estudos dos mundos coloniais não se limitam ao aparato teórico desenvolvido no capítulo sobre a obra de Jean de Léry. Outras reflexões importantes aparecem espalhadas na obra *Invenção do Cotidiano*. Provavelmente a mais importante delas, para as pesquisas que utilizam fontes cartográficas, seja referente ao *olhar de cima*, desenvolvida no belo capítulo intitulado *Caminhadas pela cidade.*[42]

---

[40] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, p.240.

[41] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, p.246

[42] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, pp. 169-199.

Preocupado com as formas de apropriação urbana, Certeau reflete sobre as diferenças entre o olhar do alto e a vivência da cidade ao nível do solo, na passagem que escolhi como epígrafe dessa introdução.[43]

A passagem nos coloca frente a uma problemática recorrente nas descrições e mapas do novo mundo: o olhar de cima, a ilusão de saber. Esse é outro ponto de partida interessante para a análise dos documentos que representam o novo mundo. Tanto as obras de descrição da América apresentadas no primeiro capítulo, os planisférios e mapas da América analisados no segundo, bem como as descrições e mapas feitos *in loco* pelos europeus na região platina compartilham, em maior ou menor grau, da *ficção do saber*.

Quiçá o exemplo mais claro desse processo é o *padron real*, planisfério feito e atualizado pelos cartógrafos espanhóis da *Casa de la Contratación* que deveria servir de modelo para os quaisquer outros mapas de navegação. O *padrón real* mostrava, portanto, todo império espanhol. Os territórios são apresentados como domesticados e reduzidos à soberania espanhola. Em alguns casos, as embarcações pintadas pelos cartógrafos nos oceanos, davam uma ideia não só de circulação, mas de unidade. O hemisfério espanhol, metade do mundo após o Tratado de Tordesilhas, torna-se uno e conhecido. Mesmo que trouxesse as últimas descobertas geográficas em termos do contorno do continente americano, o mapa continuava sendo claramente uma ficção. Assim como o observador de Certeau, os leitores dos mapas conhecem a *cidade* olhando do alto do prédio, mas ficariam surpreendidos se descessem ao "sombrio espaço onde circulam multidões"[44]. Ponto chave na nova historiografia da cartografia, mesmo que com outros nomes, a ficção do saber aparece de várias formas na documentação europeia analisada.

Para Certeau, a ficção se inicia com as pinturas panorâmicas das cidades medievais ou renascentistas: "Elas inventam ao mesmo tempo a visão do alto da cidade e o panorama que

---

[43] "A que erótica do saber se liga o êxtase de ler tal cosmos? Apreciando-o violentamente, pergunto-me onde se origina o prazer de "ver o conjunto", de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos. Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até o domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. Ícaro, acima dessas águas, pode agora ignorar as astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim. Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava "possuído". Ela permite lê-lo, ser um Olhar solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber". CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 170.

[44] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 170

ela possibilita. Essa ficção já transformava o espectador medieval em olho celeste. Fazia deuses." Dessa forma, a *cidade* torna-se um *simulacro teórico*, "um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas"[45]. A conclusão de Certeau pode ser estendida das cidades para os territórios ultramarinos, particularmente a bacia platina. O corte estático feito na cartografia, seja ela iconográfica ou descritiva, traz em cada contorno conhecido, em cada nova descrição o desconhecimento das práticas, que nesse caso comporta a vivência e circulação intensa de grupos indígenas, a geografia fluvial e orográfica, bem como a hostilidade e exuberância da natureza tropical, muitas vezes fatal aos que se aventuravam pelos caminho americanos. A cada elucidação, um ocultamento.

Uma última questão retirada da obra de Certeau auxiliou a construção do aparato teórico dessa pesquisa. O autor dedica um capítulo do livro *A invenção do cotidiano* aos *relatos de espaço*. Mais uma vez preocupado com as práticas fugazes dos indivíduos, ele traça as diferenças entre *mapa* e *percurso*. O primeiro constrói a espacialidade na narrativa, mostrando um quadro mais estático, enquanto o segundo frisa um relato sobre o lugar: "onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. (...) instaura uma caminhada e passa através. O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é topológico, relativo às deformações de figuras, e não *tópico* definidor de lugares".[46]

Se num primeiro momento a categorização parece não ajudar, a conclusão do autor afasta as dúvidas: se o percurso, ou o itinerário é "uma série discursiva de operações", o mapa é "uma descrição redutora totalizante das observações".[47] Mais ainda, Certeau desconfia que da cultura ordinária ao discurso científico se passa de um modelo, percurso, à outro, o mapa. O discurso científico moderno, em emergência nos séculos XVI-XVII, teria separado cada vez mais os itinerários dos mapas; se antes os mapas se apresentavam com aspectos de percurso, de etapas a efetuar, como "livros de história" e não como "mapas geográficos", com o passar dos séculos os mapas ganharam autonomia. A separação acontece aos poucos, entretanto. Os mapas dos séculos XVI e XVII analisados ainda carregam as operações históricas de que resultam. Como pretendo demonstrar, um dos traços mais importantes da cartografia platina é a fusão, nos mapas, entre geografia e história. Mapear um rio era também

---

[45] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 171.

[46] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 215.

[47] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 204.

contar sua história. A "caravela pintada no mar", que "fala da expedição marítima que permitiu a representação das costas (...) equivale a um descritor do tipo *percurso*", dentro da cartografia[48]. Por fim, os mapas teriam se afastado em definitivo dos percursos, se tornando "o lugar para *expor os produtos* do saber", para mostrar os resultados legíveis:

> O palco, cena totalizante onde elementos de origem vária são reunidos para formarem o quadro de um "estado" do saber geográfico, afasta para a sua frente ou para trás, como nos bastidores, as operações de que é efeito ou possibilidade. O mapa fica só. As descrições de percursos desaparecem.

É possível expandir essa análise para toda documentação cartográfica do novo mundo. Mais do que simples representações do território, mais ou menos apuradas ou corretas, os mapas de tornaram ferramentas a serviço dos Impérios ibéricos nos primeiros séculos da colonização. O mapeamento dos territórios conquistados dava aos soberanos ibéricas a *ficção do saber*, mas, mais do que isso, mostrava aos demais europeus o poder exercido pelo império. Além da descoberta contínua de novos contornos, ilhas, rios e serras, a nomeação dos territórios foi constante. Afinal, "todo poder é toponímico e instaura a sua ordem de lugares dando nomes".[49]

* * *

Além dessas, outras escolhas foram feitas durante a pesquisa, como seus limites temporais e espaciais. Do ponto de vista temporal, a pesquisa compreende, estritamente falando, os anos entre 1515, data da expedição de Sólis que entra pela primeira vez no estuário platino, e 1628, data da chegada de Luís Céspedes Xeria em Assunção para iniciar seu governo. A primeira data, mesmo sendo óbvia em relação ao recorte espacial da pesquisa, merece um apontamento: ela mostra a importância da pena e do compasso na conquista americana. O rio da Prata, ou de Sólis, aparece nas fontes – e portanto pode ser efetivamente um objeto de pesquisa – a partir do momento em que é registrado pela primeira vez. Não a partir do momento que o primeiro europeu desembarca em suas margens, ou da primeira escaramuça entre europeus e indígenas na região, mas sim do momento em que a pena

---

[48] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 206.

[49] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 216.

registra, primeiro em palavras, depois em mapas, a grandiosidade do rio que durante algum tempo foi confundido com o estreito de Magalhães. Seu aparecimento constante e sucessivo, a partir daí, nos mapas e descrições do novo continente mostram a importância do registro. De outro lado, a viagem do governador Luís Céspedes Xeria marca o fim do primeiro século de exploração efetiva na região. Se Alvar Nuñez Cabeça de Vaca já havia atravessado essa porção do continente como governador em meados do quinhentos, no século XVII a época dos aventureiros e conquistadores já havia passado, dando lugar ao tempo dos colonizadores.[50] O fato de Céspedes, um fidalgo espanhol nomeado como governador do Paraguai seguir viagem por terra desde a costa atlântica até Assunção, em um momento em que as epopeias desvairadas da conquista são apenas episódios isolados, mostra um espaço, senão *conquistado* do ponto de vista militar – e de fato passariam séculos até que isso fosse possível, conforme mostra a documentação desse período e dos séculos subsequentes – muito mais circulado e conhecido. É também na parte final da década de 1620 que a documentação mostra o maior assédio por parte dos paulistas às missões jesuítas espanholas da região do *Guairá*, atual estado do Paraná. O grande êxodo dos padres com milhares de guaranis rumo ao sul pelo rio Paraná, registrado em várias ocasiões pela historiografia se deu nesses anos, quando grandes expedições formadas por paulistas e indígenas assaltaram constantemente as missões, provocando seu abandono.

Esse intervalo de tempo inclui também a União Ibérica, entre 1580 e 1640, momento em que Portugal e suas colônias foram incorporadas ao imenso império filipino.[51] Longe de ser um período coeso e homogêneo, a União das coroas foi marcada por inúmeros conflitos e demandas, resolvidos por meio de armas e de negociações.[52] Mesmo sob o mesmo soberano,

---

[50] GANDÍA, Enrique de. Historia de la conquista del Río de la Plata y del Paraguay:los gobiernos de don Pedro de Mendoza, Alvar Núñez y Domingo de Irala, 1535 – 1556. Buenos Aires: Librería de A. García Santos, 1932, p.9.

[51] Em carta de 1628, o governador do Paraguai Luis Céspedes Xeria se refere ao rei utilizando todos os seus títulos: "Don felipe Por la gracia de Dios Rey de Castilla de leon de Aragon de las dos sicilias de hierusalen de Portugal de nauarra de granada de toledo de valencia de gallicia de Mallorca de seuilla de Cerdeña de cordoba de corcega de murcia de jaen de los algarues de algecira de Gibraltar de las yslas de canário de las yndias orientales y ocidentales yslas y Tierra firme del mar oceano archiduque de austria duque de borgoña de brauante y de milan conde de abspurg de flandes y de Barcelona señor de Vizcaya y de molina". **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.25.

[52] Para uma análise do período, ver VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes: conexões castelhanas de uma vila da América portuguesa durante a União Ibérica (1580-1640).** 398 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010

as fronteiras entre os espaços portugueses e espanhóis na América permaneceram. A historiografia mostra uma conexão entre esses espaços tidos como fronteiriços – que não foi exclusividade desse período – com um número maior de oportunidades apresentadas e aproveitadas pelos agentes locais. Entretanto, as questões de identidade continuaram pulsantes, ainda mais porque não havia uma definição precisa do que era ser português ou espanhol naquele momento.[53]

Esse intervalo de tempo abrange, portanto, o processo que vai desde os primeiros registros da região em descrições e mapas, até o momento em que seus rincões e caminhos se tornam mais habituais, a ponto da comitiva do governador e, alguns anos depois, sua esposa e familiares atravessarem esse espaço. Essas datas, entretanto, não devem ser tomadas como demasiadamente rígidas. Os processos aqui analisados têm, obviamente, profundas raízes na dinâmica de expansão europeia e estão ancorados em todo processo de configuração da ciência do início da modernidade, com novas disciplinas e principalmente novas formas de ver o mundo. Do mesmo modo, muito do que foi escrito e cartografado na América desse período continuará ecoando pela Europa na forma de mapas e descrições nas décadas seguintes e, portanto, documentação de fora dessa baliza temporal foi utilizada aqui quando oportuno.

O espaço escolhido para a investigação foi a bacia hidrográfica do rio da Prata, porção meridional da América do Sul. Na verdade, optei aqui por alargar o território atualmente considerado da bacia platina, chegando até aos tributários da margem esquerda do rio Paraná, já em território dos atuais estados de São Paulo e do Paraná, no atual Brasil.[54] A escolha desse

---

[53] HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession Spain and Portugal in Europe and the Americas**. Massachusetts: Harvard University Press, 2015, p.64.

[54]Trata-se de um espaço definido por seus aspectos hidrográficos, segundo Artur Barcelos. O autor também cita os trabalhos de Helen Osório, Heloisa Reichel e de Ieda Gutfriend para definir a região. Para a primeira, "a região platina seria aquela abrangida por parte da bacia hidrográfica do Rio da Prata (rios Uruguai, Paraná e Salado) e que se caracteriza por planícies e pradarias, o 'pampa'. Paisagem física homogênea, compreende politicamente as atuais províncias argentinas de Santa Fé, Corrientes e Entre Rios (a Mesopotâmia), o sudeste de Córdoba, parte da Província de Buenos Aires e a Banda Oriental do rio Uruguai (atuais Uruguai e Rio Grande do Sul até o rio Jacuí)." OSÓRIO, Helen. **Apropriação da Terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do Espaço Platino**. Porto Alegre, CPGH-UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1990. Segundo Reichel e Gutfriend, o espaço geográfico da região platina "se estende desde o rio Salado, ao sul de Buenos Aires, delimitando-se a noroeste pelas regiões que ficam ao norte do rio Negro (Uruguai), até o rio Jacuí (RS) ou até defrontarem-se com outras formas de organização social que se desenvolviam junto aos territórios jesuíticos e às áreas centrais da dominação portuguesa. Dois fatores naturais caracterizam fortemente a Região. O primeiro deles é a terra fértil, plana, com abundante pasto, além de açudes que favorecem a multiplicação dos rebanhos vacuns e cavalares. O outro é o rio da Prata que, ao ligar o Atlântico à zona de mineração de prata (Potosi), exerceu um papel centralizador para a Região em si, bem como

alargamento deveu-se aos processos históricos analisados. Além de serem os caminhos naturais das explorações e dos primeiros assentamentos na região, os rios também aparecem conectando toda essa região na cartografia do período. Esse recorte permitiu extrapolar as fronteiras nacionais atuais, analisando um território de fronteiras pouco definidas entre os impérios português e espanhol. Mesmo colonizado por diferentes metrópoles, esses espaços guardam dinâmicas comuns de ocupação e exploração. Portanto, a região platina parece ser um cenário privilegiado para entender como se desenvolveram alguns desses processos de construção do espaço. Depois das primeiras expedições de Sólis e Caboto, a documentação mostra vestígios de uma constante circulação de aventureiros, conquistadores, funcionários reais e contrabandistas – atores aos quais se juntaram, posteriormente, jesuítas e bandeirantes paulistas. Essas características particulares fizeram da bacia platina objeto de estudo de pesquisas seminais, como a análise do comércio na região durante o período da União Ibérica feita por Alice Canabrava na década de 1940.[55] Tampouco a conexão entre o mundo atlântico português e a ocupação espanhola na bacia platina demonstrada aqui é novidade na historiografia. Também na metade do século XX Charles Boxer analisou a trajetória e as relações de Salvador de Sá no século XVII, mostrando que os negócios da família cruzavam a América portuguesa e lançavam pontas na direção do Paraguai e do mundo peruano.[56] Apesar dos trabalhos de Boxer e Canabrava, grande parte da historiografia do século XX continuou considerando essas duas regiões – São Paulo, na América portuguesa, e Paraguai, na América espanhola – apenas como marginais em seus impérios. Estudos recentes, entretanto, vem demonstrando a profunda ligação entre esses espaços, em diferentes níveis, abrindo assim uma interessante e profícua perspectiva historiográfica. [57]

Boxer propõe, na pesquisa citada, a análise das "condições reinantes" no vasto recorte espacial na forma de um triângulo, cujo base se estenderia desde Buenos Aires até o Rio de

---

foi capaz de integrá-la às outras áreas circunvizinhas." REICHEL, Heloisa J. & GUTFREIND, Ieda. **As raízes históricas do Mercosul: a região platina colonial**. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 1996, p.13. As citações foram retiradas de BARCELOS, Artur. **O Mergulho no Seculum,** *op.cit.*, p.141.

[55] CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984

[56] BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

[57] Por exemplo, os trabalho de VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes,** *op.cit.* Ainda sobre as relações e ligações desse espaço, ver HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.*

Janeiro e o vértice seria a vila de Potosí, na atual Bolívia.[58] Utilizando a mesma ideia, o recorte espacial dessa pesquisa também esboça um triângulo, definido pelas vilas de São Vicente, no litoral paulista, Buenos Aires, no estuário platino, e Assunção, fundada no coração da porção sul do continente, às margens do rio Paraguai.

* * *

Para analisar as questões propostas, os capítulos da tese foram divididos pensando no conjunto principal de documentação utilizada, mas também numa perspectiva de mudança de escala, que permitiu entender melhor alguns processos. No primeiro capítulo, busquei entender como a geografia platina foi apresentada nas primeiras obras de descrição que circularam pela Europa no século XVI. Para isso, foi necessário primeiro analisar as mudanças da concepção do mundo no início da modernidade, com as novas disciplinas da geografia e cosmografia, bem como os conflitos provocados pelas descobertas marítimas em relação à concepção clássica e religiosa do mundo. Depois disso, a análise se volta para a importância dos rios no mapeamento e ocupação dos espaços ultramarinos em geral, e a importância da bacia platina nas obras de descrição da América em particular. A análise das obras publicadas no primeiro século de ocupação é importante para entender o que era o Novo Mundo para os cronistas ibéricos, ou ainda, quais elementos foram selecionados para mostrar aos leitores a América. Portanto, representam a primeira percepção sobre a natureza, a geografia e os habitantes da América, elaboradas à medida em que o continente se descortinava frente aos conquistadores. Muitos mapas do período foram feitos para ilustrar as páginas dessas obras, ou feitos a partir das informações contidas nelas.

O segundo capítulo trata das formas de representação da bacia platina nos mapas do período. Nesse capítulo as fontes utilizadas foram predominantemente os mapas, manuscritos e impressos, tanto ibéricos como de outras nações europeias. A partir da leitura de um número significativo de mapas, busquei propor uma interpretação e tipologia desse material, sondando algumas possíveis explicações para a heterogeneidade do conjunto. Algumas dificuldades particulares desse capítulo devem ser comentadas. Primeiro, a dificuldade de se analisar um conjunto documental em que é recorrente a ausência de informações básicas, como autoria, data, local ou relação com outros documentos. Na maior parte desses casos, foram

---

[58] BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola,** *op. cit.*, p.95.

consideradas as parcas informações atribuídas pelas equipes dos arquivos em que os mapas se encontram. Segundo, muitos dos mapas utilizados aqui já foram considerados *fundadores* do Brasil, da América, ou Novo Mundo. Os pesquisadores da cartografia histórica sempre se deparam com a dificuldade quase caótica das atribuições de autoria, data e pioneirismo aos mapas do período moderno. Nesse caso em especial, a importância dada aos mapas faz com que sua análise não seja novidade. As sucessivas abordagens dadas pela historiografia durante o século XX produziram uma infinidade de estudos, acadêmicos ou não, desde artigos, descrições cartográficas, notas, livros, estudos bibliográficos etc. Se muitas vezes a abundância de material auxilia na pesquisa, em outras a multiplicidade de referências em cada texto forma um emaranhado difícil de ser rompido. Terceiro, a dificuldade de se interpretar um conjunto tão heterogêneo de mapas. Muitas tentativas de divisão e análise acabaram sem saída, pela falta de consistência. Em grande parte porque a motivação, o foco, a habilidade e a erudição dos autores dos mapas eram sempre diferentes. Estabelecer critérios a partir da origem dos cartógrafos foi improdutivo, devido a intensa circulação desses profissionais no período, bem como do problema de autoria de muitos mapas. Além disso, a documentação sugere que a circulação dos mapas manuscritos, apesar de combatida, era frequente. Mapas manuscritos ibéricos circularam tanto dentro da península como fora, mas a documentação silencia sobre a dinâmica desse processo. Depois do surgimento dos mapas impressos, a circulação aumentou e ganhou mais notoriedade. Frente a esses problemas, organizei a narrativa a partir do desenho dos rios, tornando-os foco da análise. A partir deles é que outras questões foram desenvolvidas. O capítulo foi dividido em duas partes. A primeira trata das instituições ibéricas responsáveis pela organização e cartografia do mundo ultramarino. Dentre as tarefas atribuídas aos funcionários da Casa da Índia de Lisboa e da *Casa de la Contratación* de Sevilha estava a coleta e compilação de informações sobre a América e sua sistematização em mapas – daí sua importância nessa pesquisa. A segunda parte mostra uma proposta de interpretação dos mapas do período, a partir das reflexões feitas nas linhas acima.

Se a prioridade no segundo capítulo foram os mapas, o terceiro capítulo foi pensado em uma escala diferente, a partir dos relatos e descrições *in loco* da região. A concepção do espaço presente nessas fontes se encontra disperso, fragmentário, mas quando organizados podem mostrar o conhecimento geográfico que se tinha *ao rés do chão*. O capítulo é portanto um contraponto dos anteriores. Aqui o espaço não aparece congelado no instante do desenho, não é mais a *ficção do saber* pensada por Certeau. É um espaço vivido, percorrido, conhecido. O capítulo foi dividido em quatro partes. A primeira gira em torno da viagem feita pelo

governador Luis Céspedes Xeria a caminho do Paraguai. Nomeado em Madri, o fidalgo espanhol viajou por quatro anos até atravessar a América do Sul por terra, desde a costa atlântica pelo *camino de San Pablo* e chegar em Assunção. Na segunda parte do capítulo trato dos caminhos e obstáculos da travessia dessa região, atualmente parte dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, no Brasil e a porção nordeste do Paraguai. Do ponto de vista natural, rios, cachoeiras e grupos indígenas. Do ponto de vista oficial, a proibição da circulação pelo caminho, ordem que foi continuamente desobedecida. Justamente por isso há uma farta documentação sobre essa circulação. A terceira parte do capítulo trata dos antecedentes dessa travessia. Se no século XVII a frequência das notícias de circulação é maior, os caminhos do interior não eram novidades. Muitos personagens encontrados na documentação quinhentista haviam cruzado esse território no século anterior. Por fim, uma quarta parte analisa um conjunto de descrições do território platino, grande parte delas ainda não publicadas. A documentação mostra uma *prática de espaço* e um *saber não sabido*, para usar os termos de Michel de Certeau, que mostra não apenas a dinâmica da ligação entre os espaços platinos, mas também outra forma de conceber o espaço que pouco ou nunca chegou aos mapas da região.

O quarto e último capítulo busca articular as diferentes escalas de observação apresentadas nos capítulos anteriores, oferecendo mais algumas respostas para a questão do mapeamento da região. Alguns mapas manuscritos, esquemáticos, quase rascunhos – incluindo um desenhado e enviado pelo governador Céspedes Xeria ao rei durante sua travessia terrestre-fluvial – podem ser um importante elo de ligação entre o conhecimento geográfico obtido ao rés do chão pelas expedições que cruzaram as terras sul americanas e o conhecimento estático, do alto, gravado nos mapas a serviço do Império. Além disso, analisei dois outros elementos fundamentais da cartografia na região: as fronteiras e o conhecimento indígena presente nos mapas.

Por fim, algumas questões técnicas. Optei por traduzir a historiografia utilizada em inglês, espanhol e francês, no corpo do texto, deixando o original nas notas de rodapé. Procedi da mesma maneira com as poucas fontes citadas em inglês e francês. Já as fontes em espanhol, grande maioria da documentação citada, decidi não traduzir para manter a estrutura e teor dos trechos. Alterei apenas as fontes manuscritas cujo espanhol seiscentista dificultava a leitura. Nesses casos, depois da trasncrição, modernizei ou traduzi, dependendo do caso, deixando sempre o original transcrito em nota de rodapé. A maior parte dos mapas utilizados não apresenta título no interior da carta. Portanto, tanto nas legendas como no corpo do texto,

mantive os títulos atribuídos atribuídos pelos arquivos ou, no caso dos mapas portugueses, pelos autores da *Portugaliae Monumenta Cartographica*.

CAPÍTULO 1 - "LA EXPERIENCIA DE NUESTROS TIEMPOS, QUE ES MADRE DE TODAS LAS COSAS": A AMÉRICA E A GEOGRAFIA DO INÍCIO DO PERÍODO MODERNO

Verdade seja dita, que nessa altura ele não era mais um espaço vazio. Desde minha infância, ele tinha sido preenchido com rios e lagos e nomes. Ele tinha deixado de ser um espaço vazio, mistério delicioso – uma mancha em branco para um menino que sonhava gloriosamente sobre ele. Ele tinha se tornado um lugar de escuridão. Mas lá havia um rio em particular, um poderoso e enorme rio que, ao se olhar no mapa, se assemelhava a uma imensa cobra desenrolada com sua cabeça junto ao mar, seu corpo em descanso se alongando por sobre a vastidão do país, e com a cauda perdida nas profundezas da terra.

Joseph Conrad[59]

Em 1609 Cornelis Claesz, pintor e gravador holandês, publicou em Amsterdam o atlas do cartógrafo Barent Langenes[60]. A capa do atlas mostra uma imagem com vários homens sentados ao redor de uma mesa, que toma a maior parte da gravura. Do lado direito, livros figuram em uma espécie de prateleira. Sobre a mesa, instrumentos de navegação, ampulhetas, livros e globos terrestres que parecem gerar bastante discussão entre os personagens, eruditos, possivelmente cartógrafos ou geógrafos. No centro da mesa, uma das figuras leva a mão à cabeça, como se estivesse tentando resolver um problema. Na extremidade direita, dois deles discutem e apontam para o globo terrestre. Outra dupla conversa na extremidade oposta da mesa, um deles segurando uma espécie de balhestilha. No segundo plano, na parede ao fundo da imagem se encontra um mapa que mostra parte da América do Sul e do Oceano Atlântico, com uma caravela que navega em direção ao continente (Figura1).

---

[59] CONRAD, Joseph. **No coração das trevas.** São Paulo: Editora Landmark, 2011, p.20.

[60] *Hand-boeck; of cort begrijp der caerten ende beschoyvinghen van alle landen des werelds. Van nieuvvs oversien ende vermeerdert*, disponível no site da John Brown Carter Library.

Figura 1- Capa do atlas de Barent Langenes, de 1609, "Hand-boeck; of cort begrijp der caerten ende beschoyvinghen van alle landen des werelds. Van nieuvvs oversien ende vermeerdert". Acervo da John Brown Library.

Através da imagem é possível entrever algumas características que marcaram o ambiente cultural do início do período moderno. Os problemas gerados por uma gradual, porém drástica mudança nas concepções de mundo clássicas e medievais permaneceram, conflituosos, século XVII adentro. A partir, primeiro, da redescoberta de obras gregas de geografia e, segundo, da contínua experiência de navegação dos séculos XV e XVI, os estudiosos europeus do período se viram obrigados a conciliar teorias antigas, dogmas religiosos e dados empíricos que na maioria das vezes eram dissonantes.

O semblante preocupado de alguns personagens da gravura indicam também os problemas gerados pela descoberta do continente americano, mesmo um século depois que as primeiras caravelas europeias aportaram nas ilhas da atual América. Às questões de cunho geográfico – qual era a extensão daquela enorme massa de terra, sua configuração como península, continente ou ilha, sua localização do *orbis terrarum*, como mapeá-la – se juntavam outras, de caráter religioso e moral: quem eram aqueles habitantes, qual sua condição, como chegaram até aquela terra, como habitavam as zonas tórridas dos trópicos ou como os antigos nunca haviam escrito nada sobre eles. A quarta parte do mundo contrariava várias passagens bíblicas e carecia de muitas explicações.

É sobre essas questões, pulsantes no meio erudito da Europa da primeira modernidade, que trata esse capítulo inicial. Na primeira parte dele, a discussão gira em torno dos modos

pelos quais se compreendia o universo naquele momento e o estado das disciplinas que pretendiam dar conta do mundo habitado – o *orbis terrarum* ou *oikoumené*. Ainda mais complicado, tanto do ponto de vista teórico como prático, era o mapeamento das regiões pouco conhecidas que foram sendo alcançadas pelos ibéricos durante os séculos XV e XVI, um dos problemas centrais dessa tese.

A segunda parte do capítulo aborda o pano de fundo da imagem do atlas de Langenes. O novo continente, nomeado de América, foi se descortinando perante os olhos europeus durante todo século XVI. Muitas obras buscaram descrever e mapear esse novo mundo. Como veremos, um dos pontos de partida mais utilizados para conhecer as novas terras, descrevê-las e iniciar o processo de mapeamento foram os rios. Percorrendo brevemente o caminho desde os rios do Éden até a descoberta do Rio da Prata, espero demonstrar que os cursos fluviais foram centrais nas teorias e explicações do mundo, desde sua gênese, e estiveram sempre ligados a diferentes mitologias. Por fim, a análise de algumas obras de descrição da América do período nos mostra quais elementos foram selecionados para definir esse espaço – particularmente, a região platina – e qual sua relação com a cartografia do período.

1.1 – ALARGANDO O GLOBO TERRESTRE: COSMOGRAFIA E MAPEAMENTO DO MUNDO

Os historiadores da ciência costumam atribuir aos homens do início do período moderno a vanguarda dos métodos empíricos de se obter conhecimento, ou, os primeiros passos da ciência moderna. Não parece haver dúvidas a esse respeito. Ao mesmo tempo, entretanto, é sempre desafiador, do ponto de vista histórico, olhar ao passado em busca de *origens* para fenômenos do presente. Mesmo que as explicações sejam válidas, corremos o risco de desprezar todos os outros processos, gestados na mesma sociedade, que pelos mais variados motivos não tiveram continuidade, mas certamente influenciaram o desenvolvimento do fenômeno estudado. Seguimos apenas a linha que chega até nós. As que ficaram pelo caminho se tornam, aos poucos, invisíveis. Para entender as formas de descrição e mapeamento da América nos séculos XVI e XVII, é necessário entender o pensamento geográfico e as práticas cartográficas do Renascimento europeu. Em um momento de profundas transformações – um Novo Mundo foi encontrado! – a produção do conhecimento não prescindiu de várias correntes de pensamentos tradicionais.

É necessária também uma explicação para o uso do termo *ciência*. A palavra existia e era de uso comum no século XVI, a ponto de aparecer no *Tesoro de la Lengua Castellana,* primeiro dicionário espanhol. Segundo o *Tesoro*, ciência "es el conocimiento cierto de alguna cosa por su causa". Outras definições são "Saber com certeza", ou ainda "Saber de certa ciência, manera de hablar para certificar uno lo que sabe".[61] O termo estava, portanto, ligado a duas concepções: uma, a legitimação de um saber; outra, saber através de suas causas. A busca pelas causas não era novidade no século XVI. Entretanto, a sistematização de métodos empíricos para buscar o conhecimento sim. De qualquer forma – e acompanho aqui as afirmações de Maria Portuondo – utilizamos a palavra com a consciência de seu anacronismo, não a entendendo como atualmente, mas como uma maneira conveniente de se referir às formas bastante distintas de produzir conhecimento sobre o mundo natural no período. Essas formas incluem filosofia natural, experimentalismo, cosmografia, matemática.[62]

Muitas dessas formas de se produzir conhecimento foram institucionalizadas na sociedade ibérica do período. Luis Felipe Barreto, ao analisar a *ordem do saber* naquela sociedade através da cultura discursiva, afirma que

> o nuclear da cultura discursiva dos Descobrimentos é um composto de formas científico-filosóficas e técnicas, um campo de pensamento/linguagem verdadeiro objectivo com diferentes programas de conhecimento, mais tendencialmente práticos que teóricos, que colocam problemas e buscam soluções nas áreas da náutica, da cartografia, da construção naval, da matéria médica e da antropologia/geografia colônial[63]

Enquanto o núcleo é composto desses campos do saber, o periférico é resultante de outras áreas "doutrinárias literário-ideológicas e de artes plásticas", que formam um quadro de linguagem e pensamento "acentuadamente valorativos-subjectivos e, por isso, vocacionados para o reconhecimento normativo do fenômeno da expansão colonial". A periferia, zona de fronteira e de tensão, "tem um grau de sistematização bem mais baixo que o nuclear" e se

---

[61] **Tesoro de la Lengua Castellana o Espanola,** compuesto por el licenciado don Sebastian de Cobarrubias Orozco, capellan de su Magestad, Mastrescuela y Canonigo de la Santa Iglesia de Cuenca, y Consultor dei Santo Oficio de la Inquisicion. Com privilegio en Madrid por Melchor Sanchez, 1611, p.189.

[62] PORTUONDO, María M. **Secret Science**: Spanish cosmography and the new world. Chicago: University of Chicago Press, 2009, p.02.

[63] BARRETO, Luis Filipe. **Os descobrimentos e a Ordem do Saber. Uma Análise Sociocultural**. Lisboa: Gravida, 1989, p.28.

encontra disseminadas em enunciados e textos bastante diferentes, como teatro, poesia, tratados políticos, morais etc.[64]

Maria Portuondo, analisando a institucionalização do saber científico ibérico, considera que a cosmografia, enquanto um conjunto de teorias, linguagens e práticas, encontrou um lar institucional nas universidades espanholas, onde ganhou status de disciplina e adotou um *corpus* de obras clássicas como base teórica.[65] Creio que as mudanças na disciplina da cosmografia – tanto do ponto de vista epistêmico, como institucional – pode nos ajudar a entender as transformações das outras disciplinas que possibilitaram o mapeamento do mundo por espanhóis e portugueses.

1.1.1– Racionalização do espaço, quantificação da realidade

Qualquer tipo de avanço nos métodos de se obter conhecimento de forma empírica passou, necessariamente, pela melhoria da precisão dos instrumentos. Uniformizar medidas para tornar cálculos possíveis foi um imperativo da ciência geográfica e cosmográfica europeia, mas a precisão não era simples de se obter. Basta imaginar, por exemplo, a contagem do tempo. Hoje esse tarefa não causa nenhum problema. Mas, como construir uma ampulheta para medição do tempo, sem uma outra referência da quantidade de areia necessária, ou do tamanho da abertura, para determinada quantidade de tempo? Durante os séculos XIV, XV e XVI, a Europa ocidental apresentou um intenso esforço na *quantificação* da realidade. Essa foi a chave para o desenvolvimento da ciência nesse período e do grande avanço em comparação às sociedades orientais, que alguns séculos antes viam os ocidentais como estúpidos, rudes e empobrecidos.[66] No fim do período medieval, a mensuração do mundo foi substituindo o abstrato, qualitativo e simbólico, pelo palpável, quantitativo e racional. Pela primeira vez foi possível medir a quantidade de tempo, a temperatura, o espaço.

---

[64] BARRETO, Luis Filipe. **Os descobrimentos e a Ordem do Saber,** *op.cit.*, p.28. As obras de descrição geográfica que serão analisadas nesse capítulo podem ser inseridas nessa lógica. Segundo Barreto, os "elementos doutrinário-ideológicos circulam, directa ou indirectamente, nos universos textuais do Renascimento e a sua presença/influência é sempre uma condicionante decisiva para a valoração. O campo periférico é o lugar de mais estreita articulação entre as hegemonias humanista/escolástica e a cultura crítico-experiencial dos Descobrimentos, fornecendo o essencial dos quadros teórico-operatórios que fundam a ordem descritiva e informativa da antropologia colonial", *op.cit.*, p.46.

[65] PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit.*, p.03.

[66] CROSBY, Alfred W. **A mensuração da realidade**. São Paulo: Unesp, 1999, p.17.

A medição precisa também chegou à música, à contabilidade, à pintura. Se os primeiros relógios mecânicos apareceram na China no século X, a novidade ocidental era a medição de horas iguais, independente da estação ou da posição do lugar. O processo, obviamente, não foi simples. Quase um milênio se passou desde os primeiros relógios chineses, das torres e maquinarias da Europa no século XIV, até a sincronização dos mecanismos e do ponteiro dos minutos, no século XIX.[67] O tempo se tornou, portanto, algo palpável, homogêneo, passível de ser dividido em partes iguais e medido. O mesmo processo se deu com o espaço.

Desde a antiguidade, várias foram as teorias e ideias sobre a configuração, formato e natureza do ecúmeno. O período medieval foi marcado por várias formas de conciliar, por vezes de forma impressionante, o conhecimento clássico sobre a terra e as sagradas escrituras. Duas dessas sínteses tiveram maior circulação entre os sábios medievais. A síntese bíblico-cratesiana estava calcada nas ideias de Crates de Malo (séc. II a.c.), desenvolvidas também por Macróbio (século V). Segundo a teoria, sobre uma esfera, coberta em sua maior parte por água, haviam quatro porções de terra seca, ou quatro ilhas diametralmente opostas. A extensão da porção de água, o Oceano, era grande o suficiente para não permitir a circulação entre elas. No período medieval, muitos clérigos, inclusive João de Sacrobosco, definiram apenas uma das ilhas como lar da raça humana, em conformidade com a unicidade da humanidade oriunda de Adão. É importante frisar que a ideia de uma terra esférica vem desde a antiguidade e nunca foi um problema entender que, do ponto de vista do observador, o pequeno ecúmeno cristão, colocada na imensa superfície da esfera, pareceria plano.[68]

Outra forma bastante difundida de conceber o mundo derivava das teorias aristotélicas sobre as esferas. A partir das reflexões do filósofo grego, acreditava-se que o cosmo era formado por quatro esferas, cada uma composta por um dos elementos, ordenadas segundo sua importância. A terra situava-se no centro de todas as coisas. Ao redor dela, apresentava-se a esfera da água, cobrindo grande parte da primeira. Depois, a esfera de ar e, por fim, a esfera do fogo. A tradição cristã entendia que as terras secas se formaram segundo o livro de Gênesis, quando Deus, no terceiro dia da criação, reuniu as águas e fez aparecer uma parte

---

[67] Alfred Crosby analisa a quantificação do tempo e a construção dos primeiros relógios e ampulhetas, no trabalho já citado. (CROSBY, Alfred W. **A mensuração da realidade,** *op.cit,* notadamente pp.81-99). Para uma análise do tempo medido pelo relógio e seu impacto na vida dos trabalhadores ingleses do séc. XIX, ver o belo texto de Edward Thompson, *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial* (In.: _____. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Editora Schwarcz. 1998)

[68] RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre**. Uma mutação epistemológica rápida (1480-1520). Campinas: Papirus, 1994, p.13.

seca, a qual chamou Terra. Sacrobosco foi um dos raros homens do período que atribuiu esse fenômeno a causas naturais – aristotélicas – e não bíblicas, explicando-o a partir da densidade dos elementos e dos diferentes centros de gravidade das esferas.[69]

A partir dessas duas sínteses, não necessariamente excludentes entre si, outras teorias foram desenvolvidas, desde a Antiguidade, sobre a disposição das terras e homens no mundo. Atribuída a Parmênides (séc. V), a teoria das cinco zonas foi uma das mais duradouras. Segundo ele, a esfera do mundo poderia ser dividida, horizontalmente, em cinco partes, a partir dos paralelos equinociais, os trópicos e os círculos polares atuais. As duas partes próximas aos polos, chamadas de Zona Frígida, seriam inabitadas por conta do intenso frio. A Zona Tórrida estaria de um lado e outro da linha do equador e era igualmente inabitada, por conta do inóspito calor. As únicas duas que poderiam ser habitadas eram as Zonas temperadas, da qual se conhecia a do norte, habitada desde a Antiguidade. A partir dessa teoria, outra controvérsia bastante popular no período era a existência ou não de habitantes na outra Zona Temperada, do hemisfério sul. Nesse momento, as quatro ilhas cratesianas se tornaram duas grandes porção de terra, ainda opostas. Os *antípodas*, como eram chamados os possíveis habitantes, levantaram muitas polêmicas sobre a possibilidade de se viver *do outro lado* do mundo conhecido.[70]

Derivado dessas ideias, a representação do ecúmeno medieval tomou algumas formas, que hoje podem ser consideradas antecedentes da cartografia moderna. A primeira delas são os mapas chamados mapas T/O. Trata-se da representação das três partes conhecidas do mundo – Europa, Ásia e parte norte da África, dispostas de maneira circular. A Ásia ocupa a metade superior da esfera, separada da África pelo rio Nilo e da Europa pelo rio Tanais, ou Don. Na metade inferior, a divisão entre Europa e África é feita pelo Mediterrâneo. Ao redor de toda esfera, o mar Oceano faz os limites. A disposição dos elementos gráficos coloca Jerusalém no centro do mapa, dotando a representação de funções simbólicas e pedagógicas.[71]

Se o simbolismo é apenas implícito nessa forma de representar a terra, ele se torna totalmente explícito nos *mappaemundi* do período. Esses grandes e raros mapas derivados do esquema T/O, eram repletos de imagens e simbolismos, misturando concepções clássicas e religiosas. Sua função ia muito além de demonstrar o mundo conhecido graficamente

---

[69] RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre,** *op.cit.*, p.14.

[70] RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre,** *op.cit.*, p.15-17.

[71] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI. Descripión, reconocimiento e invención.** Santiago: Direccion de Bibliotecas Archivos y Museos, 2014, p.33.

desenhado. Refletiam ideias comuns à época, mitologias cristãs e pagãs. Se um dia foram considerados como exemplo da imprecisão geográfica da mente medieval, "são agora compreendidos como a cartografia de cartógrafos eclesiásticos mais interessados em orientar a alma para o céu do que dirigir o corpo através do mundo físico".[72]

George Kimble acredita que a maioria desses mapas foi elaborada para ser vista como obras de arte e não mostrar o alcance do conhecimento da época.[73] Ao mesmo tempo em que adornavam paredes de palácios e catedrais, ou ilustravam manuscritos, esse tipo de mapa afirmava os fundamentos da Europa cristã, mostrando suas vinculações não só com a cidade sagrada de Jerusalém, mas também com o passado urbano do Império Romano. [74]

Mesmo de orientação profundamente religiosa – além de Jerusalém no centro do mapa, algumas passagens bíblicas eram desenhadas, bem como as partes do corpo de Cristo crucificado em cada uma das direções ou a localização do Jardim do Éden – os mapas guardavam muitos elementos clássicos. Apresentavam, mesmo que de forma aproximada, as teorias dos antigos gregos, como Homero e Anaximandro, traçando a forma da terra como um disco plano, sem projeções, cercado por todos os lados pelo rio oceano. Utilizavam as criaturas da mitologia grega e romana, popularizadas por Hesíodo, Plínio e outros, como os *Monoculi* e os *Cynocephalae*. Até mesmo Santo Agostinho acreditava nas monstruosidades humanas e era grande a popularidade das *Mirablia* e dos *Bestiaries*. Por fim, a influência clássica aparece também na toponímia apresentada nos mapas medievais, que mostravam lugares famosos do mundo antigo, como Tróia e Cartago, rivalizando em importância com Roma e Jerusalém.[75]

Outra forma de representação do espaço medieval eram os *itinerários*. Baseados nas representações gráficas das rotas romanas, os itinerários se adaptaram às peregrinações religiosas, com indicação das etapas do caminho, mostrando as distâncias entre os pontos de

---

[72] PADRON, Ricardo. **The spacious word**: cartography, literature, and empire in early modern Spain. Chicago: University of Chicago Press, 2004, p.32. No original: "they are now better understood as the cartography of ecclesiastical mapmakers more interested in orienting the soul toward heaven than in directing the body through the physical world".

[73] KIMBLE, G.H.T. **A geografia na Idade Média.** Londrina: EdUEL, 2013, p.218.

[74] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.33; PADRON, Ricardo. **The spacious word**: cartography, literature, and empire in early modern Spain. Chicago: University of Chicago Press, 2004; PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, pp.33-34.

[75] KIMBLE, G.H.T. **A geografia na Idade Média,** *op.cit,* pp.228-229.

referência que o peregrino encontraria em seu caminho, como cidades, rios e montanhas.[76] Dessa forma, se concentravam nos locais santos. Muito da iconografia e toponímia dessas representações se alimentava também dos livros de viagens. A publicação das viagens de Marco Polo e de Sir Mandeville foram precursores nesse sentido, trazendo uma série de criaturas e lugares maravilhosos ao imaginário ocidental. Apesar de ser mais conhecido, o Livro das Maravilhas de Marco Polo teve apenas cinco edições antes de 1500. A obra do cavaleiro fictício Mandeville, entretanto, teve trinta e cinco.[77]

Mais uma vez é necessário reforçar que os pressupostos epistêmicos do conhecimento àquela altura não excluiam teorias diferentes. O ecúmeno plano e único, cristão, estava sempre em conflito – e precisando ser conciliado – com a terra esférica dos astrônomos e os *antípodas*. As tentativas de conciliação, as incertezas e, em última instância, a impossibilidade de comprovação fizeram com que, mesmo às vésperas das grandes navegações de Vasco da Gama e Colombo, nenhuma das representações levasse vantagem. Mesmo porque todas elas tendiam a preservar o paradigma medieval do ecúmeno plano colocado na superfície de uma esfera cosmográfica. [78]

Como veremos, a prática de conciliação de fatos e teorias nem sempre consonantes tendeu a aumentar com o início dos descobrimentos. A harmonização entre diferentes concepções clássicas e bíblicas com as informações dos descobrimentos, levou os sábios à árdua tarefa de "colocar vinho novo em garrafas antigas – uma ocupação que oferecia mais e mais dificuldade à medida em que as explorações ampliavam o mundo conhecido"[79]. Quando os resultados da experiência não combinavam com as ideias, muitas vezes eram ou distorcidos, ou negligenciados, até a impossibilidade de sustentação dos paradigmas medievais. [80] Isso não significa, entretanto, o abandono completo de muitas dessas ideias, que seguiram sendo defendidas período moderno adentro.

A partir do século XIV, a cartografia medieval teve um enorme desenvolvimento no âmbito náutico, com os mapas denominados *portulanos*. Tratavam-se, de fato, de cartas utilizadas como instrumento de navegação que identificavam as rotas marítimas do comércio.

---

[76] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.33.

[77] RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre,** *op.cit.*, p.24.

[78] RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre,** *op.cit.*, p.35.

[79] KIMBLE, G.H.T. **A geografia na Idade Média,** *op.cit,* p.239.

[80] KIMBLE, G.H.T. **A geografia na Idade Média,** *op.cit,* pp.239-241.

A partir das rosas dos ventos desenhadas em vários locais da carta, partiam linhas de rumo com a marcação das distâncias entre os principais portos. Nas cartas se representavam as costas, portos e baías, com todos os topônimos marcados perpendicularmente no litoral. [81] Para ir de um porto a outro, era necessário selecionar uma das linhas, calcular seu azimute e navegar em linha reta até alguma possível mudança de rumo.[82]

O primeiro portulano que chegou até nós data dos últimos anos do século XIII.[83] Na metade do século seguinte a coroa de Aragão publicou uma lei a partir da qual "todo capitão de navio devia carregar a bordo duas cópias das *cartas de marear* assim como dois lemes e dois timões".[84] Durante o Renascimento, os portulanos expandiram o *oikoumene* clássico incorporando várias outras partes do mundo então conhecido. Mesmo assim, Giovani Tordelli, escrevendo sobre as novidades de seu cotidiano em 1450, admitiu que a carta portulano não impressionava tanto como a bússola, o órgão de tubos ou o relógio, por exemplo, porque foi obra de longos esforços e de uma diligência criteriosa e não um desafio divino.[85] Mais uma vez, primeiro aparece a mensuração das coisas abstratas. Depois, a instrumentalização de seu uso. Os portulanos foram muito úteis para mapear os espaços curtos, utilizados nas viagens de curta duração dentro do mediterrâneo ou na navegação costeira do atlântico, quando a maior parte da viagem era feita sem que se perdesse o litoral de vista. Os problemas de distorção da superfície do globo terrestre planificada na representação e as linhas retas que representavam o curso dos navios ainda não estavam postos naquele momento.

Alguns anos antes do início das navegações portuguesas uma obra em especial gerou profundas transformações na forma de conceber o mundo, preparando terreno para as mudanças que seguiriam. Em 1406, o florentino Jacopo d'Angelo finalizou a primeira

---

[81] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.33.

[82] KIMBLE, G.H.T. **A geografia na Idade Média,** *op.cit,* p.235.

[83] CROSBY, Alfred W. **A mensuração da realidade,** *op.cit*, p.101. Crosby frisa que trata-se da mesma década da construção dos primeiros relógios urbanos europeus, mostrando a intensa efervescência tecnológica do período.

[84] *Ordenanzas de las armadas navales de la Corona de Aragon, aprobadas por el rey D. Pedro IV, año de 1354, Appendix n.I, p.2.*, citado por KIMBLE, G.H.T. **A geografia na Idade Média,** *op.cit,* p.233.

[85] Citado por CROSBY, Alfred W. **A mensuração da realidade,** *op.cit*, p.101

tradução para o latim da *Geografia*, de Ptolomeu, escrita no segundo século da era cristã.[86] A obra parece ter se difundido rapidamente entre os eruditos, visto a presença de exemplares em quase todas as bibliotecas da Europa do século XV.[87] Antes do fim daquele século, já haviam sido publicadas seis edições.[88] O livro de Ptolomeu trouxe uma visão sistemática do mundo habitado e, principalmente, uma metodologia para reproduzir o mundo em um plano cartográfico.[89] A novidade da metodologia era a matematização. Sobre uma rede de coordenadas, dispostas a partir de linhas horizontais e verticais, qualquer ponto do orbe terrestre poderia ser localizado. Cidades, mares, portos, continentes, todos poderiam ser dispostos espacialmente no plano. O empirismo ptolomaico não faz alusão à mitologias clássicas ou tradições bíblicas na representação do ecúmeno. A maior transformação da cartografia ptolomaica, entretanto, não foi apenas a possibilidade de se localizar os locais conhecidos num plano com bastante precisão através do sistema de coordenadas, método utilizado até hoje. Nas entrelinhas dessa metodologia está a transformação do espaço medieval, simbólico, no espaço matematizado. Se em todas as representações cartográficas anteriormente discutidas o mundo conhecido e habitado é sempre identificado como *todo* o mundo – com exceção notável e polêmica dos *antípodas* – a partir da obra de Ptolomeu o espaço *vazio* passou a ser imaginado como real e passível de ser preenchido[90]. A rede de coordenadas, ao mesmo tempo que localizava o espaço conhecido, fez surgir o espaço vazio, que na cartografia medieval não existia.

Nas décadas que seguiram à tradução e publicação da obra, quando as grandes navegações começaram a desbravar novas latitudes e longitudes, os dados adquiridos nas viagens puderam ser localizados na representação plana. A *Geografia* de Ptolomeu ampliou o espaço no mundo e, de alguma forma, possibilitou que as novas terras alcançadas pudessem ser concebidas e representadas na cartografia, modificando sucessivamente a imagem do

---

[86] VOGEL, Klaus A. Cosmography. in: Roy Porter; Katharine Park; Lorraine Daston (eds.), **The Cambridge History of Science,** III, Early Modern Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p.472 e seguintes.

[87] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.29.

[88] A primeira edição foi publicada em Veneza em 1475, sem os mapas. Depois, em 1477, com mapas. Mais duas em Roma, um em Florença e outra em Ulm. RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre,** *op.cit.*, p.27.

[89] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.29.

[90] PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, pp.33 e 34; PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit,* pp.20 e seguintes.

mundo. Processo que aumentou vertiginosamente durante o século XV, atingindo seu ápice com a viagem de Colombo à América. A experiência dos navegadores e a avalanche de novas descobertas durante o século fez com que "a história da cartografia ocidental [fosse] a história de uma prática assistemática que saltava à frente da teoria, enquanto a teoria tentava alcançá-la".[91]

Nenhum mapa feito por Ptolomeu foi preservado. Todos os mapas que ilustram as edições de sua obra são modernos, elaborados a partir de sua metodologia. Do ponto de vista de representação cosmográfica, Ptolomeu foi um grau intermediário entre o mapa medieval, com o ecúmeno plano, sem projeções, e o globo terrestre concebido no final do quatrocentos. O ecúmeno ptolomaico era envolto numa esfera, em perspectiva, que ainda ocupava um quarto da superfície da esfera. O ponto de referência para a localização das lugares deixa de ser Jerusalém, religioso e simbólico, para ser Siena, racional e empírico, onde o sol clareia o fundo do poço no solstício de verão.[92]

É também na obra de Ptolomeu que o termo *geografia*, conforme o entendemos hoje, reaparece na Europa. Segundo o autor,

> Geografia es una représentation gráfica del conjunto del mundo conocido, con los fenómenos allí contenidos. Difiere de la corografia en que la corografia selecciona algunos lugares dei todo, y aborda con más profundidad cada una de sus particularidades, incluso tratando los lugares más pequenos imaginables, como puertos, granjas, villorrios, cursos fluviales y otros semejantes[93]

A mesma definição, quase sem alterações, foi utilizada na maior parte dos tratados que abordam a natureza no século XVI. A relação entre a *geografia* e a *corografia* aparece também na *Cosmographia* de Apiano, publicada em 1548, incluindo uma ilustração para ajudar o leitor. Na geografia, o globo terrestre é análogo ao rosto de um homem, enquanto na corografia, a representação de uma cidade ou porto é a orelha ou os olhos, são as partes menores que fazem parte do todo. Duas décadas antes, o humanista vienense Joachin Vadianus definiu, em sua obra *Geographian Cathechis* (1522) o ofício do geógrafo, que

---

[91] CROSBY, Alfred W. **A mensuração da realidade,** *op.cit,* p.102. Ainda segundo o autor, "A história paralela da astronomia (na época, frequentemente astrologia) é a de uma teoria – no caso, mais verbal do que matemática – que era volátil como fumaça, e de uma prática – no caso, a observação e o cálculo exatos – que tentava alcança-la".

[92] RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre,** *op.cit.*, p.28.

[93] Citado por VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.28.

seriam os que "se dedican a describir las diferentes partes del globo". Além disso, o geógrafo "a la enumeracion de los lugares, agrega su historia, informa del origem de las ciudades y naciones, explica os nombres y describe las curiosidades de la natureza".[94] A geografia é descrição – e a descrição engloba também a história e as curiosidades de cada lugar. Como veremos, isso fica bastante claro nas obras e na cartografia do primeiro século de exploração da região platina. A descrição, nesse momento alude tanto a relatos como a mapas.[95] Bastante similar às definições veiculadas nas obras quinhentistas é o significado de geografia que aparece nas *Ordenanzas para la formacion del libro de las descripciones de Indias*, promulgadas pela Coroa espanhola em 1573. Os itens 75 e seguintes tratam da "Geografia. De las descripciones generales, regionales y locales y normativas para realizarlas. El Libro Pádron general de la tierra". O primeiro item versa sobre a "Geografia, que trata da la descripción de toda la tierra de las Indias y de la Corografia, que trata de cada región y província, y de la Topografía, que trata de la descripción de cada lugar particular".[96]

Se o termo reaparece e aos poucos é incluído no vocabulário corrente – sem intensidade suficiente para aparecer no *Tesoro de la língua castellana o española*, primeiro dicionário geral da língua castelhana, publicado em 1611 –, a geografia enquanto campo do conhecimento também passa por um processo de consolidação. Na introdução da primeira edição grega da *Geografia*, publicada em 1533 na Basiléia, Erasmus de Rotterdam afirmou que "dificilmente qualquer outra disciplina matemática é mais necessária ou atrativa".[97] O desenvolvimento da geografia como saber específico tem estreitas relações com o desenvolvimento do Estado moderno, com a expansão ultramarina e a difusão de livros impressos, processos que ocorreram concomitantemente na Europa ocidental.[98] Ainda distante do processo de secularização que acontece gradativamente a partir do século XVIII, a

---

[94] Citado por VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.29.

[95] Segundo Alejandra Vega, a mobilidade do léxico, naquele momento, abarcava as palavras *mapa* e *mapa-mundi* para referir-se a uma detalhada narração do território. Citado por VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.30.

[96] **Cuestionarios para la descripción de las Indias**. Editado por Francisco de Solano. Madrid: CSIC, Centro de Estudios Históricos, 1988, p.38. No item seguinte, 76, a normativa aponta que "para hacerse la descripcion universal y particular de la tierra certa y precisamente, es menester que se haga por los que tuvieren noticia de ella por vista de ojos".

[97] No original: "hardly any other of the mathematical disciplines is more attractive or more necessary". VOGEL, Klaus A. Cosmography, *op.cit.*, p.469.

[98] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.32.

geografia nos séculos XV e XVI guarda muitas continuidades da tradição medieval, em que a certeza de um desígnio divino no mundo antecipa a descrição que se podia fazer dele, tornando a descrição da natureza uma prova da existência do criador.[99]

A emergência da disciplina da geografia provocou uma reorganização de outro campo do conhecimento, a cosmografia. O termo se referia, genericamente, ao "estudo de todo universo, incluindo as esferas centrais de quatro elementos (terra, água, ar e fogo) bem como as esferas periféricas dos astros e planetas". Os cosmógrafos medievais "discutiam a evidência da forma esférica dos elementos; as bordas do mundo habitável; a localização das zonas climáticas; as relações entre as esferas da terra e da água; e a existência de antípodas, pessoas que habitavam o lado oposto da terra".[100] A relação e a fronteira entre a cosmografia e a geografia não estavam claras no período. Com frequência os dois termos eram usados indiscriminadamente, de modo que até o fim do século XVI o trabalho seminal de Ptolomeu foi chamado ora de *Geografia,* ora de *Cosmografia.* Foi Peter Apiano, na cosmografia já citada, que introduziu uma definição mais precisa para os termos. A diferença estava no objeto: a cosmografia se referia ao sistema de esferas e à projeção do céu estrelado na superfície da terra, delineando a terra com as coordenadas celestes; a geografia era responsável por descrever as esferas de água e terra, o *globo terráqueo*, com base em suas características principais, como montanhas, rios e mares; como vimos, a geografia utilizava a corografia – as vezes chamada de topografia – para descrições de locais específicos de forma mais detalhada, localizando cidades, vilas e portos.[101]

Ao longo dos séculos XV e XVI, portanto, a cosmografia compreendia três áreas de conhecimento e tradição: a representação cartográfica do ecúmeno; a descrição textual de lugares e regiões; e comentários de filosofia natural sobre as esferas cosmográficas. Aos poucos, os cosmógrafos passaramm a se concentrar mais na descrição do mundo habitável, no *oikoumene*, motivados, principalmente, pelas viagens de descoberta. O campo da cosmografia sofreu um "un estallido científico que envolvió una multiplicación de imágenes y una

---

[99] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.29.

[100] No original: "study of the entire universe, which included the central spheres of the four elements (earth, water, air and fire) as well as the peripheral sphere of the planets and stars (...). They discussed the evidence for the spherical form of the elements; the borders of the habitable world; the locations of climate zones; the relationship between the spheres of earth and water; and the existence of antipodes, people dwelling on the opposite side of the earth." VOGEL, Klaus A. Cosmography, *op.cit.*, p.470.

[101] VOGEL, Klaus A. Cosmography, *op.cit.*, p.470.

extensión del próprio campo".[102] A geografia, como parte desse campo, nasceu muito ligada à palavra *descrição*. Segundo Antônio Sanchez Martínez, as circunstâncias eram propícias e a "la geografía, y más concretamente la cartografía, se convirtió en el ojo y la luz de la historia", apoiadas nos processos de laicização, humanização, racionalização ou visão matemática do mundo e os êxitos artísticos do Renascimento.[103] Os cosmógrafos desse período, também chamados de geógrafos, são portanto,

> Representantes de uma ciência nova e emergente. A Cosmografia unificou conceitos filosóficos naturais de eruditos, a experiência de marinheiros e viajantes com o trabalho manual dos cartógrafos. Ela incluía um elemento prático intenso nas produções de mapas, globos e narrativas descritivas nas quais a beleza era tão importante quanto a sua utilidade prática. Ela aproveitou-se da teologia, história e estudos da literatura clássica tanto queanto da matemática, astronomia e navegação.[104]

Todas essas mudanças ocorreram de forma gradual e lenta, pese a intensidade das grandes navegações e os numerosos descobrimentos. Mesmo a navegação de Colombo à América, feito bastante notável do ponto de vista geográfico, não trouxe rupturas imediatas à imagem de mundo habitual e levou décadas para ser totalmente assimilada.[105] A maior parte das universidades ibéricas continuou repetindo um *corpus* teórico aristotélico, uma estrutura ordenada e sistemática do saber, no qual a filosofia, a teologia, as ciências e as artes

---

[102] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografía americana: la Casa de la Contratación de Sevilla, el Real y Supremo Consejo de Indias y la Academia de Matemáticas de Felipe II. **Revista de Índias.** Madri, vol. LXX, n.250, pp.715-748, 2010, p.741.

[103] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografía americana, *op.cit.*, p.741.

[104] No original: "representatives of a young, emerging science. Cosmography united the natural philosophical conceptions of learned scholars, the experience of seamen and travelers, and cartographic handwork. It included a strong practical element as well as the production of maps, globes, and descriptive narratives, in which beauty was valued as highly as practical utility. It profited from theology, history, and the study of classical literature as much as mathematics, astronomy, and navigation." VOGEL, Klaus A. Cosmography, *op.cit.*, p.470.

[105] O processo pode ser considerado bem mais longo, se lembrarmos que a confirmação de que a América era um continente independente só veio no século XVIII, com a navegação pelo Estreito de Bering. A discussão da assimilação da América pelos europeus é feita no conhecido trabalho de O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

formavam uma visão de mundo coerente, mesmo diante das diferenças apresentadas.[106] Ao mesmo tempo, entretanto, a insuficiência dos textos da antiguidade para uma visão adequada da *orbe* que se ampliava aos olhos europeus outorgou uma inédita e significativa primazia à experiência no mundo moderno ocidental. Não é por acaso que Martín Fernández de Enciso, geógrafo espanhol autor do primeiro livro de geografia sobre a América, a *Summa de Geografia*, afirmou, parafraseando outro navegador, português, Duarte Pacheco, que "la experiência de nuestros tempos que es madre de todas las cosas".[107] A experiência foi a marca das navegações. Segundo Maria Portuondo, "marinheiros que pilotavam navios nos anos iniciais da *Carrera de Índias* aprenderam sua função empiricamente, através da observação cuidadosa do mar e do céu, tendo apenas o compasso e as cartas portulanas como ferramentas tecnológicas".[108] As transformações causadas pelas navegações foram de ordem prática e epistemológica. Aos poucos o mundo conhecido e habitado, o *orbis terrarum* foi aumentando; a teoria das cinco zonas não pôde se manter depois que os portugueses atingiram e atravessaram a linha equinocial; junto com ela, os *antípodas* estavam mais perto do que se imaginava; a teoria das esferas de terra e água, separadas, aos poucos dá lugar à ideia de um globo terrestre, ou terráqueo, com as duas esferas juntas, já no final do século XVI, quando a explicação matemática rompe a tradição bíblica.[109] Junto a isso, a própria concepção de espaço na geografia mudava. Segundo Ricardo Padrón, a fabricação e o uso das cartas planas no alvorecer da idade moderna ainda estavam intimamente ligadas, como os seus antecessores portulanos, à ideia de viagem e a um senso de espaço dinâmico e linear, mesmo com os esforços dos cosmógrafos em impor aos pilotos a navegação astronômica e o mapa com a grade de coordenadas. Dessa forma, "as cartas planas ficaram suspensas, assim como Jano,

---

[106] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.27. Uma discussão da continuidade aristotélica nas instituições ibéricas pode ser lida em **MORSE**, Richard. *O espelho de próspero.* São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

[107] ENCISO, Martin Fernandez. **Suma de geographia, que trata de todas las partidas e provencias del mundo en especial de las indias e trata largamente del arte del marear juntamente con la espera en romãce: con el regimieto del sol e del norte: nuevamente hecha**. Sevilla, Jacobo Cronberger: 1519. A primeira edição da obra, utilizada aqui, não apresenta número de páginas. A menção a Duarte Pacheco foi feita por RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre**, *op.cit.*, p.53.

[108] No original: "sailors piloting ships during the initial years of the carrera de Indias learned their craft by experience, through carefully observation of the sea and sky and with only the compass and portolan charts as technological tools". PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit.,* p.41.

[109] RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre,** *op.cit.*, pp.68-69.

entre duas formas espaciais, sendo uma dominante e outra que se iniciava. Enquanto o gradeamento aponta para um futuro moderno, as linhas de rumo e as linhas da toponímia costeira remetem a um passado medieval".[110]

Toda essa agitação intelectual foi acompanhada de um esforço por parte das Coroas ibéricas de institucionalizar a cosmografia. A partir disso, os avanços na cartografia foram imperativo dos Impérios em expansão. Mas do que navegar, descobrir, tomar posse e retornar, era necessário voltar exatamente ao mesmo lugar nas viagens seguintes, para manter a posse e iniciar a ocupação. A cartografia do período, baseada nas cartas portulano medievais precisou, portanto, acompanhar as intensas mudanças científicas e geográficas daquele momento, enfrentando os obstáculos da elaboração de cartas de marear não mais restritas ao espaço conhecido do mediterrâneo, mas que pudessem ser úteis na navegação através do oceano Atlântico rumo ao novo continente.

1.1.2 – Mapeando o desconhecido: problemas e soluções da cartografia moderna

A elaboração de mapas da América do início da modernidade apresentava um duplo desafio: o primeiro dizia respeito ao mapeamento das grandes distâncias do oceano, ambiente pouco comum na cartografia precedente. À dificuldade de se obter medidas precisas a bordo de um navio flutuando na imensidão do mar, somava-se o problema da curvatura da terra e suas projeções. O segundo desafio era ainda mais instigante: como se mapear um território ainda desconhecido? Para resolver esses problemas e obter mapas para a navegação atlântica – e para as questões diplomáticas, como veremos – a principal fonte eram os informes dos pilotos que realizam as viagens rumo ao novo continente. Entretanto, a produção cartográfica estava concentrada, durante o século XVI, nas mãos dos cosmógrafos, imersos na tradição clássica recém redescoberta no período. Na tradição cartográfica já se haviam estabelecidos consensos sobre os elementos que não poderiam estar ausentes dos mapas. Rios, montanhas, o traçado do litoral e as ilhas, cidades, caminhos e nomenclatura estavam presentes nas cartas desde a Antiguidade. Segundo Alejandra Vega, essa "selección de elementos respondia a la comprensión de la tierra como morada del Hombre y a la racionalización de la naturaleza

---

[110] No original: "the plane charts hangs suspended, Janus-like, between the two different senses of space, one dominant and other just emerging. While its grid points toward a modern future, its rhumb lines and its rows of coastal toponymy recall a medieval past". PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, p.82. Jano era o deus romano das mudanças e transições, representado sempre com duas faces, uma vez que podia ver, ao mesmo tempo, o passado e o futuro.

como Cosmos, donde se oponían y equilibraban los cuatro elementos".[111] Com as navegações transatlânticas de fins do século XV e início do XVI, como vimos, a tradição e erudição se encontraram, de formas muitas vezes pouco conciliatórias, com a experiência dos navegadores.

Durante o século dos descobrimentos, a elaboração dos mapas do Novo Mundo teve um componente de conflito entre o conhecimento dos pilotos e a erudição dos cosmógrafos. Se para os homens do mar bastava saber o caminho até o destino – normalmente um rumo e uma distância, a *derrota*[112]- para os cosmógrafos essas informações eram insuficientes. A localização precisa dos locais numa representação plana do globo necessitava de cálculos de latitude e, muito mais complexo e trabalhoso, longitude.

Com intuito de resolver a questão, surgiu na península ibérica um gênero textual que ficaria bastante conhecido no período, os manuais de navegação. Parte tratados cosmográficos nos moldes renascentistas, parte um guia prático de navegação, os *manuales de navegación* procuraram "estabelecer a arte da navegação numa base teórica consistente com os princípios estabelecidos da filosofia natural" [113]

Os manuais tinham profundas raízes nos *roteiros* portugueses. O *Regimiento do Astrolabio e do Quadrante*, publicado em Lisboa em 1509 (com uma possível primeira edição

---

[111] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.32.

[112] Segundo Portuondo, "um portulano ou uma derrota é uma descrição verbal de um itinerário no mar. Ela dá direções de navegação entre dois pontos ao especificar a direção e distância a ser viajada; ela também fornece descrições de pontos de referência (normalmente na forma de desenhos da paisagem), correntes e marés. Portulanos usavam bússola para especificar a direção; porteriormente passaram a fiar-se em coordenadas de latitude e, na medida em que se tornavam disponíveis, de longitude. A palavra rutter é um lembrete linguístico ou uma migração ao norte da tecnologia de navegação durante o início da idade moderna. Ela é uma adulteração da língua inglesa da palavra francesa routier, a qual se originou da palavra portuguesa roteiro" (No original: "a rutter or derrota is a verbal description of na itinerary at sea. It gives sailing directions between two points by specifying the direction and distance to be traveled; it also provides descriptions of landmarks (often in the form of landscape drawings), currents, and tides. Rutters used compass bearings to specify direction; later they relied on latitude coordinates and, to the extent that they were available, longitude bearings. The word *rutter* is a linguistic reminder or the migration northward of navigation technology during the early modern era. It is an English corruption og the french *routier*, which in turn comes from the portuguese word *roteiro*.") PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.*,p.50, baseada em J.B. Hewson, **A history of the Practice of Navigation.** Glasgow: Brown, 1951.

[113] No original: "sought to establish the art of navigation on a theorical footing consistent with established principles of natural philosophy". PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.*, p.50.

de 1495) é o mais antigo que se tem notícia.[114] Os roteiros incluíam tábuas de declinação, para calcular a posição a partir da altura do sol, bem como instruções para o uso do astrolábio no navio. Portanto, sintetizavam os fundamentos da navegação astronômica, "em um estilo de exposição narrativa que tornou as técnicas acessíveis" aos pilotos.[115] Maurício Olarte acrescenta ainda que as obras não eram "simples manuales para gobernar naves en el mar; se podría decir, más bien, que se trata de "manuales" para el gobierno del mundo, ya que en éstos se describen los instrumentos básicos para llevar a buen término la expansion universal de la fe Cristiana y del império".[116]

O primeiro manual de navegação impresso na Espanha, 1519, foi a *Suma de Geographia* de Fernandez Enciso. A dedicatória do livro mostra os objetivos do manual. Enciso esperava que sua obra, mais que agradável de ler, fosse proveitosa a "vuestra alteza a quien mas pertence saber las províncias y cosas del universo", mas também "a sus pilotos y marineros a quien vuestra alteza encomienda los viajes quando embia a descobrir tierras nuevas".[117]

O problema que nos interessa aqui diz respeito às diferentes formas de conceber a *cartografia*, de acordo com os pilotos ou com os cosmógrafos. Para os pilotos, acostumados com as técnicas tradicionais de navegação, bastava marcar um rumo na bússola, navegar a distância indicada nas cartas e completar a viagem de um ponto a outro. Claro está que essas informações eram o essencial para a levar a cabo viagens de curta e média distância. Entretanto, problemas relacionados a tempestades, calmarias, baixios, imperícias, sobrecarga das naus ou problemas entre os capitães e a tripulação estavam além das cartas e não podiam ser evitados através delas. As linhas de rumo eram a principal característica dos *portulanos*, cartas que privilegiavam as regiões costeiras e as direções para se navegar. Quando os cosmógrafos utilizavam esses dados para construir globos e mapas, entretanto, a deformação

---

[114] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios**: reflexiones sobre ciência, tecnologia y religion en el mundo atlântico del siglo XVI. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2013, p.58.

[115] PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.*, p.51. As reflexões sobre os manuais de navegação aqui realizadas são baseadas nos trabalhos de PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit;* SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, e OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, especialmente o capítulo 3, "El piloto mayor: cosmografia y el arte de navegar".

[116] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.63.

[117] ENCISO, Martin Fernandez. **Suma de geographia**, que trata de todas las partidas e provencias del mundo en especial de las indias e trata largamente del arte del marear juntamente con la espera en romãce: con el regimieto del sol e del norte: nuevamente hecha. Sevilla, Jacobo Cronberger: 1519.

causada pela esfericidade da terra mostrava seu poder: se no mar os navios descreviam uma *linha reta*, isso era impossível na representação cartográfica dos globos. Os manuais foram uma tentativa dos cosmógrafos de que os pilotos adotassem os procedimentos necessários para obtenção de dados a partir da navegação astronômica. O contexto de sua gênese mostra uma tensão de forças entre os cosmógrafos e os pilotos, analisada profundamente por Alison Sandman.[118]

A complexidade de se construir mapas tinha três questões principais no século XVI: a projeção, a declinação magnética e o cálculo da longitude. Por trás de todos eles, o problema maior da falta de precisão e de uniformização dos instrumentos, para que a coleta de dados pudesse ser feita com rigor. Nenhum dos três era novo naquele momento, "mas décadas de discussão tinham falhado em produzir alguma solução aceitável para ambos, cosmógrafos e pilotos, isso é, um método que fosse, simultaneamente, matematicamente rigoroso e fácil de usar no mar".[119] Os problemas de projeção diziam respeito à esfericidade da terra desenhada no plano do papel. Como os pilotos não toleravam cartas que mudassem os rumos já conhecidos entre dois locais, as distâncias necessariamente eram distorcidas nos mapas. Já a declinação magnética, diferença entre o norte magnético e o norte real, exigia uma correção das bússolas através de cálculos. [120] Isso significava que as cartas preferidas dos pilotos eram tecnicamente imprecisas. Porém, enquanto os pilotos enfrentavam o problema através de declinações na bússola, os cosmógrafos buscavam discutir maneiras de melhorar a projeção. De qualquer forma, "todos concordavam, entretanto, que as cartas precisavam ser úteis aos pilotos mesmo que isso resultasse em pequenas imprecisões".[121]

A questão, todavia, não era simples de ser resolvida. Grande parte dos pilotos, apesar do prestígio que gozavam no meio, eram iletrados. Mesmo com o caráter bastante pedagógico de alguns manuais – como a *Arte de Navegar*, de Pedro de Medina (1545) e o *Breve*

---

[118] Ver, principalmente, SANDMAN, Alison. An Apologia for the Pilots' Charts: Politics, Projections and Pilots' Reports in Early Modern Spain. **Imago Mundi**, vol. 56, pp.7–22, 2004.

[119] No original: "but decades of discussion had failed to produce any solution acceptable to both cosmographers and pilots, that is, any method which was simultaneously mathematically rigorous and easy to use at sea". SANDMAN, Alison. An Apologia for the Pilots' Charts, *op. cit.*, p.8.

[120] A primeira obra impressa a discutir a questão da declinação magnética foi o *Tratado de la esfera y del arte de marear*, de Francisco Falero, português a serviço da Coroa espanhola através da *Casa de la Contratación* em Sevilla. PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.*, p.52.

[121] No original: ""all agreed, however, that charts needed to be useful to the pilots, even if this involved some compromises or minor inaccuracies". SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, p,1128.

compendio de la sphere y de la arte de navegar, de Martin Cortes (1551), dois dos mais lidos no século XVI – é difícil imaginar que os livros estivessem ao alcance dos pilotos.[122] E mais do que nunca o império precisava de pilotos instruídos na navegação astronômica. Se nas viagens pelo Mediterrâneo ou pela costa da África, ou ainda nas primeiras travessias do Atlântico os métodos tradicionais de navegação bastavam, para retornar exatamente aos mesmos lugares no Novo Mundo ou atravessar o Pacífico, a Coroa necessitava de pilotos experientes na navegação astronômica, mais precisa e eficiente, que tornasse possível viagens bem mais frequentes às várias possessões espalhadas pelo continente recém-descoberto.

No início do século XVII, André Garcia Céspedes, cosmógrafo português, tentou resolver o problema a partir de outra perspectiva. Não mais tentativas vãs de ensinar pilotos com novos métodos. A solução estaria no outro lado do debate: os cosmógrafos é que deveriam buscar interpretar os dados fornecidos em primeira mão pelos pilotos. Além disso, "como os relatórios dos pilotos continuaram sendo um recurso chave para a revisão das cartas, a compreensão das cartas utilizadas pelos pilotos era crucial não apenas para a navegação, mas também para a cartografia".[123] Céspedes mostra, em sua obra, que o ponto central eram as informações. Sem informações sobre a localização dos lugares, as especulações matemáticas eram sempre discutíveis. Os pilotos eram a melhor forma de conseguir as informações, mesmo que muitas vezes elas não fossem satisfatórias. Além disso, era muito dispendioso enviar cosmógrafos em expedições com intuito especial de obter informações mais precisas nas terras americanas.[124] A obra de André Céspedes, de 1606, era dividida em duas partes – *Regimiento de Navegación* e *Hydrografia.* Apresentava ainda algumas tentativas de resolver a questão da projeção. Os pilotos continuavam definindo suas rotas através de rumo e distância. Essas informações não podiam, matematicamente, serem colocadas em um mapa, uma vez que a distância entre os meridianos diminui quanto mais afastado da linha equatorial o observador se encontra. O autor inseriu na obra um mapa para explicar graficamente a questão.

---

[122] PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.*, p.61.

[123] No original: "since the pilots' reports remained a key source for all chart revision, their understanding of the charts they used was crucial not only for navigation, but also for cartography".SANDMAN, Alison. An Apologia for the Pilots' Charts, *op. cit.*, p.8.

[124] A despeito do custo desse tipo de empresa, a ideia foi colocada em prática algumas vezes pelas instituições espanholas. Por conta dos mais diversos contratempos, contudo, o sucesso esperado nunca foi obtido. Para mais detalhes ver PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit,* em especial capítulo 2, e SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*

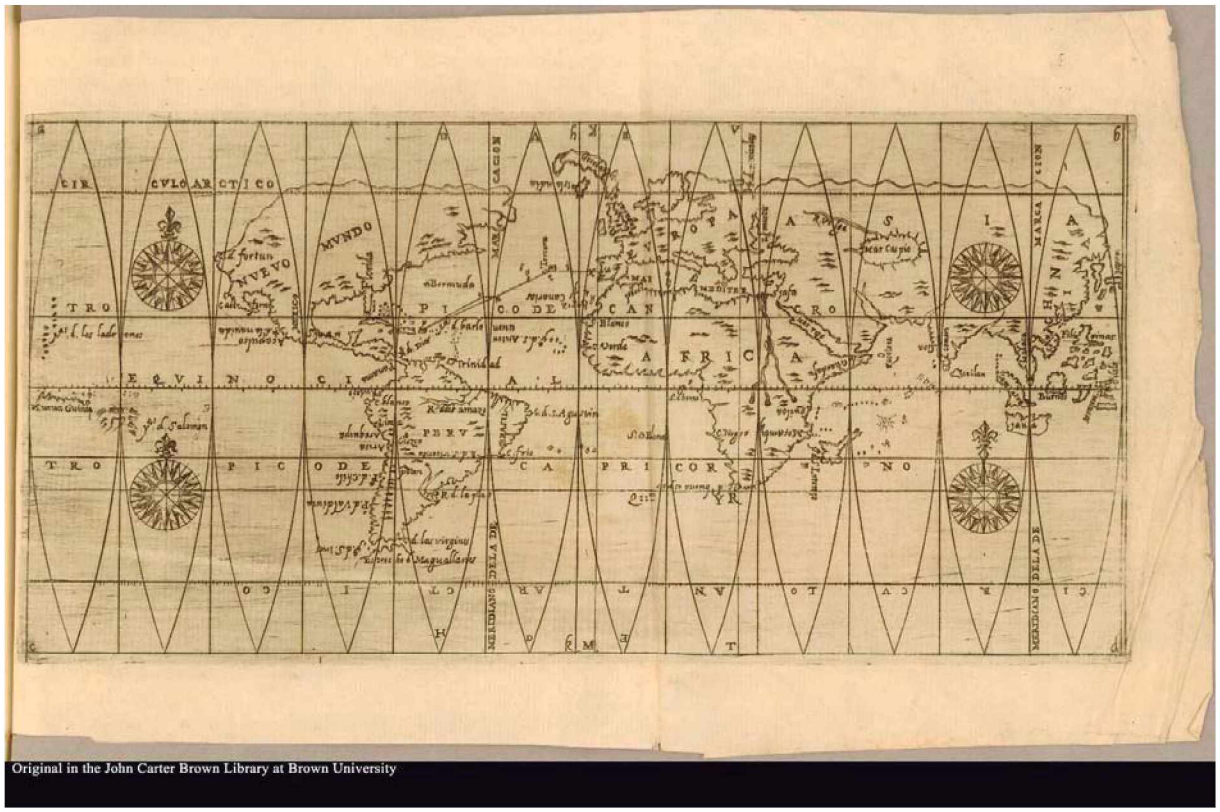


Figura 2 - Mapa de André Garcia de Céspedes, de 1606, mostrando os problemas que a representação da esfera terrestre no plano trazem para navegação. Acervo da John Carter Brown Library.

Nele é possível observar como seria a representação do globo terrestre no plano, sem as distorções provocadas pela esfericidade da Terra (Figura 2). Para se calcular a distância real de navegação – no mapa temos o exemplo de uma viagem entre os Açores e o Caribe – os espaços entre as franjas deveriam ser desconsiderados. Isso porquê, na realidade, esses espaços de fato não existem.

A medição de longitude sobre o globo terrestre foi um dos maiores desafios científicos da cosmografia do século XVI. O cálculo de quantas léguas havia em cada uma das 360 partes imaginárias nas quais foi dividido o globo terrestre pelos cosmógrafos desde a antiguidade esbarrava, antes de mais nada, na falta de uniformidade das medidas. Quanto media uma légua? Para Diego Garcia, "estas léguas las cuentan por diversas cantidades, digo que se há de entender de esta manera: cuatro granos de cebada, hacen un dedo; cuatro dedos, hacen un

palmo; cuatro palmos hacen un pie; cinco pies, hacen un paso geométrico; una légua 15000 pies".[125] Outro
cosmógrafo do período, Juan Escalante de Mendoza confirma as medidas dos dedos, palmos, pés e passos. Depois disso, afirma que mil passos geométricos formam uma milha e três milhas uma légua.[126] Esse problema era pequeno, entretanto, quando comparado ao cálculo de quantas
léguas havia em cada um dos 360 graus do globo. Isso porque essa medida estava diretamente ligada ao tamanho da circunferência da terra, desconhecida no período.

Alonso de Santa Cruz, um dos maiores cosmógrafos do século XVI, prolixo autor de numerosos tratados, manuais e mapas, escreveu o *Livro de Longitudes*, no qual apresentou doze métodos diferentes para medir longitudes, incluindo a observação de eclipses lunares. O método era conhecido desde a Antiguidade, e, na teoria era simples:

> Un observador en alguna parte del globo registra la hora local precisa en la que ocurre el eclipse y si lo compara con la hora local a la que se observa el mismo fenómeno desde otro lugar, encontrará una diferencia en horas y minutos. Dicha diferencia de tiempo se traduce fácilmente en grados de longitud sobre el globo, ya que una hora de tiempo equivale a quince grados sobre la superficie de la Tierra.127

Na prática, porém, o método necessitava de relógios mecânicos que funcionassem, com precisão de minutos nas viagens marítimas. Como vimos, o processo da produção de engrenagens que funcionassem sem erros consideráveis foi até o século XIX. Mesmo nos mapas de Santa Cruz, a longitude foi muito mais estimada do que calculada. Em seu mapa do mundo de 1542, por exemplo, enquanto a coordenada da latitude dos locais era extremamente precisa, mesmo para a medição atual, a distância longitudinal entre a Cidade do México e Gênova foi estimada em 217°30′, quase o dobro da distância real.[128]

---

[125] GARCIA DE PALACIO, Diego. **Intrucción Náutica, para el buen uso y regimento de las Naos, su traza y gobierno conforme a la altura de México;** livro II, cap. IX, "las reglas para saber cuantas léguas se andan por cada uma de las siete cuartas", pp.63-65, citado por OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.199.

[126] Citado por OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.199

[127] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.197.

[128] MUNDY, Barbara E. **The mapping of the New Spain.** Indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geograficas. Chicago and London: University of Chicago Press, 1996, p.15.

Ultrapassados todos esses obstáculos, os mapas deveriam ser, enfim, desenhados. Instruções pormenorizadas de como elaborar cartas podem ser encontradas em duas obras espanholas do período, a *Quatri Partitu en Cosmographia pratica y por otro nome llamado Espejo de Navegantes*, de Alonso de Chaves, publicada entre 1518 e 1538 e na *Intrucción Náutica, para el buen uso y regimento de las Naos, su traza y gobierno conforme a la altura de México,* de Diego García de Palacio, publicada em 1587. Para Alonso de Chaves, seguindo as orientações de Ptolomeu na *Geografia*, o primeiro passo seria a elaboração de uma grade de linhas paralelas e perpendiculares, as coordenadas astronômicas. Essas linhas dividiriam o globo em suas cinco regiões, zona tórrida, zonas temperada e zona frígida. A partir daí se passava à descrição da terra e à indicação do norte, normalmente no alto da página e marcado com a flor de lis.[129] García de Palacio toma o modelo das cartas portulano e começa definindo os rumos, traçando, na folha de papel, duas linhas perpendiculares, uma no sentido leste oeste, outra no sentido norte sul. No cruzamento das linhas se formarão ângulos retos. Esse ponto será o centro de um círculo que se deve dividir em 32 partes iguais, os ventos (rumos). A partir disso se deveriam indicar e localizar todas as costas, portos, ilhas, cabos, cidades, rios e baixios. Esses locais poderiam ser indicados através de padrões aprovados, com suas alturas verificadas, ou por meio de medições de altura feitas pelo próprio autor. O primeiro local a ser inserido no mapa deveria ser bem conhecido, notório ou familiar, como um rio que se tivesse certeza das coordenadas. Depois, deveria ser marcado outro ponto de referência próximo, e se desenhava a linha costeira entre os dois, com maior detalhamento possível e assim por diante. A tarefa posterior seria a de nomear todos os locais, rios, cabos, portos e o que mais se conhecesse naquela região. Vale destacar a importância dos diferentes tamanhos e tipos de letras, que estabeleciam uma hierarquia de importância dos locais nomeados.[130] Mauricio Olarte chama a atenção para o fato de que as instruções impulsionavam o uso de convenções, "de modo que la idea misma de enseñar a elaborar o a ler uma carta entrañaba el manejo de un linguaje común, es decir, la observación colectiva de códigos linguísticos idênticos".[131] As convenções astronômicas básicas dos mapas eram clássicas: as linhas fundamentais que cortavam a esfera terrestre eram a linha equatorial, os trópicos de Câncer e Capricórnio

---

[129] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.192.

[130] GARCIA DE PALACIO, Diego. **Intrucción Náutica, para el buen uso y regimento de las Naos, su traza y gobierno conforme a la altura de México;** livro III, cap. II, "de la carta de marear", p.72, citado por OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.192.

[131] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.194.

dividindo as zonas geográficas; o norte estava localizado na parte superior e o oriente à direita da carta.

Para Sandman, dois meios mais comuns de se fazer as cartas eram a cópia de um padrão ou a utilização de informes de viagem dos pilotos. A prática mais comum parece ter sido mesmo a cópia de padrões, do que o feitio de cartas a partir de relatos.[132] Martín Cortés, inclusive, deu instruções detalhadas de como fazer um mapa a partir de outro já existente, utilizando papel embebido em óleo de linhaça para traçar as linhas da costa de acordo com o original e depois utilizar papel enegrecido com fumaça para transferir à outro papel, já preparado com as linhas de rumo.[133]

O trabalho de desenhar a carta era apenas o início do processo da fabricação de um mapa. David Woodward sintetizou as funções da equipe envolvida na tarefa. Depois de concebido e rascunhado pelo cartógrafo (*cartographer, compiler, creator, inventore, delineatore, pittore*), a carta passava ao desenhista (*draftsperson, disegnatore*) responsável pela preparação dos desenhos que seriam utilizados diretamente pelo entalhador (*engraver, incisore, intagliatore*), responsável por gravar o mapa no material escolhido. O próximo passo era dado pelo impressor (*printer, stampatore*), que operava a prensa e criava a impressão a partir do material entalhado. Por fim, a carta passava ao editor (*Publisher, distributor, editore, distributore*), pessoa que vendia ou detinha os direitos da venda e distribuição das impressões.[134] A quantidade de pessoas envolvidas na fabricação do mapa multiplica os problemas de autoria e originalidade dos mapas que chegaram até os dias atuais, já que muitas vezes a informação sobre a equipe produtora é escassa.

1.2 – "MUY NOTABLE E SEÑALADA COSA EN LA COSMOGRAFIA": A BACIA PLATINA DOS MITOS ÀS PRIMEIRAS DESCRIÇÕES

---

[132] Alison Sandman chega a essa conclusão a partir de um comentário do astrónomo Simón de Tovar, de fins do século XVI. Falando sobre determinado cartógrafo, Tovar afirma que sua habilidade em fazer mapas de relatos era tão grande que pareciam mapas copiados do padrão. Além disso, "era um dos poucos cosmógrafos que sabiam como fazer isso". SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance. in.: **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007, p.1099.

[133] SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, p.1100.

[134] WOODWARD, David. Paolo Forlani: Compiler, Engraver, Printer, or Publisher? **Imago Mundi,** vol.44, pp.45-64, 1992, p.46.

Das características principais da elaboração de mapas nos séculos XVI e XVII, com base no conhecimento e nas concepções geográficas do período, podemos destacar duas delas nos mapas que dizem respeito ao continente americano. A quase totalidade dos mapas

Figura 3 – Detalhe do mapamundi do Atlas de Juan Rizco, alias Oliva, de 1580. Acervo da Biblioteca Nacional de Madri.

analisados pela pesquisa mostram, em evidência, os dois grandes rios do continente sul americano, o Amazonas e o Prata. Alguns deles, como o mapa de Juan Oliva, de 1580, mostram o contorno de um continente já bastante explorado e os únicos traços no interior são exatamente os rios citados (Figura 3). Como vimos, os rios eram imprescindíveis tanto para a localização da linha da costa como para as primeiras tentativas de mapeamento do interior do território. Ligado a isso, chegariam aos mapas do período moderno uma vasta e consolidada tradição de convenções e mitos ligados aos rios. A segunda característica marcante dos mapas americanos é a ligação deles com as obras de descrição do continente, publicadas durante todo o século XVI e responsáveis pela divulgação de uma ideia da geografia americana nos meios intelectuais europeus.

1.2.1 – Dos rios do Paraíso ao caminho para a serra de prata

A importância dos rios no imaginário europeu vem de longa data. Mais precisamente, desde a criação do mundo. No livro de Gênesis faz-se alusão aos rios do jardim do Éden, o paraíso:

> Saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. O nome do primeiro é Pisom; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom; ali há o bdélio, e a pedra sardônica. E o nome do segundo rio é Giom; este é o que rodeia toda a terra de Cuxe. E o nome do terceiro rio é Tigre; este é o que vai para o lado oriental da Assíria; e o quarto rio é o Eufrates (Gen, 2, 10-14)

O fenômeno das águas que surgem no meio do jardim abriu espaço para muitas teorias sobre o nascimento dos rios. No segundo dia da criação, Deus teria separado as águas das terras ("E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi. E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares" (Gen, 1, 9-10)). As águas, primeiramente separadas das terras, voltam a jorrar no Jardim do Eden, criando quatro grandes rios. Quando convergem, as duas imensidões antes antagônicas agora ocupam o mesmo espaço, um espaço fluido, uma "ambiguidade entre dois universos contraditórios".[135] Ao longo do tempo, duas ideias contraditórias foram associadas ao rios, notadamente na exploração do Novo Mundo: de um lado, o rio é limite, circunscreve. Não é difícil dar exemplos de mapas do período que tomam os rios como fronteira de determinada região.[136] De outro lado, o rio é um "fissura na paisagem"[137], ele é passagem, caminho por onde se pode chegar a territórios antes inalcançáveis. Toda a história do início da ocupação da região platina e do desejo de se chegar às serras repletas de metais preciosos, parte dessa premissa.

Ainda na Antiguidade, muitos autores se preocuparam em entender a dinâmica da água doce que corria sobre a terra. Um primeiro problema era admitir que a fonte do Paraíso era responsável pela totalidade do volume de água existente nos mais diferentes rios conhecidos. Depois disso, a continuidade: como o fluxo contínuo não inundava os oceanos?

---

[135] GOMES, Plínio Freire. O Amazonas e o Prata na mitogeografia da América. **Topoi,** Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, pp. 41-61, set. 2001, p.46.

[136] Trato aqui das fronteiras representadas na cartografia e não de *fronteiras naturais.* O mito do rio como fronteira natural é o argumento base da obra de Lucien Febvre sobre o Reno. FEBVRE, Lucien. **O reno. Histórias, mitos e realidades.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

[137] GOMES, Plínio Freire. O Amazonas e o Prata na mitogeografia da América, *op.cit.*, p.48.

Uma das explicações, dada por Platão, era a de que haviam reservatórios líquidos escondidos debaixo do solo, que alimentavam os rios. Aristóteles concebeu um ciclo mais complexo, envolvendo os quatro elementos. O calor evaporava as águas do oceano. O vapor penetrava nas cavidades da terra e ali se condensava, voltando à forma liquida. Era por isso que os grandes rios nasciam em zonas montanhosas. As montanhas, como grandes esponjas, absorviam o vapor e faziam escorrer o líquido, que naturalmente procurava os terrenos mais baixos, até voltar ao mar.[138]

Alguns séculos mais tarde, Plínio, O velho, retomou a ideia de Aristóteles sobre o nascimento dos rios nas montanha – e utilizou também elementos da reflexão de Platão, como as cavidades e reservatórios subterrâneos. Em sua *História Natural,* primeiro o escritor teoriza sobre a criação dos rios:

> a intenção do Artífice da natureza deve ter sido unificar a Terra e a água em um abraço mútuo, com a Terra abrindo seu seio e a água penetrando-a em seu todo, através de uma rede de veias que irradiam para dentro e para fora, para cima e para baixo, com a água surgindo do cume das montanhas, sendo direcionada e comprimida pelo peso da Terra, e jorrando como um jato d'água de um cano, estando tão afastada da possibilidade de cair que salta para as mais altas elevações[139]

Depois, ao descrever o Nilo, um dos grandes rios do mundo antigo, afirma que:

> As fontes das quais o rio Nilo se forma ainda não foram determinadas visto que seu trajeto atravessa desertos escaldantes por distâncias muito longas e só foi explorado por investigadores desarmados, sem terem sido travadas guerras que auxiliaram a descobrir todos os outros países; mas pelo que o rei Juba foi capaz de averiguar, o rio se origina em uma montanha da baixa Mauritânia, não muito distante do oceano, formando imediatamente um lago chamado Nilides (...) Além disso tem-se observado que o Nilo forma-se na medida em grandes quantidades de neve ou de chuva caem na Mauritânia. A partir desse lago o rio se nega a percorrer o deserto árido e areia, seguindo por uma distância de diversos dias de jornada escondido sob o solo, para

---

[138] Ver GOMES, Plínio Freire. O Amazonas e o Prata na mitogeografia da América, *op.cit.*, p.48.

[139] No original: the intention of the Artificer of nature must have been to unite Earth and water in a mutual embrace, Earth opening her bosom and water penetrating her entire frame by means of a network of veins radiating within and without, above and below, the water bursting out even at the tops of mountain ridges, to which it is driven and squeezed out by the weight of the Earth, and spurts out like a jet of water from a pipe, and is so far from being in danger of falling down that it leaps upward to all the loftiest elevations". PLINY. **Natural History.** Translated by M. Rackham. London; Cambridge: Harvard University Press, 2004, Livro II, cap.66, p.301.

> então irromper em outro lago no território das Masaesyles (...) Se escondendo novamente nas areias do deserto por outros 20 dias de jornada até chegar aos primeiros etíopes.[140]

A imagem do nascimento do Nilo nas montanhas na porção sul do continente africano, formando um lago logo em seguida, é bastante presente na cartografia renascentista, figurando em vários mapas do período. A representação das montanhas como redutos das fontes fluviais foi um recurso bastante utilizado também nos mapas sul americanos, conforme demonstrou Alejandra Vega.[141]

Os mistérios dos rios americanos povoaram de fantasias o imaginário dos navegantes desde o descobrimento do continente. Basta lembrar o relato do primeiro deles, Cristovão Colombo. Em sua terceira viagem, quando explorou a costa norte da América do Sul, chamada então de costa de Pária, o navegador se deparou com a foz do rio Orinoco. Pelas características do rio, Colombo afirmou que

> Grandes indicios son estos del paraíso terrenal, porquel sitio es conforme a la opinión de estos santos e sanos teólogos. Y asimismo las sinales son muy conformes, que yo jamás leí ni oí que tanta cantidad de agua dulce fuese asi adentro e vezina con la salada; y en ello ayuda asimismo la suavíssima temperancia. Y si de allí del Paraíso no sale, parece aún mayor maravilla, porque no creo que se sepa en el mundo de rio tan grande y tan fondo.[142]

Se Colombo chegava a colocar em dúvida, no final do trecho, a premissa de que aquele era um dos rios do paraíso (*y si de ali del Paraíso no sale*), o mesmo não vale para as maravilhas do continente americano (*parece aún mayor maravilla*). Antonio León Pinelo,

---

[140] No original: "The sources from which the Nilo rises have not been ascertained, proceeding as it does through scorching deserts for an enormously long distance and only having been explored by unarmed investigators, without the wars that have discovered all other countries; but so far s King Juba was able to ascertain, it has its origin in a mountain of lower Mauretania not far from the Ocean, and immediately forms a stagnant lake called Nilides (...) Moreover it has been observed that the Nile rises in proportion to excessive falls of snow or rain in Mauretania. Issuing from this lake the river disdains to flow through arid deserts of sand, and for a distance of several days' journey it hides underground, but afterwards it bursts out in another larger lake in the territory of the Masaesyles (...) Sinking again into the sand of the desert it hides for another space of 20 days' journey till it reaches the nearest Ethiopians". PLINY. **Natural History,** *op.cit.,* Livro V, cap.X, p.257.

[141] VEGA, Alejandra. Ríos y montes en la prefiguración del continente americano (1492-1548). Documento/Monumento [Online], v.3, n.1, pp.21-34, dezembro de 2010. Da mesma autora, ver **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** ***op. cit.***

[142] NAVARRETE, M. Fernandez de**. Viajes de Cristobál Colón**. Madri: Calpe, 1922, p. 287.

historiador e jurista espanhol foi ainda mais longe. Segundo ele, os verdadeiros rios do paraíso seriam o Magdalena, o Orinoco, o Prata e o Amazonas. Quando comparados os rios da América e os grandes rios do Oriente, comumente associados ao Éden (Nilo, Tigre, Eufrates e Ganges), aqueles "tienen tanta grandeza, que aunque se juntem en uno los cuatro de la Ásia no podrán igualar al menor de ellos".[143] As questões relativas ao imaginário fluvial americano tem bastante importância na análise da representação do continente, uma vez que

> a paisagem concreta de que nos falam os documentos deixa entrever uma paisagem onírica, feita de preconceitos, de estereótipos, de fantasias frustradas. São estes códigos nebulosos, labirínticos, que precisamos aprender a decifrar. Pois era por meio deles que os homens da época mapeavam a própria identidade cultural.[144]

Durante os primeiros séculos de ocupação, a América foi palco de uma rica mitologia, muitas das quais migraram de outros espaços e deitaram raízes em solos americanos. A bacia platina esteve ligada a quase todos os mitos que povoaram o continente no início da exploração, mesmo que nenhum deles se localizasse exatamente na região. É do rio da Prata que os espanhóis partem em busca do reino das Amazonas, da lago do *El Dorado* ou da *Ciudad de los Césares*.[145] A própria história da exploração da região começa com o relato a respeito das serras repletas de metais preciosos que ficariam no interior do continente. Foi assim que Sebastião Caboto começou a exploração do estuário, depois do contato com supostos náufragos da expedição de Sólis, radicados na ilha de Santa Catarina. As notícias das tentativas de expedições apresentavam elementos comuns: a chegada não até a Serra de Prata, mas muito próximo dela e as peças de ouro e prata dadas por grupos indígenas, irrisórias frente às prometidas riquezas da fonte, mas que serviam para aguçar a curiosidade. As tentativas de subir os rios do estuário até o interior em busca de metais foram constantes no

---

[143] Antonio Léon Pinelo. **El Paraíso en el Nuevo Mundo: Comentario Apologético, Historia Natural y Peregrina de Las Índias Occidentales Islas de Tierra Firme del Mar Occeano** [1645-50]. Lima: Torre Aguirre, 1943, v. 1, p. 139, citado por GOMES, Plínio Freire. O Amazonas e o Prata na mitogeografia da América, *op.cit.*, p.57.

[144] GOMES, Plínio Freire. O Amazonas e o Prata na mitogeografia da América, *op.cit.*, p.58.

[145] Para uma análise mais profunda dos mitos americanos, ver, entre outros: GANDÍA, Enrique de. **Historia crítica de los mitos de la conquista americana.** Buenos Aires; Flórida: Juan Roldán y companhia, 1929; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso**: os motivos edênicos no descobrimento colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; e MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

primeiro século de colonização. Longe de serem apenas devaneios quiméricos de exploradores aventureiros, as buscas pelo Rei Branco que vivia em montanhas de prata foram parte importante do imaginário e da prática concreta de ocupação sistemática dessa região do continente. As expedições envolviam não apenas a Coroa, mas outras instituições europeias. Entre os financiadores da expedição de Pedro Mendoza, a primeira a subir o rio Paraguai até o atual Pantanal, em 1535, estava a casa bancária dos Welser, importante instituição ligada à exploração de metais no Novo Mundo.[146]

Os mitos mais conhecidos das narrativas americanas, portanto, foram explorados a partir dos rios platinos, mesmo que não estivessem ali. Isso não impediu que o tom mítico e onírico dessas narrativas também acompanhasse as águas do estuário. Em seu diário de navegação, Pero Lopes de Souza, um dos primeiros a explorar a foz do rio, escreve que

> O ar deste rio he tam bom que nenhua carne, nem pescado apodrece; e era na força do verão que matávamos veados, e trazíamos a carne des, doze dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa; pela menhãa he quente, e ao meo dia he muito fria; quanta o homem mais hebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.[147]

Em 1528, Luiz de Ramirez, integrante da tripulação de Caboto, escreveu uma carta a seu pai, que viria a ser uma das primeiras narrativas da região. O *rey blanco* é presença constante na carta. Além disso, os espanhóis são informados pelos índios quirandies que habitam a região, sobre uma "generación con quien ellos [os quirandies] contratan, que de la rodilla abajo que tienen los pies de avestruz". Além dessa, "tambien dijeron de otras generaciones extrañas a nuestra natura, lo cual yo por parezer cosa de fabula, no lo escribo".[148]

Também na cartografia é possível identificar as narrativas míticas. No mapa do cartógrafo português Lopo Homem, de 1519, há um dragão guardando as nascentes do rio da

---

[146] GOMES, Plínio Freire. O Amazonas e o Prata na mitogeografia da América, *op.cit.*, p.53.

[147] Diário da Navegação da armada que foi à Terra do Brasil, em 1530, sob a capitania-mor de Martin Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839, p.47.

[148] **Carta de Luis Raminez a su padre desde el Brasil (1528): orígenes de lo 'real maravilhoso' em el Cono sur**. Introducción, edición, transcripción y notas Juan Francisco Maura. Coleção Textos de la revista Lemir. 2007. Disponível em: <parnaseo.uv.es/Lemir/Textos/Ramirez.pdf>. Acesso em 13 de julho de 2016, p.50.

Prata (vide Figura 10). Outro mapa que traz indícios míticos é o planisfério de Sancho Gutierrez, de 1551. Nas margens do mapa aparecem extensas legendas geográficas numeradas. A legenda de número três diz respeito ao rio da Prata. Segundo o autor,

> Este rio es mayor que ninguno de cuantos acá se conocen, tiene de ancho en la entrada que entra en la mar 25 leguas, y trescientas léguas arriba de la dicha entranha tiene dos léguas de ancho, la causa de ser tan grande y poderoso es que entra en los otros muchos rio grandes y caudalosos (...) La gente en llegando a aquella tierra quiso escoger tierra fértil y aparejada para llevar pan y sembraron en el mês de setiembre LII [52] granos de trigo que no habia más en las nãos y cogieron luego en el mês de diciembre 52000 granos de trigo y esa misma fertilidade se halló en todas otras semillas. Los que en aquella tierra viven dicen que no lejos de ahi en la tiera adentro que hay unas muy grandes sierras de donde se saca infinito oro y que más adelante en las mismas sierras se saca infinita plata.[149]

A generosidade da natureza americana aparece aqui não só na fartura de metais preciosos, *infinito oro* e *infinita plata*, mas também na fertilidade da terra, tópico bastante aludido nas narrativas do período. Vasculhando entre as primeiras narrativas da região, a mesma descrição, em muitos trechos *ipsis litteris*, é encontrada na carta de Luis Ramirez, de 1528, citada acima. No fim da carta, Ramirez cita a multiplicação dos grãos de trigos e outras sementes.[150] Além disso, outros detalhes da carta de Ramirez que aparecem nos mapas de Caboto e Gutiérrez são as notícias de homens meio humanos, meio animais. Nos mapas, as legendas afimam que "dicen que en las dichas sierras hay hombres que tienen el rostro como de perro y otros de la rofilla abajo como de avestruz (...) Otras muchas cosas dicen de aquella tierra que no se ponen aqui por no ser prolijas".[151] O detalhe acrescentado nas legendas é o dos *hombres que tienen el rostro como de perro*. Esses, possivelmente foram retirados das

---

[149] A transcrição das legendas foi retirada de MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**, *op.cit.*, p.118.

[150] Apenas a cifra da multiplicação muda. De 280 ou 550 grãos na carta (há discordância sobre a transcrição), no mapa aparecem 52000. "Hago saber a Vuestra Merced que esta tierra donde ahora estamos es muy sana y de mucho fruto, porque hago saber a Vuestra Merced que se senbraron en esta tierra para probar si daba trigo y sembraron cincuenta granos de trigo y cogieron por cuenta CCLVVV [550] granos, esto en tres meses, de manera que se da dos vezes al ano. Escribolo a Vuestra Merced por pare[cer cosa] misteriosa". **Carta de Luis Raminez a su padre desde el Brasil (1528),** *op.cit.*, p.61.

[151] MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**, *op.cit.*, p.118.

narrativas de Marco Pólo. *O livro das maravilhas* teve uma tradução para o espanhol publicada em Sevilla em 1529, por Rodrigo Fernandez de Santaella.[152]

As maravilhas vistas por Marco Polo aparecem também nas ilustrações dos mapas. Não só baseadas nas narrativas do veneziano, mas de vários outros autores clássicos. Temos aqui outra parte importante da composição dos mapas. As ilustrações de monstros, bestas e outras criaturas foram interpretadas durante muito tempo como sendo prova da credulidade dos primeiros cartógrafos nas narrativas míticas. Kelsey argumenta numa perspectiva diferente, afirmando que

> Em geral cartógrafos que utilizavam esses materiais demonstravam seus próprios conhecimentos e erudição. Ilustrando baseado nos relatos, quadros e histórias impressionantes de Ptolomeu, Plínio, Petrarca e Marco Polo, os cosmógrafos forneciam aos seus leitores nobres e eruditos da Renascença referências, cujo propósito era igual ao das notas de rodapé nos trabalhos acadêmicos modernos. Cosmográficos renascentistas deveriam conhecer tanto as fontes básicas sobre viagem e geografia, bem como utilizá-las junto a contas bastante testadas e verificadas pelos exploradores modernos para produzir um conhecimento geográfico confiável e unificado.[153]

Longe de demonstrar a credulidade ou ignorância dos cartógrafos, a presença dos seres míticos demonstrava erudição. A aura mítica seguiu os rios desde sua aparição nas Escrituras, passando pelos autores clássicos e chegando na Renascença. A mitologia fluvial europeia ganhou terreno fértil quando encontrou os grandes rios do Novo Mundo e ecoou durante décadas nas narrativas geográficas fundadoras do espaço americano.

1.2.2 – A bacia platina nas primeiras obras de descrição do Novo Mundo

---

[152] KELSEY, Harry. The planispheres of Sebastian Cabot and Sancho Gutiérrez, *op.cit.*, p.44.

[153] No original: Rather, mapmakers who used these materials displayed their own learning and erudition. Drawing from reports in Ptolemy, Pliny, Petrarch, and Marco Polo for these impressive pictures and stories, cosmographers provided their noble and learned Renaissance readers with references that served much the same purpose as do footnotes in modern -scholarly works. Renaissance cosmographers were expected to know the basic sources on travel and geography and to use these along with well attested accounts by modern explorers to produce a unified body of dependable geographical lore". KELSEY, Harry. The planispheres of Sebastian Cabot and Sancho Gutiérrez, *op.cit.*, pp.45-46.

As primeiras obras de descrição geográfica da América foram concebidas à medida que o continente foi sendo descoberto e ocupado pelos europeus. A contraposição de diferentes formas de pensar o mundo natural, conforme espero ter demonstrado nas páginas anteriores, deu o tom de muitas dessas obras. Os rios, em geral, continuaram com um lugar de destaque. Conquistadores os utilizavam para as primeiras explorações; cartógrafos partiam dos rios para o desenho da costa; e cronistas e escritores em geral utilizavam os rios tanto para compor os locais descritas na costa, como para especular sobre a natureza americana. A história natural se convertia, naquele momento, em "cosa de príncipe".[154]

As descrições geográficas quinhentistas, grosso modo, não eram limitadas apenas à lista de lugares e distâncias da linha costeira – mesmo que isso tomasse, muitas vezes, grande parte da obra. Algumas traziam tratados cosmográficos, discussões sobre a esfera terrestre, sobre as zonas, sobre os antípodas; figuram também discussões sobre os territórios interiores, montanhas, cordilheiras, vulcões, metais preciosos e outros atributos natural; além da descrição, lendas e costumes dos povos autóctones.[155] Por essa diversidade, recebiam o nome de suma de geografia, relação, descrição, história natural ou história moral.

A primeira obra de descrição geográfica da América a circular na Espanha foi a *Suma de geographia, que trata de todas las partidas e provencias del mundo en especial de las indias e trata largamente del arte del marear juntamente con la espera en romãce: con el regimieto del sol e del norte*, escrita pelo conquistador Martín Fernandez de Enciso e publicada em Sevilha em 1519. A obra foi também o primeiro manual de navegação impresso na Espanha. Enciso esteve por duas vezes no Caribe, entre os anos de 1508 e 1511.[156] Para completar sua obra, contou com a ajuda de sua formação universitária e de conversas com outros cronistas e cosmógrafos do período, como Pedro Martir de Angleria e provavelmente Gonzalo Fernandez de Oviedo.[157] Enciso começa sua obra com um tratado da Esfera, muito baseado no trabalho de Sacrobosco; passa então à discussão das técnicas de navegação e depois à descrição geográfica do mundo. Nesse momento, o autor segue, em linhas gerais, a descrição de Pomponius Mela, com uma diferença fundamental: ao invés de dividir o mundo

---

[154] AYALA, María de la Luz. La historia natural en el siglo XVI Oviedo, Acosta y Hernández. **Estudios del Hombre**, Guadalajara, v.20, pp.19-37, 2005, p.19.

[155] PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit,*p.51.

[156] PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, p.84; PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit,* p.50.

[157] PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, p.84

em três continentes (Europa, Ásia e África), como no modelo clássico, Enciso divide a Terra em duas partes: oriente e ocidente, correspondentes ao velho e ao novo mundo, ao conhecido e ao desconhecido.[158] A descrição – um sumário contendo todos os pontos importantes da costa das regiões citadas – também utiliza fontes diferentes. Para o velho mundo, o autor repete as conhecidas fontes clássicas e medievais. Na descrição do Novo Mundo, utiliza relatos de primeira mão, recém escritos. Segundo Ricardo Padrón, na *Suma de Geografia,* "nós percebemos como as duas noções de espaço em questão – uma moderna e emergente, a outra medieval e dominante – podiam coexistir em um texto único e híbrido. Na *Suma* de Enciso, identificamos um retrato do esforço moderno em assimilar o novo enquanto permanecia enraizado no antigo".[159] O texto de Enciso é o próprio Jano, olhando para o passado e para o futuro ao mesmo tempo.

No prólogo, a obra é oferecida ao jovem monarca Carlos V, para que pudesse aprender de forma breve sobre a geografia do mundo e sobre as novas terras descobertas. Além disso, Enciso tinha por objetivo

> por dar claridad desto a los navegantes porque mejor pudiessem hazer lo que por vuestra alteza les fuese mandado y encomendado puse en esta Suma las costas delas tierras por derrotas y alturas nombrando los cabos delas tierras y el altura y grados en que cada una esta y en el parage de cada costa nombre el rio que en ella entra en la mar y las tierras y montes de donde nasce: y las proíncias por donde passa[160]

Depois de descrever a Europa, a Ásia e a África, Enciso chega à costa do Brasil; Desde o cabo de Santo Agostinho, o autor passa a nomear rios, cabos e portos do litoral. Ao chegar no sul do continente, ultrapassando o trópico de Capricórnio, as informações diminuem. A exploração daquele costa estava apenas começando. Em 1515, Solís partia da Espanha com sua armada rumo ao Prata, expedição da qual não voltaria. O Rio de São Francisco, atual Baía da Babitonga, no norte do estado de Santa Catarina, juntamente com o *rio de las vueltas* formavam uma grande ilha. A partir desse ponto

---

[158] PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit,* p.51.

[159] No original: "we see how the two notions of space in question—one modern and emergent, the other medieval and dominant—could coexist in a single, hybrid text. In Enciso's Suma we find a snapshot of the early modern effort to assimilate the new while remaining rooted in the old". PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, p.46.

[160] ENCISO, Martin Fernandez. **Suma de geographia,** *op.cit.*

> hasta al cabo de Sancta Maria ay ochenta léguas. Esta el cabo de Sancta Maria en XXXV grados. Passado este cabo entra un rio de mas de veinte léguas de ancho donde ay gentes que comen carne umana. Esta costa es toda baxa y delante del cabo de sancta maria estam unos illeos, en todas estas costas desdel cabo de santa maria hasta al cabo de Sancto Algostin ay mucho brasil y quase no ay outra cosa de provecho en ella.[161]

Na primeira obra de descrição geográfica da América, o rio da Prata sequer aparece nomeado. Sua enorme foz, porém, é registrada pelo escritor, mesmo que suplantada pela informação das *gentes que comem carne*. Como se sabe, o canibalismo foi um dos tópicos mais recorrentes nas descrições americanas durante os séculos de colonização. A obra de Enciso marca, portanto, a primeira aparição da região platina na descrição do Novo Mundo, mesmo que ainda sem informações suficientes daquela porção sul do continente.

Esse quadro mudaria nas décadas seguintes, com a publicação da grande obra geográfica da primeira metade do século, a *História General y Natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano,* de Gonzalo Fernandez de Oviedo. Cronista oficial das Índias desde 1532, Oviedo dedicou grande parte de sua vida adulta na composição da obra. Em 1526, o autor havia publicado o *Sumario de la natural historia de las Indias*, pequena obra escrita enquanto Oviedo estava na Espanha entre uma viagem e outra à América. O livro é uma miscelânea da história natural e cultural do Caribe[162], já aos moldes do gênero literário que se desenvolvia na metade do século, as *histórias morais e naturais*, marcadas pela descrição do mundo natural e dos seres humanos, incluindo suas ações morais.[163] Na dedicatória Oviedo trata do conteúdo da obra: os caminhos da navegação, as maneiras da gente que vive na América, os animais terrestres, aves, rios, plantas, ervas e produção da terra.[164] Os rios do continente sul americano não aparecem na descrição.

Mesmo como cronista do rei, Oviedo teve muitas dificuldades em publicar sua *História General y Natural de las Indias*. A primeira das três partes, impressa em 1535, foi a única impressa enquanto o autor ainda vivia – e aparentemente com seus próprios recursos. Uma pequena porção da parte dois foi publicada na segunda edição da primeira parte, logo

---

[161] ENCISO, Martin Fernandez. **Suma de geographia**, op.cit.

[162] PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, p.138.

[163] PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit,* p.51.

[164] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **Sumario de la natural historia de las Indias** (1526). México: Fondo de Cultura Económica, 1950, p.80.

após Oviedo morrer e o restante da parte dois e a parte três foram publicadas apenas no século XIX.[165] A imensa obra é considerada um dos mais importantes trabalhos de tentativa de compreensão do Novo Mundo por parte dos europeus. Segundo Maria Portuondo, o livro de Fernandez de Oviedo influenciou o estabelecimento de novos critérios epistemológicos, empíricos, que seriam utilizados nas histórias naturais posteriores: "A narrativa do Oviedo fia-se em referências constantes que pessoalmente 'viram' ou 'sabiam' o que ele descreveu, bem como em explicações de julgamentos que ele conduziu com objetivo de averiguar os fatos".[166] O texto trata do potencial econômico do Novo Mundo, bem como o temperamento de seus habitantes e sobre a adequação do meio ambiente aos europeus, podendo ser considerado um dos "primeiros modelos da cultura utilitária que permeou o projeto imperial espanhol para o Novo Mundo e que manifestou-se em histórias naturais e cosmografias, duas disciplinas com ferramentas metodológicas que poderiam ser utilizadas efetivamente para explicar o Novo Mundo".[167]

A região platina aparece, primeiramente, na segunda parte da *História General.* Primeiro, no *Libro XXI,* "en el qual se tracta de la geografia y assiento de la Tierra- Firme", que tem a descrição de toda costa americana, começando no Estreito de Magalhães e chegando à Terra de Labrador. No proêmio desse livro, Oviedo explica que "La geografia es imitacion y pintura de todas las partes de la tierra: assim lo disse Claudio [P]Tholomeo en el principio de lo que escribio".[168] Para tratar da geografia do Novo Mundo, Oviedo busca novas fontes. Para a parte norte da América, conta que "a mi notiçia ha venido por aviso de Miçer Johan Baptista Ramusio, secretario de la Illustrissima Señoria de Veneçia: el qual (...) ha

---

[165] PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, p.143.

[166] No original: "Oviedo's narrative relies on constant references to having personally "seen" and "known" what he describes and on explanations of trials he conducted as means of ascertaining matters of fact". PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit,* p.33.

[167] No original: "earliest examples of the utilitarian culture that permeated the Spanish imperial project of the New World and that manifested itself in natural histories and cosmographies two disciplines with methodological tools that could be used effectively to explicate the New World." PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit,* p.33.

[168] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano** (1535). Madrid: Imprenta de la Real Academia de la História, 1851, Parte 2, Livro XXI, p.111.

querido que acá en este Mundo Nuevo yo sepa y vea pintada y escripta la razon de aquellas tierras septentrionales."[169]

No primeiro capítulo desse livro,[170] Oviedo utiliza outras fontes. Para descrever a foz do Rio da Prata, afirma que

> del Cabo Blanco al Cabo de Sancta Maria se corre Nordeste Sudueste, e hay en la latitude o anchura deste embocamiento del rio de la Plata veynte léguas, segund las cartas modernas, e muchos testigos de vista, e personas muy conoscidas, e amigos que ali han estado, de quien yo he seydo informado, diçen lo mesmo[171]

As cartas modernas, como o próprio autor nos conta no capítulo II,[172] são os mapas dos cosmógrafos Alonso de Chaves e Alonso de Santa Cruz. Mais do que utilizar o mapa de Santa Cruz, Oviedo afirma que ouviu, da boca do cosmógrafo sobre o trecho entre o rio da Prata e o Cabo de Santo Agostinho, que Santa Cruz havia navegado, ao contrário de Oviedo.[173] Além disso, Santa Cruz "como amigo, domestica e amigablemente", lhe cedeu os memoriais e escritos da viagem, os quais usou para contar as léguas e grados dessa parte da costa. A inversão aqui é uma das peças que a pesquisa nos prega. A análise das obras foi feita no primeiro capítulo com o intuito de entender o quanto os mapas, que serão analisados no capítulo 2, foram baseados nas descrições. Logo a primeira das grandes obras que circularam na Espanha quinhentista sobre a geografia do Novo Mundo, entretanto, inverte a lógica, mostrando a descrição construída a partir do mapa. De qualquer forma, isso mostra a intensa circulação de informações, nos mais variados sentidos. A rica toponímia utilizada por Oviedo, em parte baseada nos escritos de Santa Cruz, marcará presença em grande parte das obras analisadas. Voltemos à narrativa de Oviedo.

---

[169] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXI, p.112. Ramusio, citado no trecho, é autor de uma das mais conhecidas coletâneas de relatos de viagem publicadas no século XVI, a *Navigazioni e Viaggi*.

[170] "En que se tracta y declara el camino y costa de la Tierra-Firme, desde el Estrecho de Fernando de Magallanes hasta el grande y famoso rio de Panamá, por outro nombre llamado el rio de la Plata, viniendo á la linia equinoctial haçia nuestro ártico desde el antartico o parte austral"

[171] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXI, pp.113-114.

[172] "En continuacion de la geografia y caminho, prosiguiendo la costa del rio de la Plata hasta la línea equinocial e hasta llegar al Cabo de Sanct Augustin",

[173] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXI, pp.113-114.

A descrição pormenorizada da região platina aparece no Livro XXIII da mesma segunda parte, "en el qual se traeta del descubrimiento del rio Paraná, aliás de la Plata, y su gobernaçion, que es en la mar y costas australes, de la otra parte de la línia equinocial".[174] São ao todo dezesseis capítulos que se alternam em contar a história da região e contar *particularidades*. De fato, apenas quatro capítulos (V, VII, XII e XIII) tratam das particularidades da região, sem prescindir de sua história. O capítulo III mostra a descrição em si do rio e seus tributários. Os demais capítulos contam os episódios da história da região, desde a descoberta do rio por Juan Diaz de Solís em 1512, até a chegada e posterior prisão do governador Alvarez Nuñez Cabeça de Vaca na década de 1540.[175] Oviedo conta que escreveu os últimos episódios a partir da relação dada a ele por Martin de Orne em 1547. Termina o livro no mês de janeiro de 1549, no meio dos acontecimentos da substituição de Cabeça de Vaca.[176]

O rio da Prata aparece na obra de Oviedo como "muy notable e señalada cosa en la cosmographia".[177] Conforme temos discutido, as questões a respeito do nascimento dos rios e do ciclo das águas não estava definitivamente explicada no século XVI. A estranheza, para Oviedo, era o fato de que

> Este poderoso rio e otros muchos, assi grandes como pequenos e incontables, que no cessam de llevar corriendo su agua e curso hasta la mar, sin que della se vea salir uma gota sola de agua Dulce de quanta recibe, seyendo grand la multitud que recibe, de espantar es como no cresce e sorbe e anega toda la tierra[178]

Sobre o interior do estuário do Prata, a descrição toma por base os mapas mencionados acima e lista os cabos, ilhas e rios que deságuam nele:

---

[174] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXIII, p.167.

[175] Esses episódios, bem como os relatos provenientes dessas expedições serão analisados no capítulo 3.

[176] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXIII, p.208.

[177] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXIII, p.167.

[178] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXIII, p.170.

> mas adelante de todos essos hay otro muy grand rio, que se llama *Huruay*, el qual hace una punta mas al Poniente. (...) Desde aquella punta de Huruay se enarca o dá la vuelta la tierra e costa del rio lacia la equinocial, e de ali adelante corre el curso principal, o mejor diciendo, viene mas de ciento e cinquenta léguas de hacia la linia; pero no hay mas nombres escriptos en la carta por la parte desta primera costa del Cabo de Sancta Maria, el rio adentro.[179]

Como veremos, o rio Uruguai permaneceria muitas décadas sem um curso definido na cartografia. Apenas com a fundação das missões do Tape, já no início do século XVII, é que as margens desse rio foram descritas e mapeadas. Já o outro grande tributário do Prata, o rio Paraná, era mais conhecido: "Es de notar que dentro desse grand rio de la Plata entra otro muy grande que los índios llaman *Paranaguazu*, que quiere decir mar grande (...) el qual rio entra por muchas bocas, haciendo muchas islas".[180] Mesmo conhecido centenas de léguas acima – seus afluentes são nomeados até adiante a confluência com o rio Paraguay, a montante – a nomenclatura do Paraná provoca confusões. Quando descreve a margem sul do estuário, Oviedo afirma que a costa, durante "ochenta e mas léguas, corre con nombre de Rio de la Plata todo". No fim dessas oitentas léguas, desagua no Prata o rio Guirandies, "desde el qual se enarca e vuelve la costa hacia la equinocial"[181], ou seja, tem uma guinada ao norte. A partir daí são listados todos os afluentes até o Paraguai e Oviedo não trata mais do topônimo Paraná. A confusão entre os dois nomes, Prata e Paraná atravessou o século, conforme será discutido adiante. Por fim, com o processo de ocupação em andamento, Oviedo avisa o leitor que depois do que se tem notícia "han ido otras armadas e avrá mas que decir adelante".

Segundo Ricardo Padrón, a obra de Oviedo não deve ser entendida como uma espécie de enciclopédia sobre a América ou ainda como uma miscelânea do que era popular na Espanha do período. A primeira forma sugere um sistema arbitrário de categorização dos objetos e assuntos tratados. A segunda, por outro lado, sugere a ausência de qualquer organização. Ao invés disso, a obra deve ser entendida como uma *cartografia histórica*, "um trabalho historiográfico que utiliza o espaço cartográfico como seu princípio organizacional

---

[179] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXIII, p.171.

[180] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXIII, p.171.

[181] OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXIII, p.171.

fundamental com o objetivo de inventar uma nova geografia como um "lugar" na imaginação do leitor".[182]

Esse modelo de *cartografia histórica* da obra de Oviedo pode ser visto também na obra de Francisco López de Gómara. A grande obra do autor, a *Historia de la conquista de México*, publicada em 1552[183], foi acompanhada de um volume, menos popular, chamado *Historia general de las Indias*, que trata da história natural e moral da conquista das Américas, desde a primeira viagem de Colombo, em 1492, os anos 1540. A obra foi banida na Espanha no final de 1553, por razões incertas, mas que possivelmente incluem as controvérsias sobre conquista do México. Teve três edições na Espanha – Zaragoza, 1552; Medina del Campo em 1553; e novamente em Zaragoza em 1554, talvez ignorando a proibição. No mesmo ano, teve quatro edições em Antuérpia. Na Espanha, a obra só voltou a ser publicada no século XVIII.[184]

Diferentemente de Encino e Oviedo, Gómara nunca viajou à América, escrevendo sua obra a partir da leitura de relatos e notícias, incluindo a obra de Enciso e as cartas de Hernán Cortés. Sua *História General,* em verdadeiro estilo renascentista, busca instruir e entreter o leitor, com capítulos "cortos para ahorrar palavras; las sentencias, claras, aunque breves". Segundo Gómara, "toda historia, aunque no sea bien escrita, deleita"[185].

O rio da Prata aparece na obra no capítulo XII, na descrição geográfica de toda costa americana, do extremo norte ao extremo sul. Como se trata apenas de um sumário, nenhuma descrição é feita. O capítulo LXXXIX é dedicado inteiramente ao rio (*Del rio de la Plata y delo que en su descubrimiento acontecio a Solís*) Inicia com a história do descobrimento feito por Sólis, que depois de chegar à costa brasileira na altura do Cabo de Santo Agostinho, tomou o rumo sul e

---

[182] No original: "a historiographical work that uses cartographic space as its fundamental organizational principle for the purpose of inventing a new geography as a "place" in the reader's imagination." PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, p.154.

[183] A obra foi amplamente responsável por consolidar a fama de Hernan Cortés, conquistador espanhol responsável pela tomada do México, como um herói audacioso e um mestre da comunicação. PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op.cit.*, p.137.

[184] PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit,* p.106.

[185] Esses trechos, da apresentação "Aos leitores" parece ter sido suprimido da edição fac-símile utilizada nesse trabalho, GOMARA, Francisco Lopez de. **Historia general de la Indias y nuevo mundo, con mas la conquista del Peru y de Mexico.** Zaragoça: Miguel de Çapila, 1555. Os trechos foram retirados da edição transcrita e disponilizada em 2003 pela Biblioteca Virtual Universal, disponível em: http://www.biblioteca.org.ar. Acesso em 12/03/2017.

> y costeando la tierra, anduvo hasta ponerse casi en cuarenta grados. Puso cruces en árboles, que los hay por allí muy grandes; topó con un grandísimo río que los naturales llaman Paranaguazu, que quiere decir río como mar o agua grande. Vio en él muestra de plata, y nombrólo de ella. Parecióle bien la tierra y gente, cargó de brasil y volvióse a España[186]

O restante da descrição guarda muitas semelhanças com a *História General* de Oviedo, no que diz respeito aos fatos escolhidos para se contar a história da região, bem como às curiosidades citadas, como os *peixes homens*, "muy semelhantes en todo el cuerpo humano", chamados em Oviedo de *hombres marinos.*[187] Sobre o rio da Prata em si, Gómara escreve:

> Llaman a este río de la Plata y de Solís, en memoria de quien lo descubrió. Tiene de boca veinte y cinco leguas y muchas islas, que tanto hay del cabo de Santa María al cabo Blanco; los cuales están en treinta y cinco grados más allá de la Equinoccial, cuál más, cuál menos. Crece como el Nilo, y pienso que a un mismo tiempo. Nace en el Perú, y engruésanlo Abancay, Vilcas, Purina y Jauja, que tiene sus fuentes en Bombón, tierra altísima.[188]

A relação das cheias do Nilo com as do Prata é recorrente no período. A novidade na obra de Gómara é a menção ao nascimento do rio, no Peru, e aos principais afluentes que o vão *engrossando.* O autor cita uma *tierra altíssima,* chamada Bombón, onde se encontram as nascentes de alguns desses afluentes. Pouco comum na documentação do período, essa toponímia é encontrada também no *Tratado que compôs o nobre e notável Antonio Galvão, dos diversos e desvayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India às nossas partes, e assi de todos os descobrimentos antigos e modernos, que*

---

[186] GOMARA, Francisco Lopez de. **Historia general de la Indias y nuevo mundo,** *op.cit.*, f.XL.

[187] GOMARA, Francisco Lopez de. **Historia general de la Indias y nuevo mundo,** *op.cit.*, f.XL. Oviedo escreve sobre os *hombres marinos*, no capítulo VI do Libro XXIII da Segunda Parte da *História General:* "Este hidalgo Alonso de Sancia Cruz entre las otras cosas me dio relacion de aver visto en este viaje algunos hombres marinos. É acuerdóme aver leydo que los hay, que son pescados ó generacion de animales de la mar, que tienen semejança de hombres humanos; y como en lugar acomodado, diré en este caso lo que he leydo y lo que he oydo. Dice Plinio, que no es falsa la opinión de los nereydos, los quales han cuerpo humano, mas son cubiertos de escamas; y escribe que uno de estos fué tomado en la costa de España, é que se vido é oyó su planto, quando se movia, lo qual fué notificado al Emperador Tiberio." OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias,** *op.cit.*, Parte 2, Livro XXIII, p.179.

[188] GOMARA, Francisco Lopez de. **Historia general de la Indias y nuevo mundo,** *op.cit.*, f.XL.

são feitos até a era de mil e quinhentos e cincoenta, uma das primeiras obras impressas em Portugal com a descrição do rio da Prata, em 1563. Antonio Galvão, capitão português nas Índias orientais, trata na obra das conquistas portuguesas até a metade do século. O manuscrito foi publicado postumamente, depois de encontrado em meio aos papéis de Galvão por Francisco de Sousa Tavares, autor do prólogo da obra. Sobre o descobrimento do rio da Prata, Galvão narra que Sólis encontrou um rio, "a que os Brasis chamam Paranagaco, que quer dizer grande agoa, vio nelas mostras de prata e aali lhe pos o nome Rio da Prata"[189]

Depois, o autor faz coro com outros cronistas do período que diz respeito à cobiça de Caboto e seus homens. Segundo ele,

> Tendo andado por este rio acima cento e vinte legoas, fizeram huma fortaleza em que gastaram mais de hum ano. Despois foram pella mesma ribeira ate a boca doutra, que se diz Paragay, e por verem sinais douro e prata, foram tras sua cobiça, mandando hum bergantim diante, os da terra lho tomaram, o que sabendo Gaboto se tornou a fortaleza, recolhida a gente que nella deixara se tornou rio abaixo pnde as nãos ficaram[190]

O forte foi tomado e queimado pelos indígenas e Caboto retornou a Sevilla. Galvão afirma que Caboto deixou "descoberto mas de dozentas léguas por este rio, que dizem ser navegável e nacer de hum lago que se chama Bombo".[191]

A obra de Galvão também consolida uma concepção da região platina como espaço de passagem, rumo ao Peru, através dos rios da bacia. A geografia complexa de grandes cursos fluviais, terrenos alagados e os contrafortes da Cordilheira dos Andes não são obstáculos capazes de frear o desejo espanhol de chegar as serras da prata. Narrando a viagem de Pedro de Mendoza à região em 1535, Galvão escreve que "ficou no rio a mor parte da gente, que foy por ele dentro descobrindo, conquistando e povoando até chegar ás minas e Patoci, villa da

---

[189] **Tratado que compôs o nobre e notável Antonio Galvão, dos diversos e desvayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India às nossas partes, e assi de todos os descobrimentos antigos e modernos, que são feitos até a era de mil e quinhentos e cincoenta. Com os nomes particulares das pessoas que os fizeram: e em que tempo e as suas alturas, obra certo muy notável e copiosa**. Impressa em casa de Joam da Barreira impressor del rey nosso senhor, na Rua de Sá Mamede, 1563, p.38.

[190] Tratado que compôs o nobre e notável Antonio Galvão, dos diversos e desvayrados caminhos, *op.cit.*, p.55.

[191] **Tratado que compôs o nobre e notável Antonio Galvão, dos diversos e desvayrados caminhos,** *op.cit.*, p.55.

prata por onde se comunicam os castelhanos de Peru com os deste rio".[192] A documentação oficial do período, entretanto, parece mostrar um avanço muito mais lento e difícil nas primeiras décadas de colonização da região.

Em Portugal, a obra de maior destaque no período foi a *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães Gandavo. Considerada a primeira história da província, ela trata, como o titulo diz, da porção lusa da América, que abarca também a foz do rio da Prata. O próprio autor chama a atenção para a ausência de uma história da Província de Santa Cruz no reino, mais conhecida pelos estrangeiros do que pelos próprios portugueses. A historia da América portuguesa

> esteve sepultada em tanto silencio, pelo pouco caso que os portugueses fizeram sempre da mesma província, que por faltarem na terra pessoas de ingenho e curiosas, que por melhor estilo e mais copiosamente que eu a escrevessem. Porem já que os estrangeiros a tem noutra estima, e sabem suas particularidades melhor e mais de raiz que nós (aos quaes lançaram já os portugueses fora della a força darmas por muitas vezes) parece cousa decente e necessária terem também os nossos naturaes a mesma noticia[193]

Sobre os rios, Gândavo afirma no capítulo 2 da obra, *Em que se descreve o sitio e qualidades desta probvincia,* que "as fontes que há na terra, san infinitas, cujas agoas fazem crescer a muitos e muy grandes rios que por esta costa, assi como da banda do Norte como do Oriente entram no mar oceano".[194] Depois de tratar do rio Amazonas, do rio Maranhão e do São Francisco, volta sua atenção ao Prata:

> Outro rio muy grande e hum dos mais espantosos do mundo, sae pela mesma banda do oriente em trinta e cinco graus, a que chamam rio da Prata, o qual entra no Oceano com quarenta légoas de boca: e he tanto o ímpeto de agoa doce que traz de todas as vertentes do Peru, que os navegadores primeiro no mar bebem suas agoas, que veham a terra donde este bem lhes procede. Duzentas e setenta léguas por elle acima, esta edificada huma cidade povoada de Castelhanos, que se chama Ascençam. Até qui se navega por elle e ainda dahi por diante

---

[192] **Tratado que compôs o nobre e notável Antonio Galvão, dos diversos e desvayrados caminhos,** *op.cit.*, p.66.

[193] GANDAVO, Pero de Magalhães. **História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil.** Lisboa: João Lopez Livreiro, 1576, p.5.

[194] GANDAVO, Pero de Magalhães. **História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil.** Lisboa: João Lopez Livreiro, 1576, p.9.

> muitas legoas. Neste rio pela terra dentro se vem meter outro a que chamam Paragoahi[195]

Duas décadas mais tarde, Gabriel Soares de Sousa, também português, escreveu seu *Roteiro geral con largas informações de toda a costa que pertenece ao Estado do Brasil, a descripsão de muitos lugares dele especialmente da Bahia de todos os Sanctos.* A obra permaneceu manuscrita, sendo publicada apenas no século XX. A segunda parte, que trata da Bahia de Todos os Santos, se detem em aspectos históricos e naturais, conforme as obras castelhanas que vimos anteriormente. A primeira parte, como o título sugere, é um roteiro da costa da América portuguesa. Como na obra de Gândavo, a região platina recebe pouca atenção. Soares de Souza apenas menciona a grandeza do rio, sem maiores informações para continuar a descrição e trata brevemente da ocupação da terra pelos castelhanos:

> Deste rio da Prata, nem de sua grandeza não temos que dizer neste lugar, porque é tão nomeado que se não pode tratar dele sem grandes informações, do muito que se pode dizer dos seus recôncavos, ilha, rios que nele se metem, fertilidades da terra e povoações que por ele acima têm feito os castelhanos que escaparam da armada que nele se perdeu há muitos anos, os quais se casaram com as índias da terra, de que nesceram grande multidão de mestiços, que agora têm povoado muitos lugares, o qual rio da Prata é povoado muitas léguas por ele acima dos tapuias atrás declarados.[196]

Em 1571 a Coroa espanhola criou o cargo de *cosmógrafo e cronista maior das Índias*, ocupado primeiramente por Juan López de Velasco.[197] Desde 1563 Velasco esteve trabalhando no *Consejo de Indias,* órgão responsável pela administração do império ultramarino da Coroa Espanhola. Nesses anos preparou alguns sumários e depois, ao lado de Juan de Ovando, compilou e unificou os códigos legais que tratavam da América. Velasco teve acesso em primeira mão à documentação produzida nas viagens de exploração, daí a

---

[195] GANDAVO, Pero de Magalhães. **História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil.** Lisboa: João Lopez Livreiro, 1576, p.10.

[196] SOUSA, Gabriel Soares de. **Roteiro geral con largas informações de toda a costa que pertenece ao Estado do Brasil, a descripsão de muitos lugares dele especialmente da Bahia de todos os Sanctos,** (1587) Biblioteca Nacional de España. MSS/3007, p.73.

[197] A institucionalização da cosmografia americana, bem como a criação dos cargos, elaboração de ordenanças e atribuições da Casa da Contratação e do *Consejo de Indias* serão analisadas no capítulo 2.

importância de sua obra, *Geografia y descripción universal de las Índias*. Ela é considerada a primeira – e secreta – cosmografia oficial das Índias.[198]

No trecho chamado de *Corografia de las províncias del Rio de la Plata,* Velasco afirma que, diferentemente de outras regiões americanas, aquelas tem situação diversa, já que estão próximas à linha de demarcação e porque "los portugueses en sus descripciones las meten casi todas dentro de su demarcación, pretendiendo caer en ella la Ciudad de la Asunción según en la descripción del Brasil particularmente se dice".[199] Além disso, a situação de fronteira causa outros problemas, como a definição dos limites. Com exceção da parte do oriente, delimitada pela linha de demarcação, "los demás límites de estas províncias son indeterminados según la longitud y latitud, por ser en tierras no bien descubiertas ni andadas".[200] Se levarmos em conta que a posição da linha demarcatória esteve em constante debate, o limite oriental também não era definitivo. Ainda sobre a geografia, Velasco escreve que

> El suelo de esta provincia, casi en todas partes es llano, sin sierra notable, más de las que van costeando la tierra del Brasil y las cordilleras del Perú, aunque hay algunos cerros; de donde proviene, que cuando los ríos crecen inundan gran parte de la tierra, que es también poblada de muchos ríos caudalosos de buenas aguas; en partes es arenisca, y en partes de muchas lagunas y pantanos[201]

A descrição dos afluentes do rio da Prata é detalhada. Tratando dos tributários da margem esquerda do rio Paraná, Velasco cita os cinco grandes rios que desaguam nele: o Iguaçu, "que quiere decir *rio grande",* o Piquiry, "que viene de las sierras de la costa"; Ubay – atual Ivaí – trinta léguas Piquiri acima; Paraná-Paneme, "que quiere decir rio *Desdichado*; e o *rio de San Vicente*, nomeado também como Anhembi, atual Tietê. O São Vicente, segundo

---

[198] PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op. cit,* p.106.

[199] VELASCO, Juan López de. **Geografia y descripción universal de las Índias** (1571-1574). Madrid: Establecimiento Tipográfico de Fortanet, 1894, p.549.

[200] VELASCO, Juan López de. **Geografia y descripción universal de las Índias,** *op.cit.*, p.550.

[201] VELASCO, Juan López de. **Geografia y descripción universal de las Índias,** *op.cit.*, p.553.

o cronista, "viene de las dichas sierras de hacia la gobernacion y puerto de San Vicente, de cuyas vertientes comienza á correr el dicho rio Paraná."[202]

A obra mostra também uma descrição dos *pueblos españoles* da região, com comentários sobre Assunção, Ciudad Real, "por outro nombre Ontiveros" e Buenos Aires. As páginas de Velasco mostram um espanto menor com a geografia platina, causado pela grande quantidade de informações que deveriam chegar ao *Consejo de Índias* na metade final do século XVI. A descrição é mais de algo já conhecido do que por conhecer, e os detalhes dos rios e dos povoados fazem parte da tentativa do autor de suprir a lacuna de conhecimento sobre a América existente na Espanha.

Já na década final do século, outra das mais conhecidas obras sobre a América foi publicada em Madri: a *História Natural y Moral de las Indias*, do jesuíta Jose de Acosta. O padre chegou a Lima, no Peru, em 1572 e foi visitador de Cuzco, La Paz, Chuquisaca e Potosí. Depois foi consultor do Santo Ofício e professor de teologia do Colégio de San Pablo e da Universidade de San Marcos de Lima, além de segundo provincial da Companhia entre 1576 e 1581.[203] A obra foi primeiramente escrita em latim, mas o imenso sucessofez com que Acosta fizesse uma tradução para o castelhano. Nas décadas que se seguiram foram muitas edições dentro e fora da Espanha (Barcelona em 1591; Madrid em 1608, Venecia em 1596; París em 1598 e 1606; Colonia em 1598; Ursel em 1605; en Frankfurt em 1617; Londres em 1604; e Enchuysen em 1598).[204]

Acosta começa a obra confessando ao leitor ter consciência de que "el mundo nueva ya no es nuevo, sino viejo, segun hay mucho dicho y escrito por el". A sua história entretanto, se quer nova por ser "juntamente Historia y en parte filosofia" e por não ser apenas uma obra sobre a natureza, mas também "del libre albedrío, que son los hechos y costumbres de hombres". Por isso mesmo a nomeou de História Natural e Moral das Indias, "abrazando com este intento ambas cosas".[205] De fato, a obra de Acosta discorre sobre muitos assuntos

---

[202] VELASCO, Juan López de. **Geografia y descripción universal de las Índias,** *op.cit.*, p.561. Na obra de Velasco encontramos um mapa da América, que mostra os dois grandes rios do continente, Amazonas e da Prata, mencionado no capítulo 2.

[203] AYALA, María de la Luz. La historia natural en el siglo XVI, *op. cit.*, p.25.

[204] AYALA, María de la Luz. La historia natural en el siglo XV, *op. cit.*, p.26.

[205] A edição utilizada nessa trabalho é ACOSTA, Fray Jose de. **História natural y moral de las Indias** (1590). Madrid: Ramón Anglés, 1894. Entretanto, os trechos do prefácio foram retirados da edição transcrita e disponilizada em 2003 pela Biblioteca Virtual Universal, disponível em: http://www.biblioteca.org.ar. Acesso em 12/03/2017.

polêmicos no período, principalmente sobre as discussões em torno da origem dos povos ameríndios – e sua ligação com o Velho Mundo bíblico – e as teorias clássicas sobre a natureza e geografia da Terra. Logo no capítulo VI, Acosta trata sobre "que la Tórrida tiene gran abundancia de agua y pastos, por mais que Aristóteles lo niegue".[206] Nesse mesmo capítulo, o autor trata dos rios, fontes, arroios, poços, charcos e lagoas:

> Hay, pues, tanta abundancia de aguas manantiales, que no se hallará que el universo tenga mas rios, ni mayores, ni mas pantanos y lagos. La mayor parte de la América, por esta demasía de aguas no se puede habitar, porque los rios con los aguaceros de verano salen bravamente de madre, y todo lo desbaratan; y el lodo de los pantanos y atolladeros por infinitas partes no consiente pasarse. Por eso los que habitan cerca del Paraguay, de que arriba hicimos mención, en sintiendo la creciente del rio, antes que llegue de avenida, se meten en sus canoas, y allí ponen su casa y hogar, y por espacio cuasi de tres meses nadando guarecen sus personas y hatillo. En volviendo á su madre el rio, también ellos vuelven á sus moradas, que aun no están del todo enjutas.[207]

Algumas páginas antes, Acosta compara a inundação do Prata com a do Nilo, mostrando também a superposição de nomes que o curso fluvial recebe: "Hay en la América otra inundación muy semejante á esta del Nilo, y es en el Paraguay, ó Rio de la Plata por otro nombre".[208] Os rios também são o tema do capítulo XVIII, do livro terceiro. Depois de tratar do Amazonas, o maior de todos os rios do mundo, Acosta trata do "segundo lugar en el universo, el rio de la Plata, que por otro nombre se dice Paraguay, el cual corre de las cordilleras del Perú, y entra en la mar en altura de treinta y cinco grados al sur".[209] Entretanto, mesmo passado quase um século do descobrimento, ainda há muito por saber. Os limites da América por todas as partes se sabem, segundo o autor, mas "no se sabe la mayor parte de

---

[206] ACOSTA, Fray Jose de. **História natural y moral de las Indias** (1590). Madrid: Ramón Anglés, 1894, Libro Segundo, capítulo VI, p.131.

[207] ACOSTA, Fray Jose de. **História natural y moral de las Indias** (1590). Madrid: Ramón Anglés, 1894, Libro Segundo, Capítulo VI, p.131.

[208] ACOSTA, Fray Jose de. **História natural y moral de las Indias** (1590). Madrid: Ramón Anglés, 1894, Libro Segundo, Capítulo V, p.126.

[209] ACOSTA, Fray Jose de. **História natural y moral de las Indias** (1590). Madrid: Ramón Anglés, 1894. Libro Terceiro, capítulo XVIII, p.245.

ella, que es lo que cae entre el Perú y Brasil". Da terra que se ignora, a distância deve ser de "un dia entero entre orientales y ocidentales", e há diversas opiniões sobre o que há nelas: [210]

> unos que dicen, que toda es tierra anegadiza, llena de lagunas y pantanos, y de otros que afirman haber allí grandes y floridos reinos, y fabrican ahí el Paytiti, y el Dorado, y los Cesares, y dicen haber cosas maravillosas. A uno de nuestra Compañía, persona fidedigna, oí yo que él habia visto grandes poblaciones, y caminos tan abiertos y trillados como de: Salamanca á Valladolid. (...) En efecto es cosa hasta hoy oculta la habitación de la América, exceptos los extremos, que son el Perú y Brasil, y donde viene á angostarse la tierra, que es el rio de la Plata.[211]

Nas sete décadas que se passaram entre a publicação da obra de Enciso e a de Acosta, a ocupação e a exploração do continente americano foi contínua. As obras aqui retratadas mostram uma forma de conceber o espaço americano no século XVI, ou a *metageografia* espanhola. Mesmo de caráter heterogêneo, elas retraram o que os autores consideravam importante para que príncipes, fidalgos e demais leitores europeus aprendessem sobre o novo continente. Desde as primeiras descrições, o rio da Prata é algo espantoso aos olhos dos viajantes, pelo tamanho e volume de suas águas e, porteriormente, pela grandeza dos rios seus afluentes. Tanto que, como vimos, para grandes parte dos autores escolhidos, a região platina é o próprio rio. Tratar da geografia platina e discorrer sobre sua história são duas tarefas que andam juntam. Os trechos das obras que descrevem a região se assemelham uns aos outros, construindo uma imagem que vai se consolidando e tomando forma no imaginário europeu.

***

Voltando à imagem inicial desse capítulo, espero ter demonstrado como, no espaço de um século depois do descobrimento da América por Colombo, a concepção de mundo dos europeus mudou drasticamente. Subjaz à pintura pendurada na parede com o mapa da América, ou ao globo terrestre analisado cuidadosamente em cima da mesa, o quadro composto pela inquietação intelectual do período, bastante complexo. Quase simultaneamente, o resgate de tratados e escritos clássicos se encontrou com a experiência dos

---

[210] ACOSTA, Fray Jose de. **História natural y moral de las Indias** (1590). Madrid: Ramón Anglés, 1894. Libro Terceiro, capítulo XXIII, p.245.

[211] ACOSTA, Fray Jose de. **História natural y moral de las Indias** (1590). Madrid: Ramón Anglés, 1894. Libro Terceiro, capítulo XXIII, p.245.

navegadores, que a cada viagem voltavam com novas descobertas. O modo de representar e pensar o mundo conhecido foi sendo atualizado constantemente. As novas ciências aos poucos racionalizaram o espaço, transformando o que era linear, itinetário, em geométrico, abstrato e *vazio*. Um espaço que poderia ser preenchido. Os mapas ricos em alegorias e metáforas iconográficas medievais deram lugar às cartas portulano, que logo foram substituídas pelas cartas de marear. A navegação tradicional, de rumo e distância, foi sendo trocada forçosamente pela navegação astronômica. Toda a transformação da ciência, a primazia do empírico, da experiência, contudo, não fez desaparecerem as teorias clássicas e os mitos sobre o mundo e, particularmente, sobre os rios. É a partir de todos esses elementos que devemos analisar a construção geográfica da região platina. Naquele momento, os mapas que eram elaborados; os relatos dos navegadores que traziam novidades geográficas e realocam conhecidos mitos; os sumários de geografia e as histórias naturais; tudo se retroalimentava, influenciando-se mutumente e aos poucos construindo a ideia e a representação da bacia platina. A importância dos rios em qualquer parte do processo é significativa. As cartas começam por ele, as explorações do interior igualmente. O rio é caminho, forma o espaço à sua volta. Se as obras aqui analisadas formaram a primeira concepção de uma literatura cartográfica, concebendo uma nova forma de representar o espaço americano e platino, é na cartografia que essa imagem se estabelece definitivamente. Um enorme esforço de institucionalização da cosmografia e da cartografia ocorreu no período nos reinos ibéricos, gerando uma intensa e prolixa produção cartográfica, objeto de análise do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 - DO FIM DO MUNDO AO INTERIOR DESCONHECIDO: DIFERENTES MOMENTOS DA CARTOGRAFIA PLATINA NO SÉC XVI

Pois este mapa que os leva não registra a povoação de Orce, é grande falta de sensibilidade dos desenhadores topógrafos, aposto que da terra deles nunca se esqueceram, no futuro lembrem-se do vexame que é ir uma pessoa ao mapa ver se está lá o lugar onde veio ao mundo e encontrar um espaço em branco, vazio, desta maneira é que se têm gerado gravíssimos problemas de identidade pessoal e nacional.

José Saramago[212]

Em junho de 1651 foi inaugurada, na Piazza Navona em Roma, a *Fontana dei Quattro Fiumi*, construída pelo artista italiano Gian Lorenzo Bernini. Assim que os mecanismos da complexa engenharia hidráulica foram ligados, a água jorrou em abundância pelos quatro deuses-rios da base da fonte, que representavam o Nilo, o Ganges, o Danúbio e o Rio da Prata. A fonte de Bernini – que de acordo com o jesuíta alemão Athanasius Kircher[213] era um

[212] SARAMAGO, José. **Jangada de Pedra**. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

[213] O padre publicou, em 1650, a obra *Obeliscus Pamphilius*, justamente em comemoração à restauração do obelisco que deu nome à obra e sua colocação na Fonte dos Quatro Rios, de Bernini. A obra e a fonte, foram dedicadas ao papa Inocêncio X. AZEVEDO, Evelyne. Athanasius Kircher e a história do *Obelisco Pamphilio*. **Concinnitas** (Online), Rio de Janeiro, v. 1, pp. 103-117, 2012, pp.103-105.

cavaleiro singular, cuja perspicácia de engenho poderia se comparar à de Michelangelo, seja pela excelência na arte da escultura como pela arte da arquitetura – é considerada o maior espetáculo aquático de qualquer espaço urbano da Europa do início da modernidade.[214] A fonte foi feita a pedido do papa Inocêncio X e expressava a vontade do pontífice não só de deixar seu nome na arquitetura da cidade, mas também recuperar o passado glorioso do Império romano. Os quatro colossos da base da fonte servem de apoio para um obelisco construído pelo imperador Domiciano, no Egito, no século I a.c. Dois séculos depois, através de um processo bastante trabalhoso, porém repetido algumas vezes pelos imperadores romanos,[215] o obelisco foi retirado do Egito e levado à Roma, onde permaneceu até ser novamente reerguido na Piazza Navona, em meados do século XVII.[216] O desejo do pontífice de construir uma fonte imponente em Roma mostra ainda a importância da engenharia hidráulica na Europa na primeira modernidade. Os *fontanieri,* como Bernini, eram famosos e requisitados. Sua arte requeria habilidade mecânica e conhecimento filosófico, as forças aliadas da física e da metafísica.[217] Muitos receberam o título de "superintendente dos rios e das águas", enquanto príncipes de toda Europa solicitavam seus trabalhos, principalmente para desviar rios através de dutos subterrâneos e fazê-los emergir de forma espetacular no pátio de seus palácios.[218]

Inserida nessa tradição, a fonte construída por Bernini tem na base a representação de quatro rios, que correspondem aos quatro continentes então conhecidos: Nilo/África, Ganges/Ásia, Danúbio/Europa e Rio da Prata/América. O rio americano é representado por uma figura reclinada, projetando uma das mãos para se proteger da luz solar emitida simbolicamente pelo obelisco. Sua cabeça é "surpreendentemente distinta de qualquer outra já elaborada para estátuas de fontes", com algumas feições negroides, talvez representando um

---

[214] SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.307. As considerações feitas nesse item se baseiam na segunda parte do livro, "Água", notadamente no capítulo 5, "Fluxos de Consciência".

[215] SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**, *op. cit.*, p.288.

[216] AZEVEDO, Evelyne. Athanasius Kircher e a história do *Obelisco Pamphilio*, *op.cit.*, p.104. A mesma autora faz uma análise mais detalhada da obra do jesuíta alemão e da fonte de Bernini em sua dissertação de mestrado. Ver: AZEVEDO, Evelyne. **O Egito mítico de Athanasius Kircher: o Obeliscus Pamphilius e a Fonte dos Quatro Rios na Praça Navona.** 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

[217] SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**, *op. cit.*, p.281.

[218] SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**, *op. cit.*, p.281.

mouro.[219] O tema da conversão pela luz – do sol ou da cristandade – pode perpassar a interpretação da imagem, já que, como os povos indígenas, os mouros também representavam o poder da revelação apostólica, quando convertidos.[220] Completam a alegoria a figura de um tatu, animal bastante utilizado nas representações do Novo Mundo nos primeiros séculos e uma bolsa de moedas que, espalhadas ao lado da estátua, simbolizam as riquezas minerais extraídas do continente recém descoberto.

Aos grandes cursos fluviais que cortam os continentes do Velho Mundo muitas páginas e referências já haviam sido dedicadas, desde a antiguidade. A novidade na Europa seiscentista foi o rio sul americano. A admiração causada pelo imenso estuário do Prata já havia sido registrada no início do século XVII. E uma vez mais seu tamanho e seus desconhecidos meandros território adentro foram comparados ao Nilo:

> Del rio Nilo escriven scriptores/Lo mesmo pero es tanta la grandeza/De aqueste e de sus braços, que mayores/Los juzgo que no estiman la braveza/Del Nilo en tanto grando los autores/Y se del Nilo fuera la estranheza/Tan grande como deste, y se escriviera/Al mundo admiracion mayor pusiera[221]

Pouco conhecido e considerado pela historiografia, trata-se do poema épico *Argentina y conquista del Río de la Plata*, de autoria do clérigo extremadurenho Martin del Barco Centenera. O autor viveu na região durante mais de duas décadas, acompanhando as expedições de exploração, conquista e povoamento na bacia platina. Seu poema foi escrito quando retornou à Espanha, nos últimos anos do século XVII. A obra, publicada em 1602, narra episódios da conquista da região platina pelos espanhóis. O segundo canto é inteiramente dedicado aos rios da região: "Canto II. En este canto se trata de la grandeza del

---

[219] SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**, *op. cit.*, p.306. O autor chama a atenção para a semelhança entre a cabeça do Rio da Prata e um busto de Constantino, que Bernini faria mais tarde. O primeiro trabalho poderia ter servido de protótipo para o segundo, mas, de qualquer forma, o tema da conversão está presente em ambas as obras. Vale destacar ainda que a execução da obra não foi feita somente por Bernini. As figuras do rio da Prata, Ganges, Nilo e Danúbio foram elaboradas por quatro assistentes, respectivamente, Baratta, Claude Poussin, Fancelli e Raggi. Entretanto, segundo Simon Schama, os assistentes "apenas executaram, com fidelidade, os desenhos do escultor, transformados em maquetes". SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**, *op. cit.*, p.304.

[220] AZEVEDO, Evelyne. **O Egito mítico de Athanasius Kircher...**, *op.cit.*, p.52.

[221] BARCO CENTENERA, Martín del. **Argentina y conquista del Río de la Plata, con otros acaecimientos de los reynos del Peru, Tucuman, y estado del Brasil.** Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1602, p.11.

Rio de la Plata, y del Paraguay, y de las islas, pexes, aues que ay en ellos". [222] No referido canto o poeta deixa claro a grandiosidade do rio da Prata bem como a confusão de sua nomenclatura ("El rio que llamamos Argentino/ Del Indio Paranna o mar llamado")[223]

Alvos de tanta admiração, os rios foram também encarados de baixo, à flor d'água, por soldados e conquistadores. Do mesmo período e com o mesmo título do poema de Barco Centenera outra obra apresenta sua narrativa centrada no emaranhado fluvial da bacia platina. Em 1612 o soldado *asunceno* Ruy Diáz de Guzmán concluiu a obra *La Argentina*, que permaneceu manuscrita até 1835, quando sua primeira edição foi publicada em Buenos Aires. A obra, de caráter histórico, narra as conquistas e explorações espanholas na região, sempre às margens dos rios platinos.

Não é difícil perceber, portanto, que a importância da bacia platina ecoou pela Europa durante o século XVII. É interessante notar a escolha de Bernini para a *Fontana dei Quattro Fiumi*. O novo continente foi representado pelo rio da Prata e não pelo Amazonas, igualmente palco de muitas desventuras e epopeias europeias selva adentro à procura do Dourado e dos lagos míticos que se multiplicaram no interior das terras desconhecidas – vide as viagens de Walter Raleigh por exemplo, bastante difundidas na Inglaterra elisabetana. Além disso, a bolsa de moedas na fonte mostra o rio associado à imensa quantidade de metal precioso encontrado no reino do Peru, seja o ouro inca ou a prata da montanha de Potosí. Grande parte dessa riqueza escoou pela embocadura do Prata, caminho natural de acesso ao interior do continente. Natural, porém ilegal. Oficialmente as mercadorias vindas da Espanha e, em sentido contrário, a prata americana deviam seguir o caminho através do Peru até o porto de Nombre de Dios, no atual Paramá. Entretanto, grande parte do comércio da região foi feito à margem do caminho oficial, através do contrabando nas imensas e pouco definidas franjas do Império espanhol nascente.[224] Enquanto a prata seguiu o fluxo das águas, descendo os rios até

---

[222] BARCO CENTENERA, Martín del. **Argentina y conquista del Río de la Plata,** *op.cit.*, p.09. (Ver VITTORI, José Luis. **Del Barco Centenera y La Argentina. Orígenes del realismo mágico em América.** Santa Fé: Ediciones Colmegna, 1991, p.25.)

[223] BARCO CENTENERA, Martín del. **Argentina y conquista del Río de la Plata,** *op.cit.*, p.09. É possível que a toponímia "Argentino", não usual na documentação escrita e nos mapas da época, sirva para facilitar a construção dos versos. Na margem da obra, onde figuram explicações históricas, o autor escreve "El rio Argertino o rio de la Plata es llamado por los índios Parana que quiere dezir mar por su grandeza".

[224] Para um estudo aprofundado sobre as vias legais e ilegais do comércio na região, ver o clássico já citado de Alice Canabrava (CANABRAVA, Alice Piffer**. O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984).

chegar no Atlântico na segunda metade do século XVI em diante, nas primeiras décadas de colonização os conquistadores espanhóis seguiram no sentido contrário, transformando os grandes rios da região em espinha dorsal da exploração da parte sul do continente.

A mescla de fascínio, terror, lendas e oportunidades que os rios platinos exerciam no imaginário espanhol ficou registrada, portanto, pela pena de conquistadores e artistas. Creio que essas duas faces do rio – a admiração poética e o caminho da conquista – possam ser associadas a duas formas de *conhecimento* produzida pelos europeus no primeiro século das conquistas. De um lado, o conhecimento sigiloso, necessário para o sucesso das próximas expedições exploratórias e por isso mesmo secreto, para impedir que outros estados soubessem das correntes, rotas e caminhos. De outro, o conhecimento propagandístico, divulgado, necessário para comprovar a *descoberta* e posse dos territórios perante as nações europeias. Ambos foram utilizados pelos cartógrafos do período nos primeiros mapeamentos da região.

As políticas de sigilo dos países ibéricos em relação à publicação de mapas e relatos de suas descobertas são conhecidas na historiografia. Segundo Maria Portuondo, a lógica por trás dessa política era simples:

> Se documentos que revelassem as coordenadas geodésicas, as características geográficas, as costas e os recursos hidrográficos e naturais do Novo Mundo fossem produzidos e circulassem publicamente, poderiam, nas mãos dos inimigos, ser utilizados para atingir o Novo Mundo e causar danos ao patrimônio da Coroa e às pessoas cuja proteção era obrigação do estado.[225]

A autora, quando analisa o caso da monarquia espanhola deixa clara a postura de censura e proibição da circulação de livros e obras que trouxessem informações sobre as Índias. Isso acarretou mesmo em problemas indiretos, como mostram as tentativas de reformas do *Consejo de Indias* – órgão responsável desde a década de 1520 pelos assuntos do

[225] No original: "If documents that revealed the geodesic coordinates, geographical features, coastal outlines, hydrography, and natural resources of the New World were produced and circulated publicly, these, in the hands of enemies, could be used to reach the New World and inflict harm on the crown's patrimony and the peoples the state had the obligation to protect". PORTUONDO, María M. **Secret Science: Spanish cosmography and the new world**. Chicago: University of Chicago Press, 2009, p.7.

Novo Mundo – em 1560 para resolver o problema de falta de informações sobre o Novo Mundo.[226]

Um dos caminhos possíveis era limitar o acesso às fontes primárias de informação, como relatos, escritos e diários dos pilotos que cruzavam o Atlântico. Esse material era utilizado por cosmógrafos e cartógrafos na elaboração dos mapas oficiais. Na década de 1550, a legislação passou a exigir que os livros que tratassem de aspectos referentes ao Novo Mundo fossem submetidos ao Conselho para revisão antes da publicação, na tentativa de conter a circulação de "material considerado incendiário nas já voláteis regiões do Novo Mundo".[227] Segundo Sandman, já no início do século a monarquia espanhola tomou medidas para impedir que outros países comercializassem ou se estabelecessem em seus novos territórios. Então, "as cartas e as informações descritivas que as acompanham, sob qualquer forma, eram consideradas segredos de Estado, para serem controlados centralmente e não divulgados sem permissão".[228]

Em Portugal, a proibição da disseminação de cartas náuticas e descrições históricas sobre as recentes descobertas portuguesas datam de ainda mais cedo, 1481.[229] A preocupação de alguns cosmógrafos ia além de que possíveis segredos em relação à América fossem revelados. Em carta ao rei Felipe II, de fevereiro de 1578, Bautista Gesio revela sua preocupação com a publicação de dados que poderiam ser usados contra os espanhóis em possíveis disputas territoriais vindouras.[230]

A única maneira de reivindicar posse dos novos territórios, entretanto, era mostrando o sucesso das conquistas. Maria Portuondo identifica um ponto de inflexão nas políticas de sigilo espanholas na transição entre os reinados de Felipe II e III. Ambos utilizaram a rede de

---

[226] PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.,* p.107. A autora argumenta, entretanto, que a falta de informações sobre o Novo Mundo pode ter sido causada pelas limitações da cosmografia tradicional para assimilar as novas informações geográficas que chegavam à Europa.

[227] No original: "material considered incendiary in the already volatile regions of the New World". PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.,* p.105.

[228] No original: "the charts, and accompanying descriptive information in any form, were considered state secrets, to be centrally controlled and not divulged without permission". SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance. in.: **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007, p.1104.

[229] PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.,* p.6.

[230] AGI, Patronato, 259, R. 72, 18 de Fevereiro de 1578. Carta de Juan Bautista Gesio ao rei, *apud* SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op. cit.*, p.1138.

cosmógrafos construída desde meados do século XVI. Entretanto, se com Felipe II no trono essas informações eram tratadas como secretas, sob os auspícios de seu sucessor os cosmógrafos não só tiveram mais liberdade como foram incentivados a publicar suas descobertas, divulgando o que em décadas anteriores era considerado segredo de estado.[231] É visível, portanto, a não homogeneidade no tratamento das novas descobertas geográficas pela Coroa espanhola. Outro problema encontrado era equilibrar o desejado sigilo sobre as novas rotas com a necessidade de oferta constante de novas cartas de navegar. Todos os navegadores que se aventuravam pela *carrera de Índias* necessitavam das cartas e deveriam adquiri-las com os funcionários da *Casa de la Contratación*. Como veremos adiante, a disputa pelo monopólio na produção de cartas gerou bastante polêmica entre os cartógrafos da casa e inúmeras dificuldades às tentativas do *Consejo de Indias* de manter os mapas e seus detalhes secretos longe de estrangeiros.[232]

Ao fim e ao cabo, mesmo com as inúmeras tentativas das Coroas ibéricas, não era tarefa fácil *esconder* o Novo Mundo dos olhares ávidos de outras nações europeias. Fontes coevas já chamavam a atenção para o fato de que "inimigos e piratas já sabiam tudo o que precisavam", no caso da monarquia espanhola.[233] Para o caso lusitano, a historiografia ainda considera uma incógnita como as notícias de descobrimentos podiam ser conhecidas fora de Portugal com tanta rapidez, não apenas em casos isolados, mas sistematicamente, durante o início do período moderno. Isso leva a pensar que, "se de fato existiu uma política do sigilo, ela não foi de modo nenhum efetiva e abrangente".[234] As políticas de sigilo moviam outras engrenagens. Como toda informação de valor, as "informações cosmográficas eram ocultadas, roubadas, intencionalmente mal representadas, utilizadas para ganho próprio, aplicadas para atingirem objetivos de instituições e coroas e, obviamente, compradas e vendidas.[235]

---

[231] PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.*, p.7.

[232] SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, p,1139.

[233] Escalante de Mendoza, **Itinerario de navegacion**, 13, *apud* SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, p,1138. Vale lembrar que Mendoza foi proibido de publicar seu trabalho e deveria estar pouco contente com as políticas de sigilo e censura.

[234] ALEGRIA, Maria Fernanda; GARCIA, João Carlos; RELÃNO, Francesc. Cartografia e Viagens. In: BETHENCOURT, F; CHAUDHURI, K.(dir). **História da Expansão Portuguesa**. Vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p.7.

[235] No original: "cosmographical information was hidden, stolen, intentionally misrepresented, used to leverage personal merits, employed to further institutional or royal agendas, and, of course, bought and sold". PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.*, p.105.

* * *

O intuito desse capítulo é analisar o conjunto de questões aqui apresentadas – a importância e protagonismo dos rios da bacia platina; a institucionalização do conhecimento produzido pelas instituições ibéricas no século XVI; e as dificuldades de se rastrear o que era mantido em sigilo e o que era mostrado e divulgado pelas Coroas. Primeiro, discuto o contexto das instituições oficias e sua produção cartográfica. Em seguida, o foco serão os rios e sua importância na ocupação e mapeamento da região. Os desdobramentos desse tópico trarão a análise de alguns conjuntos de mapas, com intuito de mostrar os pormenores da produção cartográfica e do mapeamento da região entre o século XVI e início do século XVII.

2.1 – AS INSTITUIÇÕES IBÉRICAS E O MAPEAMENTO DO NOVO MUNDO

"O fim da nossa instituição é o conhecimento das causas e dos segredos dos movimentos das coisas e a ampliação dos limites do império humano para a realização de todas as coisas que forem possíveis"[236]. Assim foram descritos os objetivos da mais fantástica das instituições cientificas da primeira modernidade europeia. Trata-se da Casa de Salomão, instituição basal da utópica Nova Atlântida, ilha misteriosa descrita por Francis Bacon e publicada em 1627 Frente ao incrédulo náufrago narrador, um dos membros da casa explica os pormenores sobre as instalações, sobre os experimentos e, mais importante, sobre o modo de manter contato com terras e culturas d'além mar:

> A cada doze anos seriam enviados para fora do reino dois navios, para várias viagens; que em cada um deles fosse uma comissão de três dos membros [...], cuja missão seria apenas a de nos dar a conhecer os assuntos e o estado, naqueles países para os quais fossem enviados,

[236] BACON, Francis. **Nova Atlântida**. in.: **Novum organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p.262.

> especialmente, das ciências, artes, manufaturas e invenções de todo o mundo.[237]

As várias páginas de descrição das atividades da casa, na obra, mostram como, no imaginário europeu, havia o desejo de desenvolver todo o potencial do novo conjunto de métodos e padronizações do conhecimento científico no período. Os avanços conquistados pelos sábios da ilha só eram possíveis a partir do material recolhido nos lugares remotos por eles visitados. A utopia, entretanto, pode não ser de todo fantasiosa.[238] Mais de um século antes de Francis Bacon descrever a Casa de Salomão, os reis católicos deram ordem para que se fizesse, em Sevilla,

> una Casa de Contratación para que en ella se recojan y estén el tempo que fuere necessário todas las mercanderías e mantenimientos e todos los otros aparejos que fuesen menester para proveer todas las cosas necesarias para la contratación de las Índias, e para enviar allá todo lo que de ello convenga enviar, para que reciban todas las mercaderías e todas las cosas que de ellas se enviaren a estos nuestros reinos.[239]

A ordem real de 1503 deixa claros os objetivos da Casa, mesmo que ainda bastante focada em sua faceta comercial – a gerência de questões científicas seria uma atribuição tão logo começasse a funcionar. A palavra *todo,* bastante utilizada, não deixa de dar uma conotação utópica às tarefas da nascente instituição. Além disso, conforme espero demonstrar no decorrer dessa pesquisa, cada vez mais a historiografia da ciência mostra a importância das viagens para além oceano, nesse caso notadamente a América, no desenvolvimento da chamada ciência moderna europeia. Mesmo que durante séculos esse processo tenha sido visto como unidirecional – nas últimas décadas as pesquisas têm demonstrado a influência

---

[237] BACON, Francis. **Nova Atlântida,** *op.cit.*, p.253.

[238] A analogia entre a Casa de Salomão e a *Casa de la Contratación* foi sugerida no trecho abaixo, de Antonio Sanchez Martinez. De acordo com o autor, "en tiempos de la reina Elizabeth de Inglaterra, la Corona inglesa envió una comisión de expertos —con el célebre explorador Stephen Borough como máximo estandarte— a la *Casa de la Contratación* de Sevilla para comprobar el funcionamiento científico y burocrático de una institución que pudo encarnar la Casa de Salomón". MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana: la *Casa de la Contratación* de Sevilla, el Real y Supremo Consejo de Indias y la Academia de Matemáticas de Felipe II. **Revista de Índias.** Madri, vol. LXX, n.250, pp.715-748, 2010,p.720.

[239] Trecho das *Ordenanzas de 1503*, citado por SERRERA, Ramón María. La *Casa de la Contratación* en el Alcázar de Sevilla (1503-1717). **Boletín de la Real academia sevillana de Buenas Letras: Minervae Baeticae**, n.36, pp. 133-168, 2008, p.138.

decisiva dos *assuntos, ciências, artes, manufaturas e invenções naqueles países de todo o mundo* para a ciência e domínio europeu nos novos continentes.

No mundo real, entretanto, o mecanismo de descoberta, ordenação e administração de territórios distantes apresentava obstáculos bastante óbvios. Segundo Maurício Olarte, o problema do conhecimento, tanto quanto do controle à distância são "fundamentalmente un problema de comunicación y, por lo mismo, de los procesos de acumulación, organización y sistematización de la información".[240]

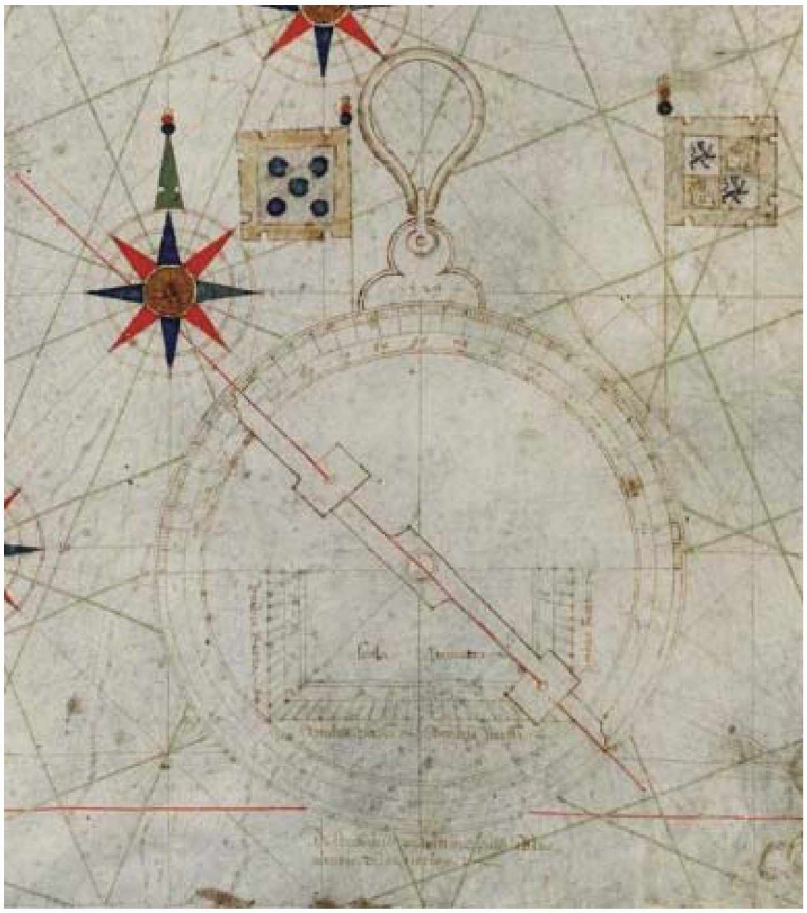


Figura 4 - Detalhe do astrolábio no mapa de 1529 de Diego Ribeiro. Biblioteca Vaticana de Roma

Solucionar esse problema foi um dos grandes desafios das monarquias ibéricas do período e as instituições criadas na península tiverem papel crucial na tarefa. O problema da comunicação, acima aludido, teve estreitas conexões com o desenvolvimento da cosmografia e cartografia no período. Segundo Sanchez Martinez,

[240] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.18.

> El arte de hacer mapas, descripciones o pinturas fue también una ciencia elemental para el mantenimiento del imperio, un imperio situado bajo el marco de un régimen de autoritarismo monárquico. El conocimiento cartográfico fue promovido por una Corona que no dejó escapar la posibilidad de construir un imperio con imágenes, una vía pragmática, práctica y útil de acceso y apropiación del mundo[241]

A importância da cartografia para o domínio dos novos territórios foi, portanto, acompanhada pelo desenvolvimento de novas técnicas de mapear. O papel da ciência como ferramenta a serviço do império fica evidente nas próprias cartas.

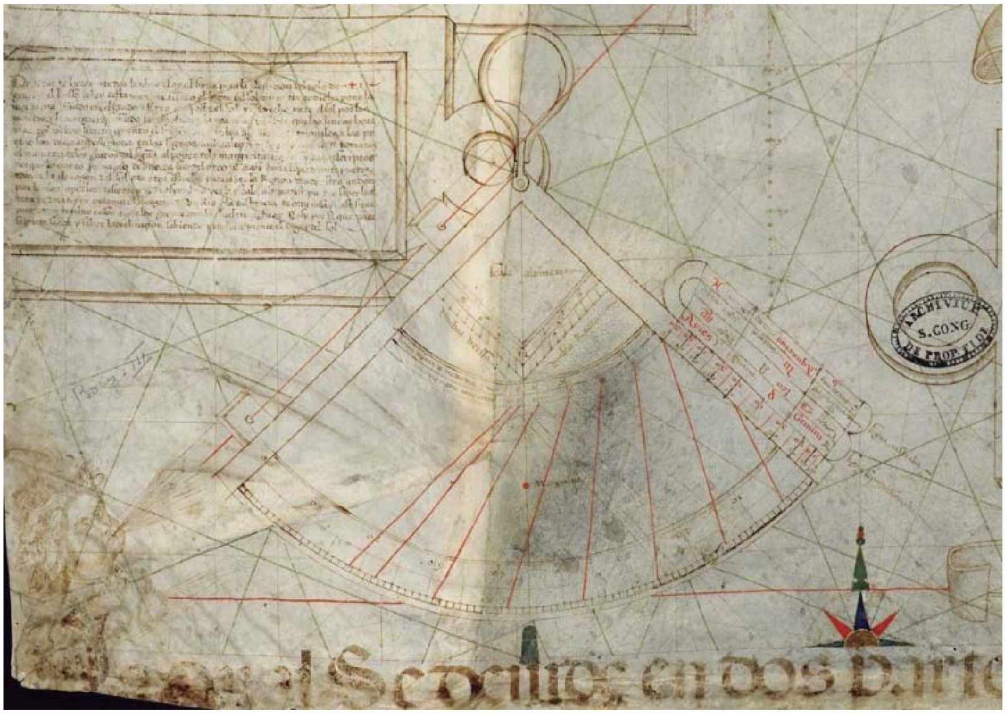


Figura 5 - Detalhe do quadrante no mapa de 1529 de Diego Ribeiro. Biblioteca Vaticana de Roma

Os mapas de Diego Ribeiro, cartógrafo da *Casa de la Contratación*, feitos no final da década de 1520 são os primeiros a trazer instrumentos de navegação e cartografia como ilustração. No mapa é possível reconhecer um quadrante, no canto esquerdo inferior e um astrolábio no canto direito inferior (Figuras 4 e 5).

Além do mapa de Ribeiro, considerada provavelmente uma cópia do *padrón real*, de uso e circulação restrita, a força da ciência também foi registrada no mapa que acompanha a *Parte primera de la Chronica del Peru,* do cronista e conquistador Pedro Cieza de León, publicada em 1553 em Sevilha. Por fazer parte de uma crônica de descoberta e conquista,

---

[241] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana, *op.cit.*, p.733.

amplamente divulgada, o mapa editado por Juan Bellero apresenta menos detalhes de rumos e latitudes. Na parte inferior da carta, entretanto, a inserção de duas ilustrações nos remete, mais

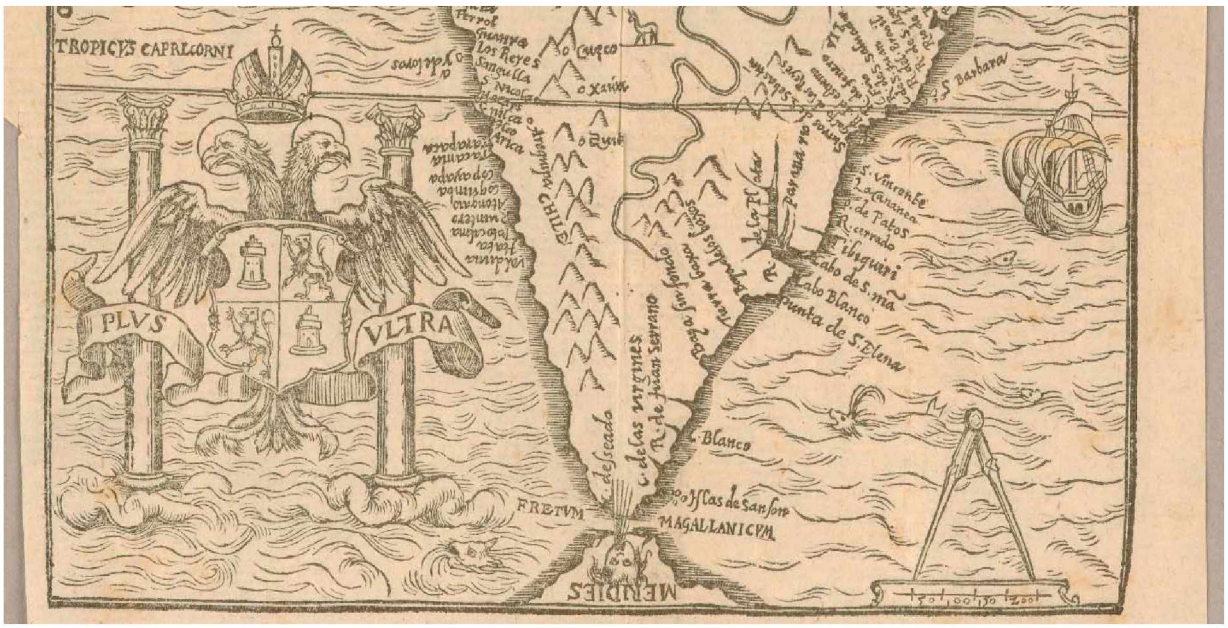


Figura 6 - Detalhe do brasão espanhol, com as colunas de Hércules e as palavras Plus Ultra, à esquerda e o compasso à direita. Brevis exactaque totius Novi Orbis eiusque insularum descriptio recens a Joan. Bellero edita, 1553. Acervo da Jonh Carter Brown Library

uma vez, à utopia da Casa de Salomão, onde a ciência seria capaz de desvendar todos os mistérios do mundo. De um lado do mapa, aparece o brasão da monarquia espanhola, com o conhecido lema *Plus Ultra*, que representa a vontade de ir além das Colunas de Hércules. De outro, figura um compasso, acima da régua de escala, mostrando que a ciência era o caminho para atingir esse objetivo e conhecer o mundo (Figura 6).

Por trás das aventurosas expedições de travessia do oceano, uma rede de funcionários, cosmógrafos, cartógrafos e pilotos atuava nos bastidores da conquista, tornando possível os feitos ibéricos. Sendo assim, "el compás, la medición y la representación de los territórios conquistados eran casi tan importantes como la ocupación misma —muchas veces mediante las armas".[242] Os processos que envolveram as primeiras medições e representações do espaço americano – e platino – passaram pela *Casa de Índia* e pela *Casa de la Contratación.*

[242] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artífices del Plus Ultra: pilotos, cartógrafos y cosmógrafos en la *Casa de la Contratación* de Sevilla durante el siglo XVI. **Hispania**. Madri, vol. LXX, n.236, 2010, p.631.

2.1.1 – A Casa da Índia e a *Casa de la Contratación*

Muito já foi escrito sobre a *Casa de la Contratación* e a Casa da Índia, as duas principais instituições em Espanha e Portugal, respectivamente, tanto do ponto de vista institucional, como do ponto de vista administrativo, comercial e cientifico.[243]

Conforme a ordem real já apresentada, a *Casa de la Contratación*foi fundada em 1503, uma década depois das primeiras navegações de Cristóvão Colombo. O grande fluxo de homens e mercadorias, bem como o crescente volume de assuntos administrativos sobre o Novo Mundo, tornaram necessário um maior controle e organização. Um escrito anônimo, de 1502, com o título: "Lo que parece, que se debe proveer, para poner en orden el negocio y Contratación de las Índias", pode ter sido o primeiro esboço do que seria a instituição.[244] O documento foi a base do projeto da Casa. As primeiras tarefas da instituição diziam respeito, como o próprio nome diz, ao comércio com as Índias – "un híbrido de aduana y oficina

---

[243] Ver, por exemplo, SERRERA, Ramón María. La *Casa de la Contratación* en el Alcázar de Sevilla (1503-1717)**. Boletín de la Real academia sevillana de Buenas Letras: Minervae Baeticae**, n.36, pp. 133-168, 2008; MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana: la *Casa de la Contratación* de Sevilla, el Real y Supremo Consejo de Indias y la Academia de Matemáticas de Felipe II. **Revista de Índias**. Madri, vol. LXX, n.250, pp.715-748, 2010; MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artífices del Plus Ultra: pilotos, cartógrafos y cosmógrafos en la *Casa de la Contratación* de Sevilla durante el siglo XVI. **Hispania**. Madri, vol. LXX, n.236, 2010; TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe: Mapping the Construction of Knowledge Spaces. **Imago Mundi**, vol.48, pp.5-24, 1996; SANDMAN, Alison. An Apologia for the Pilots' Charts: Politics, Projections and Pilots' Reports in Early Modern Spain. Imago Mundi, vol. 56, pp.7–22, 2004 PORTUONDO, María M. **Secret Science: Spanish cosmography and the new world**. Chicago: University of Chicago Press, 2009; SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance. in.: **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007; OLARTE, Mauricio. **Las máquinas del império y el reino de Dios: reflexiones sobre ciência, tecnologia y religion en el mundo atlântico del siglo XVI**. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2013. Além dos textos recentes aqui utilizados, existem outros estudos clássicos sobre as instituições, como IBARRA, Eduardo, Los precedentes de la *Casa de la Contratación* de Sevilla, **Revista de Indias**, n.3, 1941, pp. 85-97. Do mesmo autor seriam ainda publicados continuações do artigo nos volumes 4 (1941, pp. 5-54) e 5 (1941, pp. 5-38) do periódico. Para o caso português, ver ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance. **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007; MARTINS, José F. Ferreira. Casa da India. **Publicações**, n. 4, pp.365–384; COUTO, Gustavo. **História da antiga Casa da Índia em Lisboa,** Lisboa: Libanio da Silva, 1932. Agradeço a colega Amanda Cieslak Kapp, pelas discussões e referências em relação à *Casa de la Contratación* e à Casa da Índia.

[244] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.40. Se para Olarte o memorial é anônimo, Sanchez Martinez concorda com a opinião de Ernesto Schäfer e atribui o documento ao jurado Francisco Pinelo. MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana, *op.cit.*, p.720.

comercial muy marcado por su carácter mercantil".[245] Tudo o que saísse da Espanha, bem como tudo o que chegasse dos territórios ultramarinos deveriam passar pela casa, que deveria ainda manter a ordem do comércio e fomentar a prosperidade econômica da monarquia universal.[246] Os três funcionários da casa nos primeiros anos – um tesoureiro, um contador e um feitor – tinham como tarefas "almacenar, vender y contratar mercaderías de todas las operaciones que se realizasen por cuenta de Real Hacienda; equipar y apresentar los navios; elegir a sus capitanes y escribanos; y proporcionar instrucciones náuticas acerca de la propia navegación".[247] Os oficiais da Casa também interviam como juízes em todas as causas civis e criminais, bem como nos processos de repatriação de bens dos espanhóis que morriam sem herdeiros além mar. A Casa gozou de autonomia administrativa, política e judicial, funcionando com independência de quaisquer outros órgãos ou jurisdições reais.[248]

A escolha de Sevilha para sediar a Casa não foi fortuita. A cidade era o principal porto de saída para as Índias, devido sua confortável posição no interior, protegida de assaltos marítimos, noventa quilômetros costa adentro pelo rio Guadalquivir. Sevilha era, no início do século XVI, o centro do comércio com o norte da África, Portugal e as ilhas do atlântico, exercendo o papel de capital econômica da coroa de Castela. Contava com quase quarenta mil habitantes e possuía "larga tradicion mercantil, con casas comerciales, bancas y agentes extranjeros en ella assentados; albergaba prestigiosos organismos mercantiles y judiciales, atarazanas y una nutrida burocracia propia de su condicion de gran urbe".[249] A Casa permaneceu no mesmo local – um setor do *Alcázar de Sevilla* conhecido como *Cuerpo o Cuarto de los Almirantes* – até 1717, quando a instituição foi transferida para Cádiz.[250]

Boa parte dos estudos que buscaram entender os antecedentes da *Casa de la Contratación* concordam que o projeto de criação foi largamente baseado em uma instituição similar, a Casa da Índia, em Lisboa. O modelo de controle comercial levado a cabo pela coroa

---

[245] SERRERA, Ramón María. La *Casa de la Contratación* en el Alcázar de Sevilla, *op.cit.*, p.138.

[246] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana, *op.cit.*, p.723.

[247] SERRERA, Ramón María. La *Casa de la Contratación* en el Alcázar de Sevilla, *op.cit.*, p.139.

[248] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, pp.40-43.

[249] SERRERA, Ramón María. La *Casa de la Contratación* en el Alcázar de Sevilla, *op.cit.*, p.137. Durante o século XVI, segundo o mesmo autor, a população da cidade passou de quarenta para cento e vinte mil habitantes.

[250] SERRERA, Ramón María. La *Casa de la Contratación* en el Alcázar de Sevilla, *op.cit.*, p.142.

portuguesa teve início ainda na primeira metade do século XV, a partir da exploração da costa africana. Logo após a conquista de Ceuta, em 1415, o comércio marítimo foi regulado pela Casa de Ceuta, com sede em Lagos.[251] A Casa da Índia foi, portanto, o resultado de sucessivas *casas* e *armazéns* portugueses, como a Casa da Guiné e a Casa da Mina.[252]

Da mesma forma que a correspondente espanhola no século seguinte, as instituições portuguesas nasceram da necessidade de se gerenciar recursos humanos nos territórios ultramarinos e fiscalizar as atividades comerciais das novas rotas.[253] As principais características e funções da Casa da Índia foram definidas por regimentos. Um dos mais importante, de 1509, decretado pelo rei D. Manuel, destacava o papel de reguladora do comércio e das atividades administrativas no ultramar.[254] Apesar de todos as características comuns entre as casas, a historiografia aponta também algumas diferenças importantes. Segundo Sanchez Martinez,

> Si Portugal primaba el establecimiento de rutas comerciales seguras y estables entre enclaves mercantiles y puertos amigos hacia el lejano Oriente, España privilegió desde el inicio la conquista y ocupación de territorios poblados donde poder reproducir las estructuras sociales de Castilla.[255]

Essa diferença, como se sabe, está diretamente ligada à forma como portugueses e espanhóis ocuparam, conquistaram e exploraram suas possessões no período.[256] As diferenças

---

[251] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance. **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007, p. 1003.

[252] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana, *op.cit.*, p.722; ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, p.1003;

[253] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana, *op.cit.*, p.722.

[254] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, p.1003.

[255] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana, *op.cit.*, p.722.

[256] A presença ou não de *modelos* ou *projetos* para a empresa colonizadora já foi bastante discutida na historiografia. Para o caso português, ver, por exemplo, BOXER, Charles. **O império marítimo português: 1415-1825.** Lisboa: Edições 70, 2012 e THOMAZ, Luiz Filipe. **De Ceuta a Timor**. Lisboa: Difel, 1994. Para o caso espanhol, BETHELL, Leslie (org.) **América Latina Colonial**, vol. II. São Paulo: Editora da USP. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.

podem ter sido ainda mais significativas nesse sentido. Ramón Maria Serrera, em estudo minucioso sobre a casa espanhola, afirma que

> la modificación sustancial introducida con respecto al proyecto de 1502 de Pinelo, que involucraba al monarca como armador y con plena participación económica en la empresa indiana según el modelo lusitano, consistió en un rechazo de la ideia de un Capitalismo de Estado al modo portugués, en expressión de Pierre Chaunu. La Corona de Castilla no disponía del capital ni de la experiência necessária para acometer semejante empresa, y se terminó optando en 1503 por un proyecto más modesto en el que se dejaba el comercio con Indias en manos de particulares, mientras que la *Casa de la Contratación* se constituía únicamente en un organismo de *control* y no en una institución dedicada al comercio.[257]

Se os regimentos iniciais tratavam de questões relativas ao comércio, logo depois o desenvolvimento científico tornou-se uma das funções chave das instituições, muito em função das exigências que a constituição dos novos impérios demandava, como o domínio do oceano e o controle dos territórios distantes.[258] As casas podem ser consideradas as primeiras instituições científicas da Europa, uma vez que foram os "primeiros centros onde tentativas sistemáticas foram feitas para unificar os diversos fragmentos do conhecimento a respeito do mundo recém descoberto"[259] Ainda sobre o pioneirismo ibérico nas questões ligadas à ciência náutica, Alegria *et al.* citam o caso da escola de Sagres, supostamente uma iniciativa do príncipe Henrique, o navegador, logo após a conquista de Ceuta, em 1415. O príncipe teria reunido em Sagres um grupo de estudiosos com o objetivo de traçar detalhados planos logísticos e científicos para futuras expedições portuguesas. Na historiografia analisada pelos autores, alguns mitos surgiram atribuídos à suposta escola, como a invenção do mapa com a

---

[257] SERRERA, Ramón María. La *Casa de la Contratación* en el Alcázar de Sevilla, *op.cit.*, p.136. Grifos no original.

[258] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana, *op.cit.*, p.723.

[259]No original: "first centres where a systematic attempt was made to bring together the diverse fragments of knowledge about the newly discovered world". TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe: Mapping the Construction of Knowledge Spaces. **Imago Mundi**, vol.48, pp.5-24, 1996, p.12. Turnbull cita ainda o historiador Pulido Rubio, que fez menção em trabalho da metade do século XX sobre o pioneirismo das casas: "Pulido Rubio made the suggestion that the *Casa de la Contratación* was the first scientific cultural institution more than forty years ago, but little attention has been paid to his claim by historians of science. His account shows that the two Casas were indeed the first scientific institutions because they were centres of calculation in the Latourian sense". Ver: PULIDO, José Rubio. **El Piloto Mayor de la Casa de Contratación de Seville.** Seville: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1950.

grade equidistante de paralelos e meridianos, o plano náutico e o cálculo de latitudes e longitudes. No início do século XX alguns estudiosos começam a duvidar da existência da escola. A conclusão de Alegria et al. vai nesse sentido: não há base documental para comprovar a existência da instituição. Além disso, se o objetivo é usar um nome simbólico para designar um local de encontro, trocas de experiências e de informações sobre os novos territórios entre pilotos e homens do mar, a melhor opção seria Escola de Lagos, em referência à Casa precursora da Casa da Índia.[260]

Durante todo tempo de funcionamento, diferentes regimentos e ordenanças régias regularam o funcionamento das casas, acrescentando novos funcionários, funções e jurisdições à medida em que as ligações do reino com o restante do império ultramarino se tornavam mais complexas. Diferentes cargos foram responsáveis por obter os informações e construir o conhecimentos sobre o Novo Mundo, bem como do mar, da astronomia e das técnicas de navegação. No caso espanhol, em 1508 foi criado um departamento de geografia ou cosmografia, chefiado pelo *piloto mayor*, cujo função era dupla: fazer o exame dos pilotos que pretendiam exercer seu ofício na Carreira das Índias e confeccionar mapas, ou cartas de marear, a partir de um mapa modelo dos novos territórios, chamado de *padron real*.[261] Existiram na Casa três tipos de pilotos maiores. O responsável por examinar e instruir os pilotos, assim como supervisionar a construção de cartas e instrumentos de navegação; o "*piloto mayor* de la Armada Real de la guardia de la Carreta de las Indias", nomeador peo rei sob consulta do Conselho; e ainda existia o "Oficio de Piloto Mayor de las Flotas de Nueva España", nomeado a cada viagem.[262]

O primeiro nomeado como *piloto mayor* foi o navegador Americo Vespúcio. Depois dele, outros nomes de conhecidos navegantes e exploradores espanhóis figuraram no cargo,

---

[260] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, pp.1003-1005. Para uma análise crítica da escola de Sagres, ver RANDLES, W. G. L. The Alleged Nautical School Founded in the Fifteenth Century at Sagres by Prince Henry of Portugal, Called the 'Navigator'. **Imago Mundi**, n.45, pp. 20 –28, 1993.

[261] SERRERA, Ramón María. La *Casa de la Contratación* en el Alcázar de Sevilla, *op.cit.*, p.154; TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe, *op.cit.*, p.11; MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artífices del Plus Ultra, *op.cit.*, pp.610-613.

[262] VEITIA Y LINAGE, José de. **Norte de la Contratación de las Indias Occidentales**, Sevilla, 1672, pp.139 e ss., *apud* MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artífices del Plus Ultra, *op.cit.*, p.613.

como Juan Díaz de Solís e Sebastião Caboto. [263] A implantação do cargo tem sido considerada

> el germen de la primera escuela técnica europea, donde el desarrollo y aplicación del conocimiento científico estaba dirigido a las mejoras de la navegación de altura y oceánica. En la época de las exploraciones, si la cartografia poseía la virtud de abrir las ventanas del imperio, la navegación constituía el auténtico ojo del reino.[264]

O conhecimento prático de navegação, do piloto que *via* os locais mais remotos do império, era indispensável para a elaboração das cartas de marear. Entretanto, como já discutido, o conhecimento teórico dos cosmógrafos era igualmente imprescindível para a localização mais exata possível dos lugares nos mapas. Em 1523 o conhecido cartógrafo Diego Ribeiro, português, foi nomeado como cosmógrafo da Casa. Desde então, *piloto mayor* e cosmógrafo foram as duas posições científicas mais altas da casa.[265] A institucionalização da disciplina, chegou à Casa com a formalização do cargo de *piloto mayor*, em 1552 e a nomeação de Jeronimo Chávez. Segundo Mauricio Olarte,

> formalizar un conocimiento teórico en cosmografia era una necesidad de la Corona para asegurar su capacidad de control y comunicación a distancia (...). El cargo de cosmógrafo y la cátedra de cosmografia le dieron a la Casa de Contratación un carácter técnico más marcado, en tanto una de sus funciones principales fue la instrucción y la difusión de conocimientos navales y cosmográficos.[266]

Um conjunto de normas emitido pela Coroa no mesmo ano definiu os pormenores do cargo.[267] Dos mais de duzentos capítulos, uma vintena deles se referia especificamente às

---

[263] TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe, *op.cit.*, p.11; SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*1141.

[264] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artífices del Plus Ultra, *op.cit.*, p.610.

[265] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artífices del Plus Ultra, *op.cit.*, p.617.

[266] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.46. O processo de institucionalização foi também objeto de análise de Maria Portuondo. Ver PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit.*

[267] O extenso conjunto de normas foi assinada pelo príncipe Felipe II, em 1552 e marcou suas primeiras decisões sobre o funcionamento da Casa e da regulamentação dos negócios das Índias. Felipe II assumiria o trono de seu pai alguns anos mais tarde, em 1556. OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.46

tarefas técnicas da Casa de Contratación, como a manufatura das cartas de marear e as tarefas dos pilotos e cosmógrafos. Havia dois tipos de cosmógrafos na Casa: os que fabricavam instrumentos de navegação e os dedicados às atividades pedagógicas.[268] Sua função era de extrema importância: aos cosmógrafos cabia a atualização constante das cartas náuticas e a aprovação de todos os mapas marítimos e instrumentos de navegação.[269]

No decorrer do século, o universo acadêmico se aproximou das discussões cosmográficas, em detrimento dos homens do mar – Rodrigo Zamorano e Andrés García de Céspedes, ambos com formação universitária no campo da astronomia e das matemáticas, são exemplo desse processo[270]. Muito dessa aproximação se deveu ao prestígio obtido graças às tentativas de resolução dos litígios diplomáticos das fronteiras do Império, notadamente o caso das Molucas. Os cosmógrafos "con formación teórica tuvieron la capacidade y la habilidade de convertir, lo que en princípio eran problemas prácticos (...) y que afectaban tan sólo a los pilotos, en un assunto que debía ser resuelto mediante la aplicación de las leyes universales de la ciencia".[271]

Em 1543, através de uma regulamentação criado por Carlos V, a *Casa de la Contratación* foi submetida à autoridade do Conselho de Índias, perdendo assim sua autonomia administrativa.[272] O Conselho, formado em 1524, atuava como "un órgano político encargado de la administración indiana y destinado al asesoramiento ejecutivo, legislativo y judicial del rey".[273] Sobre o Conselho, é importante ressaltar ainda a criação do cargo de *cosmógrafo cronista*, em 1571, um dos resultados da auditoria feita na instituição à pedido do rei em 1567. Para levar a cabo a tarefa foi nomeado Juan de Ovando Godoy, jurista e religioso, "exemplo do tipo de homem que Felipe II buscou para a administração deste

---

[268] VEITIA Y LINAGE, José de. **Norte de la Contratación de las Indias Occidentales**, Sevilla, 1672, pp.144-146, *apud* MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artífices del Plus Ultra, *op.cit.*, p.617.

[269] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.45.

[270] Sobre a trajetória de Andrés Gárcia de Céspedes na Corte, ver SANDMAN, Alison. An Apologia for the Pilots' Charts, *op. cit.* A autora analisa também as tensões e conflitos desse processo que envolvia interesses variados. Sobre Rodrigo Zamorano, ver PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit*, pp.44 e ss.

[271] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artífices del Plus Ultra, *op.cit.*, p.618.

[272] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.45.

[273] MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana, *op.cit.*, p.725.

império em expansão".[274] A conclusão da *visita* de Ovando mostrou dois problemas fundamentais da administração do Império: a falta de leis claramente codificadas e a ignorância da Espanha em relação ao Novo Mundo. Para resolver o primeiro problema, Ovando realizou uma série de tarefas no sentido de compilar, revisar e reeditar todas as leis, editos e ordens reais expedidas desde os primeiros contatos com o Novo Mundo.[275]

A criação do cargo de cosmógrafo cronista fez parte da tentativa de resolver o segundo dos problemas apontados por Ovando. As funções do cargo eram "compilar y organizar hechos confiables y útiles para la administración del império"[276], tarefas que foram detalhadas em dois conjuntos de leis, as *Ordenanzas Reales del Consejo de Indias* – nas quais os cinco últimos artigos tratam diretamente das tarefas do cosmógrafo-cronista – e as *Ordenanzas para la formación de libro de las descripciones de Indias*, também chamadas de *Instrucciones para hacer las descripciones* ou *Titulo de las descripciones*. Para Portuondo, as *Instrucciones* "refletem as convicções de Ovando de que um sistema organizado para coletar e organizar informação era essencial para uma administração colonial eficiente".[277]

Segundo as *Ordenanzas*, a primeira função do cosmógrafo-cronista era fazer e ordenar

> Las tablas dela cosmographia de las Indias, assentando enellas por su longitude, y latitude, y numero de léguas, segu el arte de geographia, las prouincias, mares, islas, rios, y montes, y otros lugares que se ayan de poner em designo y pintura segun las descripciones generales y particulares q de aquellas partes se le entregare, y las relaciones y apuntamientos que se le dieren por los escriuanos de câmara de gouernacion del dicho consejo, conforme a lo qual, y a lo que tenemos mandado enel titulo de las descripciones, prossiga lo que fuere a su cargo de hazer en el libro general de descripciones que há de auer enel consejo.[278]

---

[274] No original: "prime example of the kind of man Philip II sought for the administration of this expanding empire". Para Maria Portuondo, "*Letrados* or men of letters like Ovando held many important positions that had formerly been awarded only to gentlemen of high birth". PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit*, pp.115.

[275] Para maiores detalhes sobre a reforma legal de Ovando, conhecida como *Reconpilacion de leyes de Indias,* ver PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit*, pp.116 e 117.

[276] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.47.

[277] No original: "reflect Ovando's conviction that an orderly system for collecting and organizing information was essential for efficient colonial administration" PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit*, p.126.

[278] **Ordenanzas Reales del Consejo de Indias**. Impressas em Madrid, en casa de Francisco Sanchez, Âno 1585, p.XXI.

A compilação das informações deveria compor o "libro general de descripciones", que também ficava a cargo do cosmógrafo maior. Além disso, a legislação previa outros tipos de informações que deveriam ser recolhidas. Para registrar os feitos memoráveis que aconteceram nas Índias, compondo assim sua "historia general", o cronista deveria escrever, "com a maior precisão e verdade" sobre os "costumes, ritos, antiguidades, feitos e acontecimentos".[279] Sobre as "coisas naturais das Índias", a compilação deveria conter a "história natural das ervas, plantas, animais, aves e pescados, e outras coisas dignas de saber-se, que nas províncias, ilhas, mares e rios das Índias houverem".[280]

O resultado imediato das ordenanças foi a publicação da conhecida *Geografia y descripción universal de las Índias*, grande obra de compilação da história natural e moral do continente americano, feita por Juan López de Velasco, primeiro a ocupar o novo cargo.[281]

Além de definir a forma das *histórias das Índias* posteriormente escritas, chama atenção nas *Ordenanzas* o caráter agora coletivo da cosmografia espanhola do período, mudança epistemológica que marca o distanciamento com a cosmografia humanista, de caráter individual. Portuondo afirma que os dois conjuntos de leis, juntos

> explicaram, de forma sem precedentes na história intelectual da cosmografia renascentista, a abordagem epistêmica e as metodologias que constituem a prática cosmográfica. Assim, romperam definitivamente os laços entre cosmografia e humanismo[282]

A partir da criação do cargo, houve também uma alteração na dinâmica da produção cartográfica espanhola. Segundo Sandman, os anos que se seguiram foram "muito quietos em Sevilha". Os assuntos concernentes à cartografia se concentraram no Conselho e na Corte. Mesmo que muita atenção tenha sido dada à coleta de informações geográficas tanto por pilotos como por expedições exclusivas, isso estava separado das tarefas cotidianas da casa.

---

[279] **Ordenanzas Reales del Consejo de Indias**, *op.cit.*, p.XXI.

[280] **Ordenanzas Reales del Consejo de Indias**, *op.cit.*, p.XXI.

[281] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.49.

[282] No original: "they spelled out, in a manner unprecedented in the intellectual history of Renaissance cosmography, the epistemic approach and methodologies that constituted cosmographical practice and in doing so broke definitively the ties that bound cosmography to humanism". PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit*, p.120.

As atividades cartográficas deram lutar aos conflitos internos. Além disso, o número de cosmógrafos ativos diminuiu bastante com mortes e aposentadorias.[283]

A mudança do equilíbrio de forças entre a Casa e o Conselho também foi analisado por Maria Portuondo. Segundo ela,

> em princípio, o artigo 121 parece requerer a duplicação, instruindo o cosmógrafo-cronista ou o *Consejo de Índias* a preparar portulanos similares aos que o piloto-maior da *Casa de la Contratación* estava obrigado a manter – o que, de fato, era a intenção do Conselho. Dando ao cosmógrafo-cronista do Conselho o acesso às mesmas fontes informativas que eram utilizadas pelo piloto-mor para compilar o *Padrón Real*, o Conselho estava, efetivamente, estabelecendo controle sobre este aspecto vital para as navegações ultramarinas[284]

Em Portugal, o ofício de *cosmógrafo-mor* foi criado em 1547 e ocupado primeiramente por Pedro Nunes. O cargo esteve ligado às atividades do Armazém. Maria Fernanda Alegria ressalta que, no caso português, era o Armazém e não a Casa o responsável pelas funções de ciências náuticas e de produção de mapas. Vários documentos atestam que o Armazém da Guiné existiu como uma instituição separada, desde os primeiros anos do reinado de João II (1481-1495).[285]

Do ponto de vista científico, é inegável o papel das Coroas ibéricas na formalização das instituições e cargos que tornaram possível a recolha de informações nos mais diversos territórios do império ultramarino. A importância é ainda maior quando pensamos nas tentativas de padronização das novas informações, sua natureza, formas e medidas. Esse é um ponto crucial no desenvolvimento da ciência moderna. A produção do conhecimento, entretanto, pode ser visto como algo mais complexo do que apenas institucionalização e padronização, notadamente no período de efervescência científica vivido nos séculos XVI e XVII. David Turnbull nos lembra que "o que contava como conhecimento era tanto um

---

[283] SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, p,1122.

[284] No original: at first glance article 121 seems to call for duplication by instructing the cosmographer-chronicler or the Council of Indies to prepare rutters similar to those the pilot major at the Casa de la Contratación was under obligation to maintain - and indeed this was the Council's intention. By giving the cosmographer-chronicler of the Council access to the same sources of information as those used by the pilot major to compile the padrón real, the Council was in effect establishing control over this vital aspect of overseas navigation". PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit*, p.124.

[285] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, p.1004.

problema político e moral quanto epistemológico, mas também era um problema que exigia a implementação de práticas sociais, literárias e técnicas de representação".[286]

A institucionalização da produção do conhecimento foi bastante marcante na península ibérica do período. Longe de funcionar perfeitamente como na utopia de Francis Bacon, as disputas e querelas entre as diferentes instituições – seja pela primazia ou monopólio na produção e venda de cartas, das licenças para se fabricar instrumentos náuticos ou mesmo a tensão de forças entre pilotos e cartógrafos – mostra um processo muito mais complexo, profundamente social, deixando evidentes as dificuldades e não linearidade das tentativas de se consolidar um império que fosse além do que era conhecido.

2.1.2 – O *padron real*

Grande parte da prolífica produção de mapas e cartas de marear do início do período moderno não chegou até nós. Dentre os exemplares que sobreviveram às intempéries do uso, do tempo e do arquivamento, é possível identificar diferentes tipos. Uma parte das cartas que existem hoje espalhadas em diferentes arquivos e acervos foi encomendada para ser ofertada a nobres e soberanos, em eventos importantes, inclusive em casamentos da nobreza. Essas cartas eram, em geral, mais ornadas e decorativas, de pouco ou nenhum uso prático. Outro grupo de cartas, bem menos numeroso, foi utilizado por navegadores para mostrar aos reis seus planos de navegação e exploração – talvez os casos mais conhecidos sejam os de Colombo e Magalhães. Dessas cartas, entretanto, temos muito mais menções à sua existência do que exemplares e pouco se sabe a seu respeito. É bastante provável que em encontros diplomáticos, notadamente durante o período de litígio entre as coroas portuguesa e espanhola em relação ao meridiano e antimeridiano de Tordesilhas, mapas fossem utilizados para mostrar os territórios reivindicados, formando um terceiro grupo. Se foram de fato elaborados, essas cartas nunca foram encontradas.[287] Finalmente, existem as cartas de uso mais evidente e prático, as utilizadas pelos pilotos em suas viagens. A escassez de exemplares desse tipo preservadas contrasta com a intensa prática cosmográfica levada a cabo pelas instituições

---

[286] No original: "what was to count as knowledge was as much a political and moral problem as an epistemological one, but it was also a problem that required the implementation of social, literary and technical practices of representation". TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe, *op.cit.*, p.12.

[287] SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, p,1097.

ibéricas no século XV.[288] Esse fato pode ser atribuído ao desgastante uso no mar, ao manuseio constante com anotações e correções, além, é claro, das políticas de segredo sobre as novas descobertas, discutidas anteriormente, que de alguma maneira cercearam a propagação dos ditos mapas. Diferentes de outros instrumentos utilizados na navegação, feitos de madeira ou metal – como astrolábio, bússola ou balestilha – as cartas eram elaboradas sobre materiais perecíveis, como papel. Eram ainda, segundo Mauricio Olarte, "instrumentos desechables. Cuando el piloto las usaba hacía trazos y correcciones sobre el papel, así que es razonable suponer que cada carta era utilizable en un único viaje".[289] No caso português, outro fator importante que contribui para a destruição da maioria das cartas – e de muita documentação pertinente às instituições científicas portuguesas – foi o terremoto de 1755 em Lisboa, bastante lembrado na historiografia.[290]

Antes de cada viagem, os pilotos deveriam adquirir mapas atualizados com as rotas e distâncias de seus destinos. As cartas de marear utilizadas nos navios deveriam ser compradas diretamente das instituições reais e, por conta disso, geraram um importante comércio nas oficinas de cosmógrafos. Isso gerou várias disputas entre os diversos cargos científicos da Casa, bem como entre "pilotos afincados en Sevilla que querían participar en los beneficios de tan floreciente negocio. [291]

Todas as cartas feitas nas oficinas de cosmografia deveriam ser cópias da carta oficial do Império, o padrão real ou *padron real*. Sem dúvida uma das maiores marcas da institucionalização e padronização do conhecimento na península ibérica durante o século XVI, a essência do padrão real traz algo da utopia científica da ficção baconiana e borgeana: um mapa de todo império, que mostrasse todas as novas localidades e rotas, constantemente atualizado à medida em que as notícias de novas descobertas chegassem à Europa. O mapa

---

[288] PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit*, pp.8-9.

[289] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.190.

[290] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, p.1004; TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe: Mapping the Construction of Knowledge Spaces. **Imago Mundi**, vol.48, pp.5-24, 1996, p.9.

[291] MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**. Madrid: Lunwerg for Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente, 1992, p.76.

deveria, portanto, conciliar duas características quase excludentes: ser um único padrão e incorporar todas as novas observações, sempre sob controle do Estado.[292]

Um projeto de tamanha envergadura demonstra, por outro lado, o poder de organização e compilação de informação das instituições ibéricas. Para Olarte, "El proyecto de construir un mapa completo del mundo, el Padron Real, suponía una empresa técnica y científica de enormes proporciones en la cual se sumaban y articulaban muchos actores". Essa não foi uma tarefa individual, mas um trabalho de "poderosas instituciones que permitieron sistematizar bajo un marco de referencia común la experiência de muchos". Para o autor,

> Esta es precisamente una de las características esenciales de la idea de ciência moderna y, por lo mismo, se trata de un episodio que debe ser incorporado en cualquier narración que pretenda dar cuenta del nacimiento de esta última.[293]

Não há dúvidas a respeito da existência de uma carta padrão, mesmo que nenhum exemplar assim intitulado tenha sido preservado. Em Portugal, o cartógrafo Lopo Homem escreveu que "as cartas que o Armazém real exige para suas frotas e viagens para as Índias são feitas de acordo com tal padrão".[294] No caso espanhol, de documentação mais farta, se multiplicam as referências ao padrão, incluindo as primeiras ordens para sua elaboração. Em 1508 uma Cédula Real solicitava que

> se haga um Padrón general y porque se haga más certo mandamos a los nuestros oficiales de la Casa de la Contratación de Sevilla que hagan juntos todos nuestros pilotos, los más que hallaren en la tierra a la sazón, y en presencia de vos el dicho Américo Vespuci, nuestro piloto mayor, se ordene y haga um Padrón general, el cual se llame Padrón real, y por el cual todos los pilotos se hayan de regir y governar y esté en poder de los dichos nuestros oficiales y de vos el

---

[292] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.186. David Turnbull afirma que "Both these maps were intended to serve at least two purposes: to keep knowledge of new discoveries within the control of the state and to ensure the standardisation of that knowledge, so that errors and inconsistencies among charts could be eliminated and they could be revised and updated as new discoveries were made". TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe, *op. cit.*, p.7.

[293] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.209.

[294] Citado por ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, p.1004.

> dicho piloto mayor que ningun piloto use de outro ninguno, sino del que fuera sacado de él.[295]

A historiografia mostra que as tentativas de controle oficial sobre a circulação de mapas geraram alguns problemas de escassez de cartas, uma vez que a atualização do padrão real não avançava tão rápido quanto a exploração dos novos territórios. O padrão era elaborado pelos maiores cosmógrafos do reino, com todos os dados de navegação disponível. Devido à sua importância e precisão, as alterações só poderiam ser feitas a partir de um conselho de especialistas.[296] Apesar das constantes reiterações normativas para que os cosmógrafos se reunissem com regularidade a fim de corrigir os erros do mapa padrão, as revisões oficiais foram raras e separadas das atividades cotidianas da casa. Para tentar contornar esse obstáculo – e vender suas cartas –, alguns cosmógrafos incluíam os novos informes dos pilotos no momento em que faziam as cópias do padrão. [297]

Outro problema que acompanhava um mapa tão valioso era o perigo de que ele caísse em mãos inimigas. Em Portugal, documentos indicam que nas primeiras décadas do século XVI os pilotos de todas as expedições para o Oriente deveriam possuir duas cartas náuticas. Eles eram obrigados a devolvê-las com suas anotações e revisões, tão logo os navios ancorassem novamente em Lisboa.[298] A mesma preocupação pode ser vista na documentação espanhola. Em 1581, numa consulta sobre a expedição de Pedro Sarmiento de Gamboa ao Estreito de Magalhães, o Conselho de Índias recomendava que se enviassem aos oficiais de Sevilha, depois da viagem, "la descripcion y patrón que trajo Sarmiento de las costas y navegación del Estrecho y así lo habréis, previniendoles para que com todo secreto y recato (...) hagan que el cosmógrafo tome lá razón de todo ello". Antes da viagem, o cosmógrafo deveria fazer apenas as cartas "que fueren necesarias para que esta armada las lleve" e, então

---

[295] Citado por MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**. Madrid: Lunwerg for Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente, 1992, pp.72-73.

[296] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.188.

[297] SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, p,1100. Anexa ao artigo há uma tabela com as revisões do padrão citadas na documentação quinhentista. (Appendix 40.3 - Revisions of the PADRÓN REAL, 1508–1600, p.1142)

[298] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, p.1004.

"se meta el patrón en la arca de tres llaves, y cuando vuelva esta armada se recobren las [cartas] que llevan y se guarden".[299]

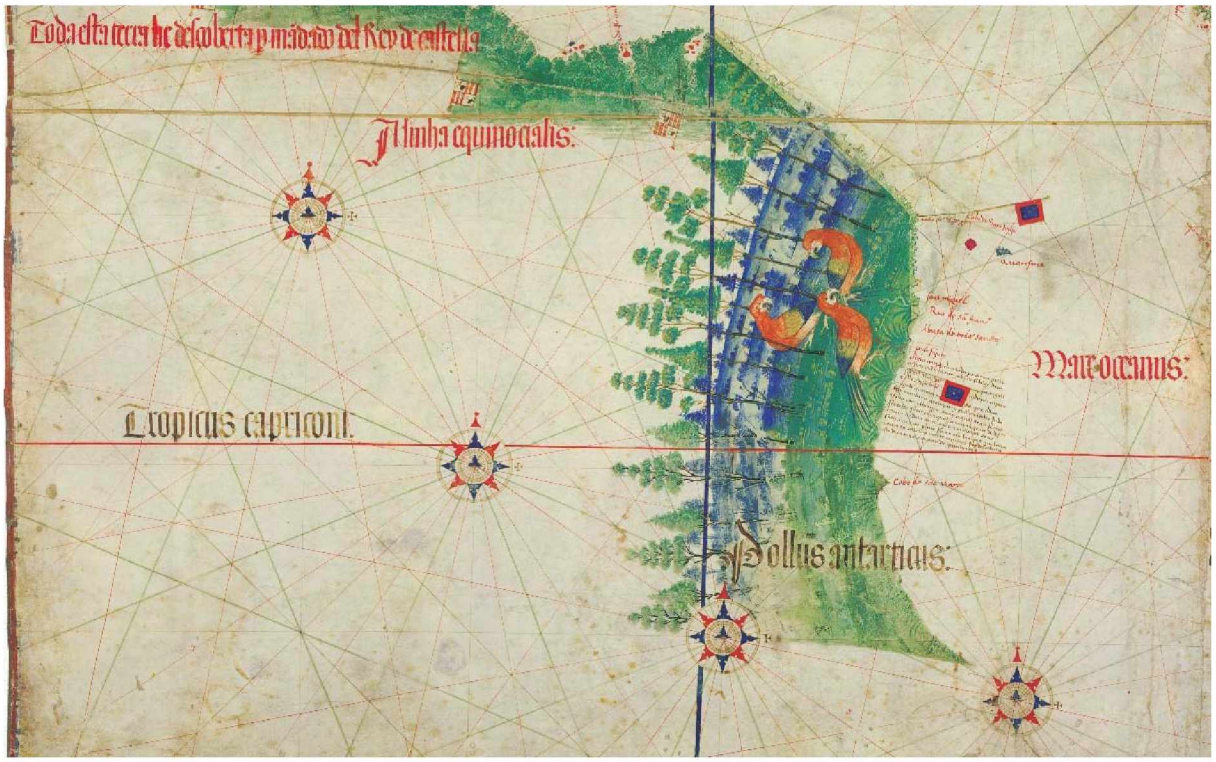


Figura 7- Detalhe da América do Sul no Planisfério de Cantino, 1502. Feito antes das expedições exploratórias ao extremo sul do continente. O colorido dos papagaios e das árvores no atual Brasil mostra como a região começou a ser construída no imaginário europeu. Biblioteca Estense, Modena.

Como já mencionei, nenhuma cópia dos padrões reais, ao menos assim nomeada, foi preservada. Mais uma vez o terremoto que atingiu Lisboa em meados do século XVIII é uma das explicações para a ausência de mapas desse tipo em Portugal.[300] Entretanto, o mapa mundi anônimo conhecido como *Planisfério de Cantino* é considerado como uma cópia ilegal do padrão. O mapa, datado de 1502 é um dos primeiros a mostrar parte do continente sul americano. Faz parte do acervo da Biblioteca Estense, de Modena, e traz no verso a indicação de seu antigo proprietário, Alberto Cantino. Segundo Cortesão e Mota, Cantino era agente secreto do Duque de Ferrara e quando esteve em Lisboa com o pretexto de negociar cavalos,

[299] AGI, IG-739, N. 306, "Consulta del Consejo de Indias sobre expedicion de Pedro Sarmiento de Gamboa al Estrecho de Magallanes," Marzo 1, 1581, Madrid. Citado por PORTUONDO, María M. **Secret Science...,** *op.cit*, p.99. Além da cópia guardada na arca de três chaves, haviam cópias do padrão no Conselho de Índias e na corte do rei. OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.185.

[300] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, p.1004.

teria subornado "um cartógrafo português para lhe fazer uma carta do mundo, talvez copiada, pelo menos em parte, do Padrão".[301] Como trata-se de um mapa dos primeiros anos do século XVI, a região da bacia platina ainda não aparece na carta (Figura 7).

Figura 8 - Detalhe da América do Sul no planisfério de Diego Ribeiro, 1529. Biblioteca do Vaticano, Roma.

[301] CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira. **Portugaliae Monumenta Cartographica**, vol.1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987, p.7. Nas páginas seguintes os autores continuam a análise detalhada do mapa, tanto de seu conteúdo como de sua história.

Da mesma forma, nenhum mapa espanhol chegou até nós oficialmente como uma cópia do padrón real. Mauricio Olarte argumenta que "es difícil saber com certeza hasta qué punto las cartas usadas por los marinos fueron fieles copias de dicho Padron".[302] Entretanto, vários mapas manuscritos feitos pelos cosmógrafos da *Casa de la Contratación*são provavelmente cópias do padrão real. Entre esses, os mapas do cosmógrafo Diego Ribeiro, anteriormente citados, são exemplos de cartas construídas com as mais novas informações compiladas pela Casa. Um de seus planisférios, datados de 1529, tem um título sugestivo a esse respeito: *Carta Universal en que se contiene todo lo que del mundo se ha descubierto hasta agora, hizola Diego Ribeiro, cosmógrafo de Su Majestad. Año de 1529 en Sevilla* (Figura 8).[303]

Diego Ribeiro foi o primeiro cartógrafo a ser nomeado como "cosmógrafo e mestre de fazer cartas, astrolábios e outros instrumentos de navegação" da *Casa de la Contratación* de Sevilha, pelo imperador Carlos V em 1523. Não deixa de ser interessante o fato de que Ribeiro era português e provavelmente já era cartógrafo em Portugal antes de servir à Espanha, em 1519.[304] Em um de seus planisférios, datado de 1527, não consta seu nome, mas apenas uma indicação que "Hizola un cosmógrafo de su magestad anno MDXXVII en Sevilla". De sua autoria são conhecidos – e atribuídos – quatro planisférios, além de uma carta do hemisfério ocidental de atribuição polêmica.[305] Os planisférios são datados de 1525, 1527

---

[302] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.206. Segundo David Turnbull, "The Spanish template map, the Padron Real, was a portolan chart. Such a chart has no projection and no grid of latitude and longitude and lacks a common scale or unit of measure". TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe, *op. cit.*, p.9.

[303] O título ainda continua: *La qual se divide en dos partes conforme a la capitulación que hicieron los Católicos reyes de España y el rey Don Juan de Portugal en Tordesilhas Año de 1494*. Segundo Luisa Martín-Merás, os dois originais se encontram na Biblioteca Vaticana, em Roma, e na Thuringische Landesbibliothek de Weimar (MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**, *op.cit.*, pp.91 e seguintes). O arquivo digitalizado aqui utilizado foi retirado do site da Biblioteca Nacional da França, (http://gallica.bnf.fr/, acesso em 10.fev.2016).

[304] Esse e outros dados bibliográficos do autor, salvo indicação contrária, se encontram em CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira. **Portugaliae Monumenta Cartographica**, vol.1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987, pp.87-94.

[305] Cortesão e Mota atribuem a Diego Ribeiro a "Carta do Hemisfério Ocidental", datada de c.1532 e arquivada em Wolfenbüttel. Já Martin Merás argumenta que a carta é de Alonso de Chaves, finalizada por volta de 1535. MOTA, Avelino Teixeira. **Portugaliae Monumenta Cartographica**, vol.1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987, pp.107 e seguintes; MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**, *op.cit.*, p.100.

e dois de 1529.[306] As cartas de Ribeiro são conhecidas pela precisão do cartógrafo em relação às descobertas mais recentes do império espanhol. O extremo sul do continente americano, já percorrido e atravessado por expedições exploratórias, incluindo a de Fernão de Magalhães em sua volta ao mundo, aparece em todos os seus mapas.

O padrão real sintetizou parte das políticas e objetivos das monarquias ibéricas, notadamente da Espanha de Carlos V, em relação à constituição de uma monarquia universal. Um grande projeto embasado em instituições fortes, com especialistas de diversas áreas e um grande aparato burocrático para recolher e compilar informações geográficas dos mais diversos cantos do império. Além de ambicionar ser uma imagem do mundo, "era también um proyecto politico con claras pretensiones expansionistas, evangelizadoras y, em definitivo, imperialista", que permitiu à Coroa imaginar seu império global.[307]

2.2 – TIPOLOGIA DAS REPRESENTAÇÕES DA BACIA PLATINA NOS MAPAS SUL-AMERICANOS

As primeiras representações da bacia platina nos mapas europeus, assim como a própria geografia do início do período moderno, foram construídas a partir de três fatores comuns: os relatos de expedições exploradoras; os mitos, antigos ou modernos; e os resquícios do que já se sabia. Essas três forças atuaram em todos os mapas analisados nesse trabalho, com intensidades e desdobramentos próprios, criando um conjunto bastante heterogêneo de documentos cartográficos. Os rearranjos desses fatores no caso da região platina, como veremos, tiveram particularidades próprias de uma região totalmente desconhecida e que, desde as primeiras explorações, foi povoada por lendas e mitos que influenciaram definitivamente seus contornos. Pese a heterogeneidade do conjunto cartográfico analisado, bem como todos os problemas da seleção de critérios de qualquer tentativa de classificação[308], penso que os mapas da região platina podem ser agrupados de

---

[306] Os mapas são conhecidos como: Carta del Navegare Universalissima et diligentíssima [1525]; Planisfério de 1527, Mantua (citado por Cortesão e Mota); Carta Universal de Diego Ribeiro [1529], Biblioteca Vaticana, Roma; e Carta Universal de Diego Ribeiro [1529] Thuringische Landesbibliotheck, Weimar.

[307] SANCHEZ, Antonio. El imperio del mapa. El padrón real y la producción cartográfica de la *Casa de la Contratación*. in.: MARTÍN, José M. e RAFFAELLI, Santiago (coord.) **Dueños del mar, señores del mundo.** Madri: Ministério de Defensa, 2015, p.13.

[308] Mais uma vez a literatura de Borges mostra de maneira tão clara quando surreal os problemas da arbitrariedade de qualquer tentativa de classificação. Segundo o autor, no conto *O idioma analítico de John Wilkins*, havia uma enciclopédia chinesa, chamada *Emporio celestial de conocimientos*

modo que nos levem a compreender o processo de mapeamento dessa região paradoxalmente central – nas questões relacionadas às imensas riquezas do Rei Branco ou às fronteiras demarcadas por Tordesilhas – e periférica – no comércio legal ou na concentração de esforços de ocupação nas primeiras décadas do século XVI – dos impérios ibéricos.

A análise está centrada nos mapas portugueses e espanhóis, grande parte dos quais permaneceram manuscritos, conforme já discutido. Mapas de outras nações, notadamente italianos da metade do século, ou dos Países Baixos já nas últimas décadas do quinhentos também foram utilizados, quando necessário para esclarecer alguma questão. É notável que apesar da maior organização institucional e burocrática da Coroa espanhola, principalmente a partir da *Casa de la Contratación* com seus cosmógrafos e cartógrafos, o número de mapas portugueses referentes ao continente americano preservados até o presente é muito maior, com destaque para a monumental compilação desse material feita em meados do século XX por Armando Cortesão e Avelino Teixeira Mota, publicada originalmente em 1960, na coleção de seis volumes chamada *Portugaliae Monumenta Cartographica*.[309]

2.2.1 – Mapeando o fim do mundo [c.1502-1526]

O mapa de Cantino anteriormente citado (Figura 7), é um dos primeiros a mostrar a atual costa brasileira, recém atingida pela armada de Cabral, em 1500. A parte meridional do continente sul americano ainda não figura no mapa, que tem um corte abrupto logo abaixo do Trópico de Capricórnio. Ali estava o fim do mundo conhecido pelos europeus nos primeiros anos do quinhentos. Ao menos uma dúzia de mapas ibéricos mostram os resquícios desse limite sul, que aos poucos vai se estendendo a latitudes maiores, no desenrolar das explorações marítimas entre os anos de 1506 até 1526.

---

benévolos: "En sus remotas páginas está escrito que los animales se dividen en (a) pertenecientes al Emperador, (b) embalsamados, (c) amaestrados, (d) lechones, (e) sirenas, (f) fabulosos, (g) perros sueltos, (h) incluidos en esta clasificación, (i) que se agitan como locos, (j) innumerables, (k) dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello, (l) etcétera, (m) que acaban de romper el jarrón, (n) que de lejos parecen moscas. BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**, 1923-1972. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974, p.706.

[309] A edição que utilizo aqui, a partir de agora abreviada como PMC, é de 1987. CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira. **Portugaliae Monumenta Cartographica.** 6 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987.

Assim como o mapa de Cantino, a *Carta Universal* de 1506, anônima, conservada na Biblioteca Olivariana de Pesaro (e por isso conhecida também como Carta de Pesaro), também tem o contorno do continente sul americano interrompido ao norte do estuário do Prata. É nessa carta que a expressão *Mundus Novus* aparece pela primeira vez como toponímia da parte meridional do continente.[310] A porção representada do continente sul-americano mostra três cadeias de montanhas, das quais nascem vários rios.

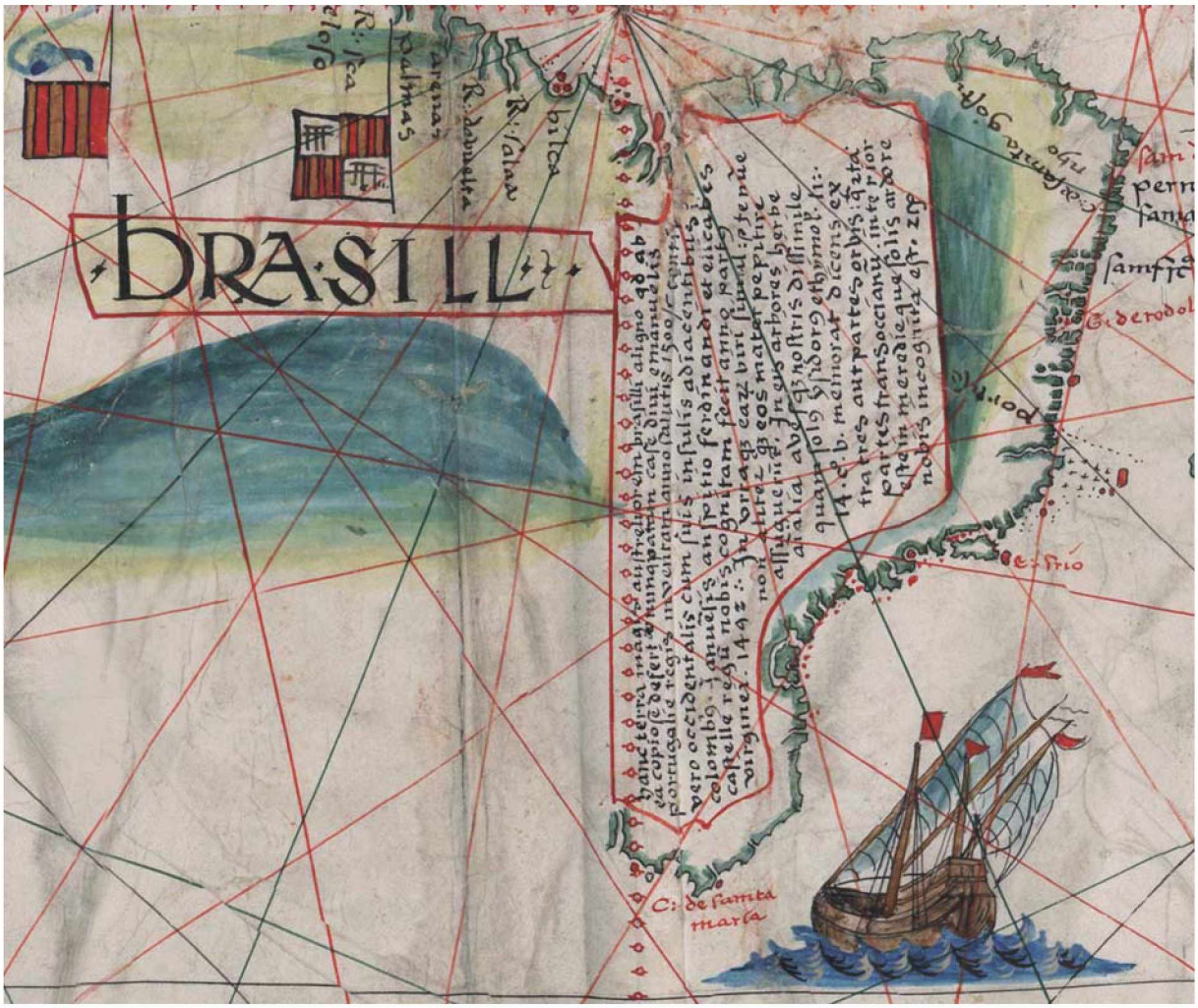


Figura 9 - Detalhe do Planisfério de c.1519. Jorge Reinél-Anônimo. Bibliothèque Nationale de Paris

Dos mapas analisados, o mais paradigmático dessa primeira forma de representação da região platina – ou, de sua ausência – é a carta de 1519, de autoria atribuída a Jorge Reinel (Figura 9). Seu pai, Pedro Reinel, foi o primeiro cartógrafo português que se tem notícia e é

[310] MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América,** *op.cit.*, p.87.

provável que o tenha auxiliado no feitio da dita carta. Os trabalhos da família deram origem, segundo Cortesão, a "escola Reinel" da cartografia portuguesa.[311]

A dificuldade em se estabelecer a circulação de informações sigilosas sobre os descobrimentos, conforme já discutido, fica visível no caso do mapa de Reinél. Jorge e seu pai estariam em Sevilha quando fizeram o mapa, a serviço de Carlos V, auxiliando a preparação da expedição de Magalhães, que acabaria por ser a primeira a navegar por todo o planeta.[312] O mapa também ficou conhecido como "Kunstmann IV", depois que Friedrich Kunstmann reproduziu uma parte da carta em um atlas no século XIX. A importância dessa cópia deve-se ao fato de que o original, antes preservado no acervo da Wehrkreis Bücherei, em Munique, desapareceu no final da segunda guerra mundial. A cópia aqui utilizada é um fac-símile de 1836, feito por Otto Progel, de propriedade da Biblioteca Nacional de Paris. No mapa, o continente sul-americano figura com toda sua porção oriental desenhada e com a costa brasileira já bastante explorada e detalhada. Toda a área pertencente à Coroa portuguesa no interior do território, a leste da linha demarcatória, está preenchida por uma grande legenda, nos lembrando que o espaço interior era a essa altura desconhecido. Ao sul, o último topônimo é o Cabo Santa Maria – nome dado à proeminência geográfica que marca a entrada norte do estuário platino. Entretanto, nessa latitude o traçado da costa gira para oeste e o topônimo nomeia o que parece ser o fim do continente americano. A ideia de que existia uma passagem naquela altura ao Mar do Sul, nome pelo qual o oceano Pacífico era conhecido no período parece ser sugerida pelo cartógrafo, se olharmos a caravela desenhada no canto inferior direito da imagem, que parece navegar a pleno vento em direção ao fim do mundo descoberto e mapeado.

Esse foi um dos últimos mapas feitos antes que a esquadra de Magalhães descobrisse a passagem, muito mais ao sul, para contornar o continente e chegar nas águas do Pacífico. No mesmo ano, um conjunto de mapas foi produzido pelos Reinéis em colaboração com Lopo Homem, primeiro de outra conhecida linhagem de cartógrafos portugueses do século XVII. Assim como no caso dos Reinéis, pairam sobre Lopo Homem, cartógrafo real de Portugal em 1517, desconfianças sobre trabalhos clandestinos feitos a pedido da Coroa espanhola na

---

[311]CORTESÃO, Armando. Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo). Vol. I. Lisboa: Seara Nova, 1935, p.26.

[312] Para essas e outras informações acerca desse planisfério e das polemicas de autoria e traições, ver CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira. **Portugaliae Monumenta Cartographica,** *op.cit.*, vol.1, pp.16-38.

Figura 10 - Detalhe da carta folha n.4 do Atlas de 1519 de Lopo Homem-Reinéis. Bibliothèque Nationale de Paris

década de 1520.[313] O conjunto de quatro cartas, marcadas por seu traço colorido e grande quantidade de elementos decorativos, ficou conhecido na historiografia como *Cartas Milner*, a partir do nome de um de seus muitos proprietários. Segundo os autores da PMC, a história desses mapas "constitui um dos mais intrincados, assim como interessantes problemas da história da cartografia, como se verifica pelo número e categoria dos muitos estudiosos que

[313] CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira. **Portugaliae Monumenta Cartographica,** *op.cit.*, vol.1, pp.49-53.

têm procurado resolvê-lo"[314]. A carta aqui utilizada é a folha número quatro do atlas, que mostra a atual costa brasileira e o oceano Atlântico (Figura 10). O grande volume de toponímia mostra uma costa bastante explorada. O estuário do Rio da Prata interrompe o contorno da linha costeira, que continua mais ao sul, bastante deslocado ao oeste.

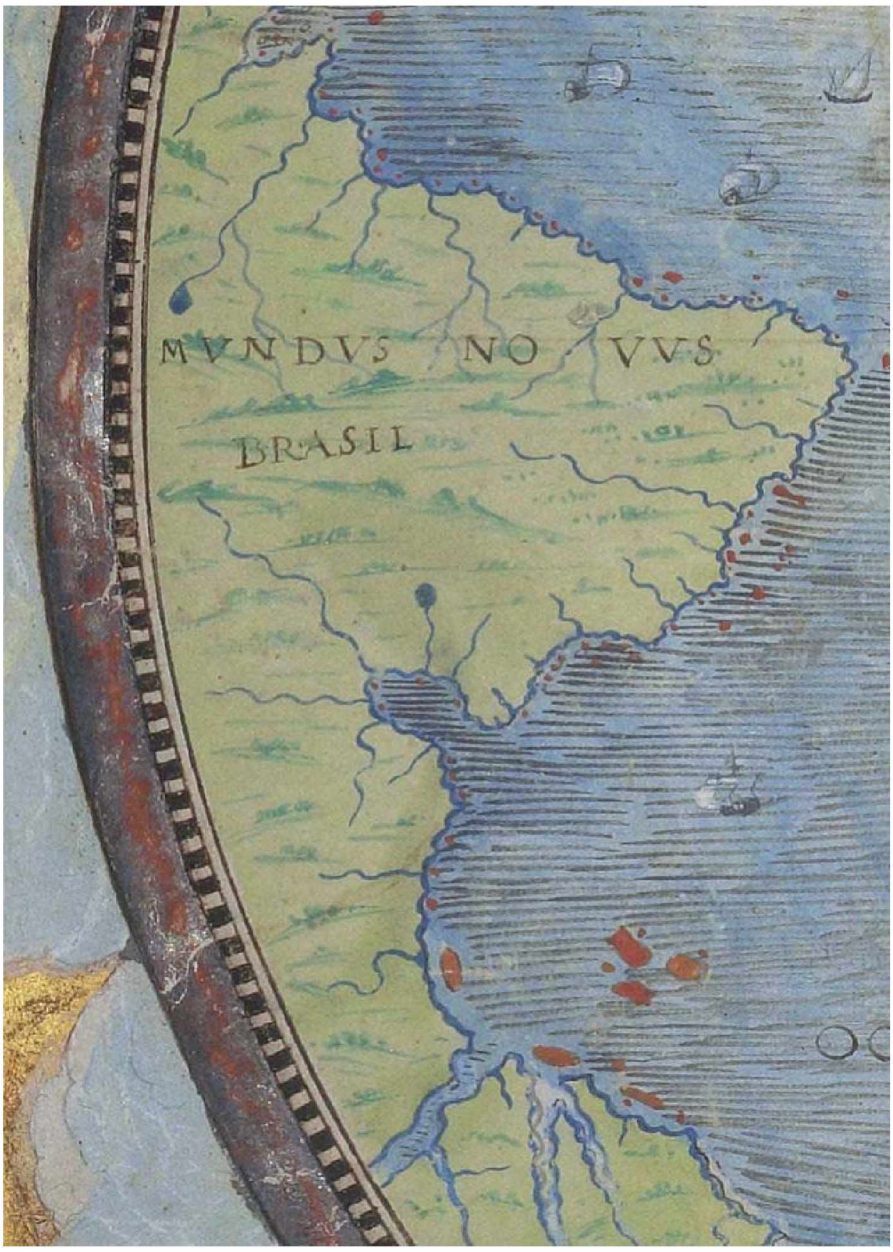


Figura 11 - Detalhe do Planisfério de Lopo Homem, 1519. Bibliothèque Nationale de Paris

[314] CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira. **Portugaliae Monumenta Cartographica,** *op.cit.*, vol.1, p.61. As polêmicas sobre autoria e datas podem ser lidas nessa e nas páginas anteriores.

Rio acima, uma multiplicidade de imagens envolvem o topônimo "Terra Brasilis", e o próprio rio, que quase desaparece enquanto serpenteia continente adentro. No interior, um dragão guarda o que parece ser a nascente tanto do rio da Prata quanto de outro curso fluvial que segue ao norte e se perde nas terras do sertão antes de encontrar a costa. Para Jaime Cortesão esse é o primeiro indício da Ilha-brasil na cartografia portuguesa, como veremos adiante.[315] O conjunto das *Cartas Milner* apresentava como portada um planisfério, feito no mesmo ano e atribuído, segundo os autores da PMC, apenas a Lopo Homem. Apesar dos traços simples e esquemáticos, o Prata aparece aqui bastante destacado, como uma grande entrada de mar, muito maior que qualquer outro recorte da costa americana. Essa forma pode ser interpretada como resquício das primeiras representações da região como o final sul do continente (Figura 11). A foz do rio Amazonas, sempre presente nos mapas do período, não ganha destaque. Todos os rios que nascem no desconhecido continente e desaguam no mar têm um traço fino, com exceção de duas pequenas lagoas que podem representar o nascimento de alguns cursos fluviais, conforme uma das teorias do nascimento dos rios aceita no período. O traçado dos rios no interior nesse momento da conquista e levando em conta a escala do mapa em questão, é apenas decorativo, ou ainda, representativo do que se imaginava olhando a foz dos rios na linha do litoral.

O planisfério, ptolomaico em sua concepção – mostra uma grande porção de terra ao sul, ligando o continente americano ao asiático e transformando os oceanos em mares internos a um contínuo cinturão de terras secas – sugere um estreito canal ao sul do continente americano e mostra, mais uma vez, uma caravela que se encaminha para aquela região, fato que aconteceria naquele mesmo ano com a frota de Magalhães. Esse detalhe, embora pequeno, mostra o confronto de diferentes concepções de mundo, tema extremamente pertinente na época. O planisfério estava de acordo com a tradição ptolomaica de um mundo fechado por terras, mas o cartógrafo não deixou de representar a ideia moderna de uma passagem, de um estreito que só teria sentido de ser, só teria um destino, se a concepção ptolomaica de mundo estivesse incorreta. Ou existia um oceano desconhecido além da moldura do mapa, conforme o estreito sugere, ou aquela seria apenas uma passagem mapa afora – e terra adentro.

A confirmação da existência de um estreito ligando os oceanos no extremo sul do continente, com a circum-navegação iniciada por Fernão de Magalhães e levada a cabo por

---

[315] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. Tomo 1. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, s/d [1957], p.343.

Sebastian Elcano entre 1519 e 1522, alterou o contorno da América nos mapas do período. O traçado do rio da Prata, entretanto, permaneceu mostrando a incerteza inicial daquele curso fluvial que foi confundido com o estreito e as dúvidas ainda presentes sobre seu itinerário território adentro. Dos mapas da década de 1520 que mostram essa configuração e foram preservados, muitos são espanhóis. É o caso dos mapas de Nuno Garcia Moreno, de 1526, também conhecido como Planisfério Salviati; de Juan Vespúcio de 1529; dos mapas de Diogo Ribeiro, de 1525, 1527, 1529 e ainda do mapa de autoria desconhecida, chamado de Planisfério de Turim, datado de 1523. As semelhanças entre os ditos mapas, no que diz respeito ao contorno leste da América do sul e da foz do rio da Prata podem ser vistas na figura 12. Em todos eles é bastante visível o contraponto entre a costa bastante explorada e nomeada – e nomear os locais é um primeiro ato de apropriação – e o interior do continente composto pelos grandes vazios entremeados por representações de bosques e montanhas mais ou menos elaboradas.[316]

Essa primeira fase da representação da costa sul-americana e do rio da Prata também está bastante representada nos planisférios italianos feitos nas décadas iniciais do século XVI. Navegadores italianos estiveram profundamente envolvidos com as primeiras viagens de exploração. E uma vez mais torna-se complexo e difícil seguir as pistas sobre a relação entre o silêncio ibérico acerca das descobertas e a circulação de informações cartográficas sigilosas. Na figura 13 é possível observar detalhes dos mapas de Maiollo datados de 1504, 1519 e 1527 e o planisfério de Verrazano de 1529.

O navegador florentino Girolano de Verrazano cruzou o atlântico a serviço do rei François I, em 1523, na primeira viagem à América da Coroa francesa. Brevoort sugere que os planos da viagem podem ter sido organizados a partir de notícias geográficas adquiridas com atividades de corso. O mapa em questão é atribuído ao irmão do navegador, Jerome de Verrazano.[317] Outro cartógrafo italiano, Vesconte Magiollo, ou Maiollo, produziu alguns planisférios no início do século, nos quais a costa americana vai sendo aos poucos representada, até chegar ao Estreito de Magalhães.

---

[316] Sobre a nomeação como um primeiro e intenso ato de apropriação, além das discussões feitas no decorrer desse trabalho, ver também GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**. EdUSP: São Paulo, 1996.

[317] BREVOORT, James Carson. Notes on Giovanni da Verrazano and on a Planisphere of 1529, illustrating his American voyage in 1524, with a reduced copy of the map. **Journal of the American Geographical Society of New York.** Vol.4, pp.145-297, 1873, pp. 148-152.

Figura 12 - Detalhes dos planisférios de 1523, conhecido como "Planisfério de Turim"; de 1525, de Nuno Garcia Moreno; e de 1526 de Juan Vespúcio. Acervos da Biblioteca Real de Turim; Biblioteca Laurenciana de Florença e The Hispanic Society of America; Nova Iorque.

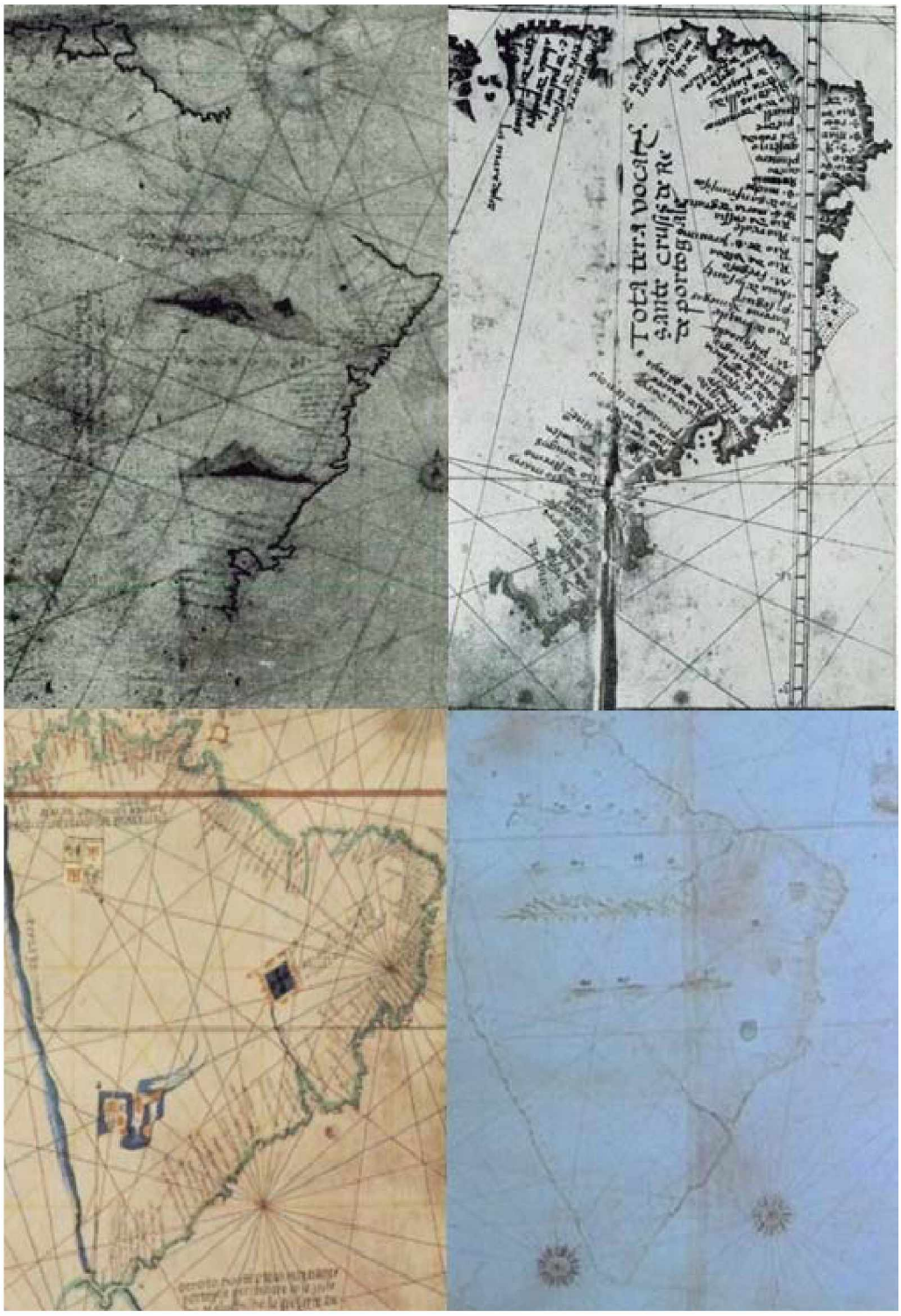


Figura 13 - Detalhe dos planisférios de Maiollo de 1504, 1519 e 1527; e do planisferio de Verrazano de 1529. Acervos da Biblioteca de Fano de Florença; Huntington Library; Biblioteca Ambrosiana de Milão; e Biblioteca do Vaticano

Mais uma vez vemos o estuário da Prata passar de final do continente para uma entrada de mar/foz de um grande rio. Sobre a datação dos mapas desse cartógrafo, as incertezas são grandes, acompanhadas de algumas polêmicas e querelas pessoais entre estudiosos da cartografia.[318]

Voltando aos mapas espanhóis, a produção do cartógrafo Diego Ribeiro quiçá é a mais sugestiva em relação ao primeiro momento de representação do estuário platino. Ribeiro, como já discutido, foi nomeado cosmógrafo oficial da *Casa de la Contratación* em 1523. Seus primeiros planisférios, datados de 1525 e 1527, são provavelmente cópias do *padrón real,* e assim, representam o que oficialmente era tido como mais atual em relação aos dados geográficos e aos descobrimentos e explorações (Figura 14).

Como na grande maioria dos mapas do período, os dois grandes cursos fluviais da costa americana ganham destaque nos mapas de Ribeiro. O rio Amazonas ganha contornos internalizados no planisfério de 1527, diferentemente do mapa anterior, de 1525, quando apenas a foz do rio era representada. Jaime Cortesão enxerga aqui uma segunda fase da representação da ilha-brasil. Segundo ele, nas duas cartas apresentadas, "já o Amazonas e o Prata se dirigem ao encontro um do outro pelas suas nascentes, que contravertem, esboçando uma grande ilha".[319] Creio ser difícil defender, olhando apenas para os dois mapas, tal premissa. O mais provável é que tenha havido uma tentativa por parte do autor de buscar as origens de um processo que ficaria visível apenas décadas mais tarde. De qualquer forma, diferentemente do rio Amazonas, o Prata, por sua vez, permanece ligado à costa e à entrada de mar. É justamente na produção desse cartógrafo que podemos perceber a mudança de concepção espacial da região, com a inclusão de um traçado do rio território adentro, no que seria o início de um segundo momento da representação platina na cartografia do período.

---

[318] Ver, por exemplo, o diálogo pouco amistoso entre os autores nos textos de LEVILLIER, Roberto. O planisfério de Maiollo de 1504: nova prova do itinerário de Gonçalo Coelho-Vespúcio, à Patagônia, em sua viagem de 1501-1502. **Revista de História.** São Paulo, vol.12, n.26, pp.431-440, 1956; e CARACI, Giuseppe. Sôbre a data do planisfério de Vesconte Maggiolo conservado em Fano. **Revista de História.** São Paulo, n.33, pp.79-94, 1958.

[319] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. Tomo 1. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, s/d [1957], p.343.

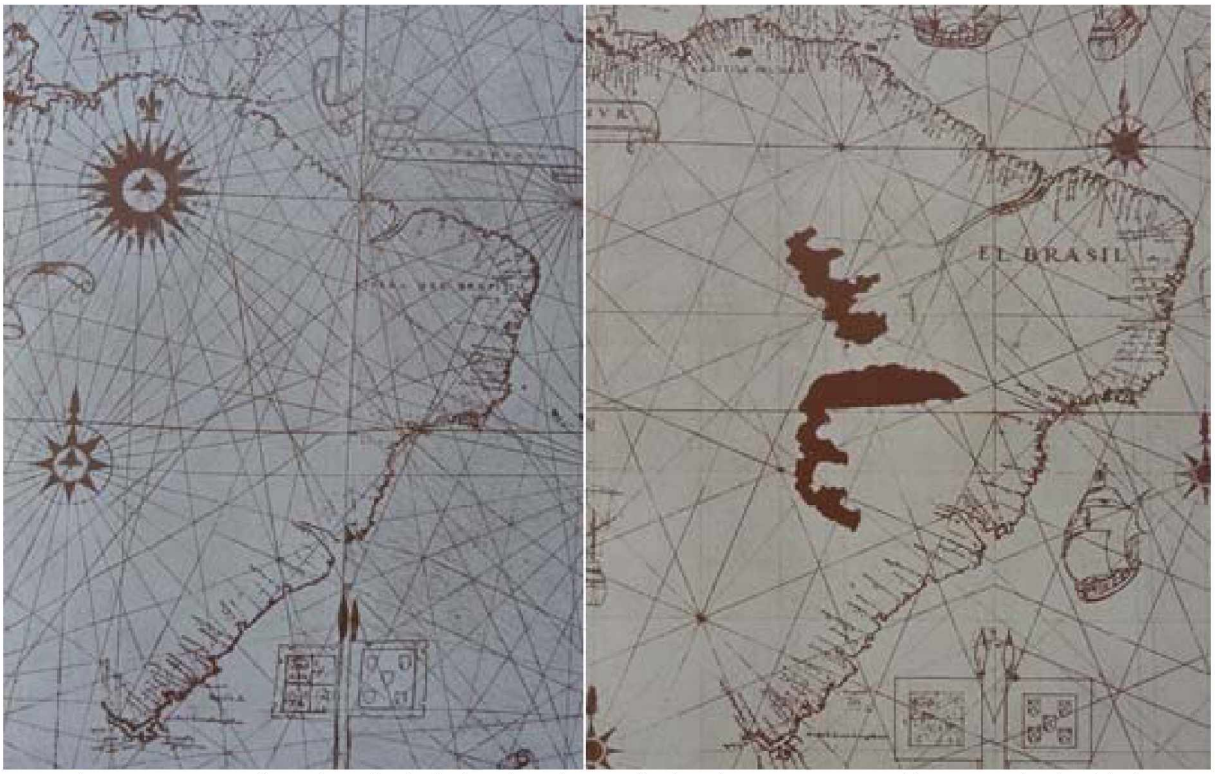


Figura 14 - Detalhes dos planisférios de Diego Ribeiro de 1525 e 1527 (Acervos do Archivio Marchesi Castiglioni, em Mântua e da Thüringische Landesbibliothek de Weimar).

2.2.2 – A *invenção* da bacia platina [década de 1530]

Se nos mapas de Ribeiro – e de tantos outros cartógrafos – da década de 1520, o rio da Prata era apenas uma ruptura na linha costeira do continente sul-americano, na década seguinte essa concepção mudou, traçando as linhas gerais dos modelos que seguiriam, sem muitas alterações significativas, até o último quartel do século. Utilizo aqui o termo *invenção*, para retomar as discussões de O'Gormann a respeito da incorporação da América no imaginário europeu. Da mesma forma, penso que a aparição do rio da Prata nos mapas do século XVI é um processo que envolveu muito mais do que a constatação do rio pelas expedições exploradoras e sua posterior descrição ou desenho nos documentos cartográficos. As décadas de tentativas, sempre envolvidas pela aura mítica e misteriosa de um grande curso fluvial cujas nascentes se localizavam em algum lugar remoto e desconhecido no interior do território, mostram que a gestação e invenção da ideia de uma bacia platina ocorreu, também no imaginário de exploradores e cartógrafos europeus, para só depois serem incorporados os dados da realidade fluvial da região descritos nos relatos de viagens.

É na produção cartográfica de Diego Ribeiro que essa mudança fica mais visível. Além dos dois planisférios supracitados, temos notícias de outros dois mapas seguramente feitos pelo cartógrafo, ambos em 1529. Esses mapas foram os primeiros a incorporar as notícias de exploração do estuário platino. Se a expedição de Juan de Sólis de 1516 não teve muito êxito na exploração, Sebastião Caboto conseguiu subir o rio em 1526. A história da expedição é bastante conhecida. Caboto foi enviado pela Coroa espanhola com a missão de realizar a mesma rota de Magalhães e Elcano, pelo extremo sul do continente americano. Na ilha de Santa Catarina, uma das caravelas se perdeu numa tempestade e, depois de alguma hesitação, o navegador decidiu descumprir as ordens reais e explorar o estuário platino, à época conhecido também por rio de Sólis. Diferentes motivos já foram atribuídos pela historiografia à decisão de Caboto, como a dificuldade de se realizar a volta ao mundo perdendo uma nau logo no início da viagem, ou, o que é também plausível no período, a tomada de conhecimento das sedutoras narrativas sobre a serra de prata, Aleixo Garcia e o rei Branco, ao que parecem bastante difundidas entre os europeus que habitavam a ilha catarinense.[320]

A carta escrita por um dos tripulantes de Caboto, Luiz Ramirez, em 1528, dá mais detalhes sobre a conversa entre o capitão e os náufragos de Sólis. A carta é também um dos primeiros documentos conhecidos que descreve a região. Segundo o autor, informando sobre as notícias dadas à armada pelos náufragos, existia continente adentro uma região onde se poderiam encher os navios de ouro e prata. O caminho era através dos rios: "entrando pelo rio de Sólis iríamos dar num rio que chamam Paraná, que é caudalosíssimo e entra no Sólis com vinte e duas bocas". Por seu tamanho, era possível subir o rio Paraná com as embarcações e dali procurar as terras repletas de riquezas, uma vez que "o dito rio Paraná e outros que nele deságuam vão a confinar com uma serra onde muitos índios costumam ir e vir e que nesta serra havia muito metal".[321] Recolhendo as informações e notícias fabulosas do interior do continente, a expedição partiu rio de Sólis acima. Nesse momento há uma confusão entre os

---

[320] NOWELL, Carles E. Aleixo Garcia and the White King. The Hispanic American Historical Review. Durham, vol.26, n.4, pp.450-466, 1946; Carta de Luis Raminez a su padre desde el Brasil (1528), *op.cit.*; CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. Tomo 1. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, s/d [1957].

[321] No original: entrando por el Río de Solís iríamos a dar em un río que llaman Paraná, el cual es muy caudalosísimo y entra dentro en este Solis com veinte y dos bocas" e ""el dicho rio Paraná y otros que a él vienen a dar iban a confinar con una sierra a donde muchos índios acostumbraban ir y venir. Y que en esta sierra habia mucha maneira de metal". **Carta de Luis Raminez a su padre desde el Brasil (1528),** *op.cit.*,p.45.

limites e a toponímia dos rio de Sólis e Paraná. Caboto funda, sessenta léguas dentro do rio Paraná, a fortaleza de Sant Spiritus, primeiro assento espanhol na região e presente na maior parte dos mapas do séc. XVI. A fortaleza foi fundada próximo a um afluente do Paraná chamado de Carcarañal, rio que segundo os índios viria da serra.[322] É bastante conveniente aos planos espanhóis e, particularmente, de Caboto, que todos os afluentes da margem esquerda do Paraná venham da serra. Nesse ponto é difícil saber se estamos diante de um conhecimento prático do território ou de uma geografia desejada, aspectos bastante mesclados nas primeiras explorações e mapas platinos. É nesse momento também que os espanhóis escutam dos índios que a serra encontrava o mar pelo outro lado, depois de um revelo bastante abrupto ("e crecía y menguaba mucho y muy súbito"). Segundo Ramirez, Caboto logo intuiu que se tratasse do *mar del sur*.

A partir de Sant Spiritus, Caboto inicia uma série de explorações para saber se era possível caminhar por aquelas terras e chegar às serras. As informações indígenas o fazem concluir que o melhor e mais breve caminho seria mesmo "por el rio Paraná arriba y de allí entra por outro que entra nele y que se disse el Paraguay". Partindo por esse caminho, depois de entrar no rio Paraguai navegam até a boca de um rio chamado Hepetín, que na linguagem indígena quer dizer rio barrento.[323] As tentativas de subir o rio ainda mais acabam como tantas outras desse período: ataques dos incontáveis grupos indígenas da região e o retorno dos sobreviventes até o porto mais próximo. No caso da expedição de Caboto, Ramirez afirma ao final de sua carta, alimentando o imaginário mítico da região, que desde onde foram atacados pelos índios até a serra não haveriam mais de vinte léguas.

Além dos quatro planisférios mencionados, há ainda outro mapa, datado de c.1535 que Cortesão e Mota, na *PMC* atribuem a Diego Ribeiro e fixam sua data de produção em 1532 (Figura 15). Luiza Martin-Merás acredita que a atribuição de autoria não parece tão segura, já que mesmo apresentando várias características dos mapas de Ribeiro, na carta de c.1535 não figuram muitas outras, como as legendas cartográficas e a decoração com elementos astronômicos. A autora atribui o mapa a Alonso de Chaves, cosmógrafo da Casa naquele momento, e que poderia ter imitado as características formais dos mapas de seu antecessor,

---

[322] **Carta de Luis Raminez a su padre desde el Brasil (1528),** *op.cit.*,p.49 e seguintes. Todas as citações, nesse trecho, foram retiradas da carta de Ramirez, das páginas referidas.

[323] Nos mapas do período constantemente aparece o topônimo "Leperin" para nomear um dos rios da região. Como o rio aparece em várias localizações diferentes nos mapas, só é possível intuir que se trate de uma derivação desse nome.

Figura 15 - Detalhe do mapa de Alonso de Chaves, c.1535. Herzog August Bibliotheck.

Ribeiro.[324] Dessa forma, uma vez que o mapa de 1535 também é produção da Casa e seus traços são bastante similares aos de 1529, independente da autoria, ele pode ser usado aqui em conjunto com os demais quatro mapas de Diego Ribeiro.

[324] MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América,** *op.cit.*, p.100.

Se os relatos mostram as entradas e o desejo de chegar às terras ricas em ouro e prata, a cartografia acompanha esse processo. Colocando lado a lado os planisférios de Diego Ribeiro e o de Alonso Chaves, datadas de 1525, 1527, dois de 1529 e de c.1535, o alongamento dos rios em direção às serras andinas fica bastante visível, bem como a grande mudança da configuração dos rios a partir do planisfério de 1529, possível reflexo das explorações de Caboto (Figura 16). [325]

A bacia platina na carta de c.1535 (e) tem um traçado bastante similar ao das cartas de Ribeiro de 1529 (c e d), incluindo dois detalhes importantes. Primeiro um alongamento maior do rio à esquerda do Paraguai, em direção ao interior do continente. Segundo, um grande curso fluvial que a partir da costa, na altura do Rio de Janeiro, entra no território até tocar no rio Paraná. Mesmo que não tenha sido apropriado nos mapas do restante do século como foram os tributários do Prata, o rio *San Sebastien* sugere, com mais de um século de antecedência, um caminho fluvial a partir da costa, próximo ao percorrido pelo governador do Paraguai Luis Céspedes e Xeria, tratado no próximo capítulo.

[325] Em seu livro "A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil", Jaime Cortesão utiliza o contorno de quatro mapas (dois de Ribeiro, de 1527 e 1529, um de Sebastião Caboto que ele data de 1528, e um de Gaspar Viegas, de 1534) para acompanhar o que ele chama de "evolução" do traçado do rio da Prata. Sem buscar a evolução ou uma suposta aproximação com a realidade, utilizo aqui o mesmo artifício para acompanhar os traçados dos rios platinos nos mapas de Diego Ribeiro. (CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil.** Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955, p.72.)

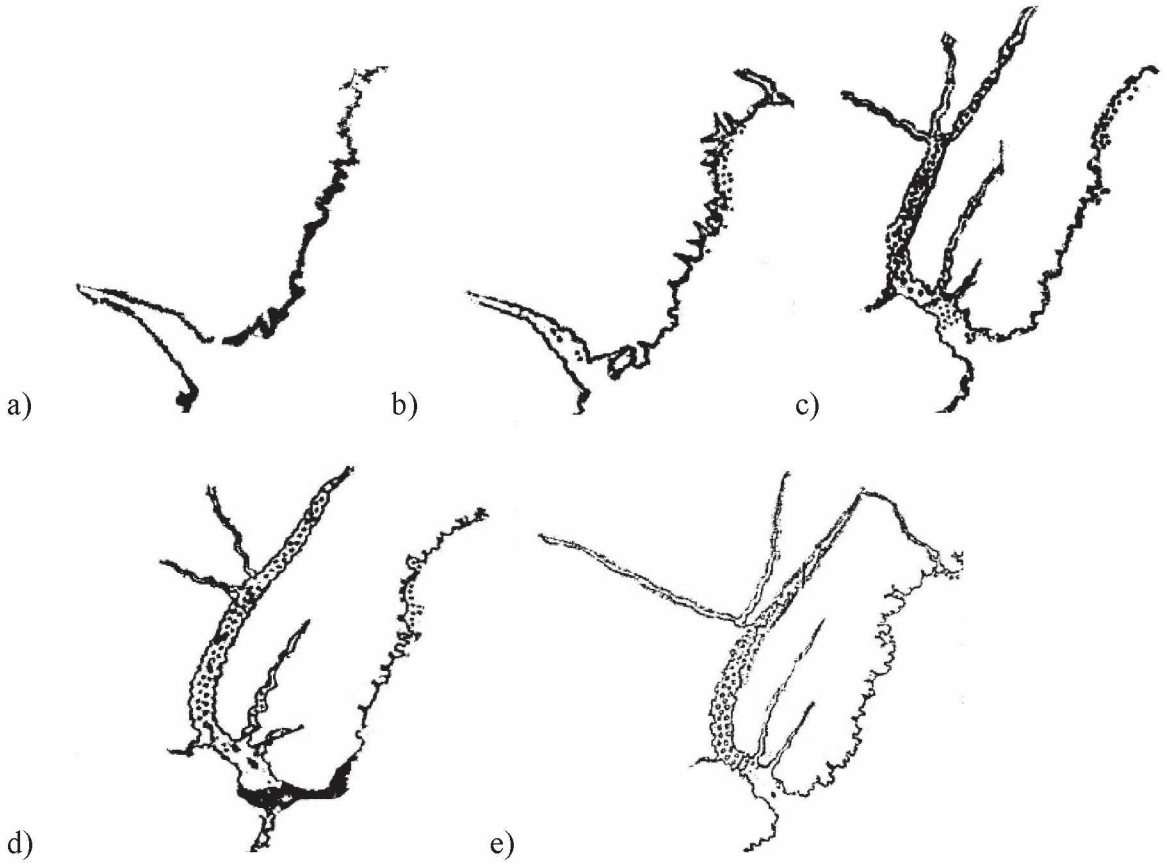


Figura 16 - Detalhes dos planisférios de Diego Ribeiro (a) 1525; (b) 1527; (c) 1529; (d) 1529; e Alonso de Chaves (e) c.1535.

Em Portugal, a *invenção* platina se dá alguns anos depois, a partir do mapa de Gaspar Viegas, de 1534. A carta se tornou uma das peças fundamentais da formação territorial da América portuguesa. Pouco ou nada se sabe sobre o cartógrafo, uma vez que o mapa datado e assinado de outubro de 1534 é o único vestígio documental de sua vida, que seria inteiramente ignorada não fosse a referida carta, atualmente arquivada no acervo da Biblioteca Nacional de Paris. Além desse, outros dois mapas incluídos em dois atlas de 1537, um no acervo do *Archivio di Stato* e outro na *Biblioteca Riccardiana*, ambos em Florença, são atribuídos pelos autores da *PCM* ao mesmo cartógrafo. A configuração da bacia platina é bastante semelhante nessas cartas, em relação à de 1534.[326] O mapa é centrado no atlântico, mostrando a África e Europa à direita e, à esquerda, o extremo nordeste da América do Norte, a Terra Nova e o continente sul-americano, subdimensionado (Figura 17).

[326] **PCM**, vol. I, pp.117-120.

O mapa é um reflexo direto da exploração feita por Martin Afonso de Souza, entre os anos de 1530 e 1533, na costa sul americana. A expedição seguiu até as proximidades do rio da Prata, onde uma tempestade fez com que Martin Afonso ficasse em terra e enviasse seu irmão, Pero Lopes, autor do diário da expedição, rio da Prata adentro. No retorno da viagem, Martin Afonso funda então a vila de São Vicente, no atual litoral paulista.[327]

Dois personagens bastante instigantes fizeram parte dessa exploração. O piloto Enrique Montes ofereceu à armada de Martin Afonso o mesmo serviço que havia realizado anos atrás com a expedição espanhola de Sebastião Caboto, conduzindo os europeus estuário adentro até a boca do rio Paraná. Pouco se sabe sobre ele. Sobre o também piloto Gonçalo de Acosta, ou da Costa, também chamado de *Bacharel*, as referências se multiplicam nas fontes coevas. O piloto acompanhou o capitão espanhol Diego Garcia Moguer ao rio da Prata em fins da década de 1520, na expedição em que esse juntou seus homens aos de Caboto no rio Paraná para tentar alcançar as serras de prata. Diego Garcia afirmou que Acosta já vivia no litoral vicentino há duas décadas. Depois de retornar à Espanha, o bacharel se colocou a serviço de Carlos V e esteve presente em alguns outros episódios importantes da exploração platina, acompanhando Pedro de Mendoza na expedição de 1535 e Alvarez Nuñez Cabeza de Vaca em 1540, sempre como *língua* e piloto. O personagem foi responsável pelo reconhecimento dos caminhos que seguiriam as entradas enviadas por Martim Afonso de Souza, no litoral vicentino e do próprio *adelantado* Cabeza de Vaca do litoral de Santa Catarina até Assunção, conforme retomarei mais tarde.[328]

Os objetivos da viagem de Martin Afonso nos dão algumas pistas sobre o traçado da bacia platina no mapa de Viegas. Em carta de 1531, a Imperatriz Isabel, mulher de Carlos V, dá notícias ao embaixador espanhol em Portugal, Lope Hurtado de Mendoza, sobre os objetivos da Coroa lusitana com o envio de Martin Afonso de Souza ao litoral sul. Segundo ela, a expedição tinha entre seus motivos "construir algumas fortalezas nos portos, como o porto de São Vicente, porque levavam muita artilharia grossa e porque, desde esse porto, que está na sua demarcação, pensavam entrar por terra ao rio da Prata".[329]

---

[327] **Diário da Navegação da armada que foi à Terra do Brasil, em 1530**, sob a capitania-mor de Martin Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839, p.58.

[328] CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil,** *op.cit.*, pp.95-97.

[329] Carta da Imperatriz ao embaixador em Portugal sobre os objetivos da expedição de Martin Afonso de Sousa. 17 de fevereiro de 1531. In.: CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Paulo, capital**

A configuração dos rios no mapa de Viegas difere em alguns aspectos importantes da representação feita por Diego Ribeiro em 1529. Além da toponímia interior, inexistente no mapa português – prática que se repetirá em grande parte dos mapas analisados no decorrer do século –, a disposição e tamanho dos rios é visivelmente diferente. No mapa de Ribeiro vemos logo à entrada do estuário dois rios que vão ao norte, nomeados de rio Negro e rio Huruay. Depois, o "gran rio de Paraná" apresenta uma curvatura que o coloca paralelo a costa, seguindo ao norte. À sua esquerda partem dois outros grandes cursos fluviais: um paralelo, ao norte, nomeado de Paraguai; e um perpendicular, orientado totalmente ao oeste, chamado de "Rio del Eperi", certamente o rio Heperín, ou rio barrento, citado por Luis Ramirez em sua carta de 1528. Na carta de Viegas, a primeira diferença que salta aos olhos é o tamanho dos rios, com sua forma bastante alargada. Sobre a configuração dos rios, Jaime Cortesão afirma que "pela primeira vez, uma carta geográfica mostra, desaguando no estuário da Prata, o Uruguai, o Paraná e o Paraguai".[330] A afirmação só vale para a cartografia portuguesa, apesar do autor não fazer a ressalva, já que o mapa de Ribeiro já apresenta os três rios desaguando no Prata, em proporções menores. É necessário lembrar que nenhum dos rios do interior é nomeado no mapa de Viegas. Para autores da *PCM*, acompanhando a análise de Jaime Cortesão em sua obra *A fundação de São* Paulo, de 1955, um dos pontos a salientar do mapa é justamente o traçado do rio da Prata, "distinto do que se vê em cartas anteriores e mais perto da realidade, com o Rio Paraguai prolongando-se mais para o norte e o Rio Paraná terminando em três braços, um deles aproximando-se do Porto de S. Vicente e representando certamente o Tietê."[331] No trabalho citado, Jaime Cortesão afirma que o cartógrafo "faz terminar o curso do Paraná, por forma aproximada da realidade, em três afluentes que banham o espaço, hoje correspondente aos Estados de São Paulo e de Minas Gerais". Além disso, "sobrepondo a carta de Gaspar Viegas ao mapa atual do Brasil, pode verificar-se que, nas suas linhas gerais e caracteres de posição em relação ao Paraná e ao litoral, o mais meridional dos afluentes em que este rio termina coincide com o Anhembi ou Tiete". Difícil confirmar ou refutar essa hipótese, sem mais dados. Mesmo porque o relato de Pero Lopes indica uma entrada da expedição no Prata apenas até as proximidades da boca do rio Paraná, numa

---

geográfica do Brasil, *op.cit.*, pp. 250-252. Cortesão anexou a versão original da carta, em espanhol, e outra versão traduzida.

[330] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** *op.cit.*, p. 327.

[331] **PCM**, vol. I, p.116.

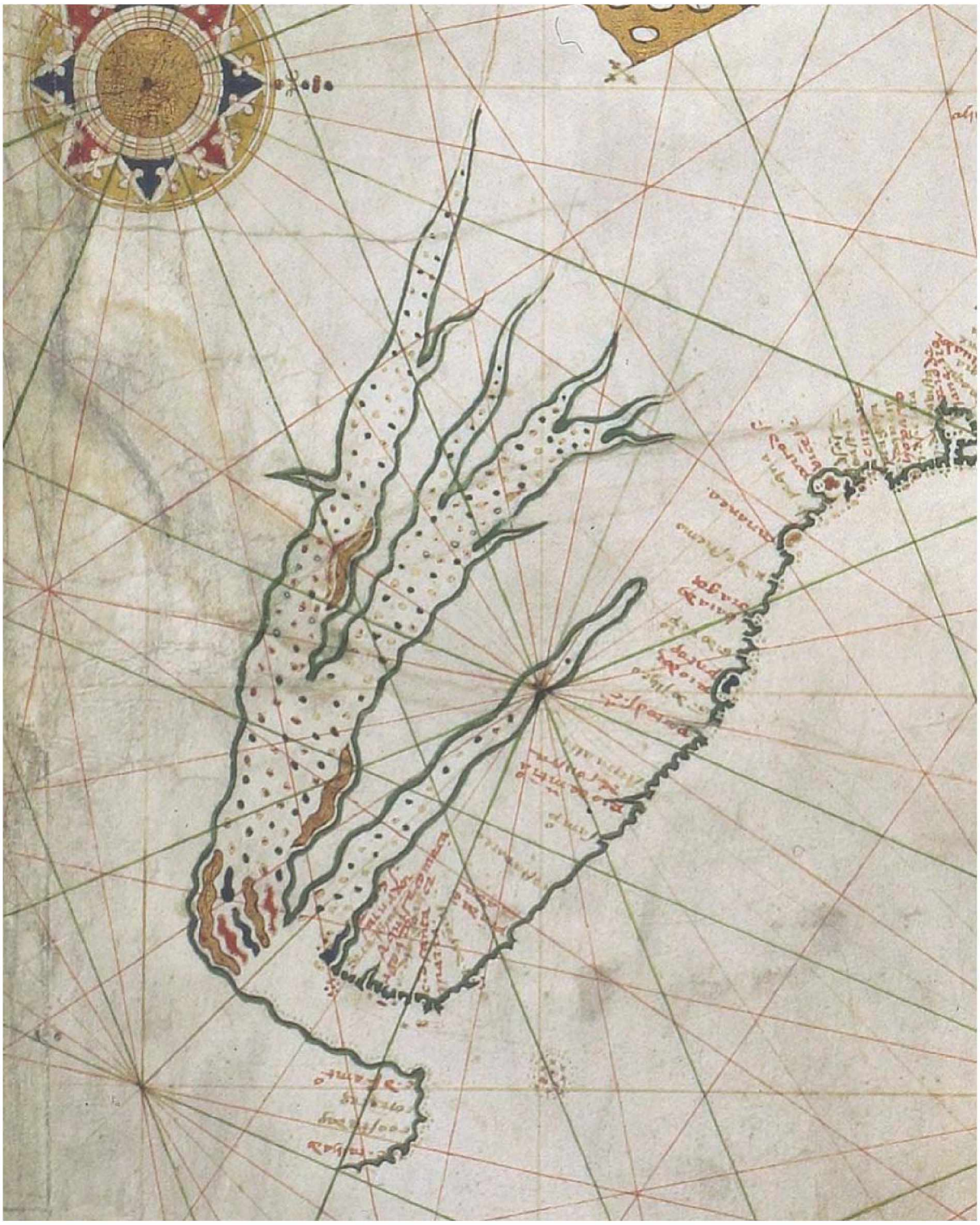


Figura 17 - Detalhe da Carta Atlântica de Gaspar Viegas (1534). Bibliothèque Nationale de Paris

paragem nomeada de *estreito dos carandins.* Cortesão, entretanto, já esperava essa

desconfiança e se defende do "leitor cético", que poderia

> alegar que no mapa esse afluente aparece inominado e reduzido no comprimento. Responderemos que inominado figuram os próprios Paraná e Paraguai, e que também os seus cursos são ali traçados por forma esquemática, mas a que não pode negar-se realismo geográfico. Esquemática era toda a cartografia dessa época.[332]

Outras duas afirmações de Cortesão podem nos levar a uma reflexão mais profunda da questão. Segundo ele, ainda tratando do mapa de Viegas, "o curso do Paraguai dirige-se mais realisticamente para o norte e numa profundidade bem maior do que na referida carta de Diogo Ribeiro". E, um pouco mais adiante, "Destes notáveis avanços cartográficos, o de maior interesse, em relação às duas fundações de Martim Afonso, é o traçado dos afluentes terminais do Paraná que se dirigem para a costa."[333] Penso que aqui residem dois pontos cruciais das diferença entre os mapas de Ribeiro e Viegas, que fundarão modelos de representação espacial diferenciados. O mapa de Viegas – e os mapas portugueses das décadas seguintes, como veremos – de fato vão apresentam os rios da bacia platina tendendo a esticar-se ao norte e a leste. Ao norte, principalmente o Paraguai, os rios irão correr para o meio do continente e cada vez mais ao encontro da bacia Amazônica. A leste irão os tributários do Paraná, como frisou Cortesão. Ainda mais evidente é o traçado do rio Uruguai. Se é representado bastante reduzido nos mapas espanhóis, nos mapas portugueses ganha corpo e se aproxima da costa. Isso é bastante visível se olharmos novamente o mapa de Viegas. Esses dados permitem formular a hipótese de que para a cartografia portuguesa dessa primeira metade do século XVI era bastante importante mostrar uma facilidade de acesso aos rios a partir do litoral sul. Se na costa o meridiano de Tordesilhas, apesar de incerto, tinha algumas balizas de fixação aproximada, no interior do território a linha era muito mais fluida e as explorações poderiam ser feitas. O mesmo vale para a tentativa de representar os rios corrente ao norte e, mais do que isso, a ausência de rios indo em direção à oeste – com exceção de um pequeno curso fluvial saindo do Paraguai. De outro lado, parece visível, ainda mais retornando à análise da figura 16, com os detalhes dos mapas de Diogo Ribeiro, que no caso espanhol o processo foi o inverso. Enquanto o rio Uruguai e os tributários da margem direita do Paraná ganham pouca atenção, os rios que vão a oeste, em direção à serra platina

---

[332] CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil,** *op.cit.*, p. 158.

[333] CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil,** *op.cit.*, p. 158.

ficam visíveis, mostrando o caminho já apontado pelos náufragos da Ilha de Santa Catarina e descrito por Luiz Ramirez.

Esses dois mapas – de Ribeiro de 1529 e de Viegas de 1535 – podem ser tomados como modelos fundamentais desse segundo momento de configuração do espaço platino, em que os projetos, as ambições e, mais que isso, os desejos dos impérios ibéricos tomam rumos diferentes. Enquanto portugueses parecem preocupados em explorar sua parte do território americano a partir da costa, os cartógrafos espanhóis parecem querem mostrar o caminho natural dos rios que levam às serras fabulosas, repletas de outo e prata. Analiso adiante, o quanto essas duas representações marcaram o imaginário cartográfico europeu e permaneceram, com poucas diferenças significativas até o final do século.

Antes de concluir esse tópico, é preciso ainda fazer uma última reflexão. Ao final da segunda parte da *Fundação de São Paulo,* "Martin Afonso e a primeira solução realista do problema de Tordesilhas", Jaime Cortesão conclui que o explorador "ergue-se no átrio da história da colonização portuguesa do Brasil, como o homem que relanceou as grandes possibilidades da fundação de Piratininga". O tom que dota Martin Afonso de uma capacidade visionária é confirmado logo abaixo: "Toda a história da metrópole da expansão geográfica brasileira estava em germe na consciência geopolítica do fundador".[334]

Deixando de lado as questões teleológicas a respeito de um *germe geopolítico*, importa aqui investigar de onde veio a *intuição* de Martin Afonso quando da fundação da vila, que de fato foi feita em local que se mostrou estratégico para as explorações território adentro. A resposta, o próprio autor nos dá, quando fala sobre um certo índio escravizado de nome Francisco, propriedade de Gonzalo de Acosta, e sua atuação na expedição do *adelantado* Alvarez Nuñez:

> O índio Francisco, cujo nome uma ação casual e generosa, em momento de aflição coletiva, salvou do esquecimento, não passa dum dos muitos elos históricos, quase sempre calados ou ignorados pelos cronistas, mas que forneceram os ensinamentos geográficos que dirigiram os pioneiros europeus nas suas primeiras e profundas penetrações no interior do continente.[335]

Uma década depois, em outra obra seminal, *História do Brasil nos Velhos Mapas* (1965), Cortesão volta a afirmar a importância dos informantes indígenas. Segundo ele, o

---

[334] CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil,** *op.cit.*, p.158.

[335] CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil,** *op.cit.*, p.100.

"notabilíssimo traçado" da bacia platina no mapa de Viegas de 1534 "se deve em boa parte a informes indígenas, já que não é possível atribui-lo exclusivamente a explorações de espanhóis ou portugueses". Todavia, mais uma vez conclui que: "Melhor diríamos que se devem a João Ramalho, o luso indianizado e a mais direto precursor de Martin Afonso na fundação de São Vicente".[336] É visível, apesar das decisões do autor – frutos de determinado contexto histórico, é evidente – de colocar os lusos como personagens centrais na ação do conhecimento geográfico sul americano, que os informantes e detentores do conhecimento geográfico eram, obviamente, os moradores locais, mais ainda no caso português, já que não se conhecem nesse período expedições exploratórias nos rio Paraná e Paraguai.

2.2.3 – Consolidação e alterações dos modelos [décadas de 1530-1560]

Em 1935 Armando Cortesão propôs uma conhecida divisão da cartografia portuguesa, em seu trabalho *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*. Não era a primeira vez que se tentava agrupar mapas e cartógrafos lusos. No início do século XX, o cartógrafo belga Jean Denucé distinguiu dois períodos ou escolas de tendências opostas na cartografia portuguesa do início do período moderno: enquanto uma delas baseava-se quase exclusivamente na teoria ptolomaica, e por isso foi chamada de cartografia teórica, outra estava calcada nos novos dados que as experiências de navegação traziam à Europa. Denucé denominou a segunda escola de cartografia positiva. Segundo o autor, as duas concepções se juntam no início da década de 1520, nas cartas dos Reinéis. [337]

Sobre essa divisão, Cortesão afirma que as duas tendências, apesar de observáveis, se misturam durante toda a produção cartográfica portuguesa, sendo impossível distinguir dois períodos separados. Se o cartógrafo do Planisfério de Cantino, no início do século XVI não representou o *Magnus Sinus* ptolomaico, ele é visível no planisfério de Lopo Homem, de 1519, por exemplo.[338] As inovações na cartografia ibérica do século XVI não foram de forma

---

[336] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** *op.cit.*, p.329.

[337] DENUCÉ, Jean. **Le origines de la cartographie portugais et les cartes des Reinél**, 1908, *apud.* CORTESÃO, Armando. **Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI** (Contribuição para um estudo completo). Vol. I. Lisboa: Seara Nova, 1935, pp.26-32.

[338] CORTESÃO, Armando. **Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI,** *op.cit.*, p.28.

alguma excludentes em relação a outras formas de ver o mundo. O processo de mudança foi lento e gradual.

Cortesão propõe então dividir a história da cartografia portuguesa em quatro períodos, ou escolas. A primeira, Escola do Infante, iria desde o início da cartografia portuguesa, até a viagem de Vasco da Gama. É nesse período que se supõe apareceram as primeiras projeções planas quadradas portuguesas, diferentes das cartas de marear e das cartas ptolomaicas. O autor reconhece que a concepção plana havia sido elaborada por Marino Tipo trezes séculos antes. Entretanto, mesmo que a carta de Tipo tenha lançado "as bases da cartografia científica", os autores portugueses não tomaram conhecimento dela e criaram, através de outros caminhos, sua própria projeção plana. Nenhuma carta da Escola do Infante chegou até nós.[339]

O segundo período da divisão de Cortesão começa com o regresso de Vasco da Gama e os novos – e surpreendentes – relatos sobre a passagem ao sul do continente africano. Nesse momento se poderiam identificar duas correntes, semelhantes às propostas por Denucé. Uma delas presa às concepções de Ptolomeu, representada por Pedro Reinél – que dá nome à escola –, e outra que se desvencilha dessa concepção, representada pelo autor do Planisfério de Cantino, por Jorge Reinél, Francisco Rodrigues, Diogo Ribeiro e Pero Fernandes. Esse período corresponde "ao golpe dado pelos grandes descobrimentos na Geografia de Ptolomeu", mesmo que as teorias do alexandrino continuassem sendo utilizadas durante todo o século XVI. É nesse período que as iluminuras ganham destaque nos mapas portugueses, com a arte utilizada para embelezar as produções e para preencher os vazios dos espaços desconhecidos.

A Escola de Lopo Homem seria o terceiro período distinguido por Cortesão. Nessa estariam incluídos também os cartógrafos Gaspar Viegas, João Freire, Diogo Homem, Álvaro Seco, Bartolomeu Velho, Lázaro Luiz e, sobretudo, Fernão Vaz Dourado. O marco inicial desse momento é o desaparecimento da influência de Ptolomeu na representação do extremo oriente, por volta do segundo quartel do século XVI. Para o autor, é nesse momento que a cartografia atinge a máxima perfeição dentro dos limites técnicos do período. A partir do estudo de Pedro Nunes sobre os problemas da carta plana quadrada para a navegação, de 1537, é que nasce a análise da curva loxodrômica e sua representação gráfica, aplicada pela

---

[339] Salvo indicação contrária, as referências desse trecho dizem respeito ao trabalho supracitado, CORTESÃO, Armando. **Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI,** especialmente páginas 26-32.

primeira vez por Mercator num globo em 1541 e na célebre carta de 1569, que revolucionou a ciência da cartografia. Se as iluminuras e a arte perdem espaço nos mapas, entram em cenas figuras geométricas, influência do renascimento italiano. Para Cortesão, se admitirmos que as cartas ricamente ilustradas com iluminuras da Escola Reinél eram feitas em conjunto pelo cartógrafo e por um pintor, é no Terceiro Período que a iluminura dos cartógrafos atinge seu apogeu, com os coloridos brasões sustentando os troncos de léguas, como nos trabalhos de Vaz Dourado.

Por fim, a quarta e última fase da cartografia portuguesa marca o período de plena decadência. Cortesão admite que as inovações – como a projeção de Mercator – só tardiamente foram apropriadas pelos cartógrafos em Portugal e são reconhecidas nos trabalhos de Luiz Teixeira, Bartolomeu Lasso e Cipriano Sanchez. O início do declínio coincide com "a dominação absoluta de Portugal pela Inquisição, pela Companhia de Jesus e pelos Felipes".[340]

Mais recentemente, em texto publicado nos anos 2000, Maria Fernanda Alegria *et al.* repensam a divisão da produção portuguesa – especificamente sobre a costa brasileira –, e a agrupam em três períodos: *primeiros exploradores,* período das primeiras explorações das costas e dos primeiros mapas mundi. Nesse período, que tem como balizas temporais o mapa de Cantino (1502) e o planisfério de Reinél (1519) há uma correlação direta entre a exploração da costa e a elaboração dos mapas. Correlação que desapareceu nas décadas posteriores, com a proliferação de expedições exploratórias e relatos, por um lado, e de cartógrafos e mapas por outro. Esse segundo momento, *a proliferação de mapas e cartógrafos*, vai desde o início da produção de Diogo Ribeiro (1525) até Sebastião Lopes (c.1583).[341] Nesse momento de exploração mais intensa das costas americanas, não apenas portugueses e espanhóis, mas franceses, italianos e holandeses passam a percorrer o litoral. Segundo Alfredo Pinheiro Marques, a cartografia que se desenvolve na primeira metade do século XVI – seja portuguesa, espanhola ou extra-peninsular – além de ser uma cartografia de descobrimento e reconhecimento de litorais é feita sobretudo através de informações de origem portuguesa. O autor percebe a influência lusa nos mapas franceses do período,[342] motrando a circulação e proliferação de informação cartográfica na Europa moderna.

---

[340] CORTESÃO, Armando. **Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI,** *op.cit.*, p.32.

[341] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, p.1030.

[342] MARQUES, Alfredo Pinheiro. A cartografia do Brasil no século XVI. **Revista da Universidade de Coimbra.** Coimbra, vol.XXXIV, pp.447-462, 1988, p.454.

O último período significativo de produção sobre o Brasil, segundo Alegria *et al.* seria de c.1586 até 1642, com a cartografia da família Teixeira. Trata-se de uma família de ao menos cinco gerações de cartógrafos conhecidos, dos quais se destacam Luís Teixeira, seu filho João Teixeira Albernaz I e seu bisneto, que também assina o nome do avô e ficou conhecido na historiografia como João Teixeira Albernaz II. Segundo dados recolhidos pelos autores a partir da *PMC*, ao menos 185 cartas do Brasil e da América do período preservadas são assinadas ou atribuídas aos Teixeira.[343]

Essas diferentes classificações mostram as dificuldades de se eleger critérios e categorias de agrupamento frente a um material bastante heterogêneo. A saída, neste trabalho, foi tentar encontrar na própria representação da bacia platina alguns novos parâmetros de classificação. De qualquer modo, a discussão de outras tentativas mostra pontos em comuns: a intensa proliferação de cartas, cartógrafos e explorações a partir da década de 1530. Se os portugueses passam às primeiras tentativas de povoamento da borda litorânea pela costa hoje brasileira, os espanhóis fazem muitas viagens ao sul. Basta lembrar que é nas décadas seguintes a 1530 que são realizadas as primeiras travessias documentadas do espaço platino, com Alvares Nuñez Cabeça de Vaca partindo do litoral para Assunção (1542, relato publicado pela primeira vez em 1555) e Ulrich Schmdl fazendo o caminho inverso (1553, primeira edição do relato de 1567). Como será discutido no próximo capítulo, essa travessia, pese o pioneirismo dos personagens citados, levaria ainda décadas para se consolidar. Isso faz do presente grupo o mais heterogêneo aqui tratado. Os autores da *PCM* arrolam centenas de cartas portuguesas do período. De um modo geral, elas preservam o modelo inaugurado por Gaspar Viegas: os grandes rios platinos superdimensionados – com bastante destaque para o rio Uruguai – tomando grande parte do território, aproximando-se da costa, ao passo que os afluentes oriundos das franjas orientais da Cordilheira, a partir do interior do território, são pouco valorizados. Inúmeros mapas portugueses do período trazem essa configuração, como se pode ver na figura 18.

---

[343] ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance, *op.cit.*, pp.1066-1067. No final do artigo os autores tabulam dados pormenorizados referentes às cartas arroladas na PCM.

A
B
C
D
E
F

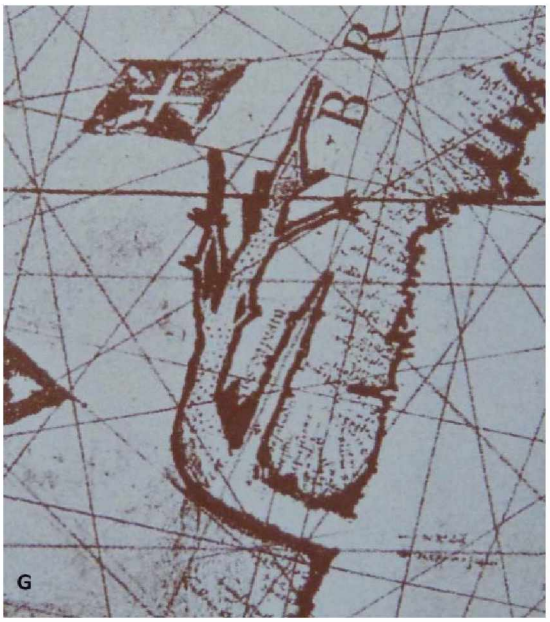


Figura 18 - Detalhes dos mapas de 1545 (A); c.1550 (B) e 1560 (G), de autoria desconhecida; de 1550 de Jorge Reinel (C); de 1554 de Lopo Homem (D); de 1558 de Diogo Homem (E); e de 1558 de Sebastião Lopes (F). Acervos da Osterreichische Nationalbibliothek de Viena (A); National Maritime Museum, Greenwich (B); Bibliothèque Nationale de Paris (C); Museo di Storia della Scienza de Florença (D); British Museum de Londres (E e F); e Biblioteca Vallicelliana de Roma (G).

Pequenas variações desse esquema geral dos rios platinos podem ser vistos desde a década de 1540, passando pela cartografia dos Homens, chegando mesmo até 1583, no mapa de Sebastião Lopes, quando algumas mudanças de representação já se faziam presentes na cartografia ibérica. A mais notável delas é a inserção de um lago no interior do território, de onde saem dois ou mais rios, transformando o território da América portuguesa numa ilha de proporções continentais. Antes da discussão sobre o *mito da Ilha-Brasil* na cartografia portuguesa, gostaria de tratar de algumas questões sobre os mapas espanhóis desse período.

As cartas espanholas conhecidas e preservadas são menos numerosas em relação às portuguesas. Muitas delas seguem o modelo fundado pela obra de Diogo Ribeiro. Na *Carta Universal*, incluída por Pedro de Medina em sua obra *Suma de Cosmografia,* de 1550 podemos ver um grande rio da Prata – cujo topônimo é um dos poucos e destacados do continente sul americano – que parece receber um afluente à direita (provavelmente o rio Paraná) e continua com a mesma grandeza à esquerda, adentrando profundamente no território, até as proximidades das montanhas andinas (Figura 19).

Os rios platinos seguem um traçado bem diferentes das cartas portuguesas também no planisfério impresso em Antuérpia em 1544, de autoria de Sebastião Caboto (Figura 20). Na carta, apesar da má qualidade da impressão e do efeito do tempo, é possível identificar vários

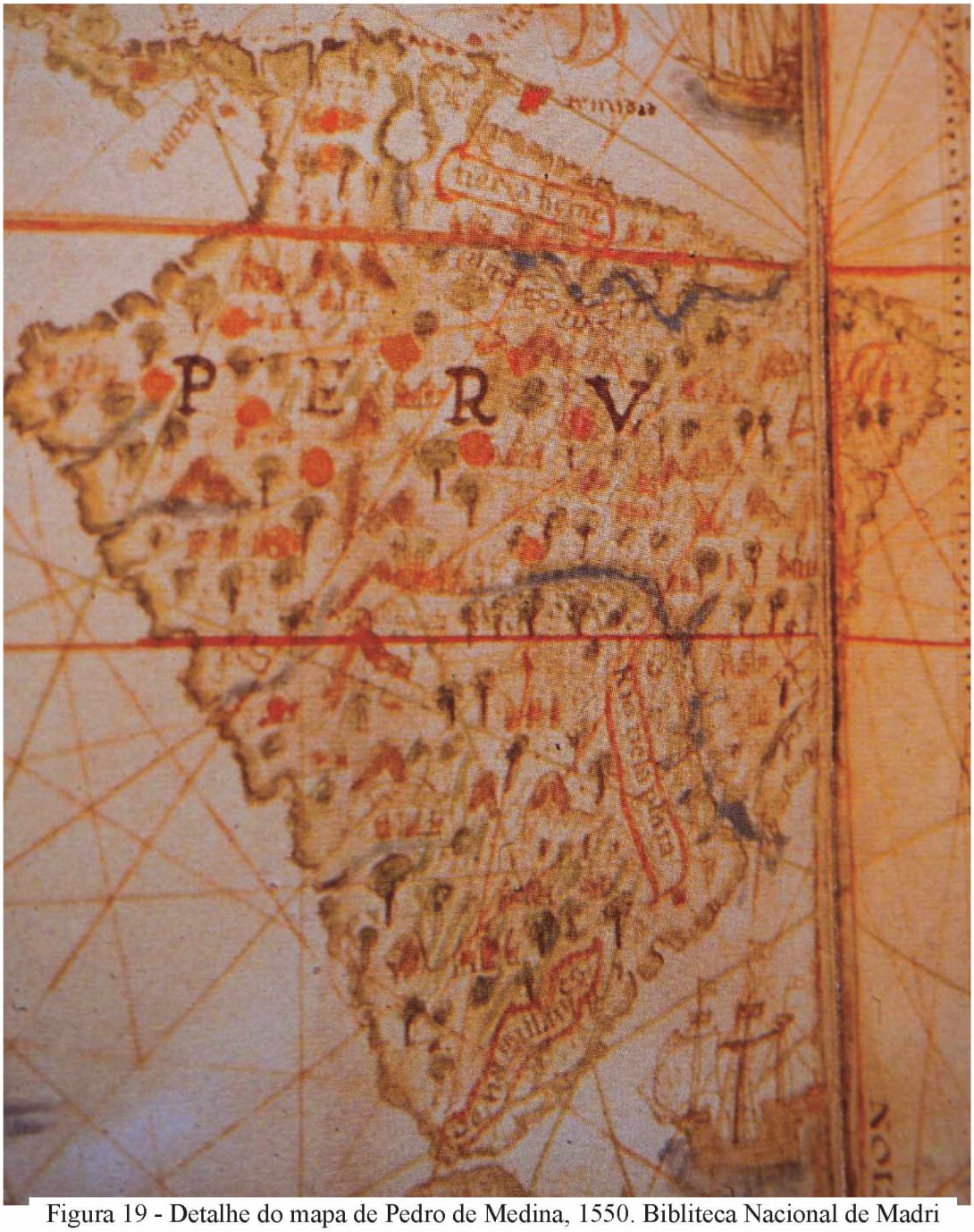


Figura 19 - Detalhe do mapa de Pedro de Medina, 1550. Bibliteca Nacional de Madri

tributários do rio Paraná vindo do oeste. A inovação aqui é o aumento significativo do que parece ser o rio Uruguai. Mesmo com um traçado definido desde os mapas de Diogo Ribeiro, no mapa de Caboto o Uruguai – ainda que estreito em relação aos mapas portugueses – nasce em latitudes próximas ao trópico de Capricórnio, alteração que se tornará permanente, com raras exceções, na cartografia quinhentista. Os mapas de Alonso de Santa Cruz, de 1560 (figura 21) e de Juan Lopes de Velasco, de 1575 (figura 22) comprovam essa mudança.

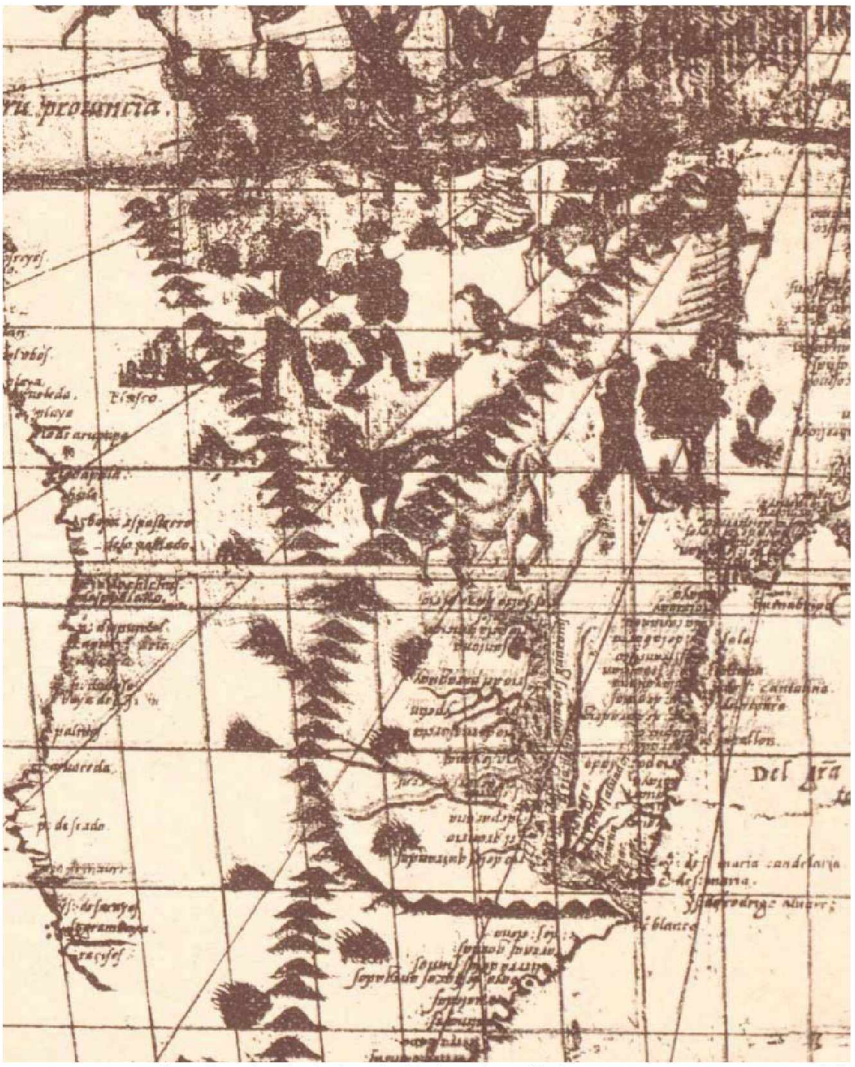


Figura 20 - Detalhe do planisfério de Sebastião Caboto, 1544. Boston Public Library.

A região platina aparece em dois mapas de Santa Cruz, ambos parte de sua monumental obra *Islario general de todas las islas del mundo,* finalizada em 1560 a pedido de Felipe II. A grande obra é dedicada a diferentes zonas do planeta: Europa, Mediterrâneo, Índias Orientais e Índias Ocidentais[344]. Segundo Maria Portuondo, Santa Cruz tomou emprestada a estrutura narrativa dos itinerários clássicos, organizando o texto como Pomponius Mela em sua *De situ orbis*, com os litorais continentais determinando a ordem da descrição das ilhas. Para orientar o leitor, são apresentados por Santa Cruz oito mapas regionais que mostram as linhas costeiras do oceano. As ilhas são apresentadas em 102 mapas. Portuondo chama atenção para a diferença existente em dois momentos da obra de

[344] OIFFER, Alicia. El *Islario General de todas las islas del mundo* (1560) de Alfonso de Santa Cruz o la ciência cosmográfica em la España de Felipe II: en el Nuevo Mundo, el Caribe insular. **Savoirs en Prisme,** vol.1, p.169.

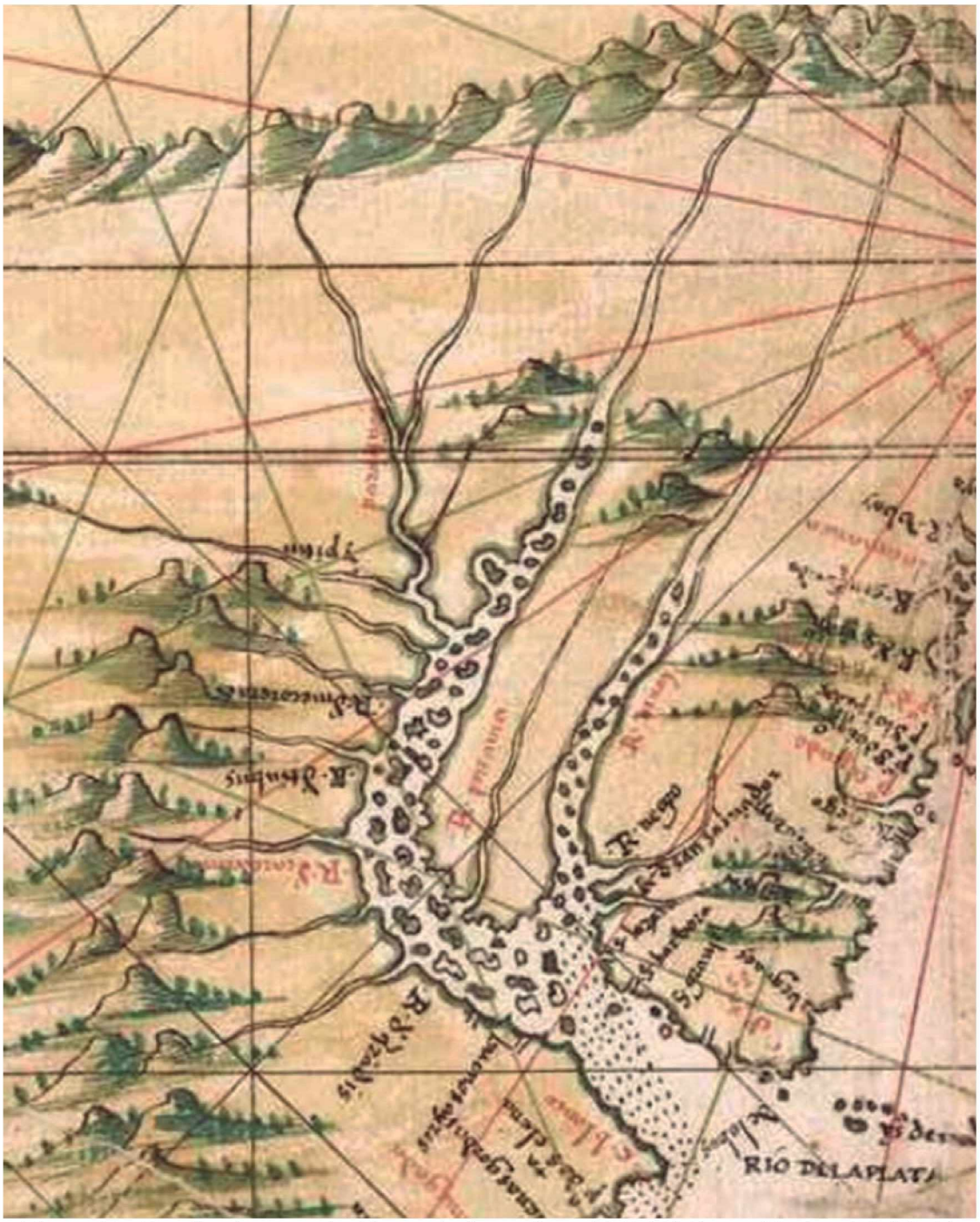


Figura 21 - Detalhe do mapa de Alonso de Santa Cruz, 1560. Biblioteca Nacional de Madri

Santa Cruz. Na primeira parte, que trata das ilhas do Mediterrâneo e da Europa, o autor utiliza autores clássicos como referência. A perspectiva muda na parte da obra dedicada às ilhas dos Novos Mundos, seja na América, África ou Ásia. Trata-se, mais do que apenas uma mudança de fontes, de uma mudança epistemológica, mostrando a mudança de uma cosmografia

clássica renascentista para novas descrições geográficas, muito mais baseadas nos relatos e na experiência dos navegadores.[345]

Figura 22 - Detalhe do mapa Demarcacion y nauegaciones de Yndias, de Juan Lopez de Velasco, 1575. Jonh Carter Brown Library.

No mapa de Velasco de 1575 o rio Uruguai ganha também uma representação mais extensa, se aproximando do trópico de Capricórnio. Ao observarmos a carta, entretanto, ele continua proporcionalmente muito menor que os outros rios platinos, uma vez que o rio Paraná se estende, na carta, até as proximidades da Baia de Todos os Santos, e o rio Paraguai, depois de ir ao norte dá uma guinada à oeste e alcança as cordilheiras. O mapa deVelasco apareceu impresso, no início do século XVII na obra *Historia general de los hechos de los castellanos,* de Antonio de Herrera. Nessa versão, o rio que parece ser o Uruguai se desloca e deságua no Paraná acima da grande curva do estuário platino característica de muitos mapas

[345] PORTUONDO, María M. **Secret Science: Spanish cosmography and the new world**. Chicago: University of Chicago Press, 2009, pp.73 e seguintes.

do período. Os rios Paraná e Paraguai, apesar de algumas alterações, conservam o tamanho e a amplitude território adentro (Figura 23).

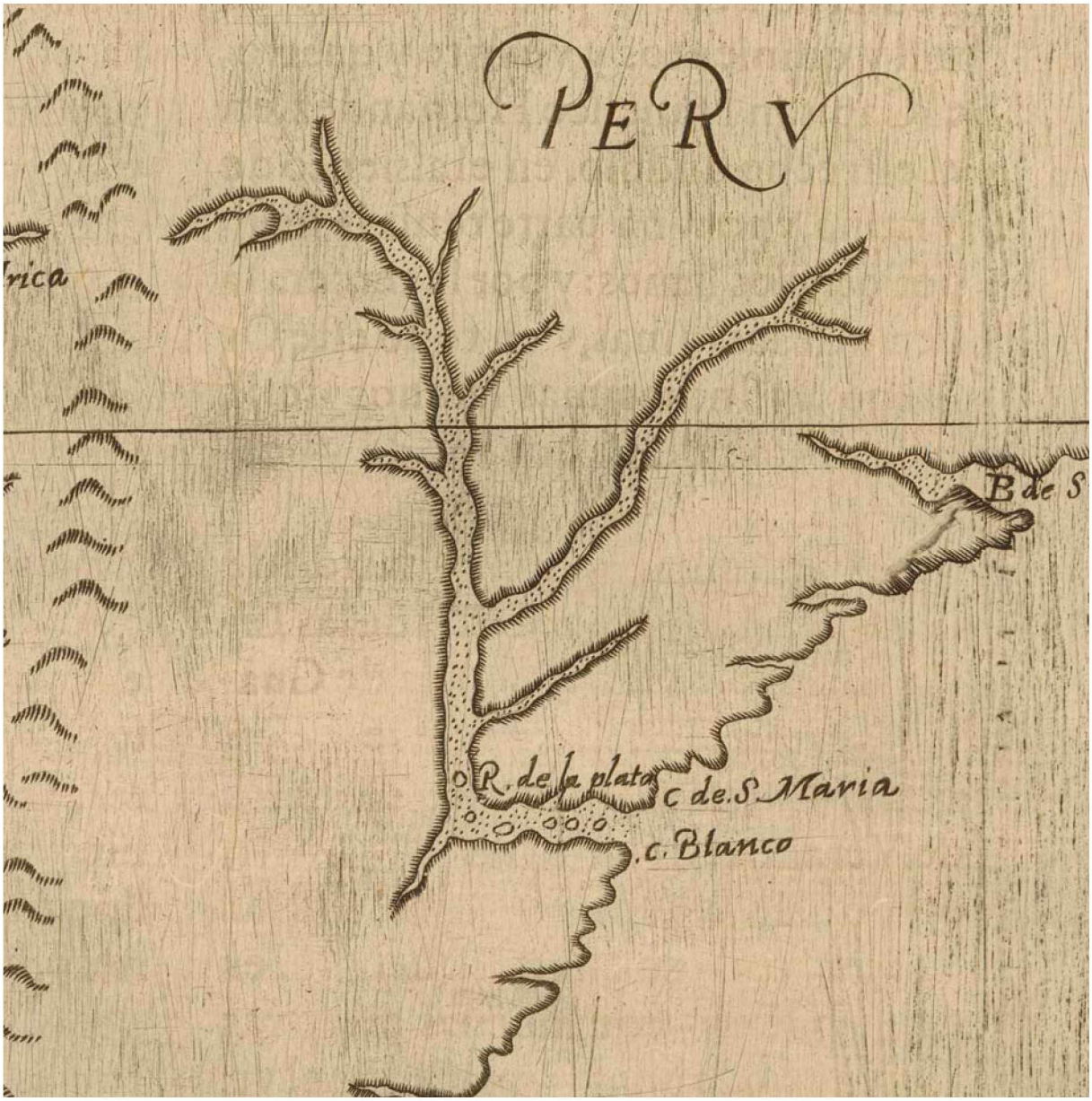


Figura 23 - Detalhe do mapa publicado na Historia general de los hechos de los castellanos..., de Antonio de Herrera y Tordesillas, 1601. John Carter Brown Library.

A relação entre mapas manuscritos e impressos pode ser vista, ainda que de forma invertida, em relação aos mapas de Sebastião Caboto (1544) e Sancho Gutierrez (1551). Gutierrez foi cosmógrafo de Carlos V (ele próprio coloca essa informação no mapa) e vinculado à *Casa de la Contratación*, assim como seu pai, o também cosmógrafo Diego

Gutierrez. Sua carta, uma das maiores que se conservam da Casa, era originalmente dividida em dezesseis partes. Hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Viena, bastante deteriorada (Figura 24).[346] O mapa de Sancho Gutierrez faz parte de uma trama interessante de cópias cartográficas. Em 1544 foi impresso em Antuérpia um planisfério atribuído a Sebastião Caboto. É o único mapa impresso procedente da *Casa de la Contratación* de Sevilha.[347] As legendas que emolduram o mapa são idênticas as do cabo de Gutierrez, datado apenas de 1551. A configuração geral do contorno dos litorais também guarda semelhanças, ainda que o interior do continente seja bastante diferenciado. A carta de Caboto foi gravado em oito folhas e colorida à mão. O cartógrafo deixa registrado que o mapa foi feito "imitando en parte al Ptolomeu y en parte a los modernos descobridores". A utilização de fontes clássicas e modernas mostra as mudanças nos paradigmas intelectuais no início do período moderno. Para os novos mundos, o cartógrafo utiliza as informações recém chegadas das expedições. Para os continentes já conhecidos, a fonte continua sendo Ptolomeu. O mapa de Caboto é ricamente ilustrado e rodeado por extensas legendas geográficas nas margens. Mais do que uma cópia direta, o mais provável é que os dois mapas derivem de outros modelos. No caso da cartografia propriamente dita, os dois provavelmente são baseados no *Padrón real*, já discutido. As legendas, idênticas, são outra parte fundamental dos mapas. Harry Kelsey acredita que as legendas não são um texto formulado por algum cartógrafo em particular, mas provavelmente uma compilação de informações de variadas fontes, que poderia funcionar como um guia descritivo da *Casa de la Contratación* para os planisférios.[348]

2.2.3.1 – "Uma lagoa muito grande no interior da terra": da ilha-Brasil ao lago de Xarayes

O planisfério de Sancho Gutierrez de 1551 foi o primeiro mapa a evidenciar o desenho de uma ilha no território brasileiro, ligando os rios da bacia platina aos rios do norte do Brasil, diretamente à bacia do rio Maranhão, mas com ligações também com a bacia do Amazonas. O

---

[346] MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**, *op.cit.*, pp.112-119. Mais sobre o mapa de Gutierrez pode ser visto em KELSEY, Harry. The planispheres of Sebastian Cabot and Sancho Gutiérrez. **Terrae Incognitae,** vol.19, n.1, pp.41-58, 1987; e WAGNER, Henry R. A map of Sancho Gutiérrez of 1551. **Imago Mundi,** vol.8, pp.47-49, 1951.

[347] MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**, *op.cit.*, p.122. Segundao autora, "esta carta universal tiene el interés suplementario de ser el único ejemplar grabado procedente de la Casa de Contratación que poseemos, ya que el que imprimio Sebastian de Ruesta um siglo más tarde no há lleado hasta nosotros."

[348] KELSEY, Harry. The planispheres of Sebastian Cabot and Sancho Gutiérrez, *op.cit.*, p.57.

traçado dos dois grandes rios ao norte da América portuguesa também é bastante variado na cartografia analisada. (Figura 24)[349]

Figura 24 - Detalhe do planifério de Sanchez Gutierrez, 1551. Osterreichische Nationalbibliothek de Viena

Jaime Cortesão, primeiro autor a apontar o fenômeno cartográfico da ilha-Brasil e suas implicações e usos políticos,[350] não teve conhecimento desse planisfério, conforme apontou

[349] No mapa mundi do cartógrafo francês Jean Rotz, de 1542, aparece uma divisão do continente sul americano, formando uma imensa ilha no território Brasileiro. O cartógrafo pode ter se baseado nos escritos do navegador português João Afonso, que viveu na França servindo o soberano François I. Afonso foi o primeiro a descrever a possível insularidade do território português na América, como veremos. Infelizmente, não tive acesso ao mapa de Rotz para uma análise mais profunda.

[350] Mais recentemente as implicações historiográficas do fenômeno da *ilha-Brasil* foram abordas por Íris Kantor, no artigo "Usos diplomáticos da ilha-Brasil, polêmicas cartográficas e historiográficas", **Varia História**, Belo Horizonte, vol.23, n.37, pp.70-80, Jan/Jun 2007.

Alfredo Pinheiro Marques,[351] atribuindo a primeira representação da ligação fluvial pelo interior continental ao cartógrafo português André Homem, em planisfério de 1559.[352] Essa forma de representação, que vai se repetir constantemente na cartografia portuguesa como veremos, não aparece em nenhum outro mapa espanhol do período. Além disso, a configuração dos rios platinos, conforme analisada até aqui, guarda muitas semelhanças com os modelos portugueses. Dois grandes cursos fluviais partem do estuário da Prata em direção ao norte, quase paralelos, nomeados de Uruay e Paraná. O rio Uruay (Uruguai) corre próximo à costa, até muito além de São Vicente. Já o rio Paraguai segue rumo ao norte, até chegar a uma espécie de lago – ou canais fluviais com formatos circulares – de onde partem também o rio Maranhão e alguns rios que deságuam no Amazonas.

Os rios Paraguai e de Leperi (a qualidade das imagens deixa alguma dúvida, mas creio que sejam esses), presença constante na cartografia espanhola desde a carta de Ramirez, são representados com um traçado bastante peculiar, distinto de todos os outros rios da carta: muito mais estreitos, um traço fino e ondulado que serpenteia no papel, numa amplitude muito menor que as características curvas do rio Amazonas. Parecem colocados como elementos estranhos ao mapa, elementos espanhóis num modelo português. Luísa Martin Merás, tratando da decoração do mapa, também aponta proximidades com os mapas lusitanos, afirmando que "la decoracion la decoracion del interior de los continentes y mares es muy diferentes de la de las cartas portulanas y és más parecida a la usada por los portugueses en su cartografia, resultando abirragada."[353]

Muitos elementos espalhados nas páginas anteriores mostram os limites da possível *política de sigilo* por parte das Coroas ibérias, conforme sugeriram alguns autores. Analisando o mapa de Sancho Gutierrez, em texto de 1951, Henry Wagner afirma que na primeira metade do século essa política de sigilo não seria tão marcada como nas décadas posteriores, com a intensa atividade de ingleses, franceses e holandeses. Para o autor, embora os portugueses fossem grandes cartógrafos – e seus mapas tenham sido muito utilizados por franceses, holandeses, italianos e alemães – seu conhecimento no Novo Mundo se reduzia ao Brasil e por isso utilizaram largamente mapas oficiais espanhóis para construírem mapas da

---

[351] MARQUES, Alfredo Pinheiro. A cartografia do Brasil no século XVI. **Revista da Universidade de Coimbra.** Coimbra, vol.XXXIV, pp.447-462, 1988, p.454.

[352] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** *op.cit.*, p.348.

[353] MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América,** *op.cit.*, p.119.

América.[354] O caso do mapa de Sancho Gutierrez, entretanto, parece supor que a relação entre Coroas e cartógrafos ibéricos era mais complexa e podia funcionar em duas vias.

Antes de representado em mapas entretanto, a configuração geográfica insular da América portuguesa apareceu nos textos escritos. A ligação dos rios no interior do continente parece ter aparecido pela primeira vez nas obras do navegador João Afonso, português que viajou e escreveu a serviço da França, onde ficou conhecido como Jean Fonteneau ou Alfonsé de Saintonge. O autor cita os rios do interior da América em duas de suas obras mais conhecidas, a *Cosmographie*, de 1544, e as *Voyages Aventuriex*, publicada em 1559 e escrita provavelmente entre 1527 e 1537.[355] Segundo João Afonso,

> O dito rio Maranhão é um grande rio, que tem mais de quinze léguas de largura em sua entrada. E, na entrada, há quatro ou cinco ilhas dentro dele. E esse provem de um grande lago que fica no interior da terra do Brasil, a mais de trezentas léguas do mar, o qual fica quarenta ou cinquenta léguas de longitude e de latitude. E dele sai outro rio que segue em direção ao sul, e vai desaguar mar Oceano a trinta e cinco graus de altura do polo antártico, e chamam este de rio da Prata. E ambos fazem de todo Brasil uma ilha. [356]

A partir daí, as referências ao encontro dos rios esteve sempre ligada a existência de um lago no interior do território, que daria origem a um ou mais rios sul-americanos. Pero de

---

[354] "Although the Portuguese were great map-makers and their maps were utilized by French, Italian, Dutch, and German cartographers, yet as their knowledge of America was confined to Brazil, and what they could learn from Portuguese pilots who had been in the service of Spain, they necessarily must have constructed their maps of America largely from Spanish official maps, obtained in some way or other just described, and in consequence their knowledge was largely second hand." WAGNER, Henry R. A map of Sancho Gutiérrez of 1551. **Imago Mundi,** vol.8, pp.47-49, 1951.

[355] Jaime Cortesão afirma que a obra pode ser datada de c.1527, argumentando a esse favor. CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** Tomo I, *op.cit.*, p.339. Para Georges Musset, que escreve a introdução da edição moderna da *Cosmographie,* a obra foi escrita em meados da década de 1530. Musset discorda ainda dos historiadores que consideram apenas a *Cosmographie* como obra de João Afonso, Segundo ele, além da *Cosmographie* são de autoria de Afonso mais cinco obras, entre elas as *Voyages Aventuriex*. **La cosmographie avec l'espère et regime du soleil et du nord par Jean Fonteneau dit Alfonsé de Saintonge Capitaine-pilote de François Ier.** Publiée et annotée par Georges Musset. Paris: Ernest Leroux Éditeur, 1904, pp.20 e 21.

[356] No original: Ladicte rivière de Mareignan est grande rivière, en sorte qu'elle a plus de quinze lieues de largeur en son entrée. Et, á l'entrée, a quatre ou cinq isles, et au dedans d'elle. Et ceste rivière descend d'un grand lac qu'est au dedans de la terre du Brésil, à plus de trois cens lieues de la mer, qui a quarente ou cinquante lieues de longitude et de latitude. Et de luy descend une aultre riviére laquelle riviére s'en va à l'austre midy, et va descendre en la mer Occéane par les trente et cinq degrez de la haulteur du polle antartique, et s'apelle la riviève de Prate qu'est appellée la Riviére d'Argen. Et toutes deux font de tout le Brésil une isle. **La cosmographie avec l'espère et regime du soleil et du nord par Jean Fonteneau dit Alfonsé de Saintonge,** *op.cit.*, p.407.

Magalhães Gândavo escrevia em sua *História da Província de Santa Cruz,* em 1576, que era de pública fama entre os índios a existência de

> Uma lagoa muito grande no interior da terra, de onde procede o rio São Francisco, de que já tratei: dentro da qual dizem haver algumas ilhas e nelas edificadas muitas povoações e outras ao redor dela, muito grandes, onde também há muito ouro e mais quantidade (segundo se afirma) que em nenhuma outra parte desta província.[357]

Mais uma vez o interior dos territórios americanos é conhecido – e sugerido – através da geografia indígena. Naquele momento não era possível determinar a veracidade dessas informações. Aliás, a questão ecoou nas descrições posteriores e não é difícil acompanhá-la nos seguintes.

Em 1668, o jesuíta Simão de Vasconcelos constrói uma das mais belas imagens da ilha Brasil. Em suas *Noticias curiosas e necessárias das cousas do Brasil*, ele descreve os dois grandes "potentos da natureza", o Amazonas e o Prata. Os dois rios seriam "o princípio e fim dessa costa", como "duas chaves de prata, ou de ouro, que fecham a terra do Brasil. Ou são como duas colunas de líquido cristal que a demarcam entre nós e Castela, não só por parte do marítimo, mas também do terreno". A marcação dos limites de Portugal na costa é visível na foz dos dois rios. No interior do território, mais uma vez as notícias chegam através dos nativos habitantes da terra: "Contão os índios versados no sertão que bem no meio dele são vistos darem-se as mãos estes dois rios, em uma lagoa famosa, ou lago profundo, de águas que se ajuntam das vertentes das grandes serras do Chile e Peru". [358]

A metáfora das chaves dá lugar ao corpo humano, já que os rios podem ser comparados com dois gigantes, segundo o autor. Eles têm braços fluviais, o grosso do peito que deságua no mar, as ilhas que parecem os trinta e dois dentes da boca – a foz. O Prata lança suas águas no mar "com tão impetuosos vômitos" que pelo espaço de muitas léguas da praia as águas do oceano são "tão doces como as da própria garganta e bebem dela os

---

[357] No original, "ha hua lagoa muy grande no interior da terra, donde procede o rio de Sam Francisco, de que já tratey: dentro da qual dizem auer alguas ilhas & nelas edificadas muitas povoações, & outras orredor dela muy grandes, onde também há muito ouro & mais qntidade (segundo se affirma) que em nenhua outra parte desta provincial**". Historia da prouincia Sacta Cruz a qu'vulgarmete chamamos Brasil**: feita por Pero de Magalhães de Gandavo Impresso em Lisboa,: na officina de Antonio Gonsaluez, 1576, p.48

[358] **Noticias cvriosas e necessárias das covsas do Brasil.** Pello P. Simam de Vasconcellos da Companhia de Iesvs, Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da Sagrada Theologia, & provincial naquele Estado. Em Lisboa, na Officina de Ioam da Costa, Anno 1668, pp. 29-34.

navegantes, quando ainda não avistam terra do topo dos mastros mais altos". Pela força de sua boca, pela quantidade e tamanho dos braços sertão adentro, "com razão podemos chamar-lhe gigante Briareo".[359] Ainda utilizando a mesma linguagem, Vasconcelos faz uma ressalva importante nessa configuração geográfica, incapaz entretanto de desfazer a imagem dos rios de mãos dadas no interior americano. A partir da lagoa se formam os

> braços daqueles grossos corpos o direito, ao das Amazonas para a banda do Norte; o esquerdo, ao da Prata para a banda do Sul; e que com estes abarcam e torneam todo o sertão do Brasil; e com o mais grosso do peito, pescoço e boca presidem ao mar. Verdade é, que com mais larga volta, se avistam mais ao interior da terra; não encontrando-se águas com águas, mas avistando-se tanto ao perto, que distam somente duas pequenas legoas. [360]

Outro famoso cronista-historiador da América portuguesa, Sebastião da Rocha Pita, descreve o mesmo fenômeno já em meados do século XVIII. Quando descreve o rio da Prata em sua *História da América Portuguesa,* afirma ser esse o

> maior que todos, e só inferior ao Gran-Pará, ou das Amazonas : traz o seu nascimento da mesma mãe, e posto que irmão menor, tem o curso quasi igualmente dilatado, mas por diferente rumo, correndo o das Amazonas para o norte, e o da Prata para o meio-dia.[361]

Com muitas metáforas e sugestões, apenas João Afonso, o cosmógrafo a serviço da França, fala de uma ilha. Se, na documentação escrita, o caráter insular do Brasil ficou no mais das vezes apenas subentendido, na cartografia ele foi bastante explícito. A ilha Brasil, ou *o mito da ilha Brasil* como ficou conhecido na historiografia, foi postulado primeiramente por Jaime Cortesão. Depois de analisar a cartografia portuguesa do século XVI – e mapas de outras nações para a virada do século XVII – Cortesão conclui que desde o primeiro quartel

---

[359] **Noticias cvriosas e necessárias das covsas do Brasil.** *Op.cit.* p.41. Na mitologia grega, Briáreo era um gigante de cem braços e cinquenta cabeças, filho de Urano e Gaia.

[360] **Noticias cvriosas e necessárias das covsas do Brasil.** *Op.cit.* p.32.

[361] PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro**. Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1880. Livro Primeiro, p.7. A história da ilha-Brasil não termina aqui. Cortesão arrola uma série de autores do século XIX e XX que buscam mostrar as conexões entre as bacias do Amazonas e do Prata, configurando o território do Brasil já independente como uma ilha. Cita, por exemplo, a obra do geógrafo Jaime Batalha Reis, que em obra de 1896 analisa a "ilha brasileira". CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** *op.cit.*, p.358.

do século os portugueses começaram a delinear em seus mapas uma "entidade geográfica brasileira", formada pelo espaço entre o delta amazônico e o estuário platino. Esse recorte "excedia largamente os limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas".[362] Para ele, a representação dessa entidade unificada indica que "a cartografia quinhentista e a seiscentista ilustram, por assim dizer, a gênese do embrião geográfico do Brasil, nas suas diferentes fases.[363]

Cortesão vê o primeiro momento desse processo no mapa de Lopo Homem de 1519. (Figura 10). Não sem uma pitada de teleologia, o autor utiliza os mapas de Diego Ribeiro para mostrar um segundo momento da configuração do mito. Pinheiro Marques, seguindo os passos de Cortesão, retoma a cartografia quinhentista a partir do problema da insularidade brasileira e conclui que, na primeira metade do século,

> Não aparecem ainda elementos explícitos de representações que possamos relacionar com o mito da Ilha Brasil, como a junção dos rios, diretamente ou num qualquer lago central já representado no centro do continente. E quando as primeiras sugestões aparecem, tendendo para isso, tal parece notar-se, não na cartografia portuguesa, e sim, pelo contrário, na espanhola.[364]

Como já dito, Cortesão não fez referência ao mapa de Sancho Gutierrez e, portanto, para o autor, a primeira representação cartográfica da ilha Brasil se deu no planisfério de André Homem, de 1559 (Figura 25). Trata-se do único mapa preservado do cartógrafo, apesar de inúmeras referências a ele nos documentos do período. Não se sabe ao certo a relação de parentesco entre André e os outros cartógrafos conhecidos da família, Lopo e Diego. Possivelmente primo e sobrinho, respectivamente. O mapa assinado de Antuérpia e um documento datado de Paris em 1564 mostram que o cartógrafo saiu de Portugal ainda na década de 1550. Na década seguinte ele esteve em Paris, exercendo a função de cartógrafo do rei Carlos IX. Outras fontes mostram ainda André Homem em Londres, sempre atuando no serviço real. Isso lhe rendeu alguns problemas, como um atentado contra sua vida quando estava na França, depois da recusa em retornar ao serviço de Portugal.[365] No verso do mapa

---

[362] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** *op.cit.*, p.342.

[363] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** *op.cit.*, p.348.

[364] MARQUES, Alfredo Pinheiro. A cartografia do Brasil no século XVI, *op.cit.*, p.454.

[365] PMC, *op.cit.* Vol.2, pp.66-69.

Figura 25 - Detalhe do Planisfério de André Homem, de 1559. Bibliothèque Nationale de Paris

de 1559 lemos a legenda "André Homem, cosmógrafo lusitano, me fez em Antuérpia, no ano de 1559". Uma segunda legenda mostra o título do planisfério: *Descrição completa de todo o orbe navegável, com todos os portos, ilhas, rios, promontórios, ancoradouros, andras e naúas, e ainda a medida muito certa dos graus tanto de latitude como de longitude de modo a nada faltar que pareça convir a um completo tratado de cosmografia.* O título remete tanto ao uso prático da carta – *portos, ilhas, promontórios, ancoradouros* etc – como ao teórico de um *tratado de cosmografia* completo. Para os autores da *PCM*, as excepcionais dimensões do mapa, bem como a "magnificência do desenho e decoração" e as legendas todas em latim fazer supor que a carta tenha sido feita para algum nobre ou "alta personagem" do período.[366]

No mapa é possível ver não uma, mas muitas ilhas dentro do território português na América, incluindo uma formada pela porção de terras entre os rios que parecem representar o Uruguai e o Paraná, ao sul. As ramificações do rio Paraná e do Paraguai partem todas de um imenso lago no interior, de onde partem também rios que vão ao Amazonas, representado com o mesmo serpenteado já apresentado em outros mapas. Diferentemente do mapa de Gutierrez, a bacia do rio Maranhão aparece aqui separada. Ainda no território português, o rio São Francisco, o rio Real e outro rio na altura da Baia de Todos os Santos nascem de um lago menor que parece também ligar-se – apesar da sugestão o brasão português esconde um pedaço do território – não só ao lago central mas diretamente ao sistema platino. A grande ramificação dos rios Paraguai e Paraná vai ser bastante repetida ao longo da segunda metade do século na cartografia portuguesa. No baixo curso do rio Paraná, na margem esquerda apenas pequenos afluentes, sem profundidade territorial, lançam suas águas no grande rio. Isso pode indicar um desconhecimento do interior dos espaços platinos pelos cartógrafos portugueses, ou corroborar a hipótese de que a representação dos rios na cartografia lusa buscava mais mostrar uma aproximação com a costa e com os rios do norte – e nesse caso um delineamento de território, de fato – do que um caminho para se entrar no continente.

A ilha-Brasil foi representada de diferentes maneiras na segunda metade do século XVI, com seu tamanho aumentando ou diminuindo dependendo da configuração dos rios. Logo depois de aparecer no mapa de André Homem, ela figurou nos mapas de Bartolomeu Velho, curiosamente outro cartógrafo português que deixou seu país para servir ao soberano francês.[367]

---

[366] PMC, *op.cit.* Vol.2, pp.69.

[367] **PMC**, *op.cit.* Vol.2, pp.89.

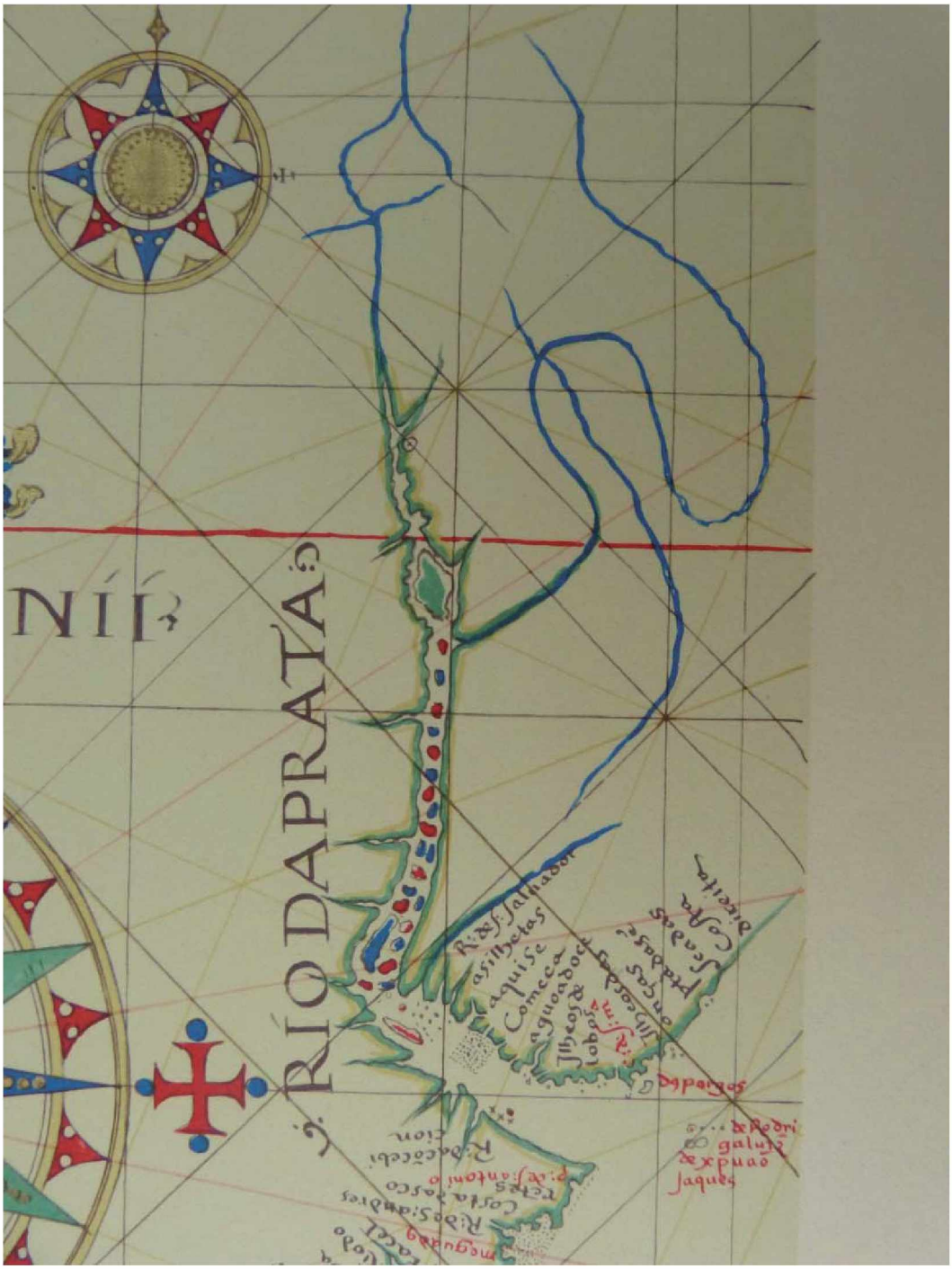


Figura 26 - Detalhe do mapa de Bartolomeu Velho, de 1560. The Huntington Library, California.

O mapa de 1560 está inacabado, mas parece ter sido o modelo seguido também no mapa de 1561, do qual infelizmente só consegui a reprodução da *PCM*, de pouca qualidade (Figuras 26 e 27). Nota-se uma mudança importante nos mapas de Bartolomeu Velho: o topônimo do rio Uruguai desaparece. Pode ser visto um rio nomeado de San Salvador, de pequena amplitude, na curva do estuário onde normalmente estaria o Uruguai. O Paraguai é

representado totalmente no sentido norte-sul, quase coincidindo com a linha demarcatória. O rio Paraná, com traçado bem mais estreito, dá grandes voltas desde sua origem no lago *Eupana* até desaguar no Prata, juntando-se ao Paraguai. Na parte norte, o mapa se assemelha ao de André Homem, com rios cruzando o território e ligando as bacias do São Francisco, Maranhão e Amazonas ao lago e à bacia platina. O mapa é também um dos únicos que mostra o topônimo da vila de Assunção, no rio Paraguai. Apesar de sua importância no processo de ocupação da região, ela poucas vezes figura na cartografia, conforme será discutido adiante.

Poucos cartógrafos do século XVI têm um traço tão característico quanto Fernão Vaz Dourado. São conhecidas quase uma centena de cartas do autor, distribuídas em seis atlas, produzidos entre 1568 e 1578. Curiosamente, nenhuma carta avulsa foi preservada, apenas os atlas completos.[368] Jaime Cortesão afirma que a figuração da ilha Brasil retrocede nos primeiros mapas de Vaz Dourado, já que a bacia platina não se liga aos rios Pará ou Tocantins, mais a oeste, mas ao Maranhão, tornando o território mais estreito.[369] No mapa inserido no atlas de 1567 é possível visualizar, além da Ilha Brasil, várias outras ilhas formadas pelos rios platinos. A representação bastante particular das ilhas no interior do rio da Prata não se repete nos outros mapas do atlas (Figura 28).

Por fim, outras formas de ilha Brasil ainda aparecem na cartografia portuguesa do século XVI, como nos mapas de Sebastião Lopes de 1570 e na conhecida cartografia da família Teixeira – nas cartas de Domingos, de 1573 e de Luís Teixeira, de 1590 e 1600 (Figura 29) Nesse momento, a representação da ilha já havia atravessado as fronteiras peninsulares e passou a ser gravada nos mapas holandeses, tendo com isso uma circulação muito maior. Nos mapas impressos, um dos primeiros modelos que aparecem difere bastante da cartografia portuguesa. Dois mapas de cartógrafos espanhóis, Diego Gutierrez e Jerônimo Chaves (Figuras 30 e 31), impressos na edição de 1584 do *Teatrum Orbis Terrarum*, de Abraham Ortelius mostram uma configuração bastante diferenciada dos rios platinos. Apenas o Rio da Prata é nomeado. O topônimo aparece na entrada do estuário. O cartógrafo escolheu diminuir o tamanho de alguns rios, deixando apenas um curso fluvial maior, entrando no território diretamente ao norte, onde se encontra com o rio Grande numa enorme lagoa, chamada de Eupana. Dessa forma, o lago e a própria ilha Brasil ganham bastante destaque. Outro rio, mais estreito mas bastante longo rumo ao norte corre paralelo ao rio principal, até a

---

[368] PMC, *op.cit.* Vol.3, pp.3-8.

[369] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** *op.cit.*, p.346.

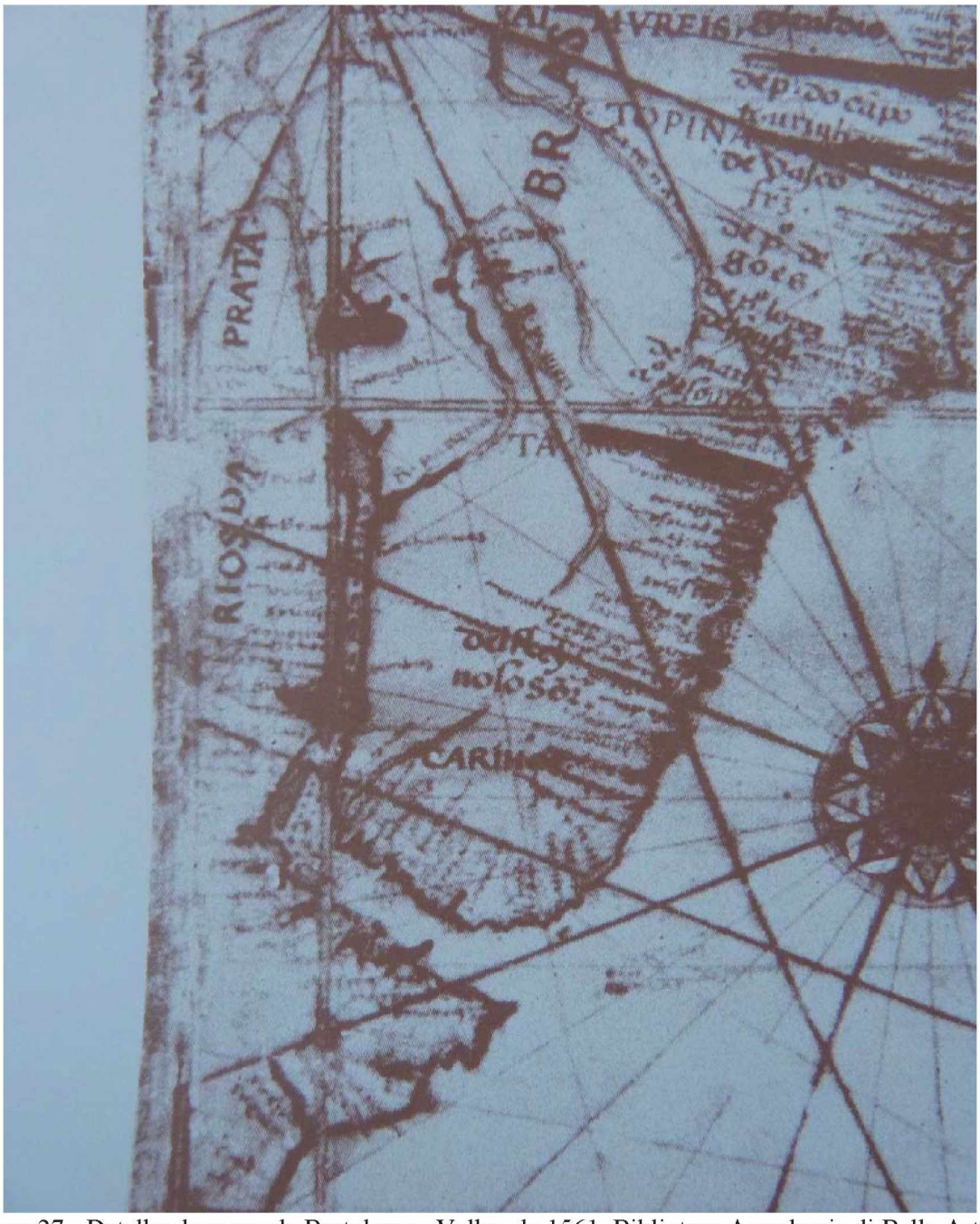


Figura 27 - Detalhe do mapa de Bartolomeu Velho, de 1561. Biblioteca Accademia di Belle Arti de Florença.

altura do trópico de Capricórnio. Em suas nascentes foram inseridos signos e topônimos de duas vilas, São Francisco e Cananoa (Cananeia). As duas localidades eram portos bastante frequentados na costa sul americana desde as primeiras expedições de exploração e sua representação no interior do território chama a atenção. (Fig.?) Com algumas variações, esse modelo aparece nos mapas impressos por conhecidos cartógrafos e editores no início do século XVII, como em edições dos atlas de Blaeu (1606), Mercator (1606 e 1619), Hondius

(1619), chegando a ser reproduzido no mapa de Nicolas Sanson, de 1650, sétimo e último estágio da representação da ilha Brasil segundo Cortesão.[370]

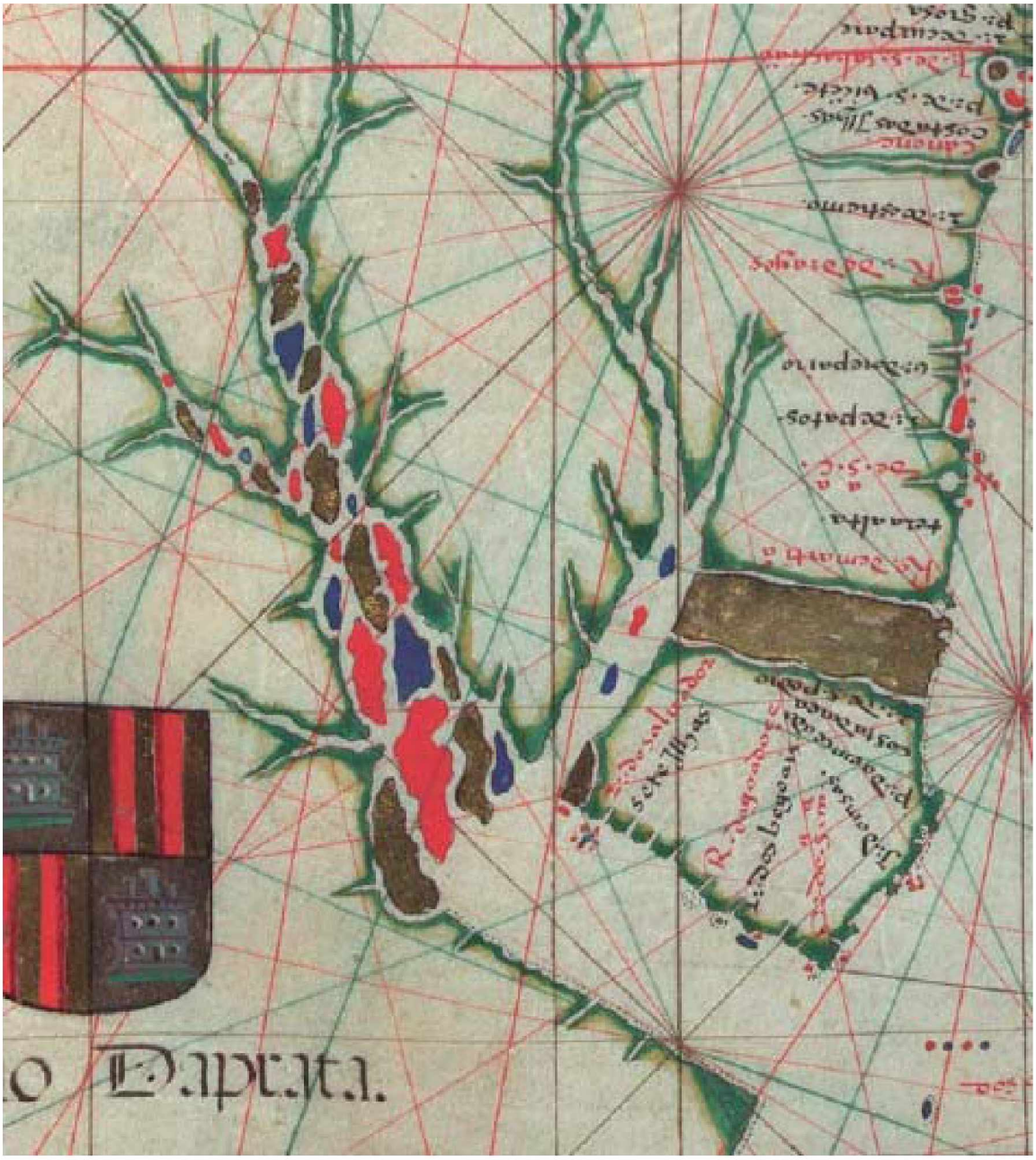


Figura 28 - Detalhes do mapa de Fernão Vaz Dourado, de 1567. Biblioteca Nacional de Lisboa

É a partir dos mapas impressos da virada do século que outro mito geográfico americano passa a ser representado na cartografia europeia, a *Laguna de los Xarayes*. Para Jaime Cortesão, trata-se do mesmo lago do interior, que apesar de não receber nenhum nome em sua primeira aparição, no mapa de André Homem, foi nomeado de várias formas na

[370] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas,** *op.cit.*, Tomo 1, p.347.

cartografia subsequente. Aparece como lago Eupana (pela primeira vez na carta de Bartolomeu Velho, 1561); Dourado (carta de Luis Teixeira de 1600); Laguna Encantada del Paytiti (Lucas de Quirós 1618) e Xarayes (Nicolas de Sanson 1650).[371] Para Maria de Fátima Costa – que estudou a formação e desaparecimento do mito na cartografia – tratam-se de fenômenos diferentes. Se algumas vezes os lagos coincidem nos mapas, em outras ocasiões Xarayes, Dorado e Eupana são lagos independentes e sem comunicação. [372] Xarayes era o nome de um grupo indígena da região do alto rio Paraguai, atual Pantanal, encontrado pelos espanhóis nas primeiras tentativas de explorar o interior da bacia platina. De nome do grupo, transformou-se em nome de lugar – assim como outros na região, como Mepenes, Carios, Tupinambá que frequentemente aparecem nos mapas nomeando regiões do interior do continente. Um lugar bastante confuso e sedutor para os exploradores espanhóis. Junto com o emaranhado de rios e canais fluviais do alto Paraguai, a alteração da paisagem a partir do ciclo de cheias e secas tornavam um desafio a tentativa de encontrar caminhos ao Eldorado e ao país das Amazonas. [373]

O uso do topônimo indígena para nomear a região só aparece no início do século XVII, na obra de Antonio de Herrera, *História General de los hechos Castellanos em las islas y tierra-firme del mar océano*. Antes disso, portanto, não há lagoa dos Xarayes, enquanto a Ilha Brasil já está bastante difundida nos mapas portugueses e holandeses. O impacto e consequências do lago no imaginário espanhol e português, foi, portanto, diferente.

---

[371] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. *op.cit.*, Tomo 1, p.346.

[372] COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente. O** pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Cosmos, 1999, p.140.

[373] COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente,** *op.cit.* A discussão é feita nos tópicos *A construção narrativa de Xarayes* e *A construção cartográfica de Xarayes*, pp.131-146.

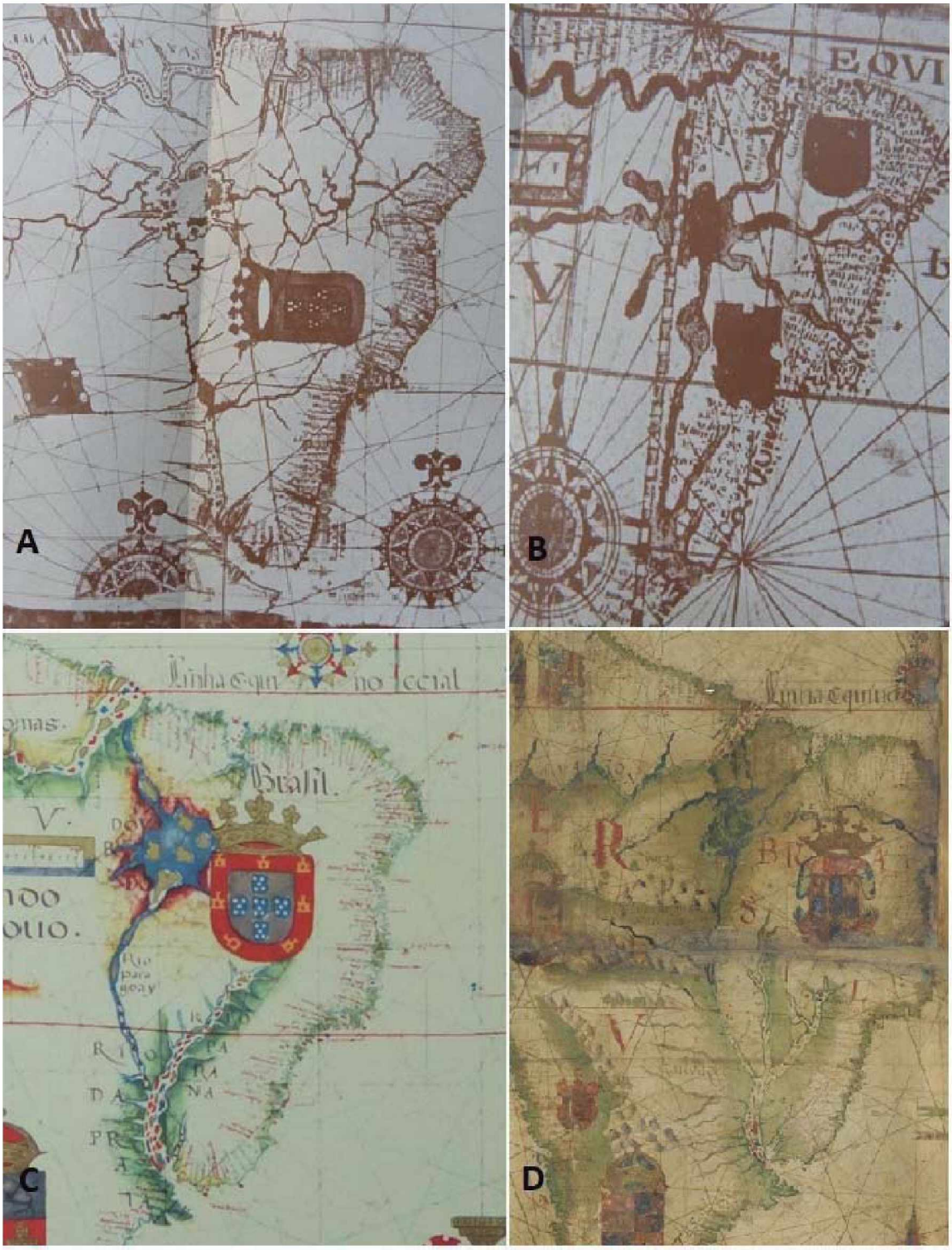


Figura 29 - Detalhes dos mapas de (A) Sebastião Lopes, 1570; (B) Domingos Teixeira, 1573; Luis Teixeira (C) 1590 e; (D) 1600. Acervos da Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança (A); Bibliothèque Nationale de Paris (B e D) e Biblioteca Nazionale de Florença (C).

A análise da documentação escrita e dos mapas aqui apresentados não deixa dúvida sobre a existência e a importância do fenômeno geográfico-cartográfico da ilha Brasil. Jaime

Figura 30 - Detalhe do mapa de Jerônimo de Chaves, publicado na edição de 1584 do *Teatrum Orbis Terrarum* de Abrahan Ortelius.

Figura 31 - Detalhe do mapa de Diego Gutierrez, publicado na edição de 1584 do *Teatrum Orbis Terrarum* de Abrahan Ortelius.

Cortesão vê no processo um uso político da ideia de uma "entidade geográfica única". Entretanto, ele aponta diferenças entre o "mito e sua expansão cartográfica". Uma das maneiras de possibilitar que a ligação entre as bacias platina e amazônica coincidisse com entidade territorial foi a constante e sistemática distorção do espaço sul americano à leste, na cartografia portuguesa. Para Cortesão, trata-se de uma "política de Estado" realizada pela metrópole, uma "cartografia dirigida". Ao contrário, o conceito de ilha-Brasil "embora visando ao mesmo objetivo e alimentando o mesmo sonho obedeceu a uma elaboração coletiva *in loco*", resultante de interpretações tendenciosas de informações indígenas.[374] De qualquer forma, muitos autores já discordaram desses argumentos. Sérgio Buarque afirma que é difícil imaginar de que forma essas concepções, se é que existiram de fato, podem ter tido um papel considerável na expansão lusitana.[375] Maria Fernanda Alegria questiona o porquê da distorção não ter sido corrigida por cartógrafos de outras nações no período, atribuindo o problema muito mais às projeções e às dificuldades técnicas de se calcular a longitude no período, bem como às limitações impostas pela própria geografia, em muitos lugares inóspita, do que a uma política deliberada da Coroa portuguesa. [376]

Ao fim, é possível concluir que a cartografia dos lagos no interior da América do Sul mostra dois processos concomitantes e não excludentes, mas de origens diferentes. Se o mito da ilha Brasil – mesmo aparecendo, ao que consta, primeiramente no mapa espanhol de Sancho Gutierrez de 1551 – foi um mito lusitano, a *Laguna de los Xarayes* foi um mito exclusivamente castelhano, como já demonstrou Maria de Fatima Costa.

2.2.4 – Multiplicam-se os mapas e os rios: o leque platino na cartografia impressa [depois de 1570]

As décadas finais do século XVI foram marcadas pela multiplicação dos mapas através da impressão. Com a circulação de informações, são bastante variadas as formas de

---

[374] CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. *op.cit.*, Tomo 1, p.355.

[375] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso**: os motivos edênicos no descobrimento colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.47.

[376] ALEGRIA, Maria Fernanda. Representações do Brasil na produção dos cartógrafos Teixeira (1583-1675). **Mar Liberum**, Lisboa, n.10, 1995, p.194.

representação da bacia platina. Entretanto, destaca-se o modelo inaugurado pelos famosos cartógrafos Mercator e Ortelius, em 1569 e 1570, repetido até as primeiras décadas do século XVII. Dois elementos devem ser ressaltados nessas representações: um aumento no número e no tamanho dos afluentes do rio Paraná, principalmente da margem direita, dispostos de maneira quase equidistantes, formando um *leque* de cursos fluviais lançando suas águas no estuário platino (num modelo semelhante às idéias de Plínio, o Velho, discutidas no capítulo 1, tanto no que diz respeito à *rede de veias que irradiam* no território, quanto nas montanhas das quais a água é jorrada); e a relação visível e direta entre o nascimento dos rios e as montanhas.

Anteriormente discutimos as origens dos cursos fluviais americanos a partir dos lagos no interior do continente. Entretanto, nesse momento ainda existiam muitas dúvidas sobre os locais de nascimentos dos rios, também associados às montanhas, seguindo a tradição clássica. Em 1563 Antônio Galvão escrevia sobre os rios da América portuguesa:

> Saem das rayzes destas montanhas muitas ribeiras pequenas e grandes, principalmente da parte de leste, como se parece no rio das Amazonas e Maranhon de Sam Francisco, da Prata, San Joam e outros muitos q há na terra do Brasil, por ser mais largo q o de Peru e nova castela."[377]

Essa mitologia fluvial teve profunda influência na forma de representar os rios americanos nos mapas do início do período moderno. Seja pela vinculação com as nascentes dos rios, seja pelo *horror vacui* de muitos cartógrafos com o interior do continente desconhecido, as montanhas são presença certa nos entornos dos rios em grande parte dos mapas do período. Alejandra Vega acompanhou a configuração do revelo interior nos primeiros mapas do continente sul-americano. As suposições europeias da origem dos rios nas montanhas – seguindo o exemplo do Nilo nascendo nos Montes da Lua – fizeram com que, décadas antes do território ser percorrido, a cartografia já apresentasse um relevo imaginário, sempre associado às *cuencas fluviales.* A autora acredita que os montes que aparecem no mapa de Waldseemüller, de 1507, famoso por batizar a América pela primeira vez, podem ser interpretados assim. A grande difusão do mapa fez com que a ideia se desenvolvesse e

---

[377] **Tratado que compôs o nobre e notável Antonio Galvão, dos diversos e desvayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India às nossas partes**, e assi de todos os descobrimentos antigos e modernos, que são feitos até a era de mil e quinhentos e cincoenta. Com os nomes particulares das pessoas que os fizeram: e em que tempo e as suas alturas, obra certo muy notável e copiosa. Impressa em casa de Joam da Barreira impressor del rey nosso senhor, na Rua de Sá Mamede, 1563, p.71

circulasse entre os pilotos da *Casa de la Contratación* e a partir daí fosse espalhada em incontáveis mapas durante o século XVI. Se detivermos o olhar nessa relação rio/montanha na bacia platina, é possível acompanhar suas mudanças ao longo do século e meio que formam o espaço temporal dessa pesquisa.[378]

Uma das formas de representar o revelo sul americano no século XVI e a relação dos montes com a nascente do rio foi a utilização de um círculo de montes delimitando estritamente a bacia platina, em todas as direções. Essa configuração aparece pela primeira vez em um mapa anônimo publicado na edição de 1534 da obra *De orbe Novo Decades*, de Pedro Martir de Angleria, em Veneza. A *Carta Universale dela Terra Ferma & isole delle Indie Occidentali, cio è del Mondo Nuovo* é a primeira a mostrar o semi-círculo de montanhas em volta da bacia platina (Figura 32).

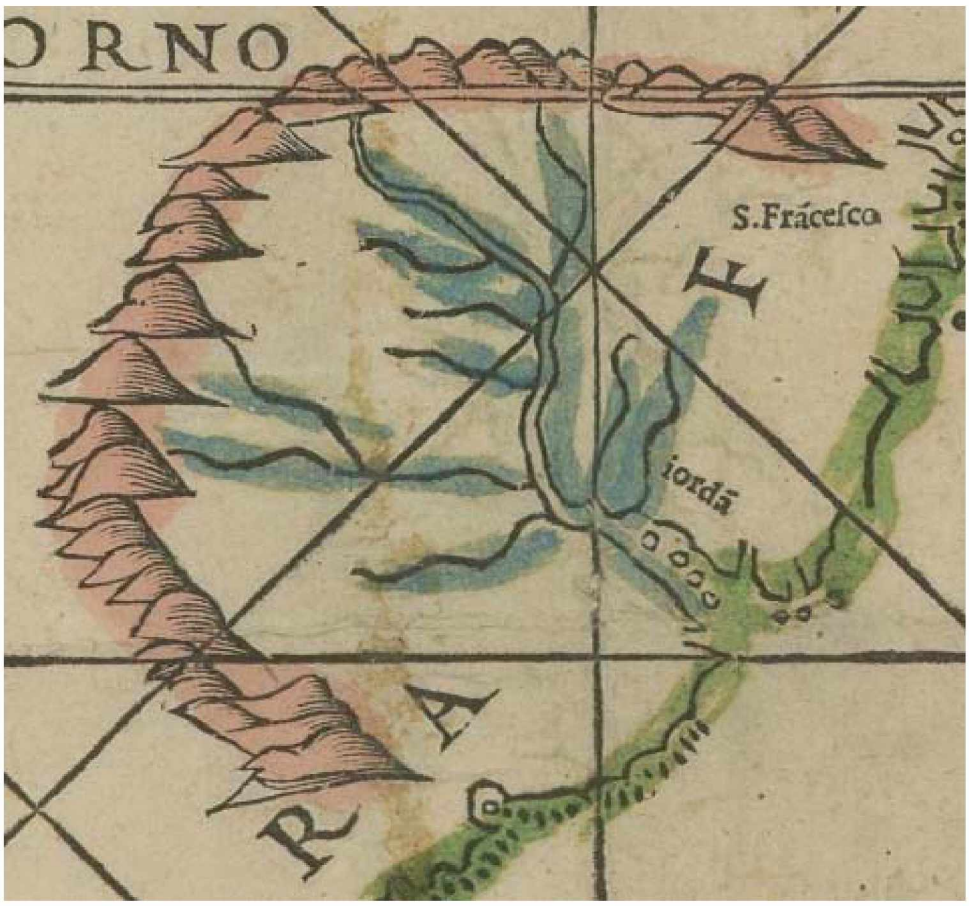


Figura 32 - Detalhe do mapa de 1534 de Giovanni Baptista Ramusio. Acervo da Jonh Brown Carter Library, de Provence.

[378] Alejandra Vega analisa essa relação em alguns dos primeiros mapas do continente sul americano. Depois o foco de análise da autora se volta para a cordilheira andina, objeto principal do trabalho. Creio que é possível aqui continuar com a análise centrada na bacia platina até o século XVII, compondo uma interessante série cartográfica.

Ademais, é um dos únicos mapas do período que traz o topônimo "iordã", Jordan ou Jordão, nome pelo qual o rio da Prata é chamado em alguns documentos. Não é possível saber se a representação deriva apenas da conhecida relação entre rios e montanhas, ou se as notícias da fabulosa serra da prata no interior da região tenham reforçado a ideia.[379] Na década seguinte, o mapa de Sebastião Caboto (1544), já bastante discutido, mostra uma imensa cordilheira ocupando o centro da América do Sul. Um dos braços da cadeia de montanhas parte do sul do estuário platino, girando ao norte de forma a delimitar grande parte da bacia, porém segue seu caminho setentrional, dividindo-se em dois logo adiante (ver Figura 20). Alonso de Santa Cruz, cosmógrafo da *Casa de la Contratación*, deixa ainda mais explícita a relação entre as montanhas e as nascentes dos tributários do Prata, desenhando os rios saindo exatamente de cada vale entre a cadeia de montanhas, que igualmente forma um semicírculo, mesmo que não totalmente fechado. (ver Figura 21).

O modelo de representação ganhou notoriedade no último terço do século, depois de ter sido usado pelos famosos cartógrafos e gravadores flamencos Abraham Ortelius e Gerard Mercator. No mapa de 1569, onde utilizou pela primeira vez a projeção que ficou conhecida por seu nome, Mercator dispõe os rios platinos no formato que aqui chamei de leque, rodeados por montanhas. Dois rios principais são traçados na direção norte-sul, paralelos e de grande porte. Representam o rio Paraná e o Uruguai – nos mapas de Mercator nomeado de Leperi, mostrando que as confusões entre os nomes e os cursos fluviais, bem como da paisagem como um todo da região persistiam. A região toda recebe o nome do grande rio, Paraná. O cerco de montanhas aparece também nas edições das décadas seguintes, como no caso dos mapas de 1587 e 1595 (Figuras 32 A, B e C).

Ortelius foi cosmógrafo real de Felipe II, dedicando ao soberano o conjunto de mapas que pela primeira vez foi chamado de *atlas*, em 1570. O território platino tem a mesma configuração dos mapas de Mercator. O número e alcance dos rios platinos, bem como sua disposição espalhada em todas as direções, remete a um território mais conhecido, explorado e quiçá domesticado, de fácil acesso. São provas dessa intenção os inúmeros signos de vilas espalhadas por todo território rio-platense (Figuras 32 D e E)

---

[379] VEJA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.101.

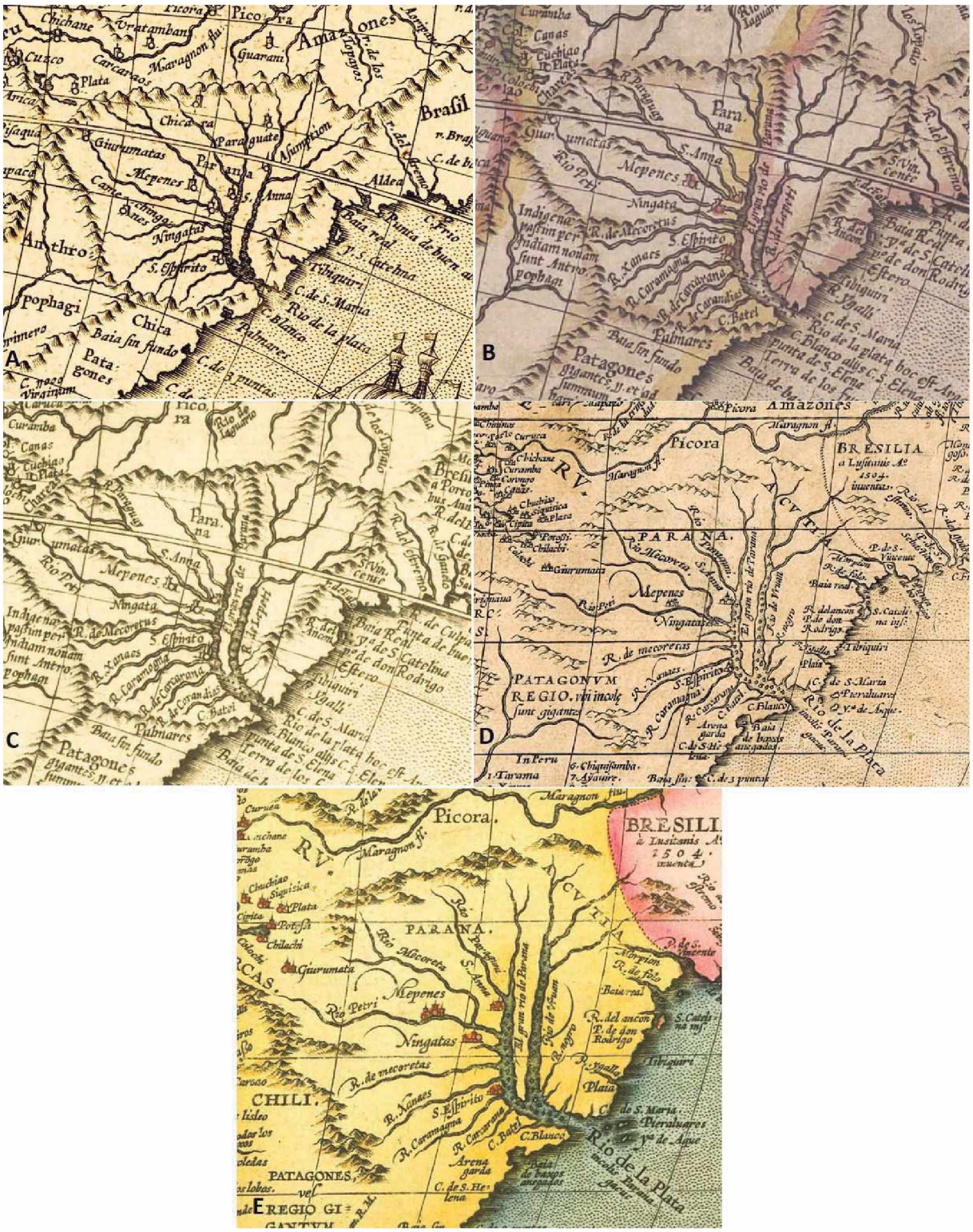


Figura 33 - Detalhes dos mapas de Gerard Mercator de 1587 (A), 1595 (B) e 1596 (C) e Abraham Ortelius de 1570 (D) e 1587 (E). Acervo da John Carter Brown Library de Provence.

Essa pode ser uma das formas de representação mais conhecidas da região, sendo reproduzida intensamente na cartografia impressa das últimas décadas do século XVI, conforme pode ser visto abaixo na figura 34.[380] Também na cartografia manuscrita o modelo teve influência, vista no belo atlas do cartógrafo espanhol Joan Martines, de 1587, preservado na Biblioteca Nacional de Madri. Nele, os rios Paraná e Uruguai, paralelos, têm proporções gigantescas. Neles desaguam vários outros rios menores, procedentes de grupos de montanhas independentes e arborizadas (Figura 35).

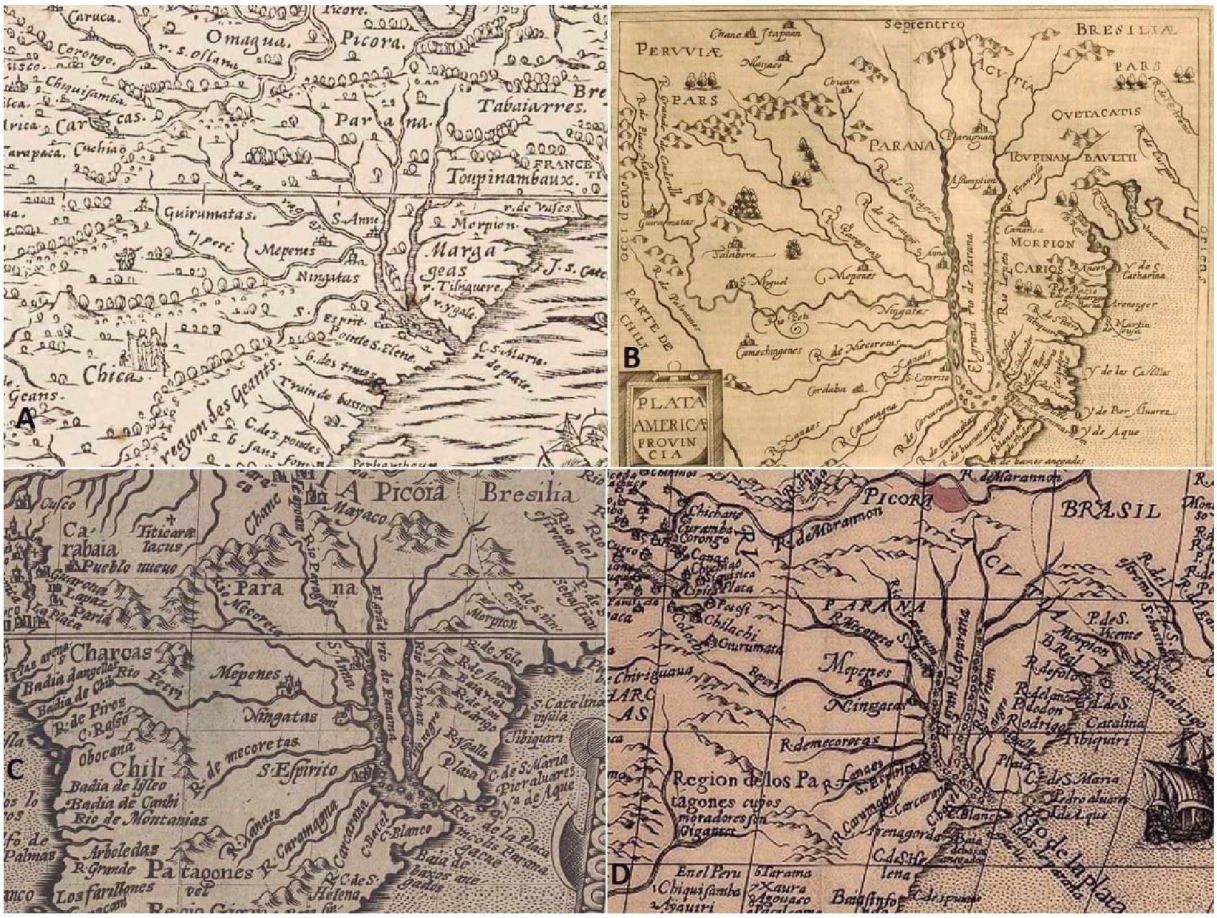


Figura 34 - Detalhes dos mapas de Andre Thevet, 1575 (A); Corneille Wytfliet, 1597 (B); Johann Bussemacher, 1598 (C); e Hernando de Solis, 1598 (D). Acervo da Biblioteca de Cartografia Histórica da Universidade de São Paulo (A e C) e John Carter Brown Library (B e D)

[380] Uma edição alemã de 1598 da obra do padre José de Acosta, *Historia Natural e Moral das Índias*, já analisada, é ilustrada com um mapa atribuído a Johannes Matalius Metellus que apresenta esse mesmo modelo da bacia platina. O mapa pode ser acessado no site da JCB Online, goo.gl/ttmDqD. Acesso em 01/03/2018.

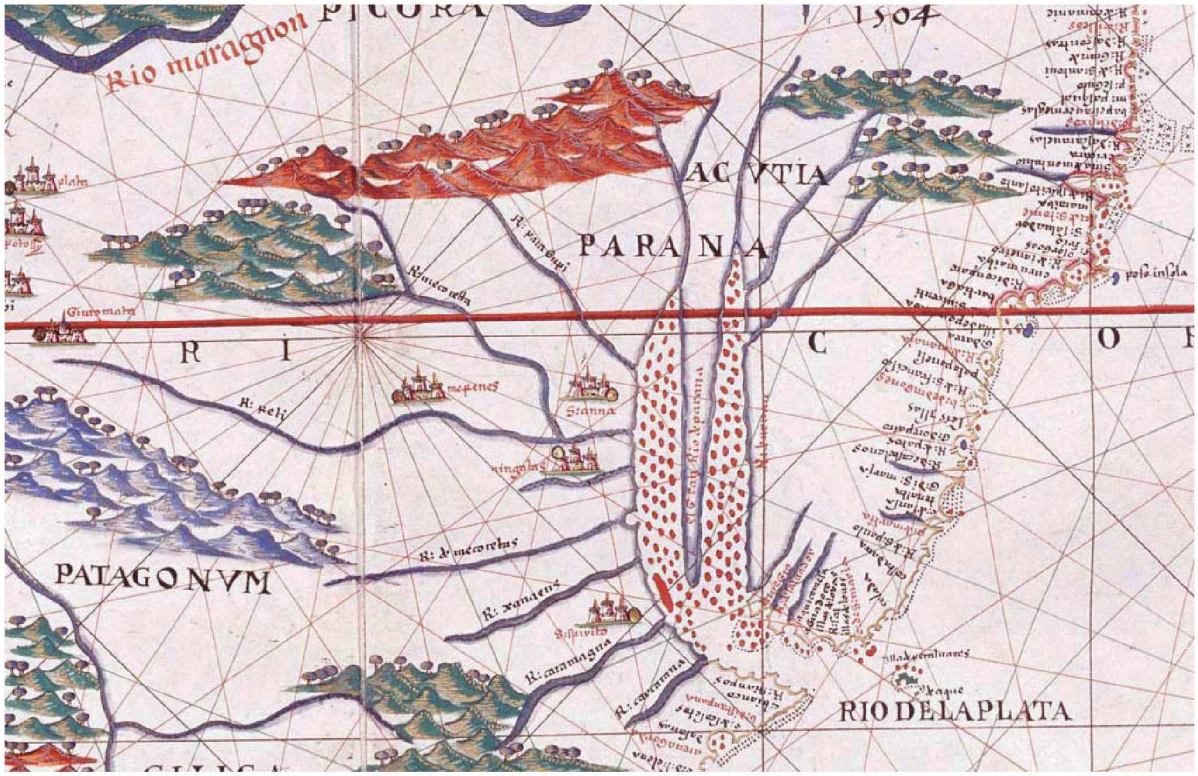


Figura 35 - Detalhe do mapa de Joan Martinez, de 1587. Biblioteca Nacional de Madri.

O modo de representar as montanhas também variou durante o período. Uma das formas mais genéricas encontradas nos mapas consultados é o ícone chamado de *dientes de sierra, panes de azúcar* ou *toperas*. Trata-se de "dijubar los montes en los mapas como perfiles abatidos, muchas veces sombreados en la base, ya fuera de forma aislada o produciendo una serie de elementos concatenados". [381] O uso desse ícone não informa as características particulares da zona montanhosa – mesmo porque muitas vezes a paisagem real daquele espaço não tinha sido avistada pelo cartógrafo. Dessa forma, as *toperas* "contradicen la precision de una cartografía que se quiere matemática. Resulta evidente que se opera un desplazamiento de escala, de modo que los montes aparecen desproporcionados respecto de la realidad métrica".[382]

O mapa *La Descrittione di tutto il Peru*, publicado em Veneza em 1564, mostra todo o território percorrido pelas cadeias de *toperas.* Seu autor, Paolo di Forlani foi um dos primeiros

[381] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.49.

[382] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.53.

a adotar essa modalidade de representação na cartografia impressa (Figura 36 B).[383] O mapa de Forlani pode ser inserido numa série à parte de mapas relacionados, onde figuram outros italianos. Sabe-se do envolvimento de navegantes italianos desde as primeiras explorações no Novo Mundo e da consequente rapidez com que as notícias das novas descobertas e informações geográficas chegavam à Itália.[384] Os mapas selecionados têm uma representação bastante particular da bacia platina: um gigantesco estuário no qual deságuam dois grandes rios que têm origens nas ditas montanhas. O primeiro a apresentar esse modelo foi o cartografo genovês Battista Agnese, em seu planisfério manuscrito de c.1540. Pouco se sabe sobre o cartógrafo. Devido à sua prolifica produção – restam preservados setenta atlas do autor – alguns estudiosos se referem a uma oficina de Batista Agnese, incluindo possíveis aprendizes na manufatura dos mapas.[385] O mapa, com traços simples, mostra uma longa cadeia de montanhas acompanhando todo o curso do rio da Prata, desde o nascimento até o estuário (Figura 36 A). Na mesma década, Giacomo Gastaldi, um dos mais conhecidos cartógrafos venezianos do século XVI, publicou um mapa mundo chamado "Vniversale" (1546). No planisfério, que serviu de modelo para muitos outros mapas da metade final do século, vemos o mesmo desenho do estuário platino, além de uma série de cadeias de montanhas que atravessam o continente de norte a sul e preenchem todo o espaço da região platina (Figura 36 F).

O mesmo modelo reaparece em outro mapa de Forlani, de 1574, visivelmente baseado no mapa de Gastaldi (Figura 36 D). Na legenda do mapa, o cartógrafo que recebeu o desenho que deu origem ao mapa das mãos de um cavalheiro de "nobilissime qualità", Don Diego Hermano de Toledo. Segundo Woodward, Forlani deixou registrado também que recebeu um desenho do próprio Gastaldi em Veneza, hipótese mais provável.[386] Nesse planisfério, somem as representações de montanhas da região. A costa que vai desde o cabo de Santa Maria,

---

[383] David Woodward analisa pormenorizadamente esse e outros elementos gráficos nos mapas de Forlani em WOODWARD, David. Paolo Forlani: Compiler, Engraver, Printer, or Publisher? **Imago Mundi,** vol. 44, pp.45-64, 1992.

[384] ALEGRIA, Maria Fernanda; GARCIA, João Carlos; RELÃNO, Francesc. Cartografia e Viagens. In: BETHENCOURT, F; CHAUDHURI, K.(dir). **História da Expansão Portuguesa**. Vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p.39.

[385] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op.cit.*, p.163.

[386] WOODWARD, David. The italian map trade, 1480-1650. in.: **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007, p.786; e WOODWARD, David. Paolo Forlani: Compiler, Engraver, Printer, or Publisher?, *op.cit.*, p.57.

Figura 36 - Detalhe dos planisférios de (A) Battista Agnese, c.1540; (B) Paolo di Forlani, 1564; (C) Giovanni Francesco Camocio, 1569; (D) Paolo di Forlani, 1574; (E) Gerard de Jode, 1578 e; (F) Giacomo Gastaldi, 1546. Acervo da John Carter Brown Library (A, B, C, D e F) e coleção particular (E).

margem norte do estuário platino, até a altura do trópico de Capricórnio corre perpendicular ao trópico. Ao representar com algum exagero as entradas de mar de São Vicente e da Ilha de Santa Catarina, o cartógrafo acabou por tornar toda região que hoje forma os estados do sul brasileiro e o Uruguai em uma extensa península, representação já sugerida em 1569 no mapa *Cosmographia vniversalis et exactissima ivxta postremam neotericorvm traditionem*, do também italiano Giovanni Francesco Camocio (Figura 36 C). Ainda na década de 1570 o modelo atravessou as fronteiras italianas e aparece no mapa do continente americano *Americae Peruvi (Pervvi) Aque Ita ut Postremum Detecta Traditur Recens Delineatio*, publicado no atlas *Speculum Orbis Terrarum* de Gerard de Jode de 1578, na Antuérpia (Figura 36 E).

Nas primeiras décadas do século XVII, a ideia de uma bacia platina composta de muitos e extensos afluentes pode ser vista também na cartografia manuscrita portuguesa, principalmente nos mapas da família Teixeira. Os longos cursos fluviais que desaguam no rio Paraná e Paraguai procedem do outro lado do continente, dos contrafortes andinos. É apenas nesse momento que a cartografia portuguesa alonga os rios platinos até o interior do continente. Nesse sentido é bastante contundente o planisfério *Theatrum Mundi* que compõe o atlas-cosmografia de João Batista Lavanha e Luís Teixeira. O atlas foi iniciado nos últimos anos do século XVI, mas só ficou pronto em 1612.[387] Ricamente iluminado e com detalhes dourados, o mapa mostra uma América do Sul repleta de ilhas – incluindo a ilha Brasil. O que quero destacar aqui, entretanto, é a extensão leste-oeste dos rios da bacia platina, que atravessam quase toda largura continental antes de desaguar no rio da Prata (Figura 37).

Luis Teixeira já havia esboçado essa formação em um mapa de 1590, supracitado (ver figura 29 D). A curvatura do final do estuário e tripartição do rio em grandes afluentes – bem como os cursos fluviais vindo de grandes distâncias a oeste – foi uma novidade na cartografia portuguesa, remetendo mais aos mapas de Diogo Ribeiro, já discutidos.

A carta de João Lavanha e Luis Teixeira mostra ainda outro detalhe importante, sobre as origens dos rios. No mapa aparecem os signos de montanhas no início dos cursos fluviais – incluindo a montanha de *Potossi*, que se destaca pelo tamanho e forma – mas também figuram lagos, incluindo um de grandes proporções, o Dorado, no centro da América portuguesa, de onde saem os rios Paraguai, o São Francisco e o Maranhão. Como se sabe, existiam dúvidas sobre o local de nascimento dos rios. Se a tradição clássica apontava as montanhas, a

---

[387] PMC, *op.cit.* Vol.4, p.75.

Figura 37 - Detalhe do planisfério Theatrum Mundi, João Batista Lavanha e Luís Teixeira, 1612. Biblioteca Real de Turim.

cartografia moderna também trouxe os lagos como origem. Não se tratam, entretanto, de fenômenos excludentes. Como em muitos outros aspectos da história da cartografia do início do período moderno, tratam-se de duas tópicas que caminham juntas na documentação.

Os mapas de João Teixeira Albernaz seguem o estilo do pai, Luis Teixeira. É provável que os dois tenham trabalhado juntos em muitas das cartas conhecidas.[388] As cartas de 1626 (do *Livro que dá rezão do Estado do Brasil*), (Figura 38); de 1627 (do *Atlas do Brasil com Dezanove Cartas*) (Figura 39) e de c.1620-1640, *Carta Náutica* (Figura 40) confirmam o estilo e a forma de representar a bacia platina, ricamente irrigada. Se os rios principais tem suas margens diminuídas em relação às representações do século XVI, a quantidade e tamanho dos afluentes fazem com que a bacia platina se espalhe por mais da metade da América do Sul.

[388] PMC, *op.cit.* Vol.4, p.75-85.

Figura 38 - Detalhe do mapa de João Teixeira Albernaz I, c.1626. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

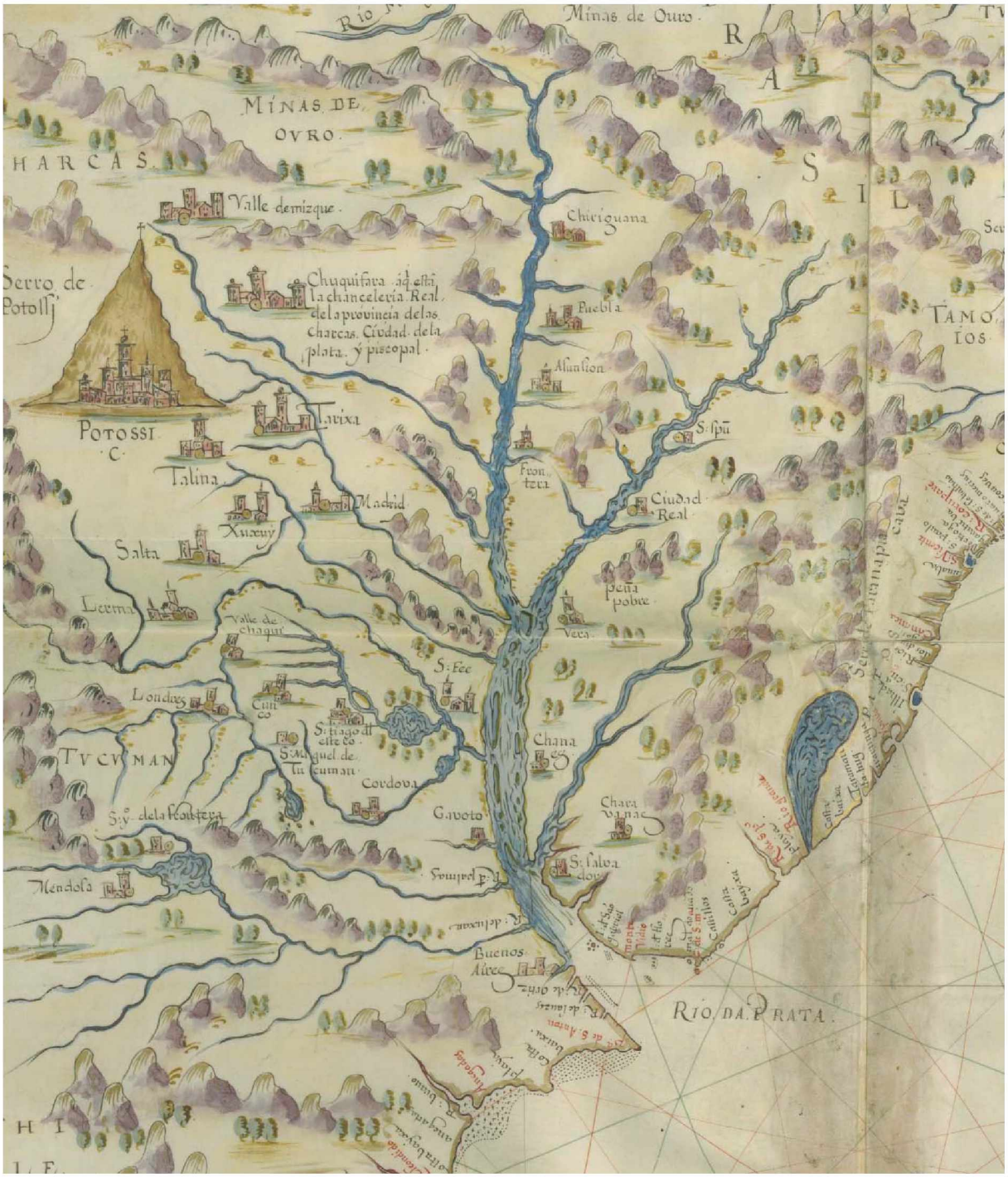


Figura 39 - Detalhe do mapa de João Teixeira Albernaz I, de 1627. Bibliothèque Nationale de Paris.

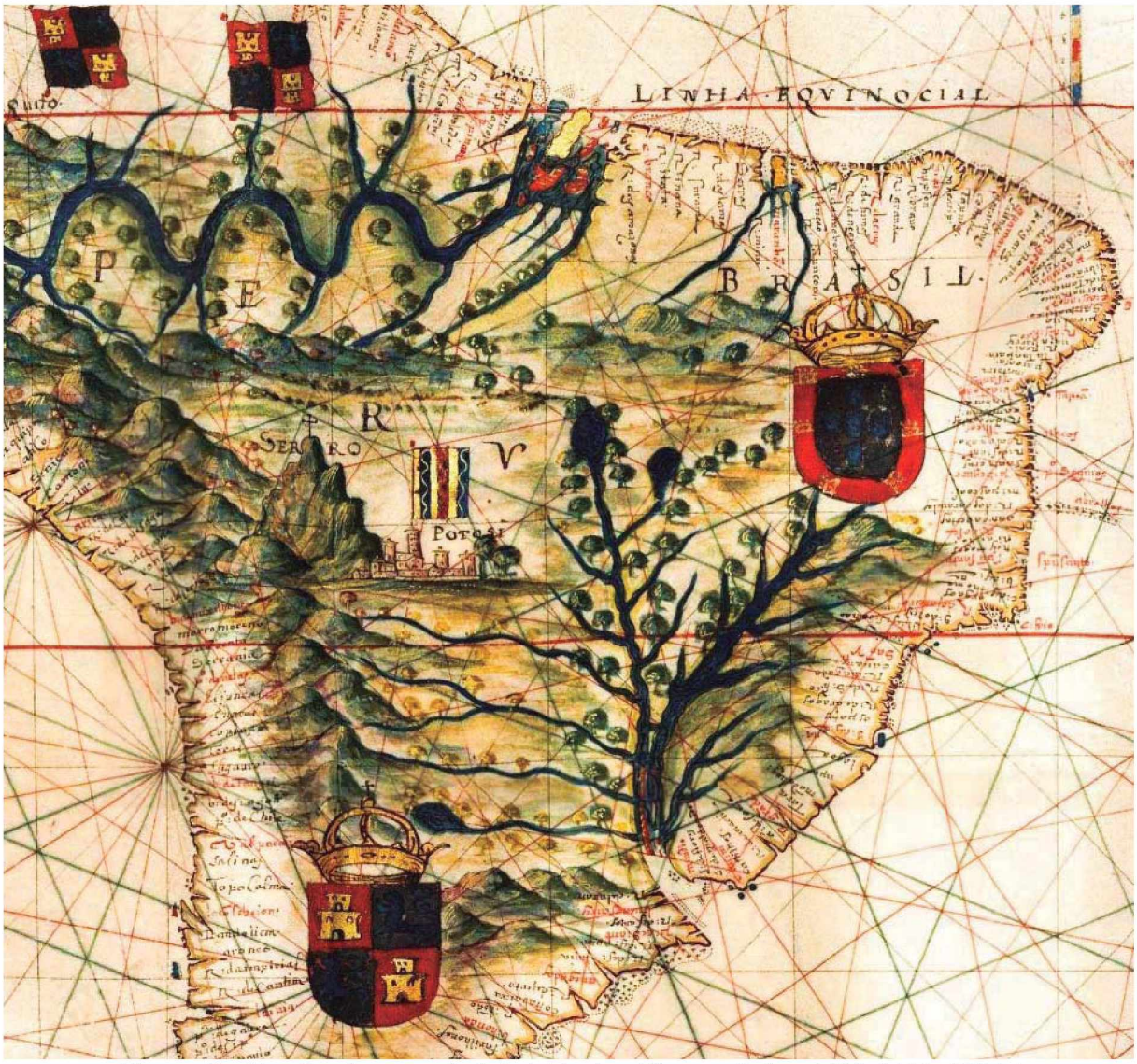


Figura 40 - Detalhe do mapa de João Teixeira Albernaz I, de c.1620-1640. ANTT

2.2.5 – "Paraguay, ó Prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus" - permanências e novidades na cartografia platina [c.1620]

O primeiro mapa impresso a representar a bacia platina numa escala maior, regional, é o *Paraguay, ó Prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus* (Figura 41). A atribuição de sua autoria e data de publicação é bastante complexa. Dito mapa tem a peculiaridade de ter vindo a público no mesmo ano em dois atlas de editores diferentes em Amsterdã, Johanes Janssonius e Willem Jansz Blaeu. O mapa foi desenhado originalmente por Jodocus Hondius II, cunhado de Janssonius. Porém, antes de falecer, o cartógrafo vendeu as pranchas de vários dos seus mapas a Blaeu. Depois do ocorrido, o cunhado de Hondius, Janssonius, encomendou

novas pranchas dos antigos mapas aos gravadores, de forma que os dois editores passaram a imprimir a carta.[389] Antes disso, entretanto, 1625 parece ter sido a data de primeira publicação do mapa, na obra de Joannes Laet, *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien* (Novo mundo ou descrição das Índias Ocidentais).[390]

A diminuição do tamanho proporcional dos rios em relação ao território total do continente aumenta as terras e os vazios no interior da região. Um rio principal sem nome é traçado desde o *Lago de los Xarayes,* no coração do continente, até desaguar no mar com o nome de Rio da Prata. Esse é o mapa, aliás, que representa, pela primeira vez a mítica lagoa. A costa norte da América do Sul não está representada na carta. Entretanto, observando os outros cursos fluviais que partem de Xarayes, para nordeste e noroeste, é possível afirmar que o cartógrafo também imaginasse o território da América portuguesa como uma ilha.

Guillermo Furlong, grande estudioso dos jesuítas, escreveu em 1933 que a primeira descrição geográfica de forma científica daquelas regiões foi a do padre Juan Romero, nas *Litterae Annuae* de 1596, publicadas em 1605. Segundo o autor, a descrição era acompanhada de um mapa, que não chegou até nós. As informações foram ampliadas com as cartas ânuas do padre Diego de Torres, publicadas em 1609. Furlong atribui ao próprio padre Torres a autoria do mapa *Paraguay o Provincia de Plata*, que ele pensava ter sido publicado primeiramente por Laet, mas em 1633.[391] Maria de Fátima Costa, além de confirmar a autoria de Hondius, observa que no ano seguinte à publicação do mapa, Blaeu fez uma nova edição de seu atlas – o que demonstra o sucesso do editor. O mapa da província do Paraguai aparece mais uma vez, acompanhado de uma descrição, quase idêntica àquela feita por Antonio de Herrera décadas antes, quando nomeou o lago de Xarayes pela primeira vez.[392] Langer, a partir do cotejamento de várias edições do mapa, afirma que a autoria da carta está ligada ao nome de Joannes de Laet, primeiro cartógrafo a publicá-lo. O mapa é acompanhado, na obra de Laet, por uma prolixa descrição da região platina. Segundo o autor, Laet utilizou alguns

---

[389] COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente,** *op.cit.*, p.142. Mais recentemente, o mesmo mapa foi analisado por Protasio Paulo Langer, no artigo: Representações e apropriações dos topônimos/etnônimos indígenas numa carta do século XVII. **História Unisinos**. São Leopoldo, vol.1, n.49, pp.43-58, Janeiro/Abril 2015.

[390] LANGER, Protasio Paulo. Representações e apropriações dos topônimos/etnônimos indígenas, *op.cit.*, p.47.

[391] FURLONG, Guillermo. **Los jesuítas y la cultura rioplatense**. Buenos Aires: Ediciones Universid del Salvador, 1984 (1ª edição 1933), p.25.

[392] COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente,** *op.cit.*, pp.142-145.

cantos do poema épico de Barco Centenera, *Argentina,* para a descrição dos acidentes geográficos do trecho entre a boca do estuário até Assunção. Já para assinalar os grupos indígenas da região, a fonte de Laet teria sido um texto inglês, publicado na coletânea de relatos de viagem de Richard Hakluyt em 1600.[393] Para a região ao norte de Assunção, os topônimos indígenas parecem ter sido tirados da obra de Antônio de Herrera y Tordesilhas, que por sua vez se baseou nos relatos de Cabeza de Vaca para descrever a região, e Ulrich Schmidl. .

Figura 41 - Detalhe do mapa Paraguay, ó Prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus, de 1630. A cópia utilizada nessa pesquisa foi publicada no mesmo ano no atlas Atlantis Maioris Appendix Sive Pars Altera, de Johanes Janssonius. John Carter Brown Library de Provence.

[393] Trata-se do texto: "A ruttier declareth the situacion of the coast of Brasil from the yle of Santa Catelina unto the mouth of the river of Plate, and all along up within the sai driver, and what armes & mouths it hath to enter it, as farre as it is navigable with small barkes". Citado por LANGER, Protasio Paulo. Representações e apropriações dos topônimos/etnônimos indígenas, *op.cit.*, p.48.

Estamos diante de um mapa que corrobora a afirmação de que o avanço da cartografia no período moderno não tem uma correlação direta com a acuidade geográfica e que seu desenvolvimento não é linear.[394] O mapa da Província do Paraguai guarda em seus traços algumas novidades, como o traçado mais realista dos rios platinos e uma descrição ímpar dos grupos indígenas do espaço rio-platense. Ao mesmo tempo, fundido no amálgama característico dos dois primeiros séculos de ocupação da América, mostra dois dos principais mitos cartográficos do período, o *lago de los Xarayes* e a *ilha Brasil.*

Além disso, restam ainda dois elementos importantes do mapa que podem ser analisados num recorte diacrônico: as ilhas e as toponímias.

2.2.5.1 – Ilhas

Das mais diversas formas, tamanhos e configurações, as ilhas foram peça chave na representação do rio da Prata no século XVI. Desde as primeiras expedições de reconhecimento os europeus utilizaram as ilhas como porto seguro, protegidos das margens desconhecidas dos rios da região. Emblemático é o conhecido episódio do infeliz destino de Juan Dias de Sólis, primeiro navegador a entrar em águas platinas. O capitão desembarcou e tomou posse de uma ilha, trinta léguas adentro da boca do rio da Prata, batizada por ele de Martin Garcia. Dias depois, na exploração das terras ao redor da ilha, foi morto por índios nas margens em frente a ela.

No início do período moderno, vieram à luz muitos *islários*, gênero característico do Renascimento. O isolário é um atlas composto por mapas de ilhas, com indicações sobre distâncias, rumos e portos disponíveis. Um exemplo é o *Islario de todas las islas del mundo*, do cartógrafo espanhol Alonso de Santa Cruz, bastante utilizado até aqui. A carta de Luiz Ramirez, tripulante da armada de Sólis, já citada, tem mais uma vez papel pioneiro na descrição das ilhas nos rios do estuário. Em seu relato podemos ler que aquele rio tem "islas tantas que no se pueden contar". Antes de iniciar a exploração rio acima, a expedição foi informada que o rio Paraná entrava no rio de Sólis "con veinte y dos bocas", conforme já citado.

---

[394] Bárbara Mundy propõe um exercício de leitura de dois mapas de Tenochtitlan do século XVI, um espanhol, de Hernan Cortez, aos moldes geométricos de uma realidade já mensurada; e outro azteca, anônimo, que a autora considerada *humanístico*. A conclusão é direta: a precisão, ou acurácia que cada mapa, está no olho – e na mente – do observador. MUNDY, Barbara E. **The mapping of the New Spain. Indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geograficas**. Chicago and London: University of Chicago Press, 1996, p.XIX.

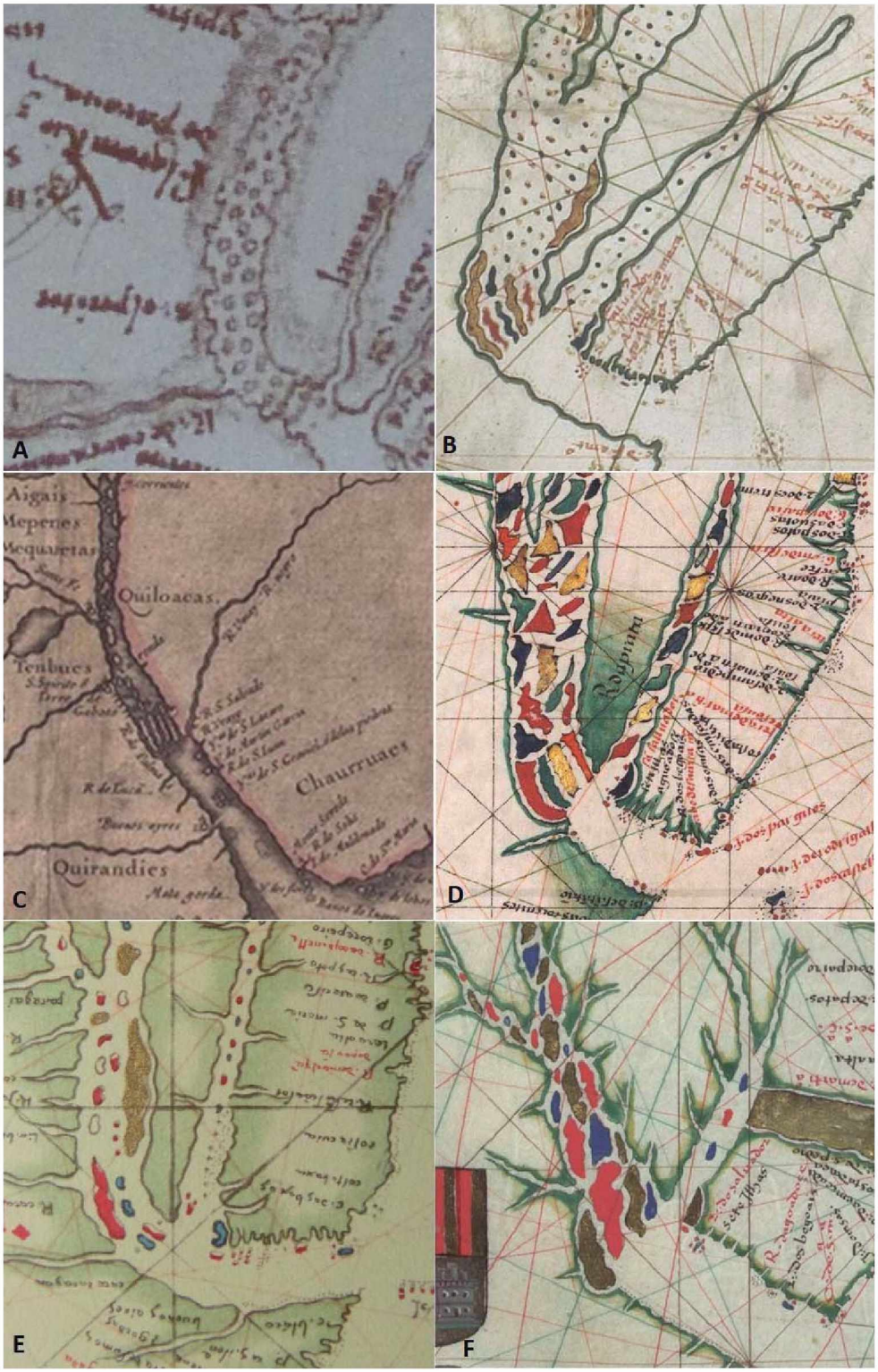


Figura 42 - Detalhes do desenho das ilhas nos mapas de (A) Diego Ribeiro (1525); (B) Gaspar Viegas (1534); (C) Johanes Janssonius (1630); (D) João Lisboa (1560); (E) Diogo Homem (1568); e (F) Fernão Vaz Dorado (1567). Acervos do Archivio Marchesi Castiglioni de Marchesi Castiglioni de Mântua (A); Bibliothèque Nationale de Paris (B); John Carter Brown Library de Provence (C); ANTT de Lisboa (D); Sächsische Landesbibliothek de Dresden (E); Biblioteca Nacional de Lisboa (F).

O planisfério de Diogo Ribeiro de 1529, já mencionado, é um dos primeiros mapas a mostrar muitas marcações em meio às margens dos rios platinos. Vale lembrar que nem todos os signos representados dentro das linhas que delimitam os cursos fluviais são ilhas. Mauricio Olarte e Alison Sandman chamam atenção para o fato de que a mesma convenção era usada para ilhas e para bancos de areia, muito mais perigosos para navegação e, portanto, de muita importância nas cartas náuticas. Segundo Sandman, o cosmógrafo Alonso Chaves, quando trata da construção de cartas náuticas escreve que "it was customary to mark sandbanks with many small, thick points, and underwater dangers with crosses".[395]

De qualquer forma, do pontilhado preenchendo o espaço do rio no mapa de Ribeiro (Figura 42 A) passamos às longas ilhas paralelas presentes na embocadura do Paraná no estuário, representadas pela primeira vez por Gaspar Viegas (Figura 42 B). Forma que atravessa um século para ser visto no mapa da Província do Paraguai (Figura 42 C). Entre elas, as ilhas se multiplicam, chegando até aos belíssimos traçados dos cartógrafos João Lisboa, 1560, Diogo Homem, 1568 e Vaz Dourado, que em atlas de 1567 desenha um rio Paraguai enorme e completamente tomado por ilhas igualmente desproporcionais (Figura 42 D, E e F).

2.2.5.2 – A toponímia

Um elemento importantíssimo de qualquer estudo de cartografia histórica é a toponímia. Um dos primeiros elementos nos processos de assimilação, apropriação e compreensão de territórios e realidades diferentes é a nomeação. Mauricio Olarte nos lembra que, no mundo cristão, o ato de nomear remete ao batismo, como forma de integração. Como Adão no paraíso, "los conquistadores cristianos asumieron el derecho, otorgado por Dios y por la Corona, de nombrar o renombrar lugares, animales, plantas e incluso a los habitantes nativos de las índias Occidentales".[396] Nomear é dotar de sentido, e no caso da cartografia de regiões pouco ou nada exploradas, essa premissa é profundamente verdadeira. A escolha dos nomes advém de uma multiplicidade de experiências europeias em terras americanas, proporcionadas pelos mais variados modos de encontros, de notícias, de relatos e de informantes. Além do caráter epistemológico do ato de nomear, a toponímia presente nos

---

[395] SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance, *op.cit.*, p,1100; OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.63.

[396] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.193.

mapas do início do período moderno, marcados por constantes atualizações a partir das novas explorações e novos descobrimentos, é de grande ajuda para identificar autores e datas das cartas, muitas vezes não nomeadas nem datadas e separadas de documentos que porventura a acompanhavam originalmente.

Infelizmente, grande parte dos mapas utilizados nessa pesquisa, notadamente os mapas manuscritos portugueses organizados e publicados na *PCM*, não tem uma resolução que permita a análise detalhada da toponímia platina. A produção cartográfica portuguesa está espalhada em arquivos e bibliotecas de toda Europa e somente em poucos casos está disponível em alta resolução e acesso online. De qualquer forma, com base nos mapas em que é possível ler os topônimos, algumas considerações podem ser feitas. Deixo de lado a toponímia da costa – a mais utilizada para datar os mapas e para reivindicar o pioneirismo nos descobrimentos, prática bastante usual em parte da historiografia da cartografia – por sua numerosa presença, repetição e estudo. Como sabemos, as regiões ocupadas, mais frequentadas e exploradas, eram as que apresentavam levantamentos geográficos e informações mais rigorosas. No caso da região estudada – e por toda América – estavam no litoral todos os primeiros povoamentos e, portanto, as informações mais detalhadas. Basta analisar os mapas das duas primeiras décadas do século XVI aqui apresentados sob essa ótica, para perceber o nível de detalhamento tanto geográfico quanto toponímico da costa brasileira.

A primeira toponímia a ser analisada é a fluvial, já que os rios são peça chave do processo de exploração e ocupação da região. Desde as primeiras narrativas de exploração da bacia platina o emaranhado de rios, ilhas e canais criou uma grande confusão de nomes. O problema só aumentou quando as narrativas passaram a ser incorporadas na cartografia, em geral de pequena escala. Somam-se ao dado empírico da profusão de rios em um ambiente de estuário e ao desconhecimento da região, as limitações técnicas da cartografia do período nas medições de longitude e a tarefa complexa – e instigante – dos cartógrafos que nunca haviam pisado na América e representavam no papel cursos fluviais desconhecidos. O resultado é uma grande variedade de nomes e posicionamento dos rios em toda cartografia analisada. Vale lembrar que ainda hoje o estuário platino não tem uma geografia clara para muitas pessoas. Atualmente, o que chamamos de Rio da Prata é apenas a parte final do estuário, composta pela confluência dos rios Uruguai e Paraná. O rio Uruguai provém das fronteiras entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Já o rio Paraná, formado pela junção dos rios Paranaíba e Grande, recebe vários outros afluentes na região analisada, como Tietê, Paranapanema, Tibagi, Ivaí, Iguaçu e o Paraguai, vindo do Pantanal mato-grossense. Isso para

nomear apenas os grandes rios da bacia, deixando de lado a infinidade de rios pequenos que mesmo silenciados nos mapas, são sempre obstáculos ou caminhos bastante visíveis aos exploradores.

O rio da Prata, topônimo que dá nome a toda região, tem algumas variações. O nome de seu primeiro explorador, o espanhol Diaz de Sólis, foi usado para nomear o rio nas primeiras menções a ele. Ramirez, como já visto, escreve que "entrando por el Río de Solís iríamos a dar en un río que llaman Paraná". O nome "Rio de Solís", bastante utilizado nas primeiras narrativas escritas, aparece pouco na cartografia analisada. Apenas na carta publicada na edição de 1556 da obra *Delle Navigationi et Viaggi* de Ramusio lemos o topônimo "Solis F.", ainda assim acompanhado de "Rio de la Plata". Nos mapas de Diego Ribeiro, o navegador dá nome não ao rio, mas à região, a Terra de Sólis. Como já mencionado, o topônimo *Jordan* aparece também nomeando o rio, em um mapa também de Ramusio de 1534 (ver figura 32). Roberto Revillier, tratando das toponímias do mapa de Maiollo – e buscando com elas definir a data de elaboração – escreve que Magalhães acrescentou o topônimo São Cristóvão ao rio, juntando-o a Jordán, resultante da viagem Gonçalo Coelho-Vespúcio.[397]

Se o estuário é, na maioria das vezes, marcado com o topônimo *rio da Prata*, a continuação do rio, território adentro recebe o nome de *Paraná* ou, como em muitos mapas desde Alonso de Santa Cruz até os mapas impressos do final do século, *el gran rio Paraná*. Essa mudança acompanha grande parte dos topônimos da primeira cartografia do Novo Mundo. Enquanto o litoral esteve repleto de nomes europeus, marcando os cabos, baías, bocas de rios, e demais acidentes geográficos importantes para a navegação, o interior guardou uma toponímia indígena. No caso da região platina esse dinâmica é bastante instigante, como veremos. *Rio da Prata* é o nome que mostra a presença espanhola na região, é o nome que por si mostra a ambição e o desejo do sentido daquele território. O rio foi, nas primeiras explorações, o caminho para as serras de prata e isso foi marcado em seu nome. Território adentro a realidade se mostrou muito mais difícil. As riquezas eram mais escassas do que se imaginava e os grupos indígenas, inversamente, mais numerosos. O topônimo "da Prata" e a ideia que o acompanha nunca conseguiu subir o rio com os aventureiros espanhóis. Se no estuário, no território conhecido do litoral, a prata estava quase ao alcance das mãos, rio acima o "Paraná" indígena foi sempre muito mais forte, nomeando não só o rio, como

---

[397] LEVILLIER, Roberto. O planisfério de Maiollo de 1504, *op.cit.*, p.437.

também a região. A partir do mapa de Ortelius, de 1570, muitos mapas trazem o topônimo "Paraná".

Grande parte dos mapas portugueses analisados, ao contrário, trazem o topônimo rio da Prata no interior do território, acompanhando o curso do rio. Na falta de informações mais detalhadas, os cartógrafos portugueses podem ter usado o nome da própria região para nomear o rio. Esse, aliás, é outro fator de complexidade nessa análise. O nome não era dado apenas aos rios, mas à região. Isso tanto de maneira geral – o Rio da Prata se torna posteriormente a Província do Rio da Prata –, como mais especificamente.

Em carta de 10 de maio de 1570, Juan Ortiz de Zarate pede ao Conselho que sejam especificados, em seu título de governador, as províncias e povoados que estão sob sua jurisdição. O autor se considera governador das Províncias do Rio da Prata e dos "rios llamados el Paraguay y Paraná y rio Bermejo y sus comarcas".[398] Os rios, mais do que apenas cursos d'água, formam parte da unidade administrativa imperial. Portanto, de alguma forma, os topônimos dos rios indicam por vezes também o nome da região. O impossível é definir em que sentido o cosmógrafo inseriu os topônimos em determinados mapas.

O recorte geográfico proposto por essa pesquisa se insere num triângulo imaginário, traçado entre as vilas de São Vicente, Assunção e Buenos Aires, principais vilas do período. As duas primeiras foram pioneiras no processo de ocupação europeia da região. São Vicente, a primeira povoação portuguesa na costa brasileira, fundada em 1532 por Martin Afonso de Souza e Assunção, a primeira *ciudad* espanhola na região platina, fundada em 1537, bastante interiorizada, de onde partiram muitas outras expedições conquistadoras, que lhe renderam o título de *madre de las ciudades*[399]. Buenos Aires também parte faz parte das primeiras fundações, se bem que abandonada e só refundada no último quartel do século XVI – às margens sul do estuário platino. Sem a intenção de ser rigorosamente uma figura geométrica fechada por uma linha contínua, o triângulo é flexível e abarca grande parte da bacia platina.

Entretanto, pese a importância das vilas para o processo de exploração são poucos os mapas que apresentam as três vilas simultaneamente. Isso é bastante óbvio, se pensarmos que se tratam de vilas de impérios diferentes num momento em que se tentavam manter informações em segredo e, principalmente, em uma região de litígio e incerteza territorial.

---

[398] AGI, CHARCAS, 40, 10 de maio de 1570.

[399] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.115.

Porém, a questão fica um pouco mais complexa quando olhamos para o conjunto de mapas de cada império. Do lado português, São Vicente estava no litoral e, portanto, era topônimo certo em quase todas as cartas. Nem sempre, porém, estava acompanhado do signo de vila, sendo marcado apenas como um acidente geográfico, a baía de São Vicente. Os mapas portugueses guardam um enorme silêncio sobre o interior do continente. Praticamente toda produção lusa do século XVI apresenta raros – ou nenhum – topônimo no interior. Uma exceção é o mapa de Sebastião Velho de 1561, em que muitos topônimos são inseridos às margens do rio Paraná. Infelizmente, a qualidade da imagem disponível não permite identificar os nomes.

Talvez o caso mais curioso seja o espanhol. Na cartografia analisada, o topônimo de Assunção aparece pela primeira vez no mapa de Sancho Gutiérrez, de 1551 (ver figura 24). O mapa de 1544 de Caboto apresenta uma rica toponímia interior, bastante prejudicada pela qualidade da imagem. Dentre os nomes legíveis, entretanto, Assunção não parece figurar. Depois disso, o nome só volta a aparecer na edição de 1584 *Teatrum Orbis Terrarum,* de Abraham Ortelius, nas cartas da América de Diego Gutierrez e Jerônimo Chaves. A primeira edição de Ortelius, de 1570, omite a vila. Importantes atlas manuscritos, como os de Joan Martinez de 1583 e o *Islario* de Alonso de Santa Cruz de 1560 também não apresentam Assunção. Difícil pensar em hipóteses para esse fato.

É possível pensar, mesmo sendo pouco provável, em um desdobramento da política de sigilo, que na prática tornou Assunção uma cidade praticamente inexistente na cartografia. Entretanto, as travessias realizadas em meados do século XVI, bem como o grande volume de documentação paulista que remete aos espanhóis e sua vila no Rio Paraguai não permitem sustentar essa hipótese. Outra questão que a documentação permite pensar, também de difícil comprovação, é alguma confusão entre Assunção e o porto de Santa Ana, ou Santana. Localizada às margens do rio Paraná, a algumas léguas acima da confluência desse com o Paraguai, portanto léguas ao sul de Assunção, o local foi um dos últimos portos que a expedição de Gaboto atingiu Paraná acima. Tratava-se, na verdade, de um grande núcleo populacional indígena, liderados por um principal chamado Yaguaron. Ramirez afirma que os expedicionários subiram o rio avistando diversas *caserias* até chegar ao local nomeado por Caboto de *Santa Ana.*[400] Na escala da maioria dos mapas europeus do período, Santa Ana e Assunção ficariam praticamente sobrepostas. Entretanto, penso não ser possível responder satisfatoriamente a essa questão.

---

[400] **Carta de Luis Raminez a su padre desde el Brasil (1528),** *op.cit.*,pp. 54 e 55.

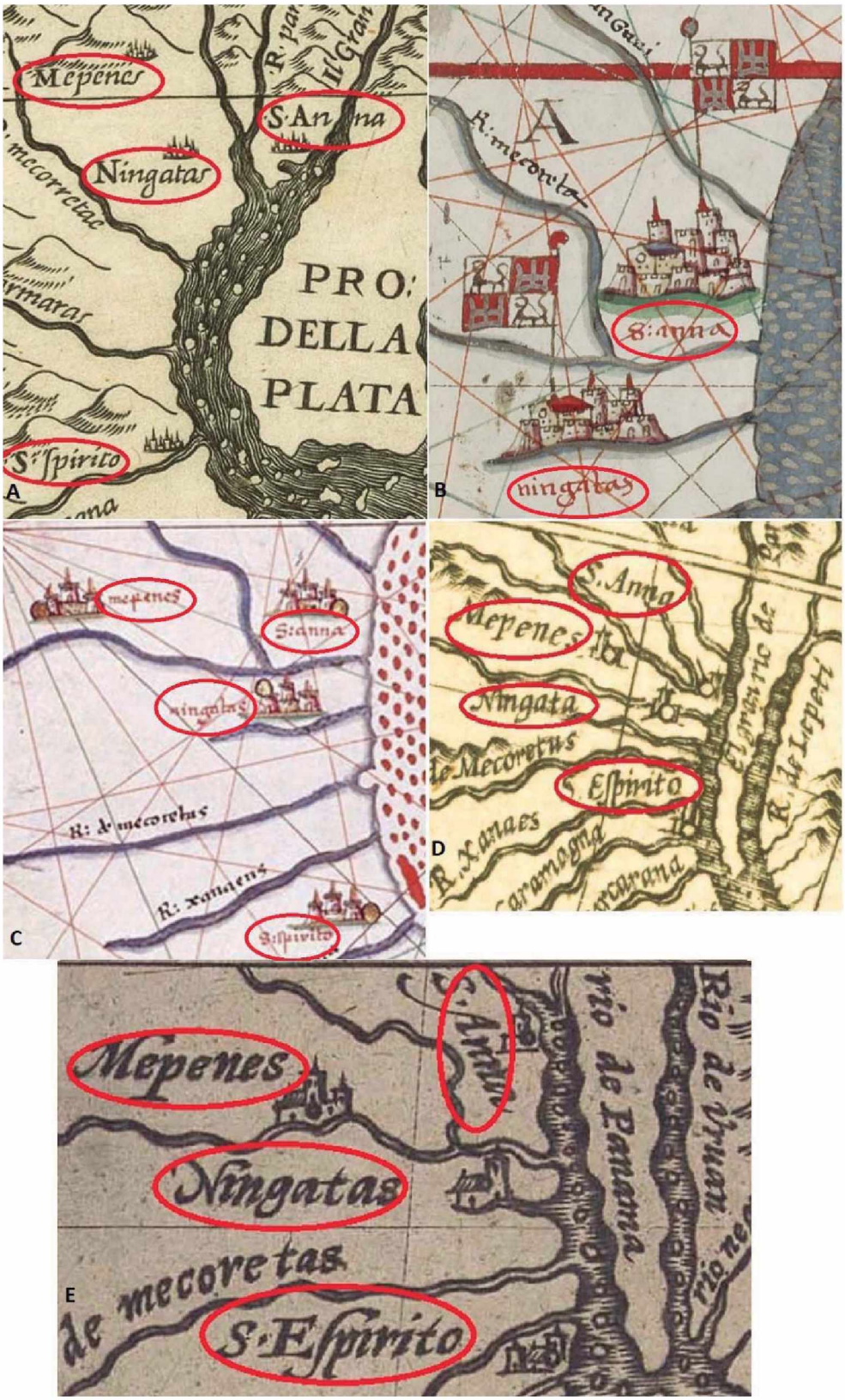


Figura 43 - Detalhes da representação das vilas e das toponímias nos mapas de (A) Paolo Forlani (1564); (B e C) Joan Martinez (1583 e 1587); (D) Gerard Mercator (1596); e (E) Johann Bussemacher (1598). Acervos da JBC Library de Provence (A, D e E); BNE (B) e BNF (C).

Santa Ana, no entanto, é presença certa nos mapas espanhóis do século XVI – e na virado do século, nos mapas impressos holandeses. Junto a Santa Ana, outros três povoados aparecem sempre com signos que parecem representar cidades: Mepenes, Ningatas e S. Spiritus. O último topônimo refere-se ao primeiro núcleo, ou fortaleza, fundada por Caboto na exploração do rio. Os dois primeiros referem-se a nações indígenas – ou ao entendimento dos espanhóis sobre o nome daquelas nações. Não resta dúvida, através das narrativas do período, que se tratam de grandes grupos indígenas da região. Os quatro topônimos, normalmente acompanhados do signo de vilas – que varia desde pontos maiores até castelos suntuosos pode ser acompanhado durante todo o período estudado (Figura 43).

A isso é possível somar os topônimos indígenas maiores, que denominam regiões. Esses aparecem nos mapas do fim do XVI e início do XVII século XVII. Paraná, Guaira, Toupiniki, Carios, Morpio, Paraguate, Carijos, Guaranis são alguns exemplos. Percorrendo a série de mapas selecionadas, é possível afirmar que as toponímias de origem indígena que nomeiam o território tendem a aumentar na virada do século. Se é verdade que em geral os topónimos mostram o ato de tomar posse, de se apropriar daquele território, a exploração do território pelos espanhóis não conseguiu *domesticar* o espaço, ao menos não na toponímia cartográfica. Isso de alguma forma contraria, nessa região, o que é observado em outros espaços coloniais. Na região platina, a luta simbólica entre o mundo indígena e o mundo europeu parece ter sido bastante árdua. A relativa marginalidade em relação aos centros do Império bem como a infinidade de grupos indígenas parece ter sido mais forte que o desejo de *colonizar,* de fato, o espaço.

* * *

Uma dos mapas chaves da representação cartográfica da região platina foi o planisfério espanhol de 1535, feita na *Casa de la Contratación* e atribuído a Diogo Ribeiro ou a Alonso de Chaves (ver figura 15). Para preencher um dos vazios do interior do território, o cartógrafo inseriu ao lado do rio Paraná a seguinte legenda:

> de La boca deste Rio desccubrio Juhan de Solis el ano de 1515 eaqui lo mataron los índios. Y despues entro aqui Sebastian Gaboto y estuvo en el mas de dos anos y subieron el Rio arriba obra de 200 léguas es el Rio anche de 5, 6, 7 y 8 leguas y de muchos y diversos pescados dizen los q verieron q ay ali oro poren de ellos no lo truxeron.

É claro o caráter histórico da legenda, mostrando seu descobrimento e conquista. Se essa perspectiva fica evidente com o uso da legenda, creio que é possível atribuir o mesmo sentido para toda cartografia dos rios platinos do período estudado, mesmo aqueles que não apresentam legendas: mapear um rio é contar sua história. Principalmente no caso dos espanhóis que exploraram o interior da região. A presença constante do primeiro forte fundado às margens do rio por Sebastião Caboto, a toponímia indígena já discutida dos locais de assentamentos espanhóis e o traçado dos rios que nos levam às irresistíveis riquezas do interior, sempre próximas e ao mesmo tempo fugidias – *dizem os que viram que há ali ouro, porém dele não trouxeram* – são elementos que corroboram essa interpretação. Quando olhamos para um mapa da região platina do século XVI, mas que apenas ver a sua geografia, mítica, imaginada ou real, estamos diante de sua história. Os mapas são histórias contadas no instante do desenho, a diacronia paradoxalmente congelada na sincronia do papel. Os mapas portugueses, ao contrário, apresentam poucos elementos nesse sentido. Muito mais preocupados com o mapeamento detalhado do litoral na região, nos mapas analisados há pouco espaço para as histórias de conquistas. Isso pode estar ligado ao *realismo pedestre* lusitano apontado por Sérgio Buarque de Holanda.[401]

O pressuposto básico do mapeamento de uma região desconhecida é a exploração. Portanto, os rios que aparecem nos mapas europeus do período, estão ali porque foram explorados, passaram a *existir* para os navegadores. Dessa forma, desde a primeira vez que um deles ele é narrado e traçado no papel, conta a história da exploração europeia na América. Uma história que começa no litoral, na foz dos rios e só muito tempo depois chega às suas nascentes. A ilusão provocada pela representação de rios sem origem nos prega peças. Observando os mapas do período, não é difícil imaginar os rios *entrando* no território, no sentido da exploração, ao invés de *saindo* dele, a partir de suas nascentes até desaguar no Oceano. Mesmo a documentação da época mostra essa ilusão. O item 15 das *Ordenanzas para la formación del libro de las descripciones de Indias*, de 1573, trata da Hidrografia. Nele se dão instruções para que sejam investigadas e descritas "todas las riberas del mar (...) y cada isla, con la longitude y latitude por donde corren los ríos que por ellas entram". Inversão sintomática que revela o processo do mapeamento do litoral ao interior, sempre fragmentário, se equilibrando entre o parco conhecimento *in loco* de um lado, e as tradições e mitos geográficos de outro.

---

[401] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso,** *op.cit.*

Também ficou evidente, no decorrer o capítulo, a importância e poder de organização das instituições ibéricas quinhentistas, recolhendo e sistematizando informações de um Mundo Novo no sentido mais profundo do termo. A grande produção cartográfica ibérica do século XVI, mesmo observando apenas os mapas que resistiram ao tempo e chegaram até nós, é essencial para as análises da compreensão europeia do espaço americano. O problema do sigilo, do que se mostrava e do que se escondia, é bastante complexo de ser analisado. Como visto, são muitos os posicionamentos historiográfico e os indícios a favor e contra essa hipótese. Se é evidente pela documentação a tentativa de manter em segredo as descobertas imperiais – vide a arca de três chaves onde os mapas da *Casa de la Contratación* eram guardados – a intensa circulação de cartógrafos e mapas mostra os limites dessa política. Mesmo na proposta de leitura do conjunto cartográfico do século XVI e XVII aqui apresentada, após as diferenças mais explícitas marcadas nos mapas de Diogo Ribeiro e Gaspar Viegas no início da década de 1530, é difícil e problemático estabelecer qualquer divisão dos mapas. Os cartógrafos iam de uma nação a outra, as motivações e finalidades dos mapas variavam, bem como a habilidade técnica e erudição de cada cartógrafo. A produção manuscrita circulava de alguma maneira, mesmo que de forma sub-reptícia e imperceptível ao nosso olhar anacrônico. Basta lembrar a produção cartográfica de fora da península, desde a primeira metade do século XVI. Por outro lado, os mapas impressos espanhóis circulavam mais. Passaram pela censura do Conselho porque, em geral, traziam informações geográficas mais esquemáticas. Sua difusão influenciou muito mais o conhecimento geográfico contemporâneo do que as cartas manuscritas e foram modelos para cartógrafos de toda Europa.[402] Por tudo isso, tentei organizar a narrativa a partir do desenho dos rios, trazendo-os ao foco da análise e a partir daí desdobrar as questões pertinentes.

Mencionei no início do capítulo que a cartografia do início do período moderno se alimenta de três elementos básicos: os mitos, os relatos, e os resquícios e fragmentos do conhecimento. Creio que é possível incluir, no caso platino, um quarto fator preponderante: a orientação indígena. Como ficou claro, as informações e explorações do território só foram possíveis com o auxílio dos guias indígenas. Não à toa, Jaime Cortesão afirmou que "os primitivos habitantes do Brasil foram verdadeiras bússolas e mapas vivos".[403] Os europeus,

---

[402] MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América,** *op.cit.*, p.122.

[403] CORTESÃO, Jaime. **Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil.** Lisboa: Portugália Editora, s/d, p.33.

sob a direção indígena, percorreram os caminhos e veredas do imenso interior do território americano. Essas expedições trouxeram à luz outro tipo de conhecimento geográfico. Não mais a perspectiva do alto, *a ficção do saber* de Michel de Certeau. Percorrendo o território, os europeus chegaram a um conhecimento geográfico em outra escala, ao *rés do chão*, objeto de análise do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 - "DESCOBRIENDO Y CONQUISTANDO HUN REYNO DE MIL LÉGUAS": CIRCULAÇÃO E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO AO RÉS DO CHÃO

José Arcadio Buendía ignorava por completo a geografia da região. Sabia que para o Oriente estava a serra impenetrável, e do outro lado da serra a antiga cidade de Riohacha, onde em épocas passadas – segundo lhe havia contado o primeiro Aureliano Buendía seu avô – Sir Francis Drake era dado ao esporte de caçar jacarés a tiros de canhão. Os bichos eram depois remendados, recheados de palha e mandados para a Rainha Elisabeth. Na sua juventude, ele e seus homens com mulheres e crianças e animais e toda espécie de utensílios domésticos atravessaram a serra procurando uma saída para o mar, e ao fim de vinte e seis meses desistiram da empresa e fundaram Macondo, para não ter que empreender o caminho de volta. Era, pois, uma rota que não lhe interessava, porque só podia conduzí-lo ao passado. (...) A única possibilidade de contato com a civilização era a rota do norte. De modo que dotou de foices, facões e armas de caça os mesmos homens que o acompanharam na fundação de Macondo; pos numa mochila os seus instrumentos de orientação e os seus mapas, e empreendeu a temerária aventura. (...) Durante uma semana, quase sem falar, avançaram como sonâmbulos por um universo de depressão, iluminados apenas por uma tênue reverberação de insetos luminosos e com os pulmões agoniados por um sufocante cheiro de sangue. Não podiam regressar, porque a picada que iam abrindo em pouco tempo tornava a se fechar com uma vegetação nova que ia crescendo a olhos vistos. 'Não tem importância' dizia José Arcadio Buendía. 'O essencial é não perder a orientação'

Gabriel Garcia Marquez[404]

Francisco Ortiz de Vergara foi um dos poucos espanhóis a cruzar, de leste a oeste, praticamente todo o continente sulamericano no século XVI. Em sua correspondência com o *Consejo de Indias*, o autor – que foi governador das Províncias do Rio da Prata e Paraguai entre 1558 e 1568 – dá relação de suas viagens. Primeiro, em 1540, acompanhou o adelantado Alvar Nuñez Cabeza de Vaca em uma das mais conhecidas travessias quinhentistas, partindo

[404] GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão.** Rio de Janeiro: Sabiá, [s/d], p.15-17.

da Ilha de Santa Catarina, atual Florianópolis, e chegando até Assunção, às margens do rio Paraguai. Segundo a narrativa de Vergara, entraram "por un rio que se dize Ytapocu. Caminhamos veinte y un dias y llegamos al campo de los piñones". A partir daí foram com índios cariós – "que por otro nombre se llaman guaranies" – até a cidade de Assunção. No caminho, passaram por muitos rios (o autor lista o nome de uma dezena deles à margem da carta) e serras, "que al parecer tienen muestras de metales".[405]

Vinte e quatro anos mais tarde, já como governador interino, Vergara deixou Assunção e partiu rumo ao Peru, para dar conta de seus negócios ao vice-rei e à Real Audiência.[406] Segundo Diaz Guzmán, houve "grandes aparatos y pertrechos, así de embarcaciones, como de caballos, armas y municiones". Contavam mais de trezentos espanhóis os participantes da expedição, entre eles um capitão, Pedro de Segura, com sua mulher e filhos. A armada partiu rio acima com "veinte navios de vela y remo otros tantos barcones, muchos bajeles, balsas y canoas", os espanhóis e toda gente de serviço, "que eran más de 2000 personas sin otros tantos indios encomenderos, que iban por tierra con el capitán Nuño de Chaves". [407] O próprio governador relata que enviou por terra até o porto de Itatim "treinta españoles y ochocientos y ochenta caballos".[408] No porto, Vergara conta que desfez doze navios, enviou os demais de volta a Assunção e partiu território adentro, com o capitão Nuflo de Chaves, sua mulher e filhos. No caminho, o encontro com grupos indígenas hostis era recorrente. Numa dessas escaramuças, "en un paso por donde no podia escusarme de passar, el mas malo y agrio que en toda el viaje halle", os índios se postaram escondidos a espera da comitiva. O único que pressentiu a armadilha foi um cacique amigo que o governador levava com ele, que lhes deu aviso e salvou os espanhóis. Mesmo assim os

---

[405] AGI, PATRONATO,29,R.23. A carta narra os fatos da viagem de Vergara de 1540, mas é firmada em 1572.

[406] A viagem está relatada em carta de 1565. AGI, PATRONATO,29,R.19. Essa relação foi publicada no século XIX na **Coleccion de Documentos Ineditos relativos al descubrimiento, conquista y organizacion de las antiguas posesiones españolas en América y Oceania sacados de los Archivos del reino y muy especialmente del de Indias**, por D. Luis Torres de Mendoza. Tomo IV. Madri: Imprenta de Frias y companhia, 1865, com o título: "Al Ilmo y Rmo Sr D. Juan Ovando, presidente del Consejo Real de Indias: Relacion verdadeira del viaje y salida, que hizo del rio de la Plata al Perú, Francisco Ortiz de Vergara, su certo servidor.". Ruiz Diaz de Guzmán faz referência a essa viagem, com outros detalhes, no capítulo 11 (*De la salida que hizo el Gobernador para el Reino del Perú, y gente que sacó en su compañía*) de sua obra *La argentina.* GUZMAN, Ruiz Díaz de. (1612) **La Argentina**. Buenos Aires: Claridad, 2010.

[407] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, pp. 145-146.

[408] AGI, PATRONATO,29,R.19.

indígenas tomaram as bagagens da comitiva, entre elas a do bispo, que levava suas vestimentas pontificiais e a mitra. Depois disso, passaram "a vestirse y ponerse uno la casulla, outra el alba y otro la mitra y ponensenos en lo alto de una sierra muy vestidos y sus mitras puestas en tal forma que con toda nuestra malaventura su regocijo dellos nos provoco a risa".[409] Além dos indígenas, outro percalços enfrentados pelos infaustos personagens da expedição, foram a fome e a sede, além de problemas de mando e jurisdição, incluindo a prisão do governador. [410]

* * *

Vergara atravessou grande parte do território das províncias platinas. Suas expedições, bem como de outros inúmeros conquistadores e funcionários espanhóis na América durante o século XVI e primeiras décadas do XVII, geraram uma documentação que mostra a circulação dos atores sociais. Ao contrário da cartografia analisada no capítulo anterior, a leitura dessas fontes nos trazem pistas de como o espaço platino foi conhecido e representado não mais visto de cima, em diferentes escalas, nos mapas e planisférios europeus, mas *ao rés do chão*, através dos caminhos e dos rios da região, "descobriendo y conquistando hun reyno de mil léguas de tierra", como escreveu Jaime Rasquin em sua *Relación* de 1556.[411] O conhecimento geográfico está implícito em qualquer expedição que percorreu o território. O intuito desse capítulo é explorar essa documentação, analisando diferentes deslocamentos dessa bacia platina alargada até a costa atlântica. Nesse sentido, discuto primeiramente o trânsito pelo *camino proibido* de São Paulo ao Paraguai, a partir da viagem do também governador Luis Céspedes Xeria; depois, trato das referências a outros caminhos que cortam esse território, muitos deles indígenas; por fim, analiso uma série de descrições e relações do Rio da Prata que, ao informar ao *Consejo de Indias* sobre o estado das conquistas espanholas na região, nos dão preciosas pistas sobre o conhecimento geográfico do período.

---

[409] AGI, PATRONATO,29,R.19.

[410] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, pp. 145-146.

[411] AGI, PATRONATO,29,R.11. Relación de Jaime Rasquín sobre producciones de América.

3.1 – UM GOVERNADOR NO CORAÇÃO DA AMÉRICA: LUÍS CESPEDES XERIA E O CAMINHO PROIBIDO

Em primeiro de abril de 1629 chegava à cidade de Assunção o novo governador e capitão geral da província do Paraguai, dom Luis de Céspedes e Xeria. A formalidade do Antigo Regime encontra as inóspitas e selvagens margens do Rio Paraguai, tornando a cena quase burlesca: enquanto em terra o aguardavam os moradores, os *vecinos*, o *cabildo* e os indígenas das reduções circunvizinhas, a pé ou a cavalo, pelo rio subiam quinze balsas com o capitão, o alferes e os soldados da cidade. Tudo com muita solenidade, salvas de artilharia e música de trombetas, órgãos e caixas, conforme relata o escrivão Francisco de Veja.[412]

Pelo mesmo rio descia a comitiva do governador, composta de grandes canoas nas quais iam ao menos cinquenta índios remadores, seis criados espanhóis, um negro livre cozinheiro e o próprio governador, já desprovido de suas melhores vestimentas, vendidas no decorrer da viagem, em troca de mil e duzentas arrobas de erva mate, que lhe serviriam de sustento em Assunção, já que ali não corria outro tipo de moeda.[413]

A cena ganha tons ainda mais surreais se dermos crédito às descrições de Assunção do período. Segundo a descrição anônima feita por um jesuíta em 1620, alguns anos antes da chegada de Céspedes, o *pueblo* se encontrava caído e desabitado; os poucos espanhóis que ali viviam – inimigos do trabalho, inconstantes no que empreendiam, descuidados – passavam a maior parte do tempo em suas fazendas, indo ao povoado apenas em algumas festas durante o ano, voltando ao campo logo depois de ouvir a missa. Eram poucos os *encomenderos* de consideração e, as *encomiendas,* débeis, desde o princípio,

> porque el governador domingo de Irala atendio a conservarse y assi a todo gênero de gente dio índios, y como se repartieron entre tantos cupo a pocos índios, y com el tempo se han ido consumiendo, de

[412] Testimunho de todo lo ocorrido en la entrada del gobernador del Paraguay D. Luis de Céspedes Xeria en la Ciudad de la Asunción. La Asúncion, 1º de abril de 1629. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, pp.230-242.

[413] Auto del gobernador en que mando al teniente de maracayu hiciese ynformacion de como el gouernador no metio gente ni outra cosa de contrauando. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.169.

> donde viene que ay encomenderos de a seis y siete índios y algunos que no tienen dos [414].

Segundo ele, a ocupação e povoamento de Assunção se deu mais como "os pueblos de españa apretados y con poco sítio" do que "al modo de las índias por quadras".[415] Também o cronista Ruiz Díaz de Guzmán escreve que "la traza de esta Ciudad no esta ordenada por cuadras y solares iguales, sino en calles anchas y angostas, que salen o cruzan a las principales, como algunos lugares de Castilla".[416] Guzmán registra ainda que a povoação ocupava antigamente "más de uma légua de largo, y más de una milha de ancho", ainda que no tempo em que escreve, na primeira década do século XVII, "ha venido a mucha disminución".[417] O cronista deixa uma descrição das construções que "ennoblecieron aquella ciudad", como as igrejas – "la iglesia catedral dos parroquiales, una de españoles llamada de Santa Lucía, y otra de naturales del Bianaventurado San Blas" –; as "tres casas de religión: de Nuestro Padre San Francisco, Nuestra Señora de las Mercedes, y de la Compañía de Jesús" e um hospital de "españoles y naturales". [418] Segundo relato do franciscano Juan de Rivadeneira, haviam na cidade seis igrejas, "sin la catedral q son siete".[419]

Nem toda essa presença religiosa, entretanto, foi capaz de fazer os conquistadores espanhóis e seus descendentes levarem uma vida de retidão e virtude. Desde a fundação da cidade, em 1541, pairou sobre ela uma aura de pecado e imoralidade, que se juntou a uma ideia de povoamento desordenado nas décadas seguintes. Segundo o jesuíta anônimo,

> Llamaronse luego los índios, y españoles de cuñados, y como cada español tenia muchas mancebas, toda la parentela acudia a servir a su cuñado honrandose con el nuebo pariente. Viendose los españoles

---

[414] Informe de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai e do Guairá espanhóis, índios e mestiços. Dezembro 1620. in.: CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640).** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951, pp.163 e 164.

[415] Informe de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai e do Guairá..., *op.cit.*, p.165.

[416] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina** (1612)**.** Buenos Aires: Claridad, 2010, p.115.

[417] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.115.

[418] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.115.

[419] AGI, PATRONATO,294, N.14 – "Fray Juan de Rivadeneira: províncias del Río de la Plata" 1581. Ainda segundo o frei, haviam "muchos oficiales de todos oficios Calafates torneiros fogueiros acordoneros carpinteiros de ribera que acen navios arcabuzeiros erreros y plateros y de todos oficios gran suma de labradores y muchos yngenios de azucar".

> abundosos en comida de la tierra, y com tantas mancebas no aspiraron a mas, contentandose con un poco de lienço de algodon teñido de negro para su vestido: e como estaban en el Parayso de mahoma se governaban a su modo, y assi su govierno mas era dispotico y tiranico que politico, y christiano, prendiendose y matandose unos a otros [420]

O horror jesuíta em relação aos espanhóis e suas mancebas índias aparece em outras fontes do período e está conectado com a própria fundação de Assunção, muito mais ligada ao *cuñadasgo* entre os primeiros conquistadores e os povos indígenas cariós da região, do que à conquista militar propriamente dita. Segundo o cronista oficial da Coroa espanhola, Juan López de Velascos, haviam na cidade, em meados do século XVI, trezentos *vecinos,* "casi todos encomenderos" e quase três mil filhos de espanhóis e espanholas nascidos no local.[421] Os costumes pouco cristãos dos *vecinos* de Assunção que aparecem em outras fontes coevas, fazem o leitor suspeitar de que os quase três mil habitantes de Assunção sejam filhos apenas de espanhóis. Nos primeiros anos do século XVII esses costumes foram registrados em forma de poesia, com uma referência ao "parayso de Mahoma", ou Paraíso de Maomé, expressão encontrada em muitas fontes do período para descrever a poligamia e amancebamento dos habitantes da cidade. Em 1602 foi publicada a obra *Argentina y conquista del Río de la Plata, con otros acaecimientos de los reynos del Peru, Tucuman, y estado del Brasil,* de Martín del Barco Centenera, clérigo espanhol que, em versos, contou a história da região. No canto II, que trata da "grandeza del Rio de la Plata, y del Paraguay, y de las Islas, Pexes, Aves, que ay en ellos", aparece a descrição de Assunção, onde se lê: "Es aquesta ciudad tan regalada / que mi pluma escriuirlo aqui no osa, / Algunos porbaldom con mal auiso / La llaman de Mahoma Parayso". [422] Mesmo levando em conta que ambos os relatos são de religiosos, é possível reconstruir minimamente as relações entre os *encomenderos* e as indígenas da região,

---

[420] Informe de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai e do Guairá..., *op.cit.*, p.163.

[421] VELASCO, Juan López de. **Geografia y descripción universal de las Índias** (1571-1574). Madrid: Establecimiento Tipográfico de Fortanet, 1894, p.557.

[422] BARCO CENTENERA, Martín del. **Argentina y conquista del Río de la Plata, con otros acaecimientos de los reynos del Peru, Tucuman, y estado del Brasil**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1602, "Canto II – En este canto se trata de la grandeza del Rio de la Plata, y del Paraguay, y de las Islas, Pexes, Aues, que ay en ellos" pp. 15 e 16. O trecho completo sobre Assunção, "Quatro leguas arriba esta sitiada / La gran ciudad, antigua, y povoada, / Ques dicha la Assumpcion que fue poblada, / Es aquesta ciudad tan regalada / que mi pluma escriuirlo aqui no osa, / Algunos porbaldom con mal auiso / La llaman de Mahoma Parayso / Poblose de muy buena y noble gente,/ En tiempo de Don Pedro de Mendoça, / Aunque ay como sabemos al presente / En abundancia ya de toda broça,/ La causa deste mal y inconveniente, / Pareceme sera la gente moça / Que auque salen valientes y esforçados / Los mas casi en lo mas mal inclinados.

apontadas desde o início da ocupação, no século XVI. Segundo Velascos, na comarca da cidade haveriam mais de quatrocentos mil indígenas. Diáz Guzmán, além de nascido em Assunção era filho do conquistador Alonso Riquelme de Guzmán. Não por acaso, ele encerra sua descrição da cidade escrevendo que "por ser la primera fundación que se hizo en esta provincia, he tenido a bien tratar de ella en este capítulo, por ser madre de todos los que en ella hemos nacido".[423]

A chegada de d. Luis Céspedes Xeria em Assunção marca o fim de uma viagem repleta de desventuras, que teve início em Madri, em fevereiro de 1625 – portanto, mais de quatro anos antes – quando foi nomeado governador do Paraguai. Os obstáculos da viagem foram tantos que levaram Afonso de Taunay a afirmar, há quase um século, que

> Fosse don luis de cespedes um grego das antigas eras e logo teria ido sacrificar aos altares de Eros, divindade profeta que lhe acompanhava agora os passos, a compensal-o das atribulações, maçadas e contrariedades que lhe valera a má vontade inexplicável e gratuita do Destino, impassível e insondável[424]

Depois de aguardar, em vão, que algum navio saísse da Espanha com destino ao Novo Mundo, Céspedes viajou a Lisboa – que naquele momento estava sob os auspícios do mesmo monarca, Felipe IV – e um ano depois conseguiu, finalmente, atravessar o oceano. A chegada às Índias Ocidentais só aumentou os infortúnios do governador, segundo sua própria narrativa[425]. A trajetória de Céspedes em seu curto governo no Paraguai pode ser conhecida e reconstruída graças às cartas e relatórios enviados por ele à Coroa espanhola, bem como às turbulências sociais e conflitos políticos que ocorreram naqueles anos na região, gerando autos e processos que chegaram até nós. As querelas administrativas não eram novidades na bacia platina. Podemos lembrar, a título de exemplo, que quase um século antes da nomeação de Luis Céspedes chegava às terras paraguaias – curiosamente também cruzando o continente por caminhos terrestres e fluviais, como veremos adiante – o *adelantado* Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Os problemas políticos com o grupo do então governador interino Domingo

---

[423] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.115.

[424] TAUNAY, Affonso. Na era das bandeiras. Estudos de história colonial paulista. Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro. Rio de Janeiro, t. 84, 385-531, 1919, p.466.

[425] Relación de los sucesos ocorridos durante el viaje que hizo el governador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria desde Madrid (España) hasta llegar a la Ciudad de La Asuncion del Paraguay. La Asuncion 23 de junio de 1629. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.15.

Martinez de Irala culminaram com a prisão e deportação do *adelantado* alguns anos depois de sua chegada.[426]

Charles Boxer retratou bem a realidade administrativa e jurídica da região. Segundo ele, "o vice-reino espanhol do Peru deve ter sido, seguramente, uma das unidades administrativas mais vastas e mais trabalhosas que o homem já vira diante de si", uma vez que, no início do século XVII, a jurisdição do vice-rei "abrangia – ou supunha-se abranger – todo o continente sul-americano, desde o Panamá até o Cabo Horn, com exceção do Brasil, das Guianas e da costa do Caribe, correspondente à Venezuela dos dias atuais". O controle exercido pela Coroa nesse imenso território, devido a fatores geográficos e de um universo extremamente disperso, "oscilava entre a ação efetiva e uma meramente nominal.[427] Do ponto de vista administrativo, o mundo paraguaio fazia parte, até 1617, das Província do Rio da Prata e do Paraguai, subordinadas ao vice-reino do Peru. Juridicamente, essa região estava submetida à audiência de Charcas, fundada em 1561 e responsável pelas regiões do Alto Peru, de Tucumán, do Paraguai e do Rio da Prata[428].

Em 1617 ocorreu a separação das províncias do Rio da Prata, que passaram a se chamar *Província do Rio da Prata*, com sede em Buenos Aires, e *Província de Guairá ou do Paraguai*, com sede em Assunção. Antes da divisão oficial, ainda em fins da década de 1600, pedidos e discussões frequentes a esse respeito podem ser acompanhadas na documentação. A maior parte deles dizia respeito ao tamanho desmensurado desse unidade admistrativa, principalmente pela dificuldade de se chegar de uma vila a outra e ao problema do

---

[426] A disputa de poder entre os dois personagens gerou defesas e acusações não só na bacia platina do século XVI, mas ecoou na historiografia ao longo dos anos. Além do que será discutido aqui é possível aprofundar esse debate em COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente. O** pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Cosmos, 1999; GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do Maravilhoso. O novo mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992; KALIL, Luis Guilherme Assis. **A conquista do prata análise da crônica de Ulrico Schmidl.** 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Nas fontes, a querela aparece nos relatos de Ruiz Diaz de Guzmán, Ulrico Schmidl e do próprio Alvar Núñez Cabeza de Vaca, todos utilizados nesse trabalho.

[427] BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686**. [1.ª ed. 1952] São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973, p.84.

[428] CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640**. [1.ª ed. 1943] Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984, p.56. Segundo Charles Boxer, "As seis subdivisões principais desse vice-reino eram as grandes áreas administradas pela *audiencias,* ou tribunais superiores, de Lima (fundada em 1544), Santa Fe de Bogotá (1549), La Plata de los Charcas (1559), Quito (1653), Panamá (1567) e Santiago de Chile (1609)". BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola,** *op. cit.*, p. 83.

comércio.[429] Em 1610 o vice-rei do Peru, Marques de Montes Claros, escreveu ao rei sugerindo que fosse feita a divisão, de modo que as cidades de Assunção, Villa Rica, Santiago de Jerez e Ciudad Real formassem a nova província do Guairá. O vice-rei sugeriu ainda que a vila de São Paulo fosse comprada pelo soberano espanhol e inserida na província.[430] Essas questões mostram a conexão estreita entre os territórios do Paraguai e a costa atlântica do Brasil, por vezes mais efetiva do que com o estuário platino e Buenos Aires.

Para deixar ainda mais complexo os labirintos burocráticos da região, o território da Província de Guairá coincidia com uma das mais vastas províncias missioneiras da Companhia de Jesus: a *Província do Paraguai*. Além do território do atual Paraguai, a província jesuítica abarcava os territórios das atuais Argentina, Uruguai, uma parte das terras pertencentes hoje ao Brasil e à Bolívia, além do território do Chile, emancipado como vice-província no início do século XVII.[431]

Num ambiente atravessado por diversas redes hierárquicas, jurisdições separadas por fronteiras tênues e muitas vezes indefinidas, não espanta o fato de que o governador tenha conquistado desafetos nos mais diversos grupos sociais. Era grande na região a tensão entre os *vecinos* e os padres da Companhia, devido principalmente à concentração de indígenas nas grandes reduções da região. O problema é visível no pedido feito pelo Procurador Geral da Ciudad Real ao governador, logo em sua chegada ao Guairá. O procurador solicitava que Céspedes fizesse cumprir as ordenanças reais, "mandando aos padres doutrinantes da Companhia de Jesus que na paga das mitas não coloquem estorvo". Segundo ele,

> desde que entraram nas reduções desta província [os padres] não querem nem tem querido dar mais do que eles gostam, que de dois mil e quinhentos índios que há nas reduções que pertencem aos *vecinos*

---

[429] AGI, CHARCAS,112.

[430] AGI, Charcas 112. Carta de Montes Claros 08/03/1610, citada por VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes: conexões castelhanas de uma vila da América portuguesa durante a União Ibérica (1580-1640)**. 398 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p.262.

[431] BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola,** *op. cit.*, p. 84. Com isso em mente, salvo casos específicos e marcados, utilizarei durante esse trabalho o termo *Paraguai* para designar a região, independentemente da jurisdição administrativa, política ou religiosa.

> (...) apenas vem cinquenta e quatro índios de *mita*, de onde poderiam sair mais de trezentos[432]

Os conflitos foram acirrados com as recorrentes incursões dos portugueses de São Paulo, facilitadas pelo governador, segundo os religiosos. Todos esses problemas geraram um grande volume de documentação, em forma de correspondência, petições, ordens e autos de processos, que se encontram hoje arquivadas no Archivo General de Índias, em Sevilha. Boa parte dessa documentação foi compilada e publicada na década de 1920, pela equipe do Museu Paulista, sob a liderança do diretor do museu, Afonso de Taunay. Naquele momento começaram a ser publicados os *Anais do Museu Paulista*, em forma de periódico.[433] Nos primeiros números foram compilados documentos importantes para o resgate da história de São Paulo e dos bandeirantes, do acervo do arquivo de Sevilha, dentre os quais a documentação relativa ao governo de Céspedes e os conflitos entre bandeirantes e jesuítas na região do Guairá.

A partir dessa documentação, portanto, é possível reconstruir alguns elementos da passagem de Céspedes pelo continente americano. A trajetória do governador foi recuperada algumas vezes pela historiografia. Em 1919, Afonso de Taunay publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro uma compilação de artigos originalmente impressos no *Correio Paulistano* entre os anos de 1917 e 1919. Entre esses artigos aparece um com título "A viagem de D. Luis de Céspedes Xeria (1628)", onde Taunay reconstrói a viagem do governador, com base na documentação escrita por Céspedes. Na metade do século, Charles Boxer também utilizou essa documentação e acompanhou a aventura de Céspedes desde sua nomeação em Madri, até a chegada no Paraguai.[434] Boxer faz a reconstrução da viagem de Céspedes no capítulo sugestivamente chamado de "O caminho de

---

[432] No original: "mandando a los padres dotrinantes (...) de la compañia de jesus que en la paga de las mitas no pongan el estorvo que desde que ha que entraron en las reduciones desta provincia no quieren nem han querido dar mas de la que ellos gustan que de dos mil y quinientos indios que ay en las dos reduciones que pertenecen a los Vecinos de la dicha mi parte apenas vienen cinquenta y quatro yndios de mita de donde pudieran salir mas de trecientos yndios". Testimonio de la peticion y quexa que el procurador de Ciudad Real de guayra presento ante el gouernador del paraguay con su proueymiento. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.31

[433] A partir de 1993 foi iniciada uma nova série da revista, já com roupagem de periódico científico moderno, com o subtítulo História e Cultura Material, publicada regularmente até os dias atuais.

[434] TAUNAY, Affonso. Na era das bandeiras. Estudos de história colonial paulista. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro**. Rio de Janeiro, t. 84, 385-531, 1919; e BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola,** *op. cit.*

Potosí".[435] O texto traça um panorama das "condições reinantes durante a terceira década do século XVII em todo o vasto triângulo cuja base se estirava de Buenos Aires ao Rio de Janeiro e cujo vértice estava em Potosí, no Alto Peru".[436] O autor faz uma análise das relações entre a entrada de Céspedes no Paraguai, suas alianças familiares constituídas no Rio de Janeiro e as redes comerciais que cruzaram o território americano. O objeto principal do estudo de Boxer, como indica o próprio título do livro é Salvador de Sá e Benevides, filho de uma das famílias fundadoras do Rio de Janeiro e que teria uma importante participação nos eventos militares da restauração portuguesa em meados do século. A convergência das trajetórias de Céspedes e dos Sá e Benevides acontece quando o espanhol se encontra no Rio de Janeiro, ainda em trânsito para sua jurisdição no Paraguai.

Céspedes demorou alguns anos, entretanto, para chegar à capitania do Rio de Janeiro. Depois de cruzar o atlântico, o governador aguardou na Bahia de Todos os Santos um navio que tomasse o caminho do sul, já que seu objetivo era chegar até o porto de Buenos Aires, no estuário do Prata, e de lá seguir viagem até Assunção. Em Salvador, Céspedes foi bem recebido pelo governador D. Francisco de Moura e por seu sucessor, Diogo Luis de Oliveira. Pelo menos até recusar uma pequena embarcação que Oliveira conseguiu, fretada por outra espanhola, Dona Ana de Avendano, que rumava para Buenos Aires. Céspedes recusou a oferta por considerar o paquete tão pequeno que não poderia aguentar a bagagem e a tripulação de Dona Ana – baús, malas, cinquenta negros, mais quinze passageiros e seus criados – muito menos suas próprias coisas. Depois desse episódio, queixou-se ao rei da má vontade do governador Oliveira em ajudá-lo.[437] Outra oportunidade de deixar a Bahia foi frustrada pelo ataque de holandeses ao porto. Entre as embarcações destruídas pelos corsários estava aquela em que Céspedes seguiria viagem oito dias depois, para "las partes mais cerca del rio de la plata".[438]

---

[435] BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973, capítulo terceiro, "O caminho de Potosí", pp. 83-123

[436] BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola,** *op. cit.*, p.95.

[437] Relación de los sucesos ocorridos durante el viaje que hizo el governador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria..., *op. cit.*, p.16 e 17.

[438] Carta n.409 del governador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria a Su Magestad dando cuenta de su viage, llegada de 13 navios hollandeses y daños que causaron. In. **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, p.167. Afirma Afonso de Taunay: "Neste interim appareceu inesperadamente a dominar as águas de Todos os Santos a divisão do terrível corsário Pieter Heyn com nove grandes naus de guerra e quatro pequenas, a 3 de março de 1627. Era a segunda vez que o apavorante Pedro Peres vinha ao Brasil". Charles Boxer também acredita se tratar

Quase dois anos depois de atravessar o oceano, em janeiro de 1628, Céspedes conseguiu enfim embarcar para o Rio de Janeiro. Os imprevistos continuaram, entretanto, com contornos mais prósperos. Primeiro, Céspedes recebeu a proposta de casamento dos Sá. Na véspera da partida, Martim de Sá e seu filho, Salvador, sugerem que Céspedes deveria casar-se com Dona Vitória de Sá, irmã de Martim e tia de Salvador e "o arruinado fidalgo só podia aceitar contente esta oferta de casamento com uma herdeira bela e rica que, além de sua alta jerarquia e nascimento, recomendava-se por um dote de 40.000 ducados em caixa, além de grandes plantações de cana de açúcar e extensas propriedades territoriais"[439]. Em sua correspondência, o próprio Céspedes relata sobre a proposta inesperada:

> Se ofrecio que estos señores aficionados de mi justo agradecimiento tuvieron por bien de estimar mi persona para (...) esposso de una hija de el capitan gonçalo correa de sa sobrina del governador y poblador que fue desta tierra y assi teniendome por feliz y estimado tan buena suerte acepte el favor por pagar no resistiendo a su gusto las mercedes que tenia recebidas si bien tengo por cierto haver sido milagroso este matrimonio pues haviendo tenido impedimentos tan forçossos y passado los trabajos que tendo escritos (...) quiso nuestro señor premiar la paciencia con que los he ofrecido a su divina magestad dandome por compañera una señora tan principal como hermosa y virtuossa[440]

Do ponto de vista dos Sá, os interesses no casamento eram visíveis. José Vilardaga, ao estudar as conexões entre o mundo paulista e o paraguaio concorda que o matrimônio consolidava "as redes de contatos desta influente família fluminense", que já detinha relações, aliados e privilégios em Angola, Buenos Aires e São Paulo. A união feita com Céspedes fazia com que a ponta paraguaia e de Tucumã fosse amarrada, fechando assim "sua inserção no amplo circuito de contrabando, das trocas no mercado regional platino e vicentino, dos

---

do ataque feito em 1627 pelo holandês Piet Heyn. BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola,** *op. cit.*, p. 97; e TAUNAY, Affonso. Na era das bandeiras. Estudos de história colonial paulista. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro**. Rio de Janeiro, t. 84, 385-531, 1919, p.459.

[439] Infelizmente Boxer não faz referências às fontes que consultou para construção desses trechos. BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola,** *op. cit.*, p.97.

[440] Relación de los sucesos ocorridos durante el viaje que hizo el governador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria..., *op. cit.*, pp.22 e 23.

engenhos de açúcar, do ouro paulista, do fornecimento de escravos negros e do apresamento de cativos indígenas. Um empreendimento diversificado e articulado".[441]

Além do inesperado casamento, Céspedes recebeu ampla ajuda no Rio de Janeiro:

> Viendo esto y el no haver como tengo dicho otra embarcacion fue de parecer el governador Martin de sa que me fuese por tierra determineme de seguir su consejo diome todo lo necesario para mi avio canoas negros e infinitos regalos pero el mayor y de mas estima fue a su hermano el capitan goncalo correa de sá para que fuese haciendome merced todo el camino y allanar las dificuldades del"[442]

O conselho de seguir caminho por terra até São Vicente – e de lá ao Paraguai – veio logo após "outra má vontade inexplicável e gratuita do Destino", para retomar a expressão de Taunay. Mais uma vez o fidalgo espanhol havia conseguido uma embarcação, dessa vez por intermédio de Martin de Sá. Era a única barca que se encontrava no porto e, mesmo estando carregada, o governador ordenou que fosse descarregada para levar Céspedes a Buenos Aires. Quando o barco estava pronto para partir, já com as bagagens de Céspedes a bordo, as autoridades locais, por ordem do governador geral Diego Luis Oliveira – que já tinha entrado em atrito com Céspedes em Salvador – prenderam o capitão do navio, por "cantidad de derechos que havia usurpado a la Real hacienda"[443]. Segundo Céspedes, Martin de Sá ainda tentou de todas as maneiras fazer com que a embarcação fosse liberada, sem sucesso. Diante disso, é lícito pensar que se tratava de mais um empreendimento comercial dos Sá, rumo ao estuário do Prata.

A solução foi seguir daí à capitania de São Paulo, caminho feito ora por terra – onde a comitiva se perdeu durante dias -, ora em pequenas embarcações pela costa. Em São Vicente, foi ainda necessário vencer a verticalidade da densa floresta atlântica da Serra do Mar, "trabajossimo camino por donde no pueden andar cavalgaduras y los hombres para haver de passarle a de ser en hamacas en hombros de los naturales de la tierra"[444]. Só então é que o

---

[441] VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes...**, *op. cit.*, p.171.

[442] Relación de los sucesos ocorridos durante el viaje que hizo el governador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria..., *op. cit.*, p.22.

[443] Relación de los sucesos ocorridos durante el viaje que hizo el governador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria..., *op. cit.*, p.22.

[444] Relación de los sucesos ocorridos durante el viaje que hizo el governador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria..., *op. cit.*, p.23.

governador pôde chegar à vila de São Paulo de Piratininga, já no planalto, onde iniciou nova etapa de sua aventura, a que mais interessa nesse estudo. No povoado, Céspedes solicitou permissão às autoridades locais para percorrer o *caminho do Paraguai, camino de San Pablo* ou simplesmente *camino proibido,* via terrestre-fluvial que ligava a vila de São Paulo aos sertões do Guayrá e à Província do Paraguai.

A escolha do caminho fez com que se multiplicassem nas fontes e na historiografia posterior as polêmicas e ambiguidades que cercam a figura do governador. Affonso de Taunay, ao escrever sobre os bandeirantes paulistas, acusa a ingratidão de Céspedes ao falar dos paulistas ao rei Felipe III,[445] como gente que praticava "as mayores crueldades, trayciones e vellaquerias.[446] A despeito dessas impressões, o governador obteve aval do capitão geral de Santos, Álvaro Luis do Valle e do ouvidor da capitania, Amador Bueno para seguir pelo caminho proibido e incumbiu o famoso sertanista Manoel Preto "para que el con seis indios solamente sin en su compañia llevar persona blanca ninguna lleve al dicho señor governador por el rio abajo en canoas sin salir fuera del camino so pena que saliendo le hagan traydor a la Corona de su magestad"[447].

3.2 – "POR TIERRA Y A PIE, POR GRANDES CORRIENTES Y SALTOS": O CAMINHO DE SÃO PAULO AO PARAGUAI

No início da década de 1940, Alice Piffer Canabrava publicou sua tese de doutorado, feita na Universidade de São Paulo sob a orientação de Affonso de Taunay. Na pesquisa realizada a partir de uma abordagem muito original e com base em um sólido *corpus*

---

[445] TAUNAY, Affonso de. **História das Bandeiras Paulistas**. Tomo I. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951, p.43.

[446] Carta del gobernador del Paraguay don Luis de Cespedes Xeria a Su Magestad dando cuenta de su llegada al Brasil y de su viaje por tierra desde San Pablo a la ciudad de Guaira haciendo relación dek estadi de esta tierra y de los rios y terrenos que atravesó para lo cual acompaña un mapa donde indica su derrota. Guaira, 8 de novembro de 1628. In. **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, p.182.

[447] Requerimiento fecho al Oydor amador bueno en santos por el governador del paraguay para que no dexe venir en su compañia portgueses a las provincias de Guayra. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, p.174. Amador Bueno esteve envolvido no famosa passagem da "aclamação" do ouvidor. José Vilardaga, revisitando as fontes, lançou novas luzes a esse episódio. VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes...**, *op. cit.*

documental, a autora demonstrou a importância do comércio português no estuário da Prata. Tratava-se, nesse caso, de um comércio ilegal ou contrabando, visto que funcionava à revelia das ordens reais e dos monopólios comerciais estabelecidos pela coroa de Castela. As mercadorias europeias que circulavam oficialmente na colônia deveriam ser transportadas da Espanha até o mar das Caraíbas, onde os portos de Nombre de Dios e, depois de 1593, Porto Belo, ambos na região do istmo panamenho, funcionavam como porta de entrada do comércio. Eram nessas localidades, segundo a autora, que ocorriam "as famosas feiras em torno das quais gravitava toda população comerciante da América do Sul".[448] Dali as mercadorias eram transportadas por vias terrestres e fluviais – rotas difíceis e perigosas, segunda a documentação do período – até a povoação de Panamá. Já na costa oeste do continente, navios da frota do Pacífico levavam os produtos até o porto de Callao; de lá rumavam a Lima, capital do vice-reino do Peru; depois a Arica, porto de acesso a Vila Imperial de Potosí, a mais de quatro mil metros de altitude cordilheira acima e, finalmente, "por intermédio da longa via transandina eram distribuídas em todos os recantos do vice-reino"[449]. Não é difícil imaginar a complexidade e os perigos dessa longa viagem. A rota de Lima a Buenos Aires tinha mais de duas mil e quinhentas milhas, o que equivalia a mais de cinco mil quilômetros.[450] A partir desses dados, Canabrava apontou o encarecimento e a escassez dos produtos como características marcantes do comércio espanhol na região da bacia platina. Além disso, a documentação do período testemunha a proximidade e facilidade da navegação entre os portos de Buenos Aires e da costa do Brasil. Em outubro de 1585, partiram numa fragata do porto de Buenos Aires o padre Francisco de Salcedo e Diego de Palma, com destino à costa brasileira. Na *Relación del viaje* os autores descrevem a navegação naquelas águas:

> É o caminho desde a boca do rio [da Prata] até o Brasil de oito dias com tempo razoável. É costa muito segura como toda a do Brasil. Há muitos portos que podem-se tomar e, ainda que em ordinário para poder-se caminhar bem desde esta terra para o Brasil é maio e junho e julho e agosto e setembro e para vir de lá os outros seis meses do ano,

---

[448] CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata...,** *op. cit.*, p.43.

[449] CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640**, *op. cit*, p.43.

[450] CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640**, *op. cit*, p.47. A conversão dessa e outras medidas foi feita a partir do trabalho de MARQUES, Miguel da Silva. **Cartografia antiga: tabela de equivalências de medidas**: cálculo de escalas e conversão de valores de coordenadas geográficas. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2001.

> a verdade é que todo o ano se pode ir e vir pela experiência que temos.[451]

Algumas décadas depois, em 1622, o procurador geral das Províncias do Rio da Prata e Paraguai, Manuel de Frias, escreveu ao rei tratando das vias de comércio entre Brasil e Peru. Segundo ele, havia dois caminhos por onde chega a mercadoria,

> um por mar e outro por terra; essa última é continuada como Castela e Aragão, a qual continuação se concede, mas não o exemplo, que seria mais próprio dizer como Castela e Noruega, pois não é daqui até lá o caminho mais difícil e menos trilhado que do Brasil ao Paraguai por terra[452]

Apesar da dificuldade apontada por Frias, fato é que o caminho entre São Paulo e Paraguai foi intensamente utilizado. José Carlos Viladargada, ao analisar o transito de pessoas pela região, encontrou referências a cento e oito pessoas que teriam atravessado o caminho, a grande maioria no século XVI. Na metade do século encontramos uma das primeiras referências a ele. Dona Mência Calderon, viúva de Juan de Sanabria, nomeado governador do Rio da Prata, escrevia de Assunção que se podia ir de São Vicente até ali "por cierto camiño

---

[451] No original, "Es el camino desde la boca del rio hasta el Brasil de ocho dias con rrazonables tempos es costa muy segura assi está como toda la del brasil ay muchos puertos que poder tomar y aunque lo ordinario para poderse caminar bien desde esta tierra para el brasil y mayo y junio y julio y agosto y septiembre y para venir de ala los otros seis meses del año, la verdade es que todo el año se puede yr y venir por la esperincia que tenemos". Relación del viaje que Diego de Palma Carillo y el Padre Francisco de Salcedo hicieron al Brasil por mandado del obispo de Tucumán, para traer religiosos de la Campañia de Jesús y descubrir el camino del Rio de la Plata al Viaza y de aquí el Brasil. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, pp.139-143. Trata-se de uma das primeiras viagens do comércio platino. É notável o pioneirismo comercial do então bispo de Tucúman, Francisco Vitória, que estava por trás dessa viagem. Segundo Canabrava, "Em 1587 enviou ele um navio ao Brasil, destinado a adquirir mercadorias na Baía; os objetivos comerciais da expedição estavam mascarados com propósitos de trazer jesuítas da cidade da Baía e de descobrir a rota de navegação para o Brasil. Segundo Cárcano, foi esse navio o primeiro a efetuar a navegação ao norte do Rio de Janeiro, partindo do Rio da Prata, custeado com recursos inteiramente locais. Levava cerca de 30000 pesos em prata e ouro. CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640**, *op. cit*, p.83.

> [452] No original: uno por la mar y otro por la tierra; y para este ultimo haze argumento, de que es continuada como Castilla y Aragon; de lo qual la continuacion se concede, pero no el exemplo que fuera mas próprio en dezir como Castilla y la Noruega pues no es de aqui a ella el camino mas difícil y menos trillado, que del Brasil al Paraguay por tierra. AGI, CHARCAS,33.

nuevo que se habia descubierto".[453] Aliás, foi para impedir essa comunicação entre castelhanos do Paraguai e os paulistas que Tomé de Souza, quando esteve em São Vicente ordenou o fechamento do caminho e a fundação de uma vila no campo, serra acima para servir de "porta do sertão e caminho forçado dos viadantes". A vila, Santo André, seria um posto de vigilância permanente.[454] Em uma de suas relações ao *Consejo de Indias*, provavelmente do final da mesma década de 1550, o piloto Juan Sanchez de Viscaya conta que, estando passando o inverno no porto de São Francisco, nas proximidades da Ilha de Santa Catarina, depois da travessia do Atlântico, uma comitiva de espanhóis foi até São Vicente a tratar com os portugueses. De lá o próprio Tomé de Souza enviou uma caravela para buscar os demais, na qual veio um padre que fez "muchas promessas", entre as quais "favoreceria para yrmos por tierra ao Paraguai". Chegando em São Vicente, entretanto, descobriram que "dexo mandado Tomé de Souza governador del rey de Portugal que no dexasen pasar a ninguno español por tierra".[455] Das intenções do governador em mandar buscar os espanhóis nada mais sabemos. Segundo Sérgio Buarque, a proibição foi especialmente rigorosa nos anos 1550 e surtiu efeito, uma vez que "durante o meio século que se seguiu à viagem de Salazar e dos Góis [1555], ficou de todo esquecido, segundo parece, o caminho por terra à Assunção".[456]

Com as dificuldades das rotas oficiais de comércio, via mar das Caraíbas e Peru, por um lado, e a facilidade de comércio pela costa atlântica e pelo interior da terra, a despeito das proibições, por outro, foram traçadas as linhas definidoras de um comércio intercolonial regular, intenso e ilegal. O trabalho de Canabrava, pioneiro, trouxe à tona a importância dessas trocas comerciais para o desenvolvimento e sobrevivência da região, além de mostrar, em números, o comércio interno efetuado que escapava aos olhos da Coroa. Mesmo muito fecunda, a perspectiva de análise não encontrou muitos seguidores no período e permaneceu esquecida pela historiografia, sendo retomada somente décadas mais tarde, com o acirramento

---

[453] *apud* HOLANDA, Sérgio Buarque. Expansão Paulista em fins do século XVI e princípio do século XVII In: **Publicações do Instituto de Administração**. n.29, pp.3-23, junho de 1948, p.12.

[454] HOLANDA, Sérgio Buarque. Expansão Paulista em fins do século XVI, *op.cit.*, p.17.

[455] AGI, PATRONATO,28,R.45.

[456] HOLANDA, Sérgio Buarque. Expansão Paulista em fins do século XVI, *op.cit.*, p.19.

do debate historiográfico acerca do comércio interno e grau de autonomia das colônias americanas em relação às potências europeias.[457]

Na metade do século, Charles Boxer, em estudo já mencionado, deu uma contribuição importante para o estudo desse espaço, mostrando as conexões entre a passagem do governador por terras sul-americanas e as rotas comerciais que ligavam a costa do atlântico ao mundo paraguaio e às minas de Potosí. As tentativas de ligação entre o Paraguai e o alto Peru, especificamente Potosí, já haviam sido demonstradas por Canabrava. Os rios da bacia tiveram papel crucial nesse contexto, visto que o principal caminho para se aproximar da região da cordilheira eram os rios Pilcomayo, Bermejo ou Salado, todos na margem direita do rio Paraná.[458]

A importância da região no comércio continental já foi bastante atestada pela historiografia. A circulação de pessoas envolvidas com as redes comerciais pelos caminhos terrestres e fluviais torna esse um espaço profícuo para entender os processos de conhecimento e concepção geográfica. Não era nenhuma novidade, na primeira metade do século XVII, a considerável circulação de pessoas naquelas paragens. Em carta de 02 de novembro de 1628 o padre Joseph Domenes alertou o novo governador que "estan estos caminos infestados destos portugueses".[459] Logo que saiu da vila de São Paulo, Céspedes tomou, portanto, um caminho conhecido. Seu relato desse trecho da viagem é sucinto:

---

[457] Sobre a relação do trabalho de Canabrava e a história econômica americana, ver GIL, Tiago; PESAVENTO, Fábio. Conversa de surdos. Breve subsídio para o debate sobre a autonomia do mercado interno colonial. in.: **VI Jornada Setecentista**, Curitiba, 2005. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/jornadas/vi-jornada-setecentista-2005. Acesso em 02/dez/2015. Para as questões do comércio interno, tema que suscita calorosos debates na historiografia atual, ver FRAGOSO, João Luís Ribeiro; FLORENTINO, Manolo. **O arcaísmo como projeto: Mercado Atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, c. 1790-c. 1840**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, trabalho seminal na área; para os desdobramentos do debate, com tomadas de posições divergentes, ver, entre outros ARRUDA, José Jobson de Andrade. Superlucros: a prova empírica do exclusivo colonial. **Topoi,** Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 706-718, jul./dez, 2014; VILLELA, André Arruda. Exclusivo metropolitano, "superlucros" e acumulação primitiva na Europa pré-industrial. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, jul.-dez, 2011, p. 4-29; FRAGOSO, João. Modelos explicativos da chamada economia colonial e a ideia de Monarquia Pluricontinental: notas de um ensaio. **História**, Franca, v. 31, n. 2, p. 106-145, Dezembro/2012. Agradeço ao professor e amigo Jonas Moreira Vargas, da Universidade Federal de Pelotas, pela indicação dos textos e pelos longos debates a respeito do tema.

[458] CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640**, *op. cit*, p.53 e 54.

[459] Memorial o indice de la relación de los sucessos ocurridos durante el viaje que hizo el gobernador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria desde Madrid hasta llegar al puerto de Terecañi donde se embarcó par La Asunción. (La Assuncion 23 de junio de 1629) In. **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, p.220.

> caminhei quarenta léguas por terra e a pé por ser caminho que não se pode andar de outra maneira, com infinitos trabalhos, de chuvas e rios que passamos. Cheguei a um [rio] onde estive um mês fazendo embarcações de troncos grandíssimos que tinham oito braças de circunferência.[460]

O rio em que a comitiva passou um mês fazendo as embarcações era o rio Anhembi, atual Tietê. Foi necessário contornar um grande salto, "por nombre cachuera que cae de Altissimos riscos y peñascos"[461] antes de chegar às suas margens. Céspedes batizou o porto de embarque com o nome de *Nuestra Señora de Atocha*. A partir desse ponto a viagem só deixou de ser fluvial nas muitas corredeiras e cachoeiras Anhembi abaixo. As canoas construídas impressionam pelo tamanho. Os "troncos grandissimos", depois de trabalhados se transformaram em "um grande barco longo de setenta e cinco palmos de boca. Vínhamos dentro dele cinquenta índios que remavam, minha pessoa e criados. As outras duas [embarcações] eram a metade ou menos, onde vinham o sustento nosso e dos índios".[462]

Para as viagens pelos caminhos fluviais, os paulistas aprenderam e conservaram as técnicas de deslocamento indígenas, tanto no que diz respeito à construção das embarcações, como na navegação por rios encachoeirados, como era o caso do Tietê. Como fica claro nos escritos do governador, principalmente no relato que acompanha o mapa, em muitos momentos haviam trechos de corredeiras ou cachoeiras, nos quais era necessário descarregar as canoas e, se preciso, vará-las por terra: "tivemos uma perigosíssima corrente no segundo dia de nossa viagem que nos obrigou a sair todos por terra arriscando toda a roupa e comida

---

[460] No original: "camine quarenta leguas por tierra y a pie por ser camino que no se puede andar de otra manera con ynfinitos trabajos de lluvias y rios que passamos. Llegue a uno donde estuve um mes haciendo embarcaciones de palos grandissimos que tenia ocho brasas de ruedo". Carta del gobernador del Paraguay don Luis de Cespedes Xeria a Su Magestad dando cuenta de su llegada al Brasil...*op. cit.*, p.183. As quarenta léguas caminhadas pelo governador equivalem, aproximadamente a duzentos quilômetros.

[461] Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes, que recorrió Luis de Céspedes Jeria, gobernador del Paraguay, al entrar en su jurisdiccíon desde Brasil. Archivo General de Indias, MP-BUENOS_AIRES, 17. Disponível em: http://pares.mcu.es/ParesBusquedas. Acesso em 20.maio.2016

[462] No original: "un gran barco luengo de setenta y cinco palmos de largo y seys palmos de boca veniamos dentro della cinquenta indios que remavan y mi persona y criados. Las otras dos eran la mitad menos donde venia el sustento nuestro y de los indios". Carta del gobernador del Paraguay don Luis de Cespedes Xeria a Su Magestad dando cuenta de su llegada al Brasil..*op. cit.*, p.183. Segundo Afonso Taunay, as medidas equivalem a 5,60 metros de diâmetro para o tronco; a embarcação teria 16,50 metros de comprimento e 1,32 de largura. TAUNAY, Afonso de. **Relatos monçoeiros.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981, p.96.

por não poder fazer outra coisa". Mais adiante, "é um perigoso salto que faz ali a água onde sacamos a roupa em terra e as canoas as lançamos ao risco de fazer-se em mil pedaços entre aquelas pedras". Outro local, "é um grande salto que faz o rio por cima de grandissísimas pedras, por causa do qual tiramos as canoas por terra por ser impossível ir pelo rio e se desceram [por terra] dois mil passos".[463]

Depois de descer o rio Anhembi a comitiva andou "ocho dias por el rio grande de la plata"[464] até chegar as proximidades da Ciudad Real del Guairá. O governador ficou mais de um ano percorrendo as vilas e reduções da região antes de seguir viagem a Assunção. De Guairá foi a Jerez, ao povoado de Maracayu e Villa Rica, ainda em 1627. Em janeiro do ano seguinte foi até as reduções de Nossa Senhora de Loreto e Santo Ignácio, que se encontravam a vinte dias de distância subindo o rio Paranapanema[465]. Durante esse tempo, Céspedes cumpriu várias formalidades já como novo governador: enviou mensageiros para tratar com os chefes indígenas, ouviu as queixas dos *vecinos* contra os padres pelo pagamento da *mita* e dos padres contra o assédio dos portugueses de São Paulo. Uma das questões mais comentadas na documentação do período da estadia do governador na Ciudad Real del Guairá, antes de sua ida definitiva à Assunção, diz respeito a um importante passo do rio aberto pelos jesuítas para contornar o grande salto do Guairá.

3.2.1 – "La llave de todos los caminos": o passo do salto do Guairá e as querelas administrativas

---

[463] No original: "tuvimos una peligrosissima corriente segundo dia de nuestro viaje que nos obligó a salir todos por tierra arresgando toda la ropa y comida por no póder hazer otra cosa"; "es un peligroso salto que haze alli el Agua donde sacamos la ropa en tierra y las canoas las echamos por el a riesgo de haszerse mil pedaços entre aquellas peñas"; "es un gran salto que haze el rio por sima de grandissimas peñas, por cuya causa sacamos las canoas por tierra or ser imposible ir por el rio y se bajaron dos mil pasos". Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes, que recorrió Luis de Céspedes Jeria, *op. cit.*

[464] Carta del gobernador del Paraguay don Luis de Cespedes Xeria a Su Magestad dando cuenta de su llegada al Brasil...*op. cit.*, p.183. Trata-se na verdade do rio Paraná.

[465] Testemonio de una relación de los sucesos ocorridos al gobernador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria durante su viaje desde que salió del rio Paranapane y de varias cartas que le escribieron los Padres de la Compañia de Jesus de aquellas regiones. La Asunción 23 de junio de 1629. In: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, p.209.

Para se chegar de um lado a outro do salto do rio Paraná, ou, de Assunção até Ciudad Real del Guairá e vice-versa, as opções eram escassas e dificultosas. E tão logo chegou na região, o governador se envolveu numa querela com os padres da Companhia de Jesus a respeito do salto, prolixamente registrada em um documento que contém as "razones con que se prueba que el hacer prohibido el governador del Paraguay D. Luis Cespedes Xeria el paso del camino nuevo del Salto a los Padres de la compañia de Jesus y a sus cosas, cartas y despachos ha sido passion y mala voluntad"[466]. O trajeto Assunção-Guairá era feito inicialmente, através do povoado de Macarayu. Entretanto,

> el paso desta ciudad de la Assumpcion a Guayra por Maracayu no es tan façil y breve como el governador diçe en su respuesta pues hasta Maracayu, ay como cien leguas por el rio, y de alli a Guayra treinta poco mas o menos, y llegado del rio paraguay al de jujuy q tiene muchas vueltas, por causa dellas quando esta crecido es peligroso y quando menguado se navega con mucho trabajo, y a las veces apenas se puede navegar, y por tierra aunque no es tan largo, tiene mui malos pasos y pantanos,[467]

A dinâmica natural de cheias e secas dos rios do atual Pantanal foi um obstáculo constante na ocupação desse território pelos espanhóis. Trata-se da maior planície inundável do mundo, intensamente irrigada pelos inúmeros rios formadores da bacia platina. A alternância do regime das águas e a consequente mutação da geografia daquele espaço tornou aquele espaço de difícil acesso e com traços fantásticos. Muitas léguas rio Paraguai acima os espanhóis encontraram a *Laguna de los Xarayes*, região do pantanal sul-mato-grossense palco de muitas desventuras castelhanas na região.[468]

Além dos problemas naturais relacionados pelo jesuíta, os padres e qualquer espanhol que se aventurasse por aquelas bandas tinha que enfrentar uma preocupação ainda maior, os índios payaguas:

---

[466] Esse é o título do documento, possivelmente de 1631, compilado Jaime Cortesão em **Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640).** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951, pp.289-394

[467] Raçones con que se prueba que el hacer prohibido el g.or del Paraguay D. Luis Cespedes Xeria el paso del camino nuebo del Salto..., *op. cit.,* p.289.

[468] Para uma análise minuciosa dessa questão, ver o extraordinário trabalho de COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente** *op. cit.*

> y se con todo esso el camiño del rio (que es por donde se puede llevar alguna cosa) fuera seguro, se podia pasar con esos incovenientes, pero es cierto publico y notorio que desde esta ciudad hasta embocar por el rio Jujuy que son treinta leguas poco mas o menos, es mui peligroso por los indios payaguas enemigos, los quales les captivan, matan, y despojan a los que pueden haver a la manos.[469]

Alguns anos antes outro jesuíta já havia registrado o problema de se percorrer o caminho fluvial de Assunção em direção a Maracayu, já que o trajeto passava pelas terras dos *señores del rio:*

> Otra nacion ay que se llama Payagua esta habita a las riveras de este rio Paraguay mas de ciento e cinquenta leguas mas arriba de esta ciudad de la vanda de los Guaycurus, sustentanse de pescar y ansi son señores del rio: han hecho muchos assaltos y muertes de españoles sin causa y han estado tan insolentes que pocos años no se atrebian de esta ciudad quatro leguas el rio arriba ir sin escolta.[470]

O problema enfrentado pelos espanhóis com os índios Payaguas e seus aliados Guaycurus não era novo no século XVII. Remonta às primeiras tentativas de ocupação daquele território no século XVI.[471] Depois do povoado e porto de Maracayu, o caminho seguia por terra até o rio Paraná, defronte ao porto de mesmo nome, localizado acima do salto. Atravessado o rio, era possível seguir até Guairá. Não era, portanto, tarefa fácil o caminho Assunção-Maracayu-Guairá. [472]

Igualmente dificultosa se apresentava a transposição do salto do rio Paraná, o Salto del Guairá, caso se escolhesse o caminho fluvial pelo sul, descendo o rio Paraguai até sua foz no Paraná e subindo esse até o salto. O padre Nicolas Duran, provincial da companhia, em visita as reduções, registrou, uma vez mais, esses problemas:

---

[469] Raçones con que se prueba que el hacer prohibido el g.or del Paraguay D. Luis Cespedes Xeria el paso del camino nuebo del Salto..., *op. cit.,* p.289.

[470] Informe de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai e do Guairá..., *op.cit.*, pp. 171-172.

[471] Ver, por exemplo, a narrativa de Ruiz Diaz Guzmán, do início de século XVII, utilizada aqui como fonte, ou o trabalho de Maria de Fátima Costa, sobre o pantanal, de 1999 (COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente,** *op.cit*; e GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*).

[472] A despeito disso, a longa viagem foi feita inúmeras vezes pelo jesuíta Ruiz de Montoya, um dos mais entusiastas padres das Missões na região. O jesuíta partia das Missões do Guairá, mais afastadas. Para um estudo da trajetória do padre, ver TESCHAUER, Pe. Carlos. **Pe. Ruiz de Montoya, S.J. Apóstolo do Guairá e do Tape**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1979.MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista espiritual hecha por los religiosos de la compañia de Jesus, en mas provincias del Paraguay, Parana, Uruguay y Tape**. Madri: Imprensa del Reyno, 1639.

> Todo este año e gastado en visitar lo que tiene la compañia en la governacion del paraguay y no contentandome con lo que an visitado los provinciales pasados e querido visitar las reduciones mas apartadas y nunca visitadas navegando lo mas ordinario por rios caminando muchas jornadas a pie por no poderse navegar por el salto del rio parana con que e visto las reduciones antiguas que se llaman de guaira.[473]

Motivados por essa dificuldade e pelas numerosas idas e vindas que faziam pela região, "para que pudiese pasar a visitar las reduciones de la provincia del Guayra" os padres conseguiram "abrir un pedaço de monte" de quinze ou dezesseis léguas – cerca de oitenta quilômetros – , "con que se ahoracen las ducientas [léguas] de rodeo y assi se hizo y el Padre provincial paso y con el otros padres que iban a la conversion de los infieles y despues otros muchos que por el mismo fin han ydo passando por aquel camino en cinco años que se começo a andar".[474]

Chegando na região, o governador considerou que aquele passo era muito importante para a circulação na região e decidiu regular a passagem, proibindo a livre circulação por ele, fato que, como vimos, contrariou muito os jesuítas. Além disso, mandou construir uma guarita no local, obra de maior importância uma vez que aquela passagem era "llave de todos los caminos que van a las provincias de abajo y a maracayu".[475] A construção do *tambo* – espécie de guarita – no porto do Salto serviu ainda como testemunho do zelo do governador nos negócios de sua majestade.

Em vinte e dois de fevereiro de 1629, do porto de Maracayu, Céspedes solicitou que seu capitão Bartholome Sanchez de Vera fizesse um interrogatório com funcionários espanhóis, a fim de esclarecer com esses testemunhos algumas calúnias que "hombres de malas conciencias con poco temor de dios nuestro señor podrian poner contra su merced"[476].

---

[473] Copia de un capitulo de carta escrita por el Padre Nicolas Duran de la Compañia de Jesus al Padre Francisco Crespo de la misma Compañia en Buenos Aires a 24 de septiembro de 1627 sobre puntos tocantes a las reduciones. in.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, pp.169-170.

[474] Raçones con que se prueba que el hacer prohibido el g.or del Paraguay D. Luis Cespedes Xeria el paso del camino nuebo del Salto..., *op. cit.,* p.291.

[475] Testemonio de una relación de los sucesos ocorridos al gobernador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria durante su viaje desde que salió del rio Paranapane, *op. cit.,* p. 197.

[476] Auto del gouernador en que mando al teniente de maracayu hiciese ynformacion de como el gouernador no metio gente ni otra cosa de contrauando. in.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.164.

Pelo que nos contam as fontes, eram grandes as suspeitas que pairavam sobre Céspedes, desde sua chegada pelo caminho de São Paulo. Ainda antes da partida do planalto paulista, o governador solicitou aos padres do colégio de São Paulo uma certificação, concedida e assinada pelo padre Salvador de Silva, superior da casa naquele momento. O documento dizia ser "verdad que el señor don Luis de Cespedes governador de la provincia del paraguay pasando por aqui para su govierno no llevo consigo mas que sus criados y ropa de su servicio sin otra cossa alguma"[477]. O clima amistoso entre o governador e os religiosos ainda continuou por algum tempo, durante o qual Céspedes escreveu uma suposta carta no decorrer de sua viagem aos padres da Companhia de Jesus do Guairá, confirmada por muitos testemunhos coevos, alertando-os sobre uma grande expedição que estava sendo organizada pelos paulistas quando de sua estada na vila, reunindo cerca de novecentos portugueses e três mil índios aliados.[478] Já em terras paraguaias, o casamento contraído no Rio de Janeiro que o ligava à família portuguesa dos Sá, muito interessada nas vias de comércio do Paraguai, gerou mais polêmica quando Céspedes designou seu cunhado como *mestre de campo general,* cargo que o colocava acima de quaisquer outros homens, fossem espanhóis ou indígenas, nas campanhas de *pacificação* frente aos índios rebelados do alto Paraguai[479]. Ao mesmo tempo proibiu a venda de qualquer tipo de armas e munições aos índios aldeados. Para os jesuítas, esse foi um ataque direto às reduções uma vez que nesse mesmo momento o assédio dos paulistas se tornou mais intenso. Essas ações lhe renderam a inimizade tanto dos padres quanto dos *encomenderos.*

O interrogatório requerido por Céspedes foi mais uma tentativa de reunir provas sobre sua idoneidade e vigilâncias às coisas reais. As perguntas do interrogatório permitem entrever as preocupações do governador com as acusações de que havia percorrido ilicitamente a via de São Paulo e, pior, acompanhado de portugueses e contrabandos. Em carta de 1631 o

---

[477] Certificacion de los padres de la compañia de Jeshus del Colegio de San Pablo sobre la venida solida del governador del paraguay. In. **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, p.178.

[478] Peticion presentada por el procurador general de la villa Rica del Espiritu Santo Francisco de Villalba ante el cabildo, justicia y regimiento de la misma villa en 14 de diciembre de 1628 sobre que se hiciese información de cómo en los 60 años que llevaba de fundada aquella villa no habia entrado en ella y su provincia ningun gobernador anterior a don Luis de Céspedes Xeria y de los beneficios que habian resultado de la llegada de este governador. Villa Rica, 14 de diciembre de 1628. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.164

[479] SOTO MAIOR, Pedro. Relação dos manuscriptos que interessam ao Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, vol. 81, pp.9-288, 1917, pp. 38 e 39; BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola,** *op. cit.*, p. 105.

licenciado Mateo de Espinosa denuncia ao rei que Céspedes entrou na província "por la via de San Pablo (...) trayendo consigo mucha gente forastera y proibida, asi eclesiastica como segular los quales se han despachado a los reinos del peru con su ordem". A denúncia, uma entre as muitas encontradas na documentação, é grave porque mostra a conexão do governador com o reino do Peru. Além disso, Espinosa denuncia a bandeira paulista que chegou logo depois do governador à região "a su sombra y amparo", pra prear índios que fossem levados ao engenho que o governador possuia no Rio de Janeiro, onde já "cien varones indios e otras tantas mujeres" já trabalhavam como escravos.[480]

Entre as tentativas de demostrar sua inocência das acusações que recebia e demonstrar seu zelo na administração, a guarita foi um dos pontos discutidos no referido interrogatório. Uma das questões dizia respeito exatamente a ela:

> Se sabem, viram, ou ouviram que havendo visitado todas as províncias acima e as reduções do Pirapó e posto em ordem as coisas mais necessárias, cheguei ao porto do Salto de Guairá onde fundei uma guarita, na qual coloquei um guarda maior com seu escrivão e aguacil, e índios para sua ajuda e se sabme que é uma das coisas de maior importância que fiz para o bem geral destas províncias por ser o dito porto por onde forçosamente devem passar os passageiros e que é importantíssimo para que os portugueses, e gente, e contrabando não passem com tanta dissolução como se tem feito nos anos anteriores. [481]

Constam no auto cinco respostas, ou testemunhos, para as questões do governador. É muito notório que as respostas, já sugeridas nas próprias questões, sejam repetidas pelos funcionários interrogados. Todos os interrogados dizem saber da construção da dita guarita, ou *tambo*. As respostas são basicamente idênticas, mas mostram a importância do passo. Segundo elas, era um dos grandes serviços prestados à sua majestade por Céspedes, já que a

---

[480] Carta del gobernador eclesiastico de la diocesis del Paraguay licenciado Mateo de Espinosa a Su Magestad sobre los excessos que cometian en aquella provincia los portugueses de San Pablo del Brasil. La Asunción 4 de abril de 1631. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.265

[481] No original: Si saben vieron y oyeron que haviendo visitado todas las provincias de arriba y las reduciones del Pirapo y puesto en orden las cosas mas necesarias llegue al puerto del salto de guayra donde funde un tambo y en el puse una guarda mayor con su escrivano y aguacil y indios para su ayuda y si saben que es una de las cosas de mayor importancia que e hecho para el bien general destas provincias por ser el dicho puerto por donde forcosamente an de pasar los pasageros y que es ynportantisimo para que los portugueses y gente contra bando no pasen con tanto dissolucion como lo an hecho los años atrasados.Auto del gouernador en que mando al teniente de maracayu hiciese ynformacion de como el gouernador no metio gente ni otra cosa de contrauando. in.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.166.

passagem sem ordem de indígenas indo e vindo – ou fugindo do beneficiamento de erva mate –, bem como contrabandistas vindo pelo caminho de *San Pablo,* trazia grandes inconvenientes à Coroa.[482]

Muito já se falou na historiografia a respeito do comércio ilegal na América, tanto entre vilas portuguesas e espanholas, como entre as vilas espanholas do Peru e da bacia platina, desobedecendo os monopólios reais de mercadorias via Caribe.[483] Os motivos da escolha do governador pelo caminho de São Paulo nunca passaram de especulação. Entretanto, a intensa circulação de pessoas e mercadorias na região pode nos dar pistas, se concordamos com a ênfase de Boxer nas conexões entre Céspedes, os Sá e Benevides e o mundo peruano. Dessa forma, muito mais que uma simples escolha fortuita, o caminho feito pelo governador tentava amarrar as duas pontas de um cobiçado circuito comercial, desde a vila imperial de Potosí e toda sua movimentação de pessoas e prata, até a costa do atlântico, ponto de partida para se cruzar o oceano. A companhia de viagem de Céspedes também não contribuiu para sua imagem frente aos jesuítas no mundo guairenho: as comitivas bandeirantes que chegaram na região junto com o governador, e as sucessivas orlas que continuaram a chegar, foram um dos grandes empecilhos para a administração de Céspedes, logo deposto do cargo de governador, depois de intensas disputas com os jesuítas e com os *vecinos* espanhóis. A questão do caminho novo do salto foi apenas um dos elementos de animosidade entre a ele e os padres da Companhia. Mais impotante aqui é o papel daquele paso, como estratégico para aqueles que vinham da costa atlântica em direção aos caminhos que seguiam ao mundo peruano. Sobre esses caminhos, não é possível esquecer, entretanto, que a escolha por trilhar o interior do território já havia sido feita inúmeras vezes. Havia já quase um século que soldados, conquistadores e funcionários reais a serviço das Coroas ibéricas atravessaram saltos e palmilharam antigas trilhas e caminhos indígenas nas matas sul americanas.

---

[482] Auto del gouernador en que mando al teniente de maracayu hiciese ynformacion de como el gouernador no metio gente ni otra cosa de contrauando...*op. cit.* pp.169-179.

[483] CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640**, *op. cit*

3.2.2 – "Precipitam suas águas, como se caíssem do céu": a visão europeia dos saltos do Paraguai

Na virada do século XX, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Eduardo Prado diferenciava as três classes de cachoeiras bem distinguidas nos roteiros antigos:

> aquellas em que era preciso desembarcar toda a carga e varar ou arrastar as canôas por terra; aquellas em que as canôas podiam passar, mas descarregadas, sendo a carga levada por terra; e, finalmente, aquellas em que as canôas podiam passar, mas só com meia carga.[484]

Utilizadas para diferencias as corredeiras e quedas bastante comuns nos rios que partiam do planalto paulista rumo ao interior do continente, certamente nenhuma das categorias da classificação de Prado era suficiente para descrever a magnitude dos dois grandes saltos localizados na região do Guairá no século XVI. Separados por apenas algumas dezenas de léguas, o salto do Guairá no rio Paraná e as cataratas do rio Iguaçu foram notáveis obstáculos à navegação e à ligação fluvial dos povoamentos da região, sendo frequentemente citados na documentação cartográfica do período.

Localizado a três léguas da Ciudad Real, descendo o rio Paraná, o salto do Guairá impedia a navegação entre a região homônima e Assunção, capital da província e cidade mais importante do Paraguai. Na descrição do jesuíta anônimo já citada, é possível visualizar a magnitude das quedas:

> todo el Parana se viene a estrechar tanto, que uma légua atrás mas de çinco quartos de legua de ancho passa todo por espacio de un tiro de arcabuz y cae con tan grande fuerça que veinte léguas abajo no puede navegar por los grandes remolinos y corrientes que haçe.[485]

O governador Luis Céspedes, ao mencionar o salto, também comentou sobre o estreitamento do rio e a força da queda:

---

[484] PRADO, Eduardo. Os hespanhóes no Salto de Avanhandava no séc. XVI. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, v.4, pp.243-257, 1898-1900, p.252.

[485] Informe de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai e do Guairá..., *op.cit.*, p.173

> Es un salto grandicissimo que haze el dicho rio de la plata de siendo de legua e media de ancho vá angostandose hasta venir a ser de modo que se puedem rozar de una parte a otra una piedra y es tal el ruido que haze que estando en la ciudad real de guayra tres leguas e media se oye en ella como si estuvieram de bajo del – descrição do mapa mesmo[486]

Trata-se, como se sabe, de um dos maiores conjuntos de cachoeiras do continente, rivalizando em tamanho e quantidade de água com as cataratas do rio Iguaçu. O salto posteriormente conhecido como Salto das Sete Quedas, a despeito do nome, era na verdade um conjunto de 19 cachoeiras, agrupadas em sete grupos de quedas, que chegavam a mais de cem metros de altura.[487]

O tamanho do salto e a força das águas foram registrados no poema épico de Barco Centenera, já citado. Além da queda em si ("La pena pobre esta mas adelante/ Es alta como roca muy crecida/ Aqui na visto muchos un gigante/ De gran disposicion y muy crescida[488]) a agitação das águas do rio acima do salto é bastante marcante:

> Arriba de aqui estan los remolinos,/ Que es cosa de admirar y gran espanto/ En el médio de el agua ay torvellinos/ Como suele aca em tierra, y esto tanto/ Que navegando algunos, los vezinos/ Celebran sus obsequias com gran planto,/ Diziendo que Caribdis esta a punto, Para lo que viniere tragar junto./ Aqui muchas canoas se na perdido,/ Y muchos en mi tempo se anegaron.[489]

Caribdes é o descomunal redemoinho que Ulisses enfrenta no mar, no estreito de Messina. No sopé de uma montanha, Caribdes absorve e engole toda água do estreito três vezes por dia. Para escapar do perigo, o herói precisa passar pelo outro lado do estreito, formado por um rochedo que de tão alto toca o céu e é envolto em sombria nuvem que nunca se dissipa. No meio da parede há uma caverna, onde mora Scila, ser mitológico que tem doze

---

[486] Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes, que recorrió Luis de Céspedes Jeria, *op. cit.*

[487] As Sete Quedas foram submersas e, 1982 pelo lago da hidrelétrica de Itaipu, construída durante a década de 70. Mais informações em https://www.itaipu.gov.br

[488] BARCO CENTENERA, Martín del. **Argentina y conquista del Río de la Plata,** op. cit., p.13.

[489] BARCO CENTENERA, Martín del. **Argentina y conquista del Río de la Plata,** op. cit., p.13.

pés, seis pescoços com cabeças medonhas, cada uma com bocas de três séries de dentes.[490] A referência do poeta às espantosas figuras míticas foi incorporada na descrição do salto. Ruy Diaz Guzmán, que concluiu sua obra uma década depois de Centenera, relata uma entrada feita por Domingos Martinez de Irala pela província do Guairá, nos anos de 1550. O cronista nos conta que, depois de perder grande parte de sua gente na tentativa de transpor o salto por terra, Irala ordenou que o fidalgo Alonso Encinas fosse descendo o rio com as canoas restantes. Aqui os redemoinhos aparecem também abaixo das quedas. Segundo Guzmán, Encinas

> Acudio a lo que se encargo, com tanto providencia y cuidado, que salió com bien de los mayores peligros del río, en especial de um passo peligrosísimo, que hace tales remolinos que parecen grandes olas, que sorven el agua hasta el abismo sin dejar en ambas orillas cosa que no se mueva, alborote, arrebate y trague, trabucándola dentro de su hondura con tal velocidade que cogida uma vez cualquiera cosa, es casi imposible largarla de aquella ola o abertura tan grande que uma nao de la Índia fuera hundida con tanta facilidade como una nuez.[491]

Conta Guzmán que os indígenas armaram uma cilada, tentaram mandar os espanhóis diretamente para os redemoinhos. Encinas, descobrindo o plano peleou contra os índios fazendo-os fugir e depois ele e seus homens passaram

> sossegados a sus canoas, y amarradas de popa a proa con flertes cordeles las pasaron el riesgo una a una, con lo que fue Dios Nuestro Señor servido de sacarlos de aquel Caribdis y Scila hasta ponerlos en lo más apacible del río, de manera que salieron a salvamento en tempo.[492]

O eco das figuras mitológicas guardando o salto chegou até o século XVIII. Na *História da conquista del Paraguay, Rio de la Prata y Tucumán,* o padre Pedro Lozano repete as metáforas para descrever o mesmo episódio da expedição de Irala. Primeiro, um detalhe que não aparece no cronista paraguaio. Subindo o rio, foram por terra até "unas altíssimas barrancas que dominan el rio, cuando improvisamente se desprendió un pedazo de tierra em

---

[490] Quando Circe aconselha Ulisses sobre como atravessar o estreito, fala que "não há marinheiros que possam jactar de por ali terem passado, sem haverem perecido com suas naus". HOMERO. **Odisséia**. Tradução: Antônio Pinto de carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p.159.

[491] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.112.

[492] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.112.

que se hallaban diez y seis personas que todas perecieron ahogadas miserablemente". O choque da terra com o rio fez com que as águas ficassem revoltas, "como si algun huracan furioso" que "transtorno la galera con la facilidade que su fuera una cáscara de avellana, arrastandola el impulso violento boca à bajo mas de cien pasos".[493] Depois, Lozano conta a manobra de Encinas, quando passadas as canoas, "se libraron de eminente peligro, que no es inferior al que corren las naves mayores en los celebrados Scila y Caribdis".[494]

Nos versos de Centenera o salto passa de mero objeto de descrição para sujeito da ação: "El salto ya me esta gran priessa dando, /Dizeindo este lugar ser próprio suyo,/ E yo solo en le estar imaginando/ E miedo, y de pensarlo de mi huyo/ (...) La mano esta temblando, y lo rehuyo/ Por ser la cosa horrible y espantosa,/ Y en todo el Paraná maravillosa".[495] A grandiosidade do salto e a forte impressão que causou nos europeus podem ser vistas também na cartografia. Um dos poucos mapas que retratam detalhes de elementos platinos no período é a carta intitulada "Magellanes Rio de la Plata Asumpcion", publicado em 1624 na obra *Reys-boeck van het rijcke Brasilien, Rio de la Plata ende Magallanes, Daer in te sien is de gheleghentheyt van hare Landen ende Steden haren handel ende wandel met de v vruchten ende vruchtbaerheyt der selver*, [Roteiro do rico Brasil, rio da Prata, Magalhães e Le Maire, no qual podem-se ver a situação dessas terras e cidades, seus usos e costumes, produtos e fertilidade das mesmas, tudo ilustrado com estampas de cobre][496]. No frontispício da obra aparecem as iniciais N.G, que foram atribuídas ao livreiro Nicolas van Geelkerken, de Leiden. Joaquim de Souza Leão Filho, autor da tradução de partes da obra publicada na revista do Instituto Histórico Brasileiro, afirma que o roteiro é cronologicamente "o primeiro livro na opulenta bibliografia de viagens holandesas do século dezessete que trata com exclusividade do continente sul americano e em especial do Brasil.[497]

---

[493] LOZANO, Pedro. **História de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman.** Buenos Aires: Casa Editora Imprenta Popular, 1874, Tomo Terceiro, p.8.

[494] LOZANO, Pedro. **História de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman,** *op. cit.*, p.13.

[495] BARCO CENTENERA, Martín del. **Argentina y conquista del Río de la Plata,** op. cit., p.13.

[496] LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. Roteiro do Rico Brasil [Reys-boeck van het rijcke Brasilien, Rio de la Plata ende Magallanes, Daer in te sien is de gheleghentheyt van hare Landen ende Steden haren handel ende wandel met de v vruchten ende vruchtbaerheyt der selver, 1624]. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.303, pp.181-224, abr-jun 1974.

[497] LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. Roteiro do Rico Brasil, *op. cit.*, p.189.

Figura 44 - Detalhe do mapa "Magellanes Rio de la Plata Asumpcion", de 1624. Acervo da JCB Library de Provence.

Na gravura vemos a cidade de Assunção e soldados que saem dela em direção à Santa Cruz de la Sierra. Além das vilas, figuram algumas fortificações nas margens do rio da Prata e um pedaço do rio Paraná, no qual se vê uma cachoeira de grandes proporções, pouco antes das águas do rio desaguarem no Prata. No primeiro plano da imagem são registrados dois nativos, possivelmente representando os gigantes da Patagônia, além de outra figura, ajoelhada às margens da cachoeira (Figura 44).

O mapa é o único do corpo documental aqui analisado que traz detalhes sobre saltos ou cachoeiras[498]. A gravura mostra uma ligação entre as cidades de Assunção e Santa Cruz, bastante frequentada e habitada. Caminho provavelmente muito mais desejado do que, de fato, real. No texto da obra, o autor enfatiza a importância da imagem para os detalhes do caminho:

---

[498] As excepcionalidades da natureza americana, entretanto, têm presença marcante na cartografia dos dois primeiros séculos de ocupação. Para a região de Potosí, por exemplo, Andréa Doré mostra a escolha, utilização e apropriação de imagens de montanhas e vulcões no cartucho dos mapas americanos (DORÉ, Andréa. Imagens de Potosi na cartografia: a hierarquia de interesses nas representações de um continente a partir da obra de Arnoldus Montanus. In.: Olarte, Mauricio Nieto, and Sebastián Díaz Ángel. **Dibujar y pintar el mundo: arte, cartografia y política**. Colombia: Universidad de los Andes, 2015.) Alejandra Veja analisa etapas da representação da cordilheira andina nos mapas do Chile e a dinâmica da montanha no imaginário europeu no século XVI (VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI**. Descripión, reconocimiento e invención. Santiago: Direccion de Bibliotecas Archivos y Museos, 2014.)

> Quanto ao que se possa acrescentar sobre esta região, e em especial sobre o caminho que vai do Rio de la Plata a Assumpciom e Potosi, além das já mencionadas cataratas e da cordilheira, através da qual se passa, será melhor compreendido pela ilustração anexa do que explicado com palavras.[499]

Essa afirmação remete uma vez mais às questões já discutidas a respeito da suposta objetividade da imagem em detrimento ao texto escrito, além da domesticação do espaço americano num caminho simples de ser seguido. A obra consta de três mapas, mais quatro estampas de detalhes corográficos, além do texto descritivo, com o qual o autor guia o leitor, convidando-o a uma viagem pelo continente sul americano:

> subindo pela costa, Puerto Deseado e as terras e cidades que se situam no rio de la Plata, tais como Buenos-Aires, Assunción e Ciudad Real (Guairá). Para bem conhecermos a localização dessas terras, temos que acrescentar a passagem de Santa Cruz de la Sierra para o Cerro de Potosí. Feita esta viagem, voltaremos ao mar do Norte e subiremos a costa até as terras do Brasil.[500]

O monumental salto também é descrito na obra. Tratando dos produtos da terra, o autor afirma que há na região ouro e prata, porém sua exploração é inviável, já que os minérios deveriam ser levados por terra até o rio da Prata,

> pois o rio que passa por aí não é navegável, isso por causa das pedras que precipitam suas águas, como se caíssem do céu, de tão alto e com estrondo infernal que se ouve milhas em derredor; tampouco ousam dele aproximar-se animais e gente, tão densa e úmida é a serração levantada pelas ditas águas, que não se pode ver a cascata.[501]

Mais uma vez a grandiosidade da natureza americana maravilha autores europeus. As pedras que chegam até o céu e a eterna névoa densa que esconde a cascata mais parecem a parede rochosa onde habita Scila, mesmo que essa não seja textualmente citada.

Na mesma região outro conjunto de cachoeiras foi bastante registrado pelos europeus no período. As cataratas do Iguaçu também foram um considerável obstáculo na navegação fluvial do território. O adelantado Alvarez Nuñez Cabeça de Vaca, quando atravessou o sul do

---

[499] LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. Roteiro do Rico Brasil, *op. cit.*, p.194.

[500] LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. Roteiro do Rico Brasil, *op. cit.*, p.189.

[501] LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. Roteiro do Rico Brasil, *op. cit.*, p.192.

continente desde a costa do Brasil até Assunção foi o primeiro europeu, até onde se tem notícias, a registrar as quedas:

> E indo pelo dito rio de Iguaçu abaixo, era a corrente de tão grande fúria que corriam as canoas nele com muita fúria, e isto causou que muito perto de onde se embarcou dá o rio um salto por umas pedras abaixo, muito altas, e dá a água embaixo da terra tão grande golpe que de muito longe se ouve, e a espuma da água, como cai com tanta força, sobe para o alto duas lanças e mais. Por maneira que foi necessário sair das canoas e tirá-las da água e levá-las por terra até passar o salto e a força de braços as levaram mais de meia légua, em que se passaram muitos trabalhos. Salvado aquele mal passo, voltaram a colocar na água as ditas canoas para prosseguir sua viagem e foram pelo dito rio abaixo até que chegaram no rio do Paraná.[502]

As quedas do rio Iguaçu também não ficaram de fora da obra de Ruiz Díaz de Guzman. No capítulo 3, do livro I, "De la descripcion de lo que contiene dentre de sí este território", o autor descreve o rio,

> por el cual subiendo treinta leguas está aquel extraño salto, que entiendo ser la más maravillosa obra de naturaleza que hay, porque la furia y velocidad con que cae todo el cuerpo de agua de este río; son más de 200 estados por once canales, haciendo todas ellas un humo espesísimo en la región del aire de los vapores que causan: de aquí abajo, es imposible poderse navegar con tantas vertientes y rebatientes que hace, con grandes remolinos y borbollones que se levantan como nevados cerros. Cae toda el agua de este salto en una peña, como caja guarnecida de duras rocas y peñas, en que estrecha todo el río en un tiro de flecha, teniendo por lo alto del salto más de dos leguas de ancho, de donde se reparte en estas canales, que no hay ojos ni cabeza humana que le pueda mirar sin desvanecerse y perder la vista: óyese el ruido de este salto ocho leguas, y se ve el humo y vapor de estas caídas más de seis, como una nube blanquizca[503]

---

[502] **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, pelo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias.** Valladolid: Francisco Fernandez de Corboua, 1555, folhas LXVIII e LXIX. No original, "E yendo por el dicho rio de Yguaçu abaxo era la corriente del tan grande que corrían las canoas por el con mucha furia, y esto causólo que muy cerca de donde se embarco da el rio vn salto por vnas peñas abaxo, muy altas, y da el agua en lo baxo de la tierra tan grande golpe que de muy lexos se oye, y la espuma del agua, como cae con tanta fuerça, sube en alto dos lanças y mas, por manera que fue necessario salir de las canoas y sacallas del agua e lleuarlas por tierra hasta passar el salto y á fuerza de bracos las llenaron mas de media legua, en que se passaron muy grandes trabajos; saluado aquel mal passo boluieron a meter en el agua las dichas canoas y proseguir su viaje y fueron por el dicho rio abaxo hasta que llegaron al rio del Paraná.

[503] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.22.

O autor do "Roteiro do Rico Brasil" usa também o termo *cataratas*, pouco utilizado nas fontes do período, para descrever o salto do Rio Paraná: "voltando agora pela margem norte do Rio de la Plata, cessa o mencionado estrondo das cataratas; vem uma quantidade de ilhas e baixos, qual um labirinto, cujo número aqui calarei"[504]. Segundo o *Thesoro de la Lengua Castellana o Espanola*, publicado em 1611 e considerado o primeiro dicionário de língua espanhola, *catarata* significa, além das manchas esbranquiçadas nos olhos, "la caída del agua con gran impetu de lo alto, como aquella del Nilo, de que haze mencion Plinio lib.5.cap.9".[505] A importância e influência do Nilo no imaginário fluvial americano já foi tratado no capítulo anterior. Resta dizer aqui que a comparação dos saltos platinos com figuras mitológicas e autores clássicos mostra como os autores do período precisaram recorrer a elementos familiares para descrever a exuberância e grandiosidade da América. O início do período moderno é marcado por uma série de rupturas na visão de mundo dos eruditos europeus, como bastante discutido aqui. A operação epistemológica cognitiva europeia é marcada pelo uso de categorias familiares frente ao desconhecido. Mais do que conceber o diferente, nesse caso a natureza, a operação engloba o novo no familiar. Dessa forma, o completamente novo, sem precedentes, dá lugar ao superlativo.[506] Mesmo com essa operação, o espanto pelos saltos é visível na documentação consultada.

3.3 – "PORQUE CORRE MUITA GENTE POR ELES": CAMINHOS JÁ TRILHADOS NA TRAVESSIA SUL-AMERICANA

3.3.1 – Dos mitos e peabirus

> Nessa mesma costa ou terra há ainda memória de São Thomé. Quizeram também mostrar aos portugueses as pegadas no interior do

[504] LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. Roteiro do Rico Brasil, *op. cit.*, p.193.

[505] **Thesoro de la Lengua Castellana o Espanola**, compuesto por el licenciado don Sebastian de Cobarrubias Orozco, capellan de su Magestad, Mastrescuela y Canonigo de la Santa Iglesia de Cuenca, y Consultor dei Santo Oficio de la Inquisicion. Com privilegio en Madrid por Melchor Sanchez, 1611, p.144.

[506] VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI,** *op. cit.*, p.75.

> paiz. Mostram igualmente a cruz que há terra a dentro. E quando falam de São Thomé dizem que ele é o deus pequeno. Pois há outro deus que é maior. É bem crível que tenham lembrança de São Thomé, pois é sabido que São Thomé realmente está por traz de Malacca na costa de Simaratl no golfo de Ceilão.[507]

A travessia das porções meridionais da América, como vimos, não era novidade no início do século XVII. O trecho acima, retirado do documento conhecido como *A nova gazeta da terra do Brasil* dá algumas pistas sobre questões concernentes aos primeiros contatos dos europeus com o interior do continente, enfatizando um elemento importante para a discussão sobre os caminhos e deslocamentos no Novo Mundo. Muito antes dos europeus desembarcarem nas praias americanas, outro personagem teria não só chegado na América, mas construído caminhos, circulado e pregado o evangelho: São Tomé.

A *Nova gazeta*, datada de c.1515 é o primeiro de muitos documentos que registram a passagem do dito apóstolo pelo continente[508]. A relação do apóstolo Tomé e a evangelização de povos não europeus já aparece em escritos do século VI referentes à Índia. Com várias configurações e detalhes diferentes, o mito atravessou séculos e continentes até que o santo chegasse à América[509]. O deslocamento de São Tomé da Índia para o América tem ainda importância maior quando pensado à luz dos grandes problemas geográficos que o descobrimento de um novo mundo trouxe aos teólogos e cosmógrafos europeus. Para o autor da *Nova Gazeta*, "é bem crível que tenham lembrança de São Thomé, pois é sabido que São Thomé realmente está por traz de Malacca". Ora, se é crível que tenham lembrança é porque

---

[507] SCHULLER, Rodolpho R. A nova gazeta da terra do Brasil (Newen Zeytung auss Presillg Landt) e sua origem mais provável. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v. XXXIII, pp. 115-144, 1911, p.117.

[508] No documento original não constam nem data nem autor. Trata-se da descrição de uma expedição à porção sul do continente americano. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o documento refere-se a viagem de um dos navios armados por d. Nuno Manuel, Cristovão de Haro e outros, que em 1514 já se encontrava ancorado na ilha da Madeira, retornando da viagem ao novo mundo (HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso,** *op. cit.*, p.175). Rodolpho Schuller, em estudo crítico que segue a reprodução do documento em número dos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro aqui citado, lista uma série de tentativas de datação do documento, todas entre 1510 e 1515. Ele mesmo assume que "se assim for, e se não houver algum erro na interpretação dos algarismos da parte do paleographo, neste caso se trataria de uma viagem de Portuguezes ao Brasil em 1513-1514" (SCHULLER, Rodolpho R. A nova gazeta da terra do Brasil..., *op. cit.*, p.130).

[509] Sérgio Buarque de Holanda analisou as transformações do mito, mostrando a continuidade de muitos dos motivos que acompanham a história de Tomé nos diferentes locais por onde o apóstolo teria passado, além de fazer uma revisão da aparição do mito em obras medievais, como na carta de Preste João ou na narrativa de Marco Polo. Segundo o historiador, trata-se do único mito da conquista americana de gênese luso-brasileira (ver cap. 5 – "Um mito luso-brasileiro". HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso,** *op. cit.*, pp.172-201)

também é crível que o santo pudesse passar de Malaca à América, e daí à costa oriental atlântica. É lícito concluir, portanto, que o autor do documento, escrevendo ainda nos primeiros anos do século XVI, compartilhava com muitos europeus as dúvidas sobre a condição e a independência geográfica do continente americano.

Depois dos primeiros contatos, houve um longo e complexo processo de apropriação da América na geografia europeia, ou, como escreve Edmundo O'Gorman, um processo de *invenção*[510]. Ilha, continente ou península asiática, as dúvidas sobre a realidade geografia americana afetavam também as crenças cosmológicas europeias. Se um *novo mundo* estava sendo descoberto e mapeado, ele deveria ser explicado como parte do *orbis terrarum*, a porção de terra habitada que, mesmo com muitas variações de forma e concepção, era o modelo mais aceito no período, unindo argumentos da tradição clássica, da Bíblia e das observações empíricas feitas até então.[511] Se as novas descobertas geográficas começaram a colocar em cheque as antigas concepções bíblicas, o deslocamento de São Tomé da Ásia para a América tinha importância determinante em dois processos. Primeiro, unia cosmologicamente o velho e o novo mundo. São Tomé cumpriu os desígnios de Cristo, anunciando a boa nova a todas as criaturas, chegando até os confins do Oriente e daí à América, onde também se encontravam criaturas de Deus.[512] Dessa forma, o novo mundo não seria tão novo assim. Invertendo essa argumentação, Sérgio Buarque considera que a crença

---

[510] O estudo de O'Gorman, que teve sua primeira edição na década de 1950, tem inegável importância nas discussões a respeito da mudança de concepção de mundo dos europeus no período moderno. Entretanto, concordo também com as críticas feitas por muitos historiadores, entre eles Ricardo Padrón, em especial a respeito do relativo eurocentrismo dos argumentos de O'Gorman, que considera a gestação da ideia de América, ou, o processo de invenção, como algo exclusivamente europeu, sem atentar para os complexos processos de interações culturais. Além disso, O'Gorman considera a América como uma entidade única, homogênea e coerente, longe da realidade que o diversificado tecido cultural das sociedades americanas apresentavam quando os europeus aqui chegaram. O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992; PADRON, Ricardo. **The spacious word,** *op. cit.*

[511] Sobre o processo de transformação da concepção de *orbis terrarum*, partindo da ideia de terra plana até chegar no globo terrestre, entidade única formada pelas esferas de terra e água, ver RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre. Uma mutação epistemológica rápida (1480-1520)**. Campinas: Papirus, 1994.

[512] CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. O mito do São Tomé americano e a circularidade cultural na América colonial. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, v.13, n.1, pp.65-93, verão de 2008, pp.88-89.

de que a América seria uma grande península asiática[513] facilitou o deslocamento do mito do velho para o novo mundo.[514]

Em segundo lugar, o deslocamento do mito tem papel importante no processo de conversão dos habitantes do novo continente. É na documentação jesuítica que os feitos de São Tomé ganham força em terras americanas. Manuel da Nóbrega, padre encarregado da primeira missão jesuíta na América, faz menção ao santo em carta escrita da Bahia, em 1549:

> Dizem eles que Santo Tomé, a quem chamam Zomé, passou por aqui. Isto lhes ficou por dito de seus antepassados. E que as suas pisadas estão sinalizadas junto de um rio, as quais eu fui ver por mais certeza da verdade, e vi com os próprios olhos quatro pisadas mui sinaladas com seus dedos, as quais algumas vezes cobre o rio quando enche.[515]

A referência de Nóbrega a São Tomé mostra dois elementos que serão uma constante na documentação posterior que cita a passagem do apóstolo: as pegadas, nas pedras, caminhos e beiras de rio; e a confusão entre a nomenclatura de Tomé, Zomé ou Zumé e Pay Tumé.[516] Para Holanda, mais que apenas mesclar os nomes, a tradição jesuíta acabou por mesclar também as histórias, incrustando tradições cristãs em crenças originárias dos povos da terra:

> que a presença das pegadas nas pedras se tivesse associado, entre estes, e já antes do advento do homem branco, à passagem de algum herói civilizador, é admissível quando se tenha em conta a circulação de semelhante associação se achar disseminada entre inúmeras populações primitivas, em todos os lugares do mundo.[517]

---

[513] Sobre a ideia de América como península asiática direcionada ao sul, ver O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**, *op. cit.*, principalmente páginas 156 e seguintes.

[514] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso,** *op. cit.*, p.176.

[515] Informação das terras do Brasil. Baía Agosto de 1549. in.: **Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega**. Com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite S. I. Coimbra, Tipografia da Atlântida, 1955, p.66.

[516] As pegadas de São Tomé chegaram também na literatura. Macunaíma, o herói sem caráter de Mário de Andrade, encontra as pegadas do santo no caminho para São Paulo, quando vai procurar Venceslau Pietro Pietra e sua muiraquitã. O personagem encontra uma cova cheia d'água em uma pedra no meio do rio: "E a cova era que nem a marca dum pé gigante (...) Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira." ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, pp.39-40.

[517] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso,** *op. cit.*, pp.180.

Claro está que entre os missionários jesuítas essa origem fugidia, que mesclava tradições católicas e ameríndias, foi de grande ajuda na catequização dos povos americanos. Antonio Ruiz Montoya, conhecido jesuíta espanhol responsável pelas missões na região sul, escreve em sua *Conquista espiritual* que São Tomé não apenas passou pela América, mas também ensinou o santo evangelho aos índios e profetizou a chegada de outros homens brancos, como ele, que viriam e novamente anunciariam a palavra de Deus, muito tempo depois, quando ela já tivesse sido esquecida entre os povos americanos.[518] Dessa forma, a primazia jesuítica sobre a evangelização americana estava legitimada por uma profecia do apóstolo de Cristo. Para o historiador argentino Enrique Gandia, o argumento não agradava apenas os jesuítas, que auxiliaram e reforçaram sua circulação, mas também ao papa, que via com bons olhos as histórias que chegavam da América, afirmando que um enviado de Cristo teria chegado ao novo mundo antes dos conquistadores espanhóis. Sendo assim, a Igreja teria mais direitos sobre a posse das terras do que o próprio rei da Espanha.[519] Gandia discorda de Sérgio Buarque quando trata das origens do mito entre os povos ameríndios. Para ele não havia nenhum mito de origem que se assemelhasse ao contado pelos jesuítas em suas obras. Mais ainda, o nome citado, *payzumé*, seria a forma como os indígenas conheciam os próprios religiosos.[520]

Dos registros do São Tomé americano deixados na documentação dos séculos XVI e XVII, o que mais interessa aqui são as passagens que dizem respeito aos supostos caminhos construídos pelo apóstolo, ou, as referências ao "São Tomé engenheiro", para usar a expressão de Holanda.[521] Junto com pegadas deixadas em pedras América afora, a

---

[518] Segundo o jesuíta, são Tomé, ou santo Tomás, como ele chama, foi o responsável pela evangelização de negros e índios. Sobre a América, escreve o jesuíta que "Y si esto es verdad, como lo es infalible, como se puede pensar que dejaron a oscuras sin la luz del Evangelio toda la America, que segun cuenta matematica es casi la tercera parte del mundo? Que haya sido Santo Tomas el que ilustró los indios del Occidente con su predicacion, es muy gran conjetura el haberle escogido Cristo nuestro Senor por Apóstol de la gente um abatida del universo mundo, para negros y índios". MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista espiritual hecha por los religiosos de la compañia de Jesus,** *op.cit.*, pp.32 e seguintes.

[519] GANDÍA, Enrique de. **Historia crítica de los mitos de la conquista americana**. Buenos Aires; Flórida: Juan Roldán y companhia, 1929, p.225.

[520] Gandia cita um documento do Archivo de Indias onde se lê que "murieron dos deles e los demás escaparon dizendo que heran hijos de payzumé, que és el comissário fray bernaldo de armenta, fraile de la orden de S. Francisco". Trata-se do frei Bernando de Armentía, que já vivia na costa catarinense em meados do século XVI e acompanhou o adelantado Alvar Nuñez Cabeza de Vaca até Assunção. GANDÍA, Enrique de. **Historia crítica de los mitos de la conquista americana,** *op. cit.,* 236.

[521] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso,** *op. cit.,* pp.182

documentação coeva traz indícios de caminhos misteriosos como o Mairapé, na baía de Todos os Santos, ou o mais famoso de todos, que ligava a costa do Brasil ao Paraguai, chamado de Peabiru ou Piabiyu, ou ainda Caminho de São Tomé ou do Pay Zumé.[522]

Aqui, uma vez mais encontramos uma enxurrada de referências, muitas vezes cruzadas, entre caminhos indígenas reais percorrido por europeus e o mito do santo evangelizador que o teria construído. A referência mais famosa ao caminho, ligando-o ao santo e às suas pegadas é do padre Montoya, escrita em 1639:

> É fama constante em todo o Brasil entre os moradores portugueses e entre os naturais que habitam toda a Terra Firme que o santo apóstolo começou a caminhar por terra desde a ilha de Santos, situado ao sul, na qual hoje se vem rastros que manifestam este princípio de caminho ou rastro, nas pegadas que o santo apóstolo deixou impressas em uma grande pedra que está no final da praia, onde desembarcou em frente a barra de São Vicente, que por testemunho público se veem hoje, menos de um quarto de légua do povoado. Eu não as vi, mas 200 léguas dessa costa terra adentro, vimos meus companheiros e eu um caminho que tem oito palmos de largura e nesse espaço nasce uma pequena erva e nos dois lados do caminho cresce até quase meia vara, e ainda que murcha a palha se queimem aqueles campos, sempre nasce a erva a este modo. Corre este caminho por toda aquela terra e me tem certificado alguns portugueses que corre sem interrupção desde o Brasil e que comumente o chamam o caminho de Santo Tomé e temos tido a mesma relação dos índios de nossa espiritual conquista.[523]

Ainda hoje a questão dos caminhos indígenas interligando regiões longínquas da porção sul do continente americano gera muita discussão entre historiadores, geógrafos e arqueólogos. Existem muitas pesquisas que tentam desvendar os supostos mistérios da milenar trilha, chamada *Peabiru*, que partiria da costa atlântica brasileira, chegando até a

---

[522] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso,** *op. cit.,* pp.183.

[523] MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista espiritual hecha por los religiosos de la compañia de Jesus,** *op. cit.,* p.30. No original, "Fama constante es en todo el Brasil entre los moradores portugueses y entre los naturales que habitan toda la Tierra Firme, que el santo apóstol empezó a caminhar por tierra desde la isla de Santos, sita al Sur, en que hoy se vem rastros que manifiestan este principio de camino ó rastro, en las huellas que el santo Apóstol dejó impresas em uma gran pena que está al fin de la playa, donde desembarco en frente de la barra de San Vicente, que por testimonio público se ven el dia de hoy, ménos de un cuarto de legua del pueblo. Yo no las he visto; pero 200 leguas de esta costa la tierra adentro, vimos mos compañeros y yo un camino que tiene ocho palmos de ancho, y en este espacio nace una muy menuda yerba, y a los dos lados de este camino crece hasta casi media vara, y aunque agostada la paja se quemem aquellos campos, siempre nace la yerba á este modo. Corre este camino por toda aquella tierra, y me han certificado algunos portugueses, que corre muy seguido desde el Brasil, y que comunmente le llaman el camino de Santo Tomé, y nosotros hemos tenido la misma relacion de los indios de nuestra espiritual conquista".

costa do Pacífico, no Peru. Durante algum tempo a construção do caminho chegou a ser considerada uma obra incaica. Além dos incas e de São Tomé, outras hipóteses atribuem aos indígenas do tronco macro Jê a construção, como forma de ligar uma tribo à outra. Alguns resquícios do caminho foram encontrados por arqueólogos em cidades do interior do estado do Paraná. De qualquer forma, se a existência do caminho, ou de *caminhos*, é evidente, sua construção, continuidade e utilização ainda geram discussão.[524]

Do ponto de vista da história, a documentação é vestigial e bastante confusa a esse respeito. Ao que tudo indica, existia a possibilidade de se ir por terra da costa atlântica até os contrafortes andinos e o Peru. Entretanto, não me parece possível afirmar com segurança, a partir da leitura documental, a existência de um grande e único caminho que ligasse esses territórios. Ao que parece os caminhos eram muitos. Não há dúvidas, porem, de que a penetração e a ocupação do território só foram possíveis com a utilização desses e a partir de alianças com os grupos ameríndios.

3.3.2 – Dos muitos caminhos percorridos

Em meados do século XVI, Diogo Nunes escreveu a d. João uma carta descrevendo sua viagem ao Peru e ao interior do continente, na região do rio Amazonas. A partir dali, segundo ele, era possível "ir a São Vicente atravessando pelas cabeceiras do Brasil, tudo por terra firme". Mesmo com a ressalva de que "há muita terra que andar", a travessia do continente parecia ser realizável.[525] A carta traz também uma descrição da terra, registrando a

---

[524] As discussões sobre as origens do Peabiru extrapolam o mundo acadêmico, tornando conturbada e nebulosa uma tentativa de sistematizar os resultados. Se para os arqueólogos a hipótese de que o caminho teria sido construído pelos incas já foi descartada há bastante tempo, alguns autores ainda defendem essa possibilidade. Para uma leitura acadêmica sobre o assunto, ver CHMYZ. Igor; SAUNER, Zulmara Clara. Nota Prévia sobre as Pesquisa no Vale do Rio Piquiri, **Dédalo**, São Paulo, n. 13, p. 07-31, jun. 1971; BORGES, André Essenfelder. **Caminhos da cultura indígena: o Peabiru e o neindianismo.** 141f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006; COLAVITE, Ana Paula. **Contribuição do geoprocessamento para criação de roteiros turísticos nos caminhos de Peabiru-PR**, 162f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

[525] No original, "tambem poderey ir por São vt. atraveçando pelas cabeçadas Do brazil tudo por trã firme / porem ha muyta trã q' andar". Carta de Diogo Nunes escripta a D. João III acerca do descobrimento de sertões aonde podia chegar atravessando a terra de S. Vicente (Província de S. Paulo). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro**, Tomo Segundo, pp.375-379,1840, p.376.

imprecisão geográfica comum nas primeiras expedições território adentro, notadamente o itinerário dos grandes rios. Segundo Nunes,

> Esta terra está entre o rio da Prata e o Brasil, pela terra adentro por esta terra vem o rio grande das Amazonas e na paragem desta terra tem este rio muitas ilhas no rio e bem povoadas de gente bem luzida e da outra banda do rio há muita povoação da mesma gente de maneira que de uma banda e de outra está bem povoada[526]

A grande quantidade de povoações indígenas era uma constante em toda a região e é reforçada continuamente na documentação. Quando trata dos povos que encontrou, Diogo Nunes fala da abundância de peixes que obtinham no rio, e que "eles levam a vender pelo sertão". Nesse comércio, "eles têm contratações com outros índios" e "vão os caminhos muito abertos de muito seguidos porque corre muita gente por eles".[527]

Outro indício dos caminhos aparece na carta do irmão Antônio Rodrigues aos jesuítas de Coimbra, escrita em São Vicente em maio de 1533. Rodrigues tem uma trajetória peculiar pelo continente americano. Depois de atravessar o oceano como soldado da armada de Pedro Mendoza com destino ao Rio da Prata em 1534, ele aparece como um dos possíveis soldados desertores que acompanharam o bávaro Ulrico Schmidl quando foi de Assunção a São Vicente por terra, para embarcar com destino a Europa, no ano de 1553.[528] A carta de Antônio Rodrigues deve ser tomada também como uma espécie de expiação, na qual ele conta sobre seu processo de conversão. O início da carta marca o tom que acompanha sua narrativa:

---

[526] No original, "Esa terra esta entre o rio da prata e brazil, pela terra adentro por esta terra vem o rio grande das amazonas e na paragem desta terra tem este rio muitas ilhas no rio e bem povoadas de gente bem luzida e da outra banda do rio ai muita povoação da mesma gente de maneira q de uma banda e de outra esta bem povoado. Carta de Diogo Nunes escripta a D. João III, *op. cit.,* p.376.

[527] No original, "E tem suas comtratações com outros Imdios – uão os caminhos muyto abertos de muyto seguydos porq' corre muyta jemte por eles". Carta de Diogo Nunes escripta a D. João III, *op. cit.,* p.377.

[528] Em seu relato, Schmidl escreve sobre quatro espanhóis e dois portugueses que o teriam acompanhado, possivelmente desertores. Gentil de Moura, com base em alguns trechos da obra do padre Simão de Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus*, sugere que um dos portugueses seria Antônio Rodrigues, ex-soldado que logo depois se converteu e ingressou na ordem jesuíta. MOURA, Gentil de. O caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, v.13, pp.167-180, 1908, pp. 172 e seguintes; e VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos n'esta parte do novo mundo** (1.ª ed. 1663). Volumes 1 e 2. Lisboa: Editor A. J. Fernandes Lopes, 1865

> Ainda que até agora, com muitos perigos, andei navegando por este mar do sul, onde há tantas tormentas, que poucos navios escapam, contudo confesso, Caríssimos Irmãos, até agora ter navegado por outro mar mais perigoso, que é o deste mundo e suas vaidades, onde tantos se perdem, do qual Nosso Senhor me livrou por meio do Padre Manuel da Nobrega (...) vendo quanto tempo e com quantos perigos tinha sido soldado no mundo, com tão pouco proveito, e que entrando nela entrava em melhor batalha, que é de almas, e com tão grande prêmio, que é a remuneração eterna[529]

O soldado arrependido conta na carta sobre sua ida do Brasil ao Peru e de outros episódios marcantes da conquista e povoação do rio da Prata, que aparecem também em outras fontes coevas. Não deixa de ser interessante o fato de Rodrigues falar de *Brasil*, uma vez que, pela descrição, sabemos que sua expedição partiu do Paraguai com destino ao Peru. Isso pode significar uma ideia de unidade territorial do ponto de vista jesuíta. De qualquer forma, no final da carta o autor conta que deixou aquela terra do Paraguai e veio a São Vicente, "que são perto de 360 léguas, por uns gentios chamados Topinaquinas".[530] Depois disso, já tratando dos projetos de conversão indígena, Rodrigues afirma que "já o caminho está feito daqui ao Perú, e a gente muito aparelhada para receber a nossa santa fé". Como exemplo bem sucedido, cita dois freis franciscanos que, alguns anos antes "entraram cerca de 50 léguas daqui desta Capitania, pela terra adentro, caminho dos Carijós, e a uma aldeia deles chamaram Província de Jesus, onde fizeram admirável fruto".[531] Não é difícil perceber, através do trecho citado, que a circulação de indígenas e jesuítas era frequente pela *terra adentro*. Da mesma forma é visível que os caminhos percorridos eram indígenas, *o caminho dos carijós*, pelo qual os referidos freis entraram.

Entradas em outras regiões da América portuguesa corroboram o fato de que diversos caminhos cortavam o interior do continente. Na virada do século, uma expedição saiu da vila de São Paulo com destino aos sertões ao norte da capitania.[532] Apesar das poucas referências a

---

[529] Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuíta portuguez na América do Sul, no século XVI. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, vol. XLIX, pp. 63-73, 1927, p.63.

[530] Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuíta portuguez na América do Sul, *op. cit.*, p.70.

[531] Tratam-se provavelmente dos freis Bernando de Armenta e Afonso Lebrón, os mesmos que acompanharam o governador Cabeza de Vaca em sua expedição. Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuíta portuguez na América do Sul, *op. cit.*, p.70.

[532] Segundo Orville Derby, o roteiro da expedição foi impresso, originalmente em língua latina, na obra *Historia Natural do Brazil*, dos naturalistas holandeses Pise e Marregraff, em 1648; no Brasil, apareceu na obra de Capistrano de Abreu, *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século*

ela na documentação, parece ter sido uma das entradas realizadas a mando do governador D. Francisco de Souza, em busca da serra de Sabarabuçu, supostamente rica em metais e minérios e encravada nos sertões da América portuguesa. As buscas pelas montanhas fabulosas de Sabarabuçu foram um grande incentivo para as primeiras entradas no território, tanto a partir do rio São Francisco como da região de São Vicente[533]. O autor do roteiro, Wilhelm Glimmer conta que a comitiva partiu pelo Anhembi, seguindo a pé quatro ou cinco dias, "através de densas matas" seguindo o rumo do norte. No trajeto, os mesmos obstáculos das outras expedições já analisadas: corredeiras nos rios, cataratas e saltos "onde o rio, apertado entre montanhas alcantiladas, se despenha" – lugares nos quais era necessário caminhar com as canoas pelas margens.[534] O roteiro é particularmente interessante por apresentar algumas descrições da paisagem, algo bastante escasso na documentação da época. Segundo o autor,

> com cinco ou seis dias de marcha, chegámos a raiz de um monte altíssimo, e, transpondo-o descemos a uns campos mui descortinados e aqui e acolá sombreados de bosques, nos quaes se vêem lindíssimos pinheiros, que dão frutos do tamanho de uma cabeça humana; as nozes desses frutos tem a grossura de um dedo médio e são protegidas por uma casca (...) Por muitas milhas no interior se encontram arvores desta espécie.[535]

Sobre os rios da região, o autor escreve sobre as travessias em "embarcações chamadas jangadas" e deduz que os três rios pelos quais passaram "confluem num só leito e vão desaguar no Paraguay, em razão de que o curso deles é para o sul, ou para o Occidente".[536] Caminhos terrestres e rios fazem parte de um só conjunto de trilhas que levam

---

XVI, publicado originalmente em 1883. Alguns anos depois, o próprio Derby reproduz todo o roteiro, acompanhado de um estudo crítico, na RIHGSP, sugestivamente intitulado *Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas*. DERBY, Orville. Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, v.4, pp.329-351, 1898-1900

[533] Para uma análise aprofundada sobre a busca da serra, ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso,** *op. cit.*. No quarto capítulo da obra o autor trata da busca por um "outro Peru", em referência à vontade portuguesa – muito maior do que os indícios reais – de encontrar na sua parte do continente metais e minérios, como em Potosí. Para acompanhar a política de incentivo a descoberta de minas de D. Francisco de Souza em São Vicente, ver VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes,** *op. cit.*

[534] DERBY, Orville. Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas, *op. cit.*, p.334.

[535] DERBY, Orville. Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas, *op. cit.*, p.334-335.

[536] DERBY, Orville. Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas, *op. cit.*, p.334-335.

ao sertão. Tratando dos caminhos, Glimmer conta que "tendo-nos demorado aqui quase um mês, abastecidos de vitualhas, proseguimos a nossa viagem em rumo de noroeste e, decorrido um mês, sem encontrar rio algum, chegamos *a uma estrada larga e trilhada* e a dois rios de grandeza diversa".[537] Orville Derby quando analisa o roteiro considera provável que a rota tenha sido determinada por "caminhos já existentes dos índios". O autor utiliza essa premissa para tentar "reconstruir grande parte do caminho da bandeira de 1601".[538] Como conclusão, Derby afirma que a expedição deve ser habilmente aproveitado "as feições naturais dos rios navegáveis, campos abertos, espigões descampados e gargantas baixas". Além disso, corrobora a hipótese já levantada da importância dos caminhos indígenas quando diz ser

> pouco provável que um grupo de homens criados em S. Paulo tivesse, na primeira investida do um sertão inteiramente desconhecido, acertado, sem guias, tão bem com o caminho mais fácil. A conclusão a tirar é que este Sertão já era trilhado pelos gentios e que os bandeirantes nesta, como em muitas outras entradas no sertão (...) apenas seguiram caminhos já existentes, pelos quais se comunicavam entre si os índios de diversas tribos relacionadas, ou grupos destacados de uma mesma tribo.[539]

Se a existência de um emaranhado de trilhas é certa, Derby e muitos outros autores já se debruçaram na tentativa de reconstrução geográfica desses caminhos. No início do século XX Gentil Moura, outro sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, publicou no volume treze da revista do instituto o artigo "O caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo", no qual tenta reconstruir o itinerário de outro viajante quinhentista que atravessou a região, Ulrico Schmidl.[540] Moura afirma que os "incansáveis investigadores" – e também sócios do institutos – Orville Derby e Theodoro Sampaio foram em São Paulo os fundadores desse gênero de estudos. Aos seus trabalhos se deve um grande número de itinerários reconstruídos. A importância desses estudos, para os seus autores, reside no fato de que "seguindo seu delineamento [dos itinerários] é que se poderá acompanhar a marcha conquistadora da civilização e da distensão territorial" e, a partir disso adquirir território

---

[537] DERBY, Orville. Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas, *op. cit.,* p.334-335, grifos meus.

[538] DERBY, Orville. Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas, *op. cit.,* p.338.

[539] DERBY, Orville. Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas, *op. cit.,* p.343

[540] MOURA, Gentil de. O caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, v.13, pp.167-180, 1908.

através da "primazia no descoberto". A questão estava ligada ainda à posse da terra e aos interesses de Portugal e Espanha nessa porção do território, em que o conhecimento geográfico era ainda incipiente e a *fronteira* era algo suficientemente fluido e permeável para permitir explorações de ambos os lados. Assim, conhecer o território, ou, saber o que já se conhecia do território permitia reivindicá-lo "das mãos dos hespanhóes, que o minavam pelo interior, ao passo que os portugueses se viam absortos na povoação e defeza da costa".[541]

Frutos de uma outra perspectiva em relação a história, esses trabalhos buscavam muito mais a coleta de informações e a crítica a respeito da veracidade geográfica dos relatos. A despeito disso, em grande parte das vezes os roteiros reconstruídos são pouco convincentes. Por trás desse *modus operandi* existia a tentativa de enaltecer os esforços feitos pelos habitantes da São Paulo quinhentista durante o primeiro século de conquista. Esse aspecto fica evidente quando Gentil Moura lista as motivações dessas expedições. Além da busca incessante pelo ouro e pelos indígenas, os exploradores "sem mais interesse material, levados por esse amor que a pátria nunca paga, mas que o coração sempre sente, partiam através do sertão inóspito e longínquo a expulsar do território o atrevido invasor da sua capitania"[542]. Claro está que não é intuito desse trabalho reconstruir os itinerários ou mapear onde os caminhos de fato passavam. O interesse aqui, conforme espero ter demonstrado, está na investigação do que se conhecia da geografia da região *ao rés do chão*, para analisar qual era a dinâmica desse conhecimento em relação às grandes obras descritivas do continente e aos mapas que circularam pela Europa e dessa forma lançar algumas luzes no processo de mapeamento do espaço americano. Nesse sentido, os estudos que tentam reconstruir os itinerários, mesmo que a partir de uma perspectiva que já não é mais utilizada pela historiografia, nos dão informações valiosas a respeito da documentação existente e de como ela já foi utilizada pela historiografia.

Duas das mais conhecidas viagens quinhentistas pelo interior da América do Sul também tiveram como palco a região aqui estudada. Em 1541, o recém nomeado governador da província do Rio da Prata, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca aportou na costa americana, vindo da Espanha. Primeiro em Cananeia, onde tomou posse da terra em nome do rei espanhol, depois, no rumo do Sul, em São Francisco, e por fim na Ilha de Santa Catarina, atual Florianópolis. Depois de alguns meses de preparativos, tomou caminho por terra até

---

[541] MOURA, Gentil de. O caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo, *op. cit.*, pp.167 e 168.

[542] MOURA, Gentil de. O caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo, *op. cit.*, p.167.

Assunção, no Paraguai, seu destino final, onde chegou em 11 de março de 1542. A narrativa de sua viagem, conhecida como *Comentários* foi escrita, como ele mesmo afirma no proêmio da obra, "com grande diligencia e verdade" pelo secretário do *adelantamiento y governacion*, Pero Fernandez. Cabeza de Vaca é um dos personagens mais intrigantes e conhecidos da chusma de aventureiros que atravessou o Atlântico no século XV. Algumas décadas antes de ser nomeado *adelantado* do Rio da Prata, o fidalgo fez parte da expedição de Pánfilo de Narváez à Flórida. Depois de catástrofes e insucessos antes mesmo de atingir o destino, restaram apenas quatro sobreviventes entre os mais de quatrocentos homens que embarcaram em Sanlúcar de Barrameda em 1527. Durante uma década o quarteto de náufragos, entre os quais estava o adelantado, percorreu quase vinte mil quilômetros a pé entre a Flórida e o México, sobrevivendo a muitos grupos indígenas hostis antes de serem resgatados e voltarem à Espanha. [543]

Depois desses episódios, narrados na obra *Naufrágios*, Cabeza de Vaca foi nomeado *adelantado*, voltou ao Novo Mundo e mais uma vez encarou o interior do continente a pé, dessa vez com seus "dozíentos y cinquenta hombres arcabuzeiros y ballesteros muy diestros em las armas, e viente e seys cavalos"[544]. Seu governo, porém, durou pouco. Passados dois anos em Assunção, o governador decidiu partir rio Paraguai acima e explorar aquela região na busca de notícias sobre as fabulosas riquezas do Rei Branco. Quando retornou a Assunção, se deparou com uma rebelião liderada por um de seus capitães, Domingo de Irala. Acabou preso e enviado novamente para a Espanha. A obra *Comentários* é, na verdade, a defesa do governador perante o *Consejo de Indias*.

O relato sobre as viagens e entradas do governador é a primeira obra impressa e divulgada que mostra o interior da porção sul da América. Sua primeira edição foi publicada em Valladolid em 1555. Daí sua importância para o conhecimento geográfico da região entre os europeus. O caminho feito pelo adelantado, sempre que mencionado, faz ressoar histórias ainda mais antigas. Muito se tem falado sobre o caminho ser o mesmo percorrido algumas

---

[543] Para mais informações sobre Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, ver **Relacion de los naufrágios y comentarios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca adelantado y governador del Río de la Plata**, Ilustrado con varios documentos inéditos. Tomo Primeiro e Segundo. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1906; para uma análise da narrativa do governador a respeito da região do atual Pantanal, ver COSTA, Maria de Fátima. História de um país inexistente. O pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Cosmos, 1999, principalmente o segundo capítulo e terceiros capítulos, pp.61-129.

[544] **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, pelo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias**. Valladolid: Francisco Fernandez de Corboua, 1555, p.60.

décadas antes pelo português Aleixo Garcia. As poucas informações que existem sobre a viagem desse personagem são bastante conhecidas na historiografia e são evidências documentais suficientes para tornar sua história verossímel, segundo Sérgio Buarque de Holanda.[545] Garcia seria um dos náugrafos da expedição de Sólis que em meados da década de 1520 partiu com mais quatro europeus em busca das famosas riquezas do Rei Branco.[546] Com uma grande comitiva composta por índigenas guarani, os portugueses teriam chegado até os contrafortes andinos a partir da costa do atual estado de Santa Catarina, atravessando o território do Paraguai.[547] Lá, conseguiram reunir muitas peças de outro e prata. Quando faziam a viagem de volta, às margens do rio Paraná, foram mortos pelos indígenas. Os sobreviventes, que levaram adiante a fama da Serra de la Plata, variam entre indígenas que teriam sido enviados como mensageiros à costa atlântica com as notícias das descobertas, até um suposto filho de Garcia, encontrado anos depois pelos espanhóis na região do Paraguai.[548]

As imprecisões e confusões nas fontes são ainda maiores por conta dos indícios de outra expedição que partiu da costa atlântica composta por quatro portugueses, a mando de Martin Afonso de Souza, durante sua viagem de exploração no início da década de 1530. No dia 30 de abril de 1531, quando a armava se encontrava na boca do Rio de Janeiro

> mandou o capitam J. quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dous meses; e andaram pela terra cento e quinze léguas; e as secenta e cinco delas foram por montanhas mui grandes, e as cincoenta foram por hum campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com eles até os entregar ao capitam J.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata (...) Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas[549]

---

[545] HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso**..., *op. cit.*, p.129.

[546] Muito já foi escrito, especulado e debatido sobre a expedição. Ver, entre obras seiscentistas e modernas, GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, especialmente cap.5, "De una entrada que cuatro portugueses del Brasil hicieron por tierra hasla los confines del Perú"; HOLANDA, Sérgio Buarque. Visão do Paraíso..., *op. cit.*, cap. 4 "O outro Peru"; GANDÍA, Enrique de. **Historia crítica de los mitos de la conquista americana,** *op. cit.*, capítulo VIII, "La sierra de la Plata"

[547] NOWELL, Charles E. Aleixo Garcia and the White King. **The Hispanic American Historical Review**. Durham, vol.26, n.4, pp.450-466, 1946.

[548] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.34. Guzman afirma inclusive ter conhecido o suposto filho, de nome Alejo Garcia como o pai.

[549] **Diário da Navegação da armada que foi à Terra do Brasil, em 1530, sob a capitania-mor de Martin Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza**, publicado por Francisco

Ruiz Diaz de Guzmán confunde as duas entradas, escrevendo que Aleixo Garcia foi mandado em 1526 por Martin Afonso e que seus mensageiros, na viagem de volta, também foram prestar contas ao capitão português.[550] Depois dessa primeira expedição terra adentro o capitão mandaria outra, segundo nos conta seu irmão Pero Lopes de Souza no diário da viagem. Desta vez a partir de São Vicente. Primeiro, Martin Afonso mandou o piloto Pedro Annes num bergantim explorar a terra. Alguns dias depois, o piloto voltou com Francisco de Chaves, um bacharel e mais cinco ou seis castelhanos:

> Este bacharel havia trinta anos que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande língua desta terra. Pela informação que dela deu ao capitam J., mandou a Pero Lobo com oitenta homens, que fossem descobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em des meses tornara ao dito porto. Partiram desta ilha, ao primeiro de setembro de mil e quinhentos e trinta e hum, os quarenta besteiros e os quarenta espingardeiros[551]

No diário de Pero Lopes não temos mais notícias sobre o grupo. É Guzmán que, uma vez mais, nos informa sobre o desfecho da expedição. Segundo o cronista, os soldados portugueses – que seriam sessenta, capitaneados por José Sedeño – teriam sido mandados depois que os mensageiros de Aleixo Garcia trouxeram notícias de grandes riquezas encontradas no poente, nos "confins de charcas, e que até então não estava ainda descobertos por espanhóis".[552] Saíram de São Vicente levando índios amigos, "y bajando en canoas por el río Añembi, salieron al Paraná, y descendiendo por él, llegaron sobre el Salto, donde tomando puerto, dejaram sus canoas, atravessando hacia ao poniente, llevando su derrota para el río Paraguay, donde Alejo Garcia hacía quedado".[553] Se dermos créditos às palavras do cronista,

---

Adolfo de Varnhagen. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839, p.26.

[550] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, pp.33 e 34

[551] **Diário da Navegação da armada que foi à Terra do Brasil,** *op. cit.*, p.29. O bacharel citado é possivelmente Gonzalo de Acosta, encontrado em São Vicente por Diego Moguer Garcia em sua expedição rumo ao rio da Prata em 1526. MEDINA, J. T. **Gonzalo de Acosta, al servicio de España**. Estudio Histórico. Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1908.

[552] No original: "y confins de los charcas, lo que hasta entonces no estaba aún descubierto de los españoles". GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, pp.34.

[553] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, pp.34.

vemos que o caminho de São Paulo, percorrido pelo governador Luis Céspedes Xeria, já havia sido trilhado quase um século antes.[554]

O fim dos intrépidos soldados também é narrado por Guzmán. Depois da morte do capitão Sedeño, em um enfrentamento com os indígenas, os soldados resolveram voltar ao passo do Rio Paraná. Lá, outros indígenas ofereceram suas canoas para a travessia. Entretanto, vários furos no fundo das embarcações, dissimulados com barro, se abriram no meio do rio. Enquanto os portugueses afundavam com o peso de suas armas e sucumbiam às flechas inimigas, os indígenas escapavam com facilidade "por ser grandes nadadores, y criados en aquella navegación, y sin ningun embarazo que les impidiese por ser gente desnuda".[555] Duas das primeiras – senão as primeiras – travessias do território sul americano pelos europeus acabaram da mesma maneira. O ambiente envolto no fantástico manto das riquezas fabulosas mostrava também seu contraponto traiçoeiro e perigoso. Essa é uma das primeiras imagens construídas sobre o espaço platino.

Na expedição de Alvarez Núnez, as histórias novamente se assemelham. Quando a comitiva se encontra entre o rio Iguaçu e o Paraná, depois de ultrapassadas as cataratas, o adelantado é informado que naquele lugar foram mortos os portugueses enviados por Martin Afonso e que sua própria comitiva corria o risco de ter o mesmo destino, já que os "índios del rio del Pequeri, que era mala gente (...) les estavan aguardando para acometerlos y matarlos en el passo del rio".[556]

Sobre o caminho tomado pela expedição de Cabeça de Vaca ao deixar a costa catarinense rumo ao Paraguai também pairam algumas incertezas. Por mais que seja bastante comum na historiografia a afirmação de que o governador seguiu os passos que Aleixo Garcia dera duas décadas antes, seguindo pelo mesmo caminho, no relato de Pero Fernandez não há nada que comprove essa hipótese. Pelo contrário. Finalizando os preparativos da viagem, o

---

[554] Sérgio Buarque de Holanda, ao comentar a entrada dos soldados de Martin Afonso afirma que, com poucas exceções, o caminho que fizeram deve corresponder ao percorrido pelos bandeirantes nos assaltos ao Guairá no século XVII (HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**, *op. cit.*, p.144). Em outro momento de seu relato, Diaz Guzmán faz referência a uma possível entrada de Domingos de Irala rio Paraná acima, na década de 1550, entrando pelo rio Anhembi e indo até o sopé do salto do Adanhangava (GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, Libro II, cap.13, pp.110 e seguintes). Eduardo Prado não concorda com o cronista e faz sua argumentação em artigo já citado, que já no título demonstra a polêmica da questão. (PRADO, Eduardo. Os hespanhóes no Salto de Avanhandava no séc. XVI, *op.cit.*)

[555] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, pp.35.

[556] Nessa fonte não há nenhuma menção à artinhama dos furos tapados nas canoas indígenas. **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca**, *op. cit.*, p.185.

governador manda Pedro de Orantes a "descobrir a terra e buscar caminho pela terra firme a partir da dita ilha [de Santa Catarina], para mais brevemente poder chegar a dita cidade de Assunção, onde residem os ditos cristãos, e para que se descobrisse aquela terra".[557] Orantes volta e relata que

> Havendo atravessado grandes serras e montanhas, e terra muito despovoada, havia chegado onde dizem o campo, que desde alí começa a terra povoada, e que os naturais da ilha disseram que era mais seguro e próximo a entrada para chegar a terra povoada por um rio acima que se diz Ytapocu, que está na ponta da ilha, a dezoito ou vinte léguas do porto[558]

Em seguida, o governador

> enviou a ver a descobrir o rio [Ytabucu] e a terra firme por onde havia de ir caminhando, o qual visto e sabido determinou fazer por ali a entrada, *tanto para descobrir aquela terra que não se havia visto nem descoberto*, como para socorrer mais brevemente a gente espanhola que estava na província.[559]

Mesmo que as inúmeras referências a Aleixo Garcia indiquem que Pero Fernandez conhecia a história da expedição, o narrador não menciona nada sobre o caminho ser o mesmo. É importante destacar, obviamente, que se trata de espanhóis entrando em um

---

[557] No original, "enbie el fator Pedro de Orantes á descobrir la tierra y buscar camino por la tierra firme de la dicha ysla, para mas brevemente poder llegar á la dicha Ciudad de la Asunción, donde resydian los dichos crystianos, porque se descubriese aquella tierra". **Relacion general que yo Alvar Nuñez Cabeça de Baca Adelantado y governador y capitan general de la probincia del rrio de la Plata, por merced de su Magestad, hago para çe ymformar, y á los señores de su rreal consejo de Yndias, de las cosas subcedidas em la dicha probincia dende que por su madado partí destos reynos á socorrer y conquistar la dicha probincia**. in.: **Relacion de los naufrágios y comentarios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca adelantado y governador del Río de la Plata**, Ilustrado con varios documentos inéditos. Tomo Primeiro. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1906, p.07

[558] No original: "entre otras cosas de su relación dixo que auiendo atravessado grandes sierras y montañas y tierra muy despoblada, auia llegado a do dizen el campo, que dendê alli comienza la tierra poblada, y que los naturales de la ysla dixeron que era mas segura y cercana la entrada para llegar a la tierra poblada por vn rio arriba que se dize Ytabucu, que está en la punta de la ysla, a diez y ocho o veynte leguas del puerto. **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, op. cit**., p.167.

[559] No original, "luego embio a ver y descobrir el rio y la tierra firme del por donde auia de yr caminhando, el qual visto y sabido determino de hazaer por ali la entrada, assi para descobrir aquella tierra que no se auia visto ni descubierto, como por socorrer mas breuemente a la gente española que estaua em la prouincia". **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca**, *op. cit*., p.61. Grifos meus.

território ainda em disputa e supostamente já percorrido por um português. É bastante plausível que o adelantado quisesse mostrar seu pioneirismo nos territórios percorridos, sem mencionar se seguiu os passos de um português. Essa é outra questão que, ao menos por enquanto, não é possível responder com base documental. A ênfase no caminho nunca visto nem descoberto aparece também quando a expedição chega em Assunção, e é recebida pelos "capitães e gentes", que com tanto prazer e alegria que era inacreditável, disseram que "jamais creram nem pensaram que poderiam ser socorridos, assim por respeito de ser perigoso e tão difícil o caminho e não se haver achado, nem descoberto, nem se ter nenhuma notícia dele".[560] Fernandez deixa ainda registrado o desafio da travessia e as dificuldades do caminho. Segundo ele, os membros da expedição tinham

> grande trabalho ao caminhar, por causa dos muitos rios e maus passos que havia, que para passar a gente e os cavalos houve dia em que se fizeram dezoito pontes, tanto para os rios como para os pântanos, que haviam muitos e ruins, e assim mesmo se passaram grandes serras e montanhas muito penosas e fechadas de bosques de cana muito grossas que tinham espinhos agudos e robustos, e de outras árvores que para poder passar iam sempre adiante vinte homens cortando e fazendo o caminho, e levamos muitos dias para passar, que pela densidade delas não se via o céu[561]

Em linhas gerais, o caminho da expedição é bastante conhecido: depois de entrar pelo rio Itabocu no atual estado de Santa Catarina, Cabeça de Vaca venceu as íngremes escarpas da serra do mar, rumando para o Norte, atravessando o rio Iguaçu e entrando no atual estado do Paraná. Depois, no rumo sudoeste, sempre aproveitando e atravessando os rios, chegou novamente ao rio Iguaçu, já no oeste do estado. Dali seguiu em canoas pelo rio, até as cataratas, atravessando o rio Paraná na altura em que o Iguaçu desagua nele, conforme já

---

[560] No original: "Diziendo que jamas creyeron ni pensaron que pudieran ser socorridos, ansí por respecto de ser peligroso y tan dificultoso el camino y no se hauer hallado, ni descubierto, ni tener ninguna noticia del". **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca**, *op. cit.*, p.192.

[561] No original: gran trabajo en el caminar, a causa de los muchos rios y malos passos que auia, que para passar la gente y cauallos ouo dia que se hizieron diez y ocho puentes, assi para los rios como para las ciénegas, que auia muchas y muy malas, y assimismo se passaron grandes sierras y montañas muy ásperas y cerradas de arboledas de cañas muy gruessas que tenían vnas púas muy agudas y rezias, y de otros arboles, que para poderlos passar yuan siempre delante veinte hombres cortando y haziendo el camino, y estuuo muchos dias em passarlas, que por la maleza dellas no vian el ciélo. ". **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca**, *op. cit.*, p.176.

citado. Durante toda jornada a comitiva esteve longe do caminho utilizado pelos homens de Martim Afonso ou, quase um século depois, por Céspedes Xeria.

Pouco mais de uma década depois, outra travessia, igualmente famosa, teve como palco o território entre o Paraguai e a costa atlântica americana. E mais uma vez outro caminho foi utilizado. Em 1553 o soldado bávaro Ulrico Schmidl partiu de Assunção – portanto em direção oposta à travessia de Cabeça de Vaca e sua comitiva – rumo a São Vicente, litoral sul do atual estado de São Paulo. A trajetória de Schmdl é também bastante conhecida na historiografia.[562] Soldado bávaro, Ulrico se juntou à expedição de Pedro de Mendoza, que em 1536 atravessou o atlântico para explorar a região platina, fundando incluvise a primeira Buenos Aires, que seria abandonada algumas décadas depois. Além dessa fundação, Schmidl presenciou vários dos acontecimentos marcantes das primeiras explorações espanholas na região, sendo soldado não só de Mendoza, mas de Ayolas (depois da morte do primeiro em seu retorno à Europa), Irala e Cabeça de Vaca. Ele também acompanhou de perto as querelas entre os dois últimos governadores, questão bastante polêmica na historiografia do tema.[563]

Depois de passar dezesseis anos em terras americanas e participar de muitas expedições de reconhecimento do território rio Paraguai acima, dentre elas as tentativas de encontrar a Serra de Prata, Schmdl voltou a Europa e escreveu sua obra. No retorno, o soldado abandonou a fé católica e adotou o protestantismo, sendo obrigado a deixar sua cidade natal, Straubing. Seu relato foi publicado pela primeira vez em 1567, em Frankfurt, sendo reeditado diversa vezes até o início do século XVII. Algumas edições da obra foram ilustradas por Theodore de Bry e Levinus Hulsius, que também incluíram a crônica de Schmdl em suas coleções de relatos de viagem.[564]

---

[562] Existem variações na grafia do nome do soldado, como Schmidel, Schmidt, Schnirdel, bem pelo Ulrich e Ulrico. Segundo Kloster e Sommer, o prenome Ulrico é pelo qual o soldado ficou mais conhecido no Brasil, bem como a grafia Schmidl. Além disso, essa também é a forma que aparece na maioria dos documentos oficiais. (*apud* KALIL, Luis Guilherme Assis. **A conquista do prata análise da crônica de Ulrico Schmidl.** 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008)

[563] KALIL, Luis Guilherme Assis. **A conquista do prata análise da crônica de Ulrico Schmidl,** *op. cit.,* pp. 40 e seguintes. Além desse trabalho, utilizo aqui para a análise da viagem de Schmdl os textos de MAACK, Reinhard. **Geografia física do estado do Paraná.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012 (1ª edição 1968) e COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente** *op. cit.*

[564] KALIL, Luis Guilherme Assis. **A conquista do prata análise da crônica de Ulrico Schmidl,** *op. cit.,* p.10.

Gentil Moura, em artigo já mencionado, buscou reconstruir o itinerário de Ulrico Schmidl. A tarefa não é das mais animadoras. Segundo o autor,

> é de um documento desses, primando pela obscuridade e laconismo, com palavras barbaramente estropiadas, escripto por um homem que durante vinte anos viveu no Paraguay a vida de soldado e de aventureiro, que nos vamos servir para reconstruir o caminho por elle seguido.[565]

Caminho, aliás, nada aprazível. De acordo com o viajante "o caminho dura seis meses inteiros, e há nele muitos desertos, montes e vales para atrasessar, tão cheio de feras que de medo não podíamos dormir em segurança". Mais à frente, escreve ainda que "Fizemos seis dias de viagem em selvas selvagens tais, que durante minha vida (e viajei mesmo muito e longe) não percorri caminho pior nem mais horroso".[566] A tentativa de reconstrução do itinerário feita por Gentil Moura se baseia na toponímia apresentada pelo soldado, em grande medida nomes de rios e de localidades indígenas. Depois de discorrer sobre seus métodos, as convenções e traduções utilizadas e alguma intuição, Moura traça o caminho percorrido por Schmdl:

> Partindo de Assumpção, desceu o Paraguay e subiu o Paraná até a barra do Iguassú; dahi seguiu pela margem direita até a altura do rio Cotegipe; em seguida atravessou os rios Piquery, Cantu e outros affluentes desses rios; transpoz a serra da Esperança; passou pelas cabeceiras do Corumbaty e foi cruzar o Ivahy nas proximidades de Therezina. Depois, em rumo de sudoeste, fio passar nas cabeceiras do Tibagy onde deixou o caminho para S. Catharina, pelo qual subiu Cabeça de Vacca. Ahi, tomando á esquerda pendeu para as matas do valle do Assunguy, passou pela aldêa dos Bilreiros e de Carieseba, onde logo adiante encontrou a encruzilhada do caminho que descia para Cananéa. Proseguindo, porém, sempre á esquerda, deixou o valle Assunguy e foi sair nos campos de Faxina, Capão Bonito e Itapetininga, pelos quaes seguiu até as proximidades de S. Miguel Archanjo, deixando outra encruzilhada que servia para ligar Cananea a região de Piratininga. Desse ponto, passando pelos campos de Sarapuhy e de Sorocaba, foi sair em Biesaie, mais tarde Maniçoba ou Jpyuba e hoje Itú, donde procurou o rio Tietê por cujas margens

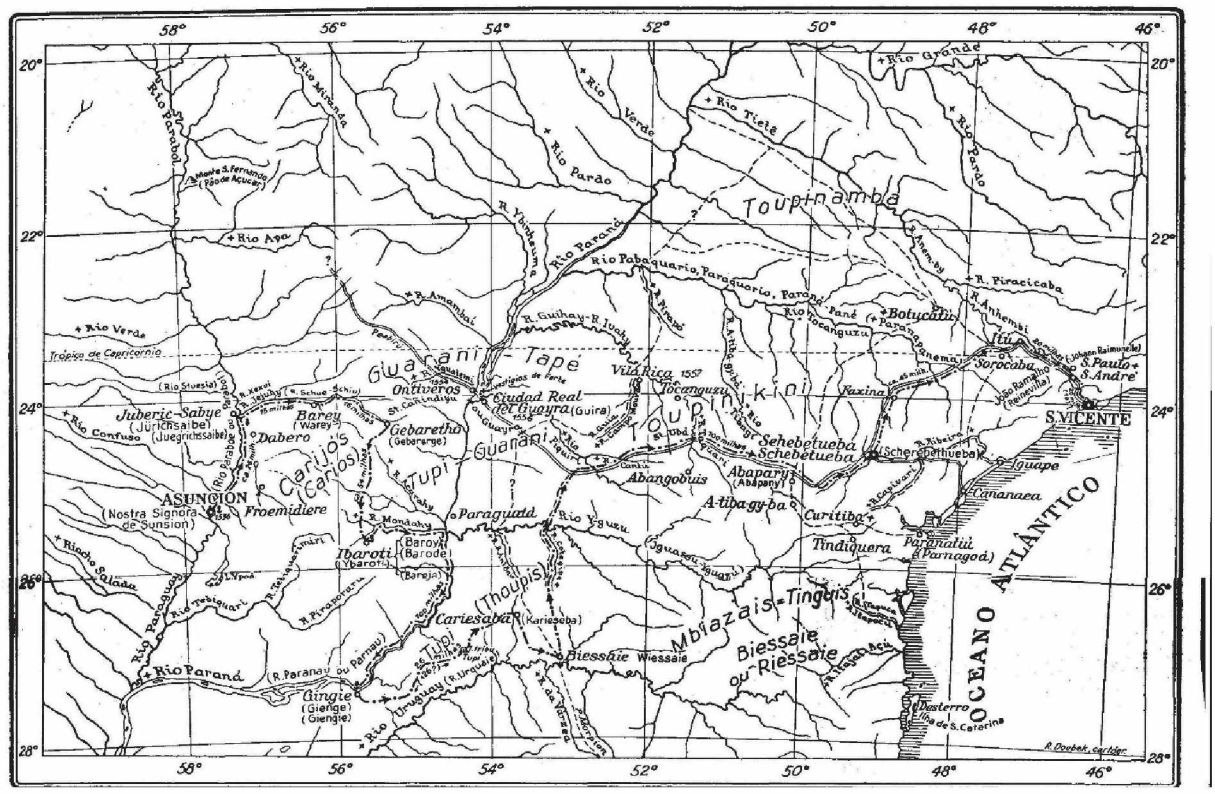
---

[565] MOURA, Gentil de. O caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo, *op. cit.*, p.169.

[566] No original: "el caminho dura seis meses enterros, y hay en él muchos desiertos, montes y vales que passar, tan llenos de fieras, quye de miedo no podíamos dormir seguramente", SCHMIDEL, Ulderico. **Viage al Rio de La Plata y Paraguay**. Introdução de Pedro de Angelis. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p.55. A segunda parte é citada a partir da primeira edição utilizada e traduzida por MAACK, Reinhard. **Geografia física do estado do Paraná**, *op. cit.*, p.79.

> seguiu até as proximidades do rio Jurubatuba. Descançou tres dias na aldêa desse nome até que finalmente chegou a S. André.[567]

É importante ter em mente que muito da construção do roteiro é baseado em suposições do autor, o que o torna pouco confiável do ponto de vista documental. Isso fica bastante evidente no caso das referências às toponímias de aldeias ou povoados indígenas – como Carieseba e Biesaie, por exemplo. Assim como Gentil Moura no início do século, o geógrafo alémão Reinhard Maack também tentou reconstruir o roteiro de Schmdl, em sua obra *Geografia Física do Estado do Paraná*, publicada originalmente em 1968.[568]


58°
56°
54°
52°
50°
48°
46°
20°
22°
24°
26°
28°
Rio Grande
Rio Verde
Rio Tietê
Rio Parnahyba
Rio Parnahyba
Rio Parnahyba

Utilizando resultado de sua pesquisa em arquivos alemães, Maack reconstruiu o suposto itinerário do viajante bávaro, chegando a um resultado diferente do apontado por Gentil Moura. Além da questão das toponíminas, o maior problema foi de tradução do original. Segundo Maack, no manuscrito de Stuttgart, consultado por ele, a viagem de canoa pelo rio Paraná é feita para cima, *aupwertz*. Um erro, já que no manuscrito de Munique, "de caligrafia melhor e mais clara", consta que a viagem foi feita para baixo, *abwertz*.[569] O erro de tradução, de acordo com o autor, foi responsável pela reconstrução equivocada do itinerário tanto por Gentil Moura como por F. Sommer e W. Kloster. Maack demonstra sua reconstrução no mapa feito por ele e anexado à obra (Figura 45).

A despeito do cuidado metodológico e do rigor com as versões do manuscrito e suas descrições, o principal argumento de Maack para corroborar sua reconstrução é justamente o mais sujeito a críticas. O autor destaca uma lista de mapas que incluem na toponímia os nomes das povoações indígenas citados por Schmidl, para reforçar seu argumento da localização de tais aldeias. O mais importante deles foi publicado na virada do século XVII na edição do relato de Schmdl de Levinus Hulsius, complementando o texto (Figura 46).

O mapa em questão apresenta poucas toponímias na região percorrida por Schmidl: apenas três nomes, com a mesma hierarquia de fonte, os supostos povoados – ou territórios – de Gengie, Toupin-Ikini e Morpion; apenas o último deles é acompanhado com um signo de vila ou povoação, que só é repetido no mapa em outra povoação indígena, às margens do rio Paraná, Santa Ana. Mais uma vez, apenas com um grau pouco sustentável de suposição é possível dizer que ele é prova do exato roteiro. Além disso, os mapas arrolados por Maack, todos posteriores à publicação do relato de Schmdl claramente não podem ser utilizados como evidência do itinerário da expedição a partir da toponímia. Provam apenas que os mapas são copiados, reorganizados e interpretados para publicação de outros. Como muitos estudos sobre história da cartografia apontam, é tarefa extremamente árdua, em muitos casos impossível, inferir a relação entre as primeiras aparições de determinadas toponímias e suas repetições em mapas porteriores.

---

[569] MAACK, Reinhard. **Geografia física do estado do Paraná**, *op. cit.*, p.84.

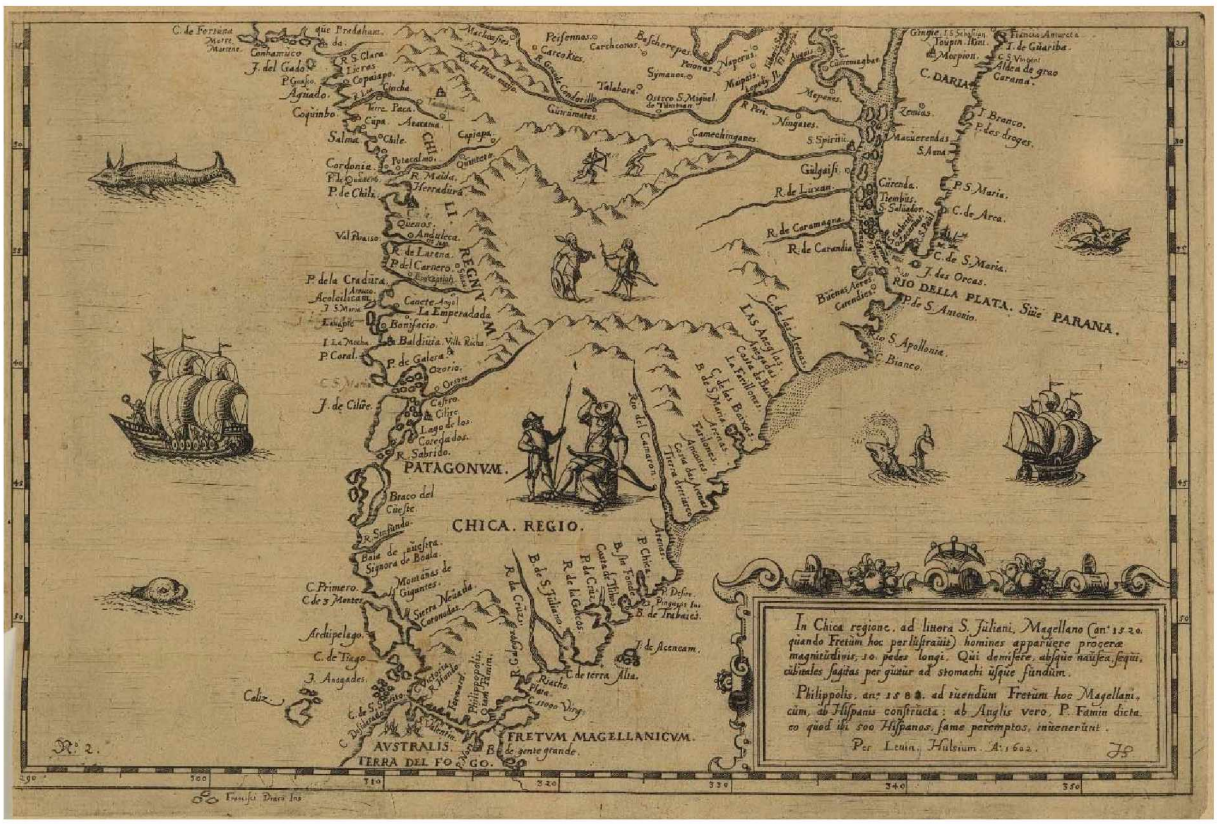


Figura 46 – "Nova et exacta delineatio Americae partis australis que est: Brasilia, Caribana, Guiana regnum Novum", de 1602. Acervo da John Brown Carter Library. Essa é uma das duas partes em que está dividido o mapa do continente americano.

3.4 – "DE LAS COSAS DE QUE SE HA DE HACER DESCRIPCIÓN, AVERIGUACIÓN Y RELACIÓN": PRÁTICAS DE ESPAÇO E ARTES DE FAZER

Existe preservado no *Archivo General de Indias* um conjunto documental composto por cartas, *relaciones* e *descripciones* das províncias do Rio da Prata. Diferentemente da documentação tratada até aqui neste capítulo, são fontes que se mantiveram manuscritas, ao que parece, sendo por isso menos utilizadas. Produzida por funcionários espanhóis que estiveram no Rio da Prata, essa documentação pode nos trazer mais indícios sobre o conhecimento geográfico ao rés do chão que se tinha da região. Quando considerada em conjunto, mostra o afã de se conhecer os territórios espanhóis nessa parte da América durante o século XVI. A produção dessas descrições e relações está intimamente ligada com a institucionalização da cosmografia e a da cartografia espanhola, a partir da *Casa de la Contratación* e do *Consejo de Indias*, conforme já discutido. Mesmo com o esforço

institucional, eram grandes os desafios de se construir uma rede de informações de tão larga distâncias, que fizesse chegar ao soberano os detalhes de seus vastos reinos americanos.

Em meados do século, Alonso de Santa Cruz, que havia sido cosmógrafo real do imperador Carlos V, escreveu ao rei Felipe II sobre os serviços que podia prestar no Conselho de Indias. Entre eles, Santa Cruz afirmou que

> poderia ter especial cuidado de que Vossa Alteza enviasse suas cartas aos vice reis e goverandores que naquelas partes [da América] estão, para que cada um e sua província fizesse a perfeita geografia e pintura dela, assinalando, se fosse possível, os lugares principais em suas alturas e os demais por seus rumos e distâncias de léguas e os montes, rios e outras coisas notáveis, e registrando por escrito as coisas notáveis da terra.[570]

Em 1567, os problemas de gestão do Novo Mundo levaram Felipe II a solicitar ao jurista Juan de Ovando uma visita de inspeção ao Conselho. Além do que já foi discutido no capítulo anterior, um dos resultados do zelo de Ovando por produzir, organizar e administrar informações sobre as terras americanos foi o que mais tarde se nomeou de *Relaciones Geográficas de Indias*. Tratam-se, no entanto, de respostas a vários questionários feitos pelo Conselho às autoridades americanas, persistente e sistematicamente durante os séculos XVI a XIX. Francisco de Solano identificou vinte e oito pedidos de informações, mais ou menos extensos e complexos, para esse período; desde o primeiro, em 1530, contam-se onze até o fim do século XVI.[571] Durante o período de Ovando à frente do Conselho se encontram seu grande empenho codificador e legislador e a necessidade de se adquirir dados das terras ultramarinas. Nesse momento são escritas as *Ordenanzas para la formacion del libro de las*

---

[570] No original: "podría tener especial cuidado de que Vuestra Alteza enviasse sus cartas a los Visorreys y gobernadores que en aquellas partes están para que cada uno en su província hiciese la perfecta geografia y pintura della, poniendo, si fuese posible, los lugares principales en sus alturas y los demás por sus derrotas y apartamentos de léguas y los montes, ríos y las otras cosas notables, y poniendo por escripto las cosas notables de la tierra". Archivo de Simancas, Legajo 121, fol.22. Publicado em: MEDINA, José Toribio. **El veneciano Sebastián Caboto al servicio de España**. Imprenta y Encuadernación Universitaria: Santiago de Chile, 1908, Tomo I, pp.348-350.

[571] Foram enviados à América nos anos de 1530, 1533, 1548, 1563, 1569, 1572, 1573, 1577, 1581, 1584 e 1592. SOLANO, Francisco de. Significacion y tipologia de los Cuestionários de Índias. In.: **Cuestionarios para la descripción de las Indias**. Editado por Francisco de Solano. Madrid: CSIC, Centro de Estudios Históricos, 1988. Para uma análise mais recente das *Relaciones*, a partir da cartografia, ver o trabalho de MUNDY, Barbara E. **The mapping of the New Spain**. Indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geograficas. Chicago and London: University of Chicago Press, 1996.

descripciones de Indias, instruções pormenorizadas em cento e trinta e cinco itens, de como fazer "averiguaciones, descripciones y relaciones de todo el Estado de las Indias y de cada cosa y parte de él".[572] Entre as áreas que interessam aqui, as *Ordenanzas* versam sobre como fazer a descrição cosmográfica dos espaços hispânicos, com normas para uniformizar a sequência narrativa, as medições de latitudes e longitudes (sete itens); sobre a hidrografia e padrão geral das navegações, com as tarefas delegadas aos cosmógrafos, pilotos maiores, pilotos e mestres dos navios (seis itens); e sobre a geografia, descrições gerais, regionais e locais e normas para realizá-las, a fim de se produzir "El libro padrón general de la tierra".[573] A ideia da construção de um livro que fosse o correspondente do padrão real da cartografia evidencia a vontade do Conselho de conhecer os territórios, traduzida nos contínuos e repetidos interrogatórios enviados à América. Em 1575, outro questionário – bem menos extenso –perguntava sobre localização e distâncias dos lugares e povoados; sobre a descrição da terra e serras próximas, bosques, madeiras e caças, rios e águas[574]. Com pequenas alterações, o mesmo questionário foi reenviado em 1578.[575]

Sabe-se que as respostas mais sistematizadas aos questionários parecem ter se concentrado no vice-reino de Nova Espanha. De qualquer forma, a volumosa legislação normativa que seguia da Europa à América através do Conselho se torna mais importante do que as respostas que atravessaram o oceano em sentido contrário, nesse caso, porque é a partir delas que vislumbramos o que os cosmógrafos do *Consejo de Índias* pensavam ser passível e necessário de descrições. As normativas acabariam por influenciar, em alguma medida, grande parte das *descripciones* e *relaciones* das províncias do Rio da Prata. A documentação analisada aqui guarda grandes semelhanças nos assuntos e motivos das descrições, acompanhando em grande medida a norma definida pelas diferentes ordenanças.

A *Descripcion del rio de la plata,* escrita provavelmente em 1537, é exemplar nesse sentido. O autor inicia a narrativa contando os episódios da conquista do Prata, com as

---

[572] Ordenanzas para la formacion del libro de las descripciones de Indias, . In.: **Cuestionarios para la descripción de las Indias,** *op.cit.*, pp.16-74. A versão manuscrita se encontra no AGI, INDIFERENTE GENERAL, 427, l.29, pp.5-66.

[573] Ordenanzas para la formacion del libro de las descripciones de Indias, . In.: **Cuestionarios para la descripción de las Indias,** *op.cit.*, p.38.

[574] Cuestionario para la formacion de relaciones geográficas de los pueblos de España. In.: **Cuestionarios para la descripción de las Indias,** *op.cit.*, p.75-79.

[575] Cuestionario para la formacion de relaciones geográficas de los pueblos de España. In.: **Cuestionarios para la descripción de las Indias,** *op.cit.*, p.87-93.

expedições de Sólis e de Caboto. É marcante o retrato dos indígenas na região. Sólis foi morto pelos índios que se chamam guaranis, ou chiriguanos, gente muito guerreira e que havia matado "mas de trezentos españoles". Era seu costume "andar syempre a la guerra contra las otras generaciones", matando tanta gente que não se pode saber o número verdadeiro.[576] Depois de Sólis, chegou à região Caboto, que a princípio teve amizade com aqueles índios e "mientras le duro la paz dellos hizo la poblacion de santis spiritus que algunos llaman la fortaleza de gaboto". Durou dois anos a amizade, e logo depois, reunidos com seus "secretos llamamientos" queimaram a fortaleza, matando muitos espanhóis. Depois, foi a vez de Pedro de Mendoza, primeiro adelantado, que chegou ao rio da Prata com dez navios cheios de espanhóis. Passados quatro meses, "se le murieron mas de ochocientos hombres de hambre y muertos destos yndios". O relato da história da conquista faz parte das descrições segundo as normativas do Conselho. Isso já ficou claro na análise dos mapas, no capítulo anterior. Mapear um rio – ou uma região – é contar sua história.

A localização exata dos lugares, suas latitudes, longitudes e distâncias também aparecem detalhadamente na descrição. O autor conta que a recém fundada cidade de Assunção está "en veynte cinco grados y un tercio". Sobre as distâncias, "ay desde ella a la fortaleza de caboto ciento y setenta léguas. Son las sessenta por el rio de paraguay abaxo hasta donde entra en el paraná grande. El rio paraná tiene ciento y diez léguas".[577] O maior problema de localização no interior do continente eram os intermináveis meandros fluviais combinados com a dificuldade do cálculo da longitude. Sobre isso, o autor anônimo escreve que "passadas de seyscientas léguas toda esta navegacion del rio arriba tomam la buelta del norte y nordeste". Buscando uma relação com a costa, já bastante conhecida à altura, o autor compara essa distância com a do Cabo de Santo Augustinho, em Pernambuco, até a boca do Rio da Prata, "poca mas de seyscientas y cinquenta léguas costeando aquella costa" ao sul e sudoeste. A conclusão, matematicamente simples, é bastante problemática do ponto de vista geográfico. Segundo o autor, por essa razão, quem seguir "la derrota del rio hasta cinquenta léguas mas arriba de los yndios xayares q estan en el rio del paraguay casi al fin del", e portanto, navegando seiscentas e cinquenta léguas rios acima, mesma distância entre Pernambuco e o Estuário platino, "hallarsea en cima del cabo de santagustin no mucho camino del aviendo de atrabesar la tierra". Mesmo estando na mesma latitude e não havendo

[576] AGI, PATRONATO,28,R.61 "Descripción del Río de la Plata".

[577] AGI, PATRONATO,28,R.61 "Descripción del Río de la Plata".

muito caminho, a travessia seria dificultosa, pelos grandes "pântanos q ay en el camino". A distância entre os dois pontos, hoje sabemos, é de mais de sete graus de latitude e dois mil e quinhentos quilômetros em linha reta. A ressalva, da dificuldade do caminho, é justificada como um aviso à desencorajar "a los portugueses q quieren seguyr aquella via en demanda de su noticia del dorado por q no pierdan su trabajo y aun sus vidas q heralo mas certo qriendo seguyr aquella derrota."[578]

Depois de tratar da navegação entre Sevilha e a costa platina, o autor trata dos caminhos internos da região: "Desta fortaleza y Pueblo a Santiago del estero ques de la governacion de tucumana y ciento y diez léguas de muy buen caminho llano y raso". Se a caça na região não é problema, "los q siguieren este caminho ande llebar el rio del caracaruna por guia por beber del por que toda aquella tierra es falta de agua y se este rio no fuera no se podia caminar por ally". De Santiago de Estero a "los charcas ques el peru ay ciento y beynte por manera q sera muy probechoso a los del peru seguir aquel caminho por la brevedad del y salud q ay en toda aquella camarca y províncias". O autor mostra ainda como sair do Rio da Prata com destino a Espanha em segurança, aconselhando aos pilotos que "metanse cien léguas a la mar apartados de la costa del brasil y quando etubieren en el paraje delas yslas delos azores ponganse en altura de cuarenta y um grados", a fim de evitar o perigo de ladrões e corsários.

Por fim, espera que suas informações tragam proveito e perpetuidade à governação do Rio da Prata. Perpetuidade que não era tarefa fácil. A fragilidade dos povoados e portos espanhóis na região foi tema constante nas descrições. Além da Fortaleza de Caboto, *Santus Spiritus*, já mencionada – um povoado de vinte casas de palha, com uma fortaleza de tapia, com "dos pasamuros e diez o doce versos de artillería"[579] – outras vilas espanholas sofreram com o assédio indígena e foram abandonadas. O caso mais famoso é de Buenos Aires, fundada em 1537 e abandonada quatro anos depois. Na relação de sua viagem ao Rio da Prata, de 1585, o piloto Juan Pinto narra que após terem entrado no estuário, uma tempestade acometeu a armada, que conseguiu aportar na margem norte do rio, perto do porto de São Gabriel. Estiveram ali seis meses reparando os navios até receber ajuda de Assunção. Então

---

[578] AGI, PATRONATO,28,R.61 "Descripción del Río de la Plata".

[579] Informacion sumaria hecha en el Puerto de San Salvador, presentada por el capitan general de la armada Sebastián Caboto, para hacer constar á SM como se perdió la forlataleza de Santi Spiritus que levanto en el Rio de la Plata. 12 de outubro de 1529. In.: MEDINA, José Toribio. El veneciano Sebastián Caboto al servicio de España. Tomo II. Imprenta y Encuadernación Universitaria: Santiago de Chile, 1908, p.106.

"fueron al rio de san juan y de alli partieron a sant salvador donde el governador poblo um Pueblo llamado san salvador".[580] Dito povoado não é mencionado em nenhuma outra fonte coeva. Já no final do século XVI, a correspondência reunida para justificar o pedido de separação das províncias do Paraguai e do Rio da Prata igualmente mostra a fragilidade da ocupação espanhola. Entre os muitos pedidos de permissão para comercializar com o Brasil, os funcionários reais mostram a preocupação em defender a cidade de Buenos Aires, refundada em 1581, pois não havia forças suficientes e "que a Ciudad mas cercana ay ochenta y mas léguas de despoblado y a outra ciento y beynte y desta maneira las demas. Vea v. mag.de el tempo que es menester para dar abiso y para venir el socoro el qual aunque benga no entendo sera bastante se el enenigo trussese golpe de gente"[581]. Em 1614 os funcionários de Assunção retratam a fraqueza e necessidades da cidade, rodeada por uma multidão de inimigos.[582] Em maio de 1613 o governador Diego Marín de Negrón também escreveu ao rei sobre a divisão das províncias, revelando as dificuldades impostas pela geografia americana. A proposta de separação se justificaria porque "um solo governador es imposible pueda acudir a todo com entera satisfacion por la grand longitude q ay desde este puerto a la mas apartada poblacion que por le menos dista mas de quatrocentas legoas de tan dificultosos caminos de rios, pântanos y malos passos".[583]

Em julho de 1612, as autoridades de Buenos Aires escreveram ao rei, citando três cartas que receberam, duas da Província do Guairá e outra de Assunção, e informando "com notable desconsuelo no poder les acudir com la brevedad y rremedio q han menester porque quatrocentas léguas de despoblado y navegacion del rio muy travajoso de navegar ymposibitam mucho".[584] O caminho de Buenos Aires ao Guairá, por exemplo, tinha quase novecentas léguas de ida e volta, de navegação por rios trabalhosos e de muitas correntes. Segundo o capitão Manuel de Frias, cada espanhol precisava de oito ou dez indígenas para acompanhá-los rio acima. A partir de Guairá, as primeiras vinte léguas da viagem, até o *embarcadero* se faziam por terra, "porque son de bosques y montanas y uma cordillera que se traviessa muy áspera y banados anegadizos y rios y malos passos que passar sin puente y estas

[580] AGI, PATRONATO,29,R.36 – Relación del viaje de Juan Pinto al Río de la Plata

[581] AGI, CHARCAS,112.

[582] AGI, CHARCAS,112.

[583] AGI, CHARCAS,112.

[584] AGI, CHARCAS,112, 1612.

veinte léguas por ser de tal calidad y no poder andarlas com cavalos ni carros an de venir los índios cargados.[585] No sentido leste-oeste, eram quatrocentas léguas "de despoblado" entre "el ultimo Pueblo del Brasil, que es San Pablo, hasta la Assuncion, primera Ciudad y cabeça del Paraguay". Dali ao Peru, "restan mas de otras 400 léguas por el camino".[586]

A importância das vilas e cidades ia além de entrepostos e fortes para a ampliação da conquista. Com elas se tomava posse da terra, questão sempre litigiosa em um território de fronteiras pouco definidas. O piloto espanhol Juan Sanchez de Viscaya afirmava em sua *Relacion* que os portugueses de São Vicente pretendiam "ser toda la costa suya asta la boca del rrio de la plata" e solicitavam ao rei que "enbie a poblar toda la costa". Lembrava ao seu soberano que "esto se aze ser grand perdida de su mag por q en la costa ay muchos puertos muy Buenos de callado y para el trato del rrio de la plata ay muy breve camino y muy Buenos rrios".[587] Em outra carta, Viscaya voltou a tratar do assunto, afirmando que "los vassalos del rei de Portugal tienen poblado la costa del brasil muchos pueblos" e, a partir de São Vicente estariam também a povoar "la tierra adentro". Na opinião do piloto, o rei espanhol "debe de mandar poner remédio de manera q los dichos Portugueses no pueblen ni ynvadan Las tierras de vossa alteza". Por isso era necessário que a terra fosse "poblada delos vassalos de v. al", já que era intenção dos portugueses "nos echar de la costa y nos desbaratar".[588] No interior da América a preocupação era a mesma. Em 1599, Don Diego Valdez, governador do Rio da Prata naquele ano, fez uma descrição da governação. Tratando do caminho entre São Paulo e Paraguai, Valdez confessa que "los enemigos andam y tienen mui reconocida la tierra para acer lo que les parece" e, portanto, "podria ser que fuese muy conveniente al serviço de dios y de vossa majestade poner en aquellas províncias govierno castellano y reducirlas a la corona de Castilla de donde verdadeiramente san como lo diran los maestros de cosmografia y geografia"[589]

Viscaya também sugeria ao rei, caso viesse a declarar limites com os portugueses – em 1585 as Coroas estava unificadas –, que aplicasse as medições de modo que o porto de

---

[585] AGI, CHARCAS,112, 1614.

[586] AGI, CHARCAS,33. Carta de Manuel de Fria77s, 1622.

[587] AGI, PATRONATO,28,R.45 "Descripción del Río de la Plata". O documento está datado, no catálogo do AGI de 1530. Entretanto, o autor cita Dona Mência Sanabria, mulher do governador Juan de Sanabria, que viajou à América em 1556, tendo como piloto justamente Viscaya.

[588] AGI, PATRONATO,28,R.45 "Descripción del Río de la Plata".

[589] AGI, CHARCAS,112.

Cananea ("muy buen puerto (...) poblado de yndios que se llaman topis amigos de los portugueses") e um rio chamado Ubay ("que esta de san Vicente doze o quinze léguas") ficassem no território espanhol. O rio Ubay "descende del campo y es muy necessário para cuando (...) poblar la tierra y para la contratacion del campo". O próprio autor explica o que entende por *campo*:

> Llamo el campo a la tierra adentro por que el tierra llana y de grandes campos y sera muy frutífera que la tierra que esta sobre la mar es muy montanosa y de grandes sierras y por causa de las muchas sieras que ay en la dicha costa dela mar Ay muy poca tierra de provecho sino El que los vales delas dichas sierras[590]

Continuando a descrição, Viscaya localiza os outros portos da costa. São Francisco, o "mas cercano al campo y a los índios guaranis amigos de los vassalos de vossa alteza que viven en el dicho campo al caminho por donde caminhamos com Alvar Nunez Cabeza de Vaca". São Francisco seria "la mejor entrada para yr a la tierra adentro a la conquista del rio de la plata porque deste puerto a los yndios amigos de los vassalos de v.al. ay muy poco camino q por los dichos índios pueden hyr a la dicha conquista". Na sua *Relacion sobre las produciones de algunos pueblos e províncias en América*, Jaime Rasquín mostra a ligação entre essa região da costa e o interior do Rio da Prata. Quando escreve sobre a situação dos povoadores da região, afirma que estão a "veinte léguas de Sant Francisco, camino de Ontiveros, entrado en el campo".[591] Ontiveros foi um povoado fundado em 1554 por Garcia de Vergara, às margens do rio Paraná, já na região do Guairá. Dois anos mais tarde, Ruy Díaz de Melgarejo fundou a Ciudad Real del Guairá, na foz do rio Piquiri, com cem colonos espanhóis e a população de Ontiveros, que se transferiu para a nova cidade.[592]

Continuando a descrição da costa, adiante oito léguas segundo Viscaya, se localiza o rio Itabocu, "por donde entramos com el dicho Cabeza de Vaca". Dezoito léguas ao sul está a Ilha de Santa Catarina, em vinte e sete graus e meio, povoada de índios guaranis. Aos vinte e oito graus e dois terços está localizado uma lagoa, conhecida como El Biaza, "puerto sino para navios pequenos". Desde aí até o Rio da Prata "va la tierra muy poblada de los dichos

---

[590] AGI, PATRONATO,28,R.45 "Descripción del Río de la Plata".

[591] AGI, PATRONATO,29,R.11. Relación de Jaime Rasquín sobre producciones de América. O documento é datado de 1566 e trata da viagem de Rasquin à América uma década antes, em 1556.

[592] VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes...**, *op. cit*, p.207.

yndios amigos de los vassalos de vossa alteza y me parece que junto desta laguna se avia de poblar". Rasquin também escreve que os melhores locais para se povoar são mesmo Sant Francisco e El Biaza, tanto pela facilidade em se conectar a Ontiveros e aos rios Piquiri e Iguaçu, como pelo número de indígenas que poderiam ser repartidos entre os povoadores.[593] Parece que por algum tempo as tentativas de se povoar os ditos lugares deram certo. Em carta de 10 de maio de 1570, Juan Ortiz de Zarate solicita ao *Consejo de Indias* que sejam especificados em seu título de governador as províncias e pueblos de sua jurisdição, incluindo "la costa del mar del norte, S. Francisco, Santi Espiritus y San Gabriel y el Biaza que outro nome llaman Puerto de Patos".[594]

A maior parte das descrições e relações espanholas na região se concentra nos rios da bacia platina, notadamente o Paraguai e seus afluentes. Como se sabe, o destino das expedições variava geograficamente, mas o desejo era o mesmo: alcançar as imensas riquezas da Serra de Prata, do Dorado ou das Amazonas. Em todas as tentativas e, portanto, em grande parte das descrições, a geografia e a população nativa americana são obstáculos tão grandes quanto a vontade espanhola. No final da década de 1530 o então governador don Pedro de Mendoza, primeiro adelantado da região, enviou Juan de Ayolas, seu tenente general, "a descubrir el Rio de la Plata arriba y tomar relación de la tierra".[595] Depois de chegar ao porto de Nuestra Señora de la Candelária, Ayolas entrou pela terra deixando os navios sob a guarda do capitão Domingo Martinez de Irala e mais cem soldados.[596] O tenente e seus duzentos soldados nunca mais foram vistos. Uma relação anônima, datada de 1545 de Assunção, narra uma das tentativas de se buscar Ayolas. Depois de subir o rio, os espanhóis deixaram os navios e iniciaram a marcha por terra "con muchos yndios carios el primer dia que nos partimos hallamos el caminho bueno y outro dia hallamos el caminho buen anegado Y muy mal caminho tanto q ubo muchos dias que no hallamos tierra enxuta para poder reposar sino

---

[593] AGI, PATRONATO,29,R.11.

[594] AGI, CHARCAS,40. Carta de 10 de maio de 1570. Há ainda outro pedido de Zarate, quando solicita sua nomeação como governador, em que ele lista as províncias e povoações de sua jurisdição. AGI, CHARCAS,27, R.2. N.3

[595] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, p.57.

[596] Esse episódio marcou o início dos atritos entre Irala e as demais autoridades da região, que marcariam sua vida e seus governos. Depois de esperar oito meses por Ayolas, sem sucesso, o capitão desceu o rio até Assunção. Além de alguns vecinos entenderem que Irala abandonara Ayolas, ele se envolveu em querelas com Francisco Ruiz e acabou preso. Depois de solto, voltou a buscar Ayolas, novamente sem sucesso. GUZMAN, Ruiz Díaz de. La Argentina, op. cit., p.63

siempre al agua a los sobacos".[597] Na relação da expedição de Francisco Vergara ao Peru, já citada, o autor conta que perderam-se mais de oitenta cavalos logo no início da entrada, "porque estaba la tierra en muchas partes anegada".[598]

A dinâmica fluvial da região do Chaco e Pantanal multiplicou episódios como esses na documentação.[599] Mais ao sul, também são os rios que norteiam as ações. Em 1627 o jesuíta padre Roque Gonzalez escreveu uma *Descripcion de la província del Uruguai,* dando notícias aos seus superiores do estado das nascentes missões da região. [600] Primeiro o jesuíta faz a descrição física do espaço, localizando as missões: "desde Buenos Ayres hasta la boca del Ibicuin y Reduccion de los Reyes ó Japeyú, hay cien léguas bien hechas; y desde dicha Reduccion hasta la cordillera, diez léguas arriba de la de San Nicolas, hay cincuenta léguas". Após tratar das distâncias, é a vez dos limites: "Luego siguen otras cincuenta léguas de montaña cerrada con bosques hasta salir á los campos de hacia Guayra. De ali hasta confinar con tierras del Brasil habrá cien léguas". O padre também explica que "acá en Indias se llaman montes y montañas las selvas y bosques", citando alguns autores como referência.[601] São recorrentes na narrativa as tentativas do autor de estimar a população indígena, bastante numerosa naquela região ainda pouco explorada no início do século XVII. O caminho mais adequado para se entrar naquelas paragens, segundo o padre, seria o rio Ibicuiti. Entretanto, ele afirma que "sabemos y hemos visto ya que no hay un Indio". Além disso, o rio só seria

---

[597] PATRONATO,29,R.3, Relación del descubrimiento del Río de la Plata. Na margem esquerda da primeira página da relação é possível ler: "de los papelas de la arca de Sta Cruz". Trata-se da arca de documentos que o cosmógrafo real Alonso de Santa Cruz reuniu durante sua vida. Sobre o autor, ver os trabalhos já citados de MUNDY, Barbara E. **The mapping of the New Spain,** *op.cit.*; e PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op.cit.* Outro detalhe da documentação manuscrita utilizada é que metade das cerca de trinta descrições, cartas e relações utilizadas nesse tópico apresenta na página inicial a palavra "céspedes", escrita sempre com a mesma letra. Segundo Maria Portuondo, tratam-se de documentos que pertenciam ao também cosmógrafo real Andrés García de Céspedes. Seu sucessor no cargo no Conselho de Indias, Lopez de Velasco, teria ficado com a documentação. PORTUONDO, María M. **Secret Science,** *op.cit,* p.71.

[598] PATRONATO,29,R.19, Relación del viaje de Ortiz de Vergara:Río Plata.

[599] Para uma análise detalhada das viagens ao Pantanal, ver COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente,** *op.cit.*

[600] Descripción de la província del Uruguay escrita por el P. Roque Gonzáles al P. Provincial Nicolás Durán desde la Reducción de los Reyes, 15 de noviembre de 1627. in. **Coleccion Historica completa de los tratados, convenciones, capitulaciones, armistícios, cuestiones de limites y otros actos diplomáticos y políticos de todos los Estados compreendidos entre el golfo de Mejico y el cabo de Hornos, desde el año de 1493 hasta nuestros dias**, por Carlos Calvo. Tomo Undécimo. Buenos Aires: Libreria de La Vitoria, 1869.

[601] Descripción de la província del Uruguay, *op.cit.*, p.206.

navegável sessenta léguas acima da foz, "y todo lo demas son pântanos de donde su origem".[602]

Mas afinal, por onde seguiam essas expedições? A partir de uma série de indícios, fragmentos retirados de um e outro documento, é possível vislumbrar, de um lado, uma rede de *caminos*, que mesclavam partes terrestres e fluviais, já bastante discutidos nesse capítulo. De outro lado, porém, as relações mostram que as entradas seguiam caminhos não definidos. Vergara, em sua viagem de Assunção ao Peru, primeiro escolhe

> mudar de ruta y por venir a dar a Santa Cruz vine por este camino, dexando para la vuelta el descubrimiento que yo pensaba hacer del camino derecho para el Peru, que es por la vereda de un rio que llamamos el Aracauay que en Ciudad de la Plata llaman Pilcomayo[603]

Depois de mais de trinta jornadas pela terra, chegou a um local onde "se apartavan dos caminos, el uno que iba á Guabay, que era el camino ordinário por donde Nuflo de Chaves iba y venia y el outro era el camino por donde se iba a Santo Domingo de la Nueva Rioja". Mesmo nos caminhos *ordinários*, "los índios nuestros amigos (...) iban delante siempre descubriendo el campo". Quando os índios amigos não estavam presentes, a situação era outra. Em uma manhã alguns cavalos se perderam e foram mandados três homens a buscá-los. Quando voltavam para encontrar a comitiva, "viniendo por el camino, los índios que estaban entre las mapas, visto que no era más de três, dieron en ellos y lo mataron". Depois desse episódio, Vergara conta que "ansi fui caminhando por estas sierras, sin hallar guia, mas que tomar el caminho que al parecer era menos agro".[604]

3.4.1 – Um saber não sabido

Depois de analisar uma série de descrições, algumas perguntas parecem ser inevitáveis: as descrições são usadas como base de conhecimento geográfico americano, e,

---

[602] Descripción de la província del Uruguay, *op.cit.*, p.209.

[603] AGI, PATRONATO,29,R.19, Relación del viaje de Ortiz de Vergara:Río Plata

[604] AGI, PATRONATO,29,R.19, Relación del viaje de Ortiz de Vergara:Río Plata. Os *guias* indígenas que acompanhavam as expedições nem sempre o faziam espontaneamente. Segundo a narrativa de Vergara, no mesmo documento, depois de uma escaramuça com um grupo indígenas, alguns foram presos. Os demais não foram mais vistos, provavelmente porque saíram a retirar suas mulheres e filhos de suas casas, "paresciendoles q los índios que avia tomado me avian de ser guias para llevarme alla".

portanto, são fontes para a cartografia do período? Ou, seguindo uma história da cartografia mais tradicional, quais descrições foram usadas em quais mapas? As descrições, como vimos, não *descrevem* geograficamente todo o espaço platino – como os mapas tem a pretensão de fazer – mas apenas alguns elementos dele. Aparecem na documentação os portos, as vilas, os rios, as distâncias, os caminhos. Entretanto, são frutos do deslocamento de agentes imperiais para diferentes cantos desse imensa bacia fluvial. Ora, quando se percorre um território, necessariamente se conhece sua geografia. O que temos nas fontes analisadas aqui é um conhecimento geográfico muito mais implícito que explícito. As descrições mostram um espaço praticado. São, elas mesmas, uma *prática de espaço.*

As perguntas acima mencionadas escondem algumas armadilhas. A circulação de informações que não ficaram registradas ou não chegaram até nós; as especificidades de cada escritor ou cartógrafo, sua erudição, estilo e talento; a dificuldade de se estabelecer uma ligação clara, na maioria dos casos, entre descrições escritas e mapas; o que se pretendia mostrar e o que se pretendia esconder pelas instituições ibéricas responsáveis pela administração americana em diferentes momentos; e mesmo as diferentes motivações para se cartografar. Muitas delas já foram discutidas no capítulo anterior. Uma das formas de analisar o problema do conhecimento geográfico sem cair nessas armadilhas pode ser encontrado, uma vez mais, na obra de Michel de Certeau. Na segunda parte do livro *Invenção do Cotidiano*, intitulada *Teorias da arte de fazer*, Certeau discute a respeito das práticas cotidianas e do saber construídos *a partir* delas. Ele considera essas práticas *artes de fazer.*[605] É evidente o paralelo que pode ser traçado entre as *artes de fazer* e as práticas do espaço.

Na conquista da bacia platina pelos espanhóis no primeiro século de exploração, o papel dos rios é fundamental. Eles se tornaram caminhos fluviais a partir dos quais a entrada no território, a circulação e as primeiras tentativas de colonização puderam ser efetuadas. Entretanto, há uma diferença visível, tanto do ponto de vista prático como epistêmico – e da ciência cartográfica – entre conhecer um rio *ao rés do chão*, através de uma prática de espaço, e localizá-lo, desenhá-lo, *elucidá-lo* através dos procedimentos científicos em um mapa. Analisando um grande volume de mapas e descrições da região isso ficou evidente. A despeito de vários personagens terem esmiuçado grande parte do espaço platino através dos grandes rios e de seus pequenos afluentes enquanto serpenteavam mata adentro, esse conhecimento é de uma natureza que não pode figurar nos mapas. Daí sua ausência na quase

---

[605] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, Segunda Parte, pp.109-169.

totalidade da cartografia aqui analisada, que mostra, em grande medida, apenas rios com traçados esquemáticos e intensamente mutáveis, como já discutido. A ausência de mapas em escala maior da região também pode ser sintomático dessa questão. A ligação que falta entre as duas pontas do conhecimento geográfico é justamente o mesmo procedimento apontado por Certeau entre "práticas sem discurso" e o "discurso sobre essas práticas".[606] Enquanto analisa as obras de Foucault e Bourdieu para iniciar a discussão, Certeau transita entre considerar as *artes de fazer* como uma reserva de conhecimento selvagem para o saber esclarecido (nesse caso, sociológico), mas também como base do conhecimento científico, uma vez que, a partir do século XVI, "a ideia de método abala progressivamente a relação entre o conhecer e o fazer" e a fronteira

> Não separa mais dois saberes hierarquizados, um especulativo, o outro ligado às particularidades, um ocupado em ler a ordem cósmica e o outro às voltas com os pormenores das coisas no quadro que lhe é fixado pelo primeiro, mas ela opõe as práticas articuladas pelo discurso às que (ainda) não o são.[607]

Nesse caso nos interessam as reflexões sobre a segunda definição, que contrapõe as artes de fazer à ciência. Esse saber, para Certeau, depende de uma narratividade, pois ainda não é ciência, é uma "descrição", relacionada a uma "perfeição, que tem em mira uma otimização técnica". A posição das *artes* – as artes de fazer, ou a prática do espaço – "é fixada perto mas fora da ciência".[608] No caso da geografia, as descrições ainda não tem o *status* de ciência, não *mostram* um território conhecido, mais ainda pelo desenvolvimento e método que a ciência cartográfica e cosmográfica atingiu nos séculos XVI e XVII, justamente com as primeiras sistematizações da ciência moderna. As descrições mostram um conhecimento implícito, uma prática de território que é desvelada pela ciência cartográfica. Do ponto de vista prático, do cotidiano, esse *saber-fazer* do território é muito importante para organizar e planejar as ações espanholas no território. Entretanto, é pouco efetivo do ponto de vista da legitimidade da posse do território – conseguido, no alvorecer da primeira modernidade, com a discurso científico e cartográfico. Os mapas têm força de discurso para legitimar a posse. O saber-fazer é elucidado – termo caro à Certeau – por "ciências epistemologicamente

---

[606] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano,** p.111.

[607] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano,** p.136.

[608] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano,** p.137.

superiores". No caso da cartografia a metáfora torna-se mais forte, porque retrata o procedimento: os mapas realmente elucidam o espaço, construindo-o e mostrando-o no papel. É um conhecimento que não se conhece, "acha-se recolhido, originário, como uma "fonte" daquilo que se diferencia e se elucida mais tarde. Trata-se de *um saber não-sabido*".[609]

Certeau vai mais a fundo nessa vereda, indagando sobre a natureza do pertencimento desse conhecimento:

> Há, nas práticas, um estatuto análogo àquele que se atribui às fábulas ou aos mitos, como os dizeres de conhecimentos que não se conhecem a si mesmos. Tanto num caso como noutro, trata-se de um saber sobre os quais os sujeitos não refletem. Dele dão testemunho sem poderem apropriar-se dele. São afinal os locatários e não os proprietários de seu próprio saber fazer. A respeito deles não se pergunta *se há saber* (supõe-se que *deva haver*), mas este é *sabido* apenas por outros e não por seus portadores. Tal como o dos poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido senão pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo, mas que não o possui tampouco. Portanto, não pertence a ninguém. Fica circulando entre a inconsciência dos praticantes e a reflexão dos não-praticantes, sem pertencer a nenhum. Trata-se de um saber anônimo e referencial, uma condição de possibilidade das práticas técnicas ou eruditas.[610]

Teria o saber geográfico esse estatuto, de não pertencer a ninguém? De um lado, temos os praticantes do espaço, funcionários e agentes reais, que efetivamente conhecem o espaço, mas que não o explicitam, que não conseguem elucidá-lo para a Coroa, torná-lo conhecido. De outro, cartógrafos igualmente institucionalizados, que interpretam e *traduzem* esse espaço, colocando-o nos mapas, mesmo sem o conhecer. Essa é uma das grandes chaves interpretativas da documentação utilizada nessa pesquisa, deslocando as questões mencionadas anteriormente e tirando a ênfase do uso ou não de determinadas descrições para determinados mapas. No espaço platino, de fronteiras e dimensões pouco definidas, a prática do espaço foi constante e fundamental. Entretanto, a ciência cartográfica com seus rigorosos

---

[609] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano,** p.143. Grifos no original. Depois dessas reflexões, quando trata do "tempo das histórias" (p.151) Certeau afirma que "a narrativização das práticas seria uma "maneira de fazer" textual, com seus procedimentos e táticas próprios". Dessa forma, se distancia da institucionalização bastante discutida da cartografia ibérica. Entretanto, o autor propõe uma retomada das artes, não apenas como o fundamento do saber elucidado, nas retomado e restituído de importância científica, de autoridade teórica. Não é apenas um documento que não sabe o que diz, mas, ao contrário "é um saber-dizer exatamente ajustado a seu objeto e, a este título, não mais o outro do saber mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria" (p.153).

[610] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano,** p.143. Grifos no original.

métodos precisou se apropriar desse saber, para elucidar o espaço. No caso dos rios, personagens centrais desse conhecimento, isso significou torná-los visíveis, desenhando no papel suas curvas e afluentes território adentro. Tem-se assim a complementaridade de dois saberes distintos. Se as descrições são essenciais para novas incursões no território, novos povoamentos e conquistas, como vimos, não tem muita utilidade, *per se,* quando se trata de legitimar e justificar querelas diplomáticas com outras nações europeias. O mapa, ao contrário, discurso cartográfico sobre aquele saber, parece ter pouca ou nenhuma utilidade para a circulação no território durante o século XVI. A função de instrumento e ferramenta de auxílio para se locomover de um ponto a outro, que lhe damos hoje, parece escapar do escopo de sua atuação no período analisado. A documentação mostra que grande parte dessa tarefa era realizada pelos rios. Os cursos fluviais eram os guias norteadores de grande parte das expedições e espinha dorsal da ocupação que se fez exclusivamente às suas margens. Entretanto, o caráter retórico e legitimador de espaço cartografado, mostrado no mapa, com os rios e vilas assinalados, não pode ser almejado pelas descrições. Só quando elucidado no mapa o espaço passa a ser oficialmente conhecido.

* * *

São incontáveis os documentos que trazem vestígios da circulação de europeus pelo território do sul do continente no século XVI. Depois de analisar uma parte deles, a imagem que se forma não condiz com o que muitas vezes é tido como *desconhecido* no primeiro século e meio de ocupação europeia. O que se vê a partir de documentação dos mais variados tipos questiona essa afirmação. Que o território era desconhecido apenas para os europeus já é fato dado e indiscutível. Os grupos indígenas tinham grande mobilidade pelos caminhos construídos na região. Além disso, entretanto, a documentação mostra uma intensa circulação de europeus, com relatos e descrições por vezes pormenorizadas do interior. A preocupação do governador Luis Cespedes Xeria, em 1628, em proteger o passo do Salto do Guairá, "chave de todos os caminhos" em direção ao Paraguai e ao Peru repete, um século mais tarde, a ordem de Tomé de Souza para que o caminho do Paraguai fosse obstruído. Sobre os caminhos, as fontes indicam uma profusão de roteiros que inviabiliza a ideia de um grande caminho que ligasse o Atlântico ao Peru. Enrique de Gândia vai ainda mais longe, afirmando que nunca se teve notícia real da existência do caminho, que seria apenas uma lenda.[611]

[611] GANDÍA, Enrique de. **Historia crítica de los mitos de la conquista americana,** *op. cit.,* 230.

Qualquer tentativa de reconstruir caminhos, com base documental, se transforma num emaranhado de citações em círculos, de mapas e relatos. Entretanto, esses relatos do espaço servem para mostrar como o conhecimento geográfico ao rés do chão era não só em outra *escala*, mas de outra *natureza* em relação ao mostrado nas obras e mapas discutidos nos capítulos anteriores. Como frisei, era um conhecimento posteriormente apropriado pela ciência cartográfica e tornado discurso de saber nos mapas.

Algumas poucas vezes, entretanto, esses conhecimentos se encontraram e o território percorrido ao rés do chão foi representado, ainda que de forma bastante esquemática, em mapas. No ultimo capítulo, pretendo mostrar alguns caminhos dessa articulação, que as fontes permitem observar, bem como elucidar outros componentes que estiveram presentes na formação cartográfica do espaço platino.

CAPÍTULO 4 - EM GRANDE E PEQUENA ESCALA: DAS EXPLORAÇÕES AOS MAPAS IMPERIAIS

Todas as terras à esquerda, e todas as terras à direita, agora nos pertencem. Eu solene e formalmente tomo posse de toda essa terra. Nosso território já é seis vezes maior do que a Espanha. E a cada dia, ele se torna ainda maior [612]

Quando Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e seus homens chegaram a um povoado guarani no interior do atual território do estado do Paraná, em 14 de dezembro de 1541, a expedição, fatigada da viagem, parou um dia para repousar. O caminho que haviam seguido, segundo Pero Hernandez,

> foi a oés-noroeste e a quarta de noroeste. Nesse lugar tomaram os pilotos altura em vinte e quatro graus e médio, afastados do trópico um grau. Por todo o caminho que se andou depois, que entrou na províncias e nas povoações dela, é toda terra muito alegre, de grandes campinas, bosques e muitas águas de rios e fontes, arroios e muitas boas águas.[613]

Quatro anos depois, em 20 de dezembro de 1545, o capitão Hernando de Ribera foi mandado pelo governador Cabeza de Vaca para bem mais ao norte. Depois de explorar o rio Paraguai até Puerto de los Reyes, às margens da Lagoa Gaiva, coração do pantanal mato-grossense, o governador retornou à Assunção com parte da comitiva e enviou o capitão para

---

[612] Fala do personagem que representa Don Fernando de Guzman, nobre sevilhano Imperador de *El Dorado*, sentado em seu trono (um rústica cadeira de madeira) na proa da jangada de troncos improvisada rio Amazonas abaixo, em cena do filme *Aguirre, der Zorn Gottes* ("Aguire, a cólera dos deuses" em português) de 1972, dirigido por Werner Herzog.

[613] No original: "el camino por do caminaron fue a Loes Norueste y a la quarta del Norueste. Y em este lugar tomaron los pilotos el altura en veynte y quatro grados y medio, apartados del trópico vn grado. Por todo el camino que se anduuo después, que entro en la prouincia en las poblaciones della, es toda tierra muy alegre, de grandes campiñas, arboledas y muchas aguas de rios y fuentes, arroyos, y muy buenas aguas." **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, op. cit**., p.175.

que explorasse as notícias das terras mais ao norte. Hernando Ribera partiu com cento e cinquenta homens no bergantim *Golondrino*, navegando pelo rio Igatu, "que es brazo de los dichos dos rios Yacareati y Yaiva."[614] Sempre seguindo as instruções dos índios naturais daquela terra, navegou dezessete dias até chegar a "otra tierra que se llaman los índios xarayes", em um "pueblo de hasta mil casas". Ali deixou os navios e seguiu a pé mais três dias, caminhando por terra sempre povoada, "hasta ponerse em quince grados menos dos tercios, yendo la via del oeste". Ainda a partir da indicação dos índios, soube que apenas a dez jornadas dali, a oes-noroeste, "habitavan y tenian muy grandes pueblos unas mujeres que tenian mucho metal blanco y amarillo", de modo que "los asientos y servicios de sus casas eran todos del dicho metal". As mulheres eram "gente de guerra e temida". Nos confins de seu território haveria ainda um grande lago, "que los índios nombraron la casa del sol" pois diziam que ali o sol habitava.[615] Para além da terra das mulheres guerreiras ainda existiria outro povoado, de gente negra, visto apenas pelos pais daqueles índios informantes. O capitão perguntou então

> a que parte demoraban los pueblos y habitacion de la dicha gente negra, y señalaron que demoraban al noroeste (...) A lo que le paresce, segun y la parte de donde señalo, los dichos pueblos están en doce grados á la banda del noroeste, entre las sierras de Santa Marta y del Marañon (...) ansi mismo señalaron los dichos índios que del oesnorueste hasta el noroeste, cuarta al norte, hay otras muchas poblaciones y muy grandes de índios, hay pueblos tan grandes que en un dia no pueden atravessar

Nos trechos acima é possível perceber, lado a lado, elementos de geografia, da navegação e da exploração terrestre de territórios – além de um raro trecho de descrição de paisagem quinhentista, quando Pero Hernandez escreve que toda terra é muito *alegre*, composta por grandes campinas, bosques e rios. Temos aqui o encontro entre o conhecimento da terra, dos guias indígenas que conhecem a região e mostram os caminhos, os rios, as distâncias, as povoações amigas e inimigas; e, de outro lado, o conhecimento dos espanhóis sobre a arte de navegar e a cosmografia, tomando a altura dos lugares, seus rumos e distâncias, para que pudessem ser localizados e representados no papel pelos cartógrafos da Casa da Contratação em Sevilla. Nos capítulos anteriores vimos como o discurso e

---

[614] Relacion de Hernando de Ribera [1545]. **Revista del Instituto paraguayo,** Ano IV, n.36, pp. 419-434, 1902, p.430.

[615] No original, "dicen que ali encierra el sol", Relacion de Hernando de Ribera, *op. cit,* p.431.

conhecimento geográfico europeu sobre a América se organizou de formas diferentes nas obras de *história natural*, nos mapas e na documentação relativa às expedições que circulavam pelo território. Nesse capítulo veremos como, em alguns momentos, esses conhecimentos se articularam, nos lembrando que as aventurosas expedições América dentro estiveram a serviço da Coroa e do projeto de Império. As pistas dessa articulação são dadas por alguns poucos mapas em escala maior do que os utilizados até agora. Seu caráter mais esquemático nos permite localizar o elo de ligação entre as informações obtidas ao rés do chão – como os trechos dos relatos de Cabeça de Vaca e Hernando de Ribera acima citados – e os mapas que circularam ou que ficaram muito tempo mantidos em segredo nas instituições ibéricas do período. A partir da leitura desses mapas, podem ser destacados outros dois elementos constituintes e formadores da geografia platina: as fronteiras – entre domínios ibéricos e/ou territórios indígenas – e o saber local, indígena, parte importante do *saber não sabido* já discutido, presença constante, implícita ou explicitamente nas fontes do período.

4.1 – "PERDONE VUESTRA SEÑORÍA LA MALA MANO QUE HÁZELO": RASCUNHOS DA CARTOGRAFIA PLATINA

Pouco se sabe sobre o frei franciscano Juan Pascual de Rivadeneira, ou Rivadeneyra, como também era grafado na documentação da época. Algumas informações espalhadas pela literatura de cunho biográfico nos contam que o personagem nasceu na Galícia, em 1531 e, em data desconhecida, foi ao Peru. Chegou ao rio da Prata em 1566, acompanhado de outros dois padres franciscanos, Francisco de Daroca e Andrés Rodriguez del Estero. Fundou o primeiro convento franciscano em 1567 e depois foi ao Paraguai onde deu início à construção do primeiro convento franciscano de Assunção, 1580.[616] No mesmo ano partiu para a Espanha com intuito de providenciar sinos e ornamentos para os cultos, bem como o envio de novos frades para atender às necessidades religiosas do Paraguai. Pode ter rezado a primeira missa da Buenos Aires refundada, em companhia de Juan de Garay, no mesmo ano de 1580, quando esperava o embarque para a Espanha. O conquistador doou um pedaço de terra aos franciscanos, para a construção do convento e da Igreja de São Francisco. Rivadeneira partiu

[616] **Forjadores del Paraguay – Dicionário Biográfico.** Assunção: Arami, 2001. Os dados biográficos do frei Rivadeneira foram encontrados através do site www.portalguarani.com.

então à Espanha, de onde retornaria dois anos depois, na companhia de dezoito frades franciscanos, sinos, ornamentos, suprimentos e sementes. [617]

Da viagem de volta, não sem percalços, temos notícia através da *Relación del viaje de Juan Pinto al Rio de la Plata*, de 1585.[618] O piloto do navio *San Tiago*, português natural de Aveiro, fez uma primeira viagem atravessando o oceano com Juan Ortiz de Zarate, recém nomeado governador das Províncias do Rio da Prata. Depois de invernarem seis meses na Ilha de Santa Catarina, enfrentaram uma grande tempestade nas proximidades da Ilha de São Gabriel, na entrada do estuário, onde ficaram por mais seis meses até receberem ajuda de Assunção.[619] Logo depois o governador mandou Juan Pinto com três homens para que fosse dar aviso ao rei sobre a refundação de Buenos Aires. Na volta da segunda viagem, embarcaram em Sevilha "ciertos frades de San Francisco que su magestad enbiava ao dicho rio de la plata"[620]. Quando chegaram à costa do Brasil, na altura de Espírito Santo, tomaram porto pela necessidade de água. O navio acabou encalhando e todos tiveram que desembarcar em terra, "no sabendo [se era] tierra de enemigos o de amigos que fue de noche". Com ajuda do governador da capitania, Vasco Fernandes Coutinho Filho, herdeiro do primeiro donatário daquelas terras, conseguiram desencalhar o navio e o levaram para reparos na mesma "Ciudad del Espiritu Santo". Depois disso, um dos freis, "que se llamava fray juan de rivadeneyra, a cuyo cargo iban, acordó de comprar en la dicha ciudad una fragata para que el con otros ocho religiosos y el dicho juan pinto y outro companero suyo se enbarcasen todos como lo hizieron". Os demais religiosos, mandou Juan de Rivadeneyra que ficassem com o proprietário do navio, Alonso de Vera, até que os consertos terminassem e pudessem prosseguir viagem até o Rio da Prata. Da viagem da fragata a *Relación* também dá bastante detalhes. No Rio de Janeiro, os viajantes encontraram a armada espanhola de Diego Flores de Valdez, que invernava antes de seguir rumo ao Estreito de Magalhães. Foi também ali que o guia, enviado pelo governador do Espírito Santo, deixou a expedição, sendo substituído por um índio que "conocia la tierra" e os levou até a Ilha de Santa Catarina. Dali em diante o capitão Juan Pinto e seu companheiro já conheciam o trajeto. Logo depois da partida da ilha,

---

[617] BERDASCO, Antônio Mêndez. **Contributo para o estudo da história da emigraçom galega na República Argentina.** Buenos Aires: Editorial Dunken, 2005, pp.22-23.

[618] AGI, PATRONATO,29, R.36.

[619] AGI, PATRONATO,29, R.36.

[620] AGI, PATRONATO,29, R.36.

foram surpreendidos por três naus inglesas na altura do porto de Don Rodrigo, no litoral rio-grandense. Sendo bombardeados por oito peças de artilharia, não tiveram outra alternativa a não ser "amaynar por la Reina de Inglaterra". Depois de pedir todos os documentos que levassem a bordo, o general inglês mandou prender os religiosos em sua nau e com os outros capitães se reuniu para decidir o que fazer com os espanhóis. O resultado da consulta, nada agradável, foi que "los dichos religiosos fuesem quemados vivos y al companhero y juan pinto se les cortasse las cabeças". Um dos ingleses, que falava espanhol e contou ter vivido vinte e cinco anos naqueles reinos, intercedeu pelos religiosos que foram colocadas de volta na fragata com mantimentos para continuar a viagem. Já o piloto Juan Pinto e seu companheiro Juan Perez foram interrogados sobre o canal para adentrar no raso estuário platino. O piloto alegou que apenas com navios pequenos era possível a entrada, e os ingleses partiram rumo ao norte, levando presos o piloto e seu companheiro. Quanto aos freis, suas desventuras ainda não haviam acabado. Acometidos por uma tempestade, deram com a fragata em terra, e ali mesmo fizeram sua habitação. [621]

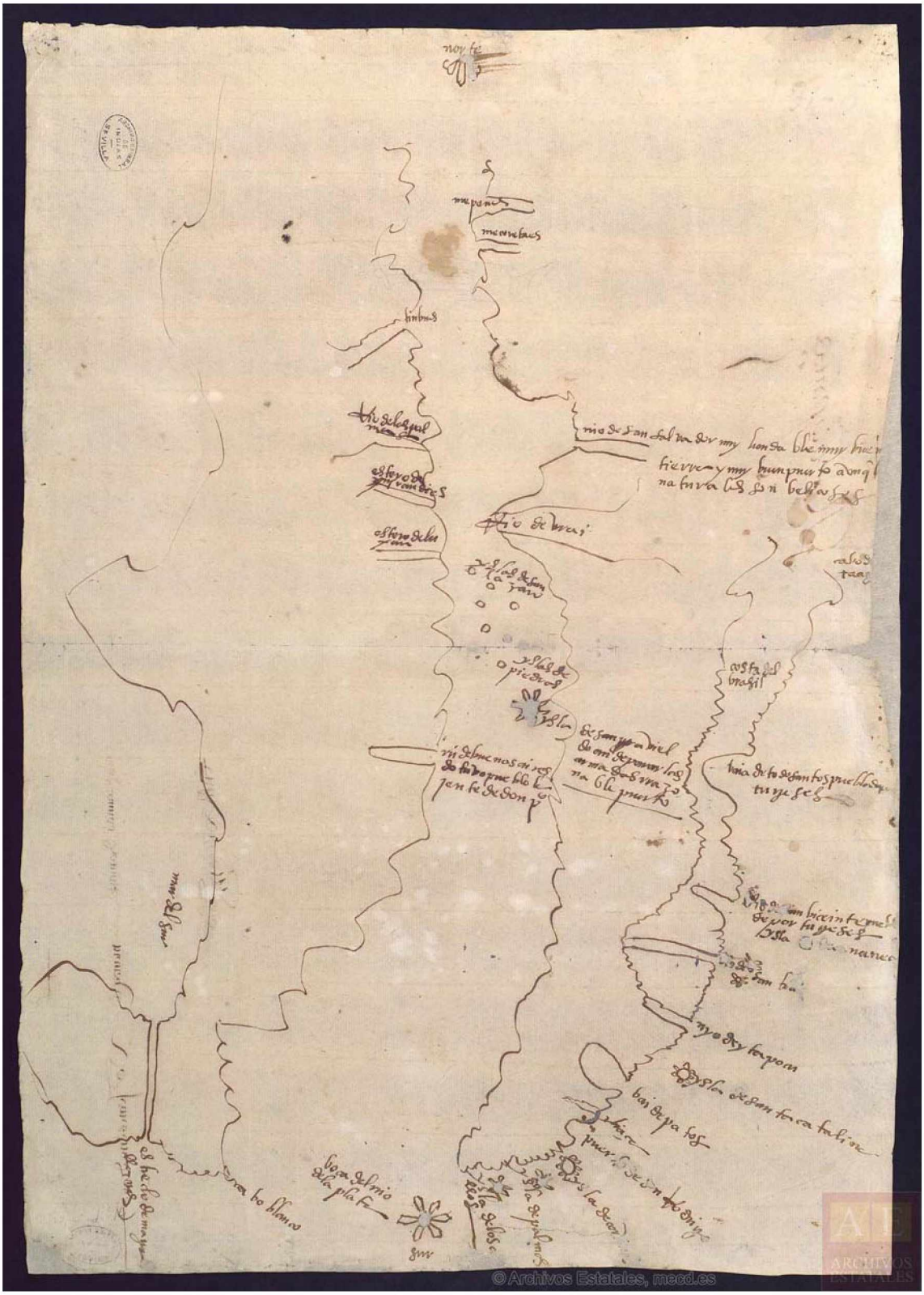
Infortunadamente, o autor anônimo da relação não escreve mais nada a respeito de Rivadeneira e seus companheiros franciscanos. O frei parece ter concluído a viagem com vida, já que aparece numa consulta do *Consejo de Indias* de 1591.[622] Em meio a suas estadias na América, o próprio frei escreveu ao conselho uma *Relación de la Provincia del rio de la Plata*, possivelmente de 1581.[623] A relação trata do estado daquelas províncias, com uma sugestão de divisão em três governações, conforme veremos na sequência. Junto a ela aparecem dois mapas, manuscritos, possivelmente da mesma data, que mostram a parte sul do continente americano.

---

[621] AGI, PATRONATO,29, R.36.

[622] AGI, CHARCAS,1, N.41. O frei, ou um homônimo, solicitou licença para sair do Peru rumo ao reino alguns anos antes, em 1573. No documento se lê que "Juan de Rivadeneyra natural de Antequera de hedad de treynta y cinco ãnos", portanto, nem a data nem o local de nascimento coincidem com as pesquisas biográficas acima apresentadas. Os dados são poucos para confirmar qual das versões está correta. As poucas informações sobre o Juan de Rivadeneyra andaluz são detalhes anatômicos, utilizados para identificar qual o passageiro que tinha licença para sair do Peru: "tiene en la mano izquierda encima del dedo menique una señal de herida y en el segundo dedo de la mesma mano tiene outro sinal de herida". AGI, INDIFERENTE,2047, N.12.

[623] O manuscrito não apresenta data. Utilizo aqui a datação estimada pela equipe do AGI. O mesmo vale para os mapas do frei, que serão analisados na sequência. Fray Juan de Rivadeneira: províncias del Río de la Plata. AGI, PATRONATO,294, N.14.


nor te
mapanes
monteses
timbus
rio de San Salvador muy buena ble muy fuer
fuerte y muy bumpuesto a dma
natura los son belico
rio de Brasil
costa del brasil
Bahia de todos santos pueblos
tupy ses
Bahia de San Sebastian
rio de Janeiro
Bahia de la Spa Sos
Bahia de Spiritu Santo
Bahia de la Cananea
Bahia de todos los Sant

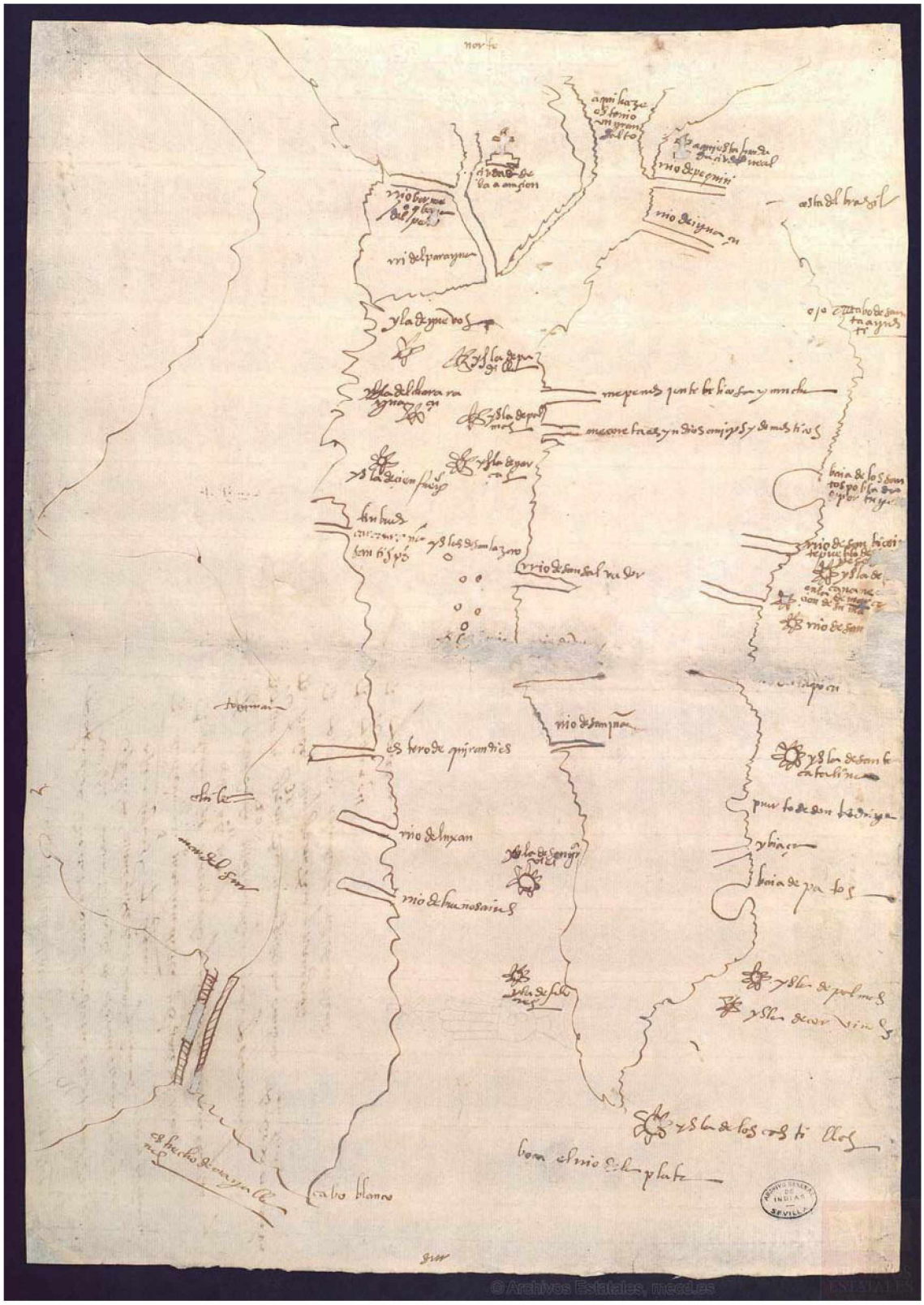


Figura 48 - O segundo mapa que acompanha a relação do frei Juan de Rivadeneira, de 1581. AGI, MP-BUENOS_AIRES,3.

Os dois são bastante semelhantes, esquemáticos, provavelmente rascunhos. São poucos os elementos que permitem analisar as diferenças entre os dois mapas. Possivelmente tratam-se de cópias que sofreram alguma alteração em sua elaboração (Figura 47 e 48).

Ambos mostram a costa do Brasil, com os principais portos e rios, mais numerosos a partir de São Vicente para o sul. Até essa latitude, aparecem no mapa 2[624], no litoral brasileiro, os topônimos do Cabo de Santo Agostinho; da baía de Todos os Santos, "Pueblo de portugueses"; e do "rio de Sam Vicente Pueblo de portugueses/Isla de Cananea".[625] O mapa 1 apresenta os mesmos topônimos nessa costa, com a ressalva de que o topônimo da *isla de Cananea* é complementado pela frase: "en la demarcación de su magestad".[626] Mesmo com o início do período de união das Coroas ibéricas sob o manto de Felipe II, a marcação das fronteiras ainda são mantidas. Como veremos adiante, essa questão é bastante complexa na cartografia do período.

Depois de identificar e nomear os locais mais conhecidos da costa atlântica, o cartógrafo desenhou, nos dois mapas, a entrada do estuário platino superdimensionada. Em ambos o estuário é representado na direção sul-norte, paralelo à costa, e, através de uma variação de escala livre, chega até muito mais ao norte que o Cabo de Santo Agostinho, transformando toda a América portuguesa numa grande península. Vizinho à saída do estuário – e visivelmente distorcido pela limitação da folha onde os mapas foram desenhados – aparece o Estreito de Magalhães, também com uma orientação sul-norte, vertical na folha. Nos dois mapas figura também a costa ocidental americana e o "mar del sur". No mapa 3 aparece o topônimo "chile", logo abaixo de "Tucumán", distorção provocada porque a costa chilena também é representada como uma grande península, apertada entre o Pacífico e o imenso rio da Prata.

Essa configuração não aparece por acaso. O interior do mapa – e do continente – onde figura o rio da Prata é o foco de atenção do autor e onde vemos a maior concentração de topônimos. É também aqui que se encontra a diferença mais visível entre as duas cartas: no

---

[624] Por falta de uma nomenclatura melhor para distinguir os dois documentos, sigo a referência dos mapas no AGI, chamando de *"mapa 2"* o mapa correspondente à referência "AGI, MP-BUENOS_AIRES,2 - Apunte del Río de la Plata y costa del Brasil", e de *"mapa 3"* o correspondente à AGI, MP-BUENOS_AIRES,3 - Apunte de la costa del Brasil y Río de la Plata. Todos os títulos dos mapas aqui utilizados foram atribuídos pelo AGI na catalogação. Nenhum deles consta nos documentos correspondentes.

[625] AGI, MP-BUENOS_AIRES,2 - Apunte del Río de la Plata y costa del Brasil.

[626] AGI, MP-BUENOS_AIRES,3 - Apunte de la costa del Brasil y Río de la Plata.

mapa 2 o rio da Prata é desenhado até a barra dos rios chamados Mecoretaes e Mepenes, dois povos indígenas bastante presentes nas fontes coevas. No mapa 3, os dois rios são assinalados como "mepenes gente belicosa" e "mecoretaes yndios amigos y domésticos". Essa região é ainda à jusante do encontro das águas do rio Paraguai e Paraná. O mapa 3 mostra não apenas a confluência dos rios, mas a cidade de Assunção e, pouco mais ao norte no rio Paraná, a indicação de que "aqui haze este rio un gran salto", referência ao *Salto del Guairá*, posteriormente chamado de Sete Quedas. Outros sinais presentes no mapa são as ilhas, bastante características; e a indicação do norte na parte superior da folha e sul na parte inferior.[627] Os mapas apresentam mais localidades destacadas e nomeadas do que a própria relação de Rivadeneira. A falta de autoria e data das cartas, entretanto, impede uma análise mais profunda das relações entre o texto e os mapas.

Um outro documento, igualmente sem autoria e data, pode estar relacionado com os escritos de Rivadeneira. A única informação de procedência aparece escrita acima do texto, com outra letra: "Las cartas q se traxeron en el navio en q fue el obispo Del Rio de plata".[628] Trata-se de uma outra descrição, essa exclusivamente dos rios que, vindos da parte oriental do continente, "de las sierras de la costa del Brasil" deságuam na margem esquerda do rio Paraná, ou da Prata (Figura 49). Documento bastante peculiar, já que traz, lado a lado na página, o texto de descrição e o esquema de rio como ilustração.[629] A descrição começa pelo Rio de Janeiro, que segundo o autor nasce nas serras da costa do Brasil e corre a oeste até desaguar no rio da Prata. Das mesmas nascentes corre outro rio, "que se llama também de janero" e que corre a leste, para desaguar "en la mar del norte en la costa del brazil", fazendo uma grande baía com ilhas e portos. Em seguida, a descrição trata de um rio que nasce na região de São Vicente, cujo nome é desconhecido ao autor, que deixou um espaço em branco na linha onde deveria nomear o rio. A continuação do texto não deixa dúvidas de que se trata

---

[627] No mapa 3 há uma rasura no meio da página, talvez ocasionada pela dobra do papel. Aparecem ilegíveis – de acordo com o cotejamento com o mapa 2, o rio Uruguai e as *Islas de las piedras* defronte a sua foz; na costa, o nome do rio Itapocu está quase ilegível.

[628] AGI, MP-BUENOS_AIRES,1. Apunte con el curso del Río de la Plata y afluentes que desembocan en él por la banda de Oriente. Na descrição do manuscrito, no AGI, consta que sua procedência é desconhecida, mas que pode estar relacionado com os mapas e a relação acima citados. No texto aparecem as datas de fatos relacionados ao governador Cabeza de Vaca, em 1555 e 1559, além de nomear a Ciudad Real, fundada em 1557, portanto o documento é posterior a essas datas.

[629] A mesma dinâmica se repete, de forma invertida, no mapa de Luís Cespedes Xeria, que será analisado na sequência. Uma grande legenda de descrição dos rios que aparecem no mapa figura na margem direita da carta. AGI, MP-BUENOS_AIRES,17 e 17BIS.

do rio Anhembi, atual Tietê, rio "por el qual los del Paraguai suben a contratar com los portogueses de sanct Vicente", mas apenas quando os índios tupis, que povoam as margens do rio, "estavan de paz". Além disso, são assinalados os dois saltos, "adonde es necessário sacar las canoas" da água, varando pela margem. Os saltos aparecem também em outros documentos cartográficos analisados. São listados ainda os rios Paranapanema; o Hubay, "navegable de la mesma manera hasta la serrania"; o Pequiri, na foz do qual se encontra Ontiveros, também chamada de Ciudad Real. Depois do salto de Guairá, ainda desagua no Paraná ou Prata o rio Iguaçu. Quarenta léguas abaixo, "segun dizen los índios (...) se aparta del rio de la plata un braço a que llaman los yndios Huruguay que por outro nombre se dize rio Negro que corre mas de trezentas léguas [e] se vuelve ajuntar con el rio de la plata", já nas proximidades do porto de São Gabriel. A condição do rio Uruguai como braço do Prata não é consenso e o autor registra que "outros quieren dezir que este rio Negro no es braço del de la Plata, sino que corre de las serras de los índios ybizayazas, de donde nasce el rio Yguaçu". A geografia fluvial da região foi sempre confusa aos olhos europeus, conforme venho mostrando no decorrer desse trabalho. O traçado do rio Uruguai apareceu de formas bastante distintas nos mapas analisados no segundo capítulo. Aqui, o autor do documento nos dá provas do empirismo pedestre dos espanhóis, ao relatar que o contador daquelas províncias, Felipe de Cáceres, "subio por el 100 leguas pensando que ya por el de la Plata". Porém, quando viu que o rio ficava cada vez mais estreito, retornou.[630] A profusão de rios e canais fluviais na região era tão grande, que nem mesmo a experiência do contador foi suficiente para demonstrar a independência do rio Uruguai em relação ao Prata. A referência a essa expedição também sugere uma baliza temporal para a datação do documento. Felipe de Cáceres foi um dos integrantes e contador da armada de Pedro de Mendoza. No início da década de 1570, já aparece nas fontes como general ou ainda como tenente da governação daquelas províncias,[631] o que torna essa uma possível data limite para o documento.[632]

---

[630] AGI, MP-BUENOS_AIRES,1. Apunte con el curso del Río de la Plata y afluentes que desembocan en él por la banda de Oriente

[631] GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina,** *op. cit.*, Libro III, cap. XVIII. Felipe de Cáceres foi um personagem bastante ativo na história da conquista da região, homem sedicioso, segundo Guzmán. Seu nome está ligado às querelas envolvendo Cabeza de Vaca e Domingos de Irala. O próprio Felipe foi preso e enviado a Espanha no início dos anos 1570.

[632] Como já mencionado, o documento registra fatos acontecidos em 1559. Portanto, parece lícito supor que se trata de um manuscrito feito entre 1560 e 1570.

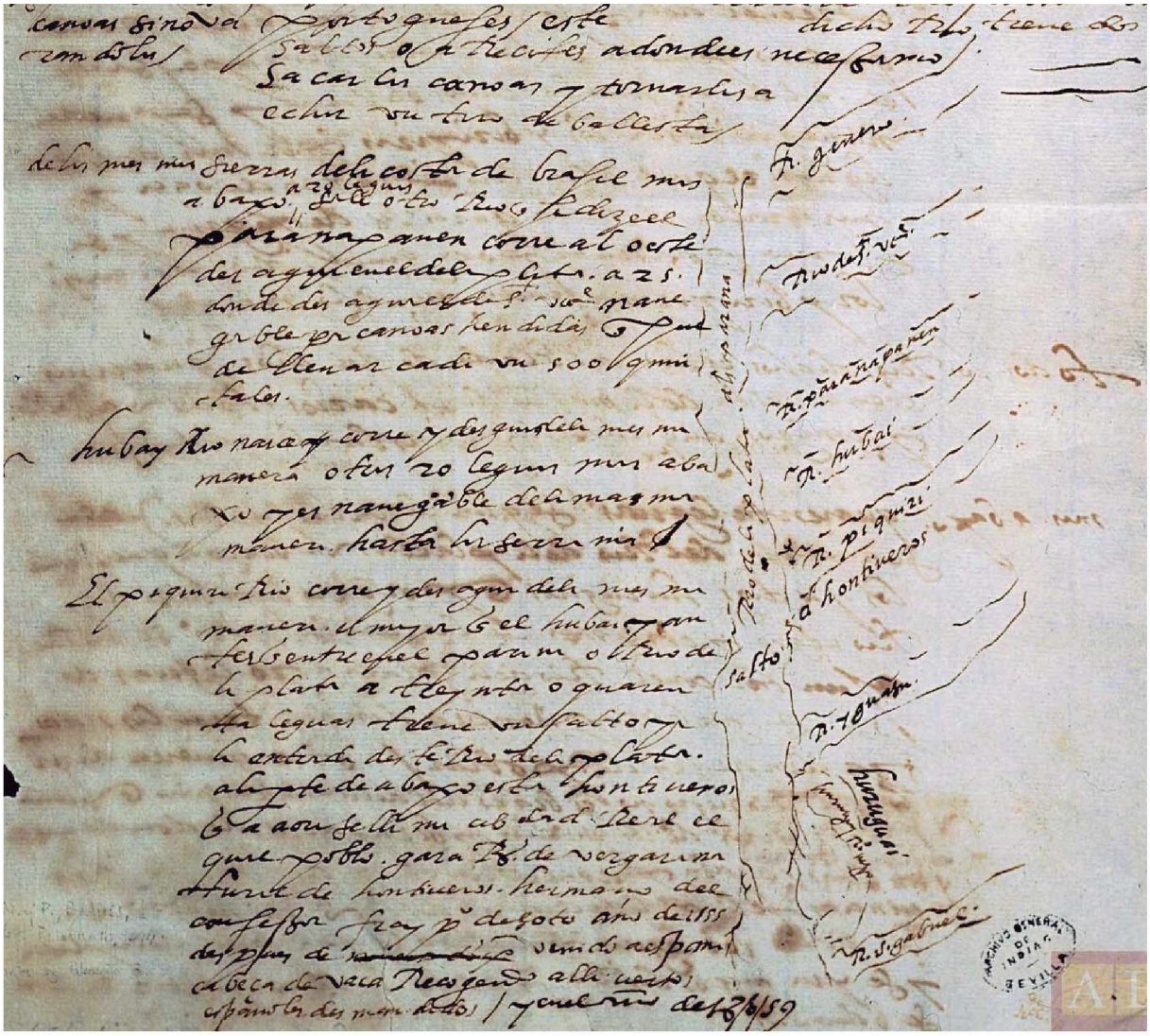


Figura 49 - Detalhe do esquema dos rios que integra o manuscrito "Apunte con el curso del Río de la Plata y afluentes que desembocan en él por la banda de Oriente". AGI, MP-BUENOS_AIRES,1.

A importância dos rios platinos, bem como as incertezas de seus cursos e nomenclaturas também são destacados em outro documento do período, novamente sem data ou autoria (Figura 50). Basicamente um roteiro dos rios do coração do continente americano, onde as bacias platina e amazônica se sobrepõem, quase se encontrando. De traços bastante esquemáticos e escala livre, o documento é dividido em duas partes, na horizontal, por uma linha ondulada onde se lê o topônimo "cordillera". A parte superior mostra o curso dos rios da bacia do rio Marañon e a parte inferior, os rios da porção nordeste da bacia platina, com destaque para Anhembi – "Añanby" – que nasce ao lado de um povoado chamado de S. Anna e corre em direção ao sudoeste, recolhendo as águas dos tributários Tamanduá, Jarabati e Sapuhi, todos com nascentes nas montanhas da serra da mar. Próximo a eles, a vila de *S.*

Pablo merece destaque. Serra abaixo, no litoral, aparecem as vilas de Santos, *San Vicente* e outra, mais ao sul, ilegível.[633] No curso do Anhembi aparecem os dois saltos próximas à foz, no que seria o rio Paraná – infelizmente, o topônimo se encontra rasurado. O limite sul do mapa é o *Salto del Guairá*. Aparecem ainda os rios *Aguapehi, Paranapane, Tacuari e Piquiri*. Os desenhos das vilas do interior, iguais aos do litoral – uma casinha com cruz acima da porta frontal – marcam as *Ciudade Real* ou *Guairá,* a *Villa Rica del Sp.Sto* (entre as nascentes do Piquiri e do Tacuari, possivelmente o mesmo rio Ivaí). Às margens do rio Paranapane, em sua confluência com o Paraná o mesmo símbolo vem acompanhado do topônimo "la palisada indíos carijós". Apesar de inusitado, o topônimo marca possivelmente as reduções jesuíticas que existiam nas margens daquele rio.

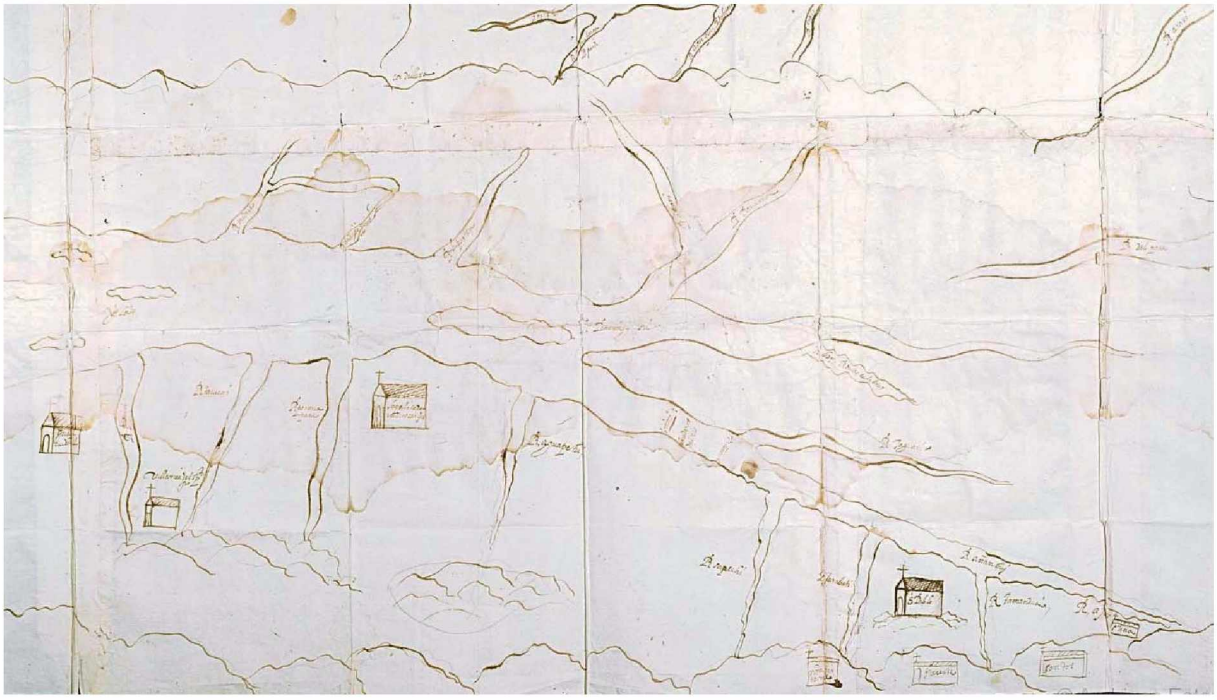


Figura 50 - Detalhe do "Mapa de los Ríos Paraná y Marañón, con expresión de algunos de sus afluentes y de las poblaciones de españoles en aquellas tierras." AGI, MP-BUENOS_AIRES,7.

Por fim, o mapa mais completo desse conjunto de rascunhos é o *Mapa y derroteros del Océano Atlántico y costas aledañas* (Figura 51).[634] Assim como os outros mapas acima citados é de autoria desconhecida – no verso há uma rubrica de autor não identificado, abaixo

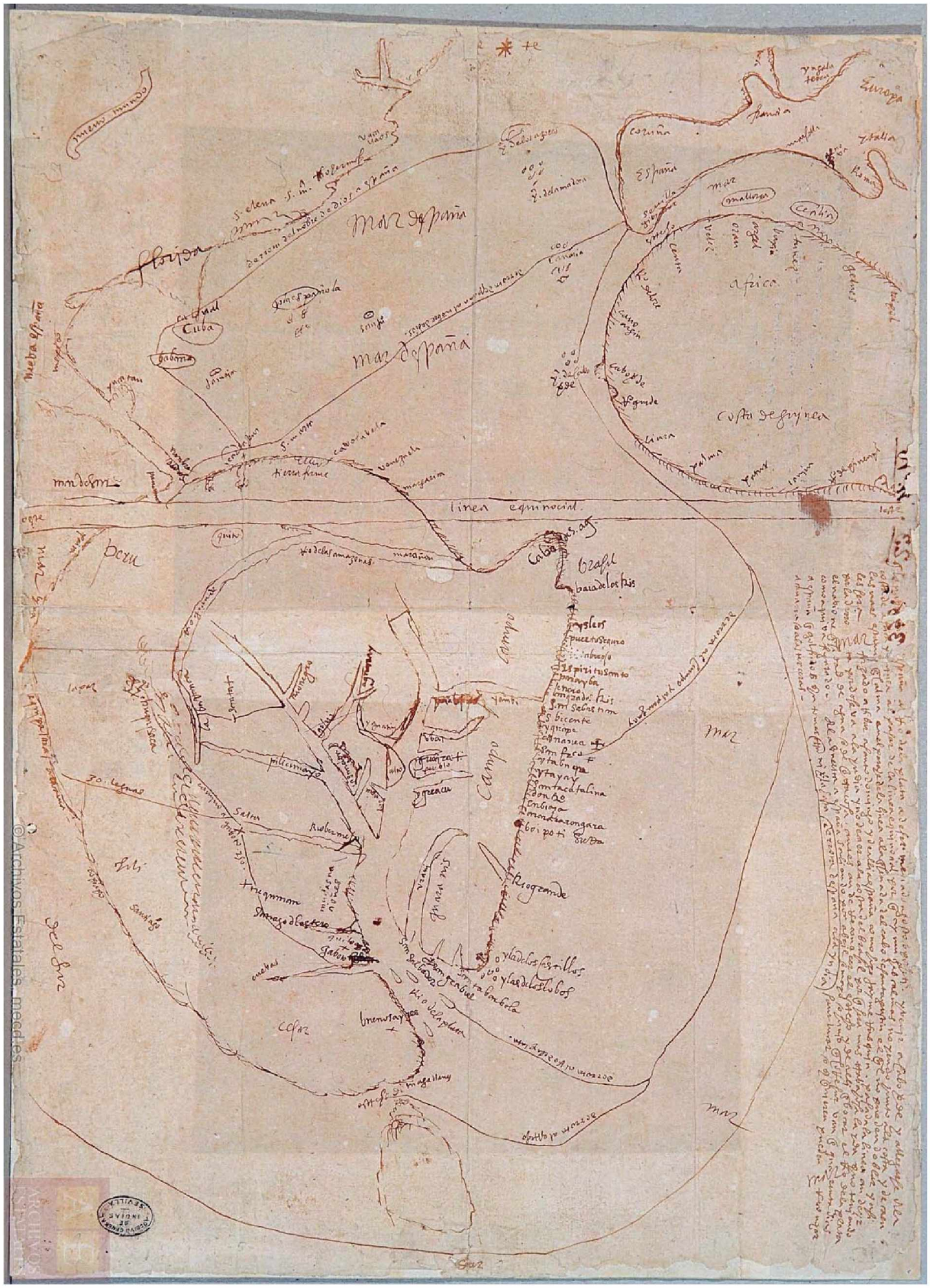
[633] AGI, MP-BUENOS_AIRES,7. Mapa de los Ríos Paraná y Marañón, con expresión de algunos de sus afluentes y de las poblaciones de españoles en aquellas tierras. Segundo a equipe do AGI o mapa pode ser de princípios do século XVII.

[634] AGI, MP-BUENOS_AIRES,5 - Mapa y derroteros del Océano Atlántico y costas aledañas

da inscrição: "Perdone vuestra señoría la mala mano que házelo como nunca me enseñaron el oficio de pintor, pero allá se podría por esa traza hazer pintar bien a quien lo supiese hazer". A única pista da data do documento é uma referência a viagem de Jaime Rasquin ao Rio da Prata, que aconteceu no ano de 1557.[635] O desenho compreende uma imensa área cartografada, representando a Península e boa parte da Europa ocidental, incluindo a Itália e as cidades de Roma, Sevilla e Coruña; a costa de Guiné, no noroeste do continente africano, com mais de duas dezenas de topônimos; as três Américas, com exceção da parte mais boreal da América do Norte, onde se lê "Nuevo Mundo". No centro do mapa a "linea equinocial" passa ao norte da América do Sul. O Atlântico, na altura do Caribe, é chamado "mar de España". Em um dos lados da página, uma extensa legenda descreve a navegação da Espanha até o Rio da Prata, foco do mapa. O texto trata da melhor época para sair da Espanha e, na viagem de volta, do Rio da Prata; da duração dos trechos da viagem; dos principais pontos de referência. Além da legenda, são traçados no mapa, apesar da ausência da marcação de graus, de direções ou rumos, as *derrotas* que deveriam seguir os navios em diferentes viagens: da Espanha a *Nombre de Dios,* na América Central continental, passando por Cuba e a viagem de volta por outra rota. Ao sul, passando pela Costa da Guiné a mesma rota se divide em três: uma às Índias [orientais]; outra bem ao sul, que novamente se divide ao Estreito de Magalhães e ao Rio da Prata; e uma terceira, "derrota al campo y al Paraguay", que chega diretamente a São Francisco, litoral catarinense, ao norte da Ilha de Santa Catarina. No continente o topônimo "campo" escrito duas vezes, toma toda a América portuguesa. É o único dos mapas consultados que traz essa toponímia. A legenda e as linhas das rotas traçadas dão ao mapa uma dinâmica, um movimento de ir de vir de uma Coroa que tinha, ao seu alcance, todos os cantos do seu imenso império.

O interior da bacia platina apresenta uma rica toponímia, a maior parte dela dos rios, que se alongam tomando quase todo o território sul americano. São representadas as vilas de Assunção e o "Pueblo de Guairá", ao lado de uma cruz. De cada um dos lados do *Pueblo* os rios Iguaçu e Ubai nascem no *campo* e deságuam no Prata. Apesar de representar detalhes do alto curso do Paraná e do Paraguai, nenhum dos dois topônimos aparece no mapa. O Yañbi (Anhembi) é o rio mais ao norte representado, nascendo na costa do Brasil, na altura do topônimo de San Sebastiam, pouco acima de S. Vicente, formando, como em alguns mapas

[635] Segundo a descrição do documento, no site do AGI, a letra parece ser do século XVI.


Europa
Asia
Africa
mar de España
mar de España
mar de España
Cuba
Costa de Guynea
linea equinocial
Peru
Brasil
Rio de la Plata
Rio Grande
Rio de los Patos
Rio de las Amazonas
Campo
Campo
Campo
Tierra del fuego
Tierra del fuego
Tierra del fuego

impressos apresentados no capítulo 2, uma grande região insular ao sul da América portuguesa.

A série de documentos cartográficos apresentados nesta seção, pese a ausência de informações de procedência, autoria e data na maior parte dos casos, mostram uma bacia platina muito mais detalhada, em relação aos mapas apresentados no capítulo 2. O protagonismo dos rios na exploração e no mapeamento da região é bastante visível. Grande parte dessa configuração fluvial não aparece nos mapas impressos até meados do século XVII. A mudança de escala dos mapas, mais próximos, mostra outro tipo de espaço e de território, para retomar as discussões de Bernard Lepetit. Não se trata apenas de apresentar um espaço *maior* ou *menor*, com mais ou menos detalhes. Mudar a escala significa escolher o que representar, formando diferentes conhecimentos geográficos. Esses esquemas fluviais são um importante elo de ligação entre as descrições feitas nas expedições pela região e os mapas impressos no período. São também uma importante ligação entre o conhecimento geográfico e a manutenção e ampliação dos Impérios ibéricos modernos. Essa correspondência pode ser melhor explicitada em outro interessante documento cartográfico do período, do qual temos mais informações disponíveis: o mapa feito pelo governador Luis Céspedes Xeria em sua travessia de São Paulo à Assunção.

4.2 – "UN BORON QUE VINE HACIENDO CON TINTAS DE YERBAS": O MAPA DE LUIS CÉSPEDES XERIA (1628)

A documentação sobre os descaminhos do governador Céspedes em terras americanas foi bastante utilizada na primeira metade do século XX, em um momento em que a chamada *historiografia paulista*[636] buscava forjar uma memória do estado de São Paulo com traços singulares se comparada ao restante da colonização portuguesa na América. Durante os anos 1920 e 1930 foi produzida uma imagem de "rude e corajosos paulistas isolados e autônomos"[637], imagem que se reproduziria em textos consagrados e mesmo em filmes e programas de televisão. O isolamento, entre as montanhas da Serra do Mar e o desconhecido sertão, fez com que os paulistas coloniais tivessem uma prosperidade autônoma e independente do restante do pais. São Paulo seria a única vila do planalto, longe da

[636] VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes...**, *op. cit.*, pp.189-190.

[637] VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes...**, *op. cit.*, p.190.

colonização definida por Frei Vicente Salvador como *de caranguejos,* sempre na borda do litoral.[638]

Nesse sentido, um dos documentos mais interessantes da trajetória do governador pelas terras americanas é um mapa, de sua autoria, mostrando o trajeto terrestre-fluvial feito por ele desde a vila de São Paulo até a região do Guairá, oeste do atual estado do Paraná, início de sua jurisdição no governo paraguaio. (Figuras 52 e 53). O mapa de Céspedes, assim como os mapas da seção anterior, é bastante esquemático, com variações livres de escala e sem nenhuma notação de graus ou rumos. É um dos primeiros a mostrar o interior da porção sul da América portuguesa e a região de suas fronteiras com o mundo espanhol nessa escala. Daí o interesse em sua utilização. Como mostrou Airton Cavenaghi em pesquisa recente, o mapa de Céspedes figura como um dos pilares da memória paulista, reproduzido atualmente em várias coletâneas, capas de livros, livros didáticos etc.[639]

A primeira publicação do mapa no Brasil se deu na *Collectanea de mappas da cartographia paulista antiga*, compilada e publicada por Affonso de Taunay[640]. Segundo Taunay, o mapa "foi copiado para o Museu Paulista pelo hábil cartographo, Snr Santiago Monteiro Diaz, em 1917, a mandado nosso. Ehxumou-o do archivo sevilhano o erudito Pablo Pastell na sua *Historia de la Compañia de Jesus em la Província del Paraguay*"[641]. Depois disso o mapa de Céspedes foi utilizado inúmeras vezes pelo próprio Taunay em suas obras sobre São Paulo colonial. Como se sabe, as questões de origem e pioneirismo marcaram a história da cartografia durante algum tempo, notadamente no tocante à construção de memórias. No momento em que Taunay e a historiografia paulista buscam dar sentido à história da cidade de São Paulo, através da ressignificação de suas memórias, o mapa de Céspedes aparece transformado em um referencial da história paulista. O principal elemento dessa construção é o

---

[638] VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes...**, *op. cit.*, p.190.

[639] CAVENAGHI, Airton José. A construção da memória historiográfica paulista. Dom Luiz de Céspedes Xeria e o mapa de sua expedição de 1628. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.19, n.1, pp. 81-109, jan.- jun. 2011

[640] Sobre as primeiras aparições e publicações do mapa, ver CAVENAGHI, Airton José. A construção da memória historiográfica paulista, *op cit.* O título completo da publicação de Taunay é **Collectanea de mappas da cartographia paulista antiga, abrangendo nove cartas, de 1612 a 1837, reproduzidas da collecção do Museu paulista e acompanhadas de breves commentarios por Affonso d'Escragnolle Taunay**. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

[641] *Apud* CAVENAGHI, Airton José. A construção da memória historiográfica paulista..., *op cit,* p.9. O texto de Pastell, de 1912, teria sido o primeiro a apresentar o mapa de Céspedes, até então inédito.

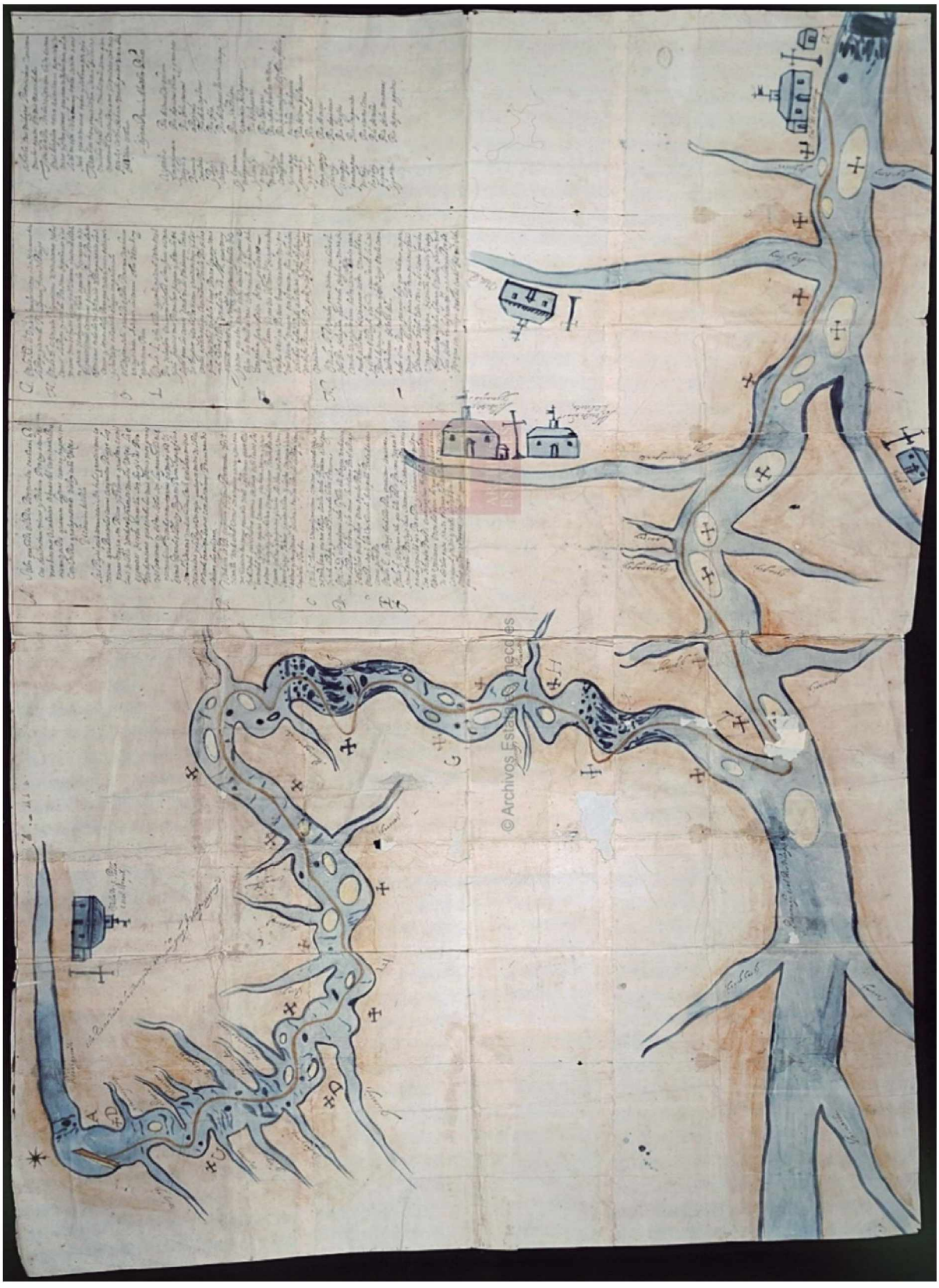


Figura 52 - Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes, que recorrió Luis de Céspedes Jeria, gobernador del Paraguay, al entrar en su jurisdiccíon desde Brasil. Archivo General de Indias, MP-BUENOS_AIRES, 17.

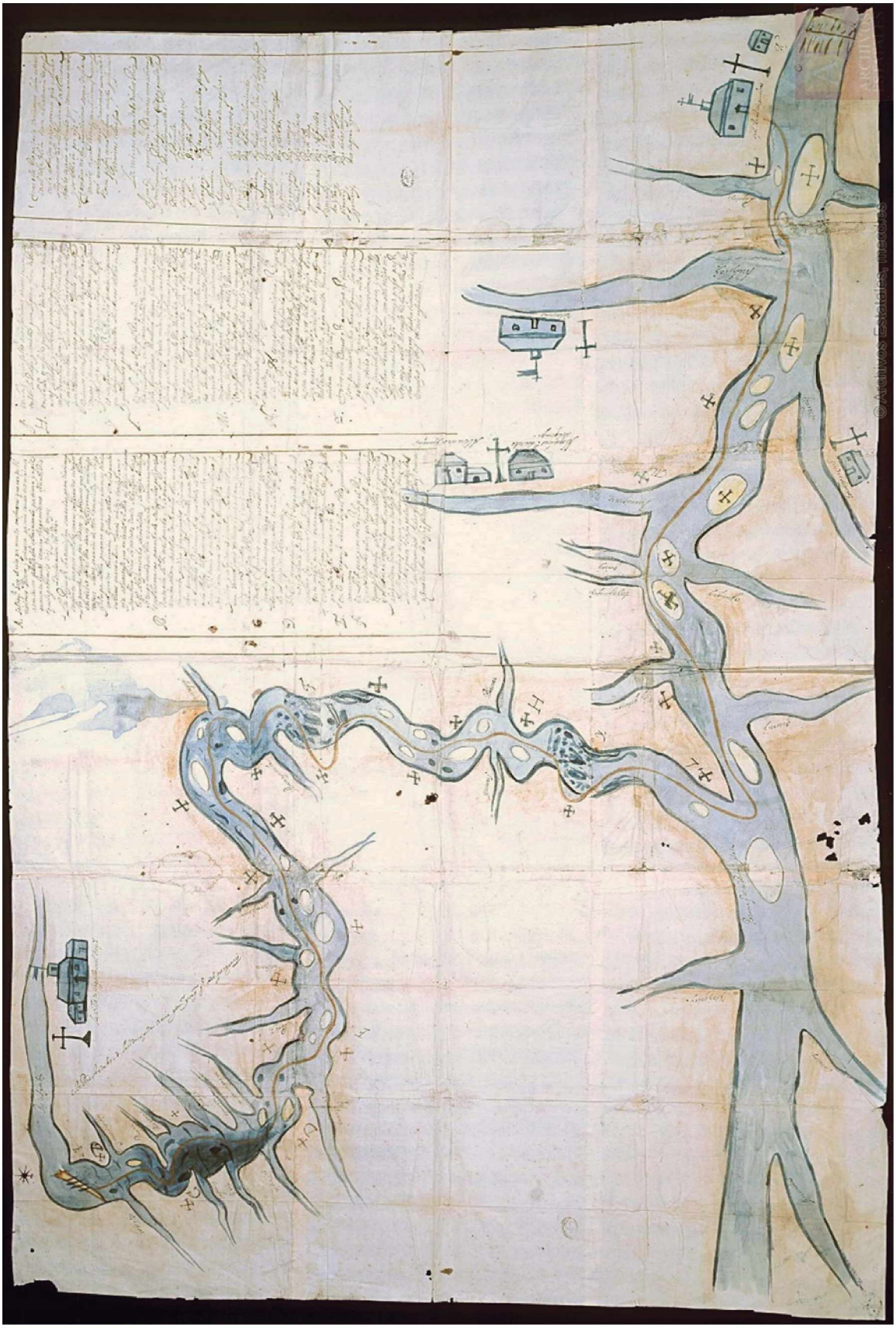


Figura 53 - Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes, que recorrió Luis de Céspedes Jeria, gobernador del Paraguay, al entrar en su jurisdiccíon desde Brasil. Archivo General de Indias, MP-BUENOS_AIRES, 17BIS.

signo que representa a vila paulista, tido como a primeira representação dos elementos arquitetônicos da vila. O pequeno edifício, utilizado pelo autor do mapa como convenção para as vilas, foi identificado por Taunay como sendo a Casa da Câmara da vila seiscentista.[642] Para Cavenaghi, Taunay tentou imbricar à imagem a ideia da "urbe paulista em sua fase embrionária".[643] A partir da pesquisa documental, Cavenaghi faz críticas a Taunay e sua equipe, incluindo a acusação de uma suposta adulteração no documento original, quando copiado do *Archivo General de Indias*. Segundo o autor, "alguém modificou o desenho representativo da vila que está registrada no original, invertendo a posição em que se encontrava, e acrescentou um anexo, uma nova estrutura arquitetônica, à suposta Casa da Câmara que nele havia". Cavenaghi afirma também que a alteração pode ter sido feita pelo cartógrafo indicado por Taunay, Santiago Monteiro Diaz, ou por iniciativa direta de Taunay. As pequenas diferenças em outros detalhes do mapa passaram despercebidas por Cavenaghi, levando-o a concluir que a representação da vila paulista

> ajudava à manutenção da ideia de que São Paulo já havia nascido predestinada a ser o centro decisório da história do país. Neste momento, e de maneira sutil, a representação passa a atender os interesses propostos da historiografia paulista em desenvolvimento no período.[644]

A questão diz respeito, além do cômodo acrescido, da orientação do signo da vila. Como será discutido adiante, a suposta ausência de orientação é uma característica marcante do mapa do governador, que conta apenas com uma pequena rosa dos ventos desenhada nas proximidades da vila de São Paulo.[645] Apesar de ter topônimos escritos em todas as orientações, traço comum dos mapas do período, que torna necessário ao leitor girar o mapa em todas as direções para conseguir ler todas as informações, o mapa de Céspedes apresenta uma extensa legenda, que toma um quarto de todo mapa, explicando o itinerário feito pela

---

[642] CAVENAGHI, Airton José. A construção da memória historiográfica paulista..., *op cit,* p.02.

[643] CAVENAGHI, Airton José. A construção da memória historiográfica paulista..., *op cit,* p.09.

[644] CAVENAGHI, Airton José. A construção da memória historiográfica paulista..., *op cit,* p.10.

[645] AGI, MP-BUENOS_AIRES, 17. Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes, que recorrió Luis de Céspedes Jeria, gobernador del Paraguay, al entrar en su jurisdiccíon desde Brasil.

expedição. [646] Quando interpretou e reproduziu o documento, Taunay convencionou um lado *superior* e outro *inferior* a partir da legenda, de modo que a vila de São Paulo apareceu no

---

[646] Segue a transcrição da legenda completa do mapa: "A. Salto que haze el Rio por nombre Cachuera q cae de altíssimos riscos y peñascos por cuja causa nos binimos a embarcar abaxo del caminando por tierra y a pie quarenta léguas caminho fragosíssimo con un rio que le passamos diez y ocho vezes.
Declaracion del Rio
Las rayas que se atraviesan son todas grandicimas corrientes que pase con las canoas con grandes riesgo los puntos negros son riscos y peñascos que estan en mitad del rio donde peligramos muchas vezes; las es grandes de color amarilla son las yslas por donde passamos que en todas las mas teniamos grandes corrientes y estas solos son las particulares que no ubiera donde pintar tantas como ay. Adviertase q en todo el rio ay raya ni punto supérfluo sino la verdad donde se hallare cruz es el alojamento de cada dia y la raya bermeja que va por médio del rio es por donde caminavamos con las canoas procurando salvar los perigos.
B. donde esta la b es el puerto que les puse por nombre nuestra señora de atocha donde estuve un mes con cinquenta yndios y mis criados haziendo tres canoas para salir de ali, la primeira que se hizo fué de un palo que derribamos que tenia de ruedo ocho brasas labramosle y vino a quedar una canoa que tenia setenta y cinco palmos de largo y seis de voca en que veniamos por este ri cinquenta yndios y mi persona y criados. Las otras dos tenia uma sessenta y seis palmos y quatro de boca, y la outra cinquenta y cinco palmos, y tres y médio de voca traian estas dos la Ropa y malotage de todos.
C. en la c. tubimos uma peligrosisima corriente segundo dia de nuestro biaje que nos obligo a salir a todos por tierra aresgando toda lar opa y comida por no poder hazer otra cosa.
D. En la d. es un un peligroso salto q haze ali el agua donde sacamos lar opa en tierra y las canoas las echamos por el a riesgo de hazerse mil pedaços entre aquellas peñas. En el rio sapoy esta una hazienda de san pablo por donde baxan canoas a este rio.
E. En la e es parage donde haze el rio grandisimas corrientes.
F. en la f, es un gran salto que haze el rio por sima de grandisimas peñas por cuya causa sacamos las canoas por tierra por ser ynposible yr por el rio y se baxaron dos mil pasos. Su nombre propio es abayandaua donde se nos atraveso uma canoa entre dos peñas despues de aberla baxado los dichos pasos sin ser poderoso a porderla sacar con cinquenta yndios y todos los q ali beniamos acomodamonos lo lo mejor que pudimos
G. En la g es un salto trauajosissimo adonde sacamos toda lar opa y comida por la poner fuera de riesgo.
H. En la h es un salto peligrosisimo donde sacamos de las canoas la ropa y comida por sima de peñascos y corrientes mas de media légua y adviertise que desde el salto grande de abayandaua hasta aqueste de ytapira todo es grandicimas corrientes peñascos y riscos por donde veniamos todos los dias desnudos arempuxando las canoas y teniendolas para que no se hiciesen pedaços y otras vezes echandolas a lagua con palancas.
Y. es un gran salto que haze el Rio por sima de peñascos por cuya causa se sacaron las canoas obra de mil y quinientos pasos.
L. en la l es fin del rio ayembi, y adonde entra en el rio de la plata en la barra del qual estan junto a una ysla grandisimos remolinos deagua y de mucho peligro para las canoas donde me desembarque con toda mi gente y endo por tierra grande pedaço y las canoas por este peligro caminamos por este rio de la plata seys diaz con felix biage por ser limpysimo todo hasta el rio donde esta la M, que es muy grande donde tiene su magestade dos grandes pueblos de yndios que abra en ellos entre hombres mugeres e hijos doce mil almas dotrinanlos los padres dela compañia jurisdicion de mi gouierno.
M. a la qual barra llegue dia de nuestra senhora de septiembre que fue en el que renaci bautisandome mis padres de aqui navegue por el mesmo rio de la plata ocho dias hasta llegar a la Ciudad real de guayra donde fui recebido por gov.r y cap.n g.l como su mag.e manda.
N. en la n es un salto grandicimo que haze el dicho rio de la plata que siendo de légua y media de ancho va angostandose hasta venir a ser de modo que se puede aroxar de uma parte a outra uma piedra y es tanto el ruydo que haze que estando la Ciudad real de guayra tres léguas y media se oye en ella como se estubieran debaxo del.

então convencionado canto *superior esquerdo* do mapa, que na nossa forma de leitura ocidental é o primeiro a ser visto no papel. Segundo Cavenaghi, dessa forma a vila de São Paulo estaria de *cabeça para baixo* e a adulteração do documento foi justamente girar a vila em 180° para que ficasse na mesma orientação da legenda e em lugar de destaque no documento.

Não é meu objetivo aqui entrar em querelas a respeito das origens, trajetórias, usos e supostas adulterações de material cartográfico, pois essa é uma discussão complexa, de caminhos labirínticos e, no que diz respeito ao escopo dessa pesquisa, pouco produtiva. Creio, contudo, que algumas questões devem ser pontuadas. É bastante evidente, em primeiro lugar, a construção de uma memória da vila de São Paulo, feita por Taunay e pela equipe chefiada por ele no Museu Paulista, a partir dos muitos trabalhos do autor sobre temáticas que envolvem a vila, bem como da reunião e publicação da documentação seiscentista, em

---

Todos estos riesgos que aqui dijo que tubimos son por mayor que no quiero poner los tronpesones que veniamos dando cada ora, y es cierto que la virgen santíssima de atocha de quien yo soy muy devoto y todos lo fueron en esta ocacion nos saco dellos milagrosamente y assi los tengo por fe por que con [ileg] en el discurso de mi vida a hecho tres milagres patentíssimos dando-me muchas ayudas en mis nesecidades.
Tiene este rio por donde veniamos hasta entrar en el de la plata tanta abundancia de pescado dorados y otros gêneros que quando llegavamos al aloxamiento se [ileg] tanto coxido a ansuelo que comíamos todos y sobrava por ay.
Tambien tine grandisima suma de casa muchos tigres leonês muchisimas antas que matamos con que veniamos comendo carne por ser como de baca mucha paxareria de diversas colores.
La ynterpretación de los dichos rios
Ayembi = rio de aves añimas
Ytamiriguasu = rio de piedras chicas y grandes
Mboyri = rio de las quentas
Rivera = aroyuelo
Capibari = rio de las capibaras
yRoy Rio frio
Sarapoy rio de un pexe llamndo sarapó
Yequacatu rio sin peligro
Mbaguariguen vomitado de un paxaro
Yacarey Rio de lagartos
Piray Rio de Pexes
Mbae y ruy Rio capax de alojamento
Camasiuoca Rio de las camassibas de que hazen flechas
Yacarepepi pestaña de lagarto
Ypitanga rio colorado
Tayaguapoy rio de onças
Guiray rio de paxaros
Aguapey rio de [ileg]
Paranapane Rio sin pescado
Miney rio que no corre
Huybay rio de cañas
Piquiri rio que la moxaras
Ygatimi Rio de proa aguda"

especial a documentação referente à viagem de Céspedes; também é visível a utilização da imagem da *vila* de São Paulo nesse processo, uma vez que ela foi e continua sendo reproduzida como retrato da grandeza da vila em fins do século XVI.

Entretanto, Cavenaghi pode ter cometido um engano ao acusar Taunay de adulteração documental. De fato, todas as vezes que o mapa foi publicado em São Paulo, naquele momento, apresentou a casa da vila na orientação já citada, no mesmo sentido da leitura padrão. Durante a pesquisa no *Archivo General de Indias*, encontrei duas entradas para o mapa de Céspedes.[647] Com o mesmo título e data, tratam-se, porém, de duas cópias do mapa, com pequenas diferenças em alguns detalhes. Uma das mais visíveis é justamente a orientação do signo da vila de São Paulo. Em um deles, a suposta casa da câmara está, de fato, de *cabeça para baixo*, conforme a orientação visual convencional (Figura 54). Na outra cópia, entretanto, o signo aparece na orientação da leitura convencional, da mesma forma que

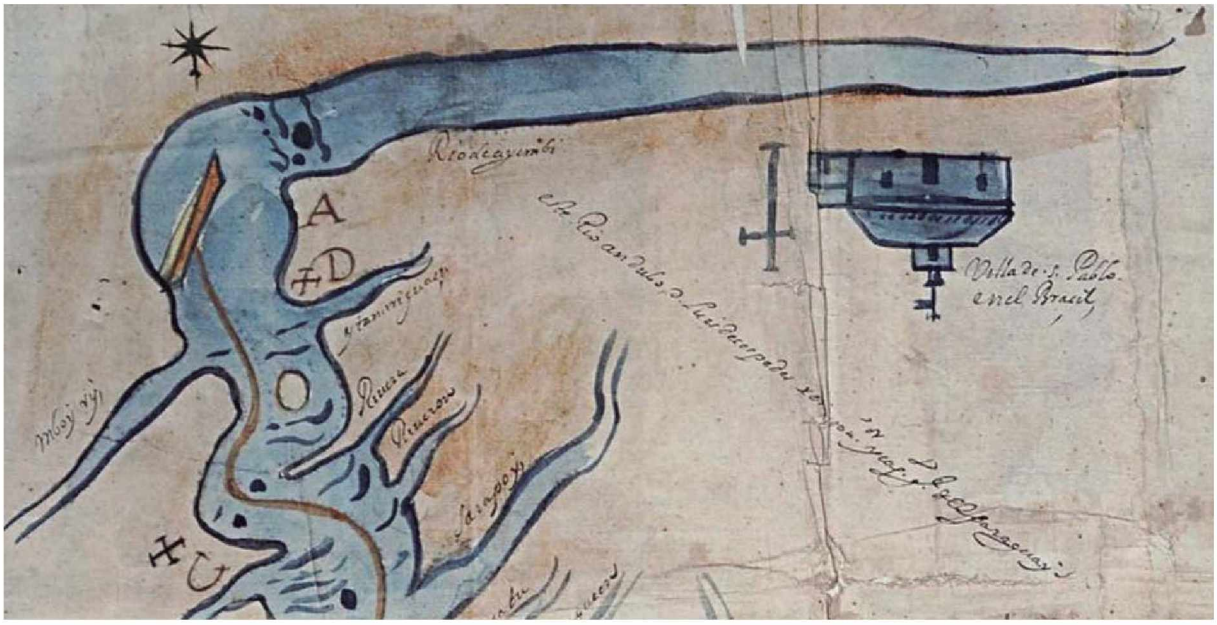


Figura 54 - Detalhe da representação da Vila de São Paulo "de cabeça para baixo".

aparece no mapa quando reproduzido por Taunay em sua *Collectanea* de 1922 e nos livros posteriores (Figura 55).

[647] Uma delas tem a referência "MP-BUENOS_AIRES, 17" e a outra "MP-BUENOS_AIRES, 17BIS". O conteúdo está disponível também digitalizado, no site do arquivo, no Portal de Archivos Españoles (PARES), no endereço http://pares.mcu.es/.

Nas fichas catalográficas dos mapas, disponíveis no site, não existe nenhuma informação a respeito das diferenças[648]. Além da vila paulista, existem outras pequenas diferenças entre as duas versões do mapa: o signo da *Ciudad Real del Guairá* que aparece com dois e apenas um cômodo – invertidos em relação à mesma questão da vila de São Paulo; os remos sob a canoa, no início do percurso; a coloração geral, bem mais intensa em uma das versões. Além disso, outras pequenas variações da posição de alguns topônimos e do texto que acompanha a carta. Os dois originais parecem ter o mesmo tipo de papel e serem datados do mesmo período.[649]

É possível, portanto, que a suposta adulteração documental cometida pelo cartógrafo do Museu Paulista seja nada mais que o acesso a apenas uma das cópias do mapa, mesma situação enfrentada por Cavenaghi quase um século depois. Os motivos que levaram ao autor da cópia inverter a posição de *San Pablo* e alterar outros detalhes do mapa são desconhecidos. Céspedes não comenta nada sobre a duplicidade do mapa em seus escritos. Não sabemos nem qual dos dois mapas é o original e qual a cópia.

Contudo, mesmo bastante utilizado durante o século XX, o mapa foi pouco analisado no sentido de buscar vestígios do conhecimento geográfico europeu do período, a partir principalmente das novas abordagens da história da cartografia ou dos olhares que buscam as relações entre ciência e impérios.[650] A partir dessa ótica, o objetivo aqui é entender o mapa de Céspedes como produto cultural de um contexto histórico e social bastante específico, que entre outras características tem a cartografia de um espaço ainda em ocupação e a profunda institucionalização de uma cartografia a serviço da Coroa, do domínio e da domesticação do espaço. Respondendo ao convite da professora Carla Lois, de que a história da cartografia

---

[648] Sabemos apenas tratar-se de dois números de registros diferentes, 2487 e 2488. As duas cópias estão digitalizadas e podem ser vistas nos endereços: http://pares.mcu.es/ParesBusquedas/servlets/Control_servlet?accion=3&txt_id_desc_ud=16791&fromagenda=N e http://pares.mcu.es/ParesBusquedas/servlets/Control_servlet?accion=3&txt_id_desc_ud=16792&fromagenda=N. Acesso em 10.maio.2016.

[649] Agradeço ao professor Manuel Ravina, diretor do AGI por ter me autorizado a comparar, lado a lado, os dois mapas originais.

[650] Penso aqui em toda historiografia utilizada ao longo dessa pesquisa, notadamente a obra seminal de Harley, reunida postumamente (HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**. Ensayos sobre la história de la cartografia. México: Fondo de Cultura Ecocómica, 2005) e, tratando da questão da ciência e impérios, OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios: reflexiones sobre ciência, tecnologia y religion en el mundo atlântico del siglo XVI**. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2013.

latino americana seja contada por episódios[651], penso que o mapa produzido por Céspedes em sua travessia é um episódio importante para lançar algumas questões ao conhecimento geográfico europeu no período e portanto, um exercício de análise do mapa é, sem dúvida, proveitoso.

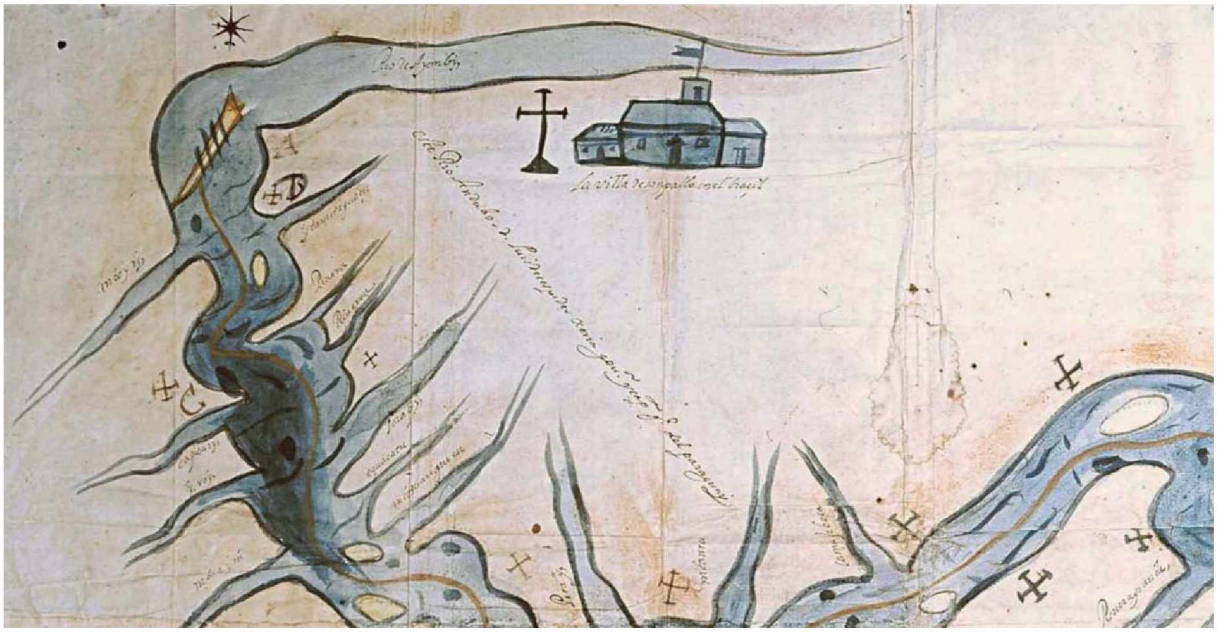


Figura 55 - Detalhe da representação da Vila de São Paulo na mesma orientação convencional de leitura.

O exercício de análise está também pautado na metodologia proposta por B. J. Harley, em seu conhecido artigo "Textos y contextos en la interpretación de los primeiros mapas". No texto, publicado originalmente em 1990, Harley escreve sobre concepções que já deitaram raízes na atual historiografia da cartografia. Além de mostrar o que considera a definição de *mapa* para os historiadores – "una construccion social del mundo expresa a través del médio de la cartografia" – ele destaca a importância de se analisar as *agendas ocultas* no material cartográfico, bem como descreve a metodologia que considera necessária para a interpretação dos mapas: os contextos.[652] As limitações de muitos dos pressupostos das teorias de Harley, apontados pela historiografia da cartografia posterior, são prova da fecundidade de seus escritos. Mesmo com essas problematizações, já abordadas, muito do que escreveu Harley a respeito da elaboração de um mapa continua atual e significativo.

---

[651] LOIS, Carla. **Mapas para la nación**. Episódios en la historia de la cartografia argentina. Buenos Aires: Editoral Biblos, 2014, pp.17-18.

[652] HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**, *op. cit.*, p.64.

Harley propõe a análise do contexto do cartógrafo, que segundo ele é mais complexa do que parece, porque pressupõe uma autoria múltipla, uma divisão dos trabalhos desde o rascunho até a impressão final[653]. Essa contextualização não se aplica no caso presente. O mapa manuscrito foi desenhado por Céspedes durante a viagem; portanto a produção é, à primeira vista, individual. Em suas palavras: "envio a vuestra magestad todo aquel Rio que andube en un boron que vine haciendo con tintas de yerbas".[654] A documentação não permite saber se o borrão feito durante a viagem recebeu algum acabamento ou mudança posterior, nem sobre a possível cópia do mapa presente no arquivo em Sevilha. A utilização de materiais locais, como as "tintas de yerbas" dão a dimensão de um material cartográfico elaborado enquanto o espaço era conhecido, com a visão de dentro do rio, ao rés do chão. Além disso, mostra a influência e importância dos guias indígenas no saber local, tanto no caminho percorrido quanto no material utilizado. Voltaremos a isso posteriormente. Tudo o que sabemos, portanto, é o que nos mostra o mapa que chegou até nós: o caminho percorrido pela comitiva desde a saída da vila de São Paulo, descendo o rio *Ayembi* – atual Tietê – até o rio Paraná– e chegando até a *Ciudad Real de Guairá*. O mapa não apresenta a parte final da viagem de Céspedes, de Guairá até Assunção, já que foi enviado ao rei de Ciudad Real del Guairá, junto com carta de 8 de novembro de 1628[655].

Ao lado do desenho o autor fez uma espécie de legenda relato, extensa, onde aparecem descritos os pontos que no desenho estão marcados por letras. Depois disso, segue uma lista com o nome dos rios da região e seu suposto significado. Mesmo que o desenho tenha sido feito sem orientação espacial convencionada, o texto ao seu lado sugere uma orientação de leitura e visualização.

A toponímia do mapa se resume ao nome das povoações – *Ciudad Real del Guairá*, Jerez, Vila Rica, vila de São Paulo e aldeias de Santo Inácio e Nossa Senhora de Loreto – e dos muitos rios da região, mostrando sua importância para o autor. É possível notar também o

---

[653] HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**, *op. cit.*, p.64.

[654] Carta del gobernador del Paraguay don Luis de Cespedes Xeria a Su Magestad dando cuenta de su llegada al Brasil y de su viaje por tierra desde San Pablo a la ciudad de Guaira, haciendo relación del estado de esta tierra y de los rios y terrenos que atravesó para lo cual acompaña un mapa donde se indica su derrota. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.184.

[655] Carta del gobernador del Paraguay don Luis de Cespedes Xeria a Su Magestad..., *op. cit.* p.182.

ainda confuso conhecimento hidrográfico na região, uma vez que no rio correspondente ao Paraná aparece a inscrição: "Parana q.' es el rio de la Plata".[656]

Voltando ao texto de Harley, ele nos propõe a análise do contexto de outros mapas, tarefa complicada. Apesar dos esforços feitos nesta pesquisa, por exemplo, são poucos os mapas que mostram o interior da bacia platina nessa escala de observação. A grande maioria dos mapas examinados são mapas de todo o continente, com exceção dos apresentados nesse capítulo. O interior, em geral, como vimos nos capítulos anteriores, era bastante frequentado por europeus, em diferentes caminhos, porém pouco cartografado. O desconhecimento do curso e nomenclatura de muitos rios da região é visível quando acompanhamos a representação, no papel, dos grandes rios da região – Paraná, Paraguai, Paranapanema, Ayembi entre outros – que apareciam na cartografia seiscentista com os mais variados arranjos e formatos.

Harley propõe que se analise também o contexto da sociedade, no qual se inserem as regras da cartografia e o significado dos mapas para aquela sociedade.[657] Os pressupostos da geografia europeia do início do período moderno, seus métodos, fontes e heranças já foram bastante discutidos. Aqui interessa a análise do mapa em si. A partir da proposta de Erwin Panofsky para a intepretação do significado de uma obra de arte, adaptada por Harley para a análise da cartografia, é possível fazer uma análise de alguns elementos do mapa de Céspedes.[658] À primeira vista o mapa apresenta poucos elementos pictóricos. Os únicos signos que chamam atenção são os rios e as casas que representam as vilas. Começarei por essas. Para Panofsky, o primeiro nível de significado tem a ver com os motivos artísticos individuais, ou as questões formais, as "identificações das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor"[659]. Esse primeiro nível, para Harley, se transportado para a cartografia, pode ser interpretado como os signos cartográficos individuais[660], portanto, o signo, como a forma de uma construção, com uma cruz ao seu lado (Figura 56).

---

[656] AGI, MP-BUENOS_AIRES, 17 e 17BIS.

[657] HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**, *op. cit.*, p.73.

[658] Panofsky faz essa discussão no livro *Significado nas artes visuais*, no texto *Iconografia e Iconologia: uma introdução ao Estudo da Arte da Renascença*. (São Paulo: Perspectiva, 1979). Sobre a obra de Harley, ver a já citada HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**.

[659] PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**, *op. cit.*, p.50.

[660] HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**, *op. cit.*, p.75.

Passando para o segundo nível interpretativo, Panofsky trata do tema secundário ou convencional das obras de arte, quando "ligamos os motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composições) com assuntos e conceitos".[661] Para Harley, esse nível pode mostrar a identificação de um lugar real nos mapas. Parece que a questão aqui é a convenção. Portanto, o conjunto, ou a composição a partir dos signos *casa e cruz* representa, no mapa, as vilas pelas quais passou Céspedes. Quando vemos o conjunto no mapa reconhecemos automaticamente a convenção.

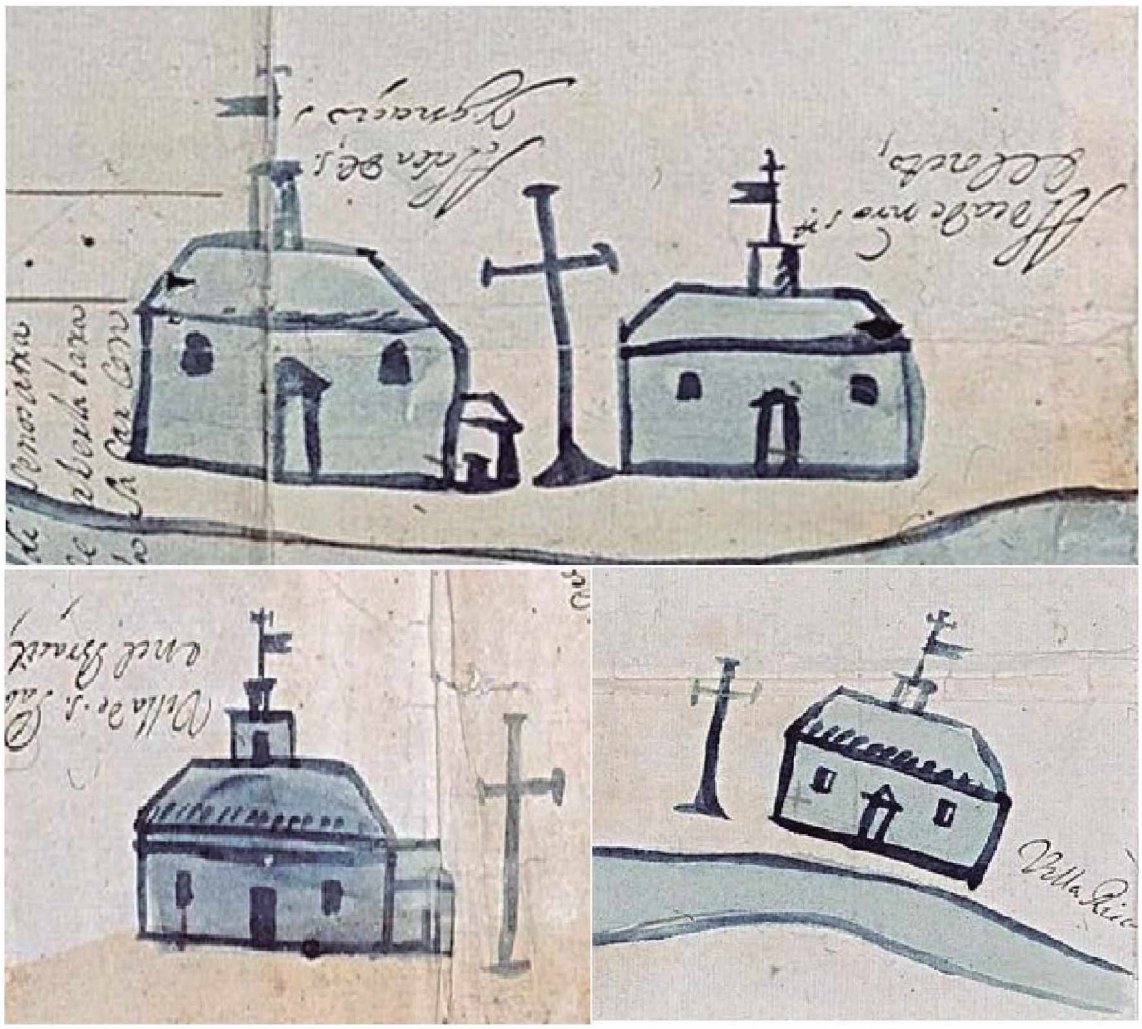


Figura 56 - Detalhes do signo que representa as vilas e reduções no mapa, construção e cruz.

[661] PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**, *op. cit.*, p.50.

O terceiro nível de interpretação é certamente o que mais nos interessa aqui. Panofsky o denomina de "significado intrínseco ou conteúdo", enquanto Harley fala sobre significado simbólico ou ideologia do espaço nos mapas.[662] É possível afirmar que o signo da vila, já reconhecido e convencionado no mapa, significa algo mais profundo. Ele significa o domínio e a posse do espaço pelos europeus, mostra o controle através da fundação da vila, que representa a civilização, em contrapartida às áreas ainda não dominadas. Isso é bastante visível no mapa de Céspedes quando notamos que quase não há diferença de signo convencional – a casa e a cruz – para as vilas da região – São Paulo, Ciudad Real del Guairá, Vila Rica del Espírito Santo – ou para as reduções indígenas dos padres jesuítas – como as "Aldea de S. Ygnacio" e "Aldea de Nsa Sra de Loreto". Do ponto de vista do governador, ambas constituíam um controle espanhol do espaço, seja ele civil/militar, no caso das vilas, ou eclesiástico, no caso das reduções. A despeito disso, a pobreza e falta de recursos das vilas é atestada pelos *vecinos* na documentação analisada. A impressão que temos olhando o mapa – pelo tamanho do signo e sua padronização – é de vilas e reduções bem estabelecidas. Porém, não obstante a vontade do governador de mostrar uma jurisdição bem *civilizada,* e seu zelo – tanto no desenho como na administração –, todas foram sistematicamente abandonadas nas décadas seguintes. O próprio governador, em carta ao rei, dá notícia que "tendra esta villa rica ciento y treinta hombres com muchos viejos y Ciudad Real tendra quarenta o cinquenta (...) De la ciudad de xerez (...) es en probeca e desamparo y poca gente y riesgo mayor peor que estotras dos".[663]

Mais do que o conjunto *casa e cruz*, o signo que mais toma espaço no mapa é o rio. Trata-se, *grosso modo*, de um roteiro de rios. Voltando ao esquema proposto por Panofsky/Harley, temos no primeiro nível a forma do signo, seu traçado. Aqui encontramos a forma tradicional, consagrada na cartografia quinhentista sobre o Novo Mundo, do traçado serpenteado marcando a forma do rio. O signo nada mais é do que duas linhas paralelas que serpenteiam pelo papel. Além disso, Céspedes faz uso de linhas mais escuras dentro dos limites do *rio* para representar as corredeiras e a concentração delas para os saltos e quedas. No segundo nível, a convenção do signo mostra mais do que um rio. Mostra um rio que é

---

[662] PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**, *op. cit.*, p.52 e HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**, *op. cit.*, p.75.

[663] Testimonio de una relación de los sucesos ocurridos al gobernador del Paraguay don Luis de Céspedes Xeria durante su viaje desde que salió del rio Paranapane y de varias cartas que le escribieron los padres de la Compañia de Jesus de aquellas regiones. in.: Annaes do Museu Paulista, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922, p. 203.

caminho. Tanto pela concisão pictórica do mapa como pelo traçado da linha que mostra o itinerário da viagem, essa conexão é visível. O rio-caminho, a estrada que se move, já foi uma metáfora bastante utilizada na historiografia pertinente à expansão do território brasileiro, a partir tanto dos bandeirantes, como posteriormente das *monções* sertão adentro.

O terceiro nível de interpretação mostra claramente a *ideologia do espaço*, cara a Harley. O rio reúne aqui dois elementos chave para a compreensão do mapa de Céspedes: a conexão e a hierarquização dos elementos do espaço percorrido. Sobre o primeiro ponto, sua clareza se expressa na forma cartográfica do mapa: um roteiro que leva o leitor desde o porto próximo à vila de São Paulo até Ciudad Real de Guairá, pelo traçado das canoas de Céspedes, com apenas um entroncamento fluvial quando o Tietê entra no rio Paraná. Todos os outros rios que desaguam no Tietê são representados como fragmentos muito pequenos. Uma via que conectasse a costa do Brasil com o interior do Paraguai – e os caminhos para Potosí – era de extrema importância tanto para a administração como para o comércio. Céspedes teve autorização posterior para levar sua esposa e criados, pelo mesmo caminho, ao Paraguai. Boxer sugere as grandes ligações comerciais que o governador mantinha com a costa do atlântico e o mundo paraguaio[664]. Nesse sentido o mapa mostra um espaço que parece simples de ser atravessado, com os rios percorridos bastante superdimensionados. A conexão do espaço ainda é mais visível quando percebemos a ausência de qualquer marcação de limites na região. Mesmo estando sob a coroa unificada de Felipe III, vale lembrar que o caminho era *proibido*, portanto, o mundo espanhol e o mundo português mantinham suas diferenças.

Sobre o segundo elemento, parece não restar dúvidas sobre a hierarquização dos elementos do espaço pintados pelo autor. No mapa, os rios são visivelmente super atrofiados, principalmente os utilizados na navegação. Outros elementos da geografia perdem espaço e pouco aparecem na carta. A importância e o destaque dos rios platinos como via de penetração e colonização pode ser vista também em outro mapa manuscrito do período, provavelmente do início do século XVII. De autoria anônima, o "Mapa de América del Sur desde el Ecuador hasta el Estrecho de Magallanes" apresenta ao leitor o continente desde a linha equinocial até o Estreito de Magalhães sulcado por grandes rios que tomam conta de praticamente todo o território. Às margens deles, se espalham povoações espanholas e portuguesas, além de inúmeros *pueblos* indígenas. Nenhum outro mapa consultado representa

---

[664] BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

tantos núcleos populacionais no período (Figura 57).[665] Essa conexão e hierarquização do espaço nos leva a outra questão a respeito dos mapas e dos rios americanos: as fronteiras.

© Archivos Estatales, mecd.es

Figura 57 - "Mapa de América del Sur desde el Ecuador hasta el Estrecho de Magallanes", AGI, MP-BUENOS_AIRES,4.

[665] AGI, MP-BUENOS_AIRES,4. Não foi possível estabelecer a ligação desse mapa com quaisquer outros documentos do período. Segundo o catálogo do AGI, ele pode estar relacionado com um conjunto documental chamado "Información de Méritos y servicios", de Domingo Martínez de Irala. Trata-se de um dossiê feito para comprovar o valor e méritos dos primeiros conquistadores ao rei. O de Irala foi feito a pedido de seu neto, Ruy Díaz Guzman, no início do século XVII.

4.3 – DENTRO E FORA, DE UMA MARGEM A OUTRA: RIOS, FRONTEIRAS E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Em sua *Descripción de la gobernación del Rio de la Plata,* já mencionada, frei Juan de Rivadeneira propõe ao rei Felipe II uma divisão das províncias do rio da Prata. Para o franciscano, seriam necessários três governadores, com seus respectivos oficiais reais e ministros da Igreja para que pudessem, satisfatoriamente, "visitar doctrinar y cumplir de justicia lo que a cada governacion cupiesse".[666] Em geral, a descrição do autor se preocupa com as possibilidades de comércio e produção de alimentos, com os metais preciosos e com as potencialidades das regiões para beneficiamento de madeira e metais. Outra questão sempre mencionada é a presença indígena ao redor dos povoados espanhóis e as possíveis *encomiendas* que poderiam ser dadas aos conquistadores. A primeira governação, segundo Rivadeneira, deveria começar junto ao rio e porto de São Francisco, na costa do Brasil. Se bem que, sendo São Vicente ("que era del rey de Portugal") tão próxima, e sendo agora "todo de um rey", podia também fazer parte dessa primeira governação, de modo que fosse possível um comércio com o Brasil, além de mais um ponto de penetração no território. A partir da subida da serra do mar, feita principalmente pelo rio Itapocu, entre São Francisco e a Ilha de Santa Catarina, se o caminho escolhido fosse à mão direita, se voltaria até São Vicente. Para a esquerda, "hasta San Salvador, que es en el Rio de la Plata, fronteiro del puerto de Buenos Aires".[667] Esse caminho parece estruturar a primeira divisão proposta, que terminaria na margem norte do estuário platino. A importância de se estabelecer povoados espanhóis na costa atlântica já havia sido expressa por Jaime Rasquin, no fim da década de 1550. Em carta de 13 de janeiro de 1558, Rasquin escreve sobre os quatro povoados que teria oferecido ao rei – mas que não foram, de fato, fundados: um no porto de São Francisco, outro "trinta léguas mais acima do dito Rio da Prata, onde dizem El Biaza, por outro nome se chama Porto dos Patos".[668] O terceiro povoado, já entrando no estuário, seria São Gabriel e o último, rio acima,

---

[666] AGI, PATRONATO,294, N.14.

[667] AGI, PATRONATO,294, N.14.

[668] No original: "en la pte que dizen san fran.co eotro Pueblo treinta léguas mas arriua hazia eldicho rio dela plata donde dizen el viasa por outro nombre sellama elpuerto delospatos". AGI, CHARCAS, 27.

"donde dizen Santispiritus".[669] Rasquin, entretanto, prevê a conexão desses povoados com o mundo paraguaio, uma vez que "as ditas povoações que se devem fundar não se poderiam sustentar nem permanecer se não forem socorridas pela povoação de Guairá, por outro nome a Vila de Ontiveros".[670]

A segunda governação começaria na margem sul do estuário, no *Cabo Blanco*, passando pelo porto de Buenos Aires, indo ao fundo do estuário e chegando a Sete Correntes, local da confluência entre os rios Paraguai e Paraná, "rios que dan el nombre a este rio de la plata", quase trezentas léguas do oceano. Rivadeneira supõe que essa governação seria a intermediação do mundo atlântico com o peruano, já que dá ênfase ao rios e aos caminhos para circular pela região de Tucumán, Chile e Peru.[671] Por fim, a terceira partiria de Sete Correntes ao norte, incluindo Assunção e todas as terras por conhecer ao norte do rio Paraguai. Nesse trecho o autor transcreve quase literalmente as recentes descobertas levadas à cabo pelo capitão Hernando Ribeira, já analisadas.

A divisão proposta por Rivadeneira não é a única. Outros agentes imperiais escreveram ao rei sobre a necessidade de dividir o imenso território platino para melhor administrá-lo. Como sabemos, em 1617 ocorreu a separação das províncias do Rio da Prata e da província do Paraguai ou Guairá.[672] A essas fronteiras administrativas dos territórios espanhóis na América se juntam outras formas de fronteiras, que vão desde a diplomática e indeterminável linha demarcatória entre as fronteiras hispânicas e lusas até as fronteiras mais presentes no cotidiano dos colonizadores, como as fronteiras indígenas.

Segundo Tamar Herzog, em geral foram utilizados dois critérios para formar e delimitar os territórios portugueses e espanhóis na América. O primeiro deles, formal, com tratados e bulas, constrói um modelo abstrato de delimitação. Método identificado na Bula

---

[669] AGI, CHARCAS, 27

[670] No original: "las dichas poblaciones queasiaveis de hazer nosepodrian sustentar nipermanesar sinofuesen socorridos delpueblo de guayra por outro nombre se llama la villa de ontiveros". AGI, CHARCAS, 27. Existem outros vestígios das tentativas de povoamento daquele litoral na documentação do período, algumas prematuras, como o pedido de Gregório de Pesquera, natural de Burgos, para fazer plantações entre Santa Catarina e Cananea, em 21 de agosto de 1536. AGI, BUENOS AIRES, 1, Libro 1.

[671] AGI, PATRONATO,294, N.14.

[672] As discussões, propostas e justificativas dessa divisão administrativa gerou uma farta documentação, reunida no AGI na caixa CHARCAS,112. Até o presente momento essa documentação não foi digitalizada.

Inter Coetera, de 1593, ou no Tratado de Tordesilhas de 1594.[673] Outro critério, que deriva de uma tradição jurídica medieval, está ligado ao direito através da posse da terra, princípio explicitado no Tratado de Madri, de 1750.[674] Nenhum dos dois era claro o suficiente para evitar problemas.

Juan Bautista Gésio, geógrafo italiano a serviço de Felipe II, escreveu uma *Descripción de la província del Brasil* em 1579, onde tratou sobre a linha demarcatória de Tordesilhas e construiu um panorama das diferentes posições a respeito dela.[675] O texto do autor deixa clara a dificuldade de se estabelecer o meridiano dos limites territoriais, pela enorme discrepância dos dados obtidos por diferentes geógrafos e pilotos. Segundo a estimativa de homens "fidedignos e sem suspeita, experimentados na cosmografia e na arte de navegar", a distância entre o ponto mais oriental da terra do Brasil, o cabo de Santo Agostinho, e o cabo mais ocidental da terra da África, o Cabo Verde, é de seiscentas léguas. Todavia, "segundo a observação matemática com instrumentos astrológicos, se tem observado, pelas aparências do céu" que essa distância poderia ser maior. Mas existiriam ainda outras opiniões. Para o autor, os antigos hidrógrafos portugueses, autores de cartas de navegar pretendiam que maior parte da terra do Brasil coubesse ao rei de Portugal e, para isso, "abreviaram a longitude e distâncias que há entre esses dois cabos", de modo que em seus mapas, a parte portuguesa entrasse duzentas léguas a oeste do Cabo de Santo Agostinho, com o meridiano de demarcação passando junto ao rio *Maranon* e "quase por São Vicente".[676] Não contentes com o "roubo" de seus antecessores, os modernos hidrógrafos portugueses alargariam ainda mais os limites de seu território, ao oriente nas Molucas e ao ocidente no

---

[673] HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession** Spain and Portugal in Europe and the Americas. Massachusetts: Harvard University Press, 2015, p.26.

[674] Alguns tratados, como o de Santo Ildefonso (1777), combinavam os dois critérios, segundo a autora. A enorme documentação produzida no período colonial a respeito dos tratados diplomáticos entre Portugal e Espanha, notadamente do Tratado de Tordesilhas, bem como as polêmicas e discussões historiográficas posteriores tornam bastante complexa a tarefa de tratar desse assunto. Dessa forma, longe de fazer qualquer levantamento ou análise definitiva do tema, que não é objetivo desse trabalho, optei por utilizar a abordagem de Tamar Herzog, no trabalho supracitado, por entender que ela é suficiente para responder as questões aqui levantadas. Também deixo de lado a questão da tensão entre os estados ibéricos e os demais estados europeus, excluídos da repartição do mundo feita pelo papa. Essa discussão pode ser acompanhada em OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, pp.195 e seguintes.

[675] AGI, PATRONATO,29, R.32 - Descripción geográfica de Juan Bautista Gesio: Brasil. O documento foi transcrito e publicado em **Annaes do Museu Paulista**, op.cit., Tomo Primeiro, pp.144-147.

[676] Descripción geográfica de Juan Bautista Gesio, *op.cit.*, p.144.

Brasil. Para isso, diminuíram ainda mais a distância entre África e Brasil, fazendo a linha de divisão passar "pela boca do rio de Orillana e pelo Rio da Prata". Gésio afirma que as duas posições são "falsas de indústria y maliciosamente hechas" pelos portugueses, enganando até mesmo os hidrógrafos castelhanos que fizeram suas cartas seguindo essa demarcação. Utilizando dados de João de Barros, "cosmographo y historiador português, al qual se deve dar mas credito que a otro portugues"[677], Gésio afirma que a linha deveria entrar setenta léguas de longitude no Brasil, passando por Cabo Frio ou pela Baía de Todos os Santos "y todo lo demas del Brasil cayeria en el repartimento de Castilla". Os cosmógrafos italianos, por sua vez, "que nevegaron muchas vezes por esta mar y por estas derrotas del Brasil, son de outra opinion". Por estimativa de navegação calculam que o meridiano demarcatório passa a vinte léguas a oeste do cabo de Santo Agostinho, opinião com a qual concorda Sebastião Gaboto.[678] Existe ainda outro cálculo, feito pela observação de Americo Vespúcio, em Cabo frio, "con el astrolábio y quadrante", no qual "todo el Brasil cae en la demarcación de Castilla y que el meridian del repartimiento passa ao oriente del cabo de Santo Agustin, no tocando nada del Brasil".[679]

As mesmas dúvidas em relação aos limites pode ser vista nas descrições da região platina. Já no início do século XVII, Antonio de Herrera escreveu sobre "as províncias del rio de la Plata y del Brasil", em sua *Descripcion de las Índias Ocidentales*. Segundo o autor, "estas Provincias se juntan con las del Brasil, por la Linea de la Demarcación: no tienen por parte ninguna limites determinados, sino por la Costa que cae a la Mar del Norte, y entrada del Rio de la Plata , del qual ha tomado nombre la Tierra".[680]

Os problemas de se estabelecer o meridiano de demarcação eram ainda mais complexos se consideradas as diferentes conversões de medidas e unidades utilizadas nos cálculos. Isso fica evidente em um parecer apresentado em 1524, provavelmente na Junta de Badajoz, reunião diplomática entre as coroas de Portugal e Espanha para tentar resolver os problemas da demarcação de seus territórios, pelos pilotos Tomás Duran, Sebastián Caboto e Juan Vespúcio. O documento, assinado pelo trio, afirma que "primeiramente tenemos de

---

[677] Descripción geográfica de Juan Bautista Gesio, *op.cit.*, p.145.

[678] Descripción geográfica de Juan Bautista Gesio, *op.cit.*, p.146.

[679] Descripción geográfica de Juan Bautista Gesio, *op.cit.*, p.146.

[680] HERRERA, Antonio de. **Descripcion de las Indias Ocidentales** (1601). Madri: Oficina Real de Nicolas Rodriguez Franco, 1730, p.52.

graduar las léguas e darle menos léguas que pudiezemos al grado del cielo". Além disso, o cálculo cosmográfico não é o mesmo que "comumente usam los marineros en Portugal como en castilla que dan a cada grado del cielo diez y siete léguas e media e al primer rumbo despues del norte dan diez y ocho y media y al nonordeste dan venti".[681] Como já mencionado, é provável que grande parte dos mapas conservados atualmente fosse de uso diplomático, justamente para ilustrar pareceres como o dos pilotos espanhóis. É provável que esse tenha sido seu uso mais importante. Segundo Maurício Olarte, "las cartas fueron dispositivos útiles para la definición de limites y posesiones y resultaron esenciales en los tratados diplomáticos, siendo el más apremiante debate geográfico y político de su tiempo la definición de la línea divisória entre las posesiones de Portugal y las de Espana."[682]

Além de todos os problemas de medição, os sucessivos tratados levantavam importantes questões jurídicas: com exceção do Tratado de Utrech, de 1715, nenhum dos tratados assinados fazia menção ao cancelamento das premissas dos anteriores. Dessa forma, era difícil saber quais cláusulas de quais tratados ainda valiam.[683] Mesmo depois que todos os problemas de cálculos fossem resolvidos, as distâncias fossem consenso entre as partes e a superposição de tratados não atrapalhasse, ainda era preciso colocar no chão, marcar o território com a linha divisória, o que traria visivelmente uma nova série de problemas.

Tampouco o critério de posse através da utilização da terra estava isento de complicações. Segundo Herzog, a questão principal seria deslocada: o que, de fato, dava direito à reivindicação de posse de determinado território? Para responder a essa pergunta, a autora focou a análise nos processos do cotidiano dos agentes imperiais em regiões de fronteira. Segundo ela, muitas vezes os atores locais não sabiam oficialmente onde passavam as fronteiras. Mas sabiam onde podiam plantar e caçar e onde não podiam. Portanto, mesmo quando os soberanos não sabiam onde estava o limite de seus territórios, esses súditos sabiam e o percorriam diariamente. Para eles, "a distinção entre o que era deles e o que não lhes pertencia não se baseava em documentos formais conservados em arquivos, em tratados ou em marcos de fronteira". Por outro lado, nas regiões de fronteiras

> Eles esperavam que se limitassem suas atividades a certos espaços estariam bem, enquanto que se penetrassem no território de outros,

---

[681] PATRONATO,48,R.14 -"Pareceres:Tomás Durán, Caboto,Vespucci:Maluco"

[682] OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*, p.195.

[683] HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.*, p.31.

> poderiam ser agredidos, punidos ou atacados, seus animais poderiam ser sequestrados e eles ainda seriam presos ou multados. Eles haviam observado outros seguindo estas regras ou eram ensinados por seus pais, parentes e vizinhos a assim fazer.[684]

Os testemunhos coletados nas fontes mostram narrativas em duas direções: "por um lado, testemunhas insistiam desconhecer fronteiras e alegavam não ter qualquer prova de onde poderiam estar localizadas. Mas, por outro lado, conseguiam descrever detalhadamente onde os habitantes poderiam, ou não, vaguear, cultivar e formar pastos".[685]

Legalmente, as formas de reivindicar e legitimar a posse da terra também não eram muito claras, mesmo que diversas: chegar primeiro em determinado local, *descobrir*; utilizar certa área sazonalmente para colher frutos e madeira; criar gado, fazer plantações; ou mesmo marcar árvores com escudos.[686] Na região platina, outras duas formas de garantir a posse foram bastante utilizadas: a conversão indígena e a penetração nos rios. A conversão indígena tinha um papel bem claro. Uma vez batizados, os índios se tornavam cristãos, súditos do soberano e povoadores. Além disso, a conversão de alguns facilitava o contato para comércio e aliança com os grupos, essa sim estratégia primordial na ocupação da região. As fronteiras ibéricas são, na realidade cotidiana, fronteiras indígenas na América. Não é a toa que o soldado Ulrico Schmidl, que partiu de Assunção em 1553 rumo à costa atlântica em São Vicente, deixa registrado em seu relato que: "Dejamos las canoas y el Paraná para ir por tierra en la província de la nación de Tupis, donde empieza la jurisdiccion del rey de Portugal."[687]

---

[684] No original: "the distinction between what was theirs and what was not did not depend on formal documents conserved in archives, on treaties, or even on the existence of border stones (...)they expected that if they limited their activities to certain terrains they were likely to be alright and that if they penetrated others they could be harassed, punished, or assaulted, their animais could be sequestered, and they could be fined or jailed. They watched others obeying these rules or they were told by their parents, relatives, and neighbors what they meant. HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.*, pp. 8 e 9.

[685] No original: "on the one hand, allowed witnesses to insist they knew nothing of a border and had absolutely no proof where it could be located but, on the other, described in detail where inhabitants could graze, roam, and cultivate and where not." HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.*, pp. 8 e 9.

[686] HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.*, p.34. Para um estudo detalhado sobre as diferentes formas de tomar posse do território dos impérios modernos europeus, ver SEED, Patricia. **Cerimônias de Posse na Conquista Européia do Novo Mundo (1492-1640).** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

[687] SCHMIDEL, Ulderico. **Viage al Rio de La Plata y Paraguay**. Introdução de Pedro de Angelis. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p.55. Tratando sobre os vestígios indígenas na cartografia do sertão americano, Glória Kok afirma que "nos roteiros e mapas, a serviço da Coroa portuguesa, o

Antes disso, o bávaro havia utilizado índios amigos, cariós – ou carijós – como carregadores e guias. Se no litoral haviam tentativas de definir onde passava a fronteira entre Portugal e Espanha – mesmo que com muita variação – no interior do território parecem ter sido as diferentes relações com os grupos indígenas o princípio definidor. Isso leva à outra forma de posse analisada por Herzog, a penetração através dos rios e comércio com os indígenas:

> muitos concordam que navegação em rio e comércio com nativos poderiam ser estabelecidos tanto nos rios quanto às margens destes. O mesmo ocorria nas rotas terrestres: caminhos descobertos ou abertas na seva poderiam tanto marcadores quanto mecanismos para constituir posse[688]

A possessão não dependia apenas de um "act of mind", mas também requeria que os outros entendessem a intenção de posse. Ao fim e ao cabo, no cerne da noção de posse estava também a noção de comunicação:

> contemporâneos insistiam que protestos contra a tomada de bens deveria ser manifestada através de "atos visíveis e escancarados". O silencio, eles sugeriam, seria interpretado como consentimento exceto fosse provado que ignorância, medo ou outras pressões haviam impedido protestos.[689]

A primeira condição de posse era, portanto, a penetração no território, através dos caminhos e dos rios, com intenção de se apropriar. A segunda era que isso fosse levado a cabo sem oposição, já que as doutrinas legais previam que protestos comprometiam a tomada de posse. A falta de protesto, ou o silêncio, era interpretado como consentimento. Por isso os

---

espaço do sertão foi gradativamente ordenado, medido, delimitado e fixado. Os grupos étnicos que nele viviam foram tomados como unidades fechadas e homogêneas, portadoras de uma mesma língua e de uma mesma identidade. Nos mapas, alguns grupos indígenas figuram num território fixo, delimitado por referências da"civilização" ibérica (vilas, fazendas, missões, igrejas, fortes, minas de ouro)". KOK, Glória. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa. **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, vol.17, n.2, pp.91-109, jul-dez 2009, p.107.

[688] No original: "many agreed that river navigation and commerce with natives could establish rights to both the river and the riverbanks. The same happened with land routes:roads discovered or carved out in the jungle were both markers of and mechanisms to constitute possession". HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.,* p.34

[689] No original: "contemporaries equally insisted that protest against the taking of possession should be manifested "by outward, visible, acts." Silence, they suggested, would be interpreted as consent unless it could be proved that ignorance, fear, or other pressing circumstances hindered protest". HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.,* p.34.

moradores de regiões fronteiriças estavam em permanente vigilância. É visível que essa situação levava em conta que as partes fossem europeias, ou ao menos integradas à sociedade europeia.[690] Portanto, a política de "better safe than sorry" – *melhor prevenir do que remediar* – era bastante utilizada. Se protestava sempre, mesmo não tendo certeza dos argumentos. Daí deriva a grande quantidade de documentos dos agentes imperiais espanhóis – padres, governadores e demais funcionários – com reclamações sobre as investidas paulistas na região do Guairá.[691]

A ideia do rio como penetração já foi sugerida, principalmente a partir da análise dos mapas de Diego Ribeiro (ver figura 16). Agora é possível refinar um pouco a questão. Os rios platinos foram o caminho natural de exploração e ocupação do território. No caso platino, os rios parecem ter sido elementos da fronteira. Não estou sugerindo aqui que os rios sejam *fronteiras naturais*. Ainda em 1935, em um trabalho muito menos conhecido que seu autor, chamado *O Reno: história, mitos e realidades*, Lucien Febvre advertiu: "Deixemos à astucia de uns, à ingenuidade de outros a 'fronteira natural': não há senão fronteiras humanas. Elas podem ser 'justas' ou 'injustas', mas não é 'a natureza' quem dita a equidade ou aconselha a violência".[692] Levando em conta a advertência de Febvre, é possível entender os rios platinos como *fronteiras* de duas formas.

Primeiro, como uma fronteira limite, uma linha de demarcação. Não deixa de ser notável, nesse sentido, a justificativa feita por Miguel de Moxica Maldonado, preso em 1621 por ter entrado em terras espanholas pelo caminho proibido. Em maio daquele ano, o capitão Juan Barba de Añasco prendeu Moxica e mais três portugueses na paragem da boca do Uvay,

---

[690] Ainda que a proposta de Herzog seja a de resgatar o papel ativo das populações indígenas perante os colonizadores, grande parte da discussão de fronteiras diz respeito a legitimar a posse perante outros europeus e não perante as populações ameríndias que habitavam a terra. O *requerimento* espanhol, documento oficial de tomada de posse, era utilizado como respaldo legal no caso de reivindicações de outros Estados. Ainda assim, pese o absurdo das cenas de leitura do documento pelos espanhóis perante as populações nativas, o silêncio indígena perante o *requerimento* era enxergado como consentimento. Ver o trabalho já citado de SEED, Patricia. **Cerimônias de Posse na Conquista Européia do Novo Mundo.** Serge Gruzinski também trata da apropriação, sempre de forma desigual, da escrita e dos códigos de leis espanhóis pelos astecas do México, que utilizavam inclusive os meios legais para contestar várias ações espanholas. GRUZINSKI, Serge. **La colonizacion de lo imaginario**. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

[691] É clara para Herzog a ligação entre os protestos feitos pelos indivíduos e o incentivo dado pelas Coroas nesse sentido, em troca de mercês. HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.*, p.40.

[692] FEBVRE, Lucien. **O Reno. Histórias, mitos e realidades.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.66. A edição de 1935 nunca foi reeditada, e apenas em 1994 surgiu uma tradução alemã. A edição da Civilização Brasileira é a primeira em língua portuguesa.

por estarem "sem expressa licença de sua majestade para passar aos reinos do peru".[693] Em posse dos portugueses foi encontrada uma grande variedade de mercadorias, incluindo duas meninas escravas.[694] Aberto o processo, foram interrogados sobre a proibição da entrada no Paraguai e Peru por aquele caminho. Todos não só alegaram que não sabiam de tal proibição, como tinham ouvido de diferentes fontes –que remetiam ao governador Hernando Arias e seu futuro substituto, o capitão Miguel Frías – de que se podia passar livremente por ali. A despeito das proibições e cédulas reais, parece que nos encontramos diante de um caminho usual e bastante frequentado.[695]

Depois de presos, os acusados fizeram seus pedidos de súplica, buscando o perdão real. Antonio Dutra, ao falar sobre a licença real – que deveriam ter para passar por aquele caminho – afirmou que era "verdade que vim sem ela, enganosamente entendendo que livremente passavam sem licença, como vassalos de sua Magestade, e em São Paulo não se sabe desta proibição do caminho, por quanto de quantos tem passado, nenhum tem voltado".[696] Diego Vaz e Manoel de Azevedo afirmaram que "virem sem licença é verdade, por que não sabíamos da proibição desta passagem e assim viemos com bom ânimo como vassalos do rei meu senhor por mais empregar-nos em seu real serviço nas fronteiras de suas vilas e cidades mais perigosas". [697]

---

[693] No original: sin espresa licensia de su magestad para pasar a los reynos del peru". "Auto cabesa de processo contra unos portuguezes que vinieron por la via de San Pablo, camino prohibido. Año 1621." In: Bandeirantes no Paraguai...op.cit. p.45.

[694] Trata-se de um processo bastante suspeito. Vilardaga, que o analisou buscando as conexões dos mundos paulista e paraguaio, mostra uma trama bastante complexa, na qual os portugueses presos apenas cumpriam papel secundário. O autor sugere que as mercadorias e as escravas fossem do capitão Manuel de Frias, governador do Paraguai a partir daquele ano. VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes,** *op. cit.,* pp.246 e seguintes.

[695] Concordo aqui com Vilardaga, quando conclui que "Portanto, apesar das ameaças e das leis proibitivas, se imaginava uma passagem usual e comum, com a anuência formal do capitão Frias, braço direito de Hernando Arias e futuro governador do Paraguai". VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes,** *op. cit.,* pp.246 e seguintes. Mais detalhes sobre essa discussão estão no capítulo 3.

[696] No original: verdad que vine sin ella enganhosamente entendiendo que libremente pasavano sin lisensia como vassalos de su Real Majestad y en san pablo no se sabe desta proybicion del camino por quanto de quantos an passado ninguno se an vuelto". "Auto cabesa de processo contra unos portuguezes que vinieron por la via de San Pablo, camino prohibido. Año 1621." In: Bandeirantes no Paraguai...op.cit. p.52.

[697] No original: "venir sin lisencia es verdad por quanto no sabiamos la proibision deste pasaje y asi venimos com buen animo como vasallos del rey mi senor por mas enplearnos em su real servicio em las fronteras de sus villas y ciudades mas peligrosos". "Auto cabesa de processo contra unos

O testemunho que mais nos interessa aqui, no entanto, é a súplica de Miguel Moxica Maldonado, quando solicita sua liberação. Para justificar-se, ele também diz que sabia da proibição, além de afirmar saber que o governador Hernando Arias teria dado "licensia a todas las personas que quisiesen venir a ser moradores a estas partes". Depois, dizendo ser "castellano y criado de su magestad" pede que lhe seja dada licença para "volverme camino de san pablo pues hasta agora no enquirido en pena ninguna pues estando en medio del rio [roto] por mandado de vmd. y en esto pido justicia".[698] A palavra ilegível prejudica o entendimento preciso da fala de Maldonado. Entretanto, é lícito interpretar que ele se julga inocente porque, quando foi preso, ainda não tinha incorrido em crime algum, por estar no meio do rio, no meio do caminho. No caso de muitos dos mapas analisados nessa pesquisa, e de forma ainda mais clara nos desproporcionais rios desenhados no mapa de Céspedes analisado nesse capítulo, estamos diante de outra espécie de fronteira. Uma fronteira de penetração no território, uma fronteira que é móvel, diante do espaço vazio e desconhecido do interior do continente.

Herzog afirma que, mais do que terras perdidas de um Império para outro, português e espanhol, o que se observa é a penetração de ambos em terras ainda desconhecidas. Frequentemente, quando se conseguia a posse da terra, ou algum assentamento, isso fazia com que o rival também buscasse aquela região. Por conta dessa dinâmica, tempos de paz eram melhores para aquisição de territórios do que tempos de guerra, em que a vigilância era maior. Além disso, os territórios europeus no interior da região platina, *heartland* do continente sul americano, apresentavam áreas amorfas, como *fronts* e não como territórios contínuos. Eram arquipélagos de fazendas, campos e povoados, cercados por um mar de terras desconhecidas.[699]

O mapa de Céspedes deixa transparecer, portanto, o caráter dual dos rios americanos. Ao mesmo tempo em que mostra o conhecido, o caminho a percorrer, que apesar dos perigos é superado, sugere seu oposto, sua ausência: todo o restante do espaço extra margens. O signo *rio* circunscreve a visão do narrador/cartógrafo, que não vê nada além da mata fechada das margens, com breves exceções, quando é necessário transpor algum salto e se realiza o *passo*

---

portuguezes que vinieron por la via de San Pablo, camino prohibido. Año 1621." In: Bandeirantes no Paraguai...op.cit. p.53.

[698] "Auto cabesa de processo contra unos portuguezes que vinieron por la via de San Pablo, camino prohibido. Año 1621." In: Bandeirantes no Paraguai...op.cit. p.52.

[699] HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession,** *op.cit.*, p.43.

pela margem. A maior parte do mapa é a folha em branco, é o espaço *fora do rio.* A margem, assim, divide o desconhecido, o que não é ainda dominado e nomeado e, portanto, não pode ser domesticado no desenho. Céspedes se assemelha assim ao capitão Marlow do romance conradiano, enquanto sobe o grande rio africano cada vez mais oprimido pelo peso de suas misteriosas margens.[700]

As travessias dos rios sempre forma momentos de tensão nas expedições europeias. No relato de sua viagem de Assunção ao Peru, Francisco Ortiz de Vergara conta que andou por quatorze jornada em caminho despovoado, sempre com medo dos indígenas da região, até chegar em um rio "muito largo, ainda que raso", pelo qual passaram com muito cuidado, porque "os índios nossos amigos que iam adiante sempre descobrindo o campo, vieram me dizer como na outra margem haviam visto gente".[701]

O rio diz respeito, portanto, a outra divisão, outro nível de *fronteira*, que marca o espaço conhecido e o desconhecido. Mesmo quase imperceptível, sutil e fugidio, esse elemento pode ser analisado a partir dos escritos de Michel de Certeau. Uma das histórias mais famosas de Guimarães Rosa, escritor mineiro de Condisburgo, conta a saga de um homem que largou tudo, inclusive a família que vivia às margens do rio, para viver navegando numa canoa de pau de vinhático, sem intenção de voltar a pisar em terra firme, só executando "a invenção de permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais"[702]. Rosa dá o título de *A terceira margem do rio* à sua história. Coincidência ou não, Michel de Certeau utiliza a mesma noção para enfrentar o problema teórico da fronteira na cartografia: "A quem pertence a fronteira? O rio, a parede ou a árvore *faz* fronteira. Não tem o caráter de não-lugar que o traçado cartográfico supõe no limite. Tem um papel mediador"[703].

Como um desdobramento da ilusão de saber, o traço unidimensional da fronteira no papel ganha contornos tridimensionais e simbólicos na análise de Certeau. O mesmo pode ser

---

[700] O objetivo de Marlow é resgatar o capitão Kurtz num dos mais famosos romances do autor. CONRAD, Joseph. **No coração das trevas.** São Paulo: Editora Landmark, 2011.

[701] No original:."legue a um Rio muy ancho aunque baxo y paselo com muncho rrecatiminento porque los índios nuestros amigos q yvan a adelante siempre descubriendo el campo me avian venido a dezir como de la outra banda avian vista gente". AGI, Patronato 29, 19

[702] ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio. in.: _____. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.80.

[703] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 213.

dito das margens dos rios. Quase a totalidade das primeiras incursões europeias na porção meridional da América teve como caminho natural os rios que banham abundantemente aquela parte do continente. Como o personagem de Guimarães Rosa, os europeus se colocavam *entre os espaços do rio,* conhecendo pouco ou nada o exterior de suas margens.

O desconhecido, entretanto, também funcionava como passagem. Os dois aspectos ficam visíveis no mapa de dom Luis Céspedes, quando esboça um mapa-itinerário de sua viagem até Assunção: o completo vazio do não-conhecido fora das margens contrasta com a unicidade e facilidade da ligação entre São Paulo e Assunção. O rio é fronteira, que articula, já que "é também uma passagem. No relato, a fronteira funciona como um terceiro. Ela é um "entre dois" – um espaço entre dois"[704]. A partir das reflexões sobre a fronteira, encontramos outra chave de leitura para o mapa de Céspedes. Encontramos um espaço concebido como homogêneo – ainda que seus elementos sejam hierarquizados, como os rios – e dominado no desenho, enquanto seu oposto – a grande massa territorial ainda desconhecida, da qual os espanhóis tem nessa altura pouco ou nenhum controle – permanece nos silêncios que o mapa guarda.

4.4 – "LOS ÍNDIOS QUE AVIAN TOMADO ME AVIAN DE SER GUIAS": CONHECIMENTO INDÍGENA, CARTOGRAFIA EUROPEIA

Existe ainda outro detalhe nos mapas apresentados nessa seção, ainda mais oculto, do qual posso apenas entrever hipóteses. Os vestígios ficam um pouco mais evidentes no mapa de Céspedes. O governador realizou essa parte da viagem apenas com seus criados e o grupo de indígenas que remavam as canoas. Ele não conhecia o terreno, tampouco tinha formação técnica como cartógrafo. Ademais, é sabido que os grupos indígenas foram, para os espanhóis, fonte de informação, caminhos, mantimentos, além de serem aliados fundamentais nas conquistas de novas áreas, como tradutores, intermediários ou mesmo guerreiros. A expedição de Cabeza de Vaca, uma das mais famosas travessias do continente na metade do século XVI só foi possível através dos guias indígenas. Um grupo de índios da Ilha de Santa Catarina acompanhou o *adelantado* e seus homens território adentro. Só retornaram depois que os espanhóis encontraram, logo após a travessia do rio Tibagi, um tal índio Miguel, natural da costa do Brasil mas que vivia há bastante tempo com os espanhóis em Assunção.

---

[704] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, *op. cit.*, p. 213.

Miguel estava indo à costa atlântica, mas retornou à capital paraguaia como guia da comitiva.[705]

No caso de Céspedes, da mesma maneira, quem conhecia a região, os saltos, os nomes dos rios, as corredeiras eram seus guias indígenas. Glória Kok, em artigo que busca esses vestígios indígenas na cartografia da América, afirma que os grupos nativos foram imprescindíveis nas empresas coloniais, tanto para fornecer informações do território como para outros conhecimentos necessários à elaboração de mapas e esboços. Esses conhecimento "integravam a "cartografia indígena", isto é, um acervo de informações espaciais, construído pela memória e enraizado, principalmente, nos sentidos".[706] Assim, estamos diante de um mapa que pode ser lido como um vestígio do saber local indígena traduzido na cartografia, mesmo que através do interlocutor ibérico. Alguns autores podem ajudar a análise dessa perspectiva. Artur Barcelos observa que "apesar da ausência de uma materialidade que registre o saber geográfico indígena, este pode estar oculto nos mapas europeus. As representações de regiões interiores, por exemplo, onde rios e lagos são muito simétricos (retos, circulares, quadrados), indicaria que foram acrescentados com base em informações indígenas e não pela observação direta".[707] Em estudo bastante conhecido, publicado no início da década de 1990, Serge Gruzinski analisa as formas assumidas pelo sincretismo cultural entre as sociedades mesoamericanas, notadamente do planalto mexicano, e os recém chegados espanhóis.[708] O autor analisa uma grande quantidade de mapas do período, buscando as conexões e transfigurações na forma de grafar o espaço naquela região, bem como as apropriações e ressignificações gráficas presentes na documentação.[709] Infelizmente trata-se

---

[705] **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, op. cit.**, p.172.

[706] KOK, Glória. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, vol.17, n.2, pp.91-109, jul-dez 2009, p.92.

[707] BARCELOS, Artur. **O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial**. 543 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p.368.

[708] Trata-se de **La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII**. (México: Fondo de Cultura Económica, 2000).

[709] Num trabalho anterior, o autor fala sobre o *glifo* de representação dos rios: "Nevertheless, this temporary enrichment of glyph repertories cannot be disassociated from the slow degradation of forms that also occurred. Rapid changes and skillful adaptation went hand in hand with an indisputable exhaustion of this mode of expression. Although at the end of the sixteenth century we still find "classical" glyphs painted with accuracy, more often the drawing had lost its strength, elegance, and consistency; the line was no longer precise, continuous, and thick as it had been before the Spanish conquest. In the last two decades of the century the glyph for river was pictured simply by two wavy

de uma das poucas heranças documentais gráficas das sociedades nativas americanas. Em geral, no restante do continente, suas concepções espaciais e seu conhecimento geográfico não apareceram de forma gráfica e portanto, só podem ser percebidos, de acordo com Ángela Pérez Mejía, "con lupa sospechosa en los margenes de los mapas".[710]

Vale lembrar que a preocupação da autora é com a cartografia elaborada por Alexander von Humboldt, um dos mais conhecidos geógrafos e naturalistas europeus que viajaram pelo continente sul americano, nos primeiros anos do século XIX. Mesmo tratando de um contexto cultural e geográfico bastante diferente, a análise de Mejía pode nos auxiliar na medida em que a autora busca as vozes silenciadas na cartografia do naturalista europeu.[711] Como resultado de sua viagem, e da passagem pelo território de Nueva Granada entre os anos de 1801 e 1803, objetivo central da análise, Humboldt elaborou uma série de mapas, presente no atlas *Vues de Cordillerès et monumens des peuples indigènes de L'Amérique. Atlas Pittoresque*, de 1810. Mejía buscou na expedição pelo rio Orinoco a participação dos indígenas na obra do naturalista. Quase ausente dos mapas, a autora filtrou sua presença nos textos, uma vez que considera que eles estavam ali permanentemente e eram vitais para o avanço da expedição, durante o tempo em que ficaram na selva.[712] Ela trabalha com a noção de um *pré-texto enciclopédico* sobre a América, já conhecido por Humboldt. Seriam as informações que circulavam na Europa sobre a geografia, botânica e história natural americanas. O único meio de obter informações novas eram os conhecimentos indígenas sobre o território. Isso fica visível na *Carta itinerario del curso del rio Orinoco*, gravada por Blondeau, baseado no desenho de Humboldt: "el mapa, sin embargo, se puede leer la voz de

---

lines or reduced to a roughly sketched spiral, or even to a mere line. GRUZINSKI, Serge. Colonial Indian maps in sixteenth-century Mexico: an essay in Mixed Cartography. **Anthopology and Aesthetics**. n.13, pp.46-61, spring/1987, p.51.

[710] MEJÍA, Ángela Pérez. **La geografia de los tiempos difíciles: escritura de viajes a Sur América durante los procesos de independencia 1780-1849**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2002, p.78.

[711] Discuto aqui o capítulo segundo da obra, *Alexander von Humboldt: los silencios y complicidades de la cartografia*. Agradeço imensamente ao professor Héctor Mendoza Vargas, da Universidad Nacional Autónoma de México, pela indicação da leitura.

[712] MEJÍA, Ángela Pérez. **La geografia de los tiempos difíciles,** *op. cit.*, p.81. David Turnbull chama atenção para os vestígios de resistência presentes em qualquer mapa: "Social and representational orderings of space are 'maps of meaning' through which groups and individuals make sense of their social world. Although such cultural maps are in some measure hegemonic, sources and sites of resistance are always found within any map". TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe: Mapping the Construction of Knowledge Spaces. **Imago Mundi,** vol.48, pp.5-24, 1996, p.7

los guias como sujetos productores de información geográfica. La información consignada en este mapa no estaba incluída en el pré-texto enciclopédico sobre América que sirve de referente a los diarios"[713].

A autora discute também a questão da oralidade e materialidade das informações, ou, o modo como o saber europeu se sobrepõe ao conhecimento nativo, de como as informações se transformam num texto geográfico:

> Si bien el mapa del Orinoco es geografia en el más estricto sentido del término, ya que es un mapa útil, la representación de un territorio que sirve de guia al navegante, es también historia oral. Este es un mapa dictado por los indígenas, del que Humboldt fue el redactor que poseía los instrumentos necesarios para transformarlo en texto geográfico, un *mapa palimpsesto* en el que el conocimiento geográfico oral indígena y la ciencia europea se sobreimponen para construir la metáfora perfecta sobre el Orinoco.[714]

Como já enunciado, a partir de suas características de de reter o passado e superar a distância a escrita funciona como um dos pilares da ciência moderna, alimentada constantemente pelas viagens marítimas à novos mundos. A principal questão aqui é a leitura que os europeus fizeram do *outro,* nesse caso marcada pelas convenções espaciais ameríndias na cartografia. Na maioria dos casos, a cartografia europeia foi dominante e deixou de lado as convenções ameríndias, delegando sua visão de mundo à algo falho em demonstrar o que os europeus buscavam.[715] Para Bárbara Belyae, a estrutura conceitual espacial ameríndia contribuiu significativamente para a elaboração da cartografia europeia, mesmo que seja praticamente invisível. A interpretação feita pelos exploradores, a respeito das informações dadas pelos indígenas é, na verdade, um tipo de tradução – mais da noção espacial do que de termos da língua, uma vez que

> em teorias linguísticas da tradução, a forma, em si, é o significado e "correspondência formal entre línguas é no melhor dos casos uma aproximação". Tradução não é a mudança de um significado de uma aparência verbal para outra, mas sim a criação de formas grosseiramente equivalentes. Em termos geográficos, não há uma medida absoluta de acurácia (significado), mas um número de

---

[713] MEJÍA, Ángela Pérez. **La geografia de los tiempos difíciles,** *op. cit.*, p.83 e 85.

[714] MEJÍA, Ángela Pérez. **La geografia de los tiempos difíciles,** *op. cit.*, p.83 e 85. Grifo no original.

[715] BELYEA, Barbara. Amerindian maps: the explorer as translator. **Journal of Historical Geography**. v.18, n.3, pp. 267-277, 1992, p.275.

> conversões cartográficas equivalentes (línguas) que descrevem características espaciais [716]

Esse processo torna-se ainda mais intenso quando se trata de territórios pouco conhecidos pelos europeus. A análise de Belyae diz respeito às explorações das terras do extremo noroeste da América do norte, ainda pouco percorridas no século XIX. Mesmo bastante afastado temporalmente, esse espaço compartilha com a bacia platina seiscentista o relativo desconhecimento.

O mapa de Céspedes pode ser analisado, portanto, sob as mesmas perspectivas citadas, mesmo que afastado temporal e geograficamente. Os mapas feitos por Humboldt, notadamente a carta do rio Orinoco, tem o propósito de não "solo cartografar el territorio del recorrido de un rio, sino el recorrido de un viajen por ese rio"[717]. O mapa de don Luis Céspedes Xeria pode ser considerado um mapa itinerário, com intuito principal de mostrar a viagem. Tanto é assim que o autor desenha o traçado feito pelas canoas no leito do rio, mostrando inclusive a própria canoa (Figura 58). Na legenda, ao lado do mapa, escreve:

> las rayas que le atraviesan son todas grandissimas corrientes que pasé con las canoas com grandes riesgos. Los puntos negros son riscos e peñascos que estan en mitad de el rio donde peligramos muchas vezes; las es [sic] grandes de color amarilla són las yslas por donde passamos que en todas las mas teniamos grandes corrientes y estas solas son las particulares que no subiera donde pintar tantos como ay (...) donde se hallare cruz es el Alojamiento de cada dia y la raya vermeja que va por medio del rio es por donde caminavamos con las canoas procurando salvar los peligros.[718]

Como já mencionado, o mapa de Céspedes apresenta poucas convenções de direcionamento e escala. Apenas uma tímida rosa dos ventos apresenta-se quase imperceptível

---

[716] No original: "in linguistic theories of translation, form itself is meaning and "formal correspondence between languages is at best a rough approximation". Translation is not the shift of meaning from one verbal guise to another, but rather the creation of roughly equivalent forms. In geographical terms, there is no absolute measure of accuracy (meaning), but instead a number of equivalent cartographic conventions (languages) which describe spatial features BELYEA, Barbara. Amerindian maps..., *op. cit.*, p.270. A própria autora faz uma importante ressalva, em outro trabalho, afirmando que Whats needs general recognition is that maps are purely conventional, and that this perception is culturally specific. Moreover, cartographic convention is only partially communicable from one culture to another, and from one period to another: "translation" is possible in a superficial, limited sense. (BELYEA, Barbara. Inlands journeys, native maps. in.: LEWIS, G. Malcolm (org). **Cartography Encounters. Perspectives on native american map making and map use**. Chicago: The University of Chicago Press, 1998, p.140).

[717] MEJÍA, Ángela Pérez. **La geografia de los tiempos difíciles,** *op. cit.*, p.83.

[718] Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes..., *op. cit.*

no canto superior esquerdo do mapa (Figura 57)[719]. Os rios não aparentam estar proporcionalmente ligados a nenhuma escala e é possível ler toponímias ou signos girando o mapa sob qualquer direção. Essas características estéticas fizeram com que o mapa fosse tido como *tosco* ou como *mero roteiro* pela historiografia da primeira metade do século XX.[720]

No entanto, justamente esses elementos podem mostrar indícios da espacialidade indígena na obra. Segundo Belyae, "mapas nativos não tinham gradeamento ou fronteiras. [Malcolm] Lewis percebeu uma instância de "distorções grosseiras" causadas por "restrições impostas aos índios pela forma retangular da folha de papel"[721]. A diferença é de concepção da cartografia, já que

> Mapas de grade funcionam ao posicionar localizações ao longo dos eixos de latitude e longitude. Mapas ameríndios não se baseiam em pontos fixos espacialmente, mas em um padrão de linhas interconectadas. A distância e a direção do norte, sul, leste e oeste são simplificadas, e até mesmo ignoradas, visto que a chave para a interpretação do mapa não se baseia em localizar pontos espacialmente, mas em traçar um caminho contínuo de uma característica geográfica para outra. Interseção, mais do que distância, determina o design cartográfico..[722]

Belyea defende ainda que essa forma de conceber a cartografia – como uma ligação linear de um ponto A a um ponto B – faz parte da cultura espacial, não sendo exclusividade das sociedades ameríndias. Esse princípio linear aparece toda vez que fazemos um rascunho

---

[719] Canto superior esquerdo se for levada em conta a orientação das legendas escritas. Se for levada em conta a orientação do norte para cima, como normalmente se faz, a rosa dos ventos aparece no canto superior direito do mapa.

[720] CAVENAGHI, Airton José. A construção da memória historiográfica paulista..., *op cit,* pp. 87-89. Cavenaghi cita Affonso de Taunay e Sérgio Buarque de Holanda quanto à "caracterização estética da obra", elaborada com toscos desenhos e nomes estropiados.

[721] No original: "native maps were without grids or borders. [Malcolm] Lewis has noted an instance of "gross distortion" caused by "constraints imposed on the Indian by the rectangular sheet of paper". BELYEA, Barbara. Amerindian maps..., *op. cit.,* p.275. Nesse trecho a autora faz referência ao trabalho de Malcolm Lewis, **Indian Maps**, (in Carol M. Judd and Arthur J. Ray (Eds), **Old trails and new directions:** papers of the third North American fur trade conference. University of Toronto Press, Toronto, 1980).

[722] No original: "Grid maps operate by locating positions along axes of latitude and longitude. Amerindian maps rely not on fixed positions in space but on a pattern of interconnected lines. Spacing and directions of north, south, east, ant west are simplified, even ignored, since the key to reading the map is not to locate points in space but to trace a continuous path from one geographic feature to another. Intersection rather than spacing determines the cartography design". BELYEA, Barbara. Inlands journeys, native maps, *op. cit.* p.141.

Figura 58 - Detalhe da discreta rosa dos ventos, da canoa e da linha vermelha que representa o itinerário da viagem.

indicando para alguém um caminho até determinado ponto, ou quando pensamos as linhas principais de um sistema de transporte, como o famoso mapa do metrô de Londres.[723]

4.4.1 – O espaço cristianizado

Por fim, um último aspecto que chama atenção no mapa de Céspedes, a respeito desse *encontro* entre as narrativas espaciais dos indígenas e do governador são os signos de cristianização do espaço. Essa prática se mostra interessante porque ocorria nos dois níveis: no espaço real e na representação dele. Segundo Glória Kok,

> Incorporada pelos sertanistas, a prática de sinalizar e marcar pontos de orientação – pedras inscritas, árvores gravadas, cruzes toscas, ranchos, queimadas e sepulturas – sugeria o esforço de tornar familiar e decifrável o ambiente hostil do sertão. Cruzes toscas e rudes inscrições em homenagem ao monarca português simbolizavam o conjugado esforço de dilatação da fé e fortalecimento da Coroa lusitana na conquista dos novos territórios.[724]

No mapa analisado, além das já citadas cruzes que compunham o signo das vilas, Céspedes representa todos os locais de pouso da expedição com uma cruz (Figura 59). Elas ocupam boa parte das margens do Tietê/Anhembi no desenho.

A narrativa do autor na legenda também reforça o esforço em cristianizar aquele espaço, quando o porto de saída é nomeado de porto de *Nossa Senhora do Atocha*, santa de devoção do governador. Ainda na legenda, depois de narrar todos os riscos pelos quais passou na descida do rio – ocasiões em que não só ele, mas todos os outros tornaram-se devotos dela –, Céspedes conta que a virgem os tirou milagrosamente a salvo de todos os perigos e que, no decurso de sua vida ela "a hecho três milagros patentíssimos"[725], infelizmente não enumerados nessa ocasião. Além da devoção ao cristianismo, os atos de Céspedes servem

---

[723] BELYEA, Barbara. Inlands journeys, native maps, *op. cit.* p.141.

[724] KOK, Glória. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa, *op. cit.*, p.95.

[725] Mapa del río Ayembi (actual Tietê) y del Paraná, con sus afluentes..., *op. cit.* Além de alusões aos "milagres" feitos pela santa, há um comentário de Belmonte sobre Taunay, quando discute os elementos do mapa de Céspedes: "Por que motivo, pois, diante da Câmara de São Paulo se levantaria um cruzeiro? Afirma Taunay que isso se deu porque Céspedes era um homem de fé, que, a cada passo, recorda em seus papéis a sua profunda devoção a Nossa Senhora do Atocha." BELMONTE. **No tempo dos Bandeirantes**. São Paulo: Melhoramentos, S/D [1948].

para mostrar sua devoção ao soberano, já que conta a tradição que Felipe II, pai do rei Felipe III que o havia nomeado como governador, era devoto fervoroso de Nossa Senhora do Atocha.

Os símbolos não ficaram apenas no espaço da representação, entretanto. Em passagem pelas proximidades do Salto del Guairá, don Luis conta que

> Pusse aqui uma cruz hermosissima de quarenta pies de alto y palmo y meio de ancho y em los braços de arriva hasta el cravo que se pone em memoria del que se pusso a christo nuestro señor em su pies un letreiro que disse trayendo em memoria la santa cruz em que passo la muerte y passion Jesuchristo y deste clavo abajo acaba el letreiro diciendo fue el primer gouernador don luis de Cespedes xeria que a entrado em estas prouincias com trabajos ambre y sin fausto ano de mil y seiscentos y yeinte y ocho.[726]

O escrivão da guarnição do Paraguai, Thomas Martin de Yante dá conta que, nesse mesmo lugar, no local onde do "puerto del salto (...) se toma tierra para el puerto de maracayu" o governador e sua comitiva encontraram "una cruz que los padres de la compañia de jesus havian enarbolado", com um letreiro em latim mostrando ter sido levantada pelo padre Nicolas Duran, provincial da companhia, no ano de 1626.[727] A cruz do governador foi levantada ao lado dessa, talvez reforçando a jurisdição da Coroa frente aos territórios controlados pela companhia.

Além dos fins simbólicos destacados, a cruz servia a objetivos muito práticos, como atesta um processo de 1675. Naquele ano, o licenciado don Juan Mongelos Garses seguiu de São Paulo pelo caminho dos rios Anhembi e Paraná e, chegando ao salto do Guairá "achou naquela paragem a cruz que pela relação se lhe advertiu haviam posto lá a dita Dona Victoria de Sá e o dito general Salvador de Sá seu primo, quando vieram"[728]. A partir da cruz, era

---

[726] Breve Relacion de lo que hizo el gouernador em el salto de guayra hasta que llego al puerto de maracayu y de las cosas que proueya en seruicio de su magestad. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.216.

[727] Testemonio de como se despacharon los yndios del piquiri y se repartieron los de la villa en el puerto del salto y cruces del. In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.161.

[728] No original: "hallo en aquel paraje la crus que por la relasion se le adbirtio avian puesto en el la dicha Doña Victória de Sá y el dicho general Salvador de Sá su primo quando vinieron". "Acuerdo del cabildo Justicia y Regimiento de esta ciudad de la Asumpcion a cuyo cargo corre el govierno politico y militar por ausiencia, pricion e ympedimiento del sargento mayor Dn Felipe Rexe Gorvalan Governador e Capitan General de ella e fecto de combocar a los jefes militares a consejo de Guerra y meditar en el, el modo de expulsar los portugueses y mamelucos de sn Pablo de su servicio militar en cantidad de 3000 hombres comandados por Francisco Pedroso quienes poseyan ya los pueblos de Terecañu, Ybira, pariyara, Candelaria y en notable Riesgo la Villa Rica del espiritu santo". In.:

necessário marchar terra adentro, "por um monte que foi rompendo com grandíssimo trabalho, parecendo-lhe que logo sairia nos campos que a relação dizia e que deles poderia tomar o rumo do povoado de Maracayu."[729]

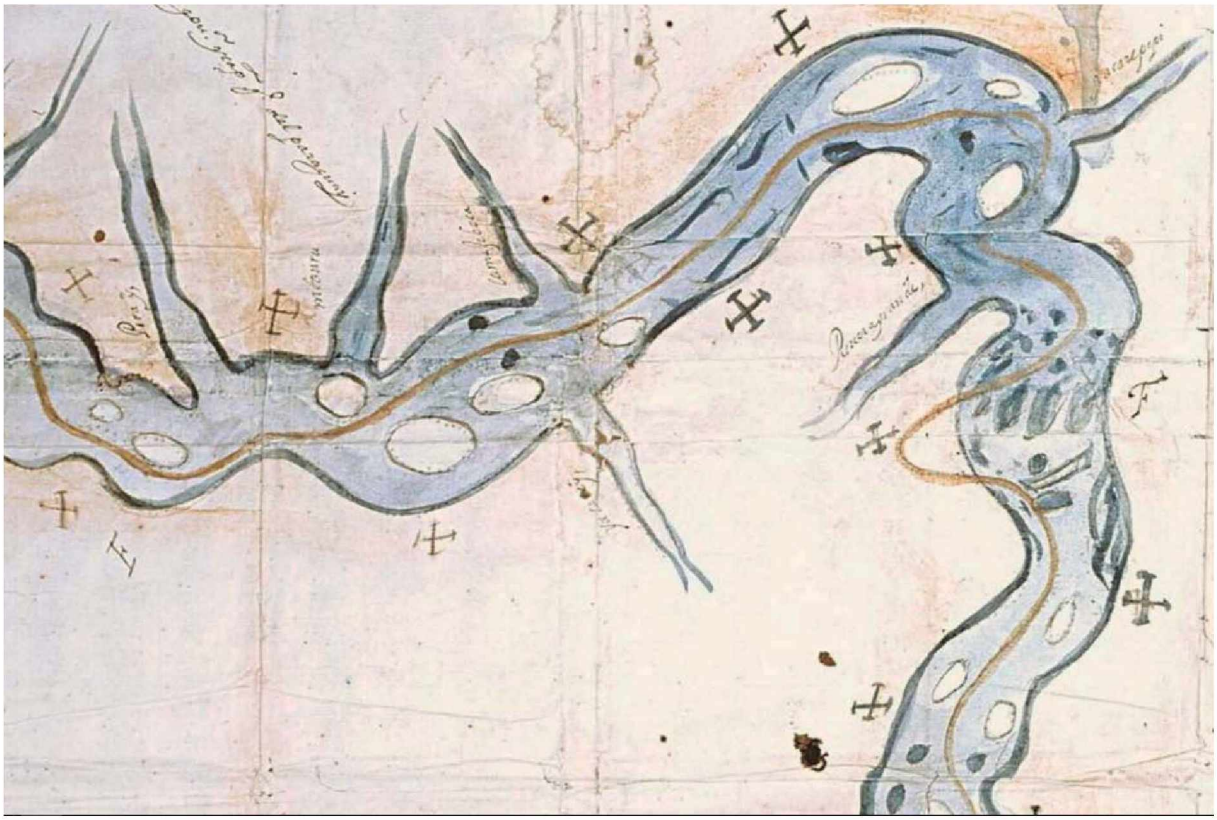


Figura 59 - Detalhe das cruzes que demarcam os locais de pouso da expedição de Céspedes.

Não obtendo sucesso em encontrar o caminho, Garses arranchou em diferentes sítios às margens do Paraná e, depois de 44 dias tentando buscar o passo do dito monte, o licenciado desistiu daquele caminho e voltou à "cruz de Doña Victoria e rumou suas canoas para ir

---

Bandeirantes no Paraguai...op.cit. pp. 67-114. Céspedes conseguiu do rei autorização para que a esposa fosse ao seu encontro posteriormente, novamente pelo caminho proibido. Também essa expedição foi bastante contestada pelos jesuítas, pela suposta entrada de paulistas e soldados portugueses junto com a comitiva. Sobre o tema ver a "Carta del gobernador eclesiastico de la diocesis del Paraguay licenciado Mateo de Espinosa a Su Magestad sobre los excessos que cometian en aquella provincia los portugueses de San Pablo del Brasil. La Asunción 4 de abril de 1631". In.: **Annaes do Museu Paulista**, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925, p.264.

[729] No original: "por un monte que fue rrompiento con gradíssimo trabajo paresiendole que brevemente saldria a unos campos que la relacion decia y que delles podria tomar el rumbo al pueblo de maracayu". "por un monte que fue rrompiento con gradíssimo trabajo paresiendole que brevemente saldria a unos campos que la relacion decia y que delles podria tomar el rumbo al pueblo de maracayu". Acuerdo del cabildo Justicia y Regimiento de esta ciudad de la Asumpcion...*op.cit.*, p.106-107.

buscar a barra do rio Iguatemi que segundo a relação estava perto do dito porto".[730] A documentação não nos permite saber se a tal cruz seria uma terceira cruz, levantada por Victória e Salvador de Sá. Entretanto, é visível que a cruz marcava aquele local, que como já mencionado, era *la llave de todos los caminos* da região do Guairá.

Os símbolos e signos europeus aparecem, portanto, cristianizando, dominando, definindo e demarcando o espaço, real ou representado – as cruzes nos locais de pouso, as casas e cruzes representando as vilas, a toponímia devocional; ou as cruzes demarcando caminhos e passos. Um espaço que era indígena, concebido e conhecido por eles. Apenas através do uso desse conhecimento é que Céspedes e tantos outros europeus puderam levar a cabo suas viagens e seus mapas.

* * *

Os mapas analisados nesse capítulo, rascunhos bastante esquemáticos dos territórios sul americanos, são o elo de ligação entre as diferentes escalas de observação e conhecimento da bacia platina. De um lado, as expedições circulavam pelo território, obtendo implícita e explicitamente um conhecimento geográfico ao rés do chão. De outro, os cosmógrafos das instituições ibéricas construíam no papel a representação daqueles espaços. A diferença de escala – da grande escala de conhecimento em campo à pequena escala dos mapas continentais ou globais – mostra espaços diferentes. Mostra também, através dos autores dos mapas – mesmo que não saibamos quem foram a maioria deles – a ligação entre um conhecimento geográfico descrito das mais variadas formas, bastante fragmentado, e uma Coroa empenhada na constituição e manutenção de seu Império. A articulação entre as escalas permite ver também outros elementos constituintes da cartografia platina. As fronteiras, sejam limite, sejam de penetração, protagonizadas pelos rios da bacia fluvial foram decisivas para a configuração da região nos mapas europeus. Analisando a documentação em conjunto, se percebe uma fronteira não exatamente definida, mas constantemente reelaborada, seja no território, nas descrições e nos mapas. O saber indígena, por sua vez, foi imprescindível para o sucesso da empresa colonizadora espanhola e para o conhecimento geográfico do continente.

---

[730] No original: "crus de Doña Victoria a deresar sus canoas para ir buscar la barra del rio gatimi que segun la relacion estava cerca del dito puerto". Acuerdo del cabildo Justicia y Regimiento de esta ciudad de la Asumpcion...*op.cit.*, p.106-107.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A arte *constitui em relação a ciência um saber em si mesmo essencial mas ilegível sem ela. Posição perigosa para a ciência, pois só lhe resta poder dizer o saber que lhe falta. Ora, entre a ciência e a arte, considera-se não uma alternativa mas a complementaridade e, se possível, a articulação."*

Michel de Certeau[731]

Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso?".

Guimarães Rosa[732]

Como se mapeia um lugar desconhecido? Essa foi a questão primordial dessa pesquisa. Ao lado dela, um amontoado de mapas e documentos escritos, fontes das quais as respostas custavam a sair, muito mais complexas do que aparenta a simplicidade da pergunta. A tese tomou forma a partir do momento em que os rios se mostraram o eixo estruturante de todas as questões restantes. Os rios são o caminho pelo qual se iniciam as explorações e os mapas. O complexo quadro intelectual da primeira modernidade, mostrado no primeiro capítulo, reunia uma vasta tradição de conhecimentos sobre o mundo habitado, sejam bíblicas ou clássicas, recuperadas principalmente através das obras gregas e romanas que passaram a ser relidas naquele momento. Na contramão desse processo, a experiência adquirida com as descobertas e os relatos que chegavam ao Velho Mundo contradiziam o antigo saber. O produto desses saberes, a geografia nascente, mesclou esses elementos e a primazia da experiência sobre a tradição nunca foi absoluta. Os rios da bacia platina carregaram esse mosaico cultural, visível nas inúmeras descrições e mapas em que se imbricavam afirmações

---

[731] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano,** *op.cit.,* p.140.

[732] ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19.ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

geográficas de Plínio, mitos fluviais bíblicos e informações em primeira mão das expedições ibéricas. Mesmo quando ainda eram pouco conhecidos, os rios platinos, principalmente o Prata, Paraná e Paraguai, apareceram sistematicamente nas obras que circulavam na Europa para satisfazer a curiosidade sobre a América.

Os diferentes arranjos do emaranhado de cursos fluviais platinos estruturaram o segundo capítulo. Após a análise de um número significativo de mapas do período – dos quais boa parte foram produzidos ou derivados das instituições ibéricas como a *Casa de la Contratácion,* o *Consejo de Indias* e a Casa da Índia –, e acompanhar as vicissitudes da cartografia da bacia platina, muitas hipóteses e tentativas de problematização foram levantadas e logo refutadas, pois infrutiferamente seguiram rastros fugidios, sobre a origem de mapas e cartógrafos, o conhecimento sigiloso ou de circulação, a diferença entre manuscritos e impressos. Por fim, os rios foram uma vez mais a resposta, quando identifiquei alguns modelos que se repetiam, em maior ou menor intensidade, em mapas subsequentes. Mais do que uma classificação rígida, a separação buscou dar algumas respostas para as diferenças significativas na forma de cartografar, evidenciando que grande parte dos mapas sul americanos do primeiro século de exploração foi baseada mais em outros mapas do que em qualquer outra fonte.

Foram também os rios a porta de entrada do interior do continente para as expedições de exploração. Isso é bastante visível em quase toda documentação analisada no terceiro capítulo, seja nos relatos mais conhecidos, publicados e lidos pelo público europeu ainda no século XVI, seja na documentação solicitada e enviada ao *Consejo de Indias,* que permanece manuscrita e pouco consultada nos arquivos europeus. Ao nível do solo, uma outra bacia platina aparece aos nossos olhos, mais confusa, por vezes impenetrável, intensamente habitada e ainda mais irrigada pelos inúmeros tributários do rio da Prata.

Por fim, outro conjunto documental sugeriu uma articulação entre os dois tipos de conhecimento, quando o rio era percorrido enquanto caminho território adentro e cartografado enquanto espaço imperial. Nesse momento foi possível analisar o papel das fronteiras na região, sejam autóctones ou ibéricas e a problemática do conhecimento indígena na cartografia, ao mesmo tempo onipresente e praticamente imperceptível.

Os rios começam e terminam como protagonistas da pesquisa, ao lado de todos os atores sociais que apareceram nas páginas acima. Permeando toda essa estrutura, algumas hipóteses parecem sobreviver, respostas por vezes diversas daquilo que *a priori* pensei encontrar. Tentando atravessar o rio, fui dar *na outra banda num ponto muito mais em baixo.*

O primeiro ponto a se evidenciar é o papel crucial das Coroas ibéricas, notadamente da espanhola, na institucionalização da cartografia no século XVI. Processo que esteve no núcleo dos projetos imperiais e foi parte ativa da conquista, conforme mostra a recente produção da historiografia preocupada com as relações entre ciências e impérios no período moderno.

As pretensões imperiais foram responsáveis também por uma primeira identificação do território platino na cartografia: espaço de passagem. Durante o primeiro século de exploração a relevância do rio da Prata na geografia americana pode ser comprovada em sua descrição constante nas obras que circulavam na Europa e seu desenho na quase totalidade dos mapas que traçavam o continente, mais ou menos detalhados. A região em si, entretanto, teve pouca atenção no início do século. O rio da Prata era caminho, era passagem. E assim continuou, em grande medida, durante o período analisado. Passagem para as minas dos Andes peruanos, pelos rios Salado e depois Bermejo e Pilcomayo; passagem para o mundo chileno e para a *Cidade de los Césares*; passagem para os índios de Xarayes, para o *Dorado* e para a terra das amazonas, pelo rio Paraguai; passagem para a região de Guairá e dali à costa brasileira do atlântico, pelo rio Paraná e seus afluentes. Outro processo ligado à manutenção dos impérios marcou profundamente a cartografia da região. As políticas de sigilo das coroas ibéricas nas primeiras décadas de colonização influenciaram o que era mostrado ou escondido nos mapas, embora os limites dessa política sejam avistados quando analisada a circulação de cartógrafos entre as cortes europeias quinhentistas. De qualquer forma, isso pode explicar algumas questões, como a ausência de Assunção em muitos mapas – incluindo os mapas de Abraham Ortelius de 1570 – e os contornos e localizações bastante distantes do real dos mapas de fora da península ibérica analisados, como os italianos ou holandeses.

Sobre o conhecimento geográfico em si, a relação entre documentação escrita e mapa é muito complexa. Dialogando com a historiografia que associa determinados mapas a relatos específicos, busquei ir além, evidenciando através da análise de um universo amostral maior, com uma farta documentação ainda conservada manuscrita, que são muitos os caminhos do conhecimento geográfico. Há mapas baseados em relatos específicos sim, e isso é especialmente verdade para os relatos mais conhecidos, publicados ainda no período. Inúmeros trabalhos atuais feitos com bastante competência mostram isso, esmiuçando mapas e suas fontes. Mas há também uma grande parcela do conhecimento geográfico que escapa aos mapas em geral. Isso só pôde ser percebido através de uma solução metodológica que permitiu *ver* o território rio platino em diferentes escalas. Escalas diferentes, conhecimento geográfico de natureza diferente. Se os mapas são repletos de espaços em branco, *vazios*, as

descrições mostram uma geografia dinâmica, um espaço vivido, com rios, bosques, montanhas, vales, cachoeiras, florestas, metais e uma infinidade de povos indígenas. Esse saber, implícito à qualquer deslocamento no território, não aparece nos mapas e é frequentemente negligenciado pela historiografia. É o *saber não sabido,* que é *elucidado* pela ciência cartográfica, para usar os termos de Michel de Certeau. Foram encontrados dois níveis desse saber: o primeiro, do conhecimento implícito às explorações, elucidado e ocultado nos mapas; o segundo, ainda mais próximo do que escreveu Certeau em algumas passagens, o saber indígena implícito e igualmente elucidado e ocultado nas descrições, nos relatos, nas notícias e nos mapas. Mais do que uma conclusão definitiva, esse é um interessante ponto de partida metodológico para análise de outras regiões da América, guardadas as particularidades do processo de ocupação e colonização europeia em cada uma delas. Se parece verdadeira para a bacia platina, a hipótese pode ser testada em outras partes do Novo Mundo naquele momento desconhecidas. Creio que essa possa ser uma das contribuições desse trabalho.

Essa conclusão leva a outra pergunta, a respeito da utilidade dos mapas no século XVI e XVII. Impossível de ser respondida em plenitude, existem algumas pistas. Se sabe que a maioria dos mapas utilizados no cotidiano das navegações não foi preservada, deteriorados pelo uso diário e pelas intempéries climáticas da travessia do Atlântico. Como visto, os mapas que chegaram até nós tiveram diferentes usos, seja como decoração de palácios reais ou presentes de bodas. Mais importante que isso, serviam para querelas diplomáticas, especialmente as provocadas pelas incertezas em relação ao meridiano de Tordesilhas. Mesmo assim a questão permanece. Usavam-se mapas nos deslocamentos terrestres? Para o caso da bacia platina, os mapas apontados aqui como *articuladores* do conhecimento ao rés do chão e do domínio e legitimação imperial têm algo em comum: são roteiros de rios. Não parece ser equivocado considerar que utilizando os rios como *estradas* – e com a orientação dos guias indígenas sempre presentes – o uso de mapas para se chegar de um lugar a outro no interior do território americano fosse prescindível.

Outra lacuna que a tese buscou suprir foi a de uma pesquisa de maior fôlego, com um recorte espacial e temporal mais amplo, da história da cartografia sobre a região da bacia platina. Foi uma tarefa árdua se embrenhar no emaranhado de mapas e relatos sem data e assinatura, especialmente comuns para o período estudado, alguns dos quais se tornaram cânones de estudos mais tradicionais de história da cartografia e por isso carregam muitas informações desencontradas. Por outro lado, a compilação de um grande número de mapas da região revelou alguns pouco ou nada citados pela historiografia e pode servir de base para

outros estudos dessa temática. A bacia fluvial platina foi levada a seus limites, nesse estudo, incluindo o território que vai desde a nascente dos rios tributários da margem esquerda do Paraná, próximos ao litoral do sul e sudeste do Brasil, passando pelos tributários da margem direita do Paraguai, que escorrem da Cordilheira dos Andes, chegando até o estuário platino. O triângulo – de margens bastante dilatadas – entre as vilas de São Vicente, Assunção e Buenos Aires como espaço de estudo deu margem para que pudessem ser analisadas, *vis a vis,* as dinâmicas próprias do conhecimento geográfico de portugueses e espanhóis na América, corroborando com as pesquisas mais recentes que indicam muito mais integração e ligação do que separação desse espaço dito *de fronteira.*

Fronteiras, aliás, que foram outro componente da formação do espaço platino. Mais uma vez, as hipóteses iniciais foram refutadas pela realidade histórica. A linha de Tordesilhas figura em muitos mapas e descrições da América, mesmo variando consideravelmente, conforme discutido. Na documentação ao rés do chão, essa divisão pouco ou nada aparece. O fato de que grande parte do escopo temporal da pesquisa esteja dentro do período da União Ibérica resolve apenas em parte esse problema. O argumento parece ser, inclusive, contrário: mesmo no período em que toda a região esteve sob um único soberano, se multiplicaram na documentação as normativas e as denúncias sobre circulação proibida de súditos entre o espaço português e espanhol. As fronteiras parecem estar ligadas a dois elementos. Primeiro, aos rios. Os modelos de representação cartográfica encontrados indicam que portugueses e espanhóis buscavam nos rios platinos as fronteiras para seu império americano. Do lado português, a Ilha-Brasil, seus muitos desdobramentos e os rios buscando a delimitação de um território *naturalmente* uno e conectado. Aos espanhóis, interessava mais que a bacia platina tendesse sempre ao interior, rumo ao coração dos Andes. Se a importância do rio como fronteira é correta na pequena escala dos planisférios imperiais, na grande escala regional é ainda mais evidente, como na fala do português Maldonado que, preso na rio Ivaí, região do Guairá, justificou que não havia cometido crime de circulação em terras espanholas, por que estando ainda no meio do rio, não havia chegado lá. [733]

Segundo, de forma ainda mais duradoura, a fronteira esteve ligada ao mundo indígena, anterior à ocupação Ibérica. A parte portuguesa e a parte espanhola da América, ao menos na região platina, eram definidas pelos grupos indígenas que tinham aliança com uns e com outros. Guerras e conflitos entre indígenas inclusive tornavam essas fronteiras ainda mais

[733] "Auto cabesa de processo contra unos portuguezes que vinieron por la via de San Pablo, camino prohibido. Año 1621." In: Bandeirantes no Paraguai...op.cit. p.52.

incertas. Como já nos havia alertado David Turnbull, os mapas pouco servem para definir fronteiras. A maioria delas já existia antes deles.[734]

Outro aspecto chave para a leitura da cartografia do período diz respeito às relações entre a geografia e a história. Mapear um rio, no século XVI, era também contar sua história. A dimensão temporal está presente lado a lado com a espacial. Isso se faz especialmente visível nas legendas históricas que acompanhavam muitos mapas, nas margens ou no interior do desenho. Na ciência moderna e na cartografia, o processo temporal de exploração e conhecimento vai se cristalizando no mapa, até estar acabado e traçado apenas espacialmente, sem menções posteriores ao percurso. Vestígio ainda mais sutil são as toponímias que permanecem, como a fortaleza de Caboto, *Sant Spiritus*, primeiro assentamento espanhol na região, que a despeito de logo ser preterido por outros núcleos de povoação, figurou nos mapas espanhóis e extra peninsulares século XVII adentro. O próprio traçado dos rios platinos é prova de sua dimensão histórica, adentrando cada vez mais os territórios e sendo testemunha dos sucessos – mais lembrados que os inúmeros fracassos – dos espanhóis na exploração daquela região.

A toponímia guarda também, explicitamente, o conflito entre os colonizadores espanhóis e os grupos indígenas. Não é novidade que a toponímia dos litorais, em geral, apresenta termos ibéricos e a do interior conserva termos indígenas na cartografia do período colonial. Também é vasta a historiografia que trata do batismo e nomeação dos lugares como um primeiro ato de posse e dominação. O mundo platino, interiorano, mostra uma rica toponímia indígena, que em grande medida sobreviveu ao processo de colonização. Os povoados que mais aparecem nos mapas impressos da segunda metade do século XVI, apresentados como vilas no interior do continente também mostram esse conflito. Se a grande concentração indígena da confluência do Paraguai e do Paraná recebeu o nome de porto de Santa Ana, os Mepenes e Ningatas tiveram seus nomes indígenas fixados até nos atlas de Alonso Santa Cruz e Ortelius, por exemplo. O caso mais emblemático parece ser o do próprio rio que dá nome à bacia. Luis Céspedes Xeria, governador zeloso dos negócios espanhóis na América nomeou, já avançado século XVII, o atual Paraná de *Rio de la Plata*. Algumas outras fontes trazem essa mesma configuração. Entretanto, o rio que leva às minas de prata, espanhol, parece não conseguir dominar também a parte interior da bacia, que leva o nome indígena de Paraná. Conforme afirmou Jean-Marc Besse, a concepção dos mapas como um

[734] TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe: Mapping the Construction of Knowledge Spaces. **Imago Mundi**, vol.48, pp.5-24, 1996, p.7.

saber-poder feita por Brian Harley se mostrou um pouco equivocada e felizmente hoje essa relação é vista de forma mais dialética. As cartas são lugar de conflito e resistência.[735] Toda a conquista se deu dessa maneira. Em muitos rincões sul americanos, ela nunca foi efetivamente levada a cabo. As fontes sempre nos contaram a história ibérica, deixando entrever apenas algumas resistências implícitas e raras explícitas, como os caciques do rio Sinú na Amazônia colombiana que responderam à leitura do *Requerimiento* espanhol – que dizia terem sido as terras americanas doadas pelo Papa à Espanha e agora eram tomadas pelo rei – dizendo que o papa deveria estar bêbado quando dispôs do que não era seu e o rei de Castela era um atrevido por ameaçar a quem não conhecia.[736]

Uma das lacunas que permanece em aberto na pesquisa, sem conclusões palpáveis, é o saber local indígena na cartografia analisada. Tema caro aos historiadores da cartografia, mas de difícil acesso. O que sabemos é que os guias indígenas, forçados ou não, foram fundamentais nas empresas ibéricas pela região, indicando caminhos, mostrando rios e efetivamente acompanhando os conquistadores terra adentro. Mais do que isso, apenas suposições. Tentei reunir alguns indícios e apresentar a historiografia pertinente novamente mais como ponto de partida para outras pesquisas do que análises conclusivas. A infinidade de povos indígenas presentes nas fontes mostra uma população densa e numerosa, que construiu seus caminhos de ligação e pensava a geografia à sua maneira. Esse conhecimento foi o pano de fundo e componente essencial da cartografia platina. Como ele se manifestava antes e depois do contato e como foram os processos de sua apropriação pelos europeus são veredas ainda a percorrer.

Por fim, depois de ajustes e refinamentos, a resposta à pergunta inicial apareceu de forma polissêmica. Como aconselhava meu primeiro professor de Teoria da História, era preciso fazer as perguntas apropriadas às fontes. *Como são mapeados lugares desconhecidos* não poderia ser respondido de forma direta. Depois que perguntas mais pertinentes foram formuladas, os elementos que formam a construção cartográfica da bacia platina apareceram e foram apresentados nas páginas dessa tese.

---

[735] BESSE, Jean-Marc. Cartographie et pensée visuelle: réflexions sur la schématisation graphique. Exposé présenté lors de la Journéé d'étude "**La carta, outil de l'expertise aux XVIIIe et XIXe siè,** 2006, p.5

[736] O episódio é contado por Martin Fernandez Enciso, na **Suma de geographia,** *op.cit.* É citado também por OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios,** *op.cit.*,p.214.

Em suas reflexões sobre o trabalho do historiador, Michel de Certeau afirmou que após exumar os mortos, lhes dotar de sentido e dar-lhes por fim um túmulo definitivo, alguma coisa escapa ao historiador. É o ladrão do texto, um *in audito* que não pode ser resgatado. Isso é especialmente válido para o desafio de se escrever a história do Novo Mundo, sempre a partir dos olhos dos europeus. Quando Jean de Léry voltou à Europa depois de viver três meses entre os índios na costa brasileira, o canto tupinambá não volta com ele. Apenas tentativas de transcrevê-lo e explicá-lo.[737] Além disso, entretanto, algo mais nos escapa. O inegável fascínio de tentar desvendar a sensação dos primeiros europeus a caminhar pelas selvas americanas, por um espaço ainda não conhecido nem mapeado, sem conhecer seu entorno, me acompanhou durante toda a pesquisa. Ao final dela, permaneceu apenas como imaginação e desejo, um prazer que não cabe nas margens da redação do texto final, que escapa a qualquer tentativa de elucidação. Felizmente Certeau também nos adverte que enquanto coletamos documentos nos arquivos, reconstruindo um mundo que nunca chegaremos a conhecer, somos apenas eruditos e não historiadores. O momento em que percebemos que esse outro, passado, nos escapa, é o que marca o nascimento do historiador.[738] Ao fim e ao cabo, portanto, fica o consolo. O que escapa da análise, que resiste aos métodos e teorias, é justamente o que nos torna historiadores.

---

[737] CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**, *op. cit.*, pp. 221-261.

[738] CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.164

REFERÊNCIAS

Fontes manuscritas

Arquivo General de Índias (Sevilha)

Charcas: 14, 27, 33, 40, 112, 142.

Buenos Aires: 1.

Patronato: 23, 24, 28, 29, 44, 48, 101, 110, 127, 136, 142, 262, 294.1

Mapas y Planos: America Generales, Peru y Chile, Varios, Mapas Impressos, Buenos Aires.

Indiferente General: 1528, 1529, 1530, 2087.

Islario de todas las islas del mundo. Alonso de Santa Cruz, 1560. Biblioteca Nacional de España. MSS.MICRO/12638.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Roteiro geral con largas informações de toda a costa que pertenece ao Estado do Brasil, a descripsão de muitos lugares dele especialmente da Bahia de todos os Sanctos, (1587)** Biblioteca Nacional de España. MSS/3007.

LÓPEZ DE VELASCO, Juan. **Demarcación y división de las Índias.** (séc.XVII) Biblioteca Nacional de España. MSS/2825.

Fontes impressas

ACOSTA, Fray Jose de. **História natural y moral de las Indias** (1590). Madrid: Ramón Anglés, 1894.

Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuíta portuguez na América do Sul, no século XVI. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, vol. XLIX, pp. 63-73, 1927.

BARCO CENTENERA, Martín del. **Argentina y conquista del Río de la Plata, con otros acaecimientos de los reynos del Peru, Tucuman, y estado del Brasil**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1602.

CARDIM, Fernão. **Tratados de terra e gente do Brasil.** Introdução e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro: J. Leite e Cia, 1925.

Carta de Diogo Nunes escripta a D. João III acerca do descobrimento de sertões aonde podia chegar atravessando a terra de S. Vicente (Província de S. Paulo). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, Tomo Segundo, pp.375-379,1840.

Carta de Luiz Ramirez do Rio da Prata, a 10 de julho de 1528. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, Tomo XV, pp. 14-41, 1888.

Carta de Luis Raminez a su padre desde el Brasil (1528): orígenes de lo 'real maravilhoso' em el Cono sur. Introducción, edición, transcripción y notas Juan Francisco Maura. Coleção Textos de la revista Lemir. 2007. Disponível em: <parnaseo.uv.es/Lemir/Textos/Ramirez.pdf>. Acesso em 13 de julho de 2016.

Descripción de la província del Uruguay escrita por el P. Roque Gonzáles al P. Provincial Nicolás Durán desde la Reducción de los Reyes, 15 de noviembre de 1627. in. **Coleccion Historica completa de los tratados, convenciones, capitulaciones, armistícios, cuestiones de limites y otros actos diplomáticos y políticos de todos los Estados compreendidos entre el golfo de Mejico y el cabo de Hornos, desde el año de 1493 hasta nuestros dias**, por Carlos Calvo. Tomo Undécimo. Buenos Aires: Libreria de La Vitoria, 1869.

Diário da Navegação da armada que foi à Terra do Brasil, em 1530, sob a capitania-mor de Martin Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839.

ENCISO, Martin Fernandez. **Suma de geographia, que trata de todas las partidas e provencias del mundo en especial de las indias e trata largamente del arte del marear juntamente con la espera en romãce: con el regimieto del sol e del norte: nuevamente hecha**. Sevilla, Jacobo Cronberger: 1519.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**. Lisboa: João Lopez Livreiro, 1576.

GOMARA, Francisco Lopez de. **Historia general de la Indias y nuevo mundo, con mas la conquista del Peru y de Mexico.** Zaragoça: Miguel de Çapila, 1555.

GUZMAN, Ruiz Díaz de. **La Argentina** (1612). Buenos Aires: Claridad, 2010.

HERRERA, Antonio de. **Descripcion de las Indias Ocidentales** (1601). Madri: Oficina Real de Nicolas Rodriguez Franco, 1730.

Informação da entrada que se pode fazer da vila de S. Paulo ao grande Pará, que é o verdadeiro Maranhão, chamado também Rio das Almazonas, cuja barra está na costa do mar de Pernambuco contra as Antilhas 340 léguas, e da Bahia do Salvador 440. Dado por Pero Domingues um dos trinta portugueses que da dita vila o foram descobrir no ano de 1613. Conformam com ele os mais companheiros que hoje vivem. in.: LEITE, Serafim. **A penetração geográfica da Terra pelos portugueses.** A primeira viagem de São Paulo ao Pará através do Brasil (1613). Lisboa: Edições Brotéria, 1935.

La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, pelo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias. Valladolid: Francisco Fernandez de Corboua, 1555.

LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. Roteiro do Rico Brasil [Reys-boeck van het rijcke Brasilien, Rio de la Plata ende Magallanes, Daer in te sien is de gheleghentheyt van hare Landen ende Steden haren handel ende wandel met de v vruchten ende vruchtbaerheyt der selver, 1624]. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Rio de Janeiro, v.303, pp.181-224, abr-jun 1974.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

LOZANO, Pedro. **História de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman.** Buenos Aires: Casa Editora Imprenta Popular, 1874.

MACHUCA, Bernando de Vargas. **Milicia y descripcion de las Indias** (1599). Madrid: Libreria de Victoriano Suarez, 1892.

Memoria de la navegacion que hice este viaje em la parte del mar Oceano dende que Sali de Ciudad de la Coruna, que ali me fue entregada la armada por los Oficiales de S.M., que fue em el año de 1526 (Carta de Diego Garcia). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, Tomo XV, pp. 6-14, 1888.

MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista espiritual hecha por los religiosos de la compañia de Jesus, en mas provincias del Paraguay, Parana, Uruguay y Tape**. Madri: Imprensa del Reyno, 1639.

NAVARRETE, M. Fernandez de. **Viajes de Cristobál Colón.** Madri: Calpe, 1922.

Noticias cvriosas e necessárias das covsas do Brasil. Pello P. Simam de Vasconcellos da Companhia de Iesvs, Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da Sagrada Theologia, & provincial naquele Estado. Em Lisboa, na Officina de Ioam da Costa, Anno 1668.

Ordenanzas Reales del Consejo de Indias. Impressas em Madrid, en casa de Francisco Sanchez, Âno 1585.

OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **História General y Natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano** (1535). Madrid: Imprenta de la Real Academia de la História, 1851.

OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. **Sumario de la natural historia de las Indias** (1526). México: Fondo de Cultura Económica, 1950.

Relacion de los naufrágios y comentarios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca adelantado y governador del Río de la Plata, Ilustrado con varios documentos inéditos. Tomo Primero e Segundo. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1906

Relacion de Hernando de Ribera [1545]. **Revista del Instituto paraguayo,** Ano IV, n.36, pp. 419-434, 1902.

Relacion de las cosas sucedidas en el Rio de la Plata por Pero Hernandez. Año 1545**.** in.: **Relacion de los naufrágios y comentarios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca adelantado y governador del Río de la Plata**, Ilustrado con varios documentos inéditos. Tomo Segundo. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1906

Relacion y derrotero de Diego Garcia, que salió de La Coruña em 15 de enero de 1526, em el mar occeano, e llego em 27 al rio Paraná, donde navego muchas léguas tierra adentro y encontro la armada de Sebastián Caboto. Describe las generaciones que habitan em las orillas deste rio e su riqueza. Añade que quince años antes había estado ali, e habia descubierto aquellas tierras, de donde traxo gran porción de prata. in.: MEDINA, J. T. **Los viajes de Diego García de Moguer al Rio de la Plata**. Santiago: Imprenta Elzeviriana, 1908.

SALVADOR, Frei Vicente do. História do Brazil. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, v. XIII, n.1, pp. 1-161, 1885-1886.

SCHMIDEL, Ulderico. **Viage al Rio de La Plata y Paraguay.** Introdução de Pedro de Angelis. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

SCHULLER, Rodolpho R. A nova gazeta da terra do Brasil (Newen Zeytung auss Presillg Landt) e sua origem mais provável. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, v. XXXIII, pp. 115-144, 1911.

Tesoro de la Lengua Castellana o Espanola, compuesto por el licenciado don Sebastian de Cobarrubias Orozco, capellan de su Magestad, Mastrescuela y Canonigo de la Santa Iglesia de Cuenca, y Consultor dei Santo Oficio de la Inquisicion. Com privilegio en Madrid por Melchor Sanchez, 1611.

Tratado que compôs o nobre e notável Antonio Galvão, dos diversos e desvayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India às nossas partes, e assi de todos os descobrimentos antigos e modernos, que são feitos até a era de mil e quinhentos e cincoenta. Com os nomes particulares das pessoas que os fizeram: e em que tempo e as suas alturas, obra certo muy notável e copiosa. Impressa em casa de Joam da Barreira impressor del rey nosso senhor, na Rua de Sá Mamede, 1563.

VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos n'esta parte do novo mundo** (1.ª ed. 1663). Volumes 1 e 2. Lisboa: Editor A. J. Fernandes Lopes, 1865.

VELASCO, Juan López de. **Geografia y descripción universal de las Índias** (1571-1574). Madrid: Establecimiento Tipográfico de Fortanet, 1894.

Coletâneas e catálogos de fontes

Anales de la Biblioteca, Publicacion de documentos relativos al Río de la Plata con introduciones y notas por P. Groussac, diretor de la Biblioteca Nacional. Buenos Aires: Imprenta y Casa Editora de Coni Hermanos, 1912.

Annaes do Museu Paulista, Tomo Primeiro. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1922.

Annaes do Museu Paulista, Tomo Segundo. São Paulo: Officina do Diário Oficial, 1925.

Archivo de la Nacion Argentina. Época Colonial. Reales Cédulas e Provisiones, 1517-1662. Tomo I. Buenos Aires, Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1911.

Bandeirantes no Paraguai. Século XVII. (Documentos Inéditos). São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico/Prefeitura do Município de São Paulo, 1949.

BORDONA, Jesus Dominguez. **Manuscritos de América.** Tomo IX. Madri: Talleres de Blass, 1935.

BORES, Angel de la Plaza. **Archivo General de Simancas. Guia del Investigador.** Ministério de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos; Dirección de Archivos Estatales: Madrid, 1992.

Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega. Com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite S. I. Coimbra, Tipografia da Atlântida, 1955.

Colección de Documentos relativos a la História de América y particularmente á la História del Paraguay. Tomo I. Assuncion: Talleres Nacionales de H. Kraus, 1899.

Coleccion de Documentos Ineditos relativos al descubrimiento, conquista y organizacion de las antiguas posesiones españolas en América y Oceania sacados de los Archivos del reino y muy especialmente del de Indias, por D. Luis Torres de Mendoza. Tomo IV. Madri: Imprenta de Frias y companhia, 1865.

CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira. **Portugaliae Monumenta Cartographica.** 6 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987.

CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640).** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951.

CORTESÃO, Jaime. **Pauliceae Lusitana Monumenta Historica.** I volume (1494-1600). Lisboa: Edição comemorativa de IV centenário da fundação da cidade de São Paulo, 1956.

Cuestionarios para la descripción de las Indias. Editado por Francisco de Solano. Madrid: CSIC, Centro de Estudios Históricos, 1988.

Documentos para la História Argentina. Tomo XIX Iglesia. Cartas Anuas de la Província del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañia de Jesús (1609-1614). Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser, 1927.

LEITE, Serafim. **Novas cartas jesuíticas (de Nóbrega a Vieira).** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

MARTÍNEZ, Elda E. González. **Guía de Fuentes Manuscritas para la História del Brasil Conservadas en España.** Fundación MAPFRE TAVERA; Ministério da Cultura do Brasil: Madri, 2014

MEDINA, José Toribio. **Los viajes de Diego Garcia de Moguer al Rio de la Plata.** Imprenta Elzeriana: Santiago de Chile, 1908.

MEDINA, José Toribio. **El veneciano Sebastián Caboto al servicio de España**. Tomos I e II. Imprenta y Encuadernación Universitaria: Santiago de Chile, 1908

O Arquivo das Indias e o Brasil: documentos para a História do Brasil existentes no Arquivo das Indias de Sevilha. [Rio de Janeiro]: Ministério das Relações Exteriores, Comissão de Estudos de Textos da História do Brasil, 1966.

SOTO MAIOR, Pedro. Relação dos manuscriptos que interessam ao Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, vol. 81, pp.9-288, 1917.

TAUNAY, Afonso de. **Relatos monçoeiros.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

Livros

ABREU, J. Capistrano de. Capítulos da história colonial (1500-1800) e Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

BAEZA, Rafael Sagrado; JERIA, Rodrigo Moreno (coord.). **El mar del Sur em la historia.** Ciência, expansion, representación y poder em el Pacífico. Santiago: Salesianos Impressores, 2014.

BESSE, Jean-Marc. Ver a terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOXER, Charles. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

BOXER, Charles. **O império marítimo português: 1415-1825.** Lisboa: Edições 70, 2012.

CANABRAVA, Alice Piffer. **O comércio português no Rio da Prata: 1580-1640**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise entre ciência e ficção.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CORTESÃO, Armando. Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo). Vol. I. Lisboa: Seara Nova, 1935.

CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. Tomo 1 e 2. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1965.

CORTESÃO, Jaime. **A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil.** Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955.

CORTESÃO, Jaime. **Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil.** Lisboa: Portugália Editora, s/d.

COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente.** O pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Cosmos, 1999.

CROSBY, Alfred W. **A mensuração da realidade**. São Paulo: Unesp, 1999.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Perspectivas, 2005.

FEBVRE, Lucien. **O Reno. Histórias, mitos e realidades.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FURLONG, Guillermo. **Los jesuítas y la cultura rioplatense**. Buenos Aires: Ediciones Universid del Salvador, 1984 (1ª edição 1933).

GANDÍA, Enrique de. **Historia crítica de los mitos de la conquista americana.** Buenos Aires; Flórida: Juan Roldán y companhia, 1929.

GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro. **Formas do Império:** Ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil. Séculos XVI ao XIX. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOLLAN, Agustin Zapata. **Caminos de America.** Ministerio de Instruccion Publica y Fomento: Santa Fé, 1940.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**. EdUSP: São Paulo, 1996.

GRUZINSKI, Serge. **La colonizacion de lo imaginario**. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**. Ensayos sobre la história de la cartografia. México: Fondo de Cultura Ecocómica, 2005.

HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession** Spain and Portugal in Europe and the Americas. Massachusetts: Harvard University Press, 2015

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraiso**: os motivos edênicos no descobrimento colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KIMBLE, G.H.T. **A geografia na Idade Média.** Londrina: EdUEL, 2013.

LESTRINGANT, Frank. **A oficina do cosmógrafo. Ou a imagem do mundo no renascimento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana.** Seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LOIS, Carla. **Mapas para la nación**. Episódios en la historia de la cartografia argentina. Buenos Aires: Editoral Biblos, 2014.

MAACK, Reinhard. **Geografia física do estado do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012 (1ª edição 1968).

MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **A América mágica. Quando a Europa da renascença pensou estar conquistando o Paraíso.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARTÍN-MERÁS, Luisa. **Cartografia marítima hispana. La imagem de América**. Madrid: Lunwerg for Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente, 1992.

MEDINA, J. T. **Gonzalo de Acosta, al servicio de España. Estudio Histórico**. Santiago de Chile: Imprenta Elzeviriana, 1908.

MEJÍA, Ángela Pérez**. La geografia de los tiempos difíciles: escritura de viajes a Sur América durante los procesos de independencia 1780-1849**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2002.

MUNDY, Barbara E. **The mapping of the New Spain.** Indigenous cartography and the maps of the Relaciones Geograficas. Chicago and London: University of Chicago Press, 1996.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

OLARTE, Mauricio. **Las máquinas dei império y el reino de Dios**: reflexiones sobre ciência, tecnologia y religion en el mundo atlântico del siglo XVI. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2013.

PADRON, Ricardo. **The spacious word**: cartography, literature, and empire in early modern Spain. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

PORTUONDO, María M. **Secret Science**: **Spanish cosmography and the new world**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

RAMACHANDRAN, Ayesha. **The worldmakers: global imagining in early modern Europe.** Chicago; London: The University of Chicago Press, 2015.

RANDLES, W.G.L. **Da terra plana ao globo terrestre**. Uma mutação epistemológica rápida (1480-1520). Campinas: Papirus, 1994.

SAMPAIO, Teodoro. **São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEED, Patricia. **Cerimônias de Posse na Conquista Européia do Novo Mundo (1492-1640).** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MARQUES, Miguel da Silva. **Cartografia antiga: tabela de equivalências de medidas**: cálculo de escalas e conversão de valores de coordenadas geográficas. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2001.

TAUNAY, Affonso de. **História das Bandeiras Paulistas**. Tomo I. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951.

TESCHAUER, Pe. Carlos. **Pe. Ruiz de Montoya, S.J. Apóstolo do Guairá e do Tape.** São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1979.

VEGA, Alejandra. **Los andes y el território de Chile en el siglo XVI. Descripión, reconocimiento e invención.** Santiago: Direccion de Bibliotecas Archivos y Museos, 2014.

Teses e dissertações

AZEVEDO, Evelyne. **O Egito mítico de Athanasius Kircher: o *Obeliscus Pamphilius* e a Fonte dos Quatro Rios na Praça Navona.** 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BARCELOS, Artur. **O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial.** 543 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

KALIL, Luis Guilherme Assis. **A conquista do prata análise da crônica de Ulrico Schmidl.** 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LANGER, Johnni. **Arqueologia do irreal: as cidades imaginárias do Brasil.** 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

OLIVEIRA, Flávia Preto de Godoy. **Natureza Peregrina: a fauna e a flora das Índias Ocidentais nas crônicas oficiais hispânicas (1570-1620).** 339f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VILARDAGA, José Carlos. **São Paulo na órbita do Império dos Felipes: conexões castelhanas de uma vila da América portuguesa durante a União Ibérica (1580-1640).** 398 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Artigos em periódicos

ALEGRIA, Maria Fernanda. Representações do Brasil na produção dos cartógrafos Teixeira (1583-1675). **Mar Liberum**, Lisboa, n.10, 1995.

ALEGRIA, Maria Fernanda; DIAS, Maria Helena. Lisboa na produção cartográfica portuguesa e holandesa dos séculos XVI e XVII: o espaço e o intercâmbio. **Penélope. Fazer e desfazer a História**, n.13, pp.55-69, 1994.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O aprendizado da colonização. **Economia e sociedade,** v.1, n.1, pp.135-162, agosto de 1992.

AZEVEDO, Evelyne. Athanasius Kircher e a história do *Obelisco Pamphilio*. **Concinnitas** (Online), Rio de Janeiro, v. 1, pp. 103-117, 2012.

AYALA, María de la Luz. La historia natural en el siglo XVI Oviedo, Acosta y Hernández. **Estudios del Hombre**, Guadalajara, v.20, pp.19-37, 2005.

BELYEA, Barbara. Amerindian maps: the explorer as translator. **Journal of Historical Geography**. v.18, n.3, pp. 267-277, 1992.

BREVOORT, James Carson. Notes on Giovanni da Verrazano and on a Planisphere of 1529, illustrating his American voyage in 1524, with a reduced copy of the map. **Journal of the American Geographical Society of New York.** Vol.4, pp.145-297, 1873.

CARACI, Giuseppe. Sôbre a data do planisfério de Vesconte Maggiolo conservado em Fano. **Revista de História.** São Paulo, n.33, pp.79-94, 1958.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. O mito do São Tomé americano e a circularidade cultural na América colonial. **Revista de História Regional.** Ponta Grossa, v.13, n.1, pp.65-93, verão de 2008.

CAVENAGHI, Airton José. A construção da memória historiográfica paulista. Dom Luiz de Céspedes Xeria e o mapa de sua expedição de 1628. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.19, n.1, pp. 81-109, jan.- jun. 2011.

CINTRA, Jorge Pimentel. As capitanias hereditárias no mapa de Luís Teixeira. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.23, n.2, pp. 11-42, jul-dez, 2015.

DERBY, Orville. Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.** São Paulo, v.4, pp.329-351, 1898-1900.

DOMINGUEZ, Julia. ¿Qué grandeza es mandar en un grano de mostaza, o qué dignidad o imperio el gobernar a media docena de hombres tamaños como avellanas?: La visión celestial de Sancho y el Theatrum Orbis Terrarum de Abraham Ortelius. **Hispanófila**, n.4, pp.19-37, setembro de 2012.

EDNEY, Matthew H. Empiricist Foundations and Methodologies for Map Evaluation, 1956-1974. **Cartographica**. Toronto, v. 40, issue 1-2, pp.19-31, spring/summer 2005.

EDNEY, Matthew H. Theory and history of cartography. **Imago Mundi**. vol.48, pp.185-191, 1996.

GALLUP, Donald. The First Separately Published Atlas Entirely Devoted to the Americas: Wytfliet's *Descriptionis Ptolemaicae Augmentum*. **The Papers of the Bibliographical Society of America,** vol. 76, n.1, pp. 63-73, First Quarter, 1982.

GIARD, Luce. Michel de Certeau's Heterology and the New World. **Representations**, Special Issue: The New World, Oakland, n.33, pp. 212-221, Winter, 1991.

GOMES, Maria do Carmo Andrade. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da cartografia. **Espaço e Tempo,** São Paulo, n.16, pp.67-79, 2004.

GOMES, Plínio Freire. O Amazonas e o Prata na mitogeografia da América. **Topoi**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, pp. 41-61, set. 2001.

GRUZINSKI, Serge. Colonial Indian maps in sixteenth-century Mexico: an essay in Mixed Cartography. **Anthopology and Aesthetics.** n.13, pp.46-61, spring/1987

GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a "história cultural" no novo milênio**. Estudos Avançados**. São Paulo, vol.17, n.49, pp. 321-342, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Expansão Paulista em fins do século XVI e princípio do século XVII In: **Publicações do Instituto de Administração**. n.29, pp.3-23, junho de 1948.

KANTOR, Íris. Usos diplomáticos da ilha-Brasil, polêmicas cartográficas e historiográficas. **Varia História,** Belo Horizonte, vol.23, n.37, pp.70-80, Jan/Jun 2007.

KELSEY, Harry. The planispheres of Sebastian Cabot and Sancho Gutiérrez. **Terrae Incognitae,** vol.19, n.1, pp.41-58, 1987.

KOK, Glória. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, vol.17, n.2, pp.91-109, jul-dez 2009.

LANGER, Johnni. O mito do *Eldorado*: origens e significado no imaginário sul-americano (século XVI). **Revista de História.** São Paulo, vol. 136, pp. 25-40, 1° semester 1997.

LANGER, Protasio Paulo. Representações e apropriações dos topônimos/etnônimos indígenas numa carta do século XVII. **História Unisinos**. São Leopoldo, vol.1, n.49, pp.43-58, Janeiro/Abril 2015.

LEVILLIER, Roberto. O planisfério de Maiollo de 1504: nova prova do itinerário de Gonçalo Coelho-Vespúcio, à Patagônia, em sua viagem de 1501-1502. **Revista de História.** São Paulo, vol.12, n.26, pp.431-440, 1956.

LOPE, Enrique Delgado; CARETTA, Miguel Nicolás. Imaginación y cartografia: un estúdio sobre el processo del descubrimiento americano. **Cuicuilco.** México, vol. 15, n.43, pp.111-136, Maio/Agosto 2008.

MAGALHÃES, Joaquim Romero. Mundos em miniatura: aproximação a alguns aspectos da cartografia portuguesa do Brasil (séculos XVI a XVIII). **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, vol.17, n.1, pp.69-94, jan-jun. 2009.

MARQUES, Alfredo Pinheiro. A cartografia do Brasil no século XVI. **Revista da Universidade de Coimbra.** Coimbra, vol.XXXIV, pp.447-462, 1988.

MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La institucionalización de la cosmografia americana: la Casa de la Contratación de Sevilla, el Real y Supremo Consejo de Indias y la Academia de Matemáticas de Felipe II. **Revista de Índias.** Madri, vol. LXX, n.250, pp.715-748, 2010.

MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. Los artifices del *plus ultra:* pilotos, cartógrafos y cosmógrafos en la Casa de la Contratación de Sevilla durante el siglo XVI. **Hispania Revista Española de História**, vol. LXX, n.236, pp.607-632, 2010.

MARTÍNEZ, Bernardo Garcia. Em busca de la geografia histórica. **Relaciones 75,** vol. XIX, verano 1998, pp.27-58.

MOTA, A. Teixeira da. Reflexos do Tratado de Tordesilhas na Cartografia Náutica do século XVI. Separata da **Revista da Universidade de Coimbra.** Coimbra, vol.XXIII, pp.5-15, 1973.

MOURA, Gentil de. O caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, v.13, pp.167-180, 1908.

NEVES, Martha Couto. Atlas. Um produto cultural da Época Moderna. **Encontros,** online, ano 10, n.18, pp.44-60, 2012.

NOWELL, Carles E. Aleixo Garcia and the White King. **The Hispanic American Historical Review.** Durham, vol.26, n.4, pp.450-466, 1946.

OIFFER, Alicia. El *Islario General de todas las islas del mundo* (1560) de Alfonso de Santa Cruz o la ciência cosmográfica em la España de Felipe II: en el Nuevo Mundo, el Caribe insular. **Savoirs en Prisme,** vol.1, pp.169-187, 2012.

OLIVEIRA, Tiago Kramer de. Descontruindo mapas, revelando espacializações: reflexões sobre o uso da cartografia em estudos sobre o Brasil colonial. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v.34, n.68, pp.151-174, 2014.

PADRON, Ricardo. Las Indias olvidadas. **Terra Brasilis** (Nova Série), online, n.4, 2015.

PRADO, Eduardo. Os hespanhóes no Salto de Avanhandava no séc. XVI. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, v.4, pp.243-257, 1898-1900.

REITANO, Emir. El Rio de La Plata y la cartografia portuguesa de los siglos XVI y XVII. **Anuario del Instituto de Historia Argentina**. n.3, pp.159-186, 2003.

SAMPAIO, Theodoro. São Paulo de Piratininga no fim do século XVI. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, v.4, pp.257-278, 1898-1900.

SÁNCHEZ, Carlos Alberto González. Abismos de la memoria: escritura y descubrimientos oceânicos. Uma aproximación metodológica. **História Unisinos,** vol.18, n.2, pp.196-205, maio/agosto 2014.

SANDMAN, Alison. An Apologia for the Pilots' Charts: Politics, Projections and Pilots' Reports in Early Modern Spain. **Imago Mundi**, vol. 56, pp.7–22, 2004.

SERRERA, Ramón María. La Casa de la Contratación en el Alcázar de Sevilla (1503-1717). **Boletín de la Real academia sevillana de Buenas Letras: Minervae Baeticae,** n.36, pp. 133-168, 2008.

SILVA, Raul de Andrada e. São paulo nos tempos coloniais. **Revista de História da USP**, v. 10, n. 21-22, 1955.

TAUNAY, Affonso. Na era das bandeiras. Estudos de história colonial paulista. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro.** Rio de Janeiro, t. 84, pp.385-531, 1919.

TRÍAS, Rolando Laguarda. Pilotos portugueses en el Rio de la Plata durante el siglo XVI. Separata da **Revista da Universidade de Coimbra.** Coimbra, vol.XXXIV, pp.57-84, 1988.

TURNBULL, David. Cartography and Science in Early Modern Europe: Mapping the Construction of Knowledge Spaces. **Imago Mundi,** vol.48, pp.5-24, 1996.

VARGAS, Héctor Mendoza; GARCIA, João Carlos. A história da cartografia nos países ibero-americanos. **Terra Brasilis [Online],** n. 7-8-9, 2007. Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/235>. Acesso em: 28/set/2015.

VEGA, Alejandra. Ríos y montes en la prefiguración del continente americano (1492-1548). **Documento/Monumento** [Online], v.3, n.1, pp.21-34, dezembro de 2010.

WAGNER, Henry R. A map of Sancho Gutiérrez of 1551. **Imago Mundi,** vol.8, pp.47-49, 1951.

WOODWARD, David. Paolo Forlani: Compiler, Engraver, Printer, or Publisher? **Imago Mundi,** vol.44, pp.45-64, 1992.

Artigos em livros e coletâneas

ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc. Portuguese cartography in the renaissance. **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007.

ALEGRIA, Maria Fernanda; GARCIA, João Carlos; RELÃNO, Francesc. Cartografia e Viagens. In: BETHENCOURT, F; CHAUDHURI, K.(dir). **História da Expansão Portuguesa**. Vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.

ANDREAZZA, Maria Luiza. *Dominum,* terras e vassalagem na América portuguesa. In.: DORÉ, Andréa; LIMA, Luis Felipe Silvério; SILVA, Luiz Geraldo (orgs.) **Facetas do Império na História. Conceitos e métodos**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, pp.271-285.

BELYEA, Barbara. Inlands journeys, native maps. in.: LEWIS, G. Malcolm (org). **Cartography Encounters. Perspectives on native american map making and map use.** Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

BESSE, Jean-Marc. Cartographie et pensée visuelle: réflexions sur la schématisation graphique. Exposé présenté lors de la Journéé d'étude "**La carta, outil de l'expertise aux XVIIIe et XIXe siè,** 2006.

DANTES, Maria Amélia M. A historiografia sobre ciências e impérios**:** constituição e desenvolvimento. *in.*: GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro. **Formas do Império:** Ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil. Séculos XVI ao XIX. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

DORÉ, Andréa. O catolicismo na Índia e o "objeto religioso" para Michel de Certeau. *in.:* HERMANN, Jacqueline; MARTINS, William de Souza (orgs.). **Poderes do sagrado. Europa católica, América ibérica, África e Oriente portugueses (séculos XVI-XVIII).** Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

DORÉ, Andréa. Imagens de Potosi na cartografia: a hierarquia de interesses nas representações de um continente a partir da obra de Arnoldus Montanus. In.: Olarte, Mauricio Nieto, and Sebastián Díaz Ángel. **Dibujar y pintar el mundo: arte, cartografia y política.** Colombia: Universidad de los Andes, 2015.

GALLIANO, Graziella. Le carte nautiche spagnole dei secoli XVI-XVII conservate a Genova. in.: MARCOS, Jesus Varela (coord.) **Descubrimientos y Cartografia IV: Grandes viajes descubridores.** Valladolid: Instituto Interuniversitario de Estudios de Iberoamérica y Portugal, 2001.

HEMMING, John. Os índios e a fronteira no Brasil colonial. in.: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: América Latina Colonial**, vol. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.

LINDGREN, Uta. Land Surveys, Instruments, and Practitioners in the Renaissance. in.: **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007.

LEPETIT, Bernard. Arquitetura, geografia, história: usos da escala. In.: **Por uma nova história urbana**. Seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MACHADO, Maria M. M.; RUCHKYS, Úrsula. **A América do Sul na Cartografia Renascentista.** Anais do 1° Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, pp.1-14, 2011.

MARTINEZ, Antonio Sanchez. El imperio del mapa. El padrón real y la producción cartográfica de la casa de la contratación. in.: MARTÍN, José M. e RAFFAELLI, Santiago (coord.) **Dueños del mar, señores del mundo**. Madri: Ministério de Defensa, 2015.

SANDMAN, Alison. Spanish Nautical Cartography in the Renaissance. in.: **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In.: _____. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Editora Schwarcz. 1998.

VOGEL, Klaus A. Cosmography. in: Roy Porter; Katharine Park; Lorraine Daston (eds.), **The Cambridge History of Science,** III, Early Modern Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2006

WOODWARD, David. The italian map trade, 1480-1650. in.: **The History of Cartography**, Volume 3. Cartography in the European Renaissance. Chicago, University of Chicago Press, 2007.

Literatura

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BACON, Francis. **Nova Atlântida**. in.: **Novum organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas 1923-1972.** Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

BRACCO, Diego. **Maria de Sanabria – a lendária expedição das mulheres que atravessaram o Atlântico no século XVI**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CONRAD, Joseph. **No coração das trevas.** São Paulo: Editora Landmark, 2011.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Sabiá, [s/d].

HOMERO. **Odisséia.** Tradução: Antônio Pinto de carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

ROSA, Guimarães. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SARAMAGO, José. **Jangada de Pedra**. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

Arquivos e bibliotecas digitais online

Arquivo Nacional Torre do Tombo. Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt> Acesso em 05.ago.2016.

Biblioteca Nacional de España. Disponível em: <http://www.bne.es>. Acesso em 05.ago.2016.

Biblioteca Nacional de Chile. Memoria Chilena. Disponível em: http://www.memoriachilena.cl Acesso em 08.ago.2017.

Biblioteca Digital Hispánica. Disponível em: http://www.bne.es/es/Catalogos/BibliotecaDigitalHispanica/Inicio/index.html. Acesso em 05.ago.2016.

Bibliothèque Nationale de Paris. Disponível em: http://www.bnf.fr. Acesso em 05.ago.2016.

Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível em: https://bndigital.bn.br. Acesso em 05.ago.2016.

Biblioteca Digital Mundial. Disponível em: www.wdl.org. Acesso em 05.ago.2016.

Biblioteca digital de Cartografia Histórica da USP. Disponivel em: http://www.cartografiahistorica.usp.br. Acesso em 05.ago.2016.

Biblioteca Nacional de Portugal digital. Disponível em: http://purl.pt/index/geral/PT/index.html. Acesso em 05.ago.2016.

Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/. Acesso em 14.março.2018

Cartographic Images. Disponível em: <http://cartographic-images.net>. Acesso em 22.set.2016.

Diccionario digital de abreviaturas novohispanas Ak'ab ts'ib. Disponível em: <http://www.iifilologicas.unam.mx/dicabenovo/#dos>. Acesso em 04.mai.2016.

Gallica. Disponível em: http://gallica.bnf.fr. Acesso em 05.ago.2016.

Internet Archive. Disponível em: http://archive.org. Acesso em 05.ago.2016.

JCB Online. The John Carter Brown Library, Brown University. Disponível em: https://www.brown.edu/academics/libraries/john-carter-brown/jcb-online. Acesso em 05.ago.2016.

Library of Congress. Disponível em <https://www.loc.gov> Acesso em 05.ago.2016.

PARES – Portal de Archivos Españoles. Disponível em: < http://pares.mcu.es/>. Acesso em 30.jun.2016.

Portal Guarani – Artes Visuales y Letras del Paraguay – Literatura, Historia y Investigacion. Disponível em: http://www.portalguarani.com. Acesso em 14.março.2018

Trapalanda biblioteca digital (BN Argentina). Disponível em: http://trapalanda.bn.gov.ar. Acesso em 05.ago.2016.